

FERNANDO BRAGA DA COSTA

Moisés e Nilce: retratos biográficos de dois garis.

Um estudo de psicologia social a partir de
observação participante e entrevistas.

São Paulo

2008

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA SOCIAL E DO TRABALHO**

Moisés e Nilce: retratos biográficos de dois garis.
Um estudo de psicologia social a partir de observação
participante e entrevistas.

Tese apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo
como parte dos requisitos para obtenção
do título de Doutor em Psicologia.
Área de concentração: Psicologia Social.
Orientador: José Moura Gonçalves Filho
Doutorando: Fernando Braga da Costa

**São Paulo
2008**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Fernando Braga da Costa

Moisés e Nilce: retratos biográficos de dois garís.

Um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevistas.

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Psicologia.
Área de concentração: Psicologia Social.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Este trabalho é dedicado aos amigos. Isto inclui os que se foram. E inclui, também, os que ainda virão.

Resumo

A composição desta pesquisa desenvolve-se em dois sentidos complementares: 1. *observação participante*, segundo o regime de uma *pesquisa etnográfica*; 2. *histórias de vida*, obtidas através de relatos orais. Este trabalho visa dar seqüência à dissertação de mestrado defendida em 2002 e que, para sua realização, supôs o desempenho do ofício de gari – dez anos, semanalmente (um ou dois dias).

Estabelecer um diário de campo, descrever fenômenos psicossociais e interpretá-los foram os objetivos gerais da pesquisa anterior. A investigação no mestrado quis estimar traços sociais e psicológicos assumidos por uma forma de trabalho não-qualificado e subalterno: o trabalho de garis. Discutimos problemas de *humilhação social* ali reconhecíveis, especialmente aquele então designado como *invisibilidade pública* (problema singular que polarizou toda a investigação). O pesquisador testemunhou muitas vezes o fato de que os garis não simplesmente padeciam pancadas de humilhação social, mas respondiam aos golpes: ressentindo, conversando e agindo. As ações nunca alcançaram a figura plena de reações coletivas politicamente organizadas. Entretanto, os sentimentos, as opiniões e atitudes testemunhados mostraram-se de tal modo significativos que o pesquisador não pôde deixar de, todo tempo, também assinalar a resistência e o ponto de vista daqueles trabalhadores. O diário de campo e seu estudo, os dados obtidos e sua discussão serviram como importantes balizas para definição da etapa atual de pesquisa.

O mestrado iniciou-se reconhecendo um problema vinculado ao antagonismo de classes, o que conduziu à orientação de um estudo encorpado por preocupações que tomavam os sujeitos um a um, mas, de qualquer maneira, tendo como objetivo testemunhar e ouvir o que *os garis* – pessoalmente e como grupo social – poderiam nos ensinar sobre o fenômeno da invisibilidade pública.

A realização e o aprofundamento da pesquisa e, sobretudo, os vínculos pessoais de amizade estabelecidos entre mim e os garis foram deslocando cada vez mais minha atenção: a atenção para o que é retirado deles, política e moralmente, foi sendo ultrapassada pela atenção para o que eles trazem.

Neste doutorado, escolhemos como regime metodológico aquele que se propõe obter *histórias de vida* através de *relatos orais*. Aqui, nossos autores de referência foram especialmente Ecléa Bosi e José Moura Gonçalves Filho.

Situações crônicas de disparidade social e econômica, em geral fundadas sobre vínculos de mandonismo e subalternidade, prejudicam – e até mesmo interrompem – o poder de comunicação que é próprio aos seres humanos. Todos calam. Ninguém conversa. A comunicação retrai-se. Acabamos habituados às conversas magras e pálidas, anoréxicas. É porque ficamos todos nós também anoréxicos, recusando o sabor dos outros – azedume ou doçura, não importa – sem que seja possível alimentar-se da presença do outro. A conversa econômica, magra por assim dizer, é resultado de olhar estreito – também magro – que no mundo mercantil admitimos, em geral, anestesiados.

Na sociedade de classes, deslocar-se para o lado dos oprimidos é o que possibilita enxergar o mundo de um lugar diferente do meu, um lugar o mais próximo possível do ponto a partir do qual a vida se abre para meu interlocutor. É aqui, finalmente, que podemos conversar. Conversa livre – tensa ou não, não importa. Conversar é o que pode mudar meus sentimentos e imprimir marcas em minhas ações, pode me fazer recuar. Pode me fazer contestar o que antes eu considerava óbvio, pode me deixar inseguro sobre minhas convicções. Mas pode, sobretudo, inspirar simpatia entre eu e o outro.

Escolhemos entrevistar Nilce e Moisés, ex-garis aposentados pela Universidade de São Paulo. Entrevistá-los representa o intuito de fazer retratos, é a tentativa de fotografá-los – por meio das suas vozes – com o máximo de fidelidade possível. É o rosto deles que deve aparecer. O sentido primeiro da tarefa a que me propus é que o leitor possa *relacionar-se* com os depoentes que vão lhe falar. Desejo que o leitor tenha o sentimento de estar ele próprio frente a frente com meus amigos garis. Para tanto, as entrevistas não foram amarradas por perguntas seguidas de perguntas que já indicassem respostas pretendidas. Foi preciso não pretender senão as narrativas de Nilce e Moisés. O tom de voz, as pausas, os lapsos, as contradições, os esquecimentos. O riso e o choro. Tudo contou. Nada foi dispensado.

Passado para o papel, o depoimento configurou-se como uma espécie de debate, uma discussão viva confrontando a lembrança do depoente com nossa própria lembrança e discussão do fenômeno, confrontando-as também com autores dedicados ao tema. Uma tese possível deverá ser sempre o que houver decididamente percorrido a *memória do fenômeno* e o *diálogo alargado*.

Abstract

This research has been developed in two complementary meanings: 1. Participant observation, according to the scheme of an ethnographic method; 2. Stories of life, obtained through oral reports. This work aims to give the sequence a dissertation defended in 2002 and that for their achievement, depended of working as a street sweeper - ten years, weekly (one or two days).

Establish a daily field, describe psychosocial phenomena and interpret them were the general goals of the previous research. The investigation adopted for the previous paper wanted to estimate social and psychological traces assumed in an unqualified and subaltern kind of work: the work of street sweeper. The survey found, and gradually clarified as soon describe discuss problems of social humiliation there recognizable, especially one so designated as public invisibility (singular problem that polarized any research). The researcher had testified lots of times the fact that street sweepers not simply suffering shots of social humiliation, but responded to the attacks: hurting, talking and acting. The stock never reached the full picture of reactions collective politically organized. Meanwhile, the feelings, opinions and attitudes witnessed showed to be so significant that the researcher could not stop, every time, also noted the resistance and the point of view of those workers. The daily field in their study, the data obtained and its discussion served as beacons important to define the current stage of research.

The dissertation started acknowledging a problem linked to the antagonism of classes, which led to the guidance of a study including concerns by taking the subjects one by one, but, in any way, with the objective witness and hear what the street sweeper - personally and as a social group - could teach us about the phenomenon of public invisibility. The performance and deepening of the research and especially the personal ties of friendship established between me and street sweeper were increasingly shifting my attention: attention to what is withdrawn them, politically and morally, it was being overtaken by attention to what they bring. In this doctorship, chosen as methodological scheme that proposes to obtain stories of life through oral reports. Here, our authors of reference were specifically Ecléa Bosi and José Moura Gonçalves Filho.

Situations of chronic social and economic disparity, generally based on ties of prepotency and inferiority, prejudice - and even interrupt - the power of communication that is itself to humans. All impose the silence. Nobody talk about it. The communication retracts itself. We used to talk leanness and pale, anorexics. It is because we are also anorexics, refusing the taste of the other - sourness or sweetness, no matter - without it being possible food is the presence of the other. The conversation economic, lean as it were, is the result of close look - also lean - that the world market admits, in general, anesthetized.

In the society of classes, move to the side of the oppressed is that it can see the world from a different place of my own, a place as close to the point from which the life up into to myself. It is here, finally, we can talk. Talk free - tense or not, no matter.

Talk is what can change my feelings and print marks in my actions, it can make me back. Can I make that challenge before I considered obvious, I can leave unsure about my beliefs. But it can, especially inspire sympathy between me and the other. We chose interview Nilce and Moisés, ex-street sweeper retired from the University of São Paulo. Interview them represents an effort to make pictures, is the attempt to photograph them - through their voices - with the maximum possible fidelity. It is the face of them that should appear. The first order of the task to which I have proposed is that the reader can relate to with the interviewee ranging him speak. I want the reader has the feeling of being himself face to face with my friends street sweeper. Thus, the interviews were not tied by questions followed by questions that have answers indicate desired. It must not only claim the narratives of Nilce and Moisés. The tone of voice, the pauses, lapses, the contradictions, the forgetfulness. The laughter and crying. Everything said. Nothing was dispensable.

The link with the interviewee has lasted thirteen years. That's included displacements and strangeness, conversations and controversies, pleasures and displeasures: get ahead. What decides the success of this contract is the possibility victims by revive his memories. Related on the paper, the evidence set up as a kind of debate, a discussion confronting alive the memory of street sweeper with our own memory and discussion of the phenomenon, confronting them with authors also devoted to the subject. An argument can be what there always resolutely traveled the memory of the phenomenon and extended dialogue.

Sumário

I. Introdução.....	1
--------------------	---

II. Nilce.

1. Depoimento.....	20
2. Nilce de Paula.....	67
3. De Poços de Caldas a Machado.....	78
4. Fazenda do Recanto.....	94
5. Rua do Ramo.....	115
6. Vila Dalva.....	135
7. Os Empregos.....	149
8. Rua Atílio Cecarelli. 23.....	168
9. Antonieta, Elza, Angélica, Renata e Ana.....	172
10. A Cozinha Lá de Casa.....	179
11. USP.....	193

III. Moisés

1. Depoimento.....	237
2. Moisés Francisco da Silva.....	286
3. Burgo.....	290
4. Miralva e Moisés.....	319
5. De Garanhuns a São Paulo.....	332
6. Letrados e Illetrados.....	343
7. USP.....	373

IV. <i>Do pé da serra de Petrópolis ao Sítio Tiririca.....</i>	386
--	-----

Referências Bibliográficas.....	392
---------------------------------	-----

I. Introdução

A composição desta pesquisa desenvolveu-se em dois sentidos complementares: 1. *observação participante*, segundo o regime de uma *pesquisa etnográfica*; 2. *histórias de vida*, obtidas através de relatos orais, dois procedimentos metódicos dos mais encarecidos pela Psicologia Social que é desenvolvida no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Este trabalho visou dar seqüência à dissertação de mestrado defendida em 2002 e que, para sua realização, supôs o desempenho do ofício de gari pelo próprio pesquisador. Uma Iniciação Científica, depois o Mestrado e parte do Doutorado, somam dez anos em que semanalmente (um ou dois dias) trabalhei entre os garis do campus da USP.

Estabelecer um diário de campo, descrever fenômenos psicossociais e interpretá-los foram os objetivos gerais da pesquisa anterior. As investigações de iniciação científica e mestrado quiseram estimar traços sociais e psicológicos assumidos por uma forma de trabalho não-qualificado e subalterno: o trabalho de garis. A pesquisa encontrou, precisou logo descrever e gradualmente discutir problemas de *humilhação social* ali reconhecíveis, especialmente aquele então designado como *invisibilidade pública* (problema singular que polarizou toda a investigação). O pesquisador testemunhou muitas vezes o fato de que os garis não simplesmente padeciam pancadas de humilhação social, mas respondiam aos golpes: ressentindo, conversando e agindo. As ações nunca alcançaram a figura plena de reações coletivas politicamente organizadas. Entretanto, os sentimentos, as opiniões e atitudes testemunhados mostraram-se de tal modo significativos que o pesquisador não pôde deixar de, todo tempo, também assinalar a resistência e o ponto de vista daqueles trabalhadores.

O diário de campo e seu estudo, os dados obtidos e sua discussão serviram como importantes balizas para definição da etapa atual de pesquisa.

O ofício de gari pareceu intensamente marcado por um fenômeno intersubjetivo: a *invisibilidade pública* – espécie de desaparecimento psicossocial de um homem no meio de outros homens.

Bater o ponto, vestir o uniforme, executar trabalhos essencialmente simples (como varrer ruas, cortar mato, retirar o barro que se acumula junto às guias), estar sujeito a repreensões mesmo sem motivo, transportar-se diariamente em cima da caçamba de caminhonetes ou caminhões em meio às ferramentas ou lixo, são as tarefas delineadoras do trabalho daqueles homens. Tarefas nas quais pudemos reconhecer ingredientes psicológicos e sociais profunda e fortemente marcados pela degradação e pelo servilismo. São atividades cronicamente reservadas a uma classe de homens proletarizados; homens que se tornam historicamente condenados ao rebaixamento social e político.

Tomemos um exemplo, retirado da dissertação de mestrado. Trabalhar na limpeza das cercanias do Restaurante dos Professores¹ era rotina. Duas vezes por semana, em média, o local é varrido pelos garis. Isso tem explicação. Docentes de todas as áreas, e seus convidados, chegam para almoçar. O restaurante é também “sala de visitas” da USP para visitantes oficiais ou renomados. Uma vez, estivemos ali para um trabalho por volta do meio dia, horário de maior movimento: chegam carros a todo instante.

A caminhada, do viveiro² até ali, foi lenta: o sol estava de rachar, a distância a percorrer não era longa, mas o papo era bom. De repente, Nilce interrompeu o assunto, mas sem deter os passos. A conversa animada e nossas risadas deram lugar a semblantes de preocupação. Estávamos somente nós dois, o resto do pessoal vinha atrás:

- Vamos lá só pegar o carrinho e a gente volta aqui mais pra cima. Que essa hora fica chato a gente trabaiá lá.

Estranhei o que ele disse. Perguntei:

- Como assim? Por que fica chato?

- Ah, esse pessoal aí. Você sabe como é. Eles passa, e a gente sempre ouve uns comentário. Às vezes, uma palavra estraga o dia da gente.

- Do que você está falando, Neguinho?

¹ Restaurante localizado em um dos bosques da Cidade Universitária.

² Um viveiro de plantas fica próximo ao restaurante e, na ocasião, abrigava o vestiário dos garis.

- Eles humilham a gente. Então é melhor evitar contato. Pra gente não ficar reprimido.
- Mas eles reclamam?
- Não. Eles nem olha na cara da gente. Mas é bom evitar.

Fiquei um tempo quieto. Estava surpreso, desconcertado até. . Lembrei meu primeiríssimo dia entre os garis, mais precisamente quando passei pelo IPUSP e, naquele uniforme vermelho, fiquei *invisível* para os outros estudantes, conhecidos meus: ninguém me viu. Cenas rápidas, lances de imagem me tomaram . Misturado naquelas sensações, confuso, nem me dei conta de que Nilce já varria a alguns metros dali. Buscava compreender a ambigüidade que em mim se instalara: em alguma medida, alguma compreensão do que ele me dizia, compreendê-lo, alegrava-me, eu me sentia além de mim, como que em comunhão com o mal estar de um gari, ali, perto de mim – uma vivência de alargamento, de viagem para fora, de enriquecimento; ao mesmo tempo, sofria com a dor dele, doía demais vê-lo agora um pouco afastado, trabalhando, carregando o que ninguém deveria precisar carregar, comentários que estragam o dia, humilhações, o desaparecimento para os outros.

Encostei minha vassoura em uma árvore e fui até ele. Nilce trabalhava, vez ou outra procurando onde eu estava. Parecia aguardar que eu lhe falasse. Percebendo que caminhava em sua direção, apoiou-se sobre sua ferramenta. Questionei:

- Nilce, você sabe o que eu faço aqui com vocês?
- Ah, agronomia. Você estuda as plantas.
- Nilce, por que pra estudar planta eu estaria varrendo com vocês?
- [Ele ri] É mesmo! Não tem nada a ver uma coisa com a outra.
- Eu estudo isso aí que você acabou de me contar: a humilhação.

Neste instante, um motorista passou com seu carro em alta velocidade bem perto de onde estávamos. Para não sermos atropelados, fomos obrigados a pular para o meio-fio. Ele disparou:

Você veja, né Fernando?! A gente aqui falando disso e a coisa acontece. Eles não têm respeito, não: só buzina e vão passando por cima da gente. Não querem nem saber!

As pessoas passam por Nilce, caminham ao lado dele, corpo a corpo. Modificam o passo, desviam-se, alteram a rota? Nilce está ali, mas, em alguma medida, é como se não estivesse. Nilce está ali. Há percepção. Mas, em alguma medida, é como se não estivesse ali. Há percepção, mas percepção, em alguma medida, rebaixada. E que não fique dúvida: rebaixada a ponto de “chatear”, “reprimir” quem a sofre, necessitando o sofredor evitá-la.

Seres humanos, andando na rua, não passam por outros como quem passa por um poste: o corpo e o olhar se modificam, os movimentos ficam distintos, a atenção se transforma, é afetada, como que se alarga. A atenção que os humanos dispensam uns aos outros é de natureza diferente daquela dirigida a objetos. Não obstante, as pessoas que passam por Nilce não parecem ter sua atenção suficientemente modificada, modificada pelo poder específico, pela influência específica de que é capaz a presença de um humano ali: desviam-se dele como quem se desvia de um obstáculo, uma coisa qualquer que atrapalha o caminho³. “Eles nem olham na cara da gente”. O sujeito tornado *invisível*, arrastado por trocas impessoais, não suscita mais as reações que pessoas despertam em pessoas.

“A gente sempre ouve uns comentário. Às vezes, uma palavra estraga o dia da gente. Eles humilham a gente. Então é melhor evitar contato. Pra gente não ficar reprimido.” Aquela gente faz comentários, talvez furtivos e esquivos, mas que chegam farpantes aos ouvidos do gari: uma palavra só pode bastar para um dia inteiro estragado. Conversam entre si, não falam com Nilce, não se dirigem a ele. Aquelas pessoas parecem não tê-lo na conta de quem possa ressentir-se com o rebaixamento.

O que se passaria com aquelas pessoas, o que se passaria conosco, gente que parece enxergar e não enxergar o varredor? Por que agiríamos assim? Agimos de forma deliberada, consciente?

“Essa hora fica chato a gente trabaiá lá”. Constrangimento. “Melhor evitar contato. Pra gente não ficar reprimido”. Nilce diz querer ficar longe. O gari quer distância daquele lugar. Nilce quer passar logo pelo local assim polarizado: objetiva e subjetivamente polarizado entre soberbos e rebaixados. Lugar e hora da humilhação. Hora em que o gari não se sente gente. Nilce passa a evitar esses outros, as vozes

³ Cf. apontamentos de José Moura Gonçalves Filho [Subjetividade, humilhação social e sofrimento. In: Silva, M. V. O. (org.) *Psicologia e direitos humanos: subjetividade e exclusão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, pp. 128-130] inspirados em Simone Weil [A Ilíada ou O Poema da Força. In: BOSI, E. (org.) *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. São Paulo, Paz e Terra, 1996, pp. 382 – 383].

desses outros, os olhos desses outros. Vozes e olhos que já não encontram alguém onde só encontram alguém abaixo ou um obstáculo humano.

“Eles humilham a gente.”. Fala em humilhação numa hora em que ninguém lhe dirige ordens ou palavras de comando, ninguém bronqueando com ele. Entretanto, tudo isto, noutras horas, é fato e persiste depois do fato consumado: a qualquer instante pode voltar e os trabalhadores como que sabem disso, vivem continuamente sob o fantasma de um insulto.

E é bom que se ressalte o seguinte: Nilce não trata do assunto como se falasse de uma perspectiva exclusivamente sua. “Essa hora fica chato *a gente* trabaia lá”. “Eles humilham *a gente*.”. “Às vezes uma palavra estraga o dia da *gente*”. “Melhor evitar contato pra *gente* não ficar reprimido”. É como membro de um grupo que fala, membro de uma classe, unido a um sofrimento coletivo. Aqui evoco José Moura Gonçalves Filho, quando assevera que não se trata simplesmente de humilhação, mas humilhação social: um sofrimento sim, sentido em corpo e alma pessoais, mas um sofrimento *político*⁴.

- Nilce, você sabe o que eu faço aqui com vocês?

- Ah, agronomia. Você estuda as plantas.

- Nilce, por que pra estudar planta eu estaria varrendo com vocês?

- [Ele ri] É mesmo! Não tem nada a ver uma coisa com a outra.

- Eu estudo isso aí que você acabou de me contar: a humilhação.

Um estudante entre os garis, varrendo ao lado deles para melhor atinar com o sentido da humilhação humana e, em seus pensamentos, o foco de meu estudo seriam as plantas! As plantas – ali paisagem, *fundo* para pessoas que aparecem – tornam-se *figura* para pessoas que desaparecem. Quem todo tempo vê-se invisível para ou outros, como supor que minha atenção repousasse sobre eles, sobre trabalhadores apagados? Não as plantas, eles, aqueles homens, aquela gente é que estaria na periferia do meu olhar. O gari sorri quando se dá conta de que o estudo de plantas não tem nada a ver com varrer ao lado deles; sorri: como podem ser humildes os humilhados!

⁴ GONÇALVES FILHO, J. M. – “Humilhação Social: um problema político em psicologia”. In: Psicologia USP. São Paulo, v. 9, n.2, 1998, pp. 11-67.

Rebati o que Nilce havia dito sobre estudo de plantas. Dei nome aos bois: chamei humilhação aquilo que me interessava estudar. Neste instante, um motorista passa com seu carro como se não nos tivesse visto. Em alta velocidade, quase nos atropelou. Depois de nos protegermos sobre o canteiro de terra, o comentário do gari já podia ser adivinhado: “A gente falando disso e a coisa acontece”. A palavra que estraga o dia da gente, os olhos que nem olham a cara da gente, o motorista que passa cego, tudo se associou rápida e intimamente a outras experiências suas: foi lembrando, episódios todos reiterando o sofrimento. A cegueira de gente que não vê gente é traumática, causa angústia. A cegueira de gente que não vê gente dispara humilhação. E, mais precisamente, é cegueira política: cegueira de uma classe quanto a outra classe, a classe a serviço da primeira em condições de subordinação.

O aparecer de um homem no meio de outros homens, o aparecer de gente enquanto tal, é um acontecimento intersubjetivo, é um fenômeno psicossocial. A subjetividade de cada homem é solicitada pela subjetividade de um outro humano. A cegueira pública – um homem que desaparece para outrem – também configura, dessa forma, um evento psicossocial.

A invisibilidade pública, desaparecimento de um homem no meio de outros homens, é expressão pontiaguda de dois fenômenos psicossociais que assumem caráter crônico nas sociedades capitalistas: humilhação social e reificação.

A invisibilidade pública é resultado de um processo histórico de longa duração. Rebaixa a percepção de outrem, especialmente a percepção de alguém vinculado à forma baixa do trabalho assalariado, o trabalho desqualificado, alienado e alienante. Como assinala Gonçalves Filho⁵:

Invisibilidade Pública é expressão que resume diversas manifestações de um sofrimento político: a humilhação social, um sofrimento longamente aturado e ruminado por gente das classes pobres. Um sofrimento que, no caso brasileiro e várias gerações atrás, começou por golpes de espoliação e servidão que caíram pesados sobre nativos e africanos, depois sobre imigrantes baixo-salariados: a violação da terra, a perda de bens, a ofensa contra crenças, ritos e festas, o trabalho forçado, a

⁵ José Moura Gonçalves Filho – “A invisibilidade pública”. In: COSTA. F. B. - Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social. São Paulo, Globo, 2004, pp.22.

dominação nos engenhos ou depois nas fazendas e nas fábricas.

Trata-se, portanto, de uma forma de violência simbólica e material que vem oprimir cidadãos das classes pobres, na cidade ou no campo. É um fenômeno que, por essa razão, não pode ser suficiente e certamente investigado à distância do oprimido, à distância de quem vive por dentro sua ação corrosiva.

A invisibilidade pública – construção social e psíquica – tem a força de *ressecar* expressões corporais e simbólicas dos humanos então apagados. Pode abafar a voz e baixar o olhar. Pode endurecer o corpo e seus movimentos. Pode emudecer os sentimentos e fazer fraquejar a memória. Faz esmorecer – em todos estes níveis – o poder de aparição de *alguém*.

A invisibilidade pública é fundada e mantida por motivações sociais e psicológicas, por antagonismos de classe mais ou menos conscientes, mais ou menos inconscientes.

O olhar *personalizante*, olhar de *reconhecimento interpessoal*, perde espaço para o olhar *humilhante*, olhar *objetivante*, olhar *reificado* e *reificante*. A *invisibilidade pública* é cegueira psicossocial, parece ser tanto mais automatizada quanto menor for o sentimento de *comunidade* que o cego tenha com o indivíduo que não foi visto. Parece haver mais consciência do cego sobre sua cegueira quanto maior for o grau de *comunidade* em que ele possa ingressar com quem ficou apagado.⁶

A sensação de estar publicamente *invisível* é chocante, e nunca passa despercebida para quem esteve submetido às ondas mórbidas do fenômeno. O sujeito *apagado* pode minimizar – ou até recusar – o fato como expressão psicossocial de um desencontro. Por ação de racionalizações ideológicas que vão amortecer a percepção da *invisibilidade* como forma de violência simbólica, sua compreensão pode não se completar: a invisibilidade pública, de signo de uma luta social – luta de classes – vêm apresentar-se à consciência como fato natural. Não aparece, portanto, como sintoma

⁶ José Moura Gonçalves Filho – “A invisibilidade pública”. In: COSTA. F. B. - Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social. São Paulo, Globo, 2004, pp.22.

social, cristalização histórica de relações servis e de espoliação. Torna-se padrão, norma de comportamento social.

A *racionalização ideológica* abranda a intensidade do que, sem travas, seria uma angústia. Vai parecer sem força, debilitado, o impacto de uma experiência, o impacto de uma realidade efetiva – intersubjetiva e interna. A *racionalização ideológica* pode esmorecer o impulso por atinar com o caráter de um fato social e psicossocial. O processo todo constitui-se como função abafadora e afrouxadora de tensão. Racionalizações ideológicas atenuam, abafam, enfraquecem a realidade e experiência do antagonismo de classes.

O cego e o apagado – os atores sociais amarrados em situações que configuram invisibilidade pública – não podem relaxar. O cego precisa sustentar sua cegueira, precisa continuamente abreviar a atenção para o subalterno, limitando-a ao que é indispensável para algum comando. O apagado, por sua vez, precisa continuamente reagir à escassa disposição do comandante, vencer a subserviência (senão por ações e palavras, por meio de sentimentos defensivos), se não quiser simplesmente entregar-se a um característico desânimo e perda de tónus que acompanham naturalmente o sentimento de si como de alguém sempre abaixo dos outros. A descoberta, a mútua revelação de dois humanos fica encoberta. O encontro não acontece. No lugar disso, protagonizam a estranha experiência de um desencontro vivido com neutralidade ou descaso, com arrogância ou humilhação.

No quadro da *invisibilidade pública*, a comunicação entre os humanos fica prejudicada, regride, tendendo a formas de troca demasiado econômicas. Estabelece-se entre os sujeitos um tipo de conversa que não é *conversa*, mas regime daquilo que, em geral, consagra o que é primordial numa economia capitalista: troca de mercadorias ou serviços. Os assuntos emagrecem e, anoréxicos, arrastam-se em direção ao que parece essencial: quanto custa, quando entrega, como se paga, que garantia é oferecida. Mesmo pessoas envolvidas em atividades profissionais não atreladas diretamente à venda e compra de objetos, vêm-se constante e mais ou menos conscientemente ocupadas em adequar-se a tal rotina.

Na gênese social do fenômeno da invisibilidade pública está a reificação. Somente humanos já reduzidos e tidos como objetos podem parecer impotentes na capacidade de se fazerem interpelar como humanos e de interpelarem outros humanos como iguais.

*

O mestrado, como ficou previamente delineado, iniciou-se reconhecendo um problema vinculado ao antagonismo de classes, o que conduziu à orientação de um estudo encorpado por preocupações que tomavam os sujeitos um a um, mas, de qualquer maneira, tendo como objetivo testemunhar e ouvir o que *os garis* – pessoalmente e como grupo social – poderiam nos ensinar sobre o fenômeno da invisibilidade pública.

A realização e o aprofundamento da pesquisa e, sobretudo, os vínculos pessoais de amizade estabelecidos entre mim e os garis foram deslocando cada vez mais minha atenção. Quando Joãozinho me oferecia uma laranja após almoçarmos juntos, eu descascava a fruta, chupava a laranja, conversava com ele, ouvia suas histórias, ele ouvia as minhas. A atenção para o que é retirado deles, política e moralmente, foi sendo ultrapassada pela atenção para o que eles trazem.

Quando me dei conta do que ocorria – porque essas coisas nós não premeditamos – pensei que havia sido imprudente e que, ingênuo, tinha contaminado a pesquisa. O tal *viés* me perseguia. Até que fui atraído – irresistivelmente – por experiências que não tinham nada a ver com a varrição, com as ordens, com os horários.

Manél apoiava-se na vassoura e começava a contar de como eram miudinhas aquelas árvores que ele havia plantado trinta anos antes: eu interrompia a varrição, ouvia o companheiro e imaginava as mudas sendo cuidadas. O sol ardia, minha boca secava e eu não tardava em lamentar: lá vinha Nilce sorrindo com um refrigerante gelado na mão; resolvido o problema. Tião perguntava minha opinião a respeito da compra de um Fusca ano 1983: eu ponderava e opinava. Faltava-me alguma peça do uniforme: Brás trazia a calça e Moisés tinha a camiseta. Mineiro me convidava para participar de um “bolão” de loteria: eu aceitava e sacava o dinheiro.

Nossos objetos e nossas roupas, antes tão estranhos; nosso palavreado e nossos interesses, antes tão diversos; nossas singularidades, antes tão discrepantes, assumiram personalidade. A casinha humilde e inacabada, na periferia da periferia de Cotia, como outras tantas ali, no alto do morro onde a cidade acaba, tornou-se para mim a casa do Moisés. Lugar conhecido, familiar, onde as crianças me conhecem e me chamam para brincar, onde improvisamos um tambor como churrasqueira, onde o quintal vira campo de futebol e sala de jantar. Quando decidiu que se mudaria para Pernambuco, Moisés

insistiu para que eu ficasse morando em sua casa, ‘mesmo que fosse pagando de pouquinho, todo mês um tanto’.

Muita coisa se transformou. Nossos primeiríssimos encontros, nossas primeiras conversas, estiveram sempre marcados por barreiras de classe, mesmo que todos nós estivéssemos abertos e dispostos a algo diferente daquilo. Acabávamos sendo *garis* e *estudante rico da USP*. Foram muitas empreitas e vários meses, muitas conversas e vários desencontros, para que, finalmente, pudesse prevalecer o rosto de cada um: o deles e o meu. Não era mais um *forasteiro* e ponto. Não mais bastaria essa impressão, essa informação quase protocolar. Passaram a me chamar – e cada um de forma muito pessoal – Fernando. Enoque, Nilce, Chico, Moisés, Oswaldo, Joãozinho, Tião, Bahia, Brás, Manel, Tonhão, Ciço, Bambu, Deputado, César. Estes trabalhadores pobres, todos eles, assumiram fisionomia singular para mim. Eu também, para eles.

José Moura Gonçalves Filho:

A conversa abre portas para um lugar de pensar que ninguém ocupava antes de conversar; lugar em que não ingressamos no isolamento e que pede desprendimento do lugar familiar. A passagem para o lugar de pensar pede deslocamento: na sociedade de classes, para os que por nascimento caíram do lado dominante, a comunicação com cidadãos das classes populares pede muitos deslocamentos, pede várias vezes o deslocamento para bem longe de casa. Pede deslocamentos que dão em descolamento, descolamento de classe, e culminam num outro ponto de vista: literalmente, culminam num outro ponto no mundo de onde nossa visão vai ver o que não via antes⁷.

⁷ GONÇALVES FILHO, J. M. – “Problemas de método em Psicologia Social: algumas notas sobre a humilhação política e o pesquisador participante”. In: Psicologia e o compromisso social. São Paulo, Cortez, 2003.

Método

Neste doutorado, escolhemos como regime metodológico aquele que se propõe obter *histórias de vida* através de *relatos orais*. Aqui, nossos autores de referência foram especialmente Ecléa Bosi^{8 9} e José Moura Gonçalves Filho¹⁰.

Situações crônicas de disparidade social e econômica, em geral fundadas sobre vínculos de mandonismo e subalternidade), prejudicam – e até mesmo interrompem – o poder de comunicação que é próprio aos seres humanos. Todos calam. Ninguém conversa. O empregado acostuma-se ao “Sim, senhor”, ou aos seus parentes muito próximos: “O senhor é quem manda”, “O senhor é quem sabe”. O patrão, por sua vez, não conhece situação muito melhor: reduz seus pensamentos e suas frases às ordens e contra-ordens. A comunicação retrai-se. Atrofiados os humanos, encurralados por suas posições no organograma, são suas ocupações e cargos que, de fato, se comunicam.

Acabamos habituados às conversas magras e pálidas, anoréxicas. É porque ficamos todos nós também anoréxicos, recusando o sabor dos outros – azedume ou doçura, não importa – sem que seja possível alimentar-se da presença do outro. A conversa econômica, magra por assim dizer, é resultado de olhar estreito – também magro – que no mundo mercantil admitimos, em geral, anestesiados.

Como fazer conversar, então, um psicólogo e um gari? Ambos somos humanos: verdade inegável. Mas até que ponto nos reconhecemos assim? Vivemos isso? Sentimos dessa forma? Até que ponto não nos vemos uniformizados, mascarados, vestidos em nossas armaduras de classe?

Tarefa nada fácil esta de – cercados por barreiras – sabermos aproveitar as possíveis aberturas. Mas elas existem. É no encaço delas que estamos. Precisamos reviver *conversas*. São as conversas¹¹ justamente – o ato de falar e ouvir livremente,

⁸ BOSI, E. – Memória e Sociedade: lembrança de velhos. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

⁹ BOSI, E. – O tempo vivo da memória. São Paulo, Ateliê editorial, 2004.

¹⁰ GONÇALVES FILHO, J. M. – “Problemas de método em Psicologia Social: algumas notas sobre a humilhação política e o pesquisador participante”. In: Psicologia e o compromisso social. São Paulo, Cortez, 2003.

¹¹ “Olhar a opressão perto dos oprimidos, perto o bastante para estimar o que se vê do lugar deles. Estimar o que os outros vêem nunca será coincidir com os olhos deles. A compreensão mais segura vai sempre depender de ouvi-los. Não pede adesão irrefletida às opiniões do oprimido, mas alguma passagem para o lugar onde forma suas opiniões. Desde então, pede dali formar minhas opiniões, dali desse lugar que não é o meu, não é o lugar do outro: é um lugar intermediário, feito de quem saiu do seu e foi sentar-se em

este revezamento tão caro – que podem nos fazer alcançar uma outra forma de comunicação que não aquela à qual nos habituamos no esquema de contato sobre o qual fundou-se o capitalismo.

Na sociedade de classes, deslocar-se para o lado dos oprimidos é o que possibilita enxergar o mundo de um lugar diferente do meu, um lugar o mais próximo possível do ponto a partir do qual a vida se abre para meu interlocutor. É aqui, finalmente, que podemos conversar. Conversa livre – tensa ou não, não importa. Conversar é o que pode mudar meus sentimentos e imprimir marcas em minhas ações, pode me fazer recuar. Pode me fazer contestar o que antes eu considerava óbvio, pode me deixar inseguro sobre minhas convicções. Mas pode, sobretudo, inspirar simpatia entre eu e o outro.

Escolhemos entrevistar Nilce e Moisés, ex-garais aposentados pela Universidade de São Paulo. O desejo foi retomar aquilo que eu chamaria ‘começo de conversa’. Entrevistá-los representa o intuito de fazer retratos, é a tentativa de fotografá-los – por meio das suas vozes – com o máximo de fidelidade possível. É o rosto deles que deve aparecer. E se a fisionomia de Nilce é alegre num determinado momento (narrando algum acontecimento), nosso riso virá naturalmente. Nossas perguntas virão depois. Quando Moisés por ventura lembrar com braveza de alguém, ficaremos, como ele, de punhos cerrados. Se um dos dois aparecer chateado por alguma razão, é muito possível que não fiquemos indiferentes: nosso semblante também poderá ficar marcado.

O sentido primeiro da tarefa a que me propus é que o leitor possa *relacionar-se* com os depoentes que vão lhe falar. Desejo que o leitor tenha o sentimento de estar ele próprio frente a frente com meus amigos garais. Para tanto, as entrevistas não podem ser amarradas por perguntas seguidas de perguntas que já indicassem respostas pretendidas. É preciso não pretender senão as narrativas de Nilce e Moisés. O tom de voz, as pausas, os lapsos, as contradições, os esquecimentos. O riso e o choro. Tudo vai contar. Nada é dispensável. Como ensina a professora Ecléa Bosi¹², um discurso seguro, que não vivesse o enigma das coisas narradas, apressando conclusões e servindo-se de estereótipos ou opiniões já consagradas, corre sérios riscos de cair e deter-se em

lugar estranho, ao lado de um nativo. Sentar-se ao lado traz conversa entre cidadãos e o gosto pela opinião dos outros. E o fim de conversa é começo de outras. Nem sempre os nativos, para falar, precisam que nos sentemos ao lado deles: mas nós, para ouvi-los, precisamos sempre”. José Moura Gonçalves Filho – “A invisibilidade pública”. In: COSTA. F. B. - Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social. São Paulo, Globo, 2004, pp.47.

¹² BOSI, E. – O tempo vivo da memória. São Paulo, Ateliê editorial, 2004.

ideologia. Os lapsos e as incertezas dos depoentes podem ser o selo de autenticidade numa entrevista.

O vínculo com os depoentes que vão nos falar já dura treze anos. Abraçou deslocamentos e estranhamentos, conversas e debates, sabores e dissabores: ficamos mais próximos.

A hora da entrevista¹³

Entrevistar *alguém* não é tarefa simples. Entrevistar cidadãos pobres inspira ainda mais cuidado. Não é difícil que, ligado o gravador ou a câmera, instale-se entre entrevistador e depoente as mesmas assimetrias próprias da sociedade capitalista: homem inferior e homem superior. Numa pesquisa como esta é necessário que tenha havido entre quem fala e quem ouve mais do que conversas formais e protocolares.

A hora da conversa vem de coisa diferente de um esforço e mais radical que a boa vontade: vem de soltar-se ao face-a-face, que é a mesma coisa que a alegria. A boa vontade é a vontade dessa alegria.

Tais apontamentos acerca do tipo de inspiração que deve persistir nestas conversas têm a ver com o intuito do pesquisador, aquilo que ele almeja conquistar neste tipo de encontro. A palavra do depoente não contará como opinião privada, tampouco como opinião generalíssima, a respeito do que pretendemos conhecer. O pesquisador:

Pretende uma opinião que tenha provado outras opiniões – uma opinião que provou o encontro e o desencontro entre minha experiência e a experiência dos outros. De tal modo que minha experiência, sem

¹³ Este tópico baseia-se em parte do seguinte artigo: [GONÇALVES FILHO, J. M. – “Problemas de método em Psicologia Social: algumas notas sobre a humilhação política e o pesquisador participante”. In: Psicologia e o compromisso social. São Paulo, Cortez, 2003]. Os trechos com formatação diferente são citações deste escrito.

coincidir com outras experiências, o que é impossível, possa reconhecer entre elas todas alguma comunicação interior. O que um pesquisador chega assim a dizer, por meio da narrativa e discussão de episódios ou depoimentos, poderá servir como uma investigação válida. Porque exigiu investigação compartilhada. Porque sofreu a prova dos outros, viveu alguma comunicação com o que os outros vivem e dizem viver.

A entrevista que costuramos fundou-se no gosto por ouvir histórias. A busca por narrativas livres, mais do que opiniões, foi nosso principal objetivo. Para tanto, era imprescindível que entrevistador e depoente estivessem tocados por algo que os fizesse se reconhecerem mutuamente como pessoas, foi preciso que recusassem quaisquer expedientes de superioridade.

O que foi interrogado, fizemos juntos, ombro a ombro. Neste sentido, o que se vislumbra como de fato pertinente são aqueles assuntos originados a partir de alguma comunicação livre entre os camaradas que agora assumiram papéis de *quem* questiona e *quem* responde. Sobre isto, evoquemos o que os etnólogos chamaram *ritos de passagem*, aquelas provas mais ou menos explícitas, provas preparadas mais ou menos conscientemente que visam pontuar nosso ingresso no grupo estudado. São estas experiências nas quais nem sempre somos totalmente bem sucedidos que afirmam de maneira cabal nossa disposição ou recusa para experiências igualitárias.

Vou retomar este assunto brevemente a partir de um fato por mim já narrado¹⁴.

Episódio da caneca. No intervalo para o cafezinho (que hoje não mais existe), por volta das nove horas da manhã, todos nos reunimos próximos a uma plataforma de concreto que nos serviu de mesa para a garrafa térmica e as canecas – estas, na realidade, latinhas de refrigerante cortadas pela metade, muito amassadas e encardidas (foram retiradas de um latão de lixo). Grudavam nas mãos, de tão sujas que estavam. E vinha a indignação:

Ó como são suja essas caneca! Ó que imundície! Aqui que nós toma café!

Depois, finalmente, para o trago do café todos empunharam suas canecas. Mas, por um instante, detiveram-se como que ansiosos. Pareciam observar-me com hesitante

¹⁴ COSTA, F.B. – Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social. São Paulo, Globo, 2004.

expectativa: iria o tal jovem *forasteiro* – gente de outra classe – sujeitar-se a beber daquela caneca suja?

Silêncio.

Quando enfim bebi do café, a ansiedade pareceu evaporar-se. Entre nós instaurou-se uma espécie de *relaxamento*. Desde então, passamos a conversar, ríamos muito, contávamos histórias, casos engraçados e piadas. O *episódio da caneca* pareceu valer como uma prova de integração ao grupo, um ritual de passagem para outro mundo. Ocorrências desta natureza constituem fenômenos mais assiduamente considerados por antropólogos e por eles denominados *provas de ingresso*. A distância econômica e sociocultural entre o pesquisador e os garis pareceu agir decisivamente, o que pode ser avaliado pela maneira como o *forasteiro* fora interpelado: tudo indicava contarem com o fato de que o visitante não tomaria café utilizando como recipiente uma latinha resgatada da lixeira.

Prova silenciosa.

As lembranças do entrevistado abarcam todas as camadas do psiquismo: o raciocínio e a fantasia, o sonho e a percepção, a atenção e sentimentos diversos. As questões verdadeiramente pertinentes foram aquelas que puderam provocar histórias narradas, histórias que vão ser contadas fazendo emergir todos estes ingredientes.

Uma entrevista fechada pressupõe questionário rigidamente imposto ao depoente, quem então será conformado a um ritmo de elaboração, a preocupações e a motivações que não são suas, mas inteiramente estabelecidas pelo pesquisador. A entrevista que dispensa roteiros permite que as informações brotem com autonomia e no ritmo narrativo do depoente. Mas arrisca entregar o depoente a associações cada vez mais arbitrárias e caprichosas, pouco ou nada exigidas pela memória da experiência: associações cada vez menos orientadas pela paciente interrogação do que foi vivido. Abre-se espaço a um discurso livre, mas também sem objeto, sem referentes que continuamente solicitassem a atenção do depoente. O depoimento arrisca abandonar a difícil e frutífera tarefa de retomar e examinar o que foi vivido. O depoente desobriga-se do cuidado de lembrar pensando e de pensar lembrando: caminha no

sentido de afastar-se do fenômeno em causa e de seus enigmas. A entrevista que dispensa roteiro arrisca esvaziar ou viciar o pensamento que, desprovido de objeto, mantém a experiência tal como sempre foi ou atribui-lhe sentido já disponível e trivial. Adere a significações estereotipadas que lhe foram socialmente imputadas.

Por isso, o que decide o sucesso desta empreitada é alimentar o gosto do depoente por reavivar sua memória. Lembrar é trabalhar. A memória do depoente é sempre um processo apurado de digestão. O depoimento constitui um encadeamento de lembranças várias. Novos significados serão revelados.

Um depoimento não pode assumir as balizas de uma fala preparada artificialmente, não pode exhibir as referências de uma exposição irretocável e bem formatada. Lapsos e contradições foram bem vindos. Estaremos todos mais certos de que é a verdade ali apresentada. O silêncio de *quem* falava foi acompanhado pelo silêncio de *quem* ouvia. Recusamos a pressa, porque é isso que arrisca o depoente a ser jogado no estereótipo.

Passado para o papel, o depoimento configurou-se como uma espécie de debate, uma discussão viva confrontando a lembrança do depoente com nossa própria lembrança e discussão do fenômeno, confrontando-as também com autores dedicados ao tema. Uma tese possível deverá ser sempre o que houver decididamente percorrido a *memória do fenômeno* e o *diálogo alargado*.

Estaremos todos autorizados, cada qual de sua perspectiva, para a interrogação e significação de um fenômeno. Isto implicará não a correção de perspectivas por aquela que privilegiaríamos contra as demais, não a justaposição eclética de perspectivas sem relacionamento, tampouco qualquer combinação sincrética (em que as diferenças são desfeitas e os vários pontos de vista entram em equações redutoras), mas outra vez: implicará a comunicação de uma perspectiva com as demais. Não caberá ao pesquisador sobrepor-se altivamente ao depoente como quem de antemão possuísse a medida definitiva do que devemos entender. Nós o interrogaremos a partir de nossa experiência para que, por nossa vez, deixemo-nos interrogar pela experiência que é a dele, caminhando para uma compreensão do fenômeno que então já

não será a minha ou dele, mas que será construída entre nós. Reservemos à voz do depoente igual dignidade comunicativa, o mesmo direito de interrogação e interpretação que reservamos a nós próprios e a autores eletivos.

Foi nosso objetivo não antecipar às palavras de Nilce e Moisés o investimento em conceituações e modelos teóricos. Nossa bússola navegadora foi a interpretação espontânea dos próprios depoentes. O diálogo entre os garis e nossos autores eleitos fez conversar a enxada e a caneta, trouxeram ao debate o computador e a vassoura. Todos – garis e cientistas – com o mesmo grau de dignidade comunicativa.

Ainda sobre as entrevistas, transcrevo José Moura Gonçalves Filho acerca de uma passagem quando era orientado por Ecléa Bosi durante seu mestrado. A professora e três idéias:

1. Vale dizer que depoentes são autores e que autores são depoentes. A disciplina de um depoimento é diferente da disciplina de um livro. Interessa considerar a diferença. Mas como sujeitos de juízo do mundo, as figuras do depoente e do autor são reversíveis. 2. Zeca, disse-me ela, pôr depoimentos e livros em comunicação é como enxerto de flores. Não é coisa simples e rápida, pede paciência e muito trabalho. Se de flores vermelhas e brancas desejamos flores mistas, não basta justapor, plantá-las lado a lado. É preciso ligar seiva com seiva, cortando pela raiz, delicadamente e amarrando bem. Então nascem flores tão bonitas, que a gente não sabe a quem dever mais, se ao vermelhos ou aos brancos. Devemos a todos. 3. O trabalho da memória é que garante a opinião mais apurada, a pesquisa concreta, que não deixa escapar o fenômeno e a voz dos outros. E é tão bonito convidar alguém a lembrar. Ninguém se sente despreparado para isso, sequer o mais humilde e quem viva sob o limiar das letras.

*

Entrevistar dois garis aposentados (Moisés e Nilce), visando estabelecer *histórias de vida a partir de suas narrativas orais*, foram nossos principais objetivos.

Tínhamos, então, três tarefas. As duas primeiras são já reconhecíveis no mestrado e prosseguem aqui. A terceira é a que este doutorado quis acrescentar. Dessa forma, três tarefas sobre as narrativas recolhidas:

a) Identificar e discutir – quando for possível – os momentos que assinalem *invisibilidade pública*.

b) Fazer enxergar que reagem de modo distinto e inconfundível. Mesmo diante das forças corrosivas que quase os consomem (espoliação e opressão), o rosto de cada um não desaparece, desde que os ouçamos de perto e longamente. Identificar e discutir como interpretam golpes de rebaixamento social e moral que tenham sofrido.

c) Conceber dois retratos biográficos, assinalando traços de mundo próprio, raízes e marcos de vida: as casas, os bairros e as cidades; os lugares marcantes e a natureza; a família, os vizinhos, os amigos; as comidas e as bebidas; os lazeres; as festas, as datas importantes e os aniversários; a religião; as brincadeiras e os brinquedos; a escola; os namoros e o casamento; a migração; a USP e o trabalho de varrição; os companheiros de trabalho e os chefes.

Ainda que não tivessem sido especificamente questionados sobre experiências que os tenham feito se sentir *invisíveis*, os trabalhadores narraram – direta ou indiretamente – fatos protagonizados ou testemunhados que abarcaram episódios de humilhação social.

Trata-se de uma realidade – objetiva e intersubjetiva – que marca indelevelmente os cidadãos das classes pobres. A memória destes indivíduos – trabalhando para sustentação de suas narrativas – atingiu episódios e situações que instalam o depoente e seus próximos na nervura da *invisibilidade pública*.

Não obstante, se nos parece inegável este mal, há um contraponto que também não pode ser contestado: a recusa de submissão pura e simples.

Moisés e Nilce revelaram-se muito singularmente. A resistência mais pessoal, a resistência ímpar desses homens fez ver rosto onde só se viu a máscara amargurada do apagado. Não reagem da mesma forma à invisibilidade. Uma história subsiste e não como história geral de todo humilhado. São homens de almas quase inteiras e nunca

idênticas. Como ensina Simone Weil¹⁵, é a atenção que, deslocando para o outro lado, faz enxergar alguém no que, de outra maneira, seria só vulto, imagem borrada e opaca.

Não conheci, por assim dizer, garis *invisíveis*. Estive com sujeitos diferentes. Não eram trabalhadores braçais machucados e ponto. Não eram simplesmente seres humanos à mercê de olhares reificantes.

Diante de mim: Nilce, suas comidas e uma maneira singular de resignar-se. Diante de mim: Moisés, sua piteira e um modo idiossincrático de abraçar a amizade. Em uma palavra: *o que* os faz invisíveis não anula *quem* são. Caí no impulso por conhecer seu mundo, suas raízes, seus marcos de vida: este doutorado supôs que depoimentos alcançam sinais vitais de uma biografia.

Além dos depoimentos de Nilce e Moisés, nos valem aqui de meu diário de campo e de autores – os estudos bibliográficos privilegiaram textos de Alfredo Bosi, Donald Winnicott, Ecléa Bosi, Emmanuel Levinàs, Ernesto Guevara, Florestan Fernandes, Gilberto Safra, Jean Laplanche, José Moura Gonçalves Filho, Karl Marx, Marilena Chauí, Maurice Merleau-Ponty, Sigmund Freud e Simone Weil.

¹⁵ WEIL, S. – A condição operária e outros estudos sobre opressão. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

Nilce

Bairro do Rio Pequeno, São Paulo

Fernando – Eu sei que você nasceu em Machado. Quando tempo de viagem de lá pra cá?

Nilce – Machado? Quatro horas e meia de ônibus. É depois de Poços de Caldas. De Poços de Caldas lá tem 83 quilômetros. É entre Alfenas e Poços de Caldas. Passa uma cidade chamada... .. Bandeira do Sul e Campestre. [...] Nasci na fazenda. Fazenda do Recanto. Com parteira. Dia vinte e três de setembro de 1942.

Fernando – Seus pais moravam nessa Fazenda do Recanto?

Nilce – O meu pai era de Três Corações... Bem pra frente de Machado. Minha mãe era de Machado mesmo, lá da Fazenda do Recanto também. O meu pai, ele... .. Nem chegou a morar na fazenda, não. Que ele morava em Poços de Caldas, ele trabalhava numa fábrica de garrafa. Fazia garrafa... E tocava violão. Era coisa assim de serenata. [Ri].

Fernando – Entendi. Sua mãe trabalhava na fazenda?

Nilce – Trabalhava. Ela não tinha... Assim... Escolaridade, mas tinha inteligência pras coisas. Ela costurava com aquelas maquininhas Singer de mão. Ela não sabia nem como medir uma fita metro, mas fazia até vestido de noiva. Naquele tempo era tudo mais simples. Quando tinha casamento, a pessoa já levava a roupa pra ela fazer. Minha mãe não estudou nada... Ela fazia cada roupa fina que você nem imagina.

Fernando – Você nasceu e morou na fazenda?

Nilce – Morei. Bastante tempo. Eu vim pra cá com dezessete anos de idade. Mas eu... Lá na fazenda em que eu... .. Os patrão... Que eu morei, eu trabalhava na roça e não gostava muito, não. Eles colocavam eu pra buscar animal no pasto, nas invernadas, o gado, pra poder as vacas leiteiras... O boi, o pessoal ficava esperando... .. Pra poder... .. Puxar o carro. A gente chegava lá no pasto, lá, a gente gritava com os animais. Os animais se reunia tudo e já vinha assim. Já sabia que a gente ia buscar eles. Eu só chegava lá e gritava ôôô... Já juntava e vinha tudo aquele grupo. Uma hora a gente ia a cavalo, outra hora a gente ia a pé mesmo...

Fernando – Você se lembra de como era a casa?

Nilce – A minha casa era mais próxima da fazenda. Porque tinha a colônia. Tinha bastante casa assim, uma em seguida da outra, que formava a colônia. A casa que a gente morava era mais independente, ficava mais perto da fazenda. Não era na colônia. Inclusive, na casa que a gente morava, que lá na fazenda tinha luz, e lá é assim: eles tinham um gerador deles lá na... .. Fazenda... A água vinha dum pasto, que a água era encanizada até chegar na fazenda. Tinha aquele negócio deles lá, o gerador era tocado a água. A própria água fazia energia. E dava voltagem de 220 volts. Tinha luz, sim. Água encanada, não. Tinha a nascente. Tinha a mina d'água lá embaixo e a outra que passava na porta da casa da gente, essa água vinha das invernadas lá. Eles faziam aqueles trabalhos deles e deixava passar na porta da

gente. Ficava correndo direto. [...] Aí, a luz lá, a gente tinha que ir na fazenda umas seis horas da tarde, que estava escurecendo, ia lá ligar a luz. Às dez horas da noite, tinha que desligar. Tinha que ficar tudo sem luz. A fazenda, a casa da gente, ficava tudo sem luz. Ligava só naquela hora em que ia usar mesmo. Que dez horas se apagava tudo mesmo, que o pessoal já ia tudo dormir. Que naquele tempo, tinha o que? Não sei se tinha rádio à pilha. Tinha um rádio lá que colocava um alto-falante lá numa parte da fazenda, e quando era fim de semana, assim, sexta-feira, a gente ia lá pra assistir. Ouvir rádio. Juntava um pessoal lá, grupo de rapaziada, e ia lá no parque da fazenda pra ouvir rádio no alto-falante. Música sertaneja, do tempo que tinha aqueles artistas mais antigos que já são falecidos. Tinha Torre e Florente. Negócio que hoje já não existe mais. Só música sertaneja mesmo. Só o pessoal da fazenda ligava o alto-falante e a gente ficava lá no pátio. Ouvia até uma certa hora. Que no outro dia tinha que trabaiá.

Fernando – A casa em que você morava era maior do que a que você mora hoje?

Nilce – Era. Era grande. Sete cômodos. Sala, cozinha, varanda, que o pessoal costumava dizer lá... Era de tijolo. O telhado eram umas telhas antigas que se fazia até bica de água com ela. Não eram essas telhas francesas que têm hoje, não. Nem essas assim de brasillite. Era feita em olaria. Morei ali até dezessete anos.

Fernando – Quem morava lá nessa casa?

Nilce – Olha... Meu pai separou da minha mãe lá em Poços de Caldas. Minha mãe voltou a morar lá com os irmãos dela, lá nessa casa... Então, eu tive muito a ajuda dos irmãos da minha mãe pra criar a gente até ficar adulto... Os irmãos dela tudo já são falecido. Meu pai ficou morando em Poços de Caldas. Eu conheci muito bem ele, mas ele tomava uma a mais também. [Ri]. Por isso que eu sou peixinho. [Ri]. Mas eu tenho que parar com isso. Que não está dando certo, não. Faz tempo que não está dando certo. [Ri]. Minhas filhas pegam no pé. Minha mãe sempre falava também. A Elza também. Mas ainda não consegui dominar, não.

Fernando – Então, moravam na sua casa: sua mãe, você ...

Nilce – Meus irmãos e meus tios. Quando minha mãe... Quando meu pai separou da minha mãe lá em Machado... ... Meu avô foi lá, que era o pai dela. Ele viu a situação que a gente estava... A gente voltou pra casa do meu avô só com as malas de roupa e com a roupa suja mesmo. Meu avô foi lá e viu a situação como é que estava, a gente estava lá praticamente abandonado, e... A minha mãe, a gente era tudo pequeno, aí tinha pessoas que trabalhavam numa pensão em Poços de Caldas e que levavam comida pra nós. Nem comida não tinha. Elas levavam comida pra minha mãe pra poder ajudar a sustentar a gente. A gente era tudo pequenininho. Não ajudava a fazer nada. Era só ela. Morava num barraco numa favela lá em Poços de Caldas. Meu pai [avô] foi lá um dia, viu a situação, no mesmo dia ele já pegou ela e nós e... ... Naquela época era quatro. A mais nova não era nascida ainda. Essa já faleceu também. E de Poços de Caldas pra Machado nem pensava de ter asfalto. [...] Foi lá passear... E... No mesmo dia já trouxe a gente embora. A estrada pra Machado nem pensava de ter asfalto, e o ônibus – que naquele tempo chamava de jardineira... O porta-bagagem dela era em cima. Tinha que subir uma escadinha atrás dela, na porta traseira, colocava a mala lá em cima, depois o motorista e o cobrador subiam e amarrava com uma lona – que aqui fala encerado – amarrava em cima no caso de chover. Pra não pegar pó, pra poder viajar. Quando o tempo estava seco, fazia muito pó...

Fernando – Então, seu pai não só se separou da sua mãe, mas também abandonou a família.

Nilce – Trocou minha mãe por outra. Fazia serenata na casa da outra com o violão. Aí, foi... .. Deixando minha mãe aos poucos. E a gente sentindo tudo aquilo. Era criança, mas estava vendo esses movimentos. Naquele tempo eu tinha o que... Eu tinha uns cinco, seis anos. Mas eu lembrei desses passados. Meu avô levou nós pra esse lugar, pra Fazenda do Recanto. Minha mãe lavava roupa pra fora, ganhava uns troquinho... Fazia as costuras dela, e... Chegou até a trabalhar na roça também.

Fernando – Era casa de família grande, então.

Nilce – Era. E tudo com seu cômodo independente. Os homi tinha o quarto deles pra dormir. As muié tinha o quarto delas. Sala, cozinha... Nossa! Tudo com cômodo grande, tudo grande. Criava porco, criava galinha. Criava pra comer, mas vendia também. Tudo pra ajudar a gente a viver. No nosso custo de vida. [...] Nossa! Melhorou muito! Só que eu não trabalhei muito na roça, não. Fiquei nesse movimento de mexer com gado, porco. Meus patrões tinham a fazenda deles lá e uma casa lá na cidade, lá em Machado. E eu ficava mais lá em Machado, lá na casa deles ajudando as empregadas domésticas. Encerava a casa lá, limpava o quintal da casa lá. Era um casarão grande lá na cidade de Machado... Quando as empregadas estavam de folga, eu ficava tomando conta do casarão lá. Eu cheguei até a pajear as filhas do meu patrão lá. Dava folga pras empregadas, eu saía pelo jardim empurrando as crianças no carrinho de mão. Eu tinha meus catorze, quinze anos. [...] Fazia algum servicinho já, lá na fazenda. Ajudava lá meus tios. Que meus tios mexiam com gado. Fazia esse tipo de coisa. Ia buscar o gado no pasto... Começava cedo. Eles já instruíam a gente pra fazer esses serviços. O mais difícil era a escola. Que era longe. A maioria das pessoas que cresceu na minha faixa de idade é... .. Tudo analfabeto. Não tinha escolaridade. Eu tive chance de estudar só que não entrava na memória, não. Eu morava na casa dos patrões, me ajudou, mas sei lá... .. Não entrou na memória, não. Mas era desligado... [Ri]. Eles me ajudavam tudo, mas... .. Não sei... Acho que é o dom de cada um. Da pessoa. [...] A gente já vai pra outros movimentos. A gente quer ir numa festinha. Tinham aqueles bailes de terreiro lá que a gente gostava de estar participando. Sanfona, é pandeiro, é violão. Caía dentro, e a gente amanhecia o dia. Era uma fase que não estava nem aí com o estudo mais. Ainda que tem gente hoje de uma certa idade que consegue... Que se apega no negócio de escola e consegue arrumar alguma coisa. Mas pra mim... Não dá mais... .. Sei lá. Tem que ter força de vontade também.

Fernando – Mas muita coisa você aprendeu sem ir pra escola?

Nilce – É. Você vê. Naquela época eu não sabia nem ver a hora no relógio. Perguntava que horas que era, eu olhava, mas não sabia. Depois, pelo menos isso foi entrando na memória da gente. [...] Isso aí não me atrapalhava, não. Conhecia dinheiro direitinho... A minha mãe, coitadinha, era analfabeta, mas a gente debulhava milho pra cuidar de porco, ela ensinava a gente assim, a fazer conta com o grão de milho. Um, dois, três... Ela tinha essa agilidade. Antonieta Madalena de Paula. Meu avô era Antônio Madalena. Meu pai era João Sebastião de Paula. [...] Era minha irmã, já falecida tem dois anos, que morava aqui no Embu. Laurentina. Depois, vinha o Milton. Esse ainda está vivo. Mora aqui no Embu também. Depois, sou eu. Aí, minha irmã caçula: Maria Zilda. Falecida. Aí, tinha o caçula: João

Sebastião, também, de Paula. Já falecido. Éramos cinco. Agora somos dois. Faleceram três... A gente vai levando a vida.

Fernando – ...

Nilce – ...

Fernando – Logo que você foi para a fazenda, com cinco anos de idade, já começou a fazer algum servicinho? Sobrava tempo pra brincar, Nilce?

Nilce – [Sem convicção]. O brinquedo da gente, a gente debulhava o milho... Não comprava brinquedo na cidade, não. Pegava barbante assim, amarrava dois sabugos assim e saía falando que era carro de boi... Fazia uns carrinhos assim, pegava umas tabuinhas e amarrava atrás... Lá tinha assim, junta de boi que o pessoal falava. De dois em dois, colocava a canga... Junta de boi, que eram dois bois. Então, fazia uma junta que puxava seis bois. A gente amarrava seis sabugos de milho e falava que era carro de boi. Esse era o brinquedo da gente... Como a gente não tinha como comprar bola, pegava aquelas meia véia que mulher usa, enchia de pano dentro e amarrava e fazia de bola pra brincar. [...] Eu gostava muito de... Quando o campo de futebol era na fazenda todo domingo vinha o pessoal de “quebra-dedo” pra jogar bola... Aí, a minha mãe fazia doce e eu ia vender no campo. Ao invés de brincar, eu ia vender. Voltava com aqueles “troquinho” pra casa. Sabe quanto que vendia um doce? Quinhentos réis. Naquele tempo era réis. As moedinhas assim, do tamanho dessas aqui [Mexe na gaveta do armário da cozinha]. Mas tinha valor. Vendia os docinhos lá, e pronto! Doce de abóbora, doce de leite, que meus avós tinham vaca leiteira. Então, ela fazia esses doces. Cortava um pedacinho assim e saía vendendo... No campo de futebol, de domingo. [...] Até naquele tempo a molecada pulava corda. Ficava dois batendo a corda e o outro pulando. [Ri]. Misturava lá com as meninas e ficava pulando corda...

Fernando – Que horas que dava para brincar e que horas vocês trabalhavam?

Nilce – [Franze a testa e fica sério]. Olha, lá na fazenda não tinha esse negócio de relógio, não. Clareou o dia, tá na roça...

Fernando – Todo dia assim, Nilce, mesmo domingo?

Nilce – Não. Domingo, não. De segunda a sábado. Mas o dia todo! Recebia dos patrões lá. Um ordenadozinho que dava para sobreviver. Mas a gente sempre ficava devendo para o patrão. Porque lá... Eles faziam os acertos de conta daquele jeito deles lá e... A gente fazia as comprinhas lá na fazenda mesmo, açúcar. Naquele tempo não era açúcar, era rapadura que a gente usava para fazer café. Açúcar era muito difícil. [...] Eles mesmos tomavam o dinheiro. Então, pegava aquele pagamentozinho ali e tinha que ter uma criação em casa: criar um porco, uma galinha, para poder sobreviver porque se não... A gente ficava devendo. Se a gente não fazia alguma coisinha extra, ter alguma criaçãozinha em casa pra vender, um porco... E a gente fazia a plantação lá, arroz, feijão e tudo, acabava vendendo pra fora pra poder comprar roupa. Pelo menos. Aí, vendia as coisas, a mãe da gente ia na cidade, fazia as comprinhas. A roupa pra gente ela mesma fazia a maioria... Era uma vida difícil. Sapato? Sem chance! Naquele tempo usava... É... “Alpargata Roda”. Acho que tem a fábrica aí na Dutra até hoje. Era muito famoso. Era um calçado. Tinha também um “Sete Vidas” que era da mesma marca da Alpargata. Um tênis, assim. Mas bem simplesinho. Pra comprar, não dava, que era muito caro. Então, a gente andava era descalço mesmo. Passei esses momentos aí que... .. Com

o pé no chão! E na lavoura principalmente. Machucava. Ih, machucava sim. Às vezes, estava aquele frio de manhã cedo, a gente andava descalço, naquele tempo tinha geada... Nossa! Geava, e você ficava até com os dedos todos duros assim! Nossa! No tempo da colheita de café tinha que apanhar o café e tinha que ser descalço porque se não... Então, a gente colocava um pano assim, colocava quatro... A gente falava estaca... Colocava em baixo do pé de café e ficava ali. De sol a sol. A gente ensacava aquilo lá, depois os caras iam lá com carro de boi, ou então com carroça com burro pra recolher o café pra levar pra fazenda. Colocar lá no terreiro de café para secar, depois lá mesmo eles cultivavam o café. O meu avô, inclusive, trabalhava com a máquina de... .. Pra poder fazer a limpeza do café. Tinha tudo os maquinários já montados e o meu avô coordenava as máquinas tudo lá. Depois de tudo limpinho, ensacado, e costurado, terminava a safra e nosso fazendeiro vendia o café para fora... .. Óia! Era trabalhoso! Era trabalhoso... Nossa!

Fernando – Dessa época, você tem saudade de alguma coisa, Nilce?

Nilce – Para trabalhar, não! Tenho saudade do local. Aquela recordação... Para trabalhar, não tive mais vontade nenhuma, não. Me adaptei aqui muito bem. Graças a Deus!

Fernando – Por que você saiu da fazenda e foi ficar mais na cidade?

Nilce – Olha... É que eles depositaram assim uma confiança de eu trabalhar com eles lá na cidade, e eu sempre gostei de mexer com esse negócio de limpeza. Às vezes, quando as empregadas estavam de folga, eu mesmo fazia café para os visitantes que iam lá no casarão lá na cidade. Levava, servia o café, limpinho, tudo direitinho. E fazia a limpeza também. Eu ficava mais na cidade. [...] Ah, mas eu gostava demais! Eles tratavam eu... Igual... Os filhos deles lá no casarão. Sempre me trataram muito bem. Me dava roupa. Me dava de tudo. Os patrão foram muito bom para mim. Isso aí... Eu não posso reclamar, não. [...] Fazia o café, varria o quintal. Tinha um quintal grande lá. Cuidava do jardim. Pagavam um ordenadozinho. Era pouca coisa, mas já ajudava muito. Era melhor do que quando eu estava trabalhando na fazenda. Morava lá na casa deles mesmo. Tinha meu quarto independente. Tinha umas três empregadas. A cozinheira, a pajem. [...] Nossa Senhora! O casarão deles lá... Nossa! Só uma parte lá, quer ver, tinha onze cômodos! Afora os porões que tinha embaixo, garagem, tudo. Eles tinham um Chevrolet '51. Bonito, praquele tempo. Não sei se você chegou a ver o Galaxy. Eles tinham um também. Tinha caminhão de transporte, tudo.

Fernando – Dessa época de Machado, com quem que você era mais apegado? Da sua família.

Nilce – Tinha. Era o irmão da minha mãe. Que me tratava muito bem. Tio Olinto. Já falecido. Esse que tinha mais paciência com a gente quando a gente era criança. Tratava a gente com mais carinho. Os outros eram bons, mas sempre tem um que a gente fica mais apegado. Isso eu tenho na minha memória guardado. Ele mexia com gado também. Ele trabalhava com carro de boi. Era muito dedicado assim. Era um cara legal. Brincava com a gente, ajudava muito minha mãe também. Na infância da gente ele deu muita coisa pra gente. Tinha um outro também, mas era mais rígido. Chamava Moacir. Então, esse aí a gente ficava meio... Mais distante. Da época em que a gente é criança a gente guarda tudo isso na memória. O Olinto era mais novo que a minha mãe. Não sei quanto, mas era.

Fernando – Você disse que veio para cá com dezessete anos. Veio solteiro?

Nilce – Vim sozinho. Minha mãe arrumou a mala, uma mala revestida de papelão porque não podia molhar, não. Um saco de roupa só e deu o dinheiro da passagem só também. Tinha a irmã dela que morava aqui. Chegou essa idade aí, eu pensei de tentar a vida aqui. Eu vim e me adaptei bem aqui. Vim para morar na casa dessa minha tia. Morava perto da ponte da Vila Dalva, lá embaixo. A ponte ainda era de madeira. Isso foi em 1960. Vim para cá dia quinze de outubro de sessenta [15/10/1960]. [...] Naquele tempo ainda não tinha a rodoviária, não. Estava em projeto a rodoviária perto da Estação da Luz. A parada de ônibus era na porta desses bar grande assim. Inclusive, era a Empresa Nossa Senhora de Fátima que eu vim. Desci na Avenida Ipiranga. E agora?! Eu tinha marcado com uma pessoa que eu ia chegar tal hora aí. Eu nunca tinha vindo para São Paulo. Falei: ‘E agora?!’. Desci lá, olhei assim... Pra ver se meu parente estava lá. Ele morava aqui no Rio Pequeno. Eu liguei pra marcar com eles, mas nesse dia a firma deles não estava funcionando. Eles não sabiam o dia que eu ia vir. Cheguei lá e pensei que tinha alguém me esperando. Pensei: ‘E agora?!’. Naquele tempo era aqueles guardas civil de farda azul, aqueles bonésão tudo azul marinho também. Cheguei no guarda assim, falei: ‘Seu guarda, onde é que eu posso tomar o ônibus para ir para o Rio Pequeno?’. Ele falou: ‘Rio Pequeno?!?! Não conheço, não!’. [Abaixa a cabeça e ri. Dou risada junto]. O guarda falou: ‘Olha, tem um lugar aí que tem um ônibus que vai para Osasco. Você tem que ir lá no Anhangabaú e lá você se informa. Talvez eles possam te informar’. Ele achava que era perto de Osasco, mas não tinha certeza. Olha que situação! Aí eu falei assim: ‘Onde é que fica o Anhangabaú?’. Ele falou: ‘Você está vendo aquele prédio alto ali?’. Nossa! Só tinha prédio alto... ‘Então. Você segue até ali que você acha o Anhangabaú’. Pela Avenida Ipiranga é tão pertinho ali, né?! Eu fui a pé. Um movimento daquele! E na hora de eu atravessar a rua?! Mesmo no farol... Eu fiquei esperando ter um monte de gente: ‘A hora que eles forem atravessar, eu vou aproveitar também!’. Lá em Machado nem farol não tinha. Quando estava aquele bolo de gente eu me enfiava no meio e fingia que não estava acontecendo nada. Mas nem sabia onde eu estava. A hora que eu cheguei no Anhangabaú – porque naquele tempo não tinha farol no Anhangabaú, não – tinha uma faixa e os policiais ficavam com uma pranchetas assim ó [mostra o movimento com os braços e as mãos para cima]. ‘Siga!’ era para a gente atravessar. Quando precisava, ele virava para o outro lado, pra mudar o trânsito. Virava e o trânsito continuava. Fazia mesma coisa: entrava no meio do povão pra eu poder atravessar. Cheguei no Anhangabaú e não encontrei o ônibus que ia para Osasco. Mas eu não sabia ler também! Procurei informação e me disseram: ‘Aquele ônibus ali vai pra Osasco’. Entrei na fila, era aqueles “sanfão” que tem hoje, mas mais simples. Não era tão sofisticado igual aos que têm hoje. Tinha duas empresas: ‘Ó, tem aqueles ali, ó...’, que era uns ônibus Volvo, que ia para Osasco. Tomei ele, e disse para o motorista: ‘Moço, você conhece um lugar que chama Rio Pequeno?’. Ele respondeu que sabia: ‘Ah, você quer ir para o Rio Pequeno...’. Olha, meu, eu fiquei num ódio. E tá viajando, tá viajando, tá viajando, e nada. E eu, nem sentar, não senti. Fiquei de pé do lado do motorista. De vez em quando eu perguntava pra ele: ‘Está longe ainda o Rio Pequeno?’. ‘Está longe, sim. A hora que chegar, eu te falo’. Eu cheguei a perguntar uma três vezes para ele. Acho que ele se invocou... ... A Vila Indiana tinha uma pista só, onde hoje é a Corifeu¹⁶, que termina a Vital Brasil, onde tem uma Seringueira graaaande, tinha uma pracinha ali. Saiu da Vital Brasil já era Vila Indiana, onde

¹⁶ Avenida Corifeu de Azevedo Marques, no bairro do Butantã.

começa a Corifeu. A Vital Brasil já tinha asfalto, mas depois era tudo terra ainda. Aqui era tudo de terra: o quartel, a Corifeu. Eu perguntei pra ele umas três vezes. Acho que ele se encheu, se encheu de tanto perguntar. Sabe onde que ele foi levar eu?! Chegou lá em Osasco, no ponto final. ‘E o Rio Pequeno, onde é que fica?’. ‘Ah, ficou lá para trás. Esqueci de te avisar. Esqueci de te avisar, viu?’. [chega D. Maria, que três vezes por semana ajuda Nilce com a limpeza e os cuidados com sua esposa adoentada]. Ah, foi de propósito! Acho que ele se encheu de eu ficar perguntando, enquanto está viajando eu perguntar, aí eu voltei. Cheguei lá no ponto final, você vê, naquele tempo a gente entrava no ônibus pela porta traseira e descia pela porta da frente. Você lembra? Aí, tinha... Eu peguei... .. Entrei pela porta traseira e coloquei a mala e o saco de roupa perto do cofre do ônibus. Não senti, não. ‘Agora você pode voltar nesse mesmo ônibus aqui só que você tem que entrar de novo pela porta traseira...’. Rapaz, eu fiquei com medo de eles me roubarem a mala de roupa e as coisas. Eu descí, peguei a mala, cheguei dali de onde eu estava, dei a volta e entrei pela porta traseira no mesmo ônibus. Tudo com as coisas na mão. Não podia ter deixado as coisas ali mesmo? [Ri]. Naquele tempo, eles davam um bilhetezinho. Não tinha roleta. Tive que pagar outra vez. Tinha o cobrador. A gente ficava com o bilhetezinho. Viajava um trecho e vinha o fiscal. Ele picotava o bilhetezinho. Tinha que estar com o bilhetezinho pra você provar que tinha pago. Às vezes, daqui para a cidade você chegava a passar por uns três fiscais pra eles conferirem. Naquele tempo era rígido! Tudo bem. Estou vindo, estou vindo: ‘A hora em que chegar o Rio Pequeno o senhor me avisa?’. ‘Ah, está bom’. O mesmo motorista. Estou viajando, não sabia nem por onde tinha passado, chegou... Não tem um mercadinho aí em cima, onde tem a Milani¹⁷? Terminando aquela subida, eu falei: ‘Ô moço, e o Rio Pequeno?’. ‘Uh, esqueci de te avisar. Ficou pra trás’. Aí, eu descí lá no mercadinho. Ele mandou eu descer lá. Nem imaginava onde ficava o Rio Pequeno. Descí lá, cheguei até a mercearia. Perguntei se eles conheciam o Rio Pequeno, que eu estava procurando. Tinha um parente meu que morava no Rio Pequeno, mas eu não sabia onde. Eles perguntaram: ‘Como é que ele chama?’. Eu dei o nome da pessoa. ‘Ah, eu conheço. Ô, essa perua está indo para lá’. Era uma perua de padeiro tipo furgão. Chevrolet furgão antigo. Aí, eu tomei aquela perua e descí. Um pra-pa-pa-ra-pa-pá danado! Batendo lata do caramba! E o furgão fechado. Não tinha vidro. Eu falei: ‘Ih, esse pessoal vai me roubar, ó’. [Ri e abaixa a cabeça]. E estou viajando, estou viajando. A entrada do Rio Pequeno era uma estrada de terra estreitinha ali onde fica um posto de gasolina. Um matagal dos dois lados, assim ó [abre e levanta os braços]. ‘Agora eu estou pego!’. [Rimos os dois]. Eu só queria saber: ‘Onde é que esse pessoal vai me levar?’. Pegou a avenida do Rio Pequeno e veio. Parou perto da ponte da Vila Dalva onde tem um bar-sorveteria. Ali onde é o Banco Bradesco hoje ali era um bar. Aqui, tem essa pessoa que você falou, tem um primo seu que trabalha aí. Eu descí lá, agradei ele. Eu conheci ele... Meu primo. Quando cheguei aqui em São Paulo, lá na rodoviária, ali no Ipiranga, eram três horas da tarde. Fui chegar aqui no Rio Pequeno eram seis horas. Estava escurecendo. Era a primeira vez que eu via ele. Eu conhecia o tio dele, que era casado com a irmã da minha mãe. Eu ia para a casa dele. Esse era sobrinho dele. Ele ainda mora lá perto da ponte da Vila Dalva, nessa casa em que eu morei a primeira vez que eu vim para cá. [...] Esse meu primo chamava Paulo, trabalhou na empresa Santa Madalena, trabalhou de motorista. Até hoje a gente se dá bem. Que esse meu tio, que era tio dele também, eles moravam tudo lá, num quarto-e-cozinha. Aqui

¹⁷ Concessionária de automóveis, na avenida Corifeu de Azevedo Marques.

morava em bastante pessoas: umas dez mais ou menos. Essa casa que meu tio morava lá eu fiquei uns quatro anos.

Fernando – Você arrumou serviço rápido?

Nilce – Demorou. Que eu trabalhava lá na Vila Sônia numa fábrica de prendedor de roupa. Nós ia a pé, num grupo de molecada... Era mais para cá do estádio do Morumbi, perto de onde tem aqueles eucaliptos perto do Jóquei Clube, nos Ferreira. Mas não foi difícil, não. Tinha uns colegas meus que já estavam lá. Mas eu nem fiquei muito tempo, não. Não valia a pena. Aí, depois quando eu saí de lá, eu entrei pra trabalhar num restaurante aqui na avenida Jaguaré. Restaurante que passava mais era caminhoneiro. As mesas eram de madeira. Inclusive, aquela que está ali era de lá. O restaurante me deu. Eu trouxe na cabeça. Isso foi em 64. Trouxe do Jaguaré até aqui na cabeça. Eu trabalhava na cozinha, trabalhava na copa, servia bebida... [...] A minha mãe já tinha dado umas dicas, uma orientação quando eu morava no interior. Aqui eu fiquei mais sofisticado. A gente já pegou o jeito de trabalhar, fazer... A cozinheira estava trabalhando... Eu ficava prestando atenção como é que ela fazia esses negócios de salgadinho, essas coisas. Aí, me interessei e deu tudo certo. Na fábrica era longe para eu ir, e ganhava pouquinho também: era por produção. Montava esses prendedores de colocar roupa no varal... Naquele tempo era só de madeira. Já vinha a madeirinha cerrada, pronta, só pra gente montar lá. Tinha a maquininha de montar. Era manual e a gente trabalhava com o pé e a mão. Mas não era elétrica, não. Tinha aquela molinha, e você colocava as duas pecinhas assim, apertava e ela fechava. Ficava nesse esquema aí. Fiquei uns tempos lá e depois saí. Dava sono. A firma era de uns japoneses, e eu fiquei uns tempos lá. Saí, entrei no restaurante, e aí eu me dei bem. Nesse restaurante, foi bom pra mim porque esse patrão me emprestou vinte cruzeiros para eu dar a entrada nesse terreno aqui. Aqui a máquina estava tombando terra ainda para lotear. Loteou e eu comprei aqui. Era tudo terra. Não tinha rua. Não tinha nada, não. As máquinas passaram abrindo. As ruas não tinham nome assim sofisticado. Era tudo por número. Inclusive, essa rua aqui está na minha escritura até hoje, era “travessa particular 23”. Agora é Atílio Cecarelli, mas no documento está o nome antigo. Era travessa. Não era rua ainda... [se distrai pedindo uma tarefa para D. Maria]. Lá eu me dei bem. Trabalhei muito tempo lá. Emprestou o dinheiro, depois eu paguei para ele direitinho... ... Passado um tempo, eu pedi a conta e fui trabalhar num restaurante lá na Água Branca. O cara gostou de mim, eu trabalhava no bar. Ele era sócio de um bar lá perto da loja “Sears”, na Barra Funda. Naquele tempo eu entrava lá... ... Meio-dia... ... Eu trabalhava das dez da manhã até as dez da noite. Tomava o bonde até o Anhangabaú e vinha no ônibus para Osasco até o Rio Pequeno. Chegava aqui onze horas da noite. No Jaguaré, eu fiquei a primeira vez quatro anos. Depois, voltei e trabalhei mais uns meses lá. Na Água Branca, eu ganhava mais. Tinha assim a viagem para fazer. Aqui no Jaguaré eu ia a pé. Na Água Branca, eu trabalhei uns sete meses mais ou menos. Depois, eu entrei numa fábrica de veneno, aqui na avenida Jaguaré de novo, e trabalhei mais uns sete meses nessa coisa aí. Tinha uma prima minha que trabalhava num prédio lá na... ... Ela trabalhava na rua São Bento. Ela apresentou eu pra trabalhar num prédio lá na rua Boa Vista, na esquina da General Carneiro com o Pátio do Colégio. Número sessenta e dois. Setenta e seis, aliás. Eu entrei lá de faxineiro. Depois, eu estava trabalhando de faxineiro e surgiu uma vaga de ascensorista. O zelador perguntou se eu queria tentar trabalhar no elevador... ... [se distrai, e eu depois junto, escutando a criançada brincando na rua]. Na fábrica de veneno, eu mexia com cada veneno bravo! Era

PHC, era uns venenos que vinha importado lá do... .. Do estrangeiro. Polietileno, tinha tanta coisa... Muita tranqueira. Era um trabalho sujo! Um pó! Um pó ardido que, dependendo do veneno que você ia descarregar, de repente estava escorrendo sangue pelo nariz. Não tinha máscara, não tinha nada. Era veneno para tudo. Lavoura... Chegava a sangrar o nariz. Serviço brutal. Ih! Bastante deles que trabalharam ali muito tempo já se foram. Inclusive, meu irmão mais novo que trabalhou lá bastante anos. Morreu disso. Um tio meu também morreu. Morreram cedo. Eu entrei nesse prédio lá e me dei bem. Trabalhei lá treze anos. O trabalho no elevador era melhor do que o de faxina. O elevador não era automático, não. Era manual. Tinha que... Ainda tem deles ainda, esse tipo de elevador. Uns lugares por aí ainda têm. Da Atlas. Ganhava mais que na faxina. Era seis horas de serviço. Entrava da uma às sete. Já começava trabalhando depois do almoço, depois tinha o horário de lanche. Tinha dois elevadores. Ficava funcionando só um.

Fernando – O que você lembra desse serviço de ascensorista? Alguma história...

Nilce – Tinha assim algumas... Que lá era prédio comercial, tinha algumas pessoas que eram meio revoltadas. Às vezes, eles tocavam o elevador e se demorava um pouquinho: ‘Ô! Estou há tantos minutos aqui e esse elevador não sobe! Esse elevador que não desce!’. É que, às vezes, chegava num andar assim tinha uns que... .. É ... É... Esse pessoal meio espaçoso: um estava de um lado, o outro do outro. O elevador parava ali, eles ficavam com um pé dentro, o outro fora. Eles conversando, batendo papo, a campainha tocando lá embaixo, a gente não podia falar para eles: ‘Olha...’. Eles estavam vendo. Se eles tinham pressa, os outros também tinham. Não podia falar nada. Sobrava pra gente de todo jeito. Chegava lá em baixo: ‘Ô! Esse elevador que estava parado em tal andar aí!’. Não tinha como justificar. Os caras não aceitavam justificar. Eles não querem nem saber. Você ia explicar eles não davam nem... Vou te contar! A gente tinha que ter paciência... Pra não discutir com ninguém. A gente agüentava essas coisas que a gente dependia daquele salariozinho ali. Tinha uma vantagem: quando chegava no Natal assim, eles sempre davam uma caixinha pra gente. Cada andar arrecadava uma caixinha e a gente às vezes ganhava até mais que o salário. Tudo bem. Só que a gente tinha que tolerar essas humilhações. Eu passei por esses momentos. Nossa! Mas a gente pra sobreviver precisa se sujeitar a um monte de coisas, né?! A gente que trabalha de empregado, a gente se sujeita a uma série de coisas. Passei essas coisas, mas ... Graças a Deus, em todo lugar que eu trabalhei eu me dei bem. [...] Você vê. Aí no caso. A gente trata a pessoa bem, aquele usuário do elevador, é: ‘Não, senhor. Sim, senhor...’. Aí, de repente o cara te dá uma cacetada. Aí, a gente sentia. Pô, não é bem assim. O sujeito então tinha duas caras?! Quando está adiantando o lado dele, tudo bem. Agora, uma falhazinha que você dá e o cara vem te pisar? Aí não pode... Então, a gente também tem que reconhecer aquilo. Ele só quer ser bem servido e bem tratado. Agora, pra... Às vezes, por causa de uma coisa em um minuto te dá uma cacetada. Às vezes, até na frente de outras pessoas que estão vendo. Poxa! Porque tem deles que tem estopim bem curto. Se faz isso na frente das pessoas, solta os cachorros em cima. Já eu não fazia isso. Engolia. Aí, que é mais doído pra gente... .. E a gente fica com aquilo na memória. Poxa vida! Por que eu não falei isso na hora que a pessoa? Por que eu não falei aquilo... Sabe? Eu não tinha coragem. Aí é que está! Em casa, eu disfarçava. Não trazia os problemas pra casa para descarregar em outra pessoa, não. Isso não. Eu segurava. Assim na minha mente. Mas depois eu já ficava sabendo no outro dia, aquela pessoa que me tratou daquela maneira que... Eu também tinha que mudar o jeito de ser com ele. Não agir com grosseria mas, às vezes, quando vinha

com alguma brincadeira eu não me abria, não. Tinha que ser, senão... Você leva pedrada, leva pedrada, e vai ficar dando risada? Ah, não! Então, a gente já sabia com quem estava lidando. Tinha que se proteger. Até que a pessoa ia se tocar e mudar o tratamento com a gente. [...] A gente tentava tirar aquilo da memória, não ficar com aquele rancor. Aí passava. Naquele momento a gente ficava chateado. Depois, ia passando, ia passando, ia passando. Mas pelo menos a gente ficava sabendo com quem estava lidando: me trata assim, então também vou mudar. Não vou tratar com grosseria, mas também não vou ficar me abrindo. [...] Olha, eu saí porque lá era uma firma administradora. Chama Predial Rocheira. Fica na Benjamin Constant. Naquele tempo eu estava com as duas meninas na escola: a Renata e a Angélica. E o salário não estava dando mais para mim... É... Sustentar a casa e dar o estudo pra elas, pagar a escola pra elas. Tudo pago. Aí eu saí, peguei o... .. Meus colegas falaram: 'Ó. Arruma uma confusão com eles aí, que eles te mandam embora. Vai sair com treze anos e perder seus direitos?'. Só que eu parei para pensar. Falei: 'Trabalhar treze anos num lugar, depois vou arrumar confusão pra sair só por causa de dinheiro?!' Falei com o zelador que ia sair. Chamei a firma pra um acordo: se eles podiam dar um aumento porque meu salário não estava dando mais pra sustentar a casa. Eles falaram: 'Olha, nós não podemos fazer isso porque a administradora aqui tem bastante funcionário. E se der pra um, tem que dar pra todos. Chamei eles num acordo. Pra mim, o que eu pedi na época, eles aceitaram. Pra mim não foi ruim. Aí, peguei aquele dinheirinho, levantei fundo de garantia e comecei a trabalhar por conta. Trabalhava por conta, mas de repente aquele dinheiro acabou. Comecei a vender salgadinho, fazia as coxinhas aí, vendia. A maioria era fiado e eu não recebia. A vaca foi para o brejo. [Ri]. Aí, nossa! Eu tinha um colega meu que mora ali na... Atrás ali. Ele trabalhava num prédio ali na Professor Artur Ramos, paralela da Cidade Jardim. Ele trabalhava de porteiro lá. Falou que lá no prédio estava precisando de faxineiro, e se eu não queria ir pra lá. Eu já estava tomando umas. E não deveria. Falei: 'Eu quero'. Trabalhei lá. O pessoal se apegou comigo, gostou do meu esquema de trabalhar de faxineiro lá no prédio. Era tudo residência. Tinha dezesseis andares. Tinha um senhor que morava aqui na minha rua, aqui onde tem um portãozão vermelho ali ó, chama Seu Mariano... Ele não mora mais aí, não. Mudou lá para o lado de Poços de Caldas. Peguei amizade com ele, e ele trabalhava lá no prédio da Matemática, lá na USP, ali perto da FAU. Ele falou: 'A prefeitura da USP está precisando de funcionários lá'. Eu estava trabalhando nesse prédio lá tinha onze dias. Não chegou nem a dar registro na carteira. Aí, mandou eu ir lá, fiz a ficha. Com onze dias me chamaram lá pra ir trabalhar. Nossa! Era o dobro do que eu ganhava lá no prédio. Ah, melhorou muito! Isso foi dia três de março de oitenta e oito [03/03/1988]. Cheguei lá pra fazer a ficha, falou: 'Ó. Aqui tem uma vaga pra trabalhar no restaurante, tem uma vaga de jardineiro, uma de porteiro e... Uma de vigia.' E tinha o da limpeza: da limpeza, no restaurante, jardineiro, e porteiro e... Uma de vigia.' Escolhi a da limpeza. A moça falou assim: 'Espera aí, espera aí. Você trabalhou treze anos de ascensorista, de sapato engraxado, terno e gravata, e vai escolher pra trabalhar aqui no tempo, com chuva, com sol?!'. Respondi: 'Ah, eu trabalhei de lavrador. Eu acho que pra mim isso aí é melhor'. Ah, rapidinho fez a ficha. Ganharia mais de vigia, mas vigia é serviço perigoso também. Restaurante lá dentro é contratado, volta e meia está mudando de dono. Quando muda, os funcionários que estão trabalhando há mais tempo... Rua, né?! Então, eu escolhi trabalhar na limpeza, fiz a ficha rapidinho e fui. E me adaptei bem lá na empresa. Graças a Deus! Esse período eu saí é muito bem, graças a Deus, aposentado. Segurei até chegar. Comecei na varrição, depois é que eu

fiquei dez anos na caminhonete direto com o César [motorista]. [...] O Moisés me perseguia muito. Nossa! Era meio assim cri-cri.

Fernando – Essa casa da sua tia que você morou quatro anos modificou alguma coisa nela nesse tempo?

Nilce – Ah, mudou! Eles compraram uma casa ali... Depois, quando a gente for dar uma volta, eu vou mostrar pra você aonde é que eles compraram uma casa. Até ajudei eles a comprar na época, no Jardim Tropical. Lá a casa já era maior. Eram dois irmãos, eles compraram a casa em dois. Perto da casa deles tinha um terreno da Santa Casa que hoje é um loteamento, e tem bastante casarão. Era o terreno de umas freiras. Aí, elas doaram lá para montar uma favelinha. Chegamos a ter lá uns oitenta barracos. Eu era um deles. Eu montei um barraco lá e trouxe minha mãe pra morar na favela: dessa casa que nós morávamos lá em Minas, veio morar num barraco de dois cômodos. Eu queria trazer minha mãe pra aqui e não podia pagar aluguel. Aí, o dono do restaurante que eu trabalhava lá no Jaguaré – essa época eu já estava na favela – me emprestou dinheiro pra eu comprar esse terreno aqui. Minha mãe fazia um tratamento muito sério, e aqui era mais fácil pra eu ajudar ela. Ela tinha problema dos rins. Primeiro ela operou e teve que tirar um, lá no Hospital Sorocabana. Depois, teve que tirar o outro. Aí, sem chance... Ela veio a falecer. Ela ainda melhorou uns tempos depois que fez a primeira cirurgia. Chegou a viver uns tempos. Tinha um pouco de pressão alta também. Morávamos eu, ela e tinha um casal de irmãos solteiros... Em dois cômodos: quarto e cozinha. Não tinha banheiro. Não tinha água. Era fossa, banheirinho de madeira. Tinha luz que era emprestada da casa do meu tio que era pertinho. Fiquei aí. Depois de um determinado tempo, uns três anos, o pessoal ia lotear essa área lá e eu não tinha condições de comprar lá... O que aconteceu? A gente já tinha comprado esse terreno aqui. Bastante pessoas que morava lá comprou lá mesmo. Aí, pediu para a gente desocupar a área. Arranquei o barraco de lá e mudei pra aqui. Trouxe o barraco pra cá, lá onde está a casa da Ana hoje. Lá no fundo. Instalei o barraco lá. Depois fui fazendo devagarinho aqui para cima. Minha mãe chegou a morar aqui com a gente. Foi em 1964. [...] [Aparece um dos netos de Nilce, Bruno, e em seguida a gente comenta que o cachorrinho, Preto e Branco, está passando mal]. Eu, minha mãe e meus dois irmãos. Trouxe as madeiras e instalei o barraco aqui. A minha mãe faleceu em 1982. Aí sim eu já estava casado. Casei em 1971. Moramos todos aqui. Depois, eu dei um jeito no barraco lá no fundo e trouxe minha irmã casada pra cá também, com marido e filho. Nós chegamos a morar lá no barraco também, tudo amontoado. Depois, eu trouxe o outro irmão casado. Fui trazendo toda a família pra cá. Se adaptaram bem, viu? Inclusive, compraram terreno no Embu, construíram... Tem mais filhos. Todos eles moraram aqui comigo quando eu vim pra aqui. O que minha tia fez pra mim, depois eu fui retribuindo para os outros também.

Fernando – Aonde você conheceu a Elza?

Nilce – Aqui, ela morava por aqui. Ela é de Mogi, Mogi das Cruzes. Namoramos mais ou menos uns dois anos antes de casar. Quando a gente casou, eu já morava onde está a Renata hoje, no quarto e cozinha aqui em baixo. Depois eu construí aqui para cima. Bem devagarinho, devagarinho, devagarinho... Agora, dei essa paradinha, mas tem muito mais o que fazer ainda. Tem que colocar forro, trocar esses azulejos. Lá no quarto é outra telha, aquelas pequenininhas. E lá tem forro de madeira. Ali é outra água. É tudo telha. Laje mesmo é só ali no meinho.

Fernando – Quando você teve as suas filhas você fez questão que elas estudassem...

Nilce – Ah sim! Aí, sim! Eu empurrei para a escola. Eu achei que ia ser melhor para elas futuramente... Para não ficar assim... ... Do jeito que eu... Assim é... Não ficar no... ... Na situação que eu fiquei assim. Eu não me sinto atrapalhado, não. Aqui, tudo o que você vai fazer tem que ter uma escolaridade porque senão... Hoje, está ainda mais difícil. Eu tive sorte que eu sempre tive bons empregos. Fui daqui, fui daí. Mas meus últimos empregos foram muito bons. Apesar de não ter estudo, nada. Se fosse agora, eu não conseguia nada por causa da situação que está aí hoje em dia.

Fernando – Na sua cidade, você se lembra de ter freqüentado Igreja ou de ter alguma religião?

Nilce – Ah, sim. Lá tem a festa tradicional de São Benedito, todo mês de agosto. Da Igreja Católica. Às vezes, ia aos domingos, mas não era todo domingo, não. Eu gostava de ir na Igreja, ainda gosto. Só sou um pouco assim meio desligado, mas ainda gosto. A gente sempre foi devoto de Nossa Senhora Aparecida, mas com todo respeito aos outros santos também. Dedicção aos outros também. Não tem discriminação de santo, não. Para mim, nossa! Tudo que a gente pede a Deus, recebe a graça de Deus. Então, santo é uma imagem que a gente... ... A pessoa tem aquela tradição. Tudo bem, para mim não faz diferença. A gente tem aquele respeito. Tem pessoa que gosta de um santo só, que tem essa discriminação. Eu acho que está errado. Milagre, todos fazem.

Fernando – Você sentiu diferença entre ir na Igreja lá em Machado e aqui em São Paulo?

Nilce – Não. A palavra é a mesma. As pessoas ... No interior o pessoal é mais simples. É mais unido nos encontros. Cidade pequena, você sabe. Agora, aqui não. Lá, geralmente a gente conhecia todo mundo na Igreja. Aqui, não, é diferente. Só o pessoal que mora no trecho da gente. Quer dizer, o tratamento pra mim sempre foi bom, a maneira de tratar. Mas até a gente pegar o ritmo do lugar demora. A gente é que tem que plantar pra colher, procurar fazer amizade, tudo. Por que se você chegar num canto e ficar fechado, não quer amizade com ninguém, como é que vai saber se é bom ou se é ruim. O pessoal em São Paulo tem outro ritmo, não nem dúvida. [...] Aqui é muito agitado. Até você pegar o pico daqui demorava um pouco. Aqui é muita correria, como sempre foi. Não vai deixar de ser cada vez mais.

Fernando – As músicas que você ouvia lá, ouve-se aqui também?

Nilce – Lá era mais sertaneja. Não tinha esse negócio de juventude, não. Mas eu estou no ritmo de lá ainda. Eu curto outras coisas, outras músicas, mas eu tenho o ritmo de lá. As músicas da minha época não tocam mais em rádio. Pra ouvir, só se tiver os discos velhos guardados. Olha, do meu tempo que a gente ia escutar o rádio na fazenda, tinha o Torre e Florente, e o Castelinho na época. E tinha outros mais antigos lá também que a gente curtia. Agora, aqui é tudo mais moderno. As músicas de antigamente tinham mais sentido. O ritmo e as letras. Tinha o Sérgio Reis, que tinha música boa também. Tônico e Tinoco, já falecido. Adoniran Barbosa. Charutinho. Demônios da Garoa... Moro em Jaçanã... [cantarola]... [...] [procura remédio para ressaca da pinga].

Fernando – Lá em Machado, Nilce, tinha algum lugar da casa na fazenda que você gostava mais, algum canto?

Nilce – Geralmente na cozinha. [Ri]. [O que vem a seguir é narrado com sorriso no rosto o tempo todo]. Olha, a cozinha, quando a gente levantava, de manhã cedo quando a gente levantava, tinha um pé de árvore. E naquele pé de árvore – a gente tinha criação de galinha – elas dormiam nesse pé de árvore. E esse pé de árvore o pessoal daqui não conhece: é uma fruta parecida com pinha, mas o pessoal não conhece. Chama chicuta. E as galinhas pousavam ali. Então, de manhã cedo, a partir de cinco e meia, seis horas, as galinhas começavam a descer. Ficavam no terreiro esperando a gente jogar o milho pra elas. Quando a gente levantava, já estava com o milho debulhado – a gente falava debulhar milho. Tinha a espiga do milho, a gente tirava aquela palha do milho e tirava depois o milho do sabugo, debulhava assim na mão. Aqui pode ser outra linguagem... Mas lá a gente falava debulhar – a linguagem da gente lá. O milho, como é que você acha que dá? Dá na raiz ou dá na folha? Não. É na raiz. Fica debaixo da terra. A gente planta o carocinho, mas quando você vai tirar ele, que ele está maduro, sai um montão assim. Ele dá na terra. Já o feijão, você planta o carocinho, ele dá no ramo. É diferente. E a plantação de arroz, como é que você acha? Não. Dá no ramo também. [...] O lugar que eu mais gostava era a cozinha. Eu levantava de manhã cedo e as galinhas estavam descendo do poleiro. A gente jogava o milho e elas ficavam ali cantando. Antes de a gente levantar elas levantavam antes que a gente. Elas sempre levantavam primeiro. Era um despertador para a gente. Não precisava nem de relógio, não: era o galo que cantava de madrugada. E quando estava clareando o dia, as galinhas já estavam descendo do poleiro. O galo descia primeiro. [Ri muito]. E ele ficava ali. Toda galinha que descia da árvore, ele já ia tratar ela, o galo. Ficava ali: có có có có có có có có có... [Gargalha]. Parecia nós assim conversando. [Gargalhamos]. Verdade. Os animais têm esse raciocínio. Você vê, nem todos os seres humanos têm esse raciocínio. Tem uns que levanta assim mal humorado. Não quer falar com ninguém. Às vezes, não quer nem dar um bom dia. Por aí eu tirei aquela conclusão que eu saí na revista [Época – 07/2004]. Até os animais conversam um com o outro no clarear do dia, e tem ser humano que levanta mal humorado e não quer conversar com a gente. Você passa por ele assim, às vezes de cabeça baixa, você não sabe nem o que está acontecendo. A gente que está passando do lado – eu que não tenho esse tipo de cultura, de estudo – observo, observo esse tipo de coisa. Minha mãe, coitada, faleceu analfabeta. Meu pai não sei se tinha algum tipo de cultura porque... Eu tomo meus aperitivos, mas meu pai morreu alcoólatra, sabe? Eu também passo um pouquinho da conta às vezes, e o pessoal me dá conselho, as pessoas que gostam da minha convivência, da comunicação da gente. Então, o pessoal não quer que eu desapareça. E Deus também não quer. A gente tem uma orientação. Porque a pessoa pisa na gente, faz alguma coisa errada e eu, apesar de não ter cultura de estudo, não é só estudo que tem cultura. Mas a gente que não teve vontade de fazer isso aí, mas a gente é preparado por Deus em outro sentido. Tem tantas pessoas que têm tanta cultura... ... Mas não têm educação. Não respeita o lado da gente. Se prevalece daquele lado dele ali, tudo bem... A gente tem que aceitar assim.

Fernando – Tem alguma história de dentro da casa que você não esquece?

Nilce – Teeeeem... muitas. Para começar. Quando meu pai abandonou a gente lá em Poços de Caldas, quando era criança, meus tios acolheram minha mãe, meu avô foi buscar a gente lá em Poços de Caldas, acolheu. Meu pai pra mim foram meus tios, que já são falecidos hoje. Então, eu tenho isso na memória o tempo todo. A ajuda que eles deram para mim, eu lembro tudo direitinho, e eu tinha meus sete anos de idade. Eu vi o que meus tios fizeram pela minha mãe. Então, isso é uma coisa

que ficou beeeem marcada para mim. Eu sempre tenho eles na minha memória. Eles já são falecidos, mas eu tenho eles no meu coração. Onde eles estiverem, que Deus esteja junto deles e que Deus dê bastante amparo para eles que eles ajudaram a gente quando a gente era criança e ajudaram muito a minha mãe e isso ficou beeeem marcado para mim. Eu tenho que passar isso pra frente pra outra pessoa que tiver o problema igual ao que eu passei quando era criança, e meus outros irmãos, e meus tios me deram muito apoio na minha casa na Fazenda do Recanto. Era uma casa na beira da estrada, tinha uma paineira que era muito antiga. Quando falava 'é a casa lá da paineira', todos os colonos já sabiam que era a casa onde minha mãe morava, a casa onde eu fui nascido e fui criado. O parto da minha mãe foi pela parteira, não foi médico. Tinha aquelas senhoras mais entendidas, que sabiam fazer o parto. Inclusive, no meu teve um erro no corte do umbigo. Através disso, eu sofri uma hérnia e fui operado aqui em São Paulo, quando comecei a trabalhar em firma. Cortou, mas não ficou direitinho... Na barriga da gente e da mãe da gente. É um dom de Deus que dava para a parteira fazer esse tipo de coisa. E a parteira não tinha leitura, não tinha cultura, nada. Tinha aquela ajuda que Deus deu, inteligência pra poder fazer essas coisas, pra salvar uma vida quando ia nascer uma criança. Então, isso é tudo coisa marcada dos meus tempos. Eu tinha uma doença incurável que hoje fala meningite. Naquela época, o nome da doença era simioto. A criança nascia, afundava a moleira, era bem pouco que escapava. Não tinha médico pra isso. Era só benzimento, tinha aquelas pessoas que benziam com arruda, alecrim, uns negócios. Benziam ali e tirava aquele micróbio, mas era muito raro quando acontecia isso a pessoa escapar. Então, eu sarei com simpatia que a minha mãe era muito devota com Nossa Senhora Aparecida, me levava na benzedeira... Bem dizer, escapei dessa. Porque senão, não estaria aqui caso não fosse a correria da minha mãe fazer comigo, a benzedeira, a fé que ela tinha. Então, essas são coisas que ficam marcadas na gente e não saem da minha memória, não. Eu não sei qual a simpatia que ela fez pra me salvar, que aí eu trouxe ela pra aqui. Aqui era um barraquinho de madeira. Como meu vizinho estava te falando, aonde nós estamos aqui era uma fossa. Lá, onde estão aquelas caixas perto da escada, era o poço da água. Você vê, tinha o poço d'água lá que tinha dezessete metros de profundidade, tinha a fossa aqui que tinha seis metros. Quando chovia – aqui era tudo de terra – saía da fossa e ia cair lá no poço. É assim pela terra. Não é chuva. É a própria terra pega aquela... Aquele suor assim. E o poço era mais fundo que a fossa. Que aqui jogava tudo que não prestava, do banheiro, tudo. Imagina se ela não ia brotar lá no poço, que era mais fundo. Ia suar tudinho lá na água. Você vê, a casa que a gente morava lá na fazenda lá tinha sete cômodos [...] [troca de fita]. [...] Como eu trabalhei na USP dezessete anos e dez meses, que eu recebi o diploma que o prefeito [da Cidade Universitária] mandou, isso pra mim é um símbolo, é uma grande honra. Ele mandou num papel de cartolina assim. O que eu fiz? Passei numa vidraçaria, coloquei naquele quadrozinho, e agora vou passar lá no departamento pessoal pra eles verem o respeito que eu tenho por esse símbolo que ele mandou para mim. Que é difícil. Tenho que ir lá fazer uma visita para os meus colegas, porque graças a Deus eu saí de lá de cabeça erguida, com os colegas de campo, com o pessoal do departamento pessoal tudo me adora do jeito que eu sou, o transporte que foi muito bom comigo também. Inclusive, a senhora lá ... A assistência social lá... A Dona Vera, eu devo muito pra ela, que ela fez a papelada pra mim pra liberar o transporte pra eu fazer a correria com a Elza. Só quando não tinha motorista ou quando não tinha carro... Fez tudo isso aí, sempre perguntava pela Elza [...] [Preto e Branco – cachorrinho – vem querer brincar com a gente e Nilce põe ele para correr]. Ele não desgruda de mim,

não. Os animais nossos, graças a Deus. Ali, rapaz, eu saí dali tão limpo! E tenho saudade de todos! Colega de serviço de todas as unidades ali dentro. O que eu precisar do pessoal lá eles estão prontinhos pra me servir.

Fernando – Qual era a sua brincadeira preferida de infância na Fazenda do Recanto?

Nilce – Tinha um carrinho, que a gente falava de brinquedo da época da minha infância, que chamava “tróli”. Tinha três rodas. A gente soltava na descida assim e ia embora! Pegava uma descida igual a essa aqui e ia embora. E a gente ali! [Ri]. Três rodas: duas atrás e uma na frente. E a gente equilibrando sentado numa tábua! A gente manobrava ele no pé mesmo, tinha um negocinho ali. E a gente sentado ali. E deixava ele rodar. Na rua de terra. [olhar tomado por um sorriso difícil de descrever]. Que eu não jogava bola, nada. Aos domingos, quando tinha o futebol – tinha um campo de várzea lá – minha mãe fazia doce e eu ia vender doce no campo. Eu não gostava de jogar bola. No tróli, tinha a descida, todo mundo junto. Agora, quem capotar, capotou. [Gargalhamos]. Quando minha mãe fazia os docinhos, eu ia lá no campo vender: quinhentos réis. Sabe essas moedinhas de dez centavos hoje? Lá era quinhentos réis. Era réis ainda. Depois, mudou tanto. Você vê, eu passei por dinheiro de mil réis, cruzeiro, tudo. Conheci todas essas moedas. [...] A gente fazia em casa mesmo. Bolava do jeito da gente ali, a roda de madeira, tudo de madeira. Pegava um pedaço de tábua ali e começava tudo cortando com facão e fazendo. Loja de brinquedo até tinha, mas a gente não tinha conhecimento, não. A gente dificilmente ia na cidade. Ficava lá no meio do matagal. O brinquedo da gente que fazia o carrinho pra a gente brincar, fazia o formato de um carrinho de madeira, aí debulhava o milho da espiga, aquele sabugo, amarrava um barbante assim, fazia um carrinho de boi. Era o brinquedo da gente. Se chovia e a gente estava trabalhando na fazenda, tinha que trabalhar na chuva mesmo. Se fosse domingo, não tinha brincadeira: ficava em casa mesmo.

Fernando – Tinha alguma história sobre a Fazenda do Recanto, alguma lenda, ou então, quando falava da fazenda logo alguém contava alguma história...?

Nilce – Inclusive, a Fazenda do Recanto, onde eu morava lá, era uma fazenda que o pessoal procurava mais. Inclusive, o pessoal do colégio da cidade, tinha aquelas crianças, aquelas meninas adolescentes, internos do colégio, eles iam – igual a gente vai fazer excursão para Santos – eles iam fazer lá na fazenda. Passar o dia na fazenda. Tinha o pomar de laranja, aquelas coisas, eles iam visitar a fazenda. O próprio caminhão da fazenda ia buscar: ia de caminhão! Não era ônibus nem nada não. Ia lá no colégio buscar aquelas crianças, o infantil, pra poder ir visitar a fazenda. Passava o dia lá na fazenda. Inclusive, a minha irmã mais nova, que chamava Zilda, que é falecida hoje, ela era interna nesse colégio também. Ela passou de maior, foi criada lá porque a gente não tinha como cuidar dela direitinho. Internou ela lá. Todo o estudo que ela teve foi nesse colégio lá em Machado. Então, esse pessoal do colégio levava o pessoal pra poder passar às vezes uma vez por mês nessa fazenda lá. Ia passear lá. Eles arrumavam o caminhão pra ir buscar o pessoal lá no colégio. E eu ia junto! Só eu no meio da mulherada! Agora vai vendo. [...] [Ana está tentando fazer tererê no meu cabelo]. Tinha um pessoal que era lá de Araraquara, parente do pessoal da fazenda, que me via lá no meio da mulherada da escola: ‘Pôxa, esse neguinho aí parece um Carrapato!’. Aí, puseram o apelido em mim de Carrapato. [Gargalhamos]. E o apelido pegou. Hoje, eu chego lá, o pessoal

fala: 'Ó, o Carrapato chegou!'. [Ri]. O pessoal da fazenda lá conhece eu mais como Carrapato, que é meu apelido. Não tem nada a ver...

Fernando – A sua casa na fazenda era um pouco distante da colônia...

Nilce – É. A nossa casa era bem independente, era mais perto da fazenda. A colônia, hoje acho que não existe mais, mas eram umas onze casas, tudo junto assim, ó, tipo uma COHAB. [Brincam sobre o fato de no meu cabelo o tererê não parar]. [Nilce brinca que o almoço está quase pronto]. As casas da colônia eram todas de quatro cômodos. A nossa casa era a melhor e todo mundo gostaria de morar nela, viu? Era muita gente, por isso que era a minha família que morava lá. A nossa casa era a mais perto da fazenda desde o meu bisavô... O meu bisavô era quase da sua cor! Era um pouquinho mais escuro. Eu conheci ele já estava caducando. Chamava Joaquim Mulato. E eu tenho a imagem dele até hoje na minha memória. Você vê?! Eu era criança, ele já estava fazendo xixi na roupa. Estava caducando. Eu era criança, mas eu lembro.

Fernando – Quando você pensa na cidade, qual o primeiro lugar que você lembra?

Nilce – A Praça de São Benedito. É onde tem a festa tradicional até hoje, em agosto. O mês de agosto era todinho. Tinha festa assim – aqui, fala festa junina. E lá tinha congada, aquelas coisas de carnaval. Então, faz aqueles batuques igual carnaval aqui, tocando sanfona, batendo pandeiro na rua... Então, a festa tradicional o nome era congada. Terminava a safra de café – que a safra de café terminava em agosto – aí fazia a festa. Em homenagem a São Benedito. Depois, desmontava as barracas. Só as festas natalinas, ano novo... Mas a festa tradicional era a congada do mês de agosto. Mas era bonito. Iam pessoas daqui de São Paulo montar barraca lá para vender as coisas. Era tipo assim Praça da Sé, essas coisas. Eles faziam propaganda pelo rádio, distribuía os boletins tudo... Então, o pessoal já ficava se aprontando todo igual o pessoal aqui fica se aprontando para o carnaval.

Fernando – E a natureza? O céu, o mato, os pomares, o campo, a roça: que lembrança você tem disso?

Nilce – Quando eu trabalhava na roça era de calça curta, suspensório de pano. Eles me davam tarefa pra mim trabalhar na lavoura. Dava tarefa pra todo mundo. Aí me dava aqueles, media aquelas varas assim, eram sete palmos numa vara de madeira. Media aquele mato quadrado assim pra gente carpir. Mas era um mato que tinha marimbondo, tinha mosquito, tinha tudo! Você tinha que carpir até deixar na terra. Eu dava duas enxadadas e ficava olhando aquela terra assim, me dava um desânimo! Olhando aquele mato para frente e pensando: eu vou ter que roçar tudo isso aqui?! Eles marcavam com as estaquinhas assim, ó. E você tinha que limpar aquele quadro. Eu olhava, olhava, dava uma enxadadazinha assim... Os outros pegavam, limpavam tudo a área deles, saíam fora e eu ficava ali. Nossa! Quando aquele mais ruim ficava ali pra roçar aquele mato, eu não estava nem na metade ainda! O dia todo ali, o sol quente... Eu trabalhava, me dava vontade de chorar... De calça curta. E as pessoas lá, pá pá pá... Quando aquele mais ruim terminava o serviço, o sol já estava encobrindo de tarde, aí, eles liberavam eu para ir embora. Mas o meu ficava só na metade. É um castigo! Um cativo! Pra mim era um cativo comparando com as palavras que eles falam hoje. Porque eu não agüentava para trabalhar na roça. E tinha que trabalhar! Mas foi, foi, foi, foi, foi, até que me tiraram eu da roça. Foi na época que me puseram pra eu ajudar as faxineiras a encerrar a casa lá na fazenda, que tinha aquelas tabuonas assim... Com as paías de aço. Não, primeiro passava gasolina de

carro nas tábuas. Depois passava a paia de aço. Que eram as empregadas que faziam. Então, como eu era ruim pra trabalhar na roça, eles me puseram pra trabalhar dentro da fazenda pra ajudar as empregadas a fazer o serviço. Eu gostava. Eu chegava todo dia de manhã cedo – todo mundo que trabalhava na colônia colocava a enxada assim nas costas [apoiada no ombro] – pra pegar a ordem de serviço pra ir pra lavoura. Eu chegava lá, eles: ‘Ô Carrapato!’, lá do alpendre, ‘Ó, hoje você vai ficar na fazenda pra ajudar as meninas aí’. Eu: ‘Ô, que beleza!’, tirava eu da roça. Eu só alegria. Chegava lá, rapaz, pegava gasolina, passava todinha naquelas tabuona rústica. Depois, tinha que passar cera com escovão. Não tinha enceradeira, não. Era escovão pra dar o lustro. Pra mim era a maior alegria! Ficava o dia todo trabalhando com as muié! [Ri]. Nada de roça. A hora que terminava: ‘Ó, agora você vai ali ajudar a tratar dos porcos...’, ou a tratar do gado. Nossa! Pra mim era a maior alegria! Tudo aqueles chiqueirão de porco assim, aqueles tanques – que matava porco ali no fim de semana para vender – pra dar as coisas para nós, os colonos. Toda sexta-feira. Eu ia lá limpar o chiqueiro dos porcos, outra hora limpava aquele monte de... .. Onde ficava o gado. Juntar o esterco pra levar pra lavoura de café, que tinha os carros de boi. Aí, sim! Tirou eu da roça. Aí, de repente, me levaram eu pra trabalhar na casa deles na cidade, em Machado. Era rua Marechal Deodoro, onde tinha a casa dos ex-patrões. Eles levaram eu, que eles viram que eu tinha jeito pra trabalhar limpando a casa... Foi devagarzinho, foi de pouquinho em pouquinho. Eu ficava mais na cidade de que na roça. Ia só de fim de semana em casa. Fiquei trabalhando com eles lá na cidade. Nossa! Tinha um quarto lá pra eu dormir, tudo. Quando a empregada saía... Tinha um pessoal lá assim... .. Da alta sociedade deles lá, que ia jogar baralho de noite. Eles liberavam as empregadas pra ir passear: eu que fazia o cafezinho pra eles que estavam jogando o baralho à noite. Eu gostava. Quando as empregadas saíam, quando davam folga para as empregadas: ‘Ah, o Carrapato fica aí, o Carrapato toma conta’. [Ri]. Eu ficava lá servindo cafezinho e tal. Ficava lá, eles me davam caixinha. Você tem que ver! Nossa! Eu fui criado junto com os filhos do fazendeiro. As empregadas saíam, eu lá dar volta no jardim – conforme eu falei pra você na outra entrevista – com a filha dele. Hoje já é casada, tem filho tudo. Já estão até acabadinhas, viu? Gozado. O pessoal lá parece que envelhece mais rápido. Do interior. Nossa! Envelhece rapidinho. Não sei por que, meu. Eu vim pra cá com dezessete anos. Fui fazer dezoito anos aqui. Vim pra cá em 1960. Vim fazer dezoito anos aqui. E gosto muito daqui, viu? Aqui me deu tudo que eu gostaria de ter na vida até agora, até este momento. E estou feliz. Graças a Deus!

Fernando – E a criançada. Teve alguma que cresceu com você e que era muito chegada?

Nilce – Geralmente, no interior as crianças eram todas meus amigos. E as crianças até hoje... Quando eu vou daqui pra lá – quando eu vim pra aqui, de seis em seis meses eu ia lá visitar – então, quando eu chegava lá, as criançadas, nossa! Todo dia: ‘Ah, o Carrapato chegou!’. Eles conheciam eu como ‘Carrapato’ também. As criançinhas iam tudo me visitar. [...] Chamava Sebastião Elias, já falecido também. Faleceu aqui. Trabalhou na USP também. Eu que trouxe ele pra aqui. Cresceu comigo na roça. Na USP, ele entrou primeiro que eu. Eu nem sabia. Morava lá no Jardim Tropical, aonde nós vamos a hora que tiver um tempinho. Vou mostrar o local que ele morava. É aqui no Rio Pequeno. Deixou mulher e filho. Teve uns problemas aí. Acho que foi quase um câncer. E tomava uns aperitivos também. Ele trabalhava lá na parte de ferragens. Aposentou, logo morreu... Inclusive, um tio meu

casou com uma irmã dele. Já é falecido também. Você vê como são as coisas? [...] Eu chamava ele de Tiãozinho. Através da criação de família que a gente vivia mais junto. Inclusive, a irmã dele casou com meu tio. Que era muito apegado uma família com a outra. Todos. A gente era muito pegado. [Começamos a brincar sobre o cheiro da carne].

Fernando – A comida e a bebida na época da fazenda, alguma especial?

Nilce – Pra mim era arroz, feijão e a verdura que tivesse. Carne eu não importava que tivesse. Tinha criação de porco, criação de galinha. Quando queria carne, pegava um frango e estava tudo certo. Pra mim, isso era indiferente. Se tivesse o arroz e o feijão e o angu... [Ri]. O angu é feito de fubá. E não faltava na mesa, não. Você vê, quando eu era criança, nem era no prato. Às vezes, minha mãe, quando ia na cidade, comprava umas latinhas de marmelada assim, aí, cortava bem aquela latinha com abridor de lata depois batia tudo. Colocava a comida da gente ali. Prato, quando comprava prato, não aquele prato de louça, não. Era aquela louça agati*. Conhece louça agati? Aquele que quando cai, às vezes descasca assim: a gente fala louça agati. Então, o prato que a gente mais usava lá era aquele. Ou então latinha de marmelada. E a gente se sentia feliz! Nossa! A gente pegava o garfo ali e comia com aquele prazer! Já estava acostumado: arroz, feijão e uma verdura. Ou couve... Esse negócio de verdura, a gente não comprava nada, não. Plantava tudo na horta. E eu mesmo plantava. Colhia ali na hora: alface, couve, repolho... Eu mesmo fazia o plantio. A gente tinha um espaço lá na horta, a água passava direto lá. A água não era encanada, nem nada não: vinha da natureza mesmo, da nascente. Isso aí, nossa! E a gente se dava tão bem. Remédio de farmácia? Nada. Era só remédio de horta. Plantava marcela, era losna, era hortelã, hortelã-roxo, poejo: plantava tudo. Dava dor de barriga, rapidinho ia lá, fazia aquele chazinho e resolvia. Tudo era chá quando dava alguma coisa assim na gente: gripe, dor de barriga. Chegava lá, tomava aquele remédio e passava. Dificilmente ia em farmácia. Curava tudo assim com remédio caseiro plantado ali. Já sabia o remédio que tinha que tomar: sempre tinha uma planta diferente. Plantava aquele limãozinho galego ali, fazia aquele chá e tomava. E era tiro e queda! Isso aí eu sinto saudade, sim. Hoje, se eu pudesse, eu compraria um terreninho aí. Mas acho que não vale a pena comprar mais nada hoje, não. Eu gostaria de ter um pedacinho e terra pra eu fazer esse plantio. Pra recordar do passado. Mas eu acho que ainda vale a pena ainda, viu?! Não precisa ser coisa grande. Um lotezinho da largura desse aqui assim... Amanhã ou depois, se não servir pra mim, eu posso deixar para um neto. Eu tenho os netos pra usufruir. Posso comprar pra mim e deixar no nome de um neto. Você sabe que ninguém de nós nasceu pra semente. Então, não tem que pensar: ‘Ah, vou morrer amanhã, então não vou comprar mais nada, não’. A gente não pode pensar assim, não é verdade? Tem que pensar que eu vou viver mais! Você vê, a turma fala: ‘Pô, você está com esta idade, cadê o cabelo branco?!’. Cabelo branco não é velhice. Cada um tem a sua natureza. Meu irmão mais novo morreu com o cabelo tudo branco, quase. Estou com sessenta e quatro anos e quase não tenho cabelo branco..

Fernando – Imagina se bebesse só leite... [Gargalhamos].

Nilce – A partir de hoje eu posso beber só leite. Depois de um elogio desse. [Gargalhamos]. Óia. Eu tenho uma recordação também – que eu esqueci de falar para você. O fazendeiro que hoje já é falecido, quando eu tinha sete anos de idade, quando terminou a safra de café, ele cumpriu uma promessa de levar a gente até Aparecida do Norte: pegar os colonos e levar quem quisesse ir. Ele pagou todas as

diárias: ele se chamava José Tales Magalhães. Ele fez a promessa e cumpriu. A gente viajou em Maria Fumaça: o vagão era tudo de madeira. Ia tic-tach tic-tach tic-tach tic-tach tic-tach... [Ri]. Chegava numa serra pra chegar em Aparecida, já tinha outra máquina lá no alto da serra pra puxar o outro, que ele não agüentava subir a serra. Então, chegava lá, eles já tinham um engate – não sei como eles engatavam um no outro lá, que já estava no pé da serra – e tinha um pessoal preparado pra engatar. Um estava subindo a serra, o outro estava descendo, porque um estava puxando o outro. Ele fez essa promessa e cumpriu com a gente. Fui com a minha mãe pra Aparecida. Foi uma viagem maravilhosa! Eu tinha sete anos. Dormimos lá até no outro dia. O trem, rapaz, soltava aquelas faíscas de fogo assim. Tinha que fechar a janela de vidro porque senão o fogo caía assim e te queimava. [Ri]. Porque ele era tocado a água, lenha e óleo... ... Depois, então, o fazendeiro levou, pagou tudo a diária da gente... Ele foi muito bom pra gente. Eu falei que o serviço da gente era tipo um cativo, mas na roça, na época, era assim mesmo. Não é que a gente era forçado, não. A gente tinha que fazer aquilo, era aquilo mesmo e pronto. Quem agüentasse, tudo bem. Quem não agüentasse... ... Às vezes, o pessoal enjoava de ficar numa fazenda, mudava pra outra. O transporte – quando ia fazer mudança – era o carro de boi, de uma fazenda para a outra. ‘Ô, a fazenda tal está precisando de um colono...’. E ia lá o carro de boi com dez bois pra puxar um carro pra poder fazer uma mudança. Às vezes, ia até duas, três viagens pra fazer a mudança, pra levar de uma fazenda pra outra, pra trabalhar na roça.

Fernando – E carnaval, tinha?

Nilce – Ah, tinha. Enfeitava a cidade. E era divertido como é aqui. Colocava fantasia, tudo. A brincadeira lá era igual a daqui. Tudo bem, só que era uma brincadeira mais sadia, que aqui é muita baderna. O pessoal mais baderna do que brinca. E tem que saber o local que você vai porque senão... Lá não, lá era uma brincadeira de carnaval, mas se tornava uma festa familiar. E todo mundo conhecia todo mundo e fazia as fantasias direitinho. Mas era legal, viu? Ainda tem até hoje. Tinha e ainda existe. Eu gostava mais da festa de São Benedito. Enfeitava a cidade, tinha procissão de uma paróquia pra outra, e o pessoal era muito católico e tinha muita união... Agora hoje está assim... Tem todos os tipos de igreja lá também, essas igrejas é tudo mundial. Todos os lugares têm católico, evangélico... Graças a Deus que tem isso aí, que é pra poder tirar bastante pessoas de certas coisas erradas. Ainda bem que tem. Uma igreja sozinha não ia dar conta, não. Por isso que tem bastante divisão de igreja, e tudo um ajuda o outro, porque todos que vão à igreja sempre estão praticando coisas boas.

Fernando – O pessoal fala que cada santo protege alguém ou faz alguma coisa: Santo Antônio é o casamenteiro... E São Benedito?

Nilce – É o protetor dos negros. [Ri]. Mas tem dele branco e tem dele preto. As pessoas que fazem lá... Mas lá na minha cidade não tinha racismo, não. Eu sei desde criança que São Benedito era o protetor dos negros. Quem me ensinou foi minha mãe. Não tem explicação assim... Mas a gente cresceu já com aquela coisa na mente. Que a gente tinha que acompanhar. Tudo bem, cada um é cada um, faz o que quer, mas sabe que é isso, que é o protetor dos negros. Você vê, todos os santos têm de toda cor. Quem faz o santo pinta da cor que quer. A imagem do que ia na procissão era negro. Eu acredito em todas as coisas boas. Não tem separação, não. Pra mim, se eu pedir a benção de um, eu peço de todos. Pra guiar meus passos. Não tenho separação assim de imagens... Às vezes, eu estou aqui, eu ligo assim nas

coisas evangélicas, eu gosto de assistir assim o hino evangélico. Gosto e respeito todos.

Fernando – Vamos prosear mais um pouco. Sobre o trabalho dos seus pais. Seu pai trabalhava em uma fábrica de garrafa e fazia as serenatas dele. E sua mãe?

Nilce – Minha mãe, coitada, só trabalhou! Depois que meu pai abandonou ela, ela teve que apelar. Meu avô foi lá em Poços de Caldas e viu a gente lá naquele barraquinho, na favela, na quissaca – na linguagem da gente lá – não tinha luz, não tinha nada, umas pedreiras, a porta era de tramela, e a turma acreditava em lobisomem. [Ri]... [Ana pede o número de meu telefone celular]. Mas então. Minha mãe chegou a trabalhar na roça, em lavoura de mandioca, depois costurava naquela maquininha de mão, como eu falei pra você na outra entrevista, a gente lembra direitinho ela fazendo vestido de noiva, tudo, e sem ter leitura nenhuma! Tudo isso de memória. Olha, eu acho que foi um dom de Deus mesmo. Deus dá aquele dom e tudo ajuda. Trabalhava na roça e costurava. Tudo ao mesmo tempo. Lavava roupa pra fora também, fazia de tudo pra poder dar o sustento pra gente. E a gente vendo aquilo, eu pensava: ‘Meu Deus do céu! Um dia, se Deus quiser, eu vou poder dar uma recompensa pra ela’. E Deus me deu a força e eu consegui. Trouxe ela pra aqui e... .. Nossa! A gente passou uns momentos!... .. Moramos em barraco, moramos na favela aqui no Jardim Tropical, onde eu te falei. De lá, trouxemos o barraco, instalei o barraco aqui no fundo. Moramos bastante tempo no barraco de madeira aqui. Depois, fui trazendo meus irmãos casados que estavam lá. Morou tudo aqui! [Silêncio.]

Fernando – Depois que você voltou pra fazenda, você nunca mais encontrou seu pai?

Nilce – Ah, sim! Depois que ele separou da minha mãe, que a gente estava na Fazenda do Recanto, sempre ele ia lá. Chegava lá e... Era tudo molecada, dava um dinheirinho pra comprar umas balas e mandava comprar uma garrafa de pinga pra ele. Ele colocava na mesa assim, e ia tomando, tomando até... Secar. Tomava uma garrafa de pinga todinha, igual a gente toma cerveja. Mas eu não puxei pra ele, não. [Ri]. Eu tomo uma só de leve. [...] Quando ele ia lá em casa, minha mãe hospedava ele como se fosse uma pessoa estranha. Punha o colchão dele lá na sala pra ele dormir lá na sala e ela dormia no quarto onde a gente dormia também. Ele tentou, ele queria voltar. Meus tios não aceitaram. Minha mãe também não quis. A gente hospedava ele lá, meus tios hospedavam ele, mas depois que ele viu que a gente estava crescendo, que a gente já ia todo mundo servir pra fazer alguma coisa... Não, pela gente, não. Se fosse o caso que minha mãe aceitasse, meus tios, pra gente é de menos. Você sabe: pai é pai e mãe é mãe. Meus tios acharam que ele queria usar o serviço da gente. A gente não tinha esse raciocínio. [...] Carinhoso era. De brincar, não muito. Mas ele também não atrapalhava. Ele é que vinha. Quando a gente menos esperava, ele chegava lá. A gente se via pouco: só quando ele ia mesmo. A gente nem... Nem... .. Deus que me perdoe! A gente nem sentia falta. Ainda era. Depois de uns tempos é que eu fiquei sabendo que ele tinha falecido. Fui mexer em uns documentos da minha mãe, precisei mexer nos documentos dele. Aí, foi ver, tive que pegar o atestado de óbito dele. Está vendo que situação!? Ele teve – nós éramos cinco, com a minha mãe – ele teve mais cinco com a outra mulher dele. Eu tenho irmão lá em Poços de Caldas que eu não conheço. Eu já fui na casa de um lá, mas faz muitos anos. Agora não sei mais nem a fisionomia da pessoa. Tudo moreninho, que a outra esposa que ele arrumou era clara. A outra faleceu antes da

minha mãe, a que ele convivia com ela. É um drama doloroso. Você vê, o caso dessa minha filha nova desse jeito aí, o cara fez essas trapalhadas. Agora está tentando se reconciliar. Então, a gente... Vamos ver. Eu conversei com ele por telefone, depois vou conversar pessoalmente pra ver que atitude a gente pode tomar, porque o que ele fez, ele não deveria ter feito... Mas ninguém é perfeito, então a gente perdoa... ... Que você vê: Jesus Cristo foi tão traído e ele perdoou tudo. A comparação: a pessoa traiu ele, fez tanta crueldade e ele perdoou ainda. Morreu na cruz por nós...

Fernando – Contavam alguma história sobre a família de antes de você nascer?

Nilce – Não, não, não. Inclusive eu tenho o nome dos meus bisavós, dos meus avós, tudo, eu sei o nome, mas história assim não. Então, meu bisavô era claro. Meu avô já era um pouquinho mais... ... Moreno. Depois foi escurecendo tudo. [Gargalha]. Meu bisavô, quando conheci, já não falava coisa com coisa. Meu avô gostava de tocar sanfoninha de oito baixos. Ele começava a tocar a sanfoninha de oito baixos, mas não tocava nada, não; só o ronco. [Ri]. De repente, ele estava tocando assim, e cochilava. [Gargalha]. E a gente neto, ali em volta dele, ele tocando sanfoninha e dormindo. [Nilce mal consegue falar de tanto que ri]. [Gargalhamos]. Mas não sabia tocar nada! Chegou um tempo que aí rasgou o fole. Aí, eu gostava também quando ele não estava lá perto, pegava e enfiava um pedaço de cobertor assim no fole ali, e aí eu também começava a tocar... Não saía nada também; parecia um monte de sapo roncando no brejo. [Gargalhamos o tempo todo]. O maior barato! Eu tenho essas recordações...

Fernando – Elza foi a sua primeira namorada firme?

Nilce – Foi. As outras eu namorei assim... Passa-tempo. Nada firme. Inclusive, teve uma que eu namorei depois... Antes da Elza. Já está falecida.

Fernando – Você se lembra do dia do casamento? Como foi?

Nilce – Foi ótimo. Foram duas festas: uma lá, outra aqui. Uma de forró, outra de música jovem. Veio muita gente. Nossa! Encheu lá e encheu aqui também. Eu ia um pouco lá, um pouco cá. E eu alegre para caramba. [Ri]. Casei em 1971, com vinte e nove anos... [...] É que eu era muito apegado com a minha mãe. Eu tinha muita preocupação com ela... Por causa dos momentos que ela passou. Então, eu nem tinha vontade de casar, mas de repente deu o estalo.

Fernando – Você se lembra de como foi a chegada das filhas? Como foi virar pai?

Nilce – Olha, eu casei num ano, no outro já nasceu a primeira. Mais carinho. Mais apegado ainda. Com a esposa e a alegria da criança. Ela nasceu quase que sem peso: teve que ir para a estufa. Nasceu no tempo certo, com saúde, tudo, mas... Nossa! Precisou ficar uns tempos na estufa. Ela nasceu no Hospital São João Batista. A Renata até hoje ainda é a mais rígida. Aqui na frente da minha casa, onde tem aquela lajinha ali, tinha uma árvore, perto do portão lá em cima. O que ela fazia? Ela fazia tanta arte... Um dia ela sumiu de casa. Sumiu. Saí procurando por aí, a Elza saiu procurando... Onde será que ela está? Onde será que ela está? Onde será que ela está? Estava em cima da árvore. E todo mundo procurando na rua. A árvore era bem fechada assim, ela subiu e ficou lá. [Ri]. E a gente procurando. A Ana era muito chorona. Para ir pra escola... Ela já era grandona já, a mãe precisava pegar ela e por no braço. E pra comer tinha que ir assim pela rua dando comida na boca. A Ana é de primeiro de janeiro de 1980. A Angélica, óia, eu não cheguei ver, mas... ... A Angélica ainda era solteira ainda, e vieram falar para mim – essas ruas aqui eram

todas de terra, mas já subia ônibus aqui – ela tentou suicídio. Falaram pra mim, na época. Ela tentou se jogar na frente do ônibus, e o ônibus segurou. Eu nunca tirei esse parecer com ela. Mesmo depois do acontecimento... Eu fiquei chocado. Poxa! O que eu fiz pra poder fazer uma coisa dessa aí?! Isso aí eu fiquei chocado. A gente não conversou sobre isso. Nem na época, nem depois. Mas eu fiquei com isso na memória. Ela era adolescente ainda, chegando nos seus dezoito, vinte anos. Mas eu fiquei com isso gravado em todos os momentos. A gente não esquece: e se tivesse acontecido?! E naquele tempo, essa pista aqui subia e descia. Não tinha asfalto, não tinha nada. Era um perigo do caramba. A pessoa não falou se o ônibus estava descendo ou se estava subindo, e eu não quis nem ir a fundo assim. Quem contou foi um vizinho aí, pessoa de confiança. E não tinha motivo. Sei lá, foi alguma coisa que passou na cabeça dela naquele momento. Como muitos fazem, volta e meia aí, a gente fica sabendo: um se jogou no rio, o outro se enforcou... É um negócio meio esquisito. Fica marcado isso pra gente. Eu não esqueço também, não. Nunca citei nada, mas tenho tudo guardado na minha memória.

Fernando – Você se lembra da primeira vez que ouviu falar sobre Deus?

Nilce – Não só sobre guardar o que uma pessoa me falou, mas sobre religião, que a gente teria que ir foi quando eu comecei a ir na escola... Que não entrou nada da escola na minha memória, mas o próprio professor levava a gente em uma missa. Mas, antes disso, minha mãe já ensinava religião, apesar que ela não tinha leitura também. Mas ela ensinava. Ela ensinava a gente a ter a devoção com Nossa Senhora Aparecida, pra ir na igreja, como fazer o nome do pai. Nem o nome do pai não sabia fazer. Ensinava a gente, tudo... Era muito devota também. Não tinha escolaridade, mas tinha a mente assim... A devoção. [...] Minha mãe morreu em 1982. Morava aqui e ajudou muito a gente. Nossa! Graças a Deus! A Angélica e a Renata conheceram, que ela ajudou a cuidar. A Ana não, que era muito criancinha.

Fernando – Você falou que teve uns namoros “passa-tempo” antes de casar. Algum desses namoros foi marcante?

Nilce – Óia, como foi passa-tempo, não foi marcante. Agora, essa segunda eu sentia um pouco de paixão, sim, por ela. Essa que é falecida. Chamava Maria. Maria Aparecida. Não deu certo porque eu gostava dela, mas eu percebia que ela não gostava muito de mim, não. Fui ficando assim... ‘Tudo bem, deixa para lá’. Inclusive, quando eu ia numa festinha onde ela estava, ela se jogava mais no braço de outro. Quando tinha uma festa assim, parecia que ela tinha outro parceiro. Como eu não gostava de confusão, preferi deixar pra lá. Saí fora. E acabou que ela casou com um bandido. Morava lá em Itaquera, morreu, tudo... Deixou filho... ..

Fernando – Sobre aquele seu primeiro emprego, o que mais te marcou?

Nilce – Olha, aquele emprego não marcou nada. Gostava tudo, mas para mim foi mais um passa-tempo. Era uma coisa que eu via que não tinha futuro. Era uma fábrica que ele pegava funcionário, mas não registrava. Um japonês. E geralmente pegava só de menor. Eu já era de maior, trabaiei lá, vi que não tinha futuro e saí. Legalmente. Era bom, tudo. Tinha como aprender mais coisa lá, montava vassoura piaçava, montava esses escovão de lava roupa de piaçava também. O serviço até que era bom. Um servicinho desses de montar prendedor que dava até sono. Às vezes, você estava trabalhando, o sol estava quente, você fffssss... Cochilava. [Ri]. A gente, cada um, tinha a sua maquininha manual e o lote pra trabalhar.

Fernando – Como foi vir para São Paulo? Você achava que aqui ia ser melhor... Você teve medo?

Nilce – Eu vim sem medo. Vim numa aventura. Não foi difícil, não. Eu falei pra meus patrões que eu vinha morar aqui, eles: ‘Para que?!’. Eu disse: ‘A vida lá em São Paulo, eu quero ver como é que é’. Eu achava que ia chegar, começar logo a trabalhar pra ajudar minha mãe lá. O que eu estava ganhando lá não estava dando pra eu ajudar minha mãe. Então, eu vim pra ver se tinha alguma melhora. Demorou um pouquinho... Mas chegou! Depois de seis meses que eu estava aqui, eu fui lá passear, levei corte de roupa para minha mãe, para os meus irmãos fazerem camisa, fazer vestido para a minha mãe. Eu fui o primeiro irmão que veio pra cá. Cheguei lá, as crianças que eram tudo mais nova do que eu foram lá tudo me visitar, eu falei: ‘Depois de amanhã, eu tenho que voltar’. Juntei um dinheirinho e uns cortes de roupa pra ela... Nossa! Como ficaram! Fiquei mais seis meses e voltei com mais coisa ainda. Já tinha um empregozinho melhor, no restaurante aqui na avenida Jaguaré. Ela dizia que estava tudo bem, que ficava contente de eu estar feliz, e eu dizia que ia trazer ela pra cá. Depois de três anos que eu estava aqui, eu trouxe ela pra cá. A gente foi morar aí na favelinha no Jardim Tropical. Foi a maior alegria! Você acredita que eu arrumei um caminhão – nesse tempo eu trabalhava na firma incentivadora, na fábrica de veneno – eles arrumaram um caminhão pra ir buscar minhas coisas lá em casa, lá em Minas e não cobrou nada? Eu tive todas essas regalias nas firmas que eu trabalhei. De bom, de coisas boas. As firmas que eu trabalhei não posso dizer que foi coisa ruim pra mim, que não foi. Cada uma me ajudou de um jeito. Minha mãe veio de caminhão, chegou aí naquele barraquinho de madeira tão assim... Pacato. Sair de uma casa de sete cômodos pra morar em dois cômodos, de terra ainda... A situação lá pra ela já estava difícil, já. Situação financeira. Devagarzinho eu fui levantando aqui. Quando o pessoal precisou do terreno lá, a gente arrancou o barraco e mudou pra aqui...

Fernando – Você tem foto dela?

Nilce – Tenho. Tenho a carteira profissional. Outra foto, não. Só a da carteira.

[Outro dia.]

Fernando – A gente pode conversar sobre as coisas que já conversou e eu preciso te perguntar outras coisas sobre isso. Ou, então, te perguntar sobre o que a gente não conversou nada. O que você prefere?

Nilce – Sobre o que a gente não conversou nada.

Fernando – Você conhecia a USP antes de trabalhar lá?

Nilce – Conhecia. Inclusive, quando eu trabalhava em Pinheiros, que eu trabalhei num depósito de bebida, a minha caminhada era ali por dentro. Ali na Rua do Matão, onde tem aquele parque ali, não tinha saída, não. Era matagal, tinha que passar por uma cerquinha de arame... Eu ia de bicicleta. Chegava lá, tinha que passar por ali. Esse serviço foi na década de... .. Sessenta e quatro. Que eu saí de outro serviço pra essa lá. Antes do depósito, eu estava no restaurante que eu citei pra você, na avenida Jaguaré. Aí, eu fui trabalhar lá, e lá eu trabalhei uns quatro anos. Era engarrafamento de pinga. Todo tipo de bebida: é pinga, refrigerante... E lá era engarrafamento mesmo. O caminhão que transportava pinga vinha lá de Limeira. Os tonéis de pinga lá eram subterrâneos: eles carregavam lá igual posto de gasolina. Depois, tinha um maquinaal quando eles iam preparar a pinga que tinha que batizar

ela – eles falam ‘batizar’ – colocar as químicas lá pra aumentar ela. Era pinga e água, que ela vinha pura de lá. Quando chegava lá, eles colocavam no tonel subterrâneo. Aí, depois tinham os maquinários que puxavam pra jogar no tonel de madeira que ficava assim pra cima. E dali que saía para o engarrafamento. Eu lavava vasilhame pra engarrafar... [Chega um dos pedreiros que está reformando a cozinha da casa de Nilce]. Tinha que lavar os vasilhames, tudo, mas era tudo no maquinário. Às vezes, tinha umas sujeiras dentro, rolha, uns negócios pra gente tirar. Colocava no maquinário e lavava assim. A gente ficava olhando pra ver se não tinha alguma sujeirinha pra não engarrafar... A pinga, inclusive, pra engarrafar era muito limpa pra engarrafar, viu? Tinha que passar revisão. Passava na minha mão, passava em outros também pra poder ver se não tinha nenhuma sujeirinha. Aí, tinha aquela máquina assim de esteira, ia passando assim e a gente batendo rolha. Ela enchia e a gente colocava a rolha. E outro ia colocando o selo e colocando nas caixas pra armazenar. Chamava ‘Quatro Pipas’. Era na rua Paes Leme. Era o último prédio, paralela com a marginal. Em frente, tinha a estaçãozinha de trem, que a marginal ainda estava em projeto ainda pra sair de Santo Amaro. Estava em construção a marginal. [...] Eu fui pra esse emprego por causa do melhor salário. Ganhava mais. O serviço era braçal, era pesado, mas ganhava mais. Eu era jovem, pra mim não importava, não... [Começa o barulhão na cozinha]. Os patrões também eram muito legais com a gente. Os primeiros materiais pra fazer aqui minha casa foram os patrões de lá que me deram. A parte da laje aqui embaixo... Mandou um caminhão trazer aqui por causa do meu comportamento no serviço lá. Também, quando precisava de mim pra trabalhar, não tinha dia, não tinha hora... Ele me deu um caminhão de areia, me deu vinte sacos de cimento, dez sacos de cal, pra eu fazer o quarto-cozinha. Eu estava pra casar. Já são falecidos, mas todo esse pessoal me ajudou. Óia, eu gostava de tudo. Tanto eu trabalhava no engarrafamento como se precisasse de ajudante pra sair na rua – pra fazer entrega – eu ia. Pra onde eles mandavam, eu estava indo.

Fernando – O que aconteceu que você acabou saindo de lá?

Nilce – O sentido também foi pra melhor salário. Eu fui lá pra a rua Boa Vista. Entrei lá de faxineiro, lavar as escadarias do prédio, lavar os andares. Com três meses que eu estava lá, o zelador me perguntou se eu não queria experimentar trabalhar no elevador. ‘Ah, mas ... No elevador?! Não vai diminuir o salário’. ‘Não. Pelo contrário. Seu salário vai aumentar e você vai trabalhar meio período’. Eu entrava às sete da manhã e ficava até às quatro da tarde. Eu pensei: ‘Vou trabalhar meio período, então o salário vai cair, né?!’. Pelo contrário: eu trabalhava meio período e o salário aumentou. [Ri]. De terno, gravata, sapato engraxado, ficava só esperando o pessoal do elevador. Que eu estava na faxina. Então, o que eu fazia: como eu ia trabalhar meio período no elevador, entrava às sete horas da manhã e saía às sete da noite... Eu ia de manhã, levava lanche pra vender lá no prédio – que é prédio comercial – vendia lanche lá de manhã antes de começar a trabalhar, trabalhava meio período na faxina e completava o outro período no elevador. Ganhava dois salários: o do elevador e o da faxina. Mas a gente tinha que ter força de vontade. [Chega outro pedreiro para trabalhar na reforma]. Eu agüentava essa jornada de trabalho. Ao invés de eu chegar lá à uma hora, chegava às sete. Trabalhava até meio-dia na faxina, na limpeza do prédio, e depois à uma hora entrava pra trabalhar no elevador até às sete horas da noite. Fiquei os treze anos nos dois serviços. E gostava. Gostava, viu?! Quando eu saí, eu queria que eles me mandassem embora, eles disseram: ‘Não tem motivo pra te mandar embora. Como é

que a gente vai te mandar embora se você não deu motivo’. Chamava Predial Rugiero, fica na rua Benjamin Constant, número setenta e sete. Fizemos um acordo: eu aceitei, eles também. Quando saí, me deram carta de referência: ‘Ó, se não der certo pra onde você for trabalhar, volta que a gente arruma qualquer coisa pra você aqui’. Graças a Deus, eu não precisei voltar lá a não ser pra pegar a papelada pra minha aposentadoria, que foi em 2001. O prédio ainda existe.

Fernando – Você imaginava trabalhar na USP?

Nilce – Eu sempre imaginava. Tinha vontade. Já tinha parente que trabalhava lá, mas nunca ninguém deu uma ficha pra eu ir lá, pra poder dar uma forcinha. Não foi parente que me ajudou a entrar lá. Foi pessoa de fora. E já tinha parente que trabalhava há anos. A gente foi criado junto lá no sul de Minas, eles trabalhavam lá, mas quando via que estava precisando de funcionário pra trabalhar nunca me falaram nada. Quando eu saí lá do prédio que eu trabalhei na rua Boa Vista, saí dia quinze de novembro de 1987. Fiquei três meses tentando vender as coxinhas. ‘Ah, isso aqui vai dar pra eu me virar’. De repente, os troquinhos que eu peguei lá acabou tudo. Eu vendia fiado. A turma não me pagava. Fui só desembolsando. E o dinheiro acabando. Fui ficando cada vez mais caído. Falei: ‘E agora?!’. Eu já estava casado. Quando eu entrei lá na USP pra fazer a entrevista, eu fui lá no departamento pessoal – igual eu falei pra você na entrevista passada – falaram: ‘Ó, tem três vagas...’. Eu escolhi uma das piores. [Ri]. A moça falou: ‘Espera aí. Você trabalhava de ascensorista, de terno e gravata, você vai escolher pra trabalhar na limpeza, no sol e na chuva?!’. Falei: ‘Não, eu já trabalhei de lavrador. Acho que vai ser melhor pra mim’. Nisso, eu estava trabalhando de faxineiro num prédio na Artur Ramos que um colega arrumou pra mim, paralela com a Cidade Jardim. Estava com onze dias lá, não tinha nem fichado a carteira ainda. Arrumei lá na USP, cheguei, pedi pra sair. Dia três de março de 1988. Eu sempre imaginava que era bom trabalhar na USP. Era o tipo de serviço que eu gostaria de fazer. E gosto. Até hoje eu ainda gosto. Todo dia de manhã cedo – pra eu não perder o ritmo – vou lá no bar tomar um cafezinho lá, pego uma vassoura e varro a frente dos bares aqui atrás. Tem três bares. Quando eu não vou, eles logo perguntam: ‘Ué, o que aconteceu que até agora o Coxinha não apareceu?!’. Eles ficam preocupados. [Ri]. Todo dia de manhã eu estou lá, sete horas em ponto. E quando eu não apareço eles ficam preocupados. Já teve vez de virem aqui em casa perguntar o que estava acontecendo. Chego lá, já pego a vassoura lá, já varro em frente do bar lá, tomo um cafezinho... Ou então, uma “caracu”, que é pra ficar forte! [Ri]. [Mudamos de lugar na casa por conta do barulho da reforma. Ficamos em frente ao ‘puxadinho’ da Renata]. Ah, eu tinha vontade de trabalhar lá de toda maneira! Pra mim, não importava o serviço que fosse. De preferência, a limpeza. Sempre dava preferência pra trabalhar na limpeza. Logo no primeiro dia, eu já me senti muito bem. Lógico, eu não tinha a prática do serviço... Não tinha a prática, mas tinha o conhecimento do serviço. Então, o encarregado, quando ele viu eu trabalhando do jeito que eu trabalhava, ele percebeu que eu já trabalhava naquele ramo antes. Mas o meu conhecimento no serviço – que eu trabalhava na lavoura de café, diferente – o serviço era mais grosseiro. Aqui não. Cheguei aqui era limpar beira de guia, cortar aquelas gramas da beira de guia, varrer: aquilo pra mim não tinha segredo. Pegava aquelas vassouronas lá e tudo bem. Pra mim, parece que eu já estava preparado pra trabalhar naquele movimento. Até o encarregado se admirou, falou: ‘Puxa! ...’. Era o Moisés. Quando eu entrei, o Moisés já estava lá. Fui trabalhar com ele. Pra mim, eu achei ótimo o primeiro dia de trabalho. Eles gostaram do meu ritmo de trabalhar, tudo, não escorava serviço,

mandava fazer as coisas, eu ia. Foi tudo bem. Nós trabalhava em grupo na avenida. Não tem aquela avenida que sai da Praça do Cavalo? A professor Luciano Gualberto. A gente conservava aquela avenida, eu e um outro camarad... eu e um outro colega. A gente ia varrendo uma pista atééééé chegar na Cultura Japonesa. Ia de um lado da guia, depois voltava. Todo dia a mesma avenida. Era pra conservar a limpeza daquela avenida. Em dois. O Moisés rodava o campo todinho pra ver a turma, que em cada avenida trabalhava um grupo de pessoas. Uns trabalhavam lá na avenida beirando a raia, outros na Lineu Prestes, outros na rua do Matão. Tudo de dois em dois. Meu companheiro era o Carlito. Hoje ele mora lá em Pirapora. Comecei a trabalhar com ele. Trabalhamos tanto tempo junto... Só que ele... Me sugava muito. Era um cara mais veterano de trabalho lá, e eu como era mais novo, ele saía fora e eu ficava lá trabalhando. Como eu estava novo... Nossa! Porque de vez em quando o Moisés passava de caminhonete pra ver como é que estava, pra ver se a pessoa estava no setor – aí meu colega não estava, eu falava: ‘Foi no banheiro’. ‘Mas espera aí! Toda vez que eu passo aqui você fala que seu colega foi no banheiro?’. Eu dizia: ‘Não sei. Eu estou aqui’. [Gargalhmos]. Aí pronto: ‘Eu não sei de nada. O meu eu estou fazendo’. Ele que é o encarregado, ele que vá procurar o cara. Eu vou entregar o cara? Eu sabia que ele não tinha ido ao banheiro. Às vezes, ele ia lá pra Pinheiros. Cara que é meio espertão. A turma tinha receio dele que ele era meio tranqueira. Até Moisés mesmo era meio inseguro... Mas tudo bem. Mas eu nunca falei: ‘Ó, o cara saiu fora aí’. Eu falava: ‘Ó, foi pegar um negócio...’. Ou então: ‘Ó, foi ao banheiro...’. O cara ia fazer as correrias dele. Mas eu não entregava o cara, não. Mas logo no meu primeiro dia de trabalho eu já me sentia muito feliz. Sem problema e já pegando os macetes do serviço. Cada dia melhorou mais. Nossa! Você vê, depois que eu passei uns anos lá, depois de uns cinco anos, aí me chamaram pra eu trabalhar de ajudante no caminhão, direto. Eu fiquei trabalhando na caminhonete com o César. Trabalhei dez anos, só na caminhonete, até o fim da jornada. Me adaptei bem também. Tanto que... Quando eu estava pra aposentar, ‘Puxa vida...’, o César, meu colega: ‘E agora? Como é que eu vou arrumar um outro ajudante igual a você pra trabalhar?’. A gente já tinha se adaptado bem, nosso ritmo de trabalho, nem precisava de encarregado ficar coordenando o serviço pra gente que a gente sabia tudinho. Tudo bem. Eu tenho saudade de lá! Às vezes, eu sonho que estou trabalhando lá. Ainda, viu?! Nossa! Eu sonho meus movimentos de serviço que eu fazia lá, trocando aqueles tubos de lixeira, catando papel na grama, varrendo também. Parece que eu estou ali presente! Acorda: ‘Puxa vida! Ó, não estou lá, não! Quando você está naquele momento que você está, aquele trampo de rotina, aí eu acordo. [Ri]. De vez em quando, acontece isso comigo. Está com um ano e um mês que eu saí. Fez um ano dia trinta e um de outubro, que eu aposentei. Eu sinto saudades! Do trampo lá e da comunicação com os colegas, amizade que a gente tinha lá que, todas as unidades a gente se dava bem um com o outro. Que lá tem bastante unidade. Não sei se você sabia, mas lá dentro é grande. Todo mundo lá era bem quisto com a gente. Tinha assim aquela amizade assim... Com o pessoal... Colorida... No departamento pessoal também, tudo. Você vê, por isso que eu saí um mês depois, mandaram uma carta pra eu comparecer ao departamento, cheguei lá era uma carta de agradecimento que o prefeito me deu. Ele deixou lá com a secretária. Ela chama... Como é que ela chama mesmo?... .. Ah, Inês! Que era a coordenadora do departamento pessoal. Eu fui lá pensando que era outra coisa, que tinha dado algum problema. Eu cheguei lá, pra mim foi uma grande surpresa. Me deu um papel de cartolina assim – é aquele quadro que está lá em casa – e qualquer momento eu vou levar esse quadro lá também pra agradecer essa... Assim... .. Pra

mim, foi um diploma. Eu vou mostrar pra eles como eu estou conservando aquilo com... Agradecimento também por eles terem feito isso por mim. Porque, pra mim, isso é um documento que eu tenho que guardar por todo o tempo, pra os netos verem, os filhos. E parentes.

Fernando – Quando você começou na USP o salário era maior do que os dois salários juntos na rua Boa Vista?

Nilce – Era. Nossa! Era bem maior. Quando eu entrei lá, o salário já dobrou com relação a outras áreas que eu trabalhei. Você vê, quando eu entrei lá eu estava trabalhando de faxineiro na professor Artur Ramos – que tinha um colega aqui que quando eu tinha saído da rua Boa Vista, eu fiquei três meses desempregado – acabei ficando desesperado e estava até tomando umas a mais. [Ri]. E um colega meu – coitado, hoje deu problema de cegueira nele e ele não enxerga, mas mora próximo aqui da gente – ele vai no bar direto, tem problema com a esposa... Ele arrumou pra eu trabalhar de faxineiro nesse prédio lá na rua professor Artur Ramos, prédio residencial. Quando chegou que me chamaram aí na USP – a síndica lá chamava... Chama Dona Valéria. Uma pessoa nova – quase que nem a sua esposa assim, muito simpática também –, falei: ‘Dona Valéria, preciso falar com a senhora’. ‘Ah, vai me enganar que você vai querer ir embora?’. Falei: ‘É... Que eu arrumei aí um serviço na USP e me chamaram pra ir lá’. Ela falou: ‘Puxa vida...’, era a síndica do prédio. ‘Aonde será que eu vou arrumar outro cumpade igual a você?!’. [Ri]. Lá era prédio de residência, na Artur Ramos. Então, eu trabalhava de faxineiro lá. Pegava no último andar – o prédio tinha quinze andares! – pra lavar a escadaria do prédio. Tinha que lavar a garagem, uma garajona também onde estacionava bastante carro. O pessoal via eu sempre ali no movimento, não parava de trabalhar. Não precisava do zelador ficar no pé explicando nada, que eu já tinha o conhecimento do serviço. E estava bem lá. O salário da USP dobrou do que eu ganhava lá nesse prédio. Aí falei: ‘Tudo bem’.

Fernando – Quando você foi trabalhar na USP a turma se encontrava no viveiro¹⁸?

Nilce – Era no viveiro. No viveiro, a gente batia o ponto – e naquele tempo não era cartão eletrônico, não. Era ponto no relógio – o Marcelino era o supervisor da limpeza. O Pascoal sempre foi apontador, fica no escritório. Atende a gente quando a gente está com um problema lá, pra ele passar pro supervisor. Então, ele fica direto, atende o telefone, dá recado, tudo. Eu adorava o viveiro! Era bom demais. Óia, pra mim lá é um lugar... Lá era assim o... ... Que quando dava a hora de almoço, o vestiário da gente era lá dentro. É bom, era embaixo das árvores. É um bosque. Então, ali você se sentia mais saudável, não tinha barulho de nada, tudo arvoredo, ficava no meio das plantas. Tinha assim aquela respiração assim mais saudável ali. Na prefeitura, aí a gente já sentia mais poluído. [Ri]. Você sabe que as plantas ajudam muito a respiração da gente. Ali ó, que bonito as copas das árvores que aparecem por aí... [aponta as árvores]. Isso aí combate muito a poluição. Pra mim, onde tem planta eu ajudo a conservar, ajudo a planta a crescer. Eu tenho esses vasilhinhos de planta, tudo. [...] A coleguice é a gente que faz. Eu saí bem com todos os departamentos lá, que tem muitas repartições entre os colegas, outros têm as revoltas deles lá um com o outro... Ontem mesmo eu fui lá. Os colegas vêem a gente, nossa, não sabem o que fazer. Por que? Porque a gente tem lá as boas amizades, as comunicações. Inclusive, os barzinhos que eu freqüentava na hora do

¹⁸ Viveiro de Plantas, local que também abrigava o vestiário dos garis na Cidade Universitária.

almoço... [Ri]... É no bar, quando a gente tem essas comunicações, você tem mais colegas. [...] Ah, o que corria legal lá era que, quando eles iam fazer qualquer evento lá, o encarregado chegava: 'Ó, a gente vai fazer um churrasco aí, você vai ficar pra assar o churrasco'. Escalava logo eu. Eu só marcava o ponto de manhã, todo mundo ia pro campo trabalhar, e eu ficava lá. [Ri]. Era o mestre-cuca. Já pegava a carne pra temperar, já perguntava o que precisava e me levava no açougue. Inclusive, o encarregado nessa época era o Moisés e o supervisor era o Seu Marcelino. Já me escalava eu, eu já montava a churrasqueira, já limpava tudo, fazia os temperos. Outra hora, quando precisava fazer o almoço também, às vezes eles inventavam de fazer um almoço assim, era eu que ia pra cozinha pra fazer o almoço. Ao invés de eu ir pro campo trabalhar, eles escalavam eu. Você lembra. Você é testemunha disso daí. Eu era o mestre-cuca de lá, sempre fui. Eu tenho recordações e saudade desse tempo passado. Lá na prefeitura nunca fizeram isso aí. Quando eles fizeram churrasco, era o prefeito que fazia, e contratava firma de fora. Era uma coisa que ele decretava praticamente um feriado pros funcionários todinhos participar. Era o campo de esporte, de futebol que até uma vez você foi lá pra jogar e ele não aceitou. Você lembra? O Massucato não aceitou, te barrou. Isso aí eu lembro também. [Começa a ter os olhos marejados]. Todo mundo ficou tenso com aquilo, chateado. Ele não deixar você participar da brincadeira lá. Tinha nada a ver uma coisa com outra. Você foi preparado pra tudo, então... Isso aí também ficou marcado pra gente lá, falta de consideração. Quando você foi querer estar junto com o pessoal lá, poxa, você lá no campo ia em tudo, trabalhando junto com a gente, com o mesmo uniforme que a gente usava e chegar um momento daquele e ser barrado... Desde o começo que você chegou lá pra fazer o seu trabalho, você teve até que implorar pra conseguir entrar. Tudo isso aí fica marcado pra gente. Todos nós queríamos que você ficasse lá junto com a gente no movimento, conversando, aquelas horinhas que você ficava com a gente. Mas eles sempre querendo empurrar. Não queria aceitar. Mas você foi, foi, foi e eles acabaram aceitando e tudo bem. Sabe, eu mesmo quando eu vou lá agora pra entrar lá no pátio lá, eu tenho que levar o R.G. senão eu não entro lá dentro do pátio. É o regulamento da firma. Não é o porteiro que barra a gente, não. Ele é empregado também, a gente não vai culpar ele. Mas é o regulamento lá de dentro. Esse negócio de fazer isso pra entrar na firma, sabe por que? Dos que trabalham lá dentro, tem colegas mas têm também os que são inimigo um do outro. Têm uns cara na firma que não se entendem um como outro. Às vezes, trabaia ali mas é encrencado um com o outro. Amanhã ou depois, um deles vai embora e vai voltar lá dentro, a administração não vai saber o comportamento dele. O pessoal da administração não sabe a atitude que ele vai tomar lá dentro, às vezes fazer alguma vingança do inimigo que ele deixou lá dentro. Eu não sou contra isso da forma, não, de identificar e saber com quem a gente vai falar lá dentro. Tem pessoa que fala: 'Trabaiei aqui tantos anos, poxa, por que agora não posso entrar?!'. Mas não é por aí só não. Nesse sentido, é tipo uma segurança. E eu acho que nesses casos aí, dependendo da firma, está certo de não deixar porque não sabe qual amizade você deixou lá dentro, se você vai vingar qualquer coisa. E aí? O pessoal da portaria é responsável. Então, a partir do momento que você identificou, entrou, estão todos os seus dados ali, tudo bem. A gente trabalhou lá, tem tudo os nossos documentos lá arquivados. Mas depois que saiu fora é diferente...

Fernando – Você falou que sonha com a USP... É com algum lugar específico de lá? Algum colega da turma está no seu sonho?

Nilce – Com meu local de trabalho. O campo geral. Os colegas estão lá no sonho. Eu converso com eles. É gozado. [Ri]. Eu converso geralmente com todos os colegas da jardinagem, parava a caminhonete pra tomar um cafezinho, ficava brincando. Inclusive, nos pontos de táxi que têm ali perto do Banespa, tem outro ponto ali na Praça da Reitoria, e tinha aquela comunicação com os taxistas. E a gente saía conversando com aquele pessoal. Às vezes, chegava lá nos taxistas, uma hora tomava café com eles, outra hora oferecia o cafezinho lá da caminhonete. Era assim: aquele vai-e-vem. [Ri]. Tenho saudades. Era igual como se eu estivesse lá mesmo. Todos os colegas no sonho. [Olhos marejados novamente]. Aqueles pontos de cachorro-quente, chegava ali: ‘Ô Neguinho, quer tomar um refrigerante? Toma. Você quer um lanche?’. Era um pessoal muito dedicado com a gente, os cachorros-quentes em geral lá dentro, sempre oferecendo as coisas pra gente. Você tem que ver. Eu chegava ali já – tinha aqueles tubos de lixeira – já trocava, deixava tudo limpinho ali pra eles. [Ana aparece pra dar bom dia]. Era maravilhoso! Você vê, ali perto da academia, por exemplo, tem um carrinho de cachorro-quente, pra cá da ponte da academia, chegava ali era aquela conversa sadia, conversava... ‘Ó, toma um refrigerante aí’. Trocava o saco de lixo lá, deixava tudo limpinho. Passava na praça da reitoria também, era a mesma coisa: em geral ali dentro. Eu dava um jeitinho de me comunicar com o pessoal, de conversar. Esse pessoal nunca via eu mal-humorado. O serviço ali pra mim, era serviço, mas parecia que eu estava curtindo um lazer também. Era tão gostoso trabalhar contente no serviço. Você vê, os encarregados eram legais com a gente. Nossa! Era uma maravilha! Eu tenho muita saudade de todas essas coisas lá. Todos os serviços que eu tive foram bons. Mas esse foi o melhor deles. Todos pra mim, eu não tenho que me queixar porque todos me ajudaram. Mas esse aí foi, na parte final da minha jornada de trabalho, foi um dos melhor. Eu tenho uniforme de lá comigo aí até hoje, novinho ainda. Blusa de frio, está aí, tudo comigo. Pra mim, ali não faltou nada. Graças a Deus! Na doença da minha esposa, o que eles puderam fazer pra mim, fizeram, na assistência social que é a Dona Vera, o pessoal do transporte, tem o Seu Onevaldo, Seu Leonel. Às vezes, não tinha o motorista de jornada pra fazer a correria com minha esposa, eles liberavam até o lavador de carro, porque o lavador de carro também era motorista. Tirava o rapaz da lavação de carro pra fazer a correria. Agora, eles só não faziam mesmo quando não tinha mesmo como deslocar uma pessoa. Às vezes, estava faltando motorista e não tinha outra pessoa disponível. Eles falavam: ‘Ô Neguinho, hoje não dá pra te arrumar um carro...’. Ou: ‘Tem motorista, mas não tem carro’. Mas sempre liberavam eu pra fazer a correria com ela. Nunca deixou de prestar o socorro. Tem isso de bom que eu tenho pra falar de lá. Foi muito bom pra mim. Nossa! Tenho que agradecer esses anos que eu trabalhei lá porque pra mim ficou na saudade. Coisa ruim nunca teve. Ó, às vezes, que todos nós que trabalhávamos na limpeza tinha que fazer a correria a mesma coisa: morreu um animal lá na grama, ou na avenida, que seja, às vezes chamava um dos meus colegas. Dependendo do horário, pra fazer o serviço, tinha deles que recusava: ‘Não, não, não. Vou fazer esse serviço essa hora aí?! Chama o Neguinho’. O encarregado ao invés de debater com o cara, ‘ó, você tem que fazer’, e sabia que eu nunca recusava... Às vezes, estava perto da hora do almoço assim, passava o rádio pela caminhonete que tinha um animal morto, sempre escalava eu. Passava o rádio pro César lá, ele atendia: ‘Ó, tem um animal morto...’. Ele dizia: ‘Pô. Por que só escala você?’. Eu nunca recusava. Pra mim não tinha hora. Você vê? Tudo isso aí era ponto pra gente na jornada de serviço. E lá no D.P. também eles estavam sabendo de tudo. Eles sabiam que eu não recusava, que pra mim não tinha hora, e sempre bem

humorado. Às vezes, estava até perto da hora do almoço, falava quinze, vinte minutos pro almoço e passava o rádio. O César perguntava: ‘O que você acha? Quer ir agora ou depois?’. ‘Que nada! Vamos agora mesmo’. Chegava lá, rapaz, estava aquela coisa: fervendo de bicho! Perto da hora do almoço, ele perguntava: ‘Você vai fazer isso **agora**?’. Eu dizia: ‘Eu vou’. Chegava lá, se desse pra ensacar eu ensacava, senão, eu cavava um buraco e enterrava. Depois, já passava na São Remo, tomava uma e depois ia almoçar. [Ri]. Sem problema... Então, tudo isso aí era ponto na jornada de trabalho. Nunca recusei serviço quando eles pediam pra eu fazer. E não tinha horário. Quando eu entrei pra trabalhar lá, o pessoal do jardim entrava das sete às quatro. O pessoal da limpeza, quando eu comecei lá no FUNDUSP, era das oito às cinco. Depois mudou tudo pro mesmo horário. Eu tenho essas lembranças todinhas dos movimentos do trabalho da gente. Quando eu entrei – que na época era o Seu Marcelino o supervisor – a gente não ganhava hora extra, não. A jornada de trabalho era de segunda à sexta, como é até hoje. E, às vezes, precisava de um grupo de pessoas pra fazer um serviço extra, dia de sábado, mas não trabalhava o dia todo não: era até meio-dia. Fazia uma reunião à tarde, chamava os funcionários e falava: ‘Fulano, a gente tem que fazer uma mudança aí no almoxarifado...’. Não tem aquele McDonald’s ali na entrada da Corifeu? Então, bem ali tem o almoxarifado da USP, que tinha que sair pro lado de fora do portão, pra levar papéis de arquivo, tirar lá da reitoria velha pra levar pra ali. Uma hora era o caminhão baú, outra hora era o caminhão ‘truckado’. Chegava lá a partir das sete horas, não batia ponto, não. Era das sete ao meio-dia, e a gente tinha dois dias de folga na semana. A gente escolhia. E a maioria dos colegas de jornada de trabalho: ‘Que! Trabalhar dia de sábado pro Estado?!’. E toda vez que precisava, ia eu e mais alguns. Eu gostava de fazer as coxinhas, mas eu deixava de fazer as coxinhas pra ir lá. A prioridade era do serviço lá. ‘Opa! Primeiro lá na firma lá. Em casa era um bico’. [Bruno passa correndo e quer brincar de espada comigo]. Eles sabiam que eu não recusava, e quase todo sábado tinha essa jornada de trabalho, esse tipo de mudança de arquivo. Escalavam eu, e eu sempre nunca dizia não.

Fernando – Teve algum colega seu nesse tempo todo que foi mais chegado?

Nilce – Olha... .. Amizade eu tinha com todos, brincava com todos, que toda brincadeira é sadia com todo respeito. Joãozinho... .. Ó onde que eu fuuuuu. Lááá do outro lado. Aquele lá era uma pessoa assim, como se diz, pau pra toda obra. Às vezes, eu sonho com ele também, viu?! Sonho com a gente conversando, as brincadeiras da gente. Nunca mais ele apareceu, não. Nunca mais a gente teve contato. Tomara que ele esteja bem hoje. Ele era uma pessoa que era muito dedicado pra tudo que você imagina. Às vezes, a gente sempre tomava nossa cervejinha junto, era uma pessoa que parece que... A mesma coisa que eu imaginava dele, ele imaginava de mim também. Quando ele tinha alguma coisa boa assim, ele nunca deixou de lembrar de mim pra participar. Então, isso fica marcado pra gente. Às vezes, no caso, que a gente tomava cervejinha, outra hora que pudesse almoçar num lugar diferente, sempre ele... A primeira pessoa que ele convidava era eu. Então, isso aí fica bastante marcado pra gente, esses tempos que a gente conviveu junto. Quando eu comecei na USP, ele já estava com uma boa jornada de trabalho lá. Eu senti demais quando ele saiu. Sente um vazio. Todos os colegas, mas principalmente ele que era mais dedicado com a gente, a gente sente falta. Morava aqui no Jaguaré. Morava sozinho. Tinha a casa dele aí, tinha uma em Itapevi também. Vendeu tudo e foi pra terra dele. Não sei se vendeu ou se deu pra filha dele morar, uma coisa assim.

Fernando – Lá na USP, quem foi seu primeiro chefe? Do que você lembra?

Nilce – Moisés. Ele era uma boa pessoa, mas me tesourava muito. Pegava muito no meu pé sem eu merecer. Ele saía no campo a pé, olhando a gente no nosso movimento de trabalho, a gente não via ele. E o horário de jornada pra parar o serviço à tarde: os outros saíam tudo mais cedo assim antes do horário, e eu, às vezes, saía na hora certa. Ele falava assim: ‘Esta hora e você já está por aqui?!’, batendo a mão no relógio. Eu dizia: ‘Não. Mas o outro também já veio’. ‘Mas espera aí. Se você está aqui essa hora, a que horas você saiu do serviço?!’. Falava duro comigo. Eu pensava: ‘Puxa vida! Esse homem aí não vai deixar eu passar nem na experiência, viu?!’. Era todo dia! Com esse Carlito aí que eu trabalhava, ele tinha meio receio do Carlito. E o cara fazia coisa errada e eu que pagava o pato. E ele só no meu pé! Até que um dia esse Carlito – esse era fogo! – virou e disse: ‘Ô Moisés, espera aí! Eu que saio fora do serviço aí, o Neguinho trabalha direto aí, todo dia fica pegando no pé dele...?!’. Comprou a briga. Isso aí eu estava com uns três meses de serviço só. Foi indo, foi indo, depois que eu peguei uns anos de serviço lá, que eu peguei mais agilidade, estava mais calejado, ele vinha brincar comigo: ‘Ah, que nada, Moisés! Se fosse por você eu nem estaria aqui hoje!’. ‘Ô Neguinho, eu falava aquilo, mas era pra jogar pro Carlito’. ‘Não é, não. Você falava, o cara não estava nem perto. Todo dia você estava no meu pé. Agora vem de brincadeira comigo?!’. Ele me bajulava, rapaz. Até hoje me bajula. Porque ele cresceu comigo aí, eu também cresci as asas. Eu não recusava serviço, mas ele vinha brincar comigo eu não queria saber de brincadeira com ele. Sem chance. Não dei mais trela pra ele, não. Aí, eu quebrei as asas dele depois. Ele reclamava de mim pro supervisor, o supervisor via que não era nada daquilo. Seu Marcelino falava: ‘Não liga pro Moisés, não. Eu estou vendo que você está trabalhando direitinho’. E dava ponto pra mim ainda, o Marcelino. Até hoje eu guardei isso aí comigo, que ele me tesourava. Depois, ele começou a me agradecer: ‘Esse aqui é meu Neguinho...’. Isso aí eu segurei comigo.

Fernando – Quando que ele te deu esse relógio? [Nilce chamou a atenção sobre o tal relógio algumas vezes, meses antes da entrevista].

Nilce – Esse relógio aqui... ... Foi... Rapaz... ... Esse relógio aqui ele me deu... ... Esse relógio aqui está com uns dez anos que ele me deu já. Teve uma vez que eu fui trabalhar com ele, cavar terra, deu problema e eu fiquei dois anos com ele encostado. Aí, levei pra arrumar. Ficou vinte e três reais. E gosto dele e não disponho pra nada. É coisa de estimação.

Fernando – Engraçado. Quando eu entrei pra trabalhar com vocês, o Moisés mal falava comigo porque ele achava que não podia me dar ordens. Depois de um tempo, a gente junto toda semana, ele começou com isso também. ‘Deixa eu ir na caminhonete trabalhar com o Neguinho?’. ‘Não. Hoje tem uma fossa aí pra limpar. Tem muito serviço. Outro dia você vai com o Neguinho...’.

Nilce – Um pouquinho grosso.

Fernando – Pois é, eu percebi que ele não é coração ruim. Ele gosta de você e gosta de mim também...

Nilce – Ah, o Moisés mudou muito nesse tempo. Nossa! Achei que ele não ia deixar eu trabalhar lá. Depois ele ficou diferente, igual ele está hoje. Quando encontra com a gente não sabe nem o que faz... Pra gente. Você vê, no fim, a gente tem a consciência limpa, tranqüila, e acaba perdoando. Eu acho que ele... Coitado! ...

Acho que ele não tinha malícia das coisas. Achava que tinha que ser tudo do jeito dele, o que ele quiser está feito. E de repente ele magoava alguém. Magoava a gente. Parece que ele não tinha noção assim do que estava fazendo. Ele fazia, ele sabia o mató que ele lenhava. Se ele vinha falar com um cara que ele via que não era boa pinta, ele maneirava. Agora, do contrário ele fazia o que fez com a gente. Mas se ele via um cara que era meio espinhoso – na linguagem da gente – ele também maneirava. ‘Ôpa, com esse aí eu não posso mexer, não!’. Mas se ele pegava um cara fraco igual a eu assim, aí ele ia pra cima. Até quando a gente pegou a manha dele também pra cortar o barato dele. Pra mim, o jeito de ele tratar a gente era um pouco de falta de consideração, de falta de respeito. Ele tinha que tratar a gente diferente. A gente fazia tudo pra colaborar com ele, e ele... ... [Bruno nos interrompe querendo brincar com seu ‘peixe-que-cospe-água’]. Outra pessoa assim que morreu abestalhadamente foi o Cição testinha. Tudo por causa de pingaiada. Disse que ele discutiu com um vizinho dele lá, e ele andava armado direto com uma faquinha – essas faquinhas de cortar pão – aí, ele foi discutir com o cara, o cara com a própria faquinha dele furou ele. Ele furou o cara com a faquinha e o cara pegou a faquinha e furou ele. O cara está vivo até hoje, e ele foi fatal. Trabalhava na USP ainda. A gente teve a notícia numa segunda-feira, que foi no final de semana. A Márcia veio e falou pra gente. Mas ninguém acreditava quando veio a notícia. E foi num boteco. O Cição era muito legal, mas quando bebia ficava chato. Onde ele estiver, tudo bem. Mas quando ele bebia a gente tinha que tolerar ele. Pra estranhar uma pessoa não custava nada, pra arrumar briga. Você vê a bebida como é que faz. Era mão aberta. Principalmente quando bebia. Principalmente. E como colega de trabalho era bom também. Mas pra ele sair fora do sério não custava nada.

Fernando – O que te vem à cabeça quando você pensa na USP?

Nilce – Às vezes, alguém pergunta se estão pegando gente pra trabalhar na USP. Eu sei que não estão. Mas eu nunca falo isso que é pra a pessoa não desanimar. Eu digo: ‘Olha, dá uma chegadinha na portaria e se informa lá...’. Eu nunca deixava a pessoa desanimada, fria. Sempre dava assim... Uma palavra amiga pra ele. Porque, às vezes, até tinha alguma unidade que estava pegando e a gente não sabia. Então, eu falava pra pessoa ir até a portaria e se informar melhor. E a pessoa saía toda feliz.

Fernando – Você entrou na USP em 1988 com 46 anos de idade. Como estava sua saúde na época e como está agora?

Nilce – Olha... Quando eu entrei lá, fiz os exames médicos, estava tudo bem e continuou tudo bem. E lá eles cuidavam muito bem da gente também. Tinham aqueles exames periódicos que chegava o tempo certo a gente ia fazer. Nunca deu problema no tempo que eu trabalhei lá. Problema de pressão alta eu sempre tive e tenho até hoje. Mas lá, graças a Deus, eu entrei sem problema e saí sem problema. Agradeço demais. Nessa parte de saúde eles se preocupavam muito com a gente. Qualquer dorzinha, eles falavam: ‘Vai ao médico’. De todo esse tempo – dezessete anos e dez meses que eu trabaiei lá – se eu tivesse com três atestados de afastamento é muito. Acho que nem isso. Mas a maioria dos colegas teve alguma coisa. Dor nas costas, por exemplo. O Brás, o Moisés mesmo teve. O problema do Brás foi muito sério. Não podemos julgar porque a gente não conhece o organismo da pessoa. Não dá pra falar que é fingimento. O Brás não podia nem levantar o corpo por causa do problema de coluna. Rapaz, nesse tempo todo, subindo e descendo de caminhão, e tudo, graças a Deus nunca tive esse problema. Eu só tive problema quando tive o

acidente da bicicleta. Eu fiquei o que... .. Sete... Eu fiquei nove meses afastado do serviço. Deslocou aqui o nervo do meu tornozelo. Quando inteirou os nove meses, eu fui fazer a perícia lá no, lá perto da igreja de Mont Serrat, lá em pinheiros. E doía pra caramba ainda. Eu falei: 'Nossa! Eu tenho que sair fora da 'caixa'. Recebia todo mês os trocos direitinho. Mas eu fiquei pensando: 'Está chegando o ano de eu me aposentar. Quanto mais tempo eu ficar na 'caixa', mais tempo eu vou ter que pagar depois'. Como, de fato, eu tive de pagar trabalhando. Se eu ficasse dois anos, eram mais dois anos que eu tinha que ficar trabalhando. Quando eu cheguei lá na sala de perícia, estava doendo. Eu fui sem a bengala, sem nada. O médico falou – que ele não examina, nem nada: 'Como é que está. Está bom?'. Tive que entrar sem mancar lá na sala do médico. Quanto mais tempo afastado, mais tempo demora pra eu me aposentar. Eu já tinha essa orientação de pessoas de fora. Aí, eu cheguei lá e aí ele me deu a... O papel de alta – que eu pedi alta. Eu cheguei na USP: 'Você é doido, rapaz?! Está aí mancando e pediu alta! E se você piorar?!'. 'Não, mas não vai piorar, não'. Aí, chegou lá, a Márcia foi legal comigo; ela falou: 'Você não vai trabalhar no campo, não. Vai ficar fazendo algum servicinho aqui dentro...'. Colaborou demais comigo e isso eu agradeço também a ela. A Márcia. Isso eu agradeço porque ela teve esse peso de consciência. O Gedeon, que já era supervisor também e colaborou comigo nesses momentos. Tudo isso aí fica marcado pra gente.

Fernando – Você se lembra do seu último dia de serviço? **Nilce** – Lembro. Do jeito que eu entrei feliz eu saí feliz também. Até o último dia. [Ri]. Fica assim um pouco marcado... Éééé' [Fica com os olhos marejados]. A gente sente falta dos colegas que a gente tem que deixar pra lá. Não deixar pra lá porque qualquer momento eu vou lá fazer uma visita pra eles... .. Qualquer hora também tem que... .. Inclusive, o César foi uma pessoa que me ajudou muito lá, até na conta bancária, se você quer saber. O César, ele controlava minha conta bancária. Até hoje, se eu precisar dele, eu vou lá e ele me ajuda pro que eu precisar. Tenho muita saudade dele. Sinto muito a falta dele, da nossa jornada de trabalho... No último dia de serviço, foi normal. Como sempre. Sabendo que era último dia, a gente fica naquele suspense da gente. Mas pra mim foi tudo maravilha. Bati o ponto e tudo bem. Fiz o serviço do jeito que pediram pra fazer, sem correria. Parece que não teve diferença assim de quando eu entrei. Bom, de quando eu entrei sim, que a gente não conhecia o pessoal, até pegar intimidade com um ou outro assim no campo. Que os outros já estavam todos estabelecidos ali. E no último também a gente sentiu foi mais falta dos colegas. Porque lá eu tinha amizade com o pessoal de todas as unidades: era serralheria, era pedreiro, era lavador de carro, pessoal que trabalha na área de bloco... .. Que tem bastante sessões lá dentro. Pessoal da pintura. Graças a Deus! É... Marcenaria... [...] Eu tenho aquela insônia... Ih, estou perdendo a hora! Aí, eu acordo: 'Eu não tenho que trabaiá, não!'. Eu sonho que estou perdendo a hora de ir pro serviço. [Gargalhamos]. É, meu! Agora, o que acontece é que às vezes eu acordava quatro e meia da manhã, aquela chuva [!]. Quando eu estava trabalhando: 'E agora?! Tenho que marcar o cartão quinze para as sete...'. Que era a hora que a gente tinha que marcar o cartão no serviço. Dava seis horas e nada da chuva passar. Eu pegava assim esse saco preto de lixo, vestia ele aqui: 'Bom, chega lá, a gente não vai trabaiá mesmo. Chego lá molhado, troco de roupa e tudo bem'. Pegava a bicicleta e ia. Agora, não. Quando está chovendo nesse horário aí, eu penso: 'Puxa! Eu não tenho que trabaiá'. [Gargalhamos]. Mas você vê, eu encarava! Não tinha chuva que me segurava de manhã pra eu trabaiá, não. Não tinha frio também. Eu jogava a cobertura fora, arregaçava a manga e 'Estou indo'. Agora, quando acontece isso de estar

chovendo perto do horário que eu tinha que marcar o ponto: ‘Ô, como Deus é bom! Hoje eu estou aqui. Coitados dos meus colegas!’. Eu fico pensando nos colegas que estão na jornada de trabalho. Mas Deus dava força pra gente tudo nesse sentido, e a gente sente essa falta e... Também a gente fica com aquele... Não tem mais aquele peso assim... Não tem mais aquele peso pra trabaiá: ‘Não. Chegou a hora de ir trabaiá!’. Eu fico pensando nos colegas que estão lá no trampo.

Fernando – Você se lembra de quando estivemos lá pela primeira vez, os outros dois estudantes e eu? Alguém da prefeitura havia avisado vocês?

Nilce – Eu lembro deles, que trabaiaram o dia lá. Parece que eles ficaram meio assim... Não gostaram do movimento. É... Deixa eu ver... Isso aí foi uma coisa que... Foi mais o Moisés que passou lá pro departamento. Mas eu acho que ele deu uma dica, sim: ‘Ó, vai vir uma turma aí pra trabalhar no campo com o pessoal da limpeza...’. Eles aceitaram e tudo bem. O supervisor... O Moisés foi legal nesse ponto aí de apresentar vocês, de mandar a gente explicar o serviço como é que era, pra vocês. E os outros logo desistiram e você segurou. E aqueles outros? Será que eles se formaram? [...] Será que eles fizeram outro tipo de trabalho? Daquele nosso eles não gostaram, não... ..

Fernando – Ó Nilce, sempre que a gente se encontra, acaba falando daquela experiência com vocês, principalmente dos outros estudantes não reconhecerem a gente...

Nilce – ... [Nilce me interrompe pela primeira vez em mais de cinco horas de entrevista]. Por causa do uniforme. [Nilce me interrompe pela segunda vez]. Você entrou de frente com a pessoa que você estudava lá junto e não te olharam.

Fernando – Foi aí que eu resolvi estudar o assunto pra entender o que acontece? O que será que acontece, Nilce?

Nilce – Eu acho que você ficou muito deprimido. E qualquer um da gente ficaria. Você vê, é o meu caso também. Dependendo do lugar que eu for, se eu estiver com o uniforme de trabalho assim diferente... Ou se eu estiver bem trocado, o pessoal me olha com um olhar. Mas se estiver com um uniforme assim de firma, o pessoal já fica meio assim com receio. Aí, é que ele se engana. Por isso que às vezes tem algum – não misturando as estações – a pessoa se engana muito: o cara entra num lugar assim e não está bem vestido direitinho, é uma pessoa muito humilde, que não tem intenção de nada. Aí, chega um cara de gravatinha ali, não sabe que aquele é o maior pilantrão, ladrão mesmo da pesada. Aí, trata lá: ‘Ô Doutor...’, e de repente... ‘Vai passando a grana pra cá!’.

Fernando – E o que será que aconteceu com os colegas que não me viram?

Nilce – É... Pra mim, é um tipo de pessoa que... É orgulho isso. Quer dizer: te viu e fez que não viu. Viu você e disfarçou. É um disfarce. Acontece isso com a gente. Até a gente andando aqui na avenida tem pessoa que, nossa [!], está de frente assim, e quando está chegando perto da pessoa dá até uma olhadinha de lado assim... E a gente que está ali no movimento, a gente percebe. Por que não?! Esse meu caso que está lá na página da revista: até hoje eu não perco esse ritmo. Se eu encontro uma pessoa sozinha eu não deixo de cumprimentar. Agora, quando acontece da pessoa não querer falar comigo, eu deixo quieto. Vou fazer o que? [...] É uma coisa que não dá nem pra entender, porque eu não sei fazer isso. Eu posso estar do jeito que estiver, esteja com quem eu estiver, a pessoa que eu estou acostumado a

conviver com ela a todo momento, posso estar com quem eu estiver, eu procuro cumprimentar ele e o outro também. Toda a pessoa que tem esse tipo de conhecimento, esse tipo de educação, esse respeito que a gente tem, a gente observa essas coisas. Então, coitadinho daquele que faz esse tipo de coisa. Dá até dó. É que ele não sabe: às vezes, ele vai precisar da ajuda até de um mendigo. Até um mendigo, às vezes, ajuda a gente levantar. Eu passo nesses lugares onde fica aí, onde tem essa parte de mendigo, eu passo, eu dou atenção pra eles. Eu não sei o meu dia de amanhã. Jamais eu vou passar. Às vezes, eles vêm pegar minha mão, eu dou a mão pra eles, cumprimento eles. Por que não? Porque eu não sei o meu dia de amanhã. [...] Eu, graças a Deus, hoje aqui eu estou bastante feliz. Você vê. Teve todos esses trabalhos, esses locais que eu trabalhei, me dei bem, todo mundo, deixei boas amizades com todos. Em todos os tipos de serviços que eu fiz. E desde que eu vim aqui pra São Paulo eu nunca paguei um centavo de aluguel, morei na favela. A favela me ajudou muito. Eu também não gosto que fala de favela, não. Porque as pessoas boas tanto faz, tanto na favela como aqui fora tem os bons e os ruins. A favela me ajudou, porque inclusive lá onde eu morei no Jardim Tropical era um terreno de umas freiras, e as freiras foram tão bondosas que liberaram pra gente montar barraco pra morar. Chegou a ter uns oitenta barracos. E eu morei nesse local três anos. Quando elas, acho que vendeu o terreno pra... Pra uma imobiliária, aí o pessoal da imobiliária passou lá, levou uma folhas dessas, um comunicado distribuindo de barraco em barraco pra desocupar a área que eles iam lotear lá. O pessoal saiu tudo numa boa, sem agressão, sem nada. Não teve esse negócio – às vezes, o cara mora na favela hoje, pro cara sair precisa indenizar. A turma perguntou: ‘Você não pegou indenização?’. Eu disse: ‘Não’. Imagina...! Deixaram eu morar de graça lá, na época. O pessoal de hoje, bastante deles, tem assim uma revolta com qualquer coisa, estabelece um lugar, e a área não é dele, ocupa aquela área ali, e depois chega um tempo pra sair, fica arrumando problema, vai na justiça, arruma advogado... Hoje o que rola é isso daí. E na época eu saí numa boa. Quando eles pediram pra tirar os barracos, e foi saindo de um em um, e eu também já arrumei um cantinho pra morar aqui na Avenida do Rio Pequeno... A Avenida do Rio Pequeno era estrada do Rio Pequeno. Ela dava ligação lá na Raposo Tavares. Onde tem um campo de futebol ali, tinha uma cerca de arame, que dali pra lá era fechado que era uma chácara. Onde tem o grupo Brasil-Japão ali, tem até um prédio ali tudo... Era uma estrada sem saída. Chegava ali, ela morria ali perto do sacolão. Tinha uma cerca de arame. Era estrada de terra ainda. Aí, tudo bem. Uma pessoa arrumou um quarto pra gente passar uns dois dias até eu passar o barraco pra cá. Eu arrumei um caminhão, aluguei um caminhão, pegou as tábuas. Aqui não tinha rua, não. As tábuas ficaram láááááá do outro lá. Aqui só tinha um trilho. Tive que carregar nas costas de lá até aqui pra montar o barraco aqui onde a Ana mora hoje. Aqui era o poço. Tinha dezessete metros. Lá onde está aquela churrasqueira lá tinha a fossa. Você vê, o poço – como eu te falei da época, no dia que nós tivemos a palestra aqui – você vê como a gente arriscava tudo: o poço tinha dezessete metros de profundidade e a fossa tinha seis metros. E aqui, aterro. Quer dizer, a água aqui praticamente tinha tudo pra contaminar. Se a fossa estava mais pra cima, aqui era aterro, tem seis metros de aterro essa área minha aqui... Que quando a gente foi fazer o poço, até a altura de seis metros era terra mole. Achava aquela raiz de pau que quando a máquina tombou a terra aqui pra lotear, aí, depois de seis metros é que começou a pegar terra firme. Quer dizer que tinha tudo pra contaminar a água da fossa no poço. E a gente passou por esses momentos, e nada aconteceu. Graças a Deus! E assim que veio a água da – antigamente era... A empresa que fazia a

instalação de água não era a SABESP, não: chamava DAE. Depois é que mudou pra SABESP. Eles ligaram aí e eu aterrei o poço. Tinha mais de mil e quinhentos tijolinhos que ficaram enterrados aí embaixo. O poceiro ia fazendo e depois a gente tijolava tudo pra não desbarrancar. E o poceiro que fez aqui já é falecido também faz tempo. Quando era jovem, que eu precisava limpar o poço, às vezes, pra ver como é que estava... Comprei a bomba, tinha uma bomba aqui e ela puxava água. Quando dava problema lá, o que eu fazia? Amarrava uma corda aqui em cima, que tinha o salibre, onde saía aquela carretilha... Eu era doído, rapaz! Amarrava a corda, descia a corda lá em baixo, amarrada aqui em cima, e descia pendurado com os pés no barranco. Ia até lá em baixo e depois subia. Com a corda na mão. [Ri]. A gente tinha mais habilidade. Não enxergava nada. Era escuro... Às vezes, dava algum problema lá, que secava a água e precisa de afundar mais, e eu descia lá e ia trabalhando com a talhadeira até chegar na outra veia da água. Pra brotar água de novo. Fazia sem enxergar nada. Rapaaaaaz, eu passei por esses momentos... Agora, hoje eu não penduro numa corda nem numa altura dessa que eu despenco. [Ri]. Meu encanamento da pia, sai lá de cima, passa por dentro da casa da Renata e vai lá pra baixo. Depois, sai lá pra rua de baixo. Aí, eu precisei pedir autorização pro vizinho do fundo ali, pra poder passar o encanamento no quintal dele pra poder jogar o esgoto lá pra rua de baixo. É tudo uns canão de seis polegadas assim ó. Passa por aqui afora e vai embora... Vou te contar! Foi uns momentos... ... E estou feliz hoje. Graças a Deus! Deus deu tudo essa força pra gente fazer e estou continuando. Fiz, mas não acabei, ó. Ficou tudo pela metade. Se Deus quiser, daqui pra lá ainda faço.

Fernando – Esqueci de perguntar sobre Machado... Como era a cidade?

Nilce – Óia, tinha a igreja matriz que ficava assim na área central. É a primeira igreja que teve lá, da igreja católica. Ficava no meio da praça. Agora, hoje não é mais: eles tiraram ela da praça e colocaram ela do lado. Mudou de lugar. Ela ficou na praça mesmo só que agora, como eles mudaram a igreja... Ficou pertinho. Como tinha uma área vazia, eles tiraram a igreja de lá e construíram nesse espaço vazio. Era tradicional lá da área da gente. [...] Tinha a igreja matriz que era no centro da cidade. Depois, tem a igreja de São Benedito, que tinha a festa tradicional da cidade. Então, a gente trabalhava na lavoura o ano todinho, fazendo aquela economiazinha pra poder participar da festa em agosto. Trabalhava na lavoura de café, fazia as colheitas tudo e todo mundo que morava nas fazendas, tudo tinha a mesma idéia. O pessoal armava as barracas, tinham aquelas barracas tradicionais, lanche, todo tipo de lanche que você imagina. Ia pessoa aqui de São Paulo, fazia caravana pra lá, pra montar barraca de vender as coisas ambulantes lá dentro também. Aí, sim, eles compravam aquele ponto deles ali, igual tipo uma feira, armava tudo na porta da igreja de São Benedito. Tinha as horas de missa, pessoal participava da missa e depois tinha a congada, que eu te falei. Pessoal fantasiava tudo igual esse pessoal que tem a fantasia de carnaval, tudo. Um tocando cavaquinho, o outro pandeiro... É tamborim, aquela zabumba, que eles falam. [Ri]. E era uma festa que – o pessoal morava numa distância como daqui... Vixe! Mais longe do que daqui pra Pinheiros, ou pra a cidade! Se não tivesse condução, na época que eu era criança, ia a pé mesmo! Fazia tipo uma novena, a festa ficava mais de uma semana. Eu nunca usei fantasia. Eu só participava das brincadeiras. Eles montavam parque infantil, tudo, tinha roda gigante. Quando chegava naquela época... ... [A narrativa fica acelerada como nunca] Eu gostava daquelas balanças de puxar na corda. [Ri]. Era tipo um barquinho. Não tem esses parques infantis que vem aí? Tem hoje até. Que eles vem... Tem aquela barca, um senta de cá, outro de lá, puxa a corda: quem tiver mais

força levanta o outro. Você nunca participou de parque infantil aqui?... É perigoso. Quanto mais você puxa a corda, dá aquele jogo no corpo assim, mas vai levantando. Tinha que pagar pra brincar. Tinha que pegar a ficha no caixa primeiro. Até hoje, você vai em qualquer diversão de parque infantil você tem que pagar pra poder participar. Então, não tem esses brinquedos doidos, eletrônicos aí? As coisas malucas que eles têm, tudo tem que pagar. Então, a gente tinha esse tipo de brincadeira. Aquele que você senta assim, e ele fica girando em volta assim: você sai dali, você sai tonto. [Ri]. Pior que beber uma pinga. Não! Pinga é pior!!! [Gargalhamos]. Estou comparando uma coisa com outra, e não tem nada a ver. Porque você sai meio tonto dali, mas daqui a pouco você fica bom. Agora, a pinga dá pra derrubar. Tem que por a danada no meio... Eu não participava de muita coisa, não. Só dessas coisinhas assim banais, só. Lanche, eu também não ligava muito, não. Negócio de lanche, a gente... O pessoal da gente, a mãe da gente já recomendava em casa pra guardar aquele dinheirinho pra brincar. O lanche, a gente fazia em casa mesmo. Aquelas comidas caseiras da gente e já ia preparado. Então, aqueles lanches lá a gente nem incentivava de ficar comprando aquelas coisas. E quando a pessoa ia a pé pra participar desse evento da festa – a gente morava no interior, era tudo estradinha de terra – e não podia tomar condução. Não tinha dinheiro pra tomar condução. Já ia com aquela reservinha pra participar do evento da festa. Então, a gente economizava o máximo. A gente andava – aqui fala quilômetro, lá falava légua – é duas, três, quatro léguas. É longe! Uma légua eu acho que é três quilômetros. O que a gente fazia? As estradas que a gente viajava, que ia da fazenda onde a gente morava até na cidade, dava mais ou menos isso aí: três, quatro léguas. Naquelas estradas tinha sempre umas nascentes de água, aquela água corria direto, da natureza mesmo. E a gente, o que a gente fazia? Quando ia pra cidade, naquela estradinha de terra, tirava o tênis que a gente tinha – naquele tempo nem tênis era, era aquela coisa de alpargata-roda, aquela coisa. Quem tinha sapato, tudo bem: amarrava o sapato, colocava assim nas costas e ia descalço. Fazia caminhada. Aí, quando estava chegando perto da cidade, ia entrar pra cidade – aí, tinha aquelas biquinhas d’água daquelas nascentes que eu estava falando – chegava ali, lavava o pé, calçava o sapato pra entrar pra cidade. [Ri]. Pra não cansar e pra não sujar o sapato. Porque você não agüentava fazer muita caminhada calçado. A gente já estava acostumado na fazenda a trabalhar descalço. Ia daqui pra ali. Agora, quando ia pra a cidade assim, dava um outro pique. Pra poder chegar na cidade, pra poder participar do evento da festa. A gente participava, tudo. Tinha vez que o – na época em que lançou essas peruas ‘kombi’ – o dono da fazenda comprou uma kombi, fazia uma correria com a gente. Uma hora levava, outra hora levava de caminhão, que fazia os trabalhos da fazenda. O patrão levava um grupo de pessoa num dia, outro dia levava outro grupo. E a gente aceitava desse jeito aí. Ele falava: ‘Tal dia vai tantas pessoas da colônia’ – as colônias, as casas de moradia da gente. Pra levar na festa. Tinha o motorista. O motorista ficava lá até meia-noite, dez e meia, meia-noite assim. E levava a gente de volta. A televisão, também... – já é outro assunto – quando lançou a televisão ninguém conhecia. O pessoal falava: ‘Óia, tem um aparelho assim que coloca na praça assim, a gente vê o pessoal assim naquele aparelho...’. ‘É mesmo?!’. [Ri]. O patrão fazia de final de semana, de sexta-feira assim, a hora que terminava o expediente de serviço, fazia uma lotação lá na Kombi e levava a gente de graça. Pra assistir televisão na praça da cidade. Chegava lá, meu, você não enxergava quase nada, só aquele chuvisco assim. De vez em quando, aparecia uma imagem na televisão, preto e branco. A gente ficava tudo empolgado: ‘Noooooossa!’. E aí saía contando um pro outro: ‘Ah, quer dizer que

you viu mesmo a pessoa naquele aparelho?!'. 'Eu vi'. [Ri]. Ficava tudo empolgado! Era um chuveiro, mas a gente ficava empolgado. Ent3o, cada final de semana o patr3o fazia uma lota33o na Kombi e levava a gente pra assistir. Depois, levava de volta pra casa, pra fazenda. Rapaz, era uns momento t3o gostoso... A gente ficava tudo empolgado. L3 na fazenda l3, eram poucas casas que tinham luz el3trica. A gente que morava mais pr3ximo da fazenda – como eu te falei antes – nossa casa tinha luz, mas r3dio ningu3m tinha. Esse r3dio a pilha... Quando saiu o r3dio a pilha, a gente estava trabalhando na lavoura de caf3: '3 Fulano, voc3 sabe que tem um aparelhinho que voc3 p3e no bolso e a pessoa fica falando daquele aparelho ali e a gente fica ouvindo?'. '3 mesmo?!'. [Ri]. '3, uai!'. [Gargalha]. Um ia passando pro outro e ficava todo mundo empolgado. De repente come3ou a aparecer o r3dio port3til. Mas a gente pobre, n3o conseguia comprar... ... Esses radinhos. Tinha da Philco, tinha da Telespark, que come3ou a expandir... Passado uns bons tempos que todo mundo... Alguns come3aram a comprar, passado um bom tempo... Que s3 rico 3 que comprava esses aparelhos! O r3dio port3til, essas coisas... Quando pobre come3ou a comprar, um radinho port3til assim, a3 apareceu, inventaram, fizeram um esquema de um cachorrinho com o r3dio port3til amarrado no pesco3o. Quer dizer: 'At3 cachorro pode usar isso a3'. 3 compara33o com a gente pobre. Voc3 v3, isso a3 era tirando a gente... Da 3poca. Fizeram a montagem. Saiu em capa de revista, em jornal, tudo. Como quem diz: 'At3 cachorro pode comprar esse aparelho. Pode usar esse aparelho'. [Olhos marejados]. A gente tem tudo isso a3 guardado, passado na mem3ria da gente. Pra n3s, a gente na 3poca... A gente tem essa recorda33o do passado, mas 3 uma coisa meio... Humilhante. Eles n3o precisavam fazer isso. [Dona Elza chama dona Maria e Nilce acha que 3 com ele]. Ent3o, essas coisas que a gente tem na mem3ria da gente do passado, da inf3ncia. Da inf3ncia da gente... [Chora]. A gente... Pode at3 ser outra linguagem comparando com hoje, mas deu pra gente perceber que as pessoas de um n3vel mais alto que a gente achava que o pobre n3o tinha condi33es de usar um aparelhinho desses, que era o r3dio port3til quando lan3ou. Ent3o, a gente mesmo – n3o sei se todas as pessoas da 3poca colocaram isso na mem3ria – mas eu gravei e tenho a lembran3a disso at3 hoje. N3o precisava fazer tudo isso, na 3poca. Passado um determinado tempo, a gente coloca isso na mem3ria como hoje, a gente lembra daquilo que fizeram l3, 3s vezes essas pessoas que fizeram isso nem existem mais hoje tamb3m... Mas a gente, no meu caso, como eu n3o tenho leitura, esse tipo de cultura assim, mas eu tenho isso guardado na mente. Comparando com hoje tamb3m que, 3s vezes, voc3 sente, ou eu sinto humilhado com alguma coisa, voc3 3s vezes nem fala com a pessoa, mas fica guardado na mente da gente. Aquele sentimento que a gente tem: 'Puxa! Por que fulano falou isso pra mim? Por que ele est3 fazendo isso comigo sem eu fazer nada de mal pra ele?'. [...] Tem essas coisinhas assim do passado. Mas s3 que eu guardei tudo isso a3. Eu j3 estava com quatorze, quinze anos... J3 morava na cidade. Os patr3es l3 na cidade me tratavam como se eu fosse um nada, mas me tratavam como se fosse um filho da casa. Depositava toda aquela confian3a comigo de eu trabalhar l3 dentro, ficar... 3s vezes, tinha filhas mulheres que eram crian3as ainda, e eu j3 estava na fase, praticamente adolescente ainda. J3 sabia tudo o que fazia e o respeito tamb3m que n3o custava nada. Que a minha m3e sempre ensinou a gente. 3s vezes, estava trabalhando na fazenda assim, ajudando as empregadas a limpar a casa, deixava eu l3 limpando o quarto assim, passando cera, 3s vezes, encontrava anel de ouro, outra hora encontrava umas moedas que naquele tempo tinha valor, que era dois merr3is, umas moedas amarelas iguais a essa de vinte e cinco centavos de hoje. Era do tamanho dessa moeda mesmo. Encontrava ali, minha

mãe falava: ‘Ó, quando você achar um objeto assim no chão, você coloca em cima da mesa’. Do jeito que minha mãe ensinava, apesar que ela não tinha leitura, a gente também não tinha, eu não tive assim orientação de pai, mas minha mãe foi pai e mãe pra mim. E meus tios, meus avós todos. Então, ela ensinou como é que a gente tinha que... Ter esses procedimentos, que quando a gente via um objeto nunca pegar pra levar pra casa. E é o que eu tenho até hoje. Às vezes, estava ali, achava anel de ouro, embaixo assim. Está varrendo, puxando pra fazer a limpeza do quarto – que os patrões deixavam eu sozinho e iam embora – aí, eu achava anel de ouro, colocava em cima da mesa, achava uma moeda, colocava ali. Quando a gente terminava de limpar ali, a patroa ou o patrão ia lá disfarçado. Pra ver se aquele objeto... – aí que eu percebi o que minha mãe ensinava... – pra ver se aquele objeto estava ali. E dito e feito! Era assim! Eu pegava e colocava em cima da mesa. Achava no chão, mas deixava no... No... Na... Na... escrivadinha que seja. Era um teste. Era pra ver o procedimento da gente. E, graças a Deus, a gente nunca deu essa decepção pra minha mãe, nem pros tios, avós, nada. Depositava aquela confiança e deixava a casa por conta da gente. Isso aí tudo a gente grava, como é o meu caso da época, a gente grava e hoje a gente relembra. Tudo isso que aconteceu com a gente no passado. Mas... A gente se deu muito bem.

Fernando – Você podia usar o rádio na casa dos patrões?

Nilce – Podia. Os patrões liberavam isso, sim. Não proibiam, não. Isso não tinha problema. Tinha isso, sim. Eles tinham esse comportamento com a gente que a gente tinha com eles. Eles eram muito liberais nessa parte. Ficava trabalhando ali e ouvindo musiquinha. Os patrões lá foram muito bons pra mim! Nossa! Eu só não aprendi a ler mesmo porque não tive força de vontade. O patrão me deu até um empurrãozinho.

Fernando – Você veio pra cá porque iria ganhar um dinheirinho a mais. E seus patrões não te ofereceram alguma coisa a mais pra você ficar?

Nilce – Ah, lá não tinha como mesmo. Não tinha jeito. Eles me ajudavam até com roupa. Eu não comprava roupa. Calçado. Eu não comprava calçado... Quando eu estava morando na casa deles na cidade. Até coisas pra eu levar pra minha... Porque lá no interior falava fazenda, falava na roça. Eles me davam pra eu levar as coisas... Quando eu vim a primeira vez, eu fiquei seis meses aqui, depois eu fui lá passear, e me trataram muito bem também.

Fernando – Tem algum lugar da cidade que você tem mais saudade?

Nilce – É uma rua chamada Rua do Ramo. Então, eles puseram o apelido de Rua do Ramo por causa que eles faziam aquele tipo de procissão, aquelas festas tradicionais deles, católicos. Fazia aquela procissão, passava nessa rua, uma rua que fica marcada pra gente, e eu tenho saudade dela. [olhos marejados]. Ficava próxima da estação de trem, porque na época que eu morava lá tinha estação de trem, mas era o trem Maria Fumaça. Que a estação ficava paralela com essa Rua do Ramo. E beirando essa Rua do Ramo tinha também o rio lá, Rio Machado. Por que chama Rio Machado? Agora me diga. [...] Por que lá era um riozinho assim, tinha um matagal que cobria o rio. Aí, o cara foi cortar a madeira, o machado caiu lá dentro e não achou mais. Aí, pôs o nome da cidade de Machado. [Gargalhmos]. Não encontrou mais o machado, ué... [Rindo]. E o machado está lá até hoje e não acharam o machado nunca mais. [Gargalhmos]. Puseram o nome da cidade de Machado. Se não encontraram até agora, não vão encontrar mais, não. Aí, não sei, o

prefeito lá, como aconteceu essa tragédia, o cara foi cortar a madeira, o machado escapou e caiu no rio e não encontrou mais, ele colocou o nome da cidade de Machado. Então, até no meu documento é Machado. ‘Onde você mora?’. ‘Machado’. Lá eu gostava de todas as partes. [olhos marejados]. Tinha o parque esporte de futebol, a gente participava... Quando o trenzinho chegava, o Maria Fumaça, a gente ia na estação ver o trem... Os vagões todos de madeira, a gente via o pessoal embarcar... E o trem era tocado a água, lenha e óleo. Óleo diesel, água e lenha. O terminal dele era ali, na cidade de Machado.

Fernando – E na fazenda, algum lugar que era especial pra você?

Nilce – Inclusive foi a casa onde eu morava, onde eu fui nascido. A Casa da Paineira. Eu não sei como é que é lá hoje, mas isso aí eu tenho saudade! Eu tenho saudade!... [As lágrimas escorrem]. Tinha a Fazenda do Recanto e a outra fazenda paralela, que toda fazenda tinha um nome. Tinha a fazenda São Luiz, onde tinha a estrada que a gente tomava a jardineira pra ir pra cidade. Não era ônibus, não. Jardineira. Tinha uma porta só. O porta bagagem era em cima, tinha que subir a escadinha pra quem tivesse bagagem colocar lá em cima da jardineira. Cobria com a lona pra ir pra... ... O dia que ela passava lotada, que era dia de festa, que a gente vinha da Fazenda do Recanto a pé e tomava a jardineira, tinha que marcar horário. E quando ela vinha lotada não pegava ninguém mais, que já vinha lotada de outra cidade. Ela vinha de Poços de Caldas, passava nas outras cidadezinhas, e a gente ficava esperando na beira da estrada. Ela vinha lotada, a turma até dependurada. Na época de festa todo mundo querendo ir, aí o que fazia?! ‘A jardineira passou, não deu pra ir. Vamos a pé?’. ‘Vamos!’. E ia todo mundo a pé. Aquele bando de gente!

Fernando – Que lembrança você tem da natureza, Nilce?

Nilce – A natureza, que lembrança que eu tenho?... Que nessa fazenda onde eu trabalhei... Tem lembrança e tem tragédia também. Porque lá – lá tinha um jardim muito bonito assim na fazenda, com pomar de laranja tudo, com tudo quanto é tipo de frutas: laranja, jaboticaba, é mexerica, limão de fazer doce, que era um limão amargo. Tinha o pomar. E... E tinha as galinhas que ficavam soltas ali no meio do pomar, e elas botavam no mato. Como eu tinha lá o apelido de carrapato – como eu te falei pra você do passado – eles me mandavam: ‘Carrapato! A galinha está cantando. Vai ver se você acha o ninho delas’. Eu ficava olhando pra onde a galinha cantou e saía pro meio do matagal assim, achava aquela ninhada de ovo. Eles pegavam o ovo pra levar pra cidade pra vender. Então, já tinha que ter a pessoa pra fazer a coleta. Que era muita galinha! Tinha um galinheiro, mas tinha umas que botavam pelo mato. Chocavam por lá. E eu era escalado pra fazer esse tipo de serviço. Eles contavam só comigo! Um dia, meu, aconteceu a tragédia que eu estou te falando. Mandaram eu ir – eles iam matar um frango – e disseram: ‘Carrapato, você pega aquele frango lá!’. Óia, eu tive que correr atrás dele até ele cansar, pra eu poder pegar. Rapaz, eu cheguei no pomar, tinha uma tábua dessas assim, tinha um prego! Vixe! A tábua ficou grudada no meu pé! Essa foi mais ou menos a tragédia. Nem sangue não saiu! Deu um tipo de um tétano que eu não podia nem colocar o pé no chão. Levou eu na farmácia, tinha um carro lá que eles – tinha um carro naquela época, igual esses carros de filme que às vezes passava. Não tem aqueles carros de filme que tem aquelas rodas de raio? Você já viu? A gente chamava ramona. O nome do carro. Aí, chamaram um carro daquele na cidade e foram me buscar, que eu não podia andar. Na farmácia me deram uma injeção contra tétano. Nossa! Não podia, não agüentava colocar o pé no chão... O prego enfincou mesmo, assim na

sola do pé no calcanhar. Que eu fui pegar o frango lá no pomar pra levar pra eles, e pisei numa tábuia de prego assim... Cicatriz não tem mais, porque estava em época de desenvolvimento. Aí, cobre. Aqui tem outra cicatriz, ó. [Levanta e me mostra a cicatriz no joelho, profunda e cumprida]. Isso aqui foi aos meus sete anos de idade. Eu fui na casa de uma tia minha, e tinha dado uma chuva de tarde. E lá no interior tinha aquele negócio de tempero, coloral, essas coisas assim, de quando acabava na casa de um pedia emprestado na casa do outro. [Ri]. Minha tia ia fazer a comida e disse: ‘Ah, vai na casa de fulano buscar um pouquinho de coloral’. Você sabe o que é coloral?... Não?! Que dá corante na comida, aquele pozinho vermelho. Aquilo lá chama coloral. O pé dele lá em Minas fala... Deixa eu ver... Articum. [Dona Maria fala junto o nome e confirma Nilce]. Isso aí a gente fazia em casa, é tipo... Aquele negocinho... Que... Maxixe. Que dá, é meio espinhoso assim. Você já viu. Então, ele dava quase o formato daquilo ali, mas só que quando ele estava maduro, ele ficava marronzinho. Ele nascia verde. A gente tinha um pé dele em casa. A gente colhia aquela semente dele... É... Lá em Minas a gente tinha aquele negócio de pilão, aí socava ele ali, depois misturava ele no fubá e fazia o pó dele ficar vermelhinho pra temperar comida. Esse dia tinha dado uma chuva de tarde e tinha um córrego pra gente passar. Falava pinguela, pra poder atravessar o córrego... Era mais ou menos dessa largura aqui assim, ó, esse espaço. Então, aquela pinguela vai enchendo, vai embora, e eles pregam um negócio de... Fincou uma estaca em uma ponta e na outra, e colocou um arame farpado, pra quando chovesse a água não levar embora. Quando eu cheguei naquela pinguela pra atravessar, eu tropecei e, pra não cair na água que eu não sabia nadar, eu joguei o corpo lá pro outro lado. Só que eu caí e passei o joelho no arame farpado. Eu pulei pra não cair na água, porque se eu caísse na água eu ia afogar. Aí, eu tropecei e joguei o corpo. Consegui avoar lá pro outro lado, mas só que eu caí em cima da pinguela assim, e o arame estava atravessado na pinguela que a gente ia passar... Cortou essa cicatriz. Só no joelho. Aí, eu cheguei lá na casa da minha tia, eu todo sangrando, sangue saindo adoidado, ela foi no coador de café e lascou pó de café em cima... Pra poder estancar o sangue: era o remédio da gente lá... [Ri]. Você vê, vai fazer isso hoje e ir no médico, pra ver se ele aceita. Deus me livre! É um veneno! E ficou aquilo aberto assim. Ih, mas eu ficava tão contente quando via aquilo cortado assim. [Gargalha]. É coisa de criança... Aquele corte assim, mas eu ficava contente. Enrolava um pano assim e tirava... Você tem que ver! Não ligava, não.

Fernando – Eu estava escrevendo tudo o que a gente conversa aqui e ouvi você me explicando a doença que você teve, o simioto. Eu liguei pra o meu pai ontem. Ele falou que eu posso procurar em qualquer livro de medicina ou dicionário que eu não vou achar. E ele me explicou que confundiam com meningite por causa da moleira da criança, mas na verdade era uma desidratação profunda, muito grave. E ele falou que não aprendeu isso na faculdade, não. Foi atendendo o pessoal no INAMPS...

Nilce – Você vê. A mulherada que ficava grávida não tinha esse tratamento que tem hoje: faz pré-natal, faz isso, faz aquilo. As parteiras lá não tinham leitura. Tinham assim... O conhecimento que Deus dá pra elas, sem leitura, sem nada. Quando a mulher – dá à luz, lá falava, e aqui é outra palavra; aqui fala parto, qualquer coisa, lá é diferente – tinha que chamar a parteira, uma pessoa já idosa que tinha prática. Não tinha... É... O... Não tinha o estudo, mas tinha a prática de... Pra salvar a criança e a mãe da criança. Deus que dava aquele dom. Acho que até hoje ainda dá também, depende do lugar. Eu mesmo fui... O meu parto... Que... Que a minha mãe teve, eu, meus irmãos foi tudo com parteira. E inclusive eu tive esse problema que eu falei

pra você do simioto, e teve um erro de... Do corte do umbigo. Aí, quando eu trabalhei nessa firma 'Quatro Pipas', comecei a sentir aquela coisa assim, meu umbigo ficava do tamanho de uma laranja. Como eu trabalhava lá, era um serviço braçal, falaram: 'Não, você tem que operar isso aí!'. Eu era solteiro ainda. E eu tinha medo de operar. Qualquer movimento que eu fazia, estufava assim pra fora o umbigo. Ficava até um volume assim na calça. E cada vez crescendo mais. Eu fiz o tratamento lá na rua Martins Fontes. Tinha o antigo INPS, antigamente, né?! Acho que é INPS que falava... Hoje é INSS. Eu fiz o tratamento lá, tudo os exames, pra poder marcar pra operar. Aí, fiz tudo, era solteiro ainda, morava com a minha mãe aqui no barraquinho de madeira. Aí, marcou. Eu fui operado lá na rua Cubatão. O hospital éééé... Não sei se foi Nossa Senhora de Lourdes... Um hospital lá na rua Cubatão, uma travessa da avenida Paulista, bem pra lá do prédio da Gazeta, perto da praça Oswaldo Cruz. Foi muito bom. E operei lá, deu tudo certinho. Fiquei lá uns sete dias internados lá. Aí, tudo bem. A operação foi tudo direitinho, não teve problema nenhum, e eu trabalhava na Quatro Pipas. Tudo bem. Passados uns anos, apareceu uma hérnia na virilha também. Aí, eu fui operado lá no aeroporto, trabalhava na Quatro Pipas. Todas as duas operações que eu fiz nessa época eu trabalhava nessa firma. Me liberaram, eu fiz a internação lá no aeroporto, na rua das Perobas. [...] Olha, tem que tomar cuidado, porque se não fizer a cirurgia pode dar um problema maior. Você pode ficar até inválido. O umbigo não doía, não; só ficava inchado. Se eu fizesse um movimento, até se eu desse risada, ele estufava. Parece que é uma tripa assim que enchia de ar, sei lá! Então, a gente tinha que tomar uma providência. E eu, como trabalhava num serviço braçal, mas a firma se preocupava com o problema de saúde da gente, aí tomou as providências. Isso aí foi na década de sessenta e seis, mais ou menos.

Fernando – Quando a gente falou sobre seus vizinhos na fazenda, você disse que só tinha gente boa lá, inclusive aquele que você trouxe pra morar aqui em São Paulo [Sebastião Elias]. Não tinha nenhum vizinho chato?

Nilce – Da minha época, não. Ninguém... Só tinha um colega meu... Não é bem da família da gente, mas... Inclusive, um irmão dele entrou na família, que casou com uma tia minha, minha tia falecida. Ele mora lá no Morro Doce hoje. O irmão dele, o irmão dele na época de garoto era muito briguento e tranqueira e valente. Desde garoto. Se fosse pra matar um com uma paulada, ele matava. E eu era criado sem pai, não tinha uma pessoa assim... Tinha os meus tios, mas os meus tios não gostavam esse negócio de agressão, tudo. Pra eles, tinha que ser tudo na paz. Aí, meu avô trabalhava na... Cultivava esse negócio de limpeza de café, na colheita de café. Ele trabalhava lá no maquinário lá pra poder cultivar o café, limpar pra poder ensacar, que os patrões vendiam pra fora. As carretas iam lá buscar. Então, quando eu era garoto pequeno, lá na faixa dos oito, nove anos, a fase de crescimento do garoto: de sete a oito, dez anos; daí pra cima. Mas esse meu colega lá era sangue ruim. Ele trabalha na USP, lá naquela área da Botânica, na rua do Matão. César Pio. O que foi... Eu fui levar o almoço pro meu avô lá no armazém onde ele trabalhava pra cultivar o café, levava num caldeirãozinho assim. Eu voltei, que meu avô sempre deixava um pouquinho de comida pra mim no caldeirão. Eu chegava, sentava num cantinho ali, e comia. Quando eu voltei, eu falei: 'Ô César, você quer um pouquinho de comida?'. Ele chegou perto de mim assim, e me deu um tapa na orelha que até assobiou!'. [Ri]. Cheguei em casa chorando, e quando fui reclamar pro pai dele: 'Se ele te deu um tapa na orelha é porque alguma coisa você fez!'. 'Foi não. Eu fui oferecer um pouquinho de comida pra ele, ele me deu um tapa na orelha'. Cheguei

em casa chorando. Chateado. É sangue ruim! Cara ruim... E sabia que a gente não tinha pai, não tinha ninguém. Então, isso aí ficou marcado pra mim! Tudo bem... E teve um outro o irmão dele, o... O irmão dele também era sangue ruim. Meu irmão mais velho trabalhava na roça, aí brigaram os dois irmãos, desse aí que eu te falei – um mora aqui, o outro mataram, aqui também; era taxista – ele pegou meu irmão lá na roça e deixou ele desmaiado, de tanto bater. Ele com o irmão dele brigaram, e ele perdeu a briga. O pessoal começou a dar risada dele e ele pensou que o meu irmão mais velho estava dando risada dele. Ele não podia, não tinha força com os outros. Pegou meu irmão, bateu no meu irmão. Machucou todinho! Nossa! Pegou meu irmão de cinta, na época na lavoura de café! Meu irmão chegou em casa, precisou tomar banho de salmora... Aí, ele chegou em casa, sangrando, tudo cheio de vergão nas costas assim, que o rapaz tinha batido nele. Mandaram dar parte nele. Minha mãe falou: ‘Não. Deus toma conta. Não precisa dar parte dele, não’. Aí, tudo bem. Você vê, ele entrou pra trabalhar aí, esse César aí, aí o que aconteceu: ele arrumou uma amante ali perto da onde tem uma agência de carro naquela ponte nova de Pinheiros. Ali era um tipo, tinha uns casarão velho da época. O que ele fez? Que ela era tão bonzinho de tudo essas tragédias que ele fez, ele tinha uma amante, até era loirinha, chegou até a vir aqui no barraco uma época quando eles viveram juntos. Ele tinha ciúme dela... Ela mexia com negócio de droga também. Morava com ele, mexia com droga, aí ela falou alguma coisa pra ele... Morava ele, ela e a mãe dela. A mãe dela foi um dia de manhã – isso aí foi em ’67 – e deixou ela e ele em casa, e foi comprar pão. Chegou lá, ele não tinha matado a filha da mulher?! E morava aqui no Rio Pequeno. Tem uns irmãos dele que ainda moram aqui ainda. Matou a amante dele. Matou com um golpe de machado. De tão bonzinho que ele era... E fugiu. A turma tentou, os irmãos dele tentaram levar pra fora, pra ir lá pro Mato Grosso, pra sair fora do flagrante. Mas ele tinha um colega policial. O pessoal foi na casa dos irmãos dele lá no Jardim Tropical, disse que revirou até o guarda-roupa pra ver se encontrava ele dentro do guarda-roupa! E os irmãos dele tentando esconder ele, mas só que ele saiu vagando. Onde sabiam que tinha parente dele tinha polícia. Até aqui em casa! Não, aqui não mexeram. Mas todo canto aqui tinha polícia. Que o criminoso, a polícia sabe onde moram os parentes... Vai vendo os familiares. Na casa do irmão dele, disse que a polícia mexeu até no guarda-roupa! Procurando ele, embaixo da cama... E ele estava andando, vagando por aí. Quando foi... Ele fez isso na sexta-feira, aí ele veio aqui, minha mãe morava num barraquinho de madeira. A minha mãe chamava Antonieta. Eu trabalhava na Quatro Pipas. ‘Dona Antonieta: eu matei a minha esposa’. [Ri]. Quando eu cheguei do serviço de tarde, minha mãe falou: ‘O César passou aqui e avisou que matou a mulher dele’. Veja só que coisa terrível! Puxou nove anos de cadeia. Essa época ele não trabalhava na USP, não. Entrou na USP depois que saiu da prisão. Não sei como entrou lá, não! Entrou primeiro do que eu... A rua Butantã ainda era de paralelepípedo ainda naquela época, a ponte de Pinheiros era uma ponte só: aquela ponte baixinha que tem embaixo de tudo. Quer dizer: o tapa que ele me deu na orelha puxou nove meses de detenção. E esse outro, que era irmão dele e brigou com meu irmão, que meu irmão apanhou dele, e ele era ruim também que bateu no meu irmão, ele tinha também essas tranqueiras de amante. Naquele tempo, tinha aquela frota de táxi, da volkswagen, ele trabalhava na noitada. Aí, o que aconteceu... Então, aí esse irmão dele que eu falei que bateu no meu irmão, aí minha mãe não quis nada de fazer assim nada com ele. Ela falou: ‘Entrega pra Deus. Deus toma conta’. Ele tinha essa tranqueira de mulherada por aí afora. Não tem o Banco do Brasil ali da entrada do Rio Pequeno pra cá? Então, ali tinha um bar, na época. Um bar de noitada, jogatina.

Estava lá de madrugada, o pessoal tomando cerveja, ele foi mexer com uma mulher do cara. E o cara era ex-cadeeiro. O cara foi pra cima dele, ele correu, mas o cara chegou nele com uma chave de fenda e furou o olho dele. Desmaiou na hora. Os irmãos dele não quiseram nem saber dele. Levaram ele pro hospital. Eu cheguei a visitar ele lá no Hospital Matarazzo. Paralisou na hora! Paralisou tudo! Perdeu a vista e paralisou o corpo todo. Morreu. Os irmãos dele não quiseram nem saber dele. Deram fim nele, não sei nem pra onde. Já faz tempo. Você vê: tudo que planta, colhe. Tudo que planta, colhe. É a justiça de Deus. Não é Deus que faz mal pra ninguém, não. A pessoa é que procura. Deus não faz mal pra ninguém. Deus não dá castigo. Você sabe. O pessoal fala: ‘Deus castigou...’. Não, não, não. Mentira. Isso aí não existe. Isso aí é uma lenda que o pessoal tem. Sabia? Quer dizer, uma vez aí ele bateu numa mulher aí também, esse um que morreu nesse tipo de coisa. Eu tenho tudo essas tragédias aí, rapaz. É coisa triste! É coisa triste! Mas a gente que está vivo. A gente que passou esses momentos, a gente não esquece. Nunca! A gente não esquece nunca... Das coisas boas e das coisas ruins do passado. Mas tudo essas coisas de maldade é o ser humano que planta. Esse outro irmão dele que mora no Morro Doce, que era casado com uma tia minha já falecida, batia nela. Batia. Batia. Batia. É rrrruim também! É coisa de família deles. É tudo assim. Na época que eu trabalhei lá na fábrica de veneno, onde trabalhou meu irmão que é falecido, como eu te falei da outra vez – onde pagava bem, mas não tinha proteção nenhuma pra gente. O serviço era perigoso. Fiquei só uns sete meses e depois saí fora... ‘Eu não vou ficar aqui é nada! Vou dar minha vida por causa de dinheiro, e trabalhar num negócio de veneno que não tem proteção de nada?!’. A maioria do pessoal que trabalhou ali já viajaram tudo. Ganhava bem na época. Pagava melhor que todas as firmas. Eu não fiquei lá, não. Trabalhava lá, respirava aquela coisa, eles pagavam bem, dava um leite... Mas não era só o leite... Eu falei: ‘Que naaaaaada! Vou sair fora!’. Peguei e saí fora. Tinha uma parente minha que trabalhava lá na rua São Bento, num prédio lá, e apresentou eu pra trabalhar de faxineiro nesse prédio na rua Boa Vista em frente à Associação Comercial. Na esquina do Pateo do Collegio com a General Carneiro ali... E eu também tenho bastante saudade desse serviço que eu trabalhei lá no passado. E lá eu fiquei até a hora que deu também. Procurei outros tipos de coisa. Aí, que eu fiquei uns três meses desempregado, como eu já te falei no passado, entrei na USP e me acomodei lá.

Fernando – A gente conversou sobre o lazer. Você me falou do tróli, do carrinho de boi feito com espiga de milho... Tinha alguma outra coisa, além dessas, que o pessoal fazia pra se divertir?

Nilce – Óia, do pessoal da fazenda tinha a turma que gostava do futebol de quebradado. A curtição deles, todos os domingos.

Fernando – Você não gostava de futebol porque não gostava mesmo ou porque era ruim de bola? [Dou risada].

Nilce – Não. Eu não gostava mesmo. Da época, porque eu via o sofrimento da minha mãe trabalhando, que ela gostava de fazer uns docinhos [olhos marejados] eu não via a hora de ter um futebol pra ela fazer os docinhos pra eu ir vender no campo. Ela se descabelava pra dar o... ... O dia-a-dia da gente, pra tudo: pra comer, beber, arrumar a roupa da gente. Eu, como era criança, e via que não tinha aquele apoio do meu pai, como criança eu fazia a vez do meu pai. Então, eu não gostava desse negócio de diversões pra deixar ela trabalhando.

Fernando – Desculpa esse negócio de perguntar se você era ruim de bola. É que a turma lá de onde eu morava adorava andar de *skate* e eu até tinha um. Mas eu era muito ruim naquilo e larguei mão... Então, o que eu pensei era outra coisa. Não tem a ver com o que você está falando. O que você está falando é outra coisa... Desculpa.

Nilce – Eu sei. Ah, não! Mas esse negócio de bola eu era ruim também! [Gargalhamos]. Eu era ruim e não gostava mesmo. [Gargalhamos. Até agora não sei quem foi, mas um de nós dois derrubou a câmera da mesa no movimento de gargalhar].

Fernando – Tem bastante coisa que você me contou sobre seu pai e sua mãe. Mas tem alguma outra história sobre sua mãe que você poderia me contar? Quando você pensa na sua mãe, que lembrança te vem à cabeça?

Nilce – Éééé'... ... Eu senti assim a minha lembrança que eu acho que todas as crianças, adolescentes que sabe que têm o pai e a mãe que convive junto eeeee eu sentia falta da convivência dela com ele. Da crueldade que ele teve, de fazer isso. Deixar ela com cinco filhos... E sem piedade de nada. Não só por causa das pingas que ele bebia, mas a gente sentia assim o abandono pelo pai. E a gente cresceu com aquele trauma assim. Mas só que eu não tive revolta, não. Eu tinha dó dela porque a gente via o que ela passava com a gente. Éééé... Quando a gente fazia alguma coisa errada – coitada, ela era revoltada – ela batia na gente sem piedade. Isso aí eu agradeço de ela ter feito isso. Isso aí eu não tenho... Nossa! Isso aí, ela ensinou a gente... Que você sabe os moleques... Ela batia na gente, você sabe, era a maneira de educar. E a coitada era revoltada, que ela não tinha quem ajudasse. Você sabe que os moleques são levados mesmo. Então, rapaz, depois que eu me senti adulto, eu – ao invés de eu ficar revoltado do que ela fez – eu fiquei éééé... Contente, porque foi uma maneira de ela educar a gente. Não tinha outro meio. Era ela que tinha que fazer tudo pra dar a educação pra gente. Isso aí ensinou a gente... É... É... A viver com todos. E se ela não fizesse isso, a gente podia talvez fazer qualquer trapalhada. Então, a gente tinha medo, tinha o respeito por ela. E tem... E tinha saudade e tenho! De tudo que ela fez pra mim foi coisas boas. Por isso que eu estou aqui hoje, tranqüilo. Isso aí sim, eu tenho essa saudade.

Fernando – Seu pai era um homem carinhoso quando visitava vocês...?

Nilce – Era. Isso. Sempre levava um doce, umas balinhas pra agradar porque qualquer balinha que dava pra gente agradava... Mas quem ajudava mesmo eram os irmãos dela e o meu avô, quando era vivo. E os irmãos dela que moravam lá nessa casa perto da paineira. Aí sim.

Fernando – Seu avô viveu até o fim lá na fazenda? Como ele morreu?

Nilce – Olha... Ééééé... Problema de coração. Ele já tinha problema de coração e aquilo – quando acontece esse tipo de coisa, hoje fala enfarte – então, naquela época talvez seria outra linguagem, ou derrame, qualquer coisa... Que era a linguagem da gente no tempo de criança quando essas coisas, que ele ficou acamado uns dias, ele já tinha um problema de coração. Quando ele enfraqueceu mesmo, foi fatal. Quer dizer, que era um tipo de enfarte. Eu era criança. Mas eu lembro. Vi tudinho. Ele... Até hoje eu tenho a fisionomia dele na minha memória. Não tenho foto, mas tenho ele na minha memória. Ele, minha avó... A minha avó – tinha um corregozinho de água que passava lá no quintal que vinha lá das invernadas, aquela bica d'água na porta da casa da gente direto – como ele mexia com negócio de gado, e lá na

fazenda trabalhava com esse negócio de cultivar café, ele tinha – lá falava botina, aqui a gente fala bota – ela ajoelhou assim pra lavar a botina dele naquele corregozinho d'água, ela caiu assim de joelho assim e foi fatal. Mas não caiu assim do alto, não. É que deu assim também tipo de um enfarte. Foi fatal. Na hora. Ela caiu ali... .. E não deu jeito. Foi fatal. Ela morreu antes dele. Não precisou nem chamar médico. Levaram ela até a cama, ela já estava morta. Pegaram ela lá, chamaram a pessoa e levaram pra dentro de casa. Ela estava ajoelhada lavando a botina assim na beira do corregozinho. A pessoa viu que ela deitou. Mas não afogou nem nada, não. A água era rasiinha. Ela estava ajoelhada só pra tirar o estrume do gado que estava na botina. Eu tenho isso na memória guardado... Do passado... Eu era criança. Todos eles fizeram muita falta quando morreram. A gente tinha mãe, mas eles eram pai e mãe também. Apesar dos tios que ajudaram muito, que a gente tem essa consideração até hoje. Você vê, a minha mãe, eles eram em treze irmãos. Tudo na fazenda. Eu conheci todos os treze. Ainda tem um. Os outros doze faleceram tudo, mulher e homem.

Fernando – Seus irmãos... ..Querida que você contasse uma história de cada um deles pra mim.

Nilce – Olha, o Milton, uma lembrança que eu tenho até hoje – que ele mora lá no Embu até hoje – ele, na fase de crescimento da gente do passado, quando meu pai deixou minha mãe, quando a gente começou a crescer, a gente falava: ‘Este é o esteio da casa’. Ele trabalhava demais lá na Fazenda do Recanto. Ele que ajudou a gente, os outros, tudo. Ele que ajudou a gente a crescer no futuro do passado. E ele trabalhou nesse prédio lá na Boa Vista. Mas ele se entregou na bebida na época... Ele trabalhou um bom tempo lá com a gente. Ele era pra estar aposentado hoje também. Mas a bebida não deixou. Quando eu saí de lá, passado uns três meses mandaram ele embora. Lá no prédio, ele chegou a cair na escada, se machucou todo. Eu tive que fazer o socorro com ele, tive que chamar a rádio patrulha, levar ele no hospital na na na na rua Vergueiro... .. Na rua Castro Alves, onde tem aquele hospital municipal lá. A polícia levou ele lá, depois eu tive que fazer ocorrência lá no DEGRAM, lá no Parque D. Pedro, que ele caiu na escada do prédio, se quebrou todinho, machucou muito! Ficou nadando no sangue, você tem que ver. Coisa terrível, na época. Eu tenho dó até hoje. Ele fica lá... Depois que mandaram embora, entrou na prefeitura no Embu, mas não parou com as bebidas. E prefeitura não manda ninguém embora, mas ele não teve jeito de segurar. Que assim que eu saí lá do prédio, eles mandaram ele embora. Teve essa sorte, esse privilégio de arrumar esse emprego lá na prefeitura. E não segurou. Hoje não bebe mais. Mas está acabado! Esse é meu irmão mais velho. Minha irmã mais velha é falecida, e morava lá no Embu também. Todos eles moraram aqui comigo. Ele tem filhos casados, tem neto. É mais velho que eu, mas eu não tenho lembrança quantos anos é. E minha irmã mais velha que morava lá faleceu também.

Fernando – E sua irmã mais velha, a Laurentina, que lembrança te vem?

Nilce – Ela também – coitada! – trabalhou na lavoura de café, tudo, foi muita batalhadora também. Trabalhou de doméstica lá na fazenda, trabalhou na lavoura de café, e eu tenho recordações do que ela fez de bom também. Casou e depois... .. Em setembro agora fez dois anos que ela faleceu. Já tinha falecido dois filhos dela. Deu leucemia. Os dois. O mais velho e o outro do meio. Ela tinha quatro. E agora ficou o outro filho e a filha, também mais nova. E os dois morreram com a mesma doença: leucemia... A Laurentina era muito trabalhadora. E deu derrame cerebral...

Fernando – E o João? Do que você lembra?

Nilce – Ele era o meu irmão caçula que tinha também... ... Ele era um pouquinho zoeiro na época! Não é como eu sou [Ri]. Eu sou tranqüilo. Eu sou mais caseiro. [Gargalhamos]. Eu sempre fui mais caseiro. Eu não deixava minha mãe por nada! Ele, não. Ele era solteiro, e minha mãe tinha um cuidado tão grande com ele... E... ... Uma preocupação muito grande com ele. Depois, amigou com uma pessoa e tem três filhos com uma pessoa que ele era amigado. Faleceu agora em setembro passado. Ele faleceu em '91. Ele morreu aos quarenta e três anos. E a Zilda também morreu aos quarenta e três anos. Aí, eu já tinha passado dos quarenta e três. Eu falei: 'Vixe! Ainda bem que eu já passei dos quarenta e três anos de idade! Tá louco!'

Fernando – E a Zilda, que lembrança te vem?

Nilce – Ela deu um pouquinho de trabalho, mas eu perdôo tudo. Óia... Você sabe, a pessoa quando gosta, que namora, na época, ela não olha quem. Gostou daquela pessoa, não tem quem tira da memória. E ela casou com um cara que já era desandado. Lá em São Mateus, Vila Carrão. E a gente não queria o casamento de jeito nenhum. Ela era solteira e ele já espancava ela. E ela gostava dele assim mesmo! Gostava de apanhar. E a gente ficava sempre assim tão deprimido... Que a gente não foi criado assim. E ele também, na época, já mexia com droga e a gente sabia. E ela gostava dele do jeito que era. Ela chegou a falar: 'Se não deixar eu casar com ele, eu fujo com ele!'. Eu fiz o casamento dela aqui, mas não... ... Não foi de gosto, não. Ela deu esse pouquinho de chateação pra gente, mas hoje... Fazer o que? Já passou. Morou um tempo aqui e depois foi morar lá em São Mateus. Aí... É... Passado um tempo... Ele tornou a voltar pra cadeia. E ela morava lá na casa do pessoal dela lá: as cunhadas, acho que as cunhadas batiam nela também, mas aí é a cabeça dela. Você vê: eu tenho essas recordações. A gente não podia se envolver. É... É... Era triste. Era triste e é triste de a gente saber também. Estar vendo sem você não poder fazer nada. Não tinha como a gente se envolver. Ela gostava dele do jeito que ele era... ... Ela morreu de derrame cerebral também. Ela deixou uma filha. A filha dela mora lá em... ... Uma cidade lá depois de Perus... ... Sentido Anhanguera... Tem outra cidade pra frente lá. [...] Francisco Morato. E essa filha dela que ela deixou estava com treze anos, e eu que fui o tutor dela até ela passa de maior. Ela também me deu um pouco de trabalho. Mas eu segurei. Óia... ... Chegou a fase... ... Que passou da adolescência, arrumou um namoradinho que a gente não dava nada por ele também. E ela não me obedecia bem. Morava aqui, morou aqui. Mas essa daí não era filha do marido que ela morava. Porque ela separou do marido, ela dormia no emprego lá na Na... Na... Na... Rua Faria Lima. Teve caso com uma pessoa e apareceu essa menina. Quando ela faleceu eu tive que assumir ser o tutor dela. Peguei ela com treze anos. Depois que ela se separou do tranqueira lá, ela amigou com um cara ali perto do [bar] Ponta da Praia, ali onde eu te levei. E ele tinha ela e não sei mais quantas... Judiava dela também. Ela está lá. Hoje ele mora com outra. A gente sabia e não podia fazer nada. Tinha que agüentar. A máquina aqui tinha que agüentar. Passou essas fases daí... Não tinha o que fazer. Tinha que deixar a atitude dela. Ela era de maior. Sabia o que estava fazendo... Mas ela curti bastante! Tomava a cervejinha dela, era muito vaidosa, tudo. Mas é o destino. O que eu pude fazer do meu alcance, eu fiz. A gente sentia um pouquinho de humilhação, mas fazer o que?

Nilce de Paula

Bem que foi almejado um caminho cronológico para o depoimento de Nilce. O projeto era esse mesmo. Já na elaboração do roteiro, estivemos sempre atentos à seqüência de temas e lugares: o que sucedia e o que deveria preceder tal e tal assunto.

O começo foi promissor. O depoente parecia tranqüilo, serenamente respeitoso ao que o entrevistador interpelava. Mas, aos poucos, juntamente com as variações de ritmo da narrativa, Nilce já era senhor do tempo e do espaço de sua biografia. Perguntado sobre até que idade ele havia morado na Fazenda do Recanto, por exemplo, ele logo ponderava sobre sua inaptidão para o trabalho na lavoura. Quando o tema é o começo dos serviços ainda na infância, ele explica que difícil também era alcançar a longa distância da escola.

A entrevista foi se tornando uma brincadeira de massa de modelar. Ora, era eu o artista, tentando balizar os caminhos do depoente. Ora, era Nilce quem me esculpia, porque de acordo como desenhava suas respostas, a seqüência de perguntas a suceder àquela já não fazia sentido.

Foi botando a mão na massa que a conversa ganhou corpo. Umhas perguntas eu mantive, outras alterei em cima da hora. Nilce também não esteve submisso à suposta importância de um roteiro. Se o assunto era inconveniente ou irrelevante, a resposta vinha insossa. O tempero ele carregava para outro lado. Ali sim, o mineiro quieto desandava a falar. Hábil cozinheiro, o mestre-cuca foi bem sucedido toda vez que desejou conhecer melhor o paladar do entrevistador comilão.

Cada nova leitura do que nos conta o ex-lavrador vale como poesia: escapa ao poder de quem a escreve. Quem lê e interpreta os versos, o faz sempre de maneira singular. A impositação, o ritmo e a entonação de voz vai sempre depender do sujeito revelado na leitura. A revelação de Nilce como pessoa passa, necessariamente, por nossa própria revelação diante dele. Que o leitor, então, não se engane. Diante de Nilce, como diante de *alguém*, estamos apresentados mutuamente. Trata-se, verdadeiramente, de um encontro a três: Nilce, eu e você.

Algo me chama a atenção. Do primeiríssimo dia em que estive junto aos garis da USP – em 22 de novembro de 1994 – guardo muitas recordações, episódios que me marcaram indelévelmente. Entretanto, não me lembro de Nilce, nem de nada que tenha a ver diretamente com ele. Não fosse a foto em que todos nós aparecemos juntos, não teria certeza em afirmar que ele esteve conosco naquele dia.

Atualmente, nós nos falamos toda semana. Conheço sua casa, bem como as de suas filhas. Já provei de seus temperos e algumas de suas manias. Estive com seus amigos de bairro e seus vizinhos. Pela maneira como me fala *oi* não tenho dúvidas sobre seu estado de espírito naquele instante. Trocamos presentes com frequência, e posso assegurar que ele é bem mais generoso do que eu. Nilce sabe que adoro as empadinhas que faz. E sabe também que as prefiro sem palmito. Não confunde o nome dos meus queridos e sempre pergunta dos meus pais. Fico preocupado quando ele bebe cachaça, mas não tenho certeza se sabe disso. Sinto saudade dele todo dia, e não recusaria sua parceria na varrição outras centenas de vezes. Nilce me quer bem. E eu, honestamente, não me imagino sem sua companhia. Ficamos amigos.

Minha impressão a respeito de Nilce – hoje ou treze anos atrás – é esta: guardo-o como alguém muito discreto. *Coxinha*, como o chamam os vizinhos no bairro do Rio Pequeno, é alguém de presença suave, um sujeito de fala mansa e de olhar curioso. Ouve a gente com uma atenção ímpar. Para ele, nada passa despercebido. E não só ouve simplesmente; se o assunto é embriagante, temos logo um interlocutor de interjeições que parecem trilha sonora, um interlocutor de perguntas agudas e também de silêncios religiosos. Nilce tem atenção pela nossa presença. É alguém verdadeiramente disposto a ouvir e falar. Estar com ele é estar sempre acompanhado. Bem acompanhado.

Negro – negro mesmo – sua forma física é invejável. Vai à pé ou de bicicleta a todo lugar. Se a ladeira é íngreme, ele não tem dúvida: diminui o passo ou – quando em cima da *magrela* – desce e a leva do seu lado. Não há roupa que vista mal seu corpo desenhado pelo trabalho braçal extenuante: sessenta e cinco anos de idade não lhe trouxeram barriga ou má postura. Costuma raspar a cabeça, mas não recusa corte que deixe ver melhor seu cabelo pixaim, vasto, grosso e brilhante.

Nilce é um homem sedutor. Em geral, as mulheres (moças ou não) são recebidas com um sorriso franco e respeitoso, mas nem por isso menos paquerador. Nilce é galante, e um colega humilde. Para ele, sempre há um salgado guardado na estufa da lanchonete, um café fresquinho, um refrigerante gelado, uma deferência qualquer. É impressionante! Conhece gente em todo e qualquer canto da Cidade Universitária:

dentro das faculdades, institutos e laboratórios, nas guaritas, nos bandejões, pelas ruas e vielas, nos pontos de ônibus.

A entrevista.

Se eu disser *as entrevistas* (no plural) estaria sendo mais coerente e fiel à realidade. Foram pelo menos oito encontros com esse intuito – uns tranquilos, outros entrecortados – embora em pelo menos dois deles não tenhamos sequer tocado no assunto *entrevista*. Nilce gostou da idéia e não fez nenhuma exigência: *Você já quer vir amanhã?*

Não obstante, fui sendo surpreendido com algo que se repetiria em todos os encontros: a formalidade com que eu encarava minha tarefa aparentemente não tinha nada a ver com a expectativa despertada no depoente.

Para o primeiro dia, marcamos às sete horas da manhã porque chegamos a um consenso – para ambos, quanto mais cedo melhor. No dia combinado e na hora combinada, sou eu quem acorda o entrevistado: *Não. Eu já estava acordado. É que acabei cochilando, rapaz. Mas eu estava ouvindo o rádio.* Enquanto diz isso, Nilce está abrindo o portão de casa para mim. Voz enrolada, cara amassada de travesseiro e, às vistas de qualquer pessoa que transitasse pela rua naquele instante, apenas de cueca! Pelo que percebi, eu é que fiquei constrangido, como se eu próprio é quem estivesse seminu. Ele parecia mesmo é estar bem à vontade.

Entrei e aguardei na sala. Nilce esteve ocupado por quase meia hora cuidando de Dona Elza – sua esposa que, por conta de um acidente vascular cerebral e do diabetes, vive em estado semi-vegetativo. Quando Dona Maria chegou – uma senhora que auxilia a família em todas as tarefas domésticas e de enfermagem – fui convidado para um passeio: Nilce queria que eu conhecesse melhor as redondezas e, especialmente, seus amigos de boteco. Para lá fomos.

Foram tantas as apresentações mútuas, os bares visitados, os conhecidos que nos paravam pela rua; foram tantos os assuntos, as histórias, os cafezinhos e as cachaças; foram tantas esquinas, tantos bares e mercearias, que não houve entrevista propriamente dita. Passamos uma manhã inteira – das sete ao meio-dia – esquecidos do propósito inicial daquele encontro.

A mudança de planos não foi de todo mal . Conversei com pessoas atrás e na frente de balcões, jovens cabeleireiros, aposentados que passam os dias jogando dominó, pais de família desempregados. Conheci amigos e colegas de Nilce, seus

clientes de salgadinhos e seus admiradores. Conheci a antiga casa de Dona Elza, o lugar do começo do namoro e do dia do casamento, as ruas onde suas filhas brincavam trinta anos atrás. Reencontrei marcas de biscoitos que eu julgava fora de circulação – mercadorias que são comercializadas somente nas periferias e que, desde o começo da adolescência, eu nunca mais vira. Visitei estabelecimentos onde se vende de tudo, lojas que não ultrapassam nove metros quadrados de tamanho e que representam o comércio predominante do bairro: lâminas de barbear ao lado de velas ao lado de absorventes femininos; farinha de trigo ao lado de latinhas de cerveja ao lado de prendedores de roupa; amendoim ao lado do sabão em pó ao lado das lâmpadas. Conheci as famosas máquinas *caça-níqueis*, bancas de *jogo do bicho* e os *gerentes* das bancas. Observei que o bairro foi crescendo de forma desordenada, criando ruas e vielas que prejudicam o senso de localização de quem transita por ali. As casas vão crescendo conforme a possibilidade econômica de cada morador, ao lado de oficinas mecânicas, funilarias, bares, cabeleireiros, pequenas mercearias, etc. Não há nenhuma regra que tenha organizado o que é área comercial e o que é área residencial. Existem muitas igrejas: em geral, elas são as construções mais imponentes do quarteirão. Nilce foi um verdadeiro guia e ótimo anfitrião. Quando retornamos, já não havia tempo para uma conversa formalizada.

O segundo encontro – este sim o primeiro onde conseguimos ligar a câmera – não teria sido o mesmo caso não tivéssemos nos visto anteriormente da maneira como tudo ocorreu. Quando o morador do Rio Pequeno falava, por exemplo, sobre uma rua do bairro, já tratava do assunto imaginando comigo o lugar: *Sabe aquela rua ali em cima onde a gente esteve, aquela subindo a direita? Então...* Sabia que para mim também já se tratava de um local conhecido; não como ele conhecia, claro, mas algo sobre o que ele poderia falar sem que a referência me fosse completamente estranha.

Conhecer as cercanias da casa de Nilce – atualmente em reforma, o que nos fez repensar se conversaríamos na sala, no quintal, etc. - fez com que minha visão sobre o lugar ficasse mais abrangente. Permitiu, também, atinar melhor com algumas discrepâncias antes já reclamadas por duas de suas filhas.

No lugar onde moram existem residências bem humildes, simples mesmo; mas são pouquíssimas as que, como a deles, não estão acabadas. A grande maioria foi pintada por fora e por dentro, tem muro alto na frente e garagem com portão. Não faltam a caixinha para correio e a campainha. As janelas são novas e de boa qualidade. As construções aparentemente foram projetadas, pensadas antes de serem erguidas. A

casa do ex-gari foi crescendo lentamente – puxadinho por puxadinho, alguns cômodos ainda sem forro nem laje, reboco sem amaciamento, pintura descontinuada e já descascando. As ligações elétricas são improvisadas (há trinta anos) e alguns encanamentos estão aparentes. Resiste acanhada a tentativa de uma minúscula vendinha colada à cozinha e com janela para a rua. No lugar de cadeado, o portão fica fechado com um pedaço de arame.

O terreno da casa é desnivelado em dois patamares. O da frente fica mais em cima, ao nível da rua. O de trás, onde Nilce construiu dois cômodos para cada filha solteira (Renata e Ana), fica na mesma horizontal da rua de trás. A entrevista ali ocorreu em quatro lugares diferentes: dois deles nas extremidades opostas do quintal dos fundos, os outros dois dentro de casa: na sala e na cozinha; o último, o canto preferido do mestre-cuca.

Entrar ali e não provar nenhum de seus quitutes pode ser encarado como ofensa ou desfeita. Melhor não arriscar nenhuma preferência, mesmo porque o visitante não tem do que se arrepender. Doce de abóbora, doce de leite, doce de mamão, doce de laranja, doce de figo: frutas frescas sem economia, açúcaradas na exata medida. Empadinha de frango e de palmito, coxinha, quibe, enrolado de presunto e queijo, enrolado de salsicha, sanduíche de lingüiça calabresa. Tudo bem temperado e bem preparado.

Antes de os trabalhadores da limpeza terem seu vestiário transferido do viveiro para a P.C.O., *Neguinho* – como lhe conhecem na USP – nunca deixou de ser o responsável pelos almoços comemorativos dos companheiros. Era ele quem listava a qualidade e a quantidade do que se compraria. Era ele também que organizava e preparava tudo: desde os condimentos até os talheres. Nos dias de festa, ele nem *trabalhava*: estava sempre dispensado da tarefa mecânica de varrer para engajar-se na ação criativa – concreta e simbólica – de transformar ingredientes vários em comida para a *peãozada*. Nada no ambiente da varrição, nenhuma das outras tarefas do gari, era motivo de tanto orgulho para o ex-lavrador. Nada o satisfazia mais. Se já havia me acostumado a vê-lo sorridente, nunca deixei de reparar que, nesses dias, ele parecia iluminado. Ficava mais conversador, mais agitado, mais piadista. Nilce parecia o dono do lugar, como se o viveiro fosse sua casa e ele recebesse ali seus próximos mais queridos.

O que corria legal lá era que, quando eles iam fazer qualquer evento lá, o encarregado chegava: ‘Ó, a gente vai fazer um churrasco aí, você vai ficar pra assar o churrasco’. Escalava logo eu. Eu só marcava o ponto de manhã, todo mundo ia pro campo trabalhar, e eu ficava lá. (Ri). Era o mestre-cuca. Já pegava a carne pra temperar, já perguntava o que precisava e me levava no açougue. Já escalava eu. Eu já montava a churrasqueira, já limpava tudo, fazia os temperos. Outra hora, quando precisava fazer o almoço também, às vezes eles inventavam de fazer um almoço assim, era eu que ia pra cozinha pra fazer o almoço. Ao invés de eu ir pro campo trabalhar, eles escalavam eu. [...] Você lembra. Você é testemunha disso daí. Eu era o mestre-cuca de lá. Sempre fui. Eu tenho recordações e saudade desse tempo passado.

Não esqueço do primeiro dia que provei sua comida. Voltei cedo da varrição porque Tião me convidara para sua festa. Ninguém ali: somente eu e o cozinheiro. Nilce veio com uma pequena panela velha de alumínio, de cabo preto esfolado, úmida. Apressou-se em servir bastante arroz e um pouco de mistura – cozido de músculo com batatas. Desculpou-se: *Não tem garfo, Fernando*. Escolheu uma colher para mim. *Prova pra me dizer se está bom de sal, se não está faltando nada*. Quanto mais comida ele colocava na panelinha, mais apreensivo eu ficava. Tive medo. Fiquei tenso. E se não gostasse da comida? O que diria? E se não dissesse nada e ele percebesse que não gostei? Ficaria ofendido se o estudante recusasse o prato? Ficaria ofendido se o jovem habituado a dietas de classe média hesitasse aceitar o que ele tão gentil e generosamente ofertava?

Nilce não usa correntinha com crucifixo pendurado, não cita a Bíblia, não prega o evangelho e dificilmente vai à Igreja. Não tem imagens de santo em sua casa e nenhuma de suas filhas foi batizada com nomes ostensivamente sacros. Mas foi uma pessoa a me ensinar sobre Deus, sem perceber que o aluno aprendia e sem que eu próprio percebesse que ele ensinava. O Deus dele é chegado, perto de nós, muito amável e amoroso, sem rancor; não se vinga, não condena, e age somente em nossa causa e em nosso benefício.

Certa vez, varriamos a Avenida da Universidade, já próximos ao CEPEUSP¹⁹. O ano era 1998. O lugar é bem movimentado: pessoas, veículos de passeio de carga,

¹⁹ Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo.

ciclistas. Trabalhávamos em um grupo de oito pessoas, divididos em duas turmas: de cada lado da pista, três varriam e um vinha com o carrinho logo atrás recolhendo o lixo amontoado. Rotina. Era final de tarde de um dia em que fora agradável o tempo de serviço: Moisés, o encarregado, fez vista grossa para nossa preguiça e nosso bate-papo. Liberados pelo *cachimbo*²⁰, o ritmo do corpo novamente nos pertencia. Rotina contrariada.

Eu estava como o terceiro varredor naquele lado do passeio. À minha frente, Manel e Tião. Atrás de mim – às vezes próximo, às vezes mais distante – vinha o Nilce.

A certa altura, conversando com Manel, fiquei distraído do serviço. O varredor falava sobre revolução; para ele, a única forma verdadeiramente capaz de engendrar o fim da dominação de humanos sobre humanos. Quando me dei conta, atento que estava ao que dizia o companheiro, Nilce já estava à minha frente. Virei o corpo para trás buscando algo que tivesse deixado por varrer. Bitucas de cigarro, talvez.

Nesse momento, reparei que havia miolo de pão pelo passeio. Fiquei intrigado. O pão não estava exatamente espalhado. Parecia que alguém estava brincando de “João e Maria”. Comentei com Nilce:

– Caramba, Neguinho! Tô tão distraído do serviço que deixei sujeira pra trás. Guenta aí. Segura o ritmo, que eu vou voltar lá.

– Não. Você varreu direitinho. Eu é que tirei o pão da lixeira e espalhei pros passarinhos. Olha como tem passarinho naquela árvore! Como é a natureza! O pessoal joga o pão fora e os passarinhos fazem um banquete.

Nilce vê na natureza um comércio metabolizante infalível. O pão desprezado por alguém – o pão jogado no lixo – vira banquete. Através de Nilce, pela mão de *alguém*, pássaros encontram alimento. Um banquete para animaizinhos que voam, que cantam, que habitam nosso mundo comum. Um banquete para animaizinhos que existem independentes dos humanos, mas que alimentam nossa fantasia e nossa imaginação.

Como é a natureza! O pessoal joga o pão fora e os passarinhos fazem um banquete. Curioso. Se não fosse pela ação direta de Nilce, não fosse por suas mãos, os tais pães misturados ao lixo – pães abandonados junto aos detritos, plásticos, papéis, papelões, restos de tudo o que se possa imaginar – não chegariam a se tornar alimento

²⁰ Apelido pelo qual é tratado o encarregado do grupo, independentemente de quem esteja na função.

para as aves. Seria inevitável que o processo todo fosse resumido ao consumo do pão por insetos e larvas. Não chegaríamos a encarar o pão como alimento de fato. Ele contaria como matéria em decomposição. É Nilce quem age e interfere no processo. E é Nilce também que chama nossa atenção para o fato novo²¹. Ele não ignora que tenha provocado efeito: *Eu é que tirei o pão da lixeira e espalhei pros passarinhos*.

Nilce se reconhece incluído na natureza, vê-se integrado. Vê o pessoal, o pão e os passarinhos integrados num comércio sem desperdício: e age no sentido de corrigir a interrupção disso. Sua ação não cria, mas sim resgata a integração. Nilce não se sente invisível, como poderia se sentir numa circunstância de humilhação, sente-se integrado. E, certamente, o homem integrado fica um tanto invisível, elemento e ingrediente de um só processo, o processo da vida, o processo da natureza. Isto, todavia, comporta certa alegria e bem intensa: a celebração da vida e de tomar parte na manutenção da vida. [Para os gregos, ciosos da dignidade singular de cada indivíduo, a eternidade da natureza, das espécies e de seu metabolismo, não valia como compensação para a mortalidade humana, para o anonimato de uma vida integrada e sem biografia. Por isso é que, à diferença dos hebreus e dos lavradores, desprezavam o labor. Sobretudo aqueles que, dispendo de escravos ou subordinados, ignoravam a alegria dessa atividade]. A invisibilidade de que Nilce parece ressentir-se não é a do lavrador humilde, satisfeito em desaparecer no feliz e eterno processo da vida: esta integração, sentida como religiosa – religiões agrárias – não é amarga para o lavrador. Amarga é a invisibilidade ligada à humilhação social²².

Com Nilce, não conheci somente novos lugares e outras pessoas na Cidade Universitária. Não estivemos envolvidos apenas em contemplação e gozo da amizade. Com o ex-gari, por seus apontamentos e reflexões, reparei na e na agudeza de quem vive por dentro a ação crônica e corrosiva da Invisibilidade Pública. É incrível como ele pode ser sutil e sagaz simultaneamente.

Certa vez, ainda em meu primeiro mês entre os garis, ele chamou minha atenção para algo interessante. Estávamos espetando papel – deslocados do grupo de

²¹ A necessidade do agente narrar seus atos pode ser bem compreendida quando, em *A Codição Humana*, Hannah Arendt analisa profundamente a importância da relação entre ação e discurso na esfera pública.

²² Parte do que pude compreender a partir do que ouvi de José Moura Gonçalves Filho, meu orientador, em um dos encontros para orientação.

varredores. Percorremos a pé boa parte da cidade universitária. Quando estávamos próximos ao portão principal, de frente para o prédio da fuvest, ele disparou:

Você veja, Fernando. Quantos companheiros trabalharam para fazer esse prédio, suaram, se machucaram e até perderam sangue. Mas se quiserem entrar lá, não passam nem da porta. Vão ser barrados²³ lá.

Meses depois:

Esse pessoal acha que porque a gente é analfabeto a gente não percebe as coisas. Igual quando vem esse pessoal de fora aí, do exterior: a gente tem que varrer, fazer o serviço rapidinho, e os encarregados vêm enxotar a gente. Por que?. Pro pessoal não ver a gente! Pra que isso?! Só porque eu estou com essa... Com esse uniforme? Pra que essa discriminação?! Esse pessoal acha que porque a gente é analfabeto, a gente não percebe as coisas.

Nilce é assim. Engana-se quem, diante do homem educado e tranqüilo, o toma como débil ou desatento. Sua esperteza está também no silenciar, em só falar em boa oportunidade. Verdade que em determinadas circunstâncias o que o faz calar não é exatamente a perspicácia do homem agudo, livre para opinar e reagir. Grande parte das vezes, é a eminência de ser humilhado, é o risco de perder o emprego que veta seu olhar independente, a possibilidade de expressar o que vê, ouve e sente.

Em certo trecho da entrevista, o ex-gari conta de quando era ascensorista em um prédio comercial no centro de São Paulo. Vamos ouvi-lo²⁴.

Tinha algumas pessoas que eram meio revoltadas. Às vezes, eles tocavam o elevador e se demorava um pouquinho: ‘Ô! Estou há tantos minutos aqui e esse elevador não sobe! Esse elevador que não desce!’. É que, às vezes, chegava

²³ Não me parece evidente que o protesto de Nilce contra as barreiras seja um protesto em favor da participação política: o que me parece mais certo é que vem em favor da integração. A felicidade e a infelicidade de Nilce são as do trabalhador, mais do que as do cidadão: estas últimas são vividas, mas pouco interpretadas em registro político.

²⁴ Note-se que a citação seguinte contém elementos para, em certa medida, apoiar o retrato de Nilce que aqui está sendo composto. Nilce é moralmente virtuoso, mas não é um consciente agente político. É tão evidente que Nilce se ressentia de humilhação quanto o fato de que, por razão do salário, engole o desgosto. É uma pena.

num andar assim, tinha uns que... .. É... É... Esse pessoal meio espaçoso: um estava de um lado, o outro do outro. O elevador parava ali, eles ficavam com um pé dentro, o outro fora. Eles conversando, batendo papo, a campainha tocando lá embaixo. A gente não podia falar pra eles. ‘Olha,...’. Eles estavam vendo, né?! Se eles tinham pressa, os outros também tinham. Não podia falar nada. Aí, sobrava pra gente de todo jeito. Chegava lá em baixo: ‘Ô! Esse elevador que estava parado em tal andar aí!’. Não tinha como justificar. Os caras não aceitavam justificar. Eles não querem nem saber. Você ia explicar eles não davam nem... Vou te contar! A gente tinha que ter paciência... Pra não discutir com ninguém. A gente agüentava essas coisas que a gente dependia daquele salariozinho ali. [...] A gente tinha que tolerar essas humilhações. Eu passei por esses momentos. [...] Nossa! Mas a gente, pra sobreviver, precisa se sujeitar a um monte de coisas. A gente que trabalha de empregado, a gente se sujeita a uma série de coisas. [...] Você vê. Aí no caso. A gente trata a pessoa bem, aquele usuário do elevador. É: ‘Não, senhor. Sim, senhor...’. De repente, o cara te dá uma cacetada. Aí, a gente sentia. Pô, não é bem assim! O sujeito então tinha duas caras?! Quando está adiantando o lado dele, tudo bem. Agora, uma falhazinha que você dá e o cara vem te pisar?! Aí não pode... Então, a gente também tem que reconhecer aquilo. Ele só quer ser bem servido e bem tratado. Agora, pra... Às vezes, por causa de uma coisa em um minuto, te dá uma cacetada. Às vezes, até na frente de outras pessoas que estão vendo. Poxa! [...] Porque tem deles que tem estopim bem curto. Faz isso na frente das pessoas, solta os cachorros em cima. Já eu não fazia isso. Engolia. Aí que é mais doído para gente... .. E a gente fica com aquilo na memória. Poxa vida! Por que eu não falei isso na hora que a pessoa?! Por que eu não falei aquilo?... .. Sabe? Eu não tinha coragem. [...] Em casa, eu disfarçava. Não trazia os problemas pra casa pra descarregar em outra pessoa, não. Isso não. Eu segurava. Assim na minha mente. Mas depois eu já ficava sabendo no outro dia, aquela pessoa que me tratou daquela maneira que... Eu também tinha que mudar o jeito de ser com ele. Não agir com grosseria. Mas, às vezes, quando vinha com alguma brincadeirinha, eu não me abria, não. Tinha que ser, senão... Você leva pedrada, leva pedrada, e vai ficar dando risada?! Ah, não! Então, a gente já sabia com

quem estava lidando. Tinha que se proteger. Até que a pessoa ia se tocar e mudar o tratamento com a gente. [...] A gente tentava tirar aquilo da memória, não ficar com aquele rancor. [...] Naquele momento, a gente ficava chateado. Depois, ia passando, ia passando, ia passando. Mas pelo menos a gente ficava sabendo com quem estava lidando: me trata assim, então também vou mudar. Não vou tratar com grosseria, mas também não vou ficar me abrindo.

As lembranças do grupo doméstico persistem matizadas em cada um de seus membros e constituem uma memória ao mesmo tempo una e diferenciada. Trocando opiniões, dialogando sobre tudo, suas lembranças guardam vínculos difíceis de separar. Os vínculos podem persistir mesmo quando se desagregou o núcleo onde sua história teve origem. Esse enraizamento num solo comum transcende o sentimento individual²⁵.

Os pais de Nilce – João Sebastião e Antonieta – separaram-se cedo, quando os filhos eram todos pequeninos ainda. A lembrança desse tempo – muito doído – é algo que o menino não esqueceu. Quando fala no assunto, seu semblante assume profundo ar de tristeza. Parece que foi ontem.

[Meu pai] Foi... Deixando minha mãe aos poucos. E a gente sentindo tudo aquilo. Era criança, mas estava vendo esses movimentos.

Nilce conheceu pouco seu pai. A última vez que o viu – já separado de sua esposa – era uma criança. Fala disso de forma aparentemente contraditória, ora afirmando não ter sentido a ausência do pai, ora tecendo narrativas onde sustenta ressesntir o abandono como uma perda ou dano. A distância de Sebastião foi balanceada pela presença marcante dos tios e avós, pessoas a quem o depoente dedica infinita gratidão. Nilce vivia um vínculo seguro e persistente com a mãe, fato que se tornou referência no ajuizamento acerca da distância que seu pai não se empenhou em diminuir. Dona Antonieta foi mãe e esposa abandonada, por isso, em especial, ele se

²⁵ BOSI, E. – Memória e Sociedade: lembrança de velhos. São Paulo, Cia. das Letras, 1994.

ressente tanto. Os danos àquela mulher foram muito marcantes para o menino. Os vínculos com o avô e com os tios parecem ter aplacado a dor pela ausência do pai, alguém, na verdade, que não chegou a ser referência para Nilce.

Dona Antonieta foi a figura central de sua infância. A vida psicológica do menino estava amparada na relação com ela e nos vínculos muitíssimo próximos que ela mantinha com os avós e tios. A referência que Nilce teve do pai não chegou a se tornar consistente, e foi murchando cada vez mais ao longo de sua história. Tornou-se imagem borrada, sem nitidez²⁶.

Ele é que vinha. Quando a gente menos esperava, ele chegava lá. A gente se via pouco: só quando ele ia mesmo. A gente nem... Nem... ... Deus que me perdoe! A gente nem sentia falta.

Noutro trecho, parece mudar o ponto de vista.

Eu senti assim a minha lembrança que eu acho que todas as crianças, adolescentes que sabe que têm o pai e a mãe que convive junto... Eeeeeee... ... Eu sentia falta da convivência dela com ele. Da crueldade que ele teve de fazer isso. Deixar ela com cinco filhos... E sem piedade de nada.

Sua família morava em Poços de Caldas, uma estância de águas que recebe, sobretudo, visitantes paulistas e paulistanos, a despeito de localizar-se no estado das Minas Gerais. É que a cidadezinha está bem próxima da divisa com São Paulo e a cerca de duas horas da capital deste estado. Nilce morou em Poços até completar cinco anos de idade, mas a maior parte de suas lembranças marcantes – como veremos – está a setenta quilômetros dali, em Machado. Há razões importantes para isso. A mudança para a fazenda - o que naquela época não se fazia em menos de três horas viajando em estrada de terra – marcou um recomeço mais firme. O casamento dos pais, assim como a vida em Poços de caldas, era fato insólito. A fazenda – como veremos – assentou e amparou as crianças, pessoas em situação de quase mendicância. De raízes firmadas, bem apoiada e segura tornou-se a memória da família.

²⁶ “A imagem de nosso pai caminha conosco através da vida. Podemos escolher dele uma fisionomia e conservá-la no decurso do tempo. Ela empalidece se não for revivida por conversas, fotos, leituras de cartas, depoimentos de tios e avós, dos livros que lia, dos amigos que freqüentava, de seu meio profissional, dos fatos históricos que viveu... Tudo isso nos ajuda a constituir sua figura”. BOSI, E. – Memória e Sociedade: lembrança de velhos. São Paulo, Cia. das Letras, 1994.

A mudança de cidade não foi planejada, veio como um resgate. Sua família passava por sérios apuros e dependeu aqui e ali da solidariedade dos vizinhos mais próximos. Segundo Nilce se lembra, tudo começou a complicar quando ele, seus irmãos e sua mãe ficaram sem apoio de seu pai.

[Meu pai] Trocou minha mãe por outra. Fazia serenata na casa da outra com o violão. Foi... Deixando minha mãe aos poucos. E a gente sentindo tudo aquilo. Era criança, mas estava vendo esses movimentos. [...] Morava num barraco numa favela lá em Poços de Caldas. Aí, meu pai [avô²⁷] foi lá um dia, viu a situação. No mesmo dia ele já pegou ela e nós e... ... Naquela época era quatro. A mais nova não era nascida ainda. E de Poços de Caldas para Machado, nem pensava de ter asfalto. [...] A gente voltou pra casa do meu avô só com as malas de roupa e com a roupa suja mesmo. Meu avô viu a situação como é que estava. A gente estava lá praticamente abandonado e... A minha mãe, a gente era tudo pequeno, aí tinha pessoas que trabalhavam numa pensão em Poços de Caldas e que levavam comida pra nós. Nem comida não tinha. Elas levavam comida pra minha mãe pra poder ajudar a sustentar a gente. A gente era tudo pequenininho. Não ajudava a fazer nada. Era só ela.

Dona Antonieta – mãe de Nilce – será lembrada durante todos os dias de entrevista como o centro psicológico de sua vida, a inspirar suas ações, a motivar seus projetos, a figurar como exemplo impecável de luta e dedicação pelos seus. Mulher – com seus cinco filhos – abandonada pelo esposo, Antonieta virava-se como podia para que as crianças não passassem fome e se vestissem. Pessoa incansável – lavradora, costureira, lavadeira, fazedora de doces e quitutes, tudo ao mesmo tempo – é descrita pelo depoente como dona de uma inteligência prática admirável.

Minha mãe, coitada, só trabalhou! Depois que meu pai abandonou ela, ela teve que apelar. [...] Chegou a trabalhar na roça, em lavoura de mandioca. Depois, costurava naquela maquininha de mão. [...] A gente lembra direitinho ela fazendo vestido de noiva, tudo. E sem ter leitura nenhuma! Tudo isso de memória²⁸. [...] Trabalhava na roça e

²⁷ *Ato falho.*

costurava. Tudo ao mesmo tempo. Lavava roupa pra fora também. Fazia de tudo pra poder dar o sustento pra gente. E a gente vendo aquilo, eu pensava: ‘Meu Deus do céu! Um dia, se Deus quiser, eu vou poder dar uma recompensa pra ela’. [...] Porque eu via o sofrimento da minha mãe trabalhando. [...] Ela se descabelava pra dar o... ... O dia-a-dia da gente, pra tudo: pra comer, beber, arrumar a roupa da gente. [...] Éééé... Quando a gente fazia alguma coisa errada, coitada – ela era revoltada – ela batia na gente sem piedade. [...] E a coitada era revoltada que ela não tinha quem ajudasse.

A memória desses cinco anos de desamparo vem interpelar o depoente através de um prisma bem nítido. A fratura inicial foi gradualmente se calcificando. Em momentos inesperados, de repente, vem a evocação: Nilce fala que cresceu sem pai, mas salienta que, acima de tudo, contou com amparo de familiares muito atenciosos.

A ausência do pai não pareceu valer em si mesma ou valer diretamente. Pareceu valer relativamente: valer em relação com aqueles interlocutores e aqueles ambientes que se tornaram diretamente muito significativos e caros para Nilce. Nilce salienta que cresceu sem pai, salienta, sobretudo, o desamparo e o desabrigo, agravados com a ausência de Seu Sebastião. O abuso da mãe pelos outros, a miséria castigante, a família sem casa: eis os agressores! Ele chora menos o pai negligente (o pai que desamparou a esposa e não se ligou significativamente aos filhos) do que chora a mãe abandonada e a desgraça agravada: não é um pai perdido que é chorado; um pai negligente é que é lamentado. O avô e os tios não compensaram um pai perdido, mas inauguraram a vivência de paternidade por Nilce.

Na infância, o fato parecia algo a persegui-lo: a mãe age com revolta, o vizinho abusa de sua ingenuidade, a pobreza maltrata a ele e aos irmãos. Se tivesse tido o pai presente ali, ele salienta, tudo seria diferente. Nilce ainda se emociona quando toca no assunto e, chateado, diz não compreender a atitude dele: cruel, nas suas palavras. Sorte das crianças poderem contar com um avô materno que não vacilou um instante e, assumindo toda a responsabilidade por abrigá-los, tentou aliviar como podia o efeito do abandono. Levou todos para a Fazenda do Recanto, no município de Machado. Aliás, a julgar pelos *atos falhos* quando se refere a ele, o neto tem no *avô* um verdadeiro *pai*.

Circunstâncias adversas podem revelar nosso caráter. Grande parte da devoção à mãe deveu-se à sua perseverança. Abandonada pelo marido, contando com toda a ajuda

do pai, mas ainda insuficiente para criar cinco crianças, Antonieta foi brava o tempo todo. Educava, orientava, alimentava e vestia os filhos. Vivia para eles e em nome deles. Nunca trabalhou para si mesma. Não namorou, não se casou novamente, não se lançou em projetos individuais ou egoístas. Abandonou as preocupações com sua saúde, abriu mão de divertir-se, esqueceu-se como mulher. Viveu como santa: casta, milagreira e desprendida de coisas materiais. E viveu como gente: ofendida e temerosa de uma nova decepção, não conseguiu perdoar o marido aparentemente arrependido; exausta e muitas vezes solitária, batia nos filhos como último recurso; surrada duramente pela vida e pela pobreza, nunca se entregou e jamais abandonou os filhos – ela temia algum descaminho. *Quando a gente fazia alguma coisa errada – coitada, ela era revoltada – ela batia na gente sem piedade. Isso aí eu agradeço de ela ter feito isso. Isso aí eu não tenho... Nossa! Isso aí, ela ensinou a gente... Que você sabe os moleques... Ela batia na gente, você sabe, era a maneira de educar.*

O filho que primeiro rumaria para a cidade de Machado deixando a Fazenda do Recanto e, finalmente, faria vida em São Paulo, nunca ignorou o esforço empreendido por Dona Antonieta. Nilce relata ter deixado o futebol com os amiguinhos para ajudar a mãe. Fechava os olhos para o prazer que poderia desfrutar ao lado dos amiguinhos, desconsiderava o fato de ser domingo e, muito decidido, trabalhava no único dia reservado para o lazer dos colonos: vendia doces no campinho de futebol. Uma criança preocupada desde muito cedo com sua própria sobrevivência e de seus irmãos. Um menino orientado muito precocemente ao trabalho.

Mas só que eu não tive revolta, não. Eu tinha dó dela porque a gente via o que ela passava com a gente. Éééé... Quando a gente fazia alguma coisa errada, coitada – ela era revoltada – ela batia na gente sem piedade. Isso aí eu agradeço de ela ter feito isso. [...] Nossa! Isso aí, ela ensinou a gente... Que você sabe os moleques... Ela batia na gente, você sabe, era a maneira de educar. E a coitada era revoltada que ela não tinha quem ajudasse. Você sabe que os moleques são levados mesmo. [...] Não tinha outro meio. Era ela que tinha que fazer tudo pra dar a educação pra gente. Isso aí ensinou a gente... É... É... A viver com todos. E se ela não fizesse isso, a gente podia talvez fazer qualquer trapalhada. Então, a gente tinha medo, tinha o respeito por ela. E tem... E tinha saudade e tenho! De tudo que ela fez pra mim foram coisas boas. Por

isso que eu estou aqui hoje, tranqüilo. Isso aí sim, eu tenho essa saudade. [...] Porque eu via o sofrimento da minha mãe trabalhando, que ela gostava de fazer uns docinhos, [olhos marejados] eu não via a hora de ter um futebol pra ela fazer os docinhos pra eu ir vender no campo. Ela se descabelava pra dar o... ... O dia-a-dia da gente, pra tudo: pra comer, beber, arrumar a roupa da gente. Eu, como era criança, e via que não tinha aquele apoio do meu pai. Como criança, eu fazia a vez do meu pai. Então, eu não gostava desse negócio de diversões pra deixar ela trabalhando. [...] A minha mãe, coitadinha, era analfabeta. Mas a gente debulhava milho pra cuidar de porco, ela ensinava a gente assim: a fazer conta com o grão de milho. Um, dois, três... Ela tinha essa agilidade.

A memória do depoente sobre a frequência com que Seu João Sebastião ia até a fazenda é contraditória, prova de que o fato continua contundente e enigmático. Lembrança e desejo parecem confundir-se como em um sonho. Na vida real, o relacionamento dos filhos com o pai ficou frouxo. A distância fazia sofrer. Nilce desejava o pai mais próximo. Seu João Sebastião ia e vinha sem regra. Na companhia deles, sem constrangimento, embriagava-se com pinga. Dormia na casa do sogro como visita, em um colchão na sala, longe dos quartos. Desligou-se dos filhos. Desapareceu. Nunca mais deu notícias. Nilce sofreu. Nilce ainda sofre. Foi saber do falecimento de Seu João Sebastião por acaso, anos após sua morte.

[Meu pai] Ficou morando em Poços de Caldas. Minha mãe voltou pra essa Fazenda do Recanto. [...] Depois que ele separou da minha mãe, que a gente estava na Fazenda do Recanto, sempre ele ia lá. Chegava lá e... Era tudo molecada. Dava um dinheirinho pra comprar umas balas e mandava comprar uma garrafa de pinga pra ele. Ele colocava na mesa assim e ia tomando, tomando, atééééé... Secar. Tomava uma garrafa de pinga todinha igual a gente toma cerveja. [...] Quando ele ia lá em casa, minha mãe hospedava ele como se fosse uma pessoa estranha. Punha o colchão dele lá na sala pra ele dormir. E ela dormia no quarto onde a gente dormia também. Ele tentou, ele queria voltar. Meus tios não aceitaram. Minha mãe também não quis. A gente hospedava ele lá, meus tios hospedavam ele, mas depois que ele viu que a gente estava crescendo, que a gente já ia todo mundo servir pra

fazer alguma coisa... Não pela gente, não. Se fosse o caso que minha mãe aceitasse, meus tios, pra gente é de menos. Você sabe: pai é pai, e mãe é mãe. Meus tios acharam que ele queria usar o serviço da gente. A gente não tinha esse raciocínio [...] [Meu pai] Sempre levava um doce, umas balinhas pra agradar. Porque qualquer balinha que dava pra gente agradava... Mas quem ajudava mesmo eram os irmãos dela e o meu avô, quando era vivo. Aí, sim. [...] Carinhoso era. De brincar, não muito. Mas ele também não atrapalhava. [...] Ele é que vinha. Quando a gente menos esperava, ele chegava lá. A gente se via pouco: só quando ele ia mesmo. A gente nem... Nem... ... Deus que me perdoe! A gente nem sentia falta. [...] [Vizinho chato?] O irmão dele [desse vizinho], o irmão dele, na época de garoto, era muito briguento e tranqueira e valente. Desde garoto. Se fosse pra matar um com uma paulada, ele matava. E eu era criado sem pai, não tinha uma pessoa assim... ... Tinha os meus tios, mas os meus tios não gostavam desse negócio de agressão. Pra eles, tinha que ser tudo na paz. Meu avô trabalhava na... Cultivava esse negócio de limpeza de café, na colheita de café. [...] Eu fui levar o almoço pro meu avô lá no armazém onde ele trabalhava pra cultivar o café. Levava num caldeirãozinho assim. Eu voltei, que meu avô sempre deixava um pouquinho de comida pra mim no caldeirão. Eu chegava, sentava num cantinho ali, e comia. Quando eu voltei, falei: ‘Ô César, você quer um pouquinho de comida?’. Ele chegou perto de mim assim, e me deu um tapa na orelha que até assobiou! [Ri]. Cheguei em casa chorando, e quando fui reclamar pro pai dele: ‘Se ele te deu um tapa na orelha é porque alguma coisa você fez!’. ‘Foi não. Eu fui oferecer um pouquinho de comida pra ele, ele me deu um tapa na orelha’. Cheguei em casa chorando. Chateado. É sangue ruim! Cara ruim... E sabia que a gente não tinha pai, não tinha ninguém. Então, isso aí ficou marcado pra mim! Tudo bem... [...] Depois de uns tempos é que eu fiquei sabendo que ele [meu pai] tinha falecido. Fui mexer em uns documentos da minha mãe, precisei mexer nos documentos dele. Foi ver, tive que pegar o atestado de óbito dele. Está vendo que situação?! Ele teve – nós éramos cinco, com a minha mãe – ele teve mais cinco com a outra mulher dele. Eu tenho irmão lá em Poços de Caldas que eu não conheço. Eu já fui na casa de um lá, mas faz muitos anos. Agora não sei mais nem a fisionomia da pessoa. Tudo moreninho, que a outra

esposa que ele arrumou era clara. A outra faleceu antes da minha mãe, a que ele convivia com ela. [...] Eu acho que todas as crianças, adolescentes que sabem que têm o pai e a mãe que convive junto eeeee... Eu sentia falta da convivência dela com ele. Da crueldade que ele teve de fazer isso. Deixar ela com cinco filhos... E sem piedade de nada. [...] A gente sentia assim o abandono pelo pai. E a gente cresceu com aquele trauma assim.

O fato de ser criança não impede a percepção daquilo que incide diretamente em sua vida. Em especial, quando se trata daquilo que interfere na sua segurança – psicológica ou orgânica – a criança possui não somente aguda capacidade de se dar conta dos fatos, como fica claro que tem expedientes muito próprios de demonstrar que não está alienada. É algo que também aprendi ouvindo Nilce. O carinho débil do pai nunca o convenceu. Havia, realmente, alguma esperança de que as coisas se transformassem. A mudança não veio e, pior, o pai ficou cada vez mais afastado do contato com os filhos.

Laurentina, Milton, Nilce, Maria Zilda e João Sebastião. Irmãos de sangue e de destino. Nilce olha para a vida de seus irmãos como quem vê a repetição de algo sinistro. Não o mesmo enredo. Nem a mesma história. Mas alguma coisa antes e por baixo disso, alguma coisa que infirma a vida dos seus e dá obscurece as circunstâncias. A morte não veio como decorrência natural da vida.

Éramos cinco. Agora somos dois. Faleceram três... A gente vai levando a vida.

Quando refere-se à história de seus familiares, Nilce é orientado por um elemento marcante: a fatalidade. De uma forma ou de outra, ouvimos não exatamente uma espécie de monotema, mas uma nota de fundo, uma nota dissonante comum. Algo sempre acontece que planos são interrompidos. Dramas mais ou menos claros, mais ou menos conscientes, parecem perseguir seus irmãos. O alcoolismo (mal freqüente em sujeitos humilhados, violentados), uma doença incurável, a morte um tanto prematura (comum aos pobres, pessoas cuja vida e morte vêm sem apoio social), perder os filhos de maneira abrupta. A dor de seus próximos é algo recorrente.

Ecléa Bosi faz notar que a personalidade de um irmão é delineada e fixada na infância. Depois, sua imagem sobrevive na criança que teria sido. Aqui, poderíamos dizer algo além, ressaltando como a humilhação social pode tornar desguarnecida, pode violentar a história e a personalidade de alguém. Nos momentos em que Nilce empenha-se em falar acerca de seus irmãos aquela imagem dos meninos com quem cresceu parece rasurada e decaída.

Milton, o irmão homem mais velho²⁹.

Olha, o Milton, uma lembrança que eu tenho até hoje. [...] Ele, na fase de crescimento da gente, do passado, quando meu pai deixou minha mãe, quando a gente começou a crescer, a gente falava: 'Este é o esteio da casa'. Ele trabalhava demais lá na Fazenda do Recanto. Ele que ajudou a gente, os outros, tudo. Ele que ajudou a gente a crescer no futuro do passado³⁰. E ele trabalhou nesse prédio lá na Boa Vista. Mas ele se entregou na bebida na época... Ele trabalhou um bom tempo lá com a gente. Ele era pra estar aposentado hoje também. Mas a bebida não deixou. Quando eu saí de lá, passado uns três meses mandaram ele embora. Lá no prédio, ele chegou a cair na escada, se machucou todo. Eu tive que fazer o socorro com ele, tive que chamar a rádio patrulha, levar ele no hospital [...] Ele caiu na escada do prédio, se quebrou todinho. Machucou muito! Ficou nadando no sangue. Você tem que ver! Coisa terrível, na época. Eu tenho dó até hoje. Ele fica lá... Depois que mandaram embora, entrou na prefeitura no Embu, mas não parou com as bebidas. E prefeitura não manda ninguém embora. Mas ele não teve jeito de segurar. [...] Teve essa sorte, esse privilégio de arrumar esse emprego lá na prefeitura, e não segurou. Hoje não bebe mais. Mas está acabado! Esse é meu irmão mais velho.

O antigo arrimo da família, trabalhador incansável, referência de conduta e empenho, desembesta-se na bebedeira. Descontrolado no vício, não pára em emprego

³⁰ Há episódios antigos que todos gostam de repetir, pois a atuação de um parente parece definir a natureza íntima da família, fica sendo uma atitude-símbolo. Reconstituir o episódio é transmitir a moral do grupo e inspirar os menores. Podemos reconstruir um período a partir desse episódio. Tocamos sem querer na história, nos quadros sociais do passado: moradias, roupas, costumes, linguagem, sentimentos. BOSI, E. – Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

algum, mesmo nos que proporcionariam maior estabilidade. *Entrou na prefeitura no Embu, mas não parou com as bebidas. E prefeitura não manda ninguém embora. Mas ele não teve jeito de segurar. [...] Teve essa sorte, esse privilégio de arrumar esse emprego lá na prefeitura, e não seguiu.* Sua saúde tornou-se frágil. De cuidador substituto do pai a homem combalido e digno de dó. *Está acabado!* Preocupa a todos.

Laurentina, a primeira de todos os filhos.

Ela também – coitada! – trabalhou na lavoura de café, tudo, foi muita batalhadora também. Trabalhou de doméstica lá na fazenda, trabalhou na lavoura de café. E eu tenho recordações do que ela fez de bom também. Casou e depois... .. Em setembro agora fez dois anos que ela faleceu. Já tinha falecido dois filhos dela. Deu leucemia. Os dois. O mais velho e o outro do meio. Ela tinha quatro. E agora ficou o outro filho e a filha, também mais nova. E os dois morreram com a mesma doença: leucemia... A Laurentina era muito trabalhadora. E deu derrame cerebral...

A irmã mais velha também é lembrada como trabalhadora; *coitada* é o aposto. *Tenho recordações do que ela fez de bom também.* Provavelmente, acabou-se de tanto labutar, empregada doméstica que era desde os tempos de Fazenda do Recanto. A desgraça aqui é coisa quase inacreditável: dois filhos falecidos com câncer no sangue. O final de sua vida também chegou antes do esperado: sofreu irreversivelmente as conseqüências de um acidente vascular cerebral.

Milton e Laurentina são descritos claramente como referência de auxiliares da mãe, Dona Antonieta. O mesmo não se poderia dizer de João, o caçula. *Zoeiro*, segundo Nilce, o mais novo dos cinco irmãos é lembrado como garoto que aprontava.

Ele era o meu irmão caçula que tinha também... .. Ele era um pouquinho zoeiro na época! Não é como eu sou [Ri]. Eu sou tranqüilo. Eu sou mais caseiro. [Gargalhamos]. Eu sempre fui mais caseiro. Eu não deixava minha mãe por nada! Ele, não. Ele era solteiro, e minha mãe tinha um cuidado tão grande com ele... E... .. Uma preocupação muito grande com ele. Depois, amigou com uma pessoa e tem três filhos. Faleceu em setembro, em '91. Ele morreu aos quarenta e três anos. E a Zilda também morreu aos quarenta e três anos. Aí, eu já

tinha passado dos quarenta e três. Eu falei: ‘Vixe! Ainda bem que eu já passei dos quarenta e três anos de idade! Tá louco!’

João foi colega de emprego de Nilce, na fábrica de veneno, assim como um de seus tios. Infeliz coincidência. *Eu mexia com cada veneno bravo! Muita tranqueira! Era um trabalho sujo! Um pó ardido que, dependendo do veneno que você ia descarregar, de repente estava escorrendo sangue pelo nariz. Não tinha máscara, não tinha nada. Era veneno pra tudo. [...] Serviço brutal. Ih! Bastante deles que trabalharam ali muito tempo já se foram. Inclusive, meu irmão mais novo que trabalhou lá bastante anos. Morreu disso. Um tio meu também morreu. Morreram cedo.*

A morte de João aos quarenta e três anos, homem que teve a vida abreviada pelo trabalho desumano e assassino, faz recordar a irmã mais nova que falecera com a mesma idade. Zilda, a caçula:

Ela deu um pouquinho de trabalho, mas eu perdôo tudo. Óia... Você sabe, a pessoa quando gosta, que namora, na época, ela não olha *quem*. Gostou daquela pessoa, não tem quem tira da memória. E ela casou com um cara que já era desandado. Lá em São Mateus, Vila Carrão. E a gente não queria o casamento de jeito nenhum. Ela era solteira e ele já espancava ela. E ela gostava dele assim mesmo! Gostava de apanhar. E a gente ficava sempre assim tão deprimido... Que a gente não foi criado assim. E ele também, na época, já mexia com droga e a gente sabia. E ela gostava dele do jeito que era. Ela chegou a falar: ‘Se não deixar eu casar com ele, eu fujo com ele!’. Eu fiz o casamento dela aqui, mas não... Não foi de gosto, não. Ela deu esse pouquinho de chateação pra gente. Mas hoje... Fazer o que?! Já passou. Morou um tempo aqui, e depois foi morar lá em São Mateus. Aí... É... Passado um tempo... Ele tornou a voltar pra cadeia. E ela morava lá na casa do pessoal dela lá. As cunhadas, acho que as cunhadas batiam nela também. Mas aí é a cabeça dela. Você vê: eu tenho essas recordações. A gente não podia se envolver. É... É... Era triste. Era triste, e é triste de a gente saber também. Estar vendo sem você não poder fazer nada. Não tinha como a gente se envolver. Ela gostava dele do jeito que ele era... Ela morreu de derrame cerebral também. Ela deixou uma filha. [...]

Essa filha que ela deixou estava com treze anos. Eu que fui o tutor dela até ela passar de maior. Ela também me deu um pouco de trabalho. Mas eu segurei. Óia... .. Chegou a fase... .. Que passou da adolescência, arrumou um namoradinho que a gente não dava nada por ele também. E ela não me obedecia bem. Morava aqui, morou aqui. Mas essa daí não era filha do marido que ela morava. Porque ela separou do marido. Ela dormia no emprego lá na... Na Na... Na... Rua Faria Lima. Teve caso com uma pessoa e apareceu essa menina. Quando ela faleceu, eu tive que assumir ser o tutor dela. Peguei ela com treze anos. Depois que ela se separou do tranqueira lá, ela amigou com um cara ali perto do [Bar] Ponta da Praia, ali onde eu te levei. E ele tinha ela e não sei mais quantas... Judiava dela também. Ela está lá. Hoje ele mora com outra. A gente sabia e não podia fazer nada. Tinha que agüentar. A máquina aqui tinha que agüentar. Passou essas fases daí... Não tinha o que fazer. Tinha que deixar a atitude dela. Ela era de maior. Sabia o que estava fazendo... Mas ela curtia bastante! Tomava a cervejinha dela, era muito vaidosa, tudo. Mas é o destino. O que eu pude fazer do meu alcance, eu fiz. A gente sentia um pouquinho de humilhação. Mas fazer o que?

Zilda parece ter deixado como herança uma complicação que também conheceu: o amor *bandido*, como se diz. *Ela casou com um cara que já era desandado. A gente não queria o casamento de jeito nenhum.* Nilce pressentira a catástrofe. *Ela era solteira e ele já espancava ela. E ela gostava dele assim mesmo! Gostava de apanhar. E a gente ficava sempre assim tão deprimido... Que a gente não foi criado assim.* A tristeza pelo destino trágico da irmã repercutiu mais adiante. Sua filha, moça de quem Nilce fora tutor, enveredou pelo mesmo caminho. Foi um sofrimento danado. *Tinha que agüentar. A máquina aqui tinha que agüentar.* Nilce diz ter sentido humilhação. Penso ter sido um pouco pela impotência diante das circunstâncias, um tanto por assistir alguém da família novamente vitimado de forma violenta.

O familiar mais chegado – lembrança da infância – era um dos tios maternos, Olinto, que morando na mesma casa tornara-se exemplo próximo de homem adulto, tal qual o avô de Nilce teria sido. Como ele nos alerta, no entanto, não é a proximidade geográfica que garante o vínculo afetivo. Havia outros tios – mais doze! – que também residiam ali na Fazenda do Recanto. Só que carinhoso mesmo, atencioso mesmo,

apegado mesmo, era ele. É possível que a memória do tio querido esteja baseada na experiência de encontros marcados pela atenção, pela conversa interessada e próxima, algum afago ou carícia. As lembranças do tio Olinto também o fixam como homem dedicado, trabalhador, mas que, interessante, *brincava com a gente, tinha paciência, fazia agrados freqüentes, dava muita coisa*. Pelo visto, era um sujeito que não recusava as dimensões do feminino como delineadoras de sua personalidade. Lidava com gado, é verdade, serviço bruto e que exige tenacidade, mas sabia ser doce, delicado, gentil com o sobrinho. A criança sem pai, amou o tio que olhou por ela e por sua mãe; a criança que soube cedo estimar as virtudes do trabalho, amou o tio trabalhador; a criança precocemente obrigada ao trabalho e suas penas, amou o tio trabalhador e carinhoso. Não obstante, Nilce foi bem econômico, breve, na descrição e mesmo na narrativa sobre alguma lembrança a respeito do tio querido.

Era o irmão da minha mãe. Que me tratava muito bem. Tio Olinto. Já falecido. Esse que tinha mais paciência com a gente quando a gente era criança. Tratava a gente com mais carinho. Os outros eram bons, mas sempre tem um que a gente fica mais apegado. Isso eu tenho na minha memória guardado. Ele mexia com gado também. Ele trabalhava com carro de boi. Era muito dedicado assim. Era um cara legal. Brincava com a gente, ajudava muito minha mãe também. Na infância da gente ele deu muita coisa pra gente. Tinha um outro também, mas era mais rígido. Chamava Moacir. Então, esse aí a gente ficava meio... Mais distante. Da época em que a gente é criança, a gente guarda tudo isso na memória.

Nilce também conviveu de perto com aos avós³¹. Ambos, avô e avó maternos, enfrentaram dores e complicações cardíacas.

A nossa casa era a mais perto da fazenda desde o meu bisavô³²... O meu bisavô era quase da sua cor!

³¹ “Entre os parentes evocados seria preciso notar que a figura do avô e da avó pode ter um relevo tão grande como o dos pais”. BOSI, E. – Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

³² “A família que agora conhecemos é restrita ao grupo conjugal e aos filhos, em geral poucos; inclui cada vez menos parentes, agregados e protegidos. Uma larga parentela de tios, primos, padrinhos rodeava de tal maneira o núcleo conjugal que ele se sentia parte de um todo maior. Nos moldes de hoje a família – em estrito senso – rema contra maré de uma sociedade concorrencial, onde a perda de um de seus poucos apoios é absoluta é irremediável. Falta-lhe o envolvimento da grande família de outrora em que o bando

Era um pouquinho mais escuro. Eu conheci, ele já estava caducando. Chamava Joaquim Mulato. E eu tenho a imagem dele até hoje na minha memória. Você vê?! Eu era criança, ele já estava fazendo xixi na roupa. Estava caducando. Eu era criança, mas eu lembro. [...] [O avô] Problema de coração. Ele já tinha problema de coração – quando acontece esse tipo de coisa hoje fala enfarte. Então, naquela época talvez seria outra linguagem, ou derrame, qualquer coisa... Que era a linguagem da gente no tempo de criança quando essas coisas... Que ele ficou acamado uns dias. Ele já tinha um problema de coração. Quando ele enfraqueceu mesmo, foi fatal. Quer dizer, que era um tipo de enfarte. Eu era criança. Mas eu lembro. Vi tudinho. Ele... Até hoje eu tenho a fisionomia dele na minha memória. Não tenho foto, mas tenho ele na minha memória. Ele, minha avó... A minha avó – tinha um corregozinho de água que passava lá no quintal que vinha lá das invernadas, aquela bica d'água na porta da casa da gente direto – como ele mexia com negócio de gado lá na fazenda e trabalhava com esse negócio de cultivar café, ele tinha – lá falava botina, aqui a gente fala bota – ela ajoelhou assim pra lavar a botina dele naquele corregozinho d'água. Ela caiu assim de joelho e foi fatal. Mas não caiu assim do alto, não. É que deu também tipo de um enfarte. Foi fatal. Na hora. Ela caiu ali... ... E não deu jeito. Foi fatal. Ela morreu antes dele. Não precisou nem chamar médico. Levaram ela até a cama, ela já estava morta. Pegaram ela lá, chamaram a pessoa e levaram pra dentro de casa. Ela estava ajoelhada lavando a botina assim na beira do corregozinho. A pessoa viu que ela deitou. Mas não afogou nem nada, não. A água era rásinha. Ela estava ajoelhada só para tirar o estrume do gado que estava na botina. Eu tenho isso na memória guardado... Do passado... Eu era criança. Todos eles fizeram muita falta quando morreram. A gente tinha mãe, mas eles eram pai e mãe também. [...] Meu avô gostava de tocar sanfoninha de oito baixos. Ele começava a tocar a sanfoninha de oito baixos, mas não tocava nada, não; só o ronco. [Ri]. De repente, ele estava tocando assim e cochilava. [Gargalha]. E a gente, neto, ali em volta dele. Ele tocando sanfoninha e dormindo. [Nilce mal consegue falar de tanto que ri]. [Gargalhamos]. Mas não sabia tocar nada! Chegou um tempo que aí rasgou o fole. Eu gostava

também quando ele não estava lá perto. Pegava e enfiava um pedaço de cobertor assim no fole ali, e aí eu também começava a tocar... Não saía nada também. Parecia um monte de sapo roncando no brejo. [Gargalhemos o tempo todo]. O maior barato! Eu tenho essas recordações...

O avô-pai-resgatador deu casa e comida para a família que beirava a mendicância. Este homem vai sempre ser lembrado pela atitude – honrosa, digna, gentil – que fundou o sentido de enraizamento para aqueles pequenos abandonados. *Até hoje eu tenho a fisionomia dele na minha memória. Não tenho foto, mas tenho ele na minha memória. Ele, minha avó...* O registro detalhado – e narrado vagarosamente – das mortes dos avós contrasta com a quase ignorância e a distância da morte do pai. Narrar a partida daqueles entes queridos, da maneira como o fez Nilce, indica profundo respeito e gratidão por quem olhou e cuidou dos meninos desamparados. *Todos eles fizeram muita falta quando morreram. A gente tinha mãe, mas eles eram pai e mãe também.* Somente vínculos dessa envergadura – e com essa sutileza – poderiam trazer à tona histórias como a da sanfona de oito baixos. Não importava que o avô fosse um instrumentista inábil. *Não tocava nada, não; só o ronco.* A lembrança faz o depoente rir muito prazerosamente. Nilce se ilumina. *De repente, ele estava tocando assim e cochilava.* Vem espontaneamente a gargalhada, contagiante, que alcança quem o ouve, e, talvez, quem o lê. Ficamos esperando pelo que a história ainda nos reserva. Todos atentos, como os netos, espectadores pacientes e compreensivos. *E a gente ali em volta dele. Ele tocando sanfoninha e dormindo.* Nilce mal pode prosseguir, porque o riso agora é a nota tônica. Sou tomado por um acesso, e não consigo me conter também: minha barriga chega a doer, tamanho é o tempo que ficamos gargalhando. *Mas não sabia tocar nada!* O fato foi bem marcante, pois tentamos nos manter compenetrados na tarefa da entrevista. Mas não foi possível. Nilce, desejando prosseguir, retoma a história. *Chegou um tempo que aí rasgou o fole. Eu gostava também quando ele não estava lá perto. Pegava e enfiava um pedaço de cobertor assim no fole ali, e aí eu também começava a tocar... Não saía nada também. Parecia um monte de sapo roncando no brejo.* Aqui, o ápice. O neto tentando imitar o avô, signo de identificação e apreço. Nilce não consegue ultrapassar a mesma falta de destreza de quem ele copiava o entusiasmo. Curioso: ele não lamenta a ausência de mestria³³, sua ou de seu avô. E

³³ Vale notar que há aqui um importante contraste. Nilce, assim como seu avô, valoriza a arte, mesmo impedido na sua fruição.

parece comemorar a sorte do que viveu e do que pôde lembrar. Sorte nossa também, que diante do menino-sanfoneiro-narrador, levitamos quando o ouvimos. *O maior barato!*³⁴ *Eu tenho essas recordações...*

³⁴ “Na Roma antiga a terra pertencia para sempre à família que a cultivava, que nela enterrava seus mortos e erigia o altar dos deuses lares. Terra, família, religião comungavam no mesmo espírito. Na terra se cultivavam o alimento e a memória dos vivos e mortos. Se cada família não tem mais, como na Roma antiga, seus cantos, preces, seu próprio culto, não se pode negar que tenha um espírito seu, uma maneira de ser, lembranças e segredos que não passam das paredes domésticas. E tem suas figuras exemplares, modelos, cuja fisionomia se procura reconhecer nos mais jovens; avós lendários ou vindos de país remoto que imprimem a todos os seus um traço distintivo. Qualidades e defeitos são afirmados com satisfação: ‘Temos mão-aberta em nossa família’. Ou: ‘Somos distraídos e impulsivos’. A história da família é fascinante para a criança”. BOSI, E. – O tempo vivo da memória. São Paulo, Ateliê editorial, 2004.

Fazenda do Recanto

Nessa fazenda onde eu trabalhei... Tem lembrança e tem tragédia também.

Em seus primeiros cinco anos de vida, Nilce morou em Poços de Caldas, em uma das poucas favelas da cidade naquela época. A família passou apuro, esteve sem alimento, sem recurso algum.

Tinha pessoas que trabalhavam numa pensão em Poços de Caldas e que levavam comida pra nós. Nem comida não tinha.

Dona Antonieta e seus cinco filhos atravessaram momentos de angústia que, transcorridas seis décadas, não se apagam da memória de Nilce. *A gente era criança, mas estava percebendo esses movimentos.*

Foi na Fazenda do Recanto – município de Machado (MG) – que o menino pouco crescido encontrou as invernadas, o gado, as plantações. Realidade bem distinta. Do barraco de madeira para uma casa de sete cômodos. Da falta de comida para a pequena horta no quintal da residência. Estavam no paraíso. O rompimento dos pais acabou levando a família toda para lá, casa do vovô e da vovó, casa especial e diferente das demais no local. Um garoto favelado, assistindo a separação dos pais, foi viver na melhor moradia destinada a um empregado naquela região.

Verdade que a bela fazenda – ponto turístico no sul de Minas – não era lugar de passeio também para Nilce e sua família (assunto que retomaremos mais adiante). Não obstante, ali é que aquelas crianças sem pai formaram um sentido próprio a respeito de ter casa. Fosse uma construção diferenciada das demais reservadas aos empregados, fosse humilde e mal acabada comparada à casa dos patrões, ainda assim era um lugar sentido como digno de ser habitado: nada seria como antes.

Meu avô foi lá em Poços de Caldas e viu a gente lá naquele barraquinho, na favela, na quissaça – na linguagem da gente lá. Não tinha luz, não tinha nada.

A ação do avô livrou as crianças de sofrimento maior. Resgatadas, encantaram-se com a sensação de privilégio em meio aos colonos. É possível imaginar a alegria dos pequeninos.

Tinha a colônia. Tinha bastante casa assim, uma em seguida da outra, que formava a colônia. A casa³⁵ que a gente morava era mais independente, ficava mais perto da fazenda. Não era na colônia. [...] A colônia, hoje acho que não existe mais, mas era umas onze casas, tudo junto assim, ó, tipo uma COHAB³⁶. [...] As casas da colônia eram todas de quatro cômodos. [...] A nossa casa era a melhor, e todo mundo gostaria de morar nela, viu? Era muita gente, por isso que era a minha família que morava lá. Era a mais perto da fazenda desde o meu bisavô... [...] Na beira da estrada, tinha uma paineira que era muito antiga. Quando falava ‘é a casa lá da paineira’, todos os colonos já sabiam que era a casa onde minha mãe morava, a casa onde eu fui nascido e fui criado. Eu não sei como é que é lá hoje, mas isso aí eu tenho saudade! Eu tenho saudade!

Perguntei para o Nilce a respeito de se lembrar de histórias passadas na casa, algo marcante, alguma passagem que pudesse contar, uma lembrança que não lhe escapa. Sua resposta não veio como eu imaginava. Não ouvi nada sobre um fato específico, alguma narrativa bem delimitada, a referência a um episódio bem recortado. O que me disse tinha mais a ver – parafraseando Chico Zóinho – com o *conjunto da situação*³⁷. A acolhida dos avós e dos tios.

Teeeeem... Muitas. Pra começar. Quando meu pai abandonou a gente lá em Poços de Caldas, quando eu era criança, meus tios acolheram minha mãe, meu avô foi buscar a gente lá em Poços de Caldas. Acolheu. Meu pai, pra mim, foram meus tios, que já são falecidos hoje. Então, eu tenho isso na memória o tempo todo. A ajuda que eles deram pra mim, eu lembro tudo direitinho. E eu tinha meus sete anos de idade. Eu vi o que meus tios fizeram pela minha mãe. Então, isso é uma coisa que ficou

³⁵ “Temos com a casa e com a paisagem que a rodeia a comunicação silenciosa que marca nossas relações mais profundas”. BOSI, E. – Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

³⁶ Conjunto de casas ou pequenos apartamentos populares subsidiados ou financiados pelo Poder Público.

³⁷ Cf. COSTA, F. B. – Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social. São Paulo, ed. Globo, 2004.

beeeeeem marcada pra mim. Eu sempre tenho eles na minha memória. Eles já são falecidos, mas eu tenho eles no meu coração. Onde eles estiverem, que Deus esteja junto deles, e que Deus dê bastante amparo pra eles, que eles ajudaram a gente quando a gente era criança, e ajudaram muito a minha mãe. E isso ficou beeeeeem marcado pra mim. Eu tenho que passar isso pra frente, pra outra pessoa que tiver o problema igual ao que eu passei quando era criança, e meus outros irmãos. E meus tios me deram muito apoio na minha casa na Fazenda do Recanto.

O homem maduro – pai e avô – guarda consigo a mesma gratidão profunda do menino que, antes e ao lado de seus irmãos, ficou negligenciado. Não fala de nenhuma circunstância especial, não cita algum brinquedo recebido de presente, qualquer deferência, qualquer mimo. Nilce – quando perguntado sobre o assunto – parece querer calar e fechar os olhos. Fala comigo como se fosse possível novamente sentir o cheiro da cama improvisada – mas pronta e destinada a ele. Retoma o ar infantil outrora desbancado pelo amadurecimento forçado e precoce. Revive a imagem dos tios, a ternura dos avós, a segurança da morada. Seria necessário que o leitor estivesse frente a frente com ele para melhor compreender o que senti.

Para mãe e filhos abandonados, para Nilce e os seus, a Fazenda do Recanto bem que poderia se chamar Fazenda do ‘Refúgio’. Em favor disso, diga-se que recanto e refúgio –etimologicamente – são termos de significados bem próximos. Não podem ser tidos exatamente como sinônimos, mas ambos têm a ver com a indicação de um local para retiro, para proteção, amparo; podem significar também lugar para esconderijo, para gozar de segurança, abrigo, resguardo. Um pouco disso tudo foi o que Nilce, sua mãe e seus irmãos encontraram naquela casa, naquela fazenda.

Não obstante, casa e fazenda trazem lembranças um tanto quanto distintas para o depoente. A casa da paineira – e seu quintal – era, na verdade, refúgio dentro da fazenda. O curioso é que só conseguimos atinar para isso quando Nilce é perguntado sobre a natureza, as plantas, os pomares. O interesse pelo tema, a presença de uma pergunta como essa na constituição do roteiro da entrevista, ganha força especial quando quem lembra passou a infância na zona rural. Havia expectativa de que, em meio ao verde, sua experiência com a natureza fizesse par com o desejo de quem se

habitua à vida de trabalho urbano. Quem vive nas cidades – em especial nos grandes centros – procura descanso e repouso na praia ou no campo.

A resposta de Nilce fez perceber a ingenuidade do argumento que sustentou a pergunta: imaginar que o ex-lavrador estabelecesse uma relação com a fazenda como o próprio fazendeiro o faria. Não que o assunto desmerecesse atenção. Ao contrário, foi uma grande sorte o que se passou nesse caso. A natureza de forma geral, as plantas e os pomares – como veremos – são o ambiente onde aqueles meninos de Poços de Caldas cresceram. São também a origem de seu sustento e de sua subsistência. São fonte das ervas medicinais das quais não se podia abrir mão. São, ao mesmo tempo, o brinquedo e o palco da brincadeira. Tudo isso é verdade.

No entanto, é verdade também que o contato com a natureza vinha mediado pela necessidade da família cultivar a terra. Havia fadiga. Houve muito sofrimento. O trabalho sem descanso – de sol a sol, de segunda a sábado, no calor escaldante ou na geada que ‘rachava os pés’ descalços – o trabalho ingrato – remunerado com um ‘ordenadinho que dava para sobreviver’ – o trabalho quase escravo – sem direito a férias remuneradas, décimo terceiro salário, qualquer garantia trabalhista ou assistencial – não deixa dúvida a respeito das condições em que se estabeleciam as relações com a natureza: a lavoura era um verdadeiro campo de batalha³⁸.

Domingo, não. De segunda a sábado. Mas o dia todo! [...] Eu trabalhava, me dava vontade de chorar. [...] Quando eu trabalhava na roça era de calça curta, suspensório de pano. Eles me davam tarefa pra mim trabalhar na lavoura. Dava tarefa pra todo mundo. Me dava aqueles, media aquelas varas assim, eram sete palmos numa vara de madeira. Media aquele mato quadrado assim pra gente carpir. Mas era um mato que tinha marimbondo, tinha mosquito, tinha tudo! Você tinha que carpir até deixar na terra. Eu dava duas enxadadas e ficava olhando aquela terra assim... Me dava um desânimo! Olhando aquele mato pra frente e pensando: ‘eu vou ter que roçar tudo isso aqui?!’. Eles marcavam com as estaquinhas assim, ó. E você tinha que limpar aquele quadro. Eu olhava, olhava, dava uma enxadadazinha assim... Os outros pegavam, limpavam tudo a área deles, saíam fora e eu ficava ali. Nossa! Quando aquele mais ruim ficava ali pra roçar aquele mato, eu não estava nem

³⁸ Um ‘terreninho’ para plantar – como veremos – é tentativa de reconciliação com a natureza.

na metade ainda! O dia todo ali. O sol quente... Eu trabalhava, me dava vontade de chorar... De calça curta³⁹. E as pessoas lá, pá pá pá... Quando aquele mais ruim terminava o serviço, o sol já estava encobrendo de tarde, aí, eles liberavam eu pra ir embora. Mas o meu ficava só na metade. É um castigo! Um cativoiro! Pra mim era um cativoiro comparando com as palavras que eles falam hoje.

Cativoiro!

Perguntado sobre a natureza, Nilce é remetido à lembrança de um estado de extrema penúria, o que, percepção minha a partir dessa consideração e de outras do depoente, o colocava em estado de opressão, a condição mais indigna a que um humano pode ser submetido.

O dia todo ali. O sol quente...

Como seus antepassados muitíssimos próximos – negros como ele – o garoto estava numa prisão, na clausura. Vivia um estado de escravidão⁴⁰.

De calça curta. [...] Era um mato que tinha marimbondo, tinha mosquito, tinha tudo! Você tinha que carpir até deixar na terra. Eu dava duas enxadadas e ficava olhando aquela terra assim... Me dava um desânimo!

Sob o domínio de algo ou de alguém, vivia em servidão. Que estado é esse? A narrativa que faz permite afirmar que Nilce odiava o trabalho na roça, mas não autoriza – por outro lado – adjudicar consciência política sobre o fato, uma vez que desejou o trabalho na Sede, na casa patronal na cidade e, finalmente, em São Paulo. Estava oprimido moral e fisicamente.

O sol já estava encobrendo de tarde, aí, eles liberavam eu pra ir embora. Um castigo! Um cativoiro!

³⁹ Nilce está dizendo indiretamente que ainda era muito novo praquele trabalho? Calça curta é referência à roupa de uma criança, em comparação à calça comprida de um adulto?

⁴⁰ A interpretação é minha.

Estava preso, como se tivesse sido capturado, detido. Não havia cela. Não havia gaiola. Mas estava aprisionado. Nilce resiste à opressão, não se entrega passivamente; não obstante, seus movimentos não permitem alcançar melhor sorte nem são coroados com um alargamento de sua consciência política. Tudo o que consegue fazer é incrementar progressivamente o salário e, vez ou outra, assumir tarefas menos rudes.

Quando eu trabalhava na roça era de calça curta, suspensório de pano. Eles me davam tarefa pra mim trabalhar na lavoura. Dava tarefa pra todo mundo.

Prisão: tipo de ‘vínculo imaterial que restringe a liberdade de uma pessoa’⁴¹. Sinônimo também de ‘atividade, emprego ou trabalho estafante ou enfadonho que o indivíduo não pode abandonar, por motivos econômicos ou outros’⁴².

Eu trabalhava, me dava vontade de chorar...

Nilce era um garoto privado de sua própria liberdade.

[Franze a testa e fica sério]. Olha, lá na fazenda não tinha esse negócio de relógio, não. Clareou o dia, tá na roça...

Nilce, todos os seus irmãos, sua mãe, seus avós e tios: ninguém estava livre de ter de trabalhar. A família toda engatilhada na rotina da lavoura. A exportação de café – que foi mola propulsora do país durante tantos anos – dependia de semeio, cultivo, colheita, limpeza e ensaque. Muita gente trabalhou a vida toda nisso.

O meu avô, inclusive, trabalhava com a máquina de... .. Pra poder fazer a limpeza do café. Tinha tudo os maquinários já montados e o meu avô coordenava as máquinas tudo lá. Depois de tudo limpinho, ensacado, e costurado, terminava a safra e nosso fazendeiro vendia o café pra fora... ..
... Óia! Era trabalhoso! Era trabalhoso... Nossa!

⁴¹ HOUAISS, A. – Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

⁴² Op. Cit.

O trabalho era contínuo, praticamente sem descanso. Sacrifício é a palavra que melhor define a narrativa de Nilce. É evidente como cansaço, dor, fadiga, fome, calor, frio, privações, renúncias, eram experiências muito agudas já para o menino de cinco anos.

Só o pessoal da fazenda ligava o auto-falante e a gente ficava lá no pátio. Ouvia até uma certa hora. Que no outro dia tinha que trabaiá.

A faina nunca tinha fim. Terminada uma safra, lá vinha outra. E outra na seqüência. E mais uma. Economicamente, o Brasil cresceu e se desenvolveu. Muitas famílias – proprietárias de terra – enriqueceram rapidamente. Era o progresso que batia à porta dos afortunados. Carros de luxo, roupas finas, bens de consumo importados, mordomia. O país republicano finalmente provava que a monarquia arruinava seus planos de desenvolvimento e amarrava o que, na democracia, poderia alcançar melhor sorte. A república democrática apoiava-se no trabalho livre e não na escravidão. O trabalhador assalariado gozava de total liberdade, tal qual seu empregador. Nada mais justo e coerente.

Apenas um detalhe. A abolição da escravatura representou, mais especificamente, a permanência servil dos negros nas áreas rurais ou a expulsão deles para as periferias ou cortiços das zonas urbanas no país. Nenhum deles deixou de ser escravo para tornar-se proprietário de terra. Os que rumaram para as cidades – sem qualificação nem leitura – estiveram mais uma vez sujeitos ao trabalho braçal, doméstico ou fabril. Diante do enorme exército de reserva de mão-de-obra, tinham, portanto, ‘liberdade’ de escolha: a opressão do campo reeditada na cidade (trabalhar em ‘casa de família’ ou em suas indústrias), a mendicância, ou a permanência na zona rural (agora, não mais segundo um regime escravocrata)⁴³. A família de Nilce permaneceu ligada ao trabalho agrícola.

Recebia dos patrões lá. Um ordenadozinho que dava pra sobreviver. Mas a gente sempre ficava devendo pro patrão. Porque lá... Eles faziam os acertos de conta daquele jeito deles lá e... A gente fazia as comprinhas lá na fazenda mesmo’. [...] Eles mesmos tomavam o dinheiro. Então, pegava aquele

⁴³ BOSI, A. – Dialética da Colonização. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

pagamentozinho ali e tinha que ter uma criação em casa: criar um porco, uma galinha, pra poder sobreviver porque se não... [Do jeito que você falou assim, pode ser exagero meu, aí você me diz, mas ouvindo você falar pareceu escravidão porque...] (Nilce Interrompendo) ‘Ah, sim! É verdade. É verdade. A gente ficava devendo. Se a gente não fazia alguma coisinha extra, ter alguma criaçãozinha em casa pra vender, um porco... E a gente fazia a plantação lá – arroz, feijão – e acabava vendendo tudo pra fora pra poder comprar roupa. Pelo menos. Vendia as coisas, a mãe da gente ia na cidade, fazia as comprinhas. A roupa pra gente ela mesma fazia a maioria. [...] Era uma vida difícil. Sapato? Sem chance! Naquele tempo usava... É... “Alpargata roda”. Acho que tem a fábrica aí na Dutra⁴⁴ até hoje. Era muito famoso. [...] Pra comprar, não dava, que era muito caro. Então, a gente andava era descalço mesmo. Passei esses momentos aí que... ... Com o pé no chão! E na lavoura principalmente. [...] Machucava. Ih, machucava sim. Às vezes, estava aquele frio de manhã cedo, a gente andava descalço. Naquele tempo tinha geada... Nossa! Geava e você ficava até com os dedos todos duros assim! Nossa! No tempo da colheita de café tinha que apanhar o café e tinha que ser descalço por que se não... Então, a gente colocava um pano assim, colocava quatro - a gente falava ‘estaca’ - colocava em baixo do pé de café e ficava ali. De sol a sol. A gente ensacava aquilo lá. Depois, os caras iam lá com carro de boi ou então com carroça com burro pra recolher o café, pra levar pra fazenda. Colocar lá no terreiro de café pra secar, depois lá mesmo eles cultivavam o café. O meu avô, inclusive, trabalhava com a máquina de... ... Pra poder fazer a limpeza do café. Tinha tudo os maquinários já montados e o meu avô coordenava as máquinas tudo lá. Depois de tudo limpinho, ensacado, e costurado, terminava a safra e nosso fazendeiro vendia o café pra fora... ... Óia! Era trabalhoso! Era trabalhoso... Nossa!

O depoimento de Nilce pode sustentar a tese de que formas invisíveis de escravidão renovaram a escravidão oficialmente abolida. O próprio depoente tem consciência acerca da exploração e da espoliação a que esteve sujeito, mas essa é uma

⁴⁴ Rodovia Federal Presidente Dutra, que faz a ligação entre as cidades de Rio de Janeiro e São Paulo.

consciência limitada, consciência que retoma lembranças muito impressionantes, mas que não são politicamente repassadas.

Nilce presenciou muito de perto o sofrimento do avô: sua exaustão, sua fadiga, e, mesmo assim, sua miséria. Em meu entendimento, uma relação servil com o latifundiário e que, de acordo com o tempo em que sua família residia no local, talvez alcançasse outros ancestrais seus.

A nossa casa era a mais perto da fazenda desde
o meu bisavô.

Décadas de esforço intenso e repetitivo nunca fizeram da ‘Casa da Paineira’ propriedade da família. Empenho em vão. O ex-lavrador parece ter sentido o círculo vicioso, parece ter previsto seu destino: até onde tem notícias, desde seu bisavô, Nilce não tinha nenhuma razão para crer que sua história ali pudesse ser diferente. Nenhum sacrifício seu poderia assegurar melhor sorte. Não que tivesse estimado as estruturas histórico-políticas da dominação. O ciclo vicioso é mais constatado do que julgado, e, infelizmente, nunca politicamente avaliado.

Daí não chega a surpreender⁴⁵ que o menino tivesse sentido como privilégio – apesar de apartado da convivência com a mãe, irmãos, tios e avós – ter sido levado para dentro da ‘Casa Grande’. Foi liberado do sol escaldante que castigava seu pequenino corpo, do frio que rasgava sua pele, do peso da enxada que curvava suas costas e calejava suas mãos ainda miudinhas. Em troca, a faxina: esfregar o chão de madeira várias vezes, limpar os banheiros, arrumar camas e quartos, recolher o lixo.

Se terminava antes a limpeza:

Ó, agora você vai ali ajudar a tratar dos porcos...

Nilce, segundo conta, gostava.

Nossa! Pra mim era a maior alegria! Tudo
aqueles chiqueirão de porco assim. [...] Eu ia lá

⁴⁵ Isso inclui não só a situação de trabalho lembrada antes da assunção de tarefas de limpeza na Sede da fazenda e na casa patronal de Machado: inclui também a consciência do depoente e inclui o otimismo de que trataremos no próximo capítulo. É de se esperar alguma idealização escapista e um tanto ingênua da proximidade com os patrões. É possível que eles tenham sido (e, pelo depoimento, parecem um tanto sê-lo), ingênuos: talvez se considerassem cuidadosos com os colonos (o depoimento sugere algo assim e sem nenhuma ressalva crítica ou ressentida).

limpar o chiqueiro dos porcos, outra hora limpava aquele monte de... ... Onde ficava o gado. Juntar o esterco pra levar pra lavoura de café.

Não foi escolha do garoto. Não foi sua opção. Ainda assim, *Carrapato* simpatizou com a mudança de obrigações. Mesmo não se tratando de plena escolha ou opção, em certa medida casou com aspirações dele de evasão, liberdade ou crescimento.

Porque eu não agüentava pra trabalhar na roça. E tinha que trabalhar! Mas foi, foi, foi, foi, foi, até que me tiraram eu da roça. Foi na época que me puseram pra eu ajudar as faxineiras a encerar a casa lá na fazenda, que tinha aquelas tabuonas assim... Com as paias de aço. Não! Primeiro passava gasolina de carro nas tábuas. Depois passava a paia de aço. Que eram as empregadas que faziam. Então, como eu era ruim pra trabalhar na roça, eles me puseram pra trabalhar dentro da fazenda, pra ajudar as empregadas a fazer o serviço. Eu gostava. Eu chegava todo dia de manhã cedo – todo mundo que trabalhava na colônia colocava a enxada assim nas costas (apoiada no ombro) – pra pegar a ordem de serviço pra ir pra lavoura. Eu chegava lá, eles: ‘Ô Carrapato!’, lá do alpendre, ‘Ó, hoje você vai ficar na fazenda pra ajudar as meninas aí’. Eu: ‘Ô, que beleza!’, tirava eu da roça. Eu só alegria. Chegava lá, rapaz, pegava gasolina, passava todinha naquelas tabuona rústica. Depois, tinha que passar cera com escovão. Não tinha enceradeira, não. Era escovão pra dar o lustro. Pra mim era a maior alegria! Ficava o dia todo trabalhando com as muié! (Ri). Nada de roça. A hora que terminava: ‘Ó, agora você vai ali ajudar a tratar dos porcos...’, ou a tratar do gado. Nossa! Pra mim era a maior alegria! Tudo aqueles chiqueirão de porco assim, aqueles tanques – que matava porco ali no fim de semana pra vender – pra dar as coisas pra nós, os colonos. Toda sexta-feira. Eu ia lá limpar o chiqueiro dos porcos, outra hora limpava aquele monte de... ... Onde ficava o gado. Juntar o esterco pra levar pra lavoura de café, que tinha os carros de boi. Aí sim! Tirou eu da roça.

Não bastasse a primeira mudança sem aviso, veio a segunda⁴⁶. Subitamente. Esta, para muitos quilômetros dali.

De repente, me levaram eu pra trabalhar na casa deles na cidade, em Machado⁴⁷. Era rua Marechal Deodoro, onde tinha a casa dos ex-patrões⁴⁸.

Se não contou o desejo ou mesmo a opinião de Nilce sobre seu paradeiro no trabalho, suas dimensões psicológicas ficaram suprimidas, desapareceram. O garoto ficou invisível.

O sentimento de estar *invisível*⁴⁹ é chocante, e não passa despercebido para quem esteve submetido às ondas de vibração mórbida desta circunstância. O sujeito *apagado*, não obstante, pode mais ou menos conscientemente minimizar – ou até recusar – o fato. Sua compreensão pode não se completar: a *Invisibilidade*, de signo de uma luta social – luta de classes – vêm apresentar-se à consciência como fato natural. Não aparece, portanto, como sintoma social, cristalização histórica de relações servis, espoliação. Torna-se padrão, expectativa normativa de comportamento social.

A *racionalização ideológica*⁵⁰ abranda a intensidade do que, sem travas, seria uma angústia⁵¹. Trata-se de uma seqüência de operações combinadas e

⁴⁶ Havia uma condição *jogete* de Nilce. Contra o que, aliás, ele reage fortemente. Todo seu percurso parece pretender torná-lo menos assujeitado e mais sujeito de seu destino: mesmo não sendo politicamente avaliada, esta condição de sujeito foi tenazmente perseguida.

⁴⁷ Lévi-Strauss assinala o que acontece aos bororo quando obrigados a abandonar sua aldeia circular por casas paralelas: “Desorientados em relação aos pontos cardeais, privados do plano que fornece um argumento ao seu saber, os indígenas perdem rapidamente o senso das tradições, como se seus sistemas social e religioso (veremos que são indissociáveis) fossem complicados demais para dispersar o esquema que o plano da aldeia tornava patente e cujos contornos os seus gestos cotidianos refrescavam perpetuamente”. BOSI, E. – Memória e Sociedade: lembrança de velhos. São Paulo, Cia. das Letras, 1994.

⁴⁸ “Na constituição da memória familiar são importantes os contatos com outros grupos. Uma família pode ter morado longos anos num mesmo bairro, formando vínculos estreitos com a vizinhança; a criança sente-se incluída no grupo familiar e no da vizinhança, suas lembranças brotam de um e de outro, dada a íntima vivência com ambos. Se podemos reagrupar em nossa subjetividade lembranças de espaços sociais diferentes, podemos também sobrepor imagens do mesmo espaço social. Quando a criança sentou-se chorando na soleira da porta, com o joelho machucado, a vizinha pode ter acudido antes da mãe. Depois da noite que ela passou tossindo, ouve, quando, desperta, mesclada às vozes familiares a voz da vizinha receitando um xarope. Muitas lembranças devem-se às meias paredes das casas populares, que fundem ruídos e vozes de suas famílias. Os sucessos escolares do menino são acompanhados com entusiasmo pelos vizinhos. São duas correntes de pensamento coletivo que convergem, sustentando o acontecimento, oferecendo estabilidade à lembrança. Com a mudança de bairro uma das correntes se extinguirá e ele sofrerá apenas a ação da corrente familiar cuja influência se tornará então mais forte”. BOSI, E. – Memória e Sociedade: lembrança de velhos. São Paulo, Cia. das Letras, 1994.

⁴⁹ Este trecho da discussão tem base no que foi explorado em minha dissertação de mestrado: COSTA, F. B. – Garis – um estudo de psicologia sobre invisibilidade pública. São Paulo, IPUSP, 2002.

⁵⁰ Cf. a noção de *racionalização ideológica* tal como a quisemos explorar em: COSTA, F. B. - Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social. São Paulo, Globo, 2004.

heterogêneas que, ao final de tudo, vão fazer parecer sem força, debilitado, o impacto de uma experiência, o impacto de uma realidade efetiva – intersubjetiva e interna. A *racionalização ideológica*, pode esmorecer o impulso de buscar o caráter propriamente social e político do fato. O processo todo constitui-se como função abafadora e afrouxadora de tensão. Racionalizações ideológicas atenuam, abafam, enfraquecem a realidade e experiência do antagonismo de classes.

As experiências ambíguas vividas na Fazenda do Recanto – refúgio e cativo, tudo ao mesmo tempo – facilitam o apoio, a sustentação de opiniões fortemente atravessadas pelo conformismo.

Ele foi muito bom pra gente. Eu falei que o serviço da gente era tipo um cativo, mas na roça, na época, era assim mesmo. Não é que a gente era forçado, não. A gente tinha que fazer aquilo. Era aquilo mesmo e pronto. Quem agüentasse, tudo bem. Quem não agüentasse... .. Às vezes, o pessoal enjoava de ficar numa fazenda mudava pra outra.

Aos poucos, o menino vindo da favela foi se habituando à nova realidade, não exatamente farta, não exatamente de abundância de recursos, mas onde o próprio suor era ao menos a garantia de alimento e abrigo. Para o que não fosse possível comprar, quem sabe a terra cultivada na horta de casa não produzisse?

Esse negócio de verdura, a gente não comprava nada, não. Plantava tudo na horta. E eu mesmo plantava. Colhia ali na hora: alface, couve, repolho...

Se mesmo a comida, para comprar ficava inviável, que dizer dos brinquedos?

O brinquedo da gente, a gente debulhava o milho... Não comprava brinquedo na cidade, não. Pegava barbante, amarrava dois sabugos assim e saía falando que era carro-de-boi... Fazia uns carrinhos assim, pegava umas tabuinhas e amarrava atrás... Lá tinha assim, junta de boi, que o pessoal falava. De dois em dois, colocava a canga... Junta de boi, que eram dois bois. Então, fazia uma junta

⁵¹ GONÇALVES FILHO, J. M. – “Humilhação Social: um problema político em psicologia”. In: Psicologia USP. São Paulo, v. 9, n.2, 1998, pp. 11-67.

que puxava seis bois. A gente amarrava seis sabugos de milho e falava que era carro de boi. Esse era o brinquedo da gente... Como a gente não tinha como comprar bola, pegava aquelas ‘meia véia’ que mulher usa, enchia de pano dentro e amarrava e fazia de bola pra brincar.

Assistindo o sacrifício da mãe com cinco filhos para alimentar e vestir, às vezes o impedimento para a brincadeira nem era material – a falta de brinquedo ou a impossibilidade de fabricá-lo ali mesmo. Escasso era o tempo para brincar. As horas investidas em divertir-se eram horas também comprometidas com outra coisa: liberar a mãe de maior privação.

Eu gostava muito de... Quando o campo de futebol era na fazenda, todo domingo vinha o pessoal de “quebra-dedo” pra jogar bola. [...] O futebol deles lá era quebra-dedo. (Ri muito). Minha mãe fazia doce, e eu ia vender no campo. Ao invés de brincar, eu ia vender. Voltava com aqueles “troquinho” pra casa. [...] Vendia os docinhos lá, e pronto! Doce de abóbora, doce de leite – que meus avós tinham vaca leiteira. Então, ela fazia esses doces. Cortava um pedacinho assim, e saía vendendo... No campo de futebol, de Domingo.

Mesmo espremidos, concorrendo com a labuta diária, os poucos minutos de lazer eram curtidos ao máximo. Garotada reunida, todos na mesma condição: ninguém com tempo a perder. Euforia. Este momento da entrevista foi onde Nilce esteve mais solto, novamente descendo a ladeira.

Tinha um carrinho que a gente falava – de brinquedo da época da minha infância – que chamava “tróli”. Tinha três rodas. A gente soltava na descida assim e ia embora. Pegava uma descida igual a essa aqui e ia embora. E a gente ali! (Ri). Três rodas: duas atrás e uma na frente. E a gente equilibrando sentado numa tábua! A gente manobrava ele no pé mesmo, tinha um negocinho ali. E a gente sentado ali. E deixava ele rodar! Na rua de terra. (Olhar tomado por um sorriso difícil de descrever). [...] No tróli, tinha a descida, todo mundo junto. Agora, quem capotar, capotou. (Gargalhamos).

Enquanto narrava a brincadeira, pulava na cadeira como se simulasse as imperfeições do piso em que descia o tróli⁵². Movia os braços como quem de fato pilotava o tal carrinho. Riu muito. Gargalhou até chorar.

A gente fazia em casa mesmo. Bolava do jeito da gente ali: a roda de madeira, tudo de madeira. Pegava um pedaço de tábuia ali e começava tudo cortando com facão e fazendo. Loja de brinquedo até tinha, mas a gente não tinha conhecimento, não. A gente dificilmente ia na cidade. Ficava lá no meio do matagal. O brinquedo da gente... Fazia o carrinho pra gente brincar, fazia o formato de um carrinho de madeira, debulhava o milho da espiga, aquele sabugo, amarrava um barbante assim, fazia um carrinho de boi. Era o brinquedo da gente.

Na Fazenda do Recanto, lazer mesmo era para quem viesse de fora. Lugar especial, roteiro de passeios na região, servia como ponto turístico.

Era uma fazenda que o pessoal procurava mais. Inclusive, o pessoal do colégio da cidade, tinha aquelas crianças, aquelas meninas adolescentes, internos do colégio, eles iam – igual a gente vai fazer excursão pra Santos – eles iam fazer lá na fazenda. Passar o dia na fazenda. Tinha o pomar de laranja, aquelas coisas, eles iam visitar a fazenda. O próprio caminhão da fazenda ia buscar: ia de caminhão! Não era ônibus nem nada, não. Ia lá no colégio buscar aquelas crianças, o infantil, pra poder ir visitar a fazenda. Passava o dia lá na fazenda. [...] Então, esse pessoal do colégio levava o pessoal pra poder passar às vezes uma vez por mês nessa fazenda lá. Ia passear lá.

*

⁵² Charles Dickens observa em *David Copperfield*: “Creio que a memória da maioria dos homens guarda estampados os dias da meninice mais do que geralmente se acredita, do mesmo modo que creio na faculdade de observação sempre muito desenvolvida e exata das crianças. A maior parte dos homens feitos, que se notabilizaram por causa dessa faculdade, nada mais fizeram, segundo meu modo de pensar, senão conservá-la em vez de adquiri-la na sua madureza; e, o que poderá prová-lo, é que esses homens têm em geral frescor, vivacidade e serenidade, além de grande capacidade de agradar, que são também uma herança de sua infância”. BOSI, E. – Memória e Sociedade: lembrança de velhos. São Paulo, Cia. das Letras, 1994.

Em um dos dias nos quais estive na casa de Nilce a fim de entrevistá-lo, terminada a tarefa, descemos de carro a sua rua. Como o sol de dezembro castigava tudo o que estivesse ao seu alcance (e pouco passava do meio-dia), antes de prosseguirmos viagem estacionei debaixo de uma árvore a dois quarteirões dali. Abri todas as janelas do automóvel e me sentei no meio-fio: esperava amenizar o desconforto causado pelo ar quente e abafado.

A despeito de parecer preocupado com o pouco tempo que tinha disponível – uma hora para ir até a avenida principal do bairro e comprar sacos de lixo – Nilce gostou da idéia de pararmos ali. Era uma praça. Abandonada, é verdade, mas, ainda assim, um pedaço verde em meio a muito concreto e asfalto.

Terreno da prefeitura do município, duzentos metros quadrados aproximadamente, o esboço de praça não possui um banco sequer para seus freqüentadores. Também não há balanços, gangorras ou quaisquer outros brinquedos que pudessem atrair para ali a presença das crianças, em grande número nas redondezas. Árvores, até que não são tantas assim; duas, eu creio. Há mais mato do que grama, o que torna o lugar pouco convidativo. Pensando bem, chamar o espaço baldio de praça tem mais a ver com um anseio do que com a realidade decaída do local. Dizer terreno abandonado faz mais jus ao que ali encontramos.

Meu desejo de praça veio inspirado – percebo agora – numa referência do pequeno parquinho em que brinquei a maior parte de minha infância. Lugar vivo. Era gramado, embora tivesse muitos pontos de terra e areia de acordo com o gosto da molecada: o chão debaixo dos brinquedos preferidos não tinha nenhum sinal da planta rasteira. Aos finais de semana, passávamos o dia ali, às vezes teimando com as mães a respeito da hora de comer. Durante a semana, escola no período da tarde; de manhã e no começo da noite, os adultos nem precisavam procurar: meninos e meninas de todas as idades, alguns ainda de uniforme, uns já jantados outros com fome, uns meio sozinhos, outros em turma, a criançada se esbaldava.

O olhar e o desejo de Nilce também vinham inspirados.

Aqui eu já tive pezinho de alguma coisa. O pessoal respeitava. Não mexia, não. Depois, desanimei. Ficava difícil eu vir aqui pra cuidar. E só eu pra olhar tudo...

Fazenda do Recanto e terreno abandonado estavam ligados pelas mãos do ex-lavrador. O homem de sessenta e cinco anos alimentava-se – simbolicamente – na rotina do menino de sete; passeando no pomar, plantando e cuidando da terra, nadando no riacho, alimentando as criações.

Dois homens ali, diante do local baldio. Duas crianças grandes, crescidas. Cada um ali, e antes dali. Cada um ali, e para além dali. Eu via um parquinho. Nilce via uma pequena horta. Eu sentia o cheiro do lanche de alguma criança que misturava o tempo de brincar com a hora de comer. Nilce talvez sentisse o perfume – confuso e ao mesmo tempo harmonioso – das hortaliças frescas, do feijão no fogo logo cedo, das galinhas ciscando ao lado da cozinha de casa.

Em certa medida, naquele momento, nossa conversa não foi adiante porque eu era incapaz de acompanhar meu amigo no seu olhar e no seu desejo. Ele também não me seguiu, nem poderia. Estivemos numa espécie de solidão compartilhada, cada um no seu sonho. Nós dois diante do fato. Os dois, também, costurando uma espécie de negação dele. Eu não queria o terreno abandonado; demorasse mais cinco minutos, já estaria a imaginar duas traves e a molecada correndo atrás da bola. Nilce também não queria o lugar inútil; desejava frutificar a terra, cultivar uma planta, ver brotar o que quer que fosse.

Pra mim era arroz, feijão e a verdura que tivesse. Carne eu não importava que tivesse. Tinha criação de porco, criação de galinha. Quando queria carne, pegava um frango e estava tudo certo. Pra mim, isso era indiferente. Se tivesse o arroz e o feijão e o angu... (Ri). O angu é feito de fubá. E não faltava na mesa, não. Você vê, quando eu era criança, nem era no prato. Às vezes, minha mãe, quando ia na cidade, comprava umas latinhas de marmelada assim, cortava bem aquela latinha com abridor de lata, depois batia tudo. Colocava a comida da gente ali. Prato, quando comprava prato, não era aquele prato de louça, não. Era aquela louça agati*. Conhece louça agati? Aquele que quando cai, às vezes descasca assim: a gente fala louça agati. Então, o prato que a gente mais usava lá era aquele. Ou então latinha de marmelada. E a gente se sentia feliz! Nossa! A gente pegava o garfo ali e comia com aquele prazer! Já estava acostumado: arroz, feijão e uma verdura. Ou couve... Esse negócio de verdura, a gente não comprava nada, não. Plantava tudo na horta. E eu mesmo plantava.

Colhia ali na hora: alface, couve, repolho... Eu mesmo fazia o plantio. A gente tinha um espaço lá na horta, a água passava direto lá. A água não era encanada, nem nada não: vinha da natureza mesmo, da nascente. Isso aí, nossa! E a gente se dava tão bem. Remédio de farmácia? Nada! Era só remédio de horta. Plantava marcela, era losna, era hortelã, hortelã-roxo, poejo: plantava tudo. Dava dor de barriga, rapidinho ia lá, fazia aquele chazinho e resolvia. Tudo era chá quando dava alguma coisa assim na gente: gripe, dor de barriga. Chegava lá, tomava aquele remédio e passava. Dificilmente ia em farmácia. Curava tudo assim com remédio caseiro plantado ali. Já sabia o remédio que tinha que tomar: sempre tinha uma planta diferente. Plantava aquele limãozinho galego ali, fazia aquele chá e tomava. E era tiro e queda! Isso aí eu sinto saudade, sim. Hoje, se eu pudesse, eu compraria um terreninho aí, mas, acho que não vale a pena comprar mais nada hoje, não. Eu gostaria de ter um pedacinho de terra pra eu fazer esse plantio. Pra recordar do passado. Mas eu acho que ainda vale a pena ainda, viu?! Não precisa ser coisa grande. Um lotezinho da largura desse aqui assim... Amanhã ou depois, se não servir pra mim, eu posso deixar pra um neto. Eu tenho os netos pra usufruir. Posso comprar pra mim e deixar no nome de um neto. Você sabe que ninguém de nós nasceu pra semente. Então, não tem que pensar: 'Ah, vou morrer amanhã, então não vou comprar mais nada, não'. A gente não pode pensar assim, não é verdade? Tem que pensar que eu vou viver mais!

Nilce chora.

Do prato predileto para a sensação de fartura. Verdura na mesa. Daí, para a louça improvisada. De novo a fartura e, em seguida, a horta pequenina, mas generosa, que além do alimento frutificava ervas curadoras. Tudo ali, no quintal de casa. Aí, bate saudade. Nilce viaja longe dentro de si. A saudade traz planos: o futuro do passado. Quer um 'terreninho aí', um cantinho tranqüilo para estar além dali. Franze o rosto. Fica sério. Hesita. Pensa que está velho. A velhice pode contar como impedimento para o trabalhador braçal. Seu corpo são é sua única renda. Nilce recua. Mas, curiosamente, lembra dos netos. Os filhos dos filhos só podem vir com a velhice. Os netos não sabem, mas carregam os sonhos do avô. Nilce refaz o desejo quase desfeito. Prolonga o

argumento. Contradiz o desalento. Fica ereto. Olha para frente. Vê-se lá, de novo de pés no chão, mas agora descalço porque quer. Daí a diferença. Os netos são a representação do avô livre, dono da terra⁵³. Pedacinho de chão, acanhado, mas agora seu. Não precisa ser grande. Não o terreno. Se o cantinho for meu, ele pode ser enorme quando abriga minha fantasia. Nada adianta o latifúndio que me amarra à servidão. A hesitação talvez fosse isso. O menino escravo diante da lavoura. O menino livre na horta atrás de casa, no quintalzinho do seu granjeio. Campo dos sonhos de outrora.

A pergunta sobre qual era a sua comida preferida teve resposta mais do que rápida; foi instantânea, como se tivéssemos ensaiado. Nilce nem precisou pensar: *Pra mim era arroz, feijão e a verdura que tivesse*. Não fosse o interesse e o empenho dele em me fazer perceber que estávamos debruçados em assunto importante, eu teria o ouvido quase mecanicamente. Mas Nilce não permitiu. Uma coisa foi puxando outra. E outra. E mais uma. E mais outra. Seus olhos mudaram. Seu corpo inclinou-se em minha direção. Suas mãos mexiam mais.

Em seguida, detalhes da dieta da família, pormenores sobre a rotina com as carnes e os utensílios. E as lembranças vindo como uma enxurrada descendo a ladeira.

Prato, quando comprava prato, não era aquele prato de louça, não. Era aquela louça agati*. Conhece louça agati? Aquele que quando cai, às vezes descasca assim: a gente fala louça agati. Então, o prato que a gente mais usava lá era aquele. Ou então latinha de marmelada. E a gente se sentia feliz! Nossa! A gente pegava o garfo ali e comia com aquele prazer!

Nilce fora transportado. Eu fui junto. Ele falava da tal louça simples – agati – e eu tentava imaginar que tipo de material era aquele. Ele contava da latinha de marmelada improvisada como tigela, eu sofria com ele a pobreza da família. A descrição dele me fisgou. O anzol me fez imobilizado. Mas, naquele momento para mim, houve algum aspecto enigmático – alguma coisa não muito clara, mas ainda assim disponível no que ele articulava – que me intrigou. Mesmo fisgado, eu tentava

⁵³ Nilce se projeta num futuro em que não estará vivo: ele trabalha para os netos, para uma satisfação que será de outrem e não própria. Esta é, segundo Gandhi (e também Lévinas), a definição mais radical da generosidade.

movimento. Os poucos recursos, a falta de pratos e talheres, a refeição simples, nada daquilo vinha como queixa. Ao contrário, no lugar da reclamação, o menino-grande esforçava-se por me fazer compreender como estavam tranquilas aquelas crianças, que banquete era aquele almoço simples, como era abençoado aquele quarto de hora.

E a gente se sentia feliz! Nossa! A gente pegava o garfo ali e comia com aquele prazer!

Não deu. No dia da entrevista eu só conseguia pensar nas dificuldades, nos impedimentos, naquela gente sofrida que comia para trabalhar e trabalhava para poder comer. Transcrevendo Nilce, não foi muito diferente. Fiquei pensando na angústia de Dona Antonieta. Mulher abandonada pelo esposo e acolhida pelo pai, responsável por cinco crianças miudinhas, analfabeta, trabalhando como escrava de domingo a domingo só para terem o que vestir. E mesmo assim, a despeito de tanto sacrifício, a situação era bem crítica.

Sapato? Sem chance! [...] Pra comprar, não dava, que era muito caro. Então, a gente andava era descalço mesmo. Passei esses momentos aí que... .. Com o pé no chão! E na lavoura principalmente. [...] Machucava. Ih, machucava sim! Às vezes, estava aquele frio de manhã cedo, a gente andava descalço. Naquele tempo tinha geada... Nossa! Geava e você ficava até com os dedos todos duros assim! Nossa!

As imagens eram todas muito agudas. E ficavam cada vez mais cortantes. Quanto mais eu olhava para Nilce – comigo há tanto tempo e por tanta coisa – mais me doía. Os pézinhos de menino que congelavam duros no inverno eram os mesmos que, crescidos, foram guia serena para mim. A USP que conheci com ele, com Moisés, com Francisco e outros companheiros, era cortada por percursos muito distintos dos do estudante. Eram eles as balizas nos novos caminhos, antes desconhecidos para mim. Pois ouvindo Nilce, o que me ocorria o tempo todo era a história sustentada sobre aqueles pés, a biografia costurada nos passos daquele homem.

Ele começou falando de sua comida preferida e foi além disso. Tratou do que brotava na terra, no quintal de casa. Contou das hortaliças e das ervas medicinais. Eu fiquei antes dali. Bem antes. Só conseguia pensar na fome e nos pés descalços.

Nilce não estancou como eu. Quando tudo indicaria que o garoto pudesse esmorecer, ele se fez forte.

A gente sentia assim o abandono pelo pai. E a gente cresceu com aquele trauma assim. Mas só que eu não tive revolta, não.

A partir de determinado momento da entrevista, quando contava das adversidades enfrentadas, chorava. Suavemente, as lágrimas escorriam. Mas não demorava, e ele sorria tímido. Como sua vida narrada esclarece, Nilce não negou ou tangenciou a mágoa que sentia. Curtida na carne sua dor, dissipada a angústia, candidamente ele se fazia de novo alegre. O ex-lavrador não tem raiva da vida, não fala de si como vítima, não amaldiçoa seu destino. Ao contrário, enaltece a mãe incansável, elogia os avós docemente acolhedores, agradece contente o cuidado que recebeu dos tios⁵⁴.

A entrevista de Nilce soa como uma homenagem à vida. Celebrar a vida com tudo o que a vida traz e tem – dor e alegria, tristeza e prazer, encontro, desencontro e reencontro, perda e luto, euforia – tudo isso é possível ouvir espontaneamente do ex-gari ex-lavrador ex-ascensorista ex-engarrafador de pinga ex-faxineiro, tudo isso compõe e circunscreve suas experiências, tudo isso faz dele *quem* ele é.

A emoção do ex-lavrador narrando a alegria do menino na hora da refeição foi comovente. Seu sorriso tímido, a vibração do seu olhar, seus gestos. Nilce, os irmãos e a mãe. Comunhão. Todos celebrando a comida. Ninguém ocupado em fazer notar a falta de utensílios ou a baixa qualidade dos poucos que havia.

E a gente se sentia feliz! Nossa! A gente pegava o garfo ali e comia com aquele prazer!

Mesa improvisada. Cardápio fixo.

⁵⁴ “O sentimento feliz da pobreza! A pobreza como ocasião de simplicidade e direta proximidade com os outros. Isto é demais importante e assinala um ponto de vista que, só muito perto de depoentes das classes pobres, podemos assumir. E precisamos assumir, se desejamos atinar com os paradoxos da pobreza, sem tomá-la univocamente como uma situação de evidente desgraça e só desgraça, uma percepção, afinal, própria do observador distanciado e opulento. Isto também é remédio, em sentido contrário, contra uma idealização romanesca da pobreza, uma percepção afinal própria do observador distanciado e de simpatia inconsistente”. Parte do que ouvi de José Moura Gonçalves Filho em sessão de orientação.

Arroz, feijão e a verdura que tivesse.

A comida preferida era também a única possível. Todos descalços, pés no chão. A garotada ali, do jeito que estivesse. A mãe se descabelando; entre as panelas e as preocupações, entre a roupa suja e o cansaço, entre as vassouras e a solidão; mas, também, entre a fome e a barriguinha cheia. A refeição simples, contando com poucos ingredientes (e sempre repetidos), a louça ruim, nenhuma formalidade. Nada disso era decisivo. Importava o bom apetite e ele saciado.

Quem, no lugar dos humildes, para conhecer fundo o sentido daquele encontro? Gente pobre, refeição humilde, todos reunidos. Quem, melhor que os famintos, para celebrar uma ceia santa?

E a gente se sentia feliz! Nossa!

Isso que me pegou. O narrador contente na lembrança do quintal farto, feliz na memória da mãe generosa, e eu preocupado se havia número de garfos suficiente para todos. Na hora, não me dei conta do que era central: tinha saúde, tinha casa, havia gente cuidando dele, e comida não era propriamente uma preocupação. Sob estes aspectos, não lhe faltou nada. Nilce não tinha do que reclamar. O terreno abandonado perto de sua casa no Rio Pequeno era uma verdadeira ofensa: ‘terra’ improdutiva com tanta gente esfomeada? Um pedaço de chão era tudo que ele desejava para a velhice e para a herança dos netos. A respeito do assunto, ele até hesitou certo instante, quando pensou nos seus sessenta e cinco anos de idade. Não lhe resta tanto tempo assim. Mas como quem falseia o passo e volta a se equilibrar, ele reconsiderou.

Isso aí eu sinto saudade, sim. Hoje, se eu pudesse, eu compraria um terreninho aí. [...] Eu gostaria de ter um pedacinho de terra pra eu fazer esse plantio. Pra recordar do passado. Mas eu acho que ainda vale a pena ainda, viu?! Não precisa ser coisa grande. [...] Amanhã ou depois, se não servir pra mim, eu posso deixar pra um neto. Eu tenho os netos pra usufruir. [...] Não tem que pensar: ‘Ah, vou morrer amanhã, então não vou comprar mais nada, não’. A gente não pode pensar assim, não é verdade? Tem que pensar que eu vou viver mais!

RUA DO RAMO

- Oi, Nilce. Tudo bem?
- Tudo ótimo! E melhor ainda agora, que você me ligou. Como é que tá o pessoal aí? Sua esposa, as crianças...
- Todo mundo com saúde.
- Graças a Deus! Estamos esperando aqui sua visita novamente, viu? A reforma continua. Agora a gente colocou forro na cozinha.
- Que beleza! Não tá cansado de tanta bagunça?
- Que nada! Começou, aí eu não paro mais! O pedreiro que está me ajudando é ótimo, rapaz. Olha, não tenho do que reclamar. Deus é sempre muito bom comigo. Vou continuar a reforma até lá embaixo, até na casa das meninas.
- E a Elza?
- Ah, está muito bem. Tomou o café dela e está descansando lá no quarto. Aliás, está todo mundo bem! Todo mundo com saúde. Só alegria!
- Eu tava preocupado, porque liguei aí três dias e ninguém atendia...
- Ah, eu tô sempre por aqui. Só quando precisa fazer alguma coisinha na rua que eu saio, né?! Do contrário, eu tô sempre na área. [Risos].

Nilce é um otimista. Em geral, suas narrativas não deixam brecha para interpretações desfavoráveis. O otimista olha para frente com boa esperança; é o futuro que ele mira. O ex-lavrador vai além. Também o passado e o presente – suas lembranças e o dia-a-dia – são exaltados.

Reparei que a entrevista de Nilce tem essa cara o tempo todo. A cara dele. A situação pode ter sido cortante: ele fala do ferimento, mas prefere elogiar quem cuidou dele. O fato pode ter sido humilhante: ele refaz o trajeto como quem suspeita a fraqueza espiritual do opressor, mas não exagera a dor impingida por este. Nilce é inteligente, e parece confiar também na acuidade de quem o ouve. Embora possua teorias, não estanca nelas. Entretanto, escolhe a dedo os episódios mais reveladores.

É dessa forma que ele conta de sua mudança da Fazenda do Recanto para a cidade de Machado – depois de uma breve passagem como empregado doméstico na

casa dos mesmos patrões. Como já pontuamos em outras situações assemelhadas, Nilce não fará, aqui também, nenhuma elaboração política acerca do fato.

Só que eu não trabalhei muito na roça, não. Fiquei nesse movimento de mexer com gado, porco... Meus patrões tinham a fazenda deles lá e uma casa lá na cidade. Lá em Machado. Eu ficava mais lá em Machado, lá na casa deles ajudando as empregadas domésticas. Encerava a casa lá, limpava o quintal da casa. Era um casarão grande... Quando as empregada tava de folga, eu ficava tomando conta do casarão lá. Eu cheguei até a pajear as filhas do meu patrão. Dava folga pras empregada, eu saía pelo jardim empurrando as criança no carrinho de mão⁵⁵.

A chegada à Fazenda do Recanto representou abrigo estável àquela família abandonada pelo pai. Agora, todos tinham casa e comida. Não obstante, tão logo chegaram, os pequenos também começaram a trabalhar: o tempo de brincar foi restringido. De alguma forma, o sentido mais largo de ser criança ficou impedido. A enxada prevaleceu sobre o jogo e o brinquedo. Aqui, é bom que se ressalte o caráter paradoxal desta circunstância; pois se é verdade que não havia grande disponibilidade de tempo para brincar, é verdade também que as horas para isso reservadas eram vividas intensamente. E mais. As restrições materiais que impediram a aquisição de brinquedos industrializados levou – felizmente – à atitudes criativas diante da natureza circundante: um pedaço de tronco de árvore poderia ser transformado em estilingue ou jangada; o sabugo de milho, por sua vez, virava carro-de-boi, e assim por diante.

Passado um tempo, sem explicações ou aviso, Nilce é retirado da roça. Ele diz ter gostado, afinal o serviço parecia menos penoso. Permanece o tempo sem descanso: das tábuas a escovar e lustrar para a vassoura; da vassoura para o pano de chão; dali para as criações; de novo para a limpeza.

Mais adiante – depois de vinculado aos colonos vizinhos e ao lugar, depois de ter se misturado à terra e aos animais, depois de ter crescido junto com cada árvore ali, depois de anos enraizado, depois de tudo isso – o menino trabalhador é submetido a uma nova mudança: torna-se ajudante das empregadas que arrumam e limpam a casa dos patrões na cidade. Para Nilce – interessante – foi um presente. Melhor do que o

⁵⁵ Interessante o *ato falho*: carrinho de mão x carrinho de bebê. O carrinho de bebê era também um carrinho de mão? Era uma criança que Nilce empurrava no carrinho, mas estava cumprindo ordens.

previsto, segundo narra, foi ter sido levado para Machado. Na cidade, Nilce diz ter se sentido ainda mais valorizado.

A visão sempre favorável dos fatos embriagou narrador e ouvinte. Nilce não forçava argumento, embora racionalizasse demais em certos assuntos. O tempo todo foi cativante ouvir suas histórias. O drama podia estar pesado, seus olhos já lacrimejavam, mas o semblante era leve. O choro raríssimo – e sempre suave – vinha como anúncio de reviravolta. Ninguém parecia definitivamente abandonado. Nenhum problema ficaria sem solução.

Seguindo a tônica, seus patrões foram apresentados de modo bem simpático, mas pouco substantivo. Nesse caso, Nilce parecia muito preocupado – como não esteve antes – em me convencer. A mãe e o avô, pessoas queridas por ele, chegavam protagonizando histórias. No lugar dos adjetivos, ou antes deles, vinham os fatos: o avô que reservava para o neto um pouquinho de comida no caldeirão em que almoçava; a mãe que trabalhava sem descanso para dar de comer e vestir aos filhos sem pai. Os patrões – sempre no plural – pareciam telas mal pintadas emolduradas com luxo.

Os patrão sempre foram muito bons pra mim.
Nossa! Eu fui criado como... Como se fosse um filho.
Isso aí eu não posso reclamar, não.

A relação de Nilce com o trabalho doméstico que agora desempenhava parecia afetado pelo mesmo fenômeno, uma racionalização que não permitia enxergar com liberdade suas dores menos óbvias.

[Os patrões] Eles depositaram assim uma confiança de eu trabalhar com eles lá na cidade. E eu sempre gostei de mexer com esse negócio de limpeza. Às vezes, quando as empregadas estavam de folga, eu mesmo fazia café pros visitantes que iam lá no casarão, lá na cidade. Levava, servia o café, limpinho. Tudo direitinho. E fazia a limpeza também. Eu ficava mais na cidade. [...] Fazia o café, varria o quintal. Tinha um quintal grande lá. Cuidava do jardim. [...] Nossa Senhora! O casarão deles lá... Nossa!... Só uma parte lá – quer ver – tinha onze cômodos! Afora os porões que tinha embaixo, garagem, tudo... Eles tinham um Chevrolet '51. Bonito, pra'quele tempo. Não sei se você chegou a ver o Galaxy. Eles tinham um também. Tinha caminhão de transporte, tudo. [...] Pagavam um ordenadozinho. Era pouca coisa, mas já ajudava muito.

Era melhor do que quando eu estava trabalhando na fazenda.

Mas a conversa sempre progredia, e tomava rumos que nada tinham a ver com a pergunta feita. Nesses momentos, é que muitas vezes o depoente parecia mais perto de temas que – antes – só foram abordados timidamente. Era como se a realidade vingasse mais crua. Não que ele enxergasse a contradição entre limpar um *casarão enorme* e receber em troca um *ordenadozinho*, ou, nas noites de jogatina, ele ser copeiro e garçom para os abastados, *um pessoal lá assim... da alta sociedade deles*. Nilce me mostrava o que ele próprio não julgava mostrar.

As discrepâncias começaram a aparecer. Foi arrancado⁵⁶ da casa na fazenda e levado à cidade. Teria sido de repente? Foi, como mais adiante ele diz, aos pouquinhos? Quando o aplicaram noutras tarefas, teriam os patrões levado em consideração os apuros e necessidades do menino ou simplesmente as necessidades da casa, que se beneficiaria de um moleque de serviços? A eleição do moleque para os trabalhos domésticos não foi casual e súbita? Sua ‘habilidade’ para trabalhar no interior das casas teria entrado em julgamento? Ou, diferentemente, teria contado mais sua ineficiência na roça, como ele próprio ressalta? Como saber?

Aí sim! Tirou eu da roça. De repente, me levaram pra trabalhar na casa deles na cidade, em Machado. Era rua Marechal Deodoro, onde tinha a casa dos ex-patrões. [...] Eles levaram eu, que eles viram que eu tinha jeito pra trabalhar limpando a casa... Foi devagarzinho, foi de pouquinho em pouquinho. Eu ficava mais na cidade de que na roça. Ia só de fim de semana em casa.

Aos treze anos, o garoto bisneto de escravos já lavava os banheiros dos patrões, varria o seu quintal, lustrava o chão em que pisavam, servia cafezinho aos convidados e, de quebra, era pajem. A partir dali, esteve longe dos irmãos, da mãe e dos avós. Como acreditar no que diz o ex-gari sobre ter sido acolhido como filho por aquela gente, seus patrões? Se ele próprio afirma que ‘ia só de fim de semana *em casa*’, como podemos supor que o casarão em Machado era tão acolhedor como a casa da paineira?

⁵⁶ “Para a criança que ainda não se relacionou com o mundo mais amplo, a mudança pode ter caráter de ruptura e abandono. Tudo o que ela investiu dos primeiros afetos vai ser deixado para trás, vai ser disperso e dividido. Só quando aquele primeiro lar já não existe é que o adulto compreende que ele se situava num contexto que o transcendia, irreuperável talvez pelo presente”. BOSI, E. – Memória e Sociedade: lembrança de velhos. São Paulo, Cia. das Letras, 1994.

Acerca do que aqui tratamos, há um trecho da entrevista que é especialmente marcante. Fiz uma pergunta a qual considere que Nilce respondera muito timidamente. ‘A cidade de Machado, como era?’

Óia, tinha a igreja matriz que ficava assim na área central. É a primeira igreja que teve lá, da igreja católica. Ficava no meio da praça. Agora hoje não é mais. Eles tiraram ela da praça e colocaram ela do lado. Mudou de lugar. Ela ficou na praça mesmo, só que agora, como eles mudaram a igreja... Ficou pertinho. Como tinha uma área vazia, eles tiraram a igreja de lá e construíram nesse espaço vazio. Era tradicional lá da área da gente.

A despeito do assunto realmente não ter avançado, o depoente indica um caminho interessante a ser percorrido. Refaço a pergunta, agora de forma mais pessoal. ‘Se você fosse me convidar pra passear na sua cidade naquela época, onde você me levaria?’. O que vem surpreende pela extensão com que o assunto deslança. Não creio que tenha havido outro momento na entrevista em que Nilce tenha tomado a palavra durante tanto tempo ininterruptamente.

O trecho é realmente longo. Aqui, a fim de priorizar o exame e a compreensão do que é relatado, apresentarei a resposta do depoente em frações temáticas, segmentos que falam por si mesmos e que atraem o que vem na seqüência.

Nilce inicia o passeio comigo. A cidade tem como centros muito encarecidos a igreja matriz e também a igreja de São Benedito; ao que tudo indica, para ele os lugares mais importantes de Machado.

Depois, tem a igreja de São Benedito, que tinha a festa tradicional da cidade. Então, a gente trabalhava na lavoura o ano todinho, fazendo aquela economiazinha pra poder participar da festa em agosto. Trabalhava na lavoura de café, fazia as colheitas tudo. E todo mundo que morava nas fazendas, tudo tinha a mesma idéia.

A festa tradicional da cidade – curioso – não acontecia na matriz, mas na igreja de São Benedito. A solenidade marcava o fim da colheita e tinha mesmo a vocação de celebrar o ano agrícola. *A gente trabalhava na lavoura o ano todinho, fazendo aquela economiazinha pra poder participar da festa em agosto. Quem roçava e carpia a terra*

tinha uma idéia fixa: participar da congada⁵⁷. Não era sem motivo que o pessoal aguardava a festa em agosto. Doze meses trabalhando de sol a sol mereciam uma recompensa à altura. A expectativa em torno do acontecimento lembra o que, nas cidades, as pessoas sentiam com relação ao carnaval.

O pessoal armava as barracas. Tinham aquelas barracas tradicionais, lanche, todo tipo de lanche que você imagina. Ia pessoa aqui de São Paulo, fazia caravana pra lá pra montar barraca de vender as coisas, ambulantes lá dentro também. Eles compravam aquele ponto deles ali, igual tipo uma feira, armava tudo na porta da igreja de São Benedito. Tinha as horas de missa. Pessoal participava da missa e depois tinha a congada, que eu te falei. Pessoal fantasiava tudo igual esse pessoal que tem a fantasia de carnaval. Um tocando cavaquinho, o outro é... É... É... Pandeiro, tamborim, aquela zabumba, que eles falam. [Ri].

Os lavradores faziam grande sacrifício para participar da festança. Era raríssimo que pudessem contar com transporte para se deslocar das fazendas até Machado, e a distância não era curta. Nilce vai retomar o assunto mais adiante. A festa era longa e durava uma semana inteira. Além das danças e das brincadeiras, vendia-se de tudo: desde artesanato até lanches e quitutes. Neste momento da narrativa, o depoente nota algo que, por hora, deixaremos em suspenso: *Eu nunca usei fantasia.*

E era uma festa que – o pessoal morava numa distância como daqui... Vixe! Mais longe do que daqui pra Pinheiros⁵⁸ ou pra cidade! Se não tivesse condução, na época que eu era criança, ia a pé mesmo! Fazia tipo uma novena. A festa ficava mais de uma semana. Eu nunca usei fantasia. Eu só participava das brincadeiras. Eles montavam parque infantil, tudo. Tinha roda gigante. Quando chegava naquela época... ..

A partir deste ponto, a fala de Nilce fica acelerada como nunca. É que agora ele está em cima de um brinquedo que faz correr rápido o corpo da gente.

⁵⁷ “Esse registro alcança uma memória pessoal que, como se buscará mostrar é também uma memória social, familiar e grupal”. BOSI, E. – Memória e Sociedade: lembrança de velhos. São Paulo, Cia. das Letras, 1994.

⁵⁸ Bairro nobre da cidade de São Paulo, a cerca de sete quilômetros de onde estávamos.

Eu gostava daquelas balanças de puxar na corda. [Ri]. Era tipo um barquinho: um senta de cá, outro de lá, puxa a corda. Quem tiver mais força levanta o outro. Quanto mais você puxa a corda – dá aquele jogo no corpo assim – mais vai levantando. Tinha que pagar pra brincar. Tinha que pegar a ficha no caixa primeiro. Até hoje, você vai em qualquer diversão de parque infantil, você tem que pagar pra poder participar. A gente tinha esse tipo de brincadeira. Aquele que você senta e ele fica girando em volta assim: você sai dali, você sai tonto. [Ri]. Pior que beber uma pinga. Não, pinga é pior!!! [Gargalhamos].

Vem a constatação de que a brincadeira estava limitada ao que o dinheiro podia pagar. Em seguida, outra restrição: lanchar, só se levar de casa mesmo.

Eu não participava de muita coisa, não. Só dessas coisinhas assim banais, só. Lanche, eu também não ligava muito, não. Negócio de lanche, a gente... O pessoal da gente, a mãe da gente já recomendava em casa pra guardar aquele dinheirinho pra brincar. O lanche, a gente fazia em casa mesmo. Aquelas comidas caseiras da gente, e já ia preparado. Então, aqueles lanches lá a gente nem incentivava de ficar comprando aquelas coisas.

*Eu não participava de muita coisa, não*⁵⁹. Num primeiro momento, Nilce nos deixa em dúvida acerca de desejar ou não, ou sentir-se impedido de realizar o desejo. Devemos considerar, sobretudo, que mesmo a festa do padroeiro negro e humilde não era em tudo acessível aos trabalhadores muito pobres. *Lanche, eu também não ligava muito, não*. Não ligava? Ocorre que já havia falado sobre nunca ter usado fantasia e a respeito de que os brinquedos eram todos pagos. Quando ressalta que participava *só dessas coisinhas assim banais*, ficamos com a impressão de que havia muitos eventos na congada que eram inacessíveis aos mais pobres, pessoas que, em geral, participavam daquilo que não exigia gastos, mais trivial ou banal, como Nilce diria. Não é difícil intuir que mesmo os brinquedos, havia os mais baratos e os mais caros. Mas não nos apressemos.

⁵⁹ Esta frase – assim como outras no mesmo espírito – pode guardar o mesmo sentido de que tratamos antes, aquele da felicidade e prazer com a comida parca e simples, repartida. A renúncia que paradoxalmente é acompanhada de satisfação, a satisfação muito essencial, muito despojada, que faz crescer o gosto de coisas e o gosto da companhia dos outros.

Ninguém era incentivado a comprar comida na festa, afinal, se o dinheiro era tão pouco e dava para levar de casa o de comer, que a *reservasinha* então pudesse se destinar a outro fim, especialmente aos brinquedos. *A mãe da gente já recomendava em casa pra guardar aquele dinheirinho pra brincar. O lanche, a gente fazia em casa mesmo.*

A renúncia não parava por aí.

E quando a pessoa ia a pé pra participar desse evento da festa – a gente morava no interior, era tudo estradinha de terra – e não podia tomar condução. Não tinha dinheiro pra tomar condução. Já ia com aquela *reservasinha* pra participar do evento da festa. Então, a gente economizava o máximo. A gente andava – aqui fala quilômetro, lá falava légua – duas, três, quatro léguas. É longe! Uma légua, eu acho que é três quilômetros. O que a gente fazia? As estradas que a gente viajava – que ia da fazenda onde a gente morava até na cidade – dava mais ou menos isso aí: três, quatro léguas. Naquelas estradas tinha sempre umas nascentes de água: aquela água corria direto, da natureza mesmo. E a gente, o que a gente fazia? Quando ia pra cidade, naquela estradinha de terra, tirava o tênis que a gente tinha – naquele tempo nem tênis era, era aquela coisa de alpargata-roda, aquela coisa. Quem tinha sapato, tudo bem – amarrava o sapato, colocava assim nas costas e ia descalço. Fazia caminhada. Quando estava chegando perto da cidade, ia entrar pra cidade – tinha aquelas biquinhas d’água daquelas nascentes que eu estava falando – chegava ali, lavava o pé, calçava o sapato pra entrar pra cidade. [Ri]. Pra não cansar e pra não sujar o sapato. Porque você não agüentava fazer muita caminhada calçado. A gente já estava acostumado na fazenda a trabalhar descalço, ia daqui pra ali. Agora, quando ia pra cidade assim dava um outro pique. Pra poder chegar na cidade pra poder participar do evento da festa. A gente participava, tudo.

A excitação era tão grande a fim de viver a congada que mesmo dez quilômetros na ida e mais dez na volta – a pé, sem calçados – não desanimava a molecada. Quando tinham sorte, às vezes o fazendeiro colaborava com a condução. Entretanto, tudo era definido por ele mesmo, desde os horários de partida e chegada até o número de colonos que contavam com a carona.

Tinha vez que – na época em que lançou essas peruas ‘kombi’ – o dono da fazenda comprou uma ‘kombi’, fazia uma correria com a gente. Uma hora levava, outra hora levava de caminhão, que fazia os trabalhos da fazenda. Os patrão levava um grupo de pessoa num dia, outro dia levava outro grupo. E a gente aceitava desse jeito aí. Ele falava: ‘Tal dia vai tantas pessoas da colônia’ – as colônias, as casas de moradia da gente. Pra levar na festa. Tinha o motorista. O motorista ficava lá até meia-noite, dez e meia, meia-noite assim. E levava a gente de volta.

A Kombi (ou a carona do patrão depois do expediente) teria ligado os assuntos aparentemente desconectados: a congada e a chegada da televisão.

A televisão, também... – já é outro assunto. Quando lançou a televisão, ninguém conhecia. O pessoal falava: ‘Óia, tem um aparelho assim que coloca na praça assim, a gente vê o pessoal assim naquele aparelho...’. ‘É mesmo?!’. [Ri]. O patrão fazia de final de semana, de sexta-feira assim – a hora que terminava o expediente de serviço – fazia uma lotação lá na Kombi e levava a gente de graça. Pra assistir televisão na praça da cidade. Chegava lá, meu, você não enxergava quase nada, só aquele chuvisco assim. De vez em quando, aparecia uma imagem na televisão: preto e branco. A gente ficava tudo empolgado: ‘Noooooossa!’. E aí saía contando um pro outro: ‘Ah, quer dizer que você viu mesmo a pessoa naquele aparelho?!’. ‘Eu vi’. [Ri]. Ficava tudo empolgado! Era um chuvisco, mas a gente ficava empolgado. Então, cada final de semana o patrão fazia uma lotação na Kombi e levava a gente pra assistir. Depois, levava de volta pra casa, pra fazenda. Rapaz, eram uns momentos tão gostosos!A gente ficava tudo empolgado!

A memória evade a festa. De repente. Vai caminhando – interessante – em direção a um objeto de consumo que levou anos para chegar às casas dos lavradores. Nilce avisa: *Já é outro assunto*. Talvez o tema já fosse outro. Não a televisão nem a festa. Aqui há a oportunidade, novamente, de pontuarmos como gente pobre tira leite de pedra. A festa de São Benedito – como vimos – era o evento mais importante do ano. Toda a gente da região vinha para participar. Os muito pobres – como Nilce e seus irmãos – não tinham dinheiro para se divertir em todos os brinquedos, mas o fato quase passa despercebido quando notamos o quanto ficavam felizes por, *banais* que fossem,

brincar em algumas atrações do parque itinerante. *Eu gostava daquelas balanças de puxar na corda. [Ri]. Era tipo um barquinho: um senta de cá, outro de lá, puxa a corda. Quem tiver mais força levanta o outro. Quanto mais você puxa a corda – dá aquele jogo no corpo assim – mais vai levantando. Tinha que pagar pra brincar. Tinha que pegar a ficha no caixa primeiro.* A televisão – como alguns brinquedos – também não era para qualquer um. Os mais pobres aguardavam ansiosos a chance de vê-la funcionando – mal, muito mal – na praça da cidade. *O patrão fazia de final de semana, de sexta-feira assim – a hora que terminava o expediente de serviço – fazia uma lotação lá na Kombi e levava a gente de graça. Você não enxergava quase nada, só aquele chuvisco assim. De vez em quando, aparecia uma imagem na televisão: preto e branco. A gente ficava tudo empolgado: ‘Noooooossa!’.* *E aí saía contando um pro outro. Ficava tudo empolgado! Era um chuvisco, mas a gente ficava empolgado. Rapaz, eram uns momentos tão gostosos!*

A empolgação aqui é contagiante. Nesse momento, ouvindo Nilce contar da dificuldade em enxergar alguma coisa naquele aparelho tão impressionante – dificuldade superada com gosto, a satisfação de participar daquilo – lembrei da família reunida para a refeição humilde. *E a gente se sentia tão feliz! Nossa!* O sentimento parece ser o mesmo, ou muito próximo daquele que empolgava os pequeninos diante da comida simples, repetida, mas compartilhada. *Arroz, feijão e a verdura que tivesse.*

Nilce continua contando das restrições materiais a que estavam sujeitados os colonos da fazenda. Vamos ouvi-lo mais.

Lá na fazenda, eram poucas casas que tinham luz elétrica. A gente que morava mais próximo da fazenda – como eu te falei antes – nossa casa tinha luz. Mas rádio ninguém tinha. Esse rádio à pilha... Quando saiu o rádio à pilha, a gente estava trabalhando na lavoura de café: ‘Ó Fulano, você sabe que tem um aparelhinho que você põe no bolso e a pessoa fica falando daquele aparelho ali e a gente fica ouvindo?’. ‘É mesmo?!’. [Ri]. ‘É, uai!’. [Gargalha]. Um ia passando pro outro e ficava todo mundo empolgado. De repente, começou a aparecer o rádio portátil. Mas a gente pobre não conseguia comprar... .. Esses radinhos. Tinha da Philco, tinha da Telespark, que começou a expandir... Passado uns bons tempos, que todo mundo... .. Alguns começaram a comprar, passado um bom tempo... Que só rico é que comprava esses aparelhos! O rádio portátil, essas coisas... Quando pobre começou a

comprar, um radinho portátil assim, aí apareceu, inventaram, fizeram um esquema de um cachorrinho com o rádio portátil amarrado no pescoço. Quer dizer: ‘Até cachorro pode usar isso aí’. É comparação com a gente pobre. Você vê, isso aí era tirando a gente... Da época. Fizeram a montagem. Saiu em capa de revista, em jornal, tudo! Como quem diz: ‘Até cachorro pode comprar esse aparelho, pode usar esse aparelho’. [Olhos marejados]. A gente tem tudo isso aí guardado, passado na memória da gente. Pra nós, a gente na época... A gente tem essa recordação do passado, mas é uma coisa meio... Humilhante. Eles não precisavam fazer isso. Então, são essas coisas que a gente tem na memória da gente, do passado, da infância. Da infância da gente... [Chora]. A gente... Pode até ser outra linguagem comparando com hoje, mas deu pra gente perceber que as pessoas de um nível mais alto que a gente achava que o pobre não tinha condições de usar um aparelhinho desses, que era o rádio portátil quando lançou. Então, a gente mesmo – não sei se todas as pessoas da época colocaram isso na memória – mas eu gravei e tenho a lembrança disso até hoje. Não precisava fazer tudo isso, na época. Passado um determinado tempo, a gente coloca isso na memória como hoje, a gente lembra daquilo que fizeram lá. A gente, no meu caso, como eu não tenho leitura, esse tipo de cultura assim, mas eu tenho isso guardado na mente⁶⁰. Comparando com hoje também que, às vezes, você sente, ou eu sinto humilhado com alguma coisa, você às vezes nem fala com a pessoa, mas fica guardado na mente da gente. Aquele sentimento que a gente tem: ‘Puxa! Por que fulano falou isso pra mim? Por que ele está fazendo isso comigo sem eu fazer nada de mal pra ele?’.

Contar a respeito do fato de que os pobres não podiam comprar o rádio à pilha faz Nilce hesitar. A narrativa que vinha lépida, embalada pelos brinquedos do parque, fica morosa. Sua fala assume uma toada lenta e os momentos de silêncio tornam-se bem mais frequentes.

Parece delirar. Relata não ter se esquecido de uma publicidade da época, uma propaganda que mostrava um cachorrinho: o animal tinha um rádio portátil pendurado ao pescoço, e justamente em uma época em que o aparelho começava a se popularizar.

⁶⁰ “A veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas conseqüências que as omissões da história oficial. Nosso interesse está *no que foi lembrado*, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida”. BOSI, E. – Memória e Sociedade: lembrança de velhos. São Paulo, Cia. das Letras, 1994.

Foi o suficiente: *Quer dizer: Até cachorro pode usar isso aí. É comparação com a gente pobre. Seus olhos ficam marejados e ele silencia. Prossegue no tema: A gente tem essa recordação do passado, mas é uma coisa meio... Humilhante. Eles não precisavam fazer isso.*

Certamente, o assunto não era mais o mesmo. Nem congada, nem televisão na praça central. Mas a oposição entre ricos e pobres. Matéria de difícil digestão para os oprimidos, assim como não é tarefa simples debater o tema espontaneamente. *Então, são essas coisas que a gente tem na memória da gente, do passado, da infância. Da infância da gente...*

Vem o primeiro e único choro em vários dias de entrevista. O único. Pranto sentido para dentro. Nilce não soluça nem se desmancha em lágrimas. Nilce implode. Foram muitos fatos narrados até aquele dia e o depoente, como é bem a sua característica, não aparentava esquentar a cabeça com nada. As agruras, os sofrimentos mais agudos, pareciam satisfatoriamente superados.

Nilce desfaz o silêncio. Argumenta que havia deboche naquele comercial, uma mensagem dos abastados referindo-se à incapacidade intelectual dos humildes para operar um aparelho como aquele. *Não precisava fazer tudo isso. E se ainda fosse verdade que lhe faltava cultura formal, sobrava-lhe sensibilidade através do que seus olhos viam e seu coração abrigava. Jamais se esqueceria daquilo. Eu tenho isso guardado na mente.*

Humilhação é fenômeno enigmático, nunca esgotado em exame superficial ou apressado. Quem se sente rebaixado pode ser tomado como exagerado ou delirante. Seja como for, é justa a confusão e a angústia de quem esteve submetido ao desdém dos outros. Ficamos sem reação, como que surpreendidos: *Você às vezes nem fala com a pessoa, mas fica guardado na mente da gente. A coisa não se dissipa, permanece encruada na alma de quem se sentiu abatido. Não faltam questionamentos: Puxa! Por que fulano falou isso pra mim? Por que ele está fazendo isso comigo sem eu fazer nada de mal pra ele?*

Da memória da cidade de Machado, amparada na igreja matriz, para a memória das festas religiosas ao lado da igreja menor – a de São Benedito, protetor dos negros⁶¹. Dessas festas, às quais em geral só se chegava a pé – reuniões que incluíam

⁶¹ Como Nilce me disse.

barraquinhas de artesanato, brinquedos e brincadeiras pagas – para os lanches que os pobres não podiam comprar. Daí – de carona na Kombi – para as novas invenções que os lavradores só tinham acesso esporádica e precariamente. As novas tecnologias – como a televisão e o rádio portátil – eram inacessíveis àqueles cidadãos. Quando finalmente o radinho se popularizou: *Até um cachorro pode ter um rádio desses!*

Especialmente aqui as mediações tornam-se mais complexas. São sinuosos os caminhos da memória que conduzem às nossas lembranças fundadoras. Parece-me que estamos diante justamente de algo desta natureza. Nilce é um cidadão que cresceu informado acerca de sua posição social inferior. Os fatos narrados espelham uma coloração das cenas que não deixa dúvida a respeito dessa condição. Evoco Clifford Geertz⁶²:

Na verdade, a maior parte do que precisamos para compreender um acontecimento particular, um ritual, um costume, uma idéia, ou o que quer que seja está insinuada como informação de fundo antes da coisa em si mesma ser examinada diretamente. Todavia, isso leva à visão da pesquisa antropológica como uma atividade mais observadora e menos interpretativa do que ela realmente é.

A respeito do trabalho do etnógrafo, e aqui me permito a aproximação do que realiza também o psicólogo social, o que este enfrenta na realidade é:

Uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. [...] Fazer a etnografia é como tentar ler [no sentido de "construir uma leitura de"] um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado.

Estruturas conceptuais complexas não são constituídas nos bancos acadêmicos nem em câmaras de debate científico. A complexidade do que pleiteamos compreender dá-se na troca de olhares, nas gírias, no vestuário, na comida e nos talheres.

⁶² GEERTZ, C. – A interpretação das Culturas. Rio, Guanabara Koogan, 1989.

Encontramos nos cortes de cabelo, no tom e na impostação de voz, na maneira como caminhamos. A complexidade dessas estruturas constrói a cidade e sobre ela se funda, norteia as relações de trabalho e atravessa os vínculos amorosos e de amizade. A multiplicidade dessas estruturas faz falar o que não fala. Suas conexões – mais ou menos evidentes, mais ou menos superpostas – são o terreno simbólico sobre o qual assentamos nossos desejos e nossos pensamentos, são ao mesmo tempo nossas alavancas e nossas algemas, são – além de tudo – a seiva das nossas lembranças.

Atentemos, então, para o percurso que faz nosso depoente e aonde ele agora aporta. Parte da memória da cidade através das congadas – encontros festivos dos quais participava com certas limitações. Lembra do lanche que não podia comprar e dos brinquedos nos quais não podia brincar. Evade dali para a recordação a respeito da repercussão de um objeto que ligado à eletricidade transmitia a imagem de pessoas em movimento: algo incrível, e que só os abastados possuíam em suas residências. O impacto do invento da televisão liga-se à revolução que parecia também ser o rádio portátil.

As pessoas se empolgavam com a possibilidade de possuir coisa como aquela, aparelho à pilha que falava e cantava no bolso da camisa. O produto era caro e demorou para se tornar popular. Quando ficou mais acessível, inventaram o tal cachorrinho: *Humilhante. Não precisava fazer tudo isso. Eu tenho isso guardado na mente.*

A memória de se sentir humilhado a partir de uma publicidade aparentemente ingênua e despreziosa carrega o depoente para um ambiente de memórias alinhadas a essa: lembranças de humilhação. Nilce ancora na época em que era um serviçal doméstico.

Tem essas coisinhas assim do passado. Mas só que eu guardei tudo isso aí. Eu já estava com quatorze, quinze anos... Já morava na cidade. Os patrões lá na cidade me tratavam como se eu fosse um nada, mas me tratavam como se fosse um filho da casa. Depositava toda aquela confiança comigo, de eu trabalhar lá dentro, ficar... Às vezes, tinha filhas mulheres que eram crianças ainda, e eu já estava na fase, praticamente adolescente ainda. Já sabia tudo o que fazia e o respeito também, que não custava nada. Que a minha mãe sempre ensinou a gente. Às vezes, estava trabalhando na fazenda assim – ajudando as empregadas a limpar a casa, deixava eu lá limpando o quarto assim, passando

cera – às vezes, encontrava anel de ouro, outra hora encontrava umas moedas que naquele tempo tinha valor (que era dois merréis, umas moedas amarelas iguais a essa de vinte e cinco centavos de hoje). Era do tamanho dessa moeda mesmo. Encontrava ali, minha mãe falava: ‘Ó, quando você achar um objeto assim no chão, você coloca em cima da mesa’. Ela ensinou como é que a gente tinha que... Ter esses procedimentos, que quando a gente via um objeto nunca pegar pra levar pra casa. Às vezes, estava ali, achava anel de ouro, embaixo assim... Está varrendo, puxando pra fazer a limpeza do quarto – que os patrões deixavam eu sozinho e iam embora – aí, eu achava anel de ouro, colocava em cima da mesa. Achava uma moeda, colocava ali. Quando a gente terminava de limpar ali, a patroa ou o patrão ia lá disfarçado. Pra ver se aquele objeto... – aí que eu percebi o que minha mãe ensinava... – pra ver se aquele objeto estava ali. E dito e feito! Era assim! Eu pegava e colocava em cima da mesa. Achava no chão, mas deixava no... No... Na... Na... Escrivantina que seja. Era um teste. Era pra ver o procedimento da gente. E, graças a Deus, a gente nunca deu essa decepção pra minha mãe, nem pros tios, avós, nada. Depositava aquela confiança e deixava a casa por conta da gente. Isso aí tudo a gente grava, como é o meu caso da época. A gente grava e hoje a gente relembra. Tudo isso que aconteceu com a gente no passado.

A orientação que sua mãe lhe dá acerca de como proceder na condição de empregado doméstico choca pela constatação que o menino faz. *Ela ensinou como é que a gente tinha que... Ter esses procedimentos que quando a gente via um objeto nunca pegar pra levar pra casa. [...] Às vezes, estava ali, achava anel de ouro, embaixo assim. Está varrendo, puxando pra fazer a limpeza do quarto – que os patrões deixavam eu sozinho e iam embora. Aí, eu achava anel de ouro, colocava em cima da mesa. [...] Quando a gente terminava de limpar ali, a patroa ou o patrão ia lá disfarçado. Pra ver se aquele objeto... – aí que eu percebi o que minha mãe ensinava! – pra ver se aquele objeto estava ali. E dito e feito! Era assim. [...] Era um teste. Era pra ver o procedimento da gente.*

É de estarrecer.

Nilce não era tido como filho naquele casarão. Não há a menor possibilidade de isso ter acontecido. Tratava-se de um empregado doméstico realizando tarefas que, poucas décadas antes, eram responsabilidade de seus avós ou bisavós escravos.

O dia de serviço na limpeza terminava, mas nem sempre era seguido de descanso. Na folga dos outros empregados, o menino de treze anos virava copeiro e garçom.

Quando a empregada saía... Tinha um pessoal lá assim... Da alta sociedade deles lá que ia jogar baralho de noite. Eles liberavam as empregadas pra ir passear: eu que fazia o cafezinho pra eles que estavam jogando o baralho à noite. Eu gostava. Quando as empregadas saíam, quando davam folga pras empregadas: 'Ah, o Carrapato fica aí. O Carrapato toma conta'. [Ri]. Eu ficava lá servindo cafezinho, e tal. Ficava lá. Eles me davam caixinha. Você tem que ver! Nossa! Eu fui criado junto com os filhos do fazendeiro.

Eu fui criado junto com os filhos do fazendeiro. Eu ficava lá servindo cafezinho [!!!]. Como compreender satisfatoriamente oposição tão cortante?

De acordo com o que aprendemos nos escritos e nas aulas da professora Ecléa, a casa materna é o centro geométrico do mundo, o ponto a partir do qual a cidade e o mundo se abrem aos meus sentidos. Dali, vejo a rua e ouço sua paisagem sonora. Percebo seus cheiros mais variados e começo a reparar em todas as diferenças sobre um domingo e um dia normal da semana.

A casa materna é também o centro psicológico dos nossos sonhos e dos nossos projetos. Sua rua guarda minhas histórias. Os *flamboyants* que ainda floream na primavera refazem a antiga paisagem: o asfalto hegemônico agora coberto por pequeninas flores amarelas. Os ônibus zunindo agudo quando freiam perto do ponto de parar. Na porta da creche, a aglomeração de mães ao cair da tarde. Tudo ainda vivo na minha memória, como se o tempo tivesse parado.

O mundo cresce a partir dali. Os lugares tidos como 'longe' são os que não ficam perto da minha área. Mesmo quando mudo residência dali, são anos e anos sonhando com a mesma casa e os antigos vizinhos.

A casa materna, a casa na qual passamos nossa infância, é o que concreta e psicologicamente resguarda minha privacidade da completa exposição pública. A porta da frente pode estar reservada aos visitantes. A mãe talvez mude a disposição do sofá para melhor recebê-los. O lugar de brincar é especial, e somente as crianças da casa é

que conseguem descrever seus detalhes. Sei exatamente aonde meu pai costuma esquecer seus chinelos e aonde minha mãe não gosta de ver as toalhas penduradas. O lugar possui um metabolismo próprio.

A Casa da Paineira na Fazenda do Recanto era tudo isso. O próprio Nilce cultivava as hortaliças na parte de trás do quintal. Os irmãos também ajudavam a mãe a debulhar milho na mesa da cozinha. Os avós tinham um quarto só para eles. As galinhas escolhiam uma única árvore para dormir à noite. A rotina da casa e o barulho dos vizinhos, a rua de terra e o cheiro dos animais, nada disso lhe escapa. Quando lembra dali, o menino crescido sorri maroto.

Não foi por iniciativa própria que Nilce foi morar longe da mãe, dos irmãos, dos avós e dos amigos de infância. Não era sua intenção deixar aquela casa. Nilce foi arrancado⁶³.

O desenraizamento é uma doença aguda, embora silenciosa. Não produz manchas na pele, mas tem poder para enrugar pensamentos. Não cega, mas pode turvar a memória e fazer confundir os desejos. Não provoca disritmia, mas acontece de contorcer sentimentos. O desenraizamento⁶⁴ - segundo o que pretendemos defender - pode perpetuar-se na cidade desumana em que os vínculos encontram-se despersonalizados, pode manter-se no trabalho que degrada, pode ser amplificado na espoliação dos oprimidos. Ser desenraizado é ser violentado.

O desenraizamento e a humilhação aparecem ligados na fala de Nilce. O tema sobre a época em que morava no casarão dos patrões veio livremente associado à narrativa sobre o cachorrinho com o rádio portátil pendurado no pescoço. Aquilo que foi sentido como humilhação - o animalzinho estampando a capa da revista - físgou uma lembrança bem específica: residir em uma casa na qual sou tido como serviçal.

Não é infundada a visão de que os patrões tinham em Nilce, na verdade, um mero empregado - e não um agregado, um familiar próximo, como talvez tivesse sido o seu desejo. Quando perguntado bem genericamente acerca dos lugares dos quais sente saudade (na cidade de Machado), nada vem - nenhum canto, nenhum lugar da casa

⁶³ Já consideramos antes o quanto isso, paradoxalmente, casou com seus desejos.

⁶⁴ “Entre os homens, as condições para a participação são condições intersubjetivas especiais; condições em que o encontro do homem com o homem não se forme por meios violentos; condições em que não falte vínculo criativo com o passado, a iniciativa para novas fundações e o livre exercício da palavra. As circunstâncias de um desenraizamento podem ser então esclarecidas pela maneira como foram prejudicadas a liberdade, a igualdade e a pluralidade, podem ser esclarecidas pela maneira como foram prejudicados o vínculo com o passado, o campo das iniciativas e o campo da palavra”. GONÇALVES FILHO, J. M. - “Humilhação Social: um problema político em psicologia”. In: Psicologia USP. São Paulo, v. 9, n.2, 1998, pp. 11-67.

patronal, nenhum fato ou episódio compartilhado com estes – que nos autorize dizer que ali o ex-lavrador estava em casa. Longe disso, os olhos ficam marejados mesmo é quando ele se lembra das procissões, dos encontros religiosos: encontros populares, estes sim bem significativos e marcantes. A partir destas memórias é que vêm outras, todas juntinhas como se o carretel não tivesse fim.

Que a estação ficava paralela com essa Rua do Ramo. E beirando essa Rua do Ramo tinha também o rio lá, Rio Machado. Por que chama Rio Machado? Agora me diga. [...] Por que lá era um riozinho assim, tinha um matagal que cobria o rio. O cara foi cortar a madeira, o machado caiu lá dentro e não achou mais. Aí, pôs o nome da cidade de Machado. [Gargalhamos]. Não encontrou mais o machado, ué... [Rindo]. E o machado está lá até hoje, e não acharam o machado nunca mais. [Gargalhamos]. Puseram o nome da cidade de Machado. Se não encontraram até agora não vão encontrar mais, não. Aí, não sei. O prefeito lá, como aconteceu essa tragédia – o cara foi cortar a madeira, o machado escapou e caiu no rio e não encontrou mais – ele colocou o nome da cidade de Machado. Então, até no meu documento é Machado. ‘Onde você mora?’. ‘Machado’.

Nas narrativas de Nilce sobre a época em que morou na pequena cidade mineira, interessante notar que *estar em casa* é sentimento muito claramente imbricado à memória da cidade e não à memória da casa. Paradoxal. O ex-lavrador se sentia *em casa* quando fora dela. Sua casa não era *casa*. E também não era *sua*.

Nilce não contou nenhum episódio em que esteve à vontade para usufruir de algum espaço comum no casarão. Não fez sequer um relato sobre ter recebido ali a visita de alguém, um parente ou algum amigo querido. Sequer narrou histórias em que ele próprio não estivesse envolvido com o trabalho de limpeza ou outro qualquer. Toda história que narra passada no casarão Nilce está trabalhando.

De onde partiria a idéia de que fora criado como filho do patrão ou junto deles? Era um desejo? Era desejo tão intenso que confundia sua impressão sobre a realidade das relações ali estabelecidas? Não teria percebido que nenhum outro filho do patrão recebia *caixinha* ou servia cafezinho nas noitadas da *alta sociedade deles*? Se a alta sociedade era *deles*, como afirma, seria insensatez supor que Nilce sofria com a realidade de sentir-se subserviente e, racionalizando, amortecendo a violência

psicológica desse fato, tentou se convencer de que era como um filho também? Teria ele, realmente, em algum momento se convencido? Porque mantém assim a história que conta? Acredita nela? Espera que eu acredite? Teria ele sentido angústia diante de sua condição ali, a condição de servir sempre? Narrar os fatos abstraindo-os desta forma dissipa angústia?

A certa altura, acontece de o tema da entrevista ligar-se à saudade dos lugares marcantes. Pergunta direta: *De que lugar de Machado você sente saudade?* Resposta também direta, mas que não vem instantaneamente. O depoente parece que primeiro se recoloca em cena. Retoma a si mesmo cinquenta anos antes. Novamente lá, sente o cheiro do lugar. Reencontra as árvores. Percebe o tempo quente ou fresco. Noto que Nilce agora tem os olhos marejados. Parece ouvir algum barulho, não onde estamos. Olha para mim como quem tem a vista embaçada. Ele fica lá e cá. Nilce transcende. Não está exatamente em outro lugar que não ali comigo. Mas mantém-se um pouco distante de quem está na presença dele. Nilce está viajando. Desembarca numa dimensão do tempo e do espaço difícil de alcançar. Somente quem lembra sente. Somente quem lembra sabe. Parece que o mesmo barulho permanece, agora mais perto. Seu olhar refaz o foco. As lágrimas escorrem sem pressa. O trem chega à estação. Ele apruma o corpo, antes também entregue – arqueado em direção ao passado. Solta a voz:

... .. É uma rua chamada Rua do Ramo. Então, eles puseram o apelido de Rua do Ramo por causa que eles faziam aquele tipo de procissão, aquelas festas tradicionais deles. Católico, né?! Fazia aquela procissão, passava nessa rua. Uma rua que fica marcada pra gente, e eu tenho saudade dela. Ficava próxima da estação de trem. Porque na época que eu morava lá tinha estação de trem, mas era o trem Maria Fumaça. Que a estação ficava paralela com essa Rua do Ramo. E beirando essa Rua do Ramo tinha também o rio lá: Rio Machado. [...] Quando o trenzinho chegava – o Maria Fumaça – a gente ia na estação ver o trem... Os vagões todos de madeira. A gente via o pessoal embarcar... E o trem era tocado a água, lenha e óleo. Óleo diesel, água e lenha. O terminal dele era ali, na cidade de Machado.

O que devolvia sentido à sua temporada naquela cidade, o que fazia Nilce se sentir momentaneamente enraizado era o reencontro com sua gente, o reencontro nas procissões e nas orações. Na Rua do Ramo – lugar abençoado – é que o rapaz estava novamente em casa.

Talvez não fosse necessário dizer. Mas digo assim mesmo. Como estar convencido sobre o que o ex-lavrador teoriza, se ele próprio – quando está menos alerta – desautoriza-nos a manter? Acredito no depoente que sonha quando lembra, e que lembra como quem ama? Fico com seus olhos marejados ou com o conformismo de quem serviu física e mentalmente a alguém? Posso confiar nos adjetivos atribuídos àqueles padrões? Entre a voz embargada e a resignação, fico com o suor do menino bóia-fria. O semblante cansado diz mais. Os calos nas mãos falam mais. Sua voz e seu olhar são mais reveladores do que as razões que a história oficial estabelece. Não dispense o documento marcado no seu corpo.

VILA DALVA

A ponte ainda era de madeira. Isso foi em 1960.
Vim pra cá dia quinze de outubro de sessenta.

Estas entrevistas que o leitor tem em mãos são o resultado do depoimento de trabalhadores que migraram para a cidade de São Paulo. Nenhum deles nasceu na capital paulista. Nilce veio do interior de Minas Gerais. Moisés – como veremos – caminhou mais: veio de Pernambuco. Ponto pacífico nas narrativas: não se sentiram acolhidos na capital financeira do país. O que se passa? São Paulo não é terra hospitaleira? Por que migraram?⁶⁵ Por que permanecem? Retornariam à sua terra natal, se assim pudessem?

Eu vim sem medo. Vim numa aventura. Não foi difícil, não. Eu falei pros meus patrões que eu vinha morar aqui. Eles: ‘Pra que?!’. Eu disse: ‘A vida lá em São Paulo, eu quero ver como é que é’. Eu achava que ia chegar, começar logo a trabalhar pra ajudar minha mãe lá. O que eu tava ganhando lá não tava dando pra eu ajudar minha mãe. Então, eu vim pra ver se tinha alguma melhora. Demorou um pouquinho... Mas chegou! Depois de seis meses que eu estava aqui, eu fui lá passear, levei corte de roupa pra minha mãe, pros meus irmãos fazerem camisa, fazer vestido pra minha mãe.

Chamou-me a atenção Nilce não informar a verdade dos fatos aos antigos patrões: *A vida lá em São Paulo, eu quero ver como é que é*. Se havia tanta clareza de objetivo – *O que eu tava ganhando lá não tava dando pra eu ajudar minha mãe. Então, eu vim pra ver se tinha alguma melhora* – o que teria feito o rapaz desconversar? Por

⁶⁵ “Os deslocamentos constantes a que nos obriga a vida moderna não nos permitem o enraizamento num dado espaço, numa comunidade. Trata-se de um direito humano fundamental para Simone Weil: ‘Um ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro’. O desenraizamento é uma condição desagregadora da memória: sua causa é o predomínio das relações de dinheiro sobre outros vínculos sociais. Ter um passado, eis outro direito da pessoa que deriva de seu enraizamento. Entre as famílias mais pobres a mobilidade extrema impede a sedimentação do passado, perde-se a crônica da família e do indivíduo em seu percurso errante. Eis um dos mais cruéis exercícios da opressão econômica sobre o sujeito: a espoliação das lembranças”. BOSI, E. – Memória e Sociedade: lembrança de velhos. São Paulo, Cia. das Letras, 1994.

que não teria dito a verdade? Não confiava na compreensão daqueles? Não os tinha como confidentes?

Nilce não parece considerar o caráter arbitrário, enigmático, discricionário, da propriedade privada. Nilce concentra-se em razões e explicações econômicas para justificar a mudança de cidade (mas faz um juízo ingênuo sobre estas circunstâncias)⁶⁶. Ao longo de sua entrevista, notamos sem dificuldade, são os mesmos motivos que não o animam a fazer o caminho de volta. O regresso à Machado significava regredir também financeiramente. Morar em São Paulo – e visitar os parentes em Minas Gerais com as malas cheias de presentes – guarda similaridade com o trajeto de quem na aridez da seca busca água para os próximos, a léguas de distância. Ninguém projeta morar ao lado da bica porque deseja se enraizar ali.

Juntei um dinheirinho e uns cortes de roupa pra ela... Nossa! Como ficaram! Fiquei mais seis meses e voltei com mais coisa ainda. Já tinha um empregozinho melhor, no restaurante aqui na Avenida Jaguaré. Ela dizia que estava tudo bem, que ficava contente de eu estar feliz. Eu dizia que ia trazer ela pra cá. Depois de três anos que eu estava aqui, eu trouxe ela pra cá.

É possível imaginar a agudeza das privações pelas quais passava a família de Nilce, mesmo todos os seus irmãos trabalhando de sol a sol. *Um empregozinho em um restaurante na Avenida Jaguaré* mantinha o recém-chegado que – sem esquecer dos que ficaram – os visitava como abastado: *Juntei um dinheirinho e uns cortes de roupa pra ela... Nossa! Como ficaram!*

Em pouco tempo, o rapaz migrante já conseguia *dar uma ajudinha* para a mãe e os irmãos. Mas não foi fácil a chegada à cidade grande. Tudo era diferente e assustador: o tamanho dos prédios, a quantidade de gente, o vai-e-vem perigoso dos inúmeros veículos. Não obstante, de tudo que era estranho, nada poderia se comparar a um notável distanciamento na maneira como as pessoas se olhavam e se tratavam. Nilce quase ficou paranóico.

Naquele tempo ainda não tinha a rodoviária, não. Estava em projeto a rodoviária perto da Estação da Luz. A parada de ônibus era na porta

⁶⁶ O assunto será desenvolvido no próximo capítulo.

desses bar grande assim. Desci na Avenida Ipiranga. E agora?! Eu tinha marcado com uma pessoa que eu ia chegar tal hora aí. Eu nunca tinha vindo pra São Paulo. Falei: ‘E agora?!’. Desci lá, olhei assim... Pra ver se meu parente estava lá. Ele morava aqui no Rio Pequeno. Eu liguei pra marcar com eles, mas nesse dia a firma deles não estava funcionando. Eles não sabiam o dia que eu ia vir. Cheguei lá e pensei que tinha alguém me esperando. Pensei: ‘E agora?!’. Naquele tempo era aqueles guarda civil de farda azul, aqueles bonésão tudo azul marinho também. Cheguei no guarda assim, falei: ‘Seu guarda, onde é que eu posso tomar o ônibus pra ir pro Rio Pequeno?’. Ele falou: ‘Rio Pequeno?!?! Não conheço, não!’. [Abaixa a cabeça e ri. Dou risada junto]. O guarda falou: ‘Olha, tem um lugar aí que tem um ônibus que vai pra Osasco. Você tem que ir lá no Anhangabaú e lá você se informa. Talvez eles possam te informar’. Ele achava que era perto de Osasco, mas não tinha certeza. Olha que situação! Eu falei assim: ‘Onde é que fica o Anhangabaú?’. Ele falou: ‘Você está vendo aquele prédio alto ali?’. Nossa! Só tinha prédio alto... ‘Então. Você segue até ali que você acha o Anhangabaú’. [...] Eu fui a pé. Um movimento daquele! E na hora de eu atravessar a rua?! Mesmo no farol... Eu fiquei esperando ter um monte de gente: ‘A hora que eles forem atravessar, eu vou aproveitar também!’. Lá em Machado nem farol não tinha. Quando estava aquele bolo de gente, eu me enfiava no meio e fingia que não estava acontecendo nada. Mas nem sabia onde eu estava. A hora em que eu cheguei no Anhangabaú – porque naquele tempo não tinha farol no Anhangabaú, não – tinha uma faixas, e os policiais ficavam com umas pranchetas assim ó [mostra o movimento com os braços e as mãos para cima]. ‘Siga!’, era pra gente atravessar. Quando precisava, ele virava pro outro lado, pra mudar o trânsito. Aí, virava e o trânsito continuava. Fazia a mesma coisa: entrava no meio do povão pra eu poder atravessar. Cheguei no Anhangabaú e não encontrei o ônibus que ia pra Osasco. Mas eu não sabia ler também! Aí, procurei informação e me disseram: ‘Aquele ônibus ali vai pra Osasco’. Entrei na fila. Era aqueles “sanfão” que têm hoje, mas mais simples. Não era tão

sofisticado igual aos que tem hoje. Aí, tinha duas empresas: ‘Ó, tem aqueles ali ó ...’, que era uns ônibus *Volvo* que ia para Osasco.

A chegada à nova cidade teve dia, mês e ano registrados na memória! A chegada: ansiosa, desorientada, desolada, sem recepção garantida. Que queixas e esperanças este dia não terá condensado? O que Nilce trata neste trecho da entrevista concentra muita coisa já vivida ali e vivida – também – depois na cidade grande.

É muito interessante ouvir o que o mineiro conta a respeito da chegada à cidade de São Paulo. Há um encontro. Mas há, sobretudo, muito desencontro entre maneiras roceiras e maneiras urbanas, referências rurais e referências urbanas, modos rurais e modos urbanos de contato social.

Não foi possível, mesmo após muitas audições do depoimento, chegar a uma conclusão a respeito do seguinte fato: deveria haver alguém esperando o primo mineiro no terminal rodoviário? Sabiam que ele viria naquela data? Se sabiam, por que não foram recepcioná-lo? Esperavam que o matuto pudesse se virar sozinho? A memória parece não ajudar na precisão das informações: *Eu tinha marcado com uma pessoa que eu ia chegar tal hora aí. [...] Desci lá, olhei assim... Pra ver se meu parente estava lá. [...] Eu liguei pra marcar com eles, mas nesse dia a firma deles não estava funcionando. Eles não sabiam o dia que eu ia vir. Cheguei lá e pensei que tinha alguém me esperando.*

Depois de atravessar um verdadeiro inferno, o caipira desconfiado encontrou um transporte que – talvez! – passasse perto de seu destino. O itinerário do ônibus era longo demais, praticamente uma nova viagem. Torçamos por Nilce.

Disse para o motorista: ‘Moço, você conhece um lugar que chama Rio Pequeno?’. Ele respondeu que sabia: ‘Ah, você quer ir pro Rio Pequeno’. Olha, meu, eu fiquei num ódio. E tá viajando, tá viajando, tá viajando, e nada. E eu, nem sentar, não sentei. Fiquei de pé do lado do motorista. De vez em quando eu perguntava pra ele: ‘Tá longe ainda o Rio Pequeno?’. ‘Tá longe, sim. A hora que chegar, eu te falo’. Eu cheguei a perguntar umas três vezes pra ele. Acho que ele se invocou... ...

Há quatro décadas morando na mesma região, ele lembra de como era tudo. Ficava claro, conforme se afastava do centro da cidade, as diferenças gritantes entre a urbanização nos bairros considerados nobres e o lugar para onde ele deveria ir:

A Vila Indiana tinha uma pista só, onde hoje é a Corifeu⁶⁷. Que termina a Vital Brasil, onde tem uma seringueira graaaande, tinha uma pracinha ali. Saiu da Vital Brasil já era Vila Indiana, onde começa a Corifeu. A Vital Brasil já tinha asfalto, mas depois era tudo terra ainda. Aqui era tudo de terra, o quartel, a Corifeu.

Mas talvez não demorasse tanto assim para encontrar seus parentes. Tinha mais de hora que partira do Anhangabaú.

Eu perguntei pra ele [motorista] umas três vezes. Acho que ele se encheu, se encheu de tanto eu perguntar. Sabe onde que ele foi levar eu?! Chegou lá em Osasco, no ponto final. ‘E o Rio Pequeno, onde é que fica?’. ‘Ah, ficou lá pra trás. Esqueci de te avisar. Esqueci de te avisar, viu?’. Ah, foi de propósito!

Pode ter sido distração mesmo do motorista. O que poderia ser pior? Ao menos, estava perto do Rio Pequeno; tinha até passado pelo bairro. E seria muito azar chegar a São Paulo sem ninguém para receber, o guarda não saber onde fica o tal bairro, o motorista do ônibus esquecer de avisar o ponto para descer, e ainda acontecer algo mais. Entremos novamente no ‘sanfão’.

Cheguei lá no ponto final. Você vê, naquele tempo a gente entrava no ônibus pela porta traseira e descia pela porta da frente. Você lembra? Tinha... Eu peguei... .. Entrei pela porta traseira e coloquei a mala e o saco de roupa perto do cofre do ônibus. Não sentei, não. ‘Agora você pode voltar nesse mesmo ônibus aqui. Só que você tem que entrar de novo pela porta traseira...’. Rapaz, eu fiquei com medo de eles me roubarem a mala de roupa e as coisas. Eu desci, peguei a mala, cheguei dali de onde eu

⁶⁷ Avenida Corifeu de Azevedo Marques, que corta todo o bairro do Butantã (zona oeste de São Paulo) até a divisa com o município de Osasco.

estava, dei a volta e entrei pela porta traseira no mesmo ônibus. Tudo com as coisas na mão. Não podia ter deixado as coisas ali mesmo? [Ri]. Naquele tempo, eles davam um bilheteinho. Não tinha roleta. Tive que pagar outra vez. Tinha o cobrador. A gente ficava com o bilheteinho. Viajava um trecho e vinha o fiscal. Ele picotava o bilheteinho. Tinha que estar com o bilheteinho pra você provar que tinha pago. Às vezes, daqui pra cidade, você chegava a passar por uns três fiscais pra eles conferir. Naquele tempo era rígido! Tudo bem. Estou vindo, estou vindo: ‘A hora em que chegar o Rio Pequeno, o senhor me avisa?’. ‘Ah, tá bom’. O mesmo motorista. Estou viajando – não sabia nem por onde tinha passado – chegou... Não tem um mercadinho aí em cima, onde tem a *Milani*⁶⁸? Terminando aquela subida, eu falei: ‘Ô moço, e o Rio Pequeno?’. ‘Uh, esqueci de te avisar! Ficou pra trás’.

Não é possível uma coisa dessas! De novo?! É muito revés para apenas três horas. Mas Nilce – tenaz como sempre – não voltaria atrás. A vida na Fazenda do Recanto, a vida em Machado, viver como roceiro ou como empregado doméstico, não compensava. Vamos acompanhá-lo, pelo menos até a casa dos parentes. Está perto?

Eu descí lá no mercadinho. Ele [motorista] mandou eu descer lá. Nem imaginava onde ficava o Rio Pequeno. Desci lá, cheguei até à mercearia. Perguntei se eles conheciam o Rio Pequeno, que eu estava procurando. Tinha um parente meu que morava no Rio Pequeno, mas eu não sabia onde. Eles perguntaram: ‘Como é que ele chama?’. Deu dei o nome da pessoa. ‘Ah, eu conheço. Ó, essa perua tá indo pra lá’.

Puxa! Finalmente, um bom sinal. Num lugar como São Paulo, encontrar alguém, uma pessoa que conhece quem você está procurando. No Anhangabaú e adjacências isso não seria possível. No Rio Pequeno, sim. Vamos subir na perua, então.

Era uma perua de padeiro tipo furgão. Chevrolet furgão antigo. Eu tomei aquela perua e descí. Um prapaparaprá danado! Batendo lata do caramba, e o furgão fechado. Não tinha vidro. Eu falei: ‘Ih, esse pessoal vai me roubar,

⁶⁸ Concessionária de automóveis.

ó'. [Ri bastante]. E tô viajando, tô viajando. A entrada do Rio Pequeno era uma estrada de terra estreitinha ali onde fica um posto de gasolina. Um matagal dos dois lados, assim ó [abre e levanta os braços]. 'Agora eu estou pegó!'. [Rimos os dois]. Eu só queria saber: 'Onde é que esse pessoal vai me levar?'.

Já imaginou? Você chega a uma cidade cujo menor bairro é maior que o município inteiro de onde você vem. Seu parente, ao que tudo indica, esquece de você. Rio Pequeno – a única referência que você tem – é uma vaga informação para a enorme maioria das pessoas. Finalmente, você consegue um transporte. O ônibus não te levaria ao seu destino final, mas, ao menos, antes de sair de São Paulo, passa pelo bairro que você procura. Basta que o motorista – aparentemente solidário – possa informar o local exato de descer. O condutor – que previamente garantiu a ajuda – te deixa passar do ponto para descer. Duas vezes seguidas! Você pagou duas passagens pelo mesmo trajeto e não chegou aonde deveria. Quem esqueceu de você te indica um lugar aonde alguém talvez possa prestar algum tipo de socorro. Estranhamente, em uma cidade onde pouquíssima gente sequer sabe para que lado fica o bairro que você procura, um sujeito diz conhecer seu primo. Foram mais de duas horas de ansiedade desde a chegada a São Paulo até ali. O tal sujeito – um mero desconhecido – diz saber aonde trabalha seu parente e que vai te levar até ele, de graça. No veículo, sobem você e um pessoal meio mal encarado. A perua é fechada, sem vidros. Além de velha e mal conservada, chacoalha o tempo inteiro. Você foi colocado lá atrás, no bagageiro, justamente o lugar que, de fora, ninguém pode ver. Quanto mais o tempo passa, mais desconfiado você fica. De repente, quando pode se supor que o tal bairro está próximo, tomam uma rua à esquerda e se dirigem a um local ermo. Você só enxerga – pelo pára-brisa – matagal dos dois lados. Seis da tarde. Anoitecendo. Gente estranha. Lugar desconhecido. Meu Deus!

Pegou a Avenida do Rio Pequeno e veio. Parou perto da ponte da Vila Dalva, onde tem um bar-sorveteria. Aonde é o Banco Bradesco hoje, ali era um bar. 'Aqui, tem essa pessoa que você falou, tem um primo seu que trabalha aí'. Eu desci lá. Agradei ele, tudo... Aí, eu conheci ele... Meu primo. Quando cheguei aqui em São Paulo, lá na rodoviária, ali no Ipiranga, eram três horas da tarde. Fui chegar aqui no Rio Pequeno

eram seis horas. Estava escurecendo. Era a primeira vez que eu via ele. Eu conhecia o tio dele que era casado com a irmã da minha mãe. Eu ia pra casa dele. Esse era sobrinho dele. Ele ainda mora lá perto da ponte da Vila Dalva, nessa casa em que eu morei a primeira vez que eu vim pra cá.

Ufa!

Mantendo a inspiração otimista de sempre, o drama do primeiro dia em São Paulo não se constituiu para Nilce como baliza para outros e novos contatos, outras e novas experiências. O mineiro do interior, recém-chegado à capital paulista, manteve-se aberto. Não que ignorasse as diferenças acerca das pessoas e do lugar. Fosse algo corriqueiro ou não, nada lhe passou despercebido. Reparou no trânsito dos carros, mas também no passo apressado dos pedestres. Reparou na altura e na imponência dos prédios do centro da cidade, mas não lhe escapou o abandono e o descuido da periferia para onde rumou. Reparou nos ônibus novos e incomuns para ele, mas não deixou de considerar o descaso e o desinteresse de quem poderia guiá-lo ao seu destino.

A cidade grande, agremiação anônima e indiferente, levanta desolação – isolamento, desamparo – e desconfiança – medo de assalto. Isto se estende até o Rio Pequeno, bairro proletário, mas ali também vai arrefecendo: a exterioridade dos ambientes, a estranheza, vão diminuindo; surgem pessoas que se conhecem e que mantêm uma relação mais direta umas com as outras e com o ambiente; a orientação cidadina, geral, abstrata, impessoal, altera-se em orientação mediada por pessoas concretas.

O tratamento pra mim sempre foi bom, a maneira de tratar. Mas até a gente pegar o ritmo do lugar demora. A gente é que tem que plantar pra colher. Procurar fazer amizade, tudo. Porque se você chegar num canto e ficar fechado, não quer amizade com ninguém, como é que vai saber se é bom ou se é ruim? [...] As pessoas... ... No interior, o pessoal é mais simples. É mais unido nos encontros. Cidade pequena, você sabe. Agora, aqui não. Lá, geralmente, a gente conhecia todo mundo na Igreja. Aqui, não. É diferente. [...] O pessoal em São Paulo tem outro ritmo, não nem dúvida. [...] É muito agitado. Até você pegar o pico daqui demorava um pouco.

Aqui é muita correria, como sempre foi. Não vai deixar de ser cada vez mais.

Quem corre perde tempo. Quem corre muito, quanto mais corre – pode reparar – menos tempo tem. A lógica do tempo acelerado desmancha o rosto das pessoas, embola o que ouvimos das vozes, confunde nossa percepção do outro.

Nos semáforos, a pressa sempre vence uma gentileza ao vendedor de balas. É a pressa também que – racionalizamos – não nos permitiria ouvir mais longa e atentamente o que nos diz um mendigo sentado no meio-fio, ou nos impediria de acompanhar as histórias que os velhos nos contam. Quase ninguém quer saber dos velhos. Quase ninguém quer saber de quem demanda demora. *As pessoas... ... No interior, o pessoal é mais simples. É mais unido nos encontros. Cidade pequena, você sabe. Agora, aqui não. Lá, geralmente, a gente conhecia todo mundo na Igreja. Aqui, não. É diferente.*

Maldita pressa, que tanto nos atrapalha. Maldita pressa, que, solitária, assume responsabilidade por tanta negligência nossa.

Atenção é a palavra-chave. Foi o que Nilce não teve do primo quando desembarcou em São Paulo. Era o que o guarda metropolitano considerou não poder dispensar àquele recém-chegado. Foi o que o motorista do ônibus não levou em conta. No fim de tudo, também, acabou sendo o que Nilce teve do carona que o conduziu à Vila Dalva. E que boas coisas a atenção leva e traz!

Professora Ecléa Bosi, agora citando Simone Weil:

Para Simone Weil a atenção é uma forma alta de generosidade. Todas as outras vantagens da instrução são secundárias comparadas ao exercício da atenção: é um bem em si independente de recompensa ou aquisição de informações. Os estudos são nada mais que uma ginástica da atenção, seja qual for seu conteúdo. Ela nos convida a privar tudo o que chamamos de *eu* da luz da atenção e transferí-la para o que está fora de nós⁶⁹.

A sociedade de massa tem o poder nefasto de rebaixar a capacidade de atenção de cada ser humano. A vida na metrópole corrompe nossa veia contemplativa transformando praticamente cada momento de vigília em expedições de consumo. Do

⁶⁹ BOSI, E. – O tempo vivo da memória. São Paulo, Ateliê editorial, 2004.

instante em que acordamos até a hora de dormir, sofremos o incansável bombardeio das mais diversas formas de publicidade. Os objetos biográficos perdem espaço aos que são mais modernos, descartáveis. As refeições perdem o sentido sagrado e, muitas vezes, até mesmo o caráter nutritivo: são almoços e jantares de *negócios*, encontros afastados de sua originalidade para dobrarem-se à força do capital.

O remédio para tanta asneira só pode ser nadar contra a corrente, contrariar o *fluxo de caixa* em nome do que correria naturalmente quando seres humanos se encontram.

É bom ver uma criança acompanhar dia a dia o crescimento de uma planta em suas pequenas e contínuas mutações; ou o crescimento de um animalzinho. Não para ter noções de Botânica ou Zoologia, mas para sair de si mesmo, alegrar-se com uma vida que não é sua. Observando, assim, a criança consegue transcender o ego e procura escutar e ver sinais da natureza e do outro. A atenção traz consigo uma “liberdade para o objeto”, como se ela cortasse as peias que nos prendem a nós mesmos. É um sair de si, que pela sua qualidade de doação se assemelha à prece⁷⁰.

A pressa altera cenas, roteiros, empenho e envolvimento dos atores sociais. A atenção é o que nos convoca à participação coletiva do mundo, é o que nos põe frente à frente com os mistérios do outro, é o que permite revelação profunda de *quem* somos cada um de nós. Desatentos, estamos rompidos nos vínculos com nossos semelhantes, segregados de suas vidas. Paradoxalmente, assim, estamos mais distantes de nós mesmos, pois é o meu *aparecer* social – *eu* diante de alguém, *alguém* diante de mim – que me torna *eu*, diferente de todos os outros. As diferenças que nos singularizam somente podem assumir realidade na vida plural, no provar-se mutuamente. A falta de atenção leva, inevitavelmente, à alienação do mundo e de mim mesmo.

Há esforços que têm o efeito contrário ao fim procurado. Outros são sempre úteis mesmo que não tenham êxito. Os primeiros são acompanhados por um esforço quase muscular de apreensão, pela negação mentirosa da miséria interior. E os últimos pela atenção continuamente concentrada na distância entre o que se é

⁷⁰ BOSI, E. – O tempo vivo da memória. São Paulo, Ateliê editorial, 2004.

e o que se ama. Esse recuo diante do objeto amado traduz a luta da contemplação contra o consumo, da civilização contra a barbárie. Penso que a doutrina da atenção de Simone Weil está ligada por raízes profundas no que toca aos militantes do Terceiro Mundo, ao trabalho manual, ao desprendimento de objetos inúteis, à não-posseção dos bens supérfluos⁷¹.

No mundo capitalista, acontece de visarmos o consumo de objetos, a aquisição de mercadorias como cura para a alienação. As novas roupas, o carro do ano, as jóias finas seriam a recompensa para as mentes esvaziadas e os corpos desalmados, sem vida. Os desfiles de moda têm muita coerência interna. Os modelos que se fantasiam em trajes despersonalizados assumem cara de assombração. São fantasmas deles mesmos, meninos e meninas sugados no transe da vaidade, anoréxicos antes mesmo do corpo enfermo e esquelético. São meninos e meninas desumanizados.

Simone Weil⁷² alertou para o problema da desumanização produzida e perpetuada nos ambientes fabris. Envolveu-se nisso até o último fio de cabelo. Nunca abandonou a esperança de ser ouvida e, sendo ouvida, que falassem através dela as pessoas ali escravizadas: tornadas mudas e bestas.

A permanência de Simone na fábrica não foi eficaz: nada descobriu que melhorasse a linha de montagem, não renovou a teoria marxista, nem mudou a história das classes trabalhadoras. Mas criou um extraordinário acontecimento ético. [...] Uma ação que favorece muitas pessoas, uma ação exemplar desligada de todo pagamento ou recompensa para quem agiu⁷³.

Moisés, Tião, Nilce, Chico, Bahia, Joãozinho. Estes homens com quem trabalhei, estes e outros trabalhadores garis, sempre me falaram sobre falta de atenção, sobre sua invisibilidade pública. O desaparecimento de cada um deles, os rostos deles desmanchados no olhar reificado de cada sujeito, sempre foi sua principal reclamação. Verdade que sobrevivem com um salário miserável⁷⁴ e, vez ou outra, bem raramente mesmo, o assunto vinha à tona. Entretanto, nada se comparava ao queixume justo e

⁷¹ BOSI, E. – O tempo vivo da memória. São Paulo, Ateliê editorial, 2004.

⁷² WEIL, S. – A condição operária e outros estudos sobre opressão. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

⁷³ Op. Cit.

⁷⁴ O que, obviamente, também remete à invisibilidade destas pessoas.

sensato contra o que lhes arruinava em sua dignidade: sentirem-se abandonados em sua existência, excluídos do âmbito do discurso e da ação.

O trabalho ombro a ombro alavancou nossa amizade. A conversa que estabelecemos – Nilce e eu – é fruto disso. Mais do que o roteiro muito refletido e a metodologia estabelecida, mais do que a seriedade de ambos, bem mais do que nossa disponibilidade em nos encontrarmos para horas de entrevistas, houve outra coisa. Que me perdoem os céticos. Que me desculpem os acadêmicos de cultura livresca. Nossa conversa transcendeu tudo isso. Não porque teria sido uma conversa intelectualmente elevada. Não porque concluímos postulados irrefutáveis. Mas, simplesmente, porque houve conversa:

Hora certa da conversa é a hora em que os interlocutores falam e ouvem com gosto. Sem medo. E sem afetação, sem as maneiras de um homem superior, sem as maneiras de um homem inferior. Numa pesquisa participante, por exemplo, é a hora que precisa ter naturalmente vingado em muitas conversas antes, quando só então o pesquisador deveria formalmente convocar alguém como um depoente: condição para que o depoimento seja de fato um depoimento⁷⁵.

A conversa risonha – que faz rir quem conversa e quem toma parte nela – tem o poder de refazer um trajeto desfeito, ausência de um caminho que afetou violentamente a comunicação entre cidadãos de classes antagônicas. Ricos e pobres não conversam, mas espremem-se entre palavras de comando e obediência. Conversar com alguém exige mais do que disponibilidade e não pode ser um empreendimento, um projeto a realizar. Não obstante, demanda deslocamentos de corpo e de alma, demanda uma espécie de renúncia aos lugares sociais reificados:

A hora da conversa vem de coisa diferente de um esforço e mais radical que a boa vontade: vem de soltar-se ao face-a-face, que é a mesma coisa que a alegria. A boa vontade é a vontade dessa alegria.

⁷⁵ GONÇALVES FILHO, J. M. – “Problemas de método em Psicologia Social: algumas notas sobre a humilhação política e o pesquisador participante”. In: Psicologia e o compromisso social. São Paulo, Cortez, 2003.

Nossos mundos e nossas casas, antes tão apartados; nossos familiares e nossas comidas, antes tão estranhos; nossos maneirimos, sempre tão incompreensíveis uns para os outros, assumiram rosto. A casinha pobre, mal acabada, acanhada na rua estreita, como tantas outras na periferia, tornou-se a casa do Nilce. Lugar em que eu entrava a qualquer hora, assistia à televisão, ficava na cozinha, usava o banheiro, comia coxinha, empadinha, curau e doce de abóbora. Brincava com os cachorros, conversava com os vizinhos. No transcorrer de uma reforma ali, sua filha caçula perguntou o que eu pensava sobre a posição da geladeira nova e do sofá.

Para mim, pensar nisso é comovente. Ainda que bem intencionados e dispostos ao contato mútuo, nossos encontros iniciais estiveram bem marcados por posição de classe. Éramos, inegavelmente, estudante ‘rico’ da USP e garis. Foram alguns anos e muitos encontros para que, naquele e em outros dias, prevalecessem os nomes de cada um e não a forma “pesquisador” e “depoentes”.

Nilce, Moisés, Chico, Tião, Joãozinho, Bahia, Brás, Tonhão, Ciço, Manél, Deputado, Enoque, Oswaldo, Bambu, César. Estes trabalhadores pobres, todos eles, assumiram fisionomia singular para mim. Eu também, para eles. Não era mais um *forasteiro* e ponto. Não mais bastaria essa impressão, essa informação quase protocolar. Passaram a me chamar – e cada um de forma muito pessoal – Fernando.

É porque – conversando conosco – estão despreocupados com o formalismo, desarmados de algumas convenções: estão mais livres. E livres, sem freios, relaxados, aparecem as imperfeições, surge espaço para o contraditório e o inesperado. O inconsciente pode aflorar. Uma conversa puxa outra. E outra. E outra. E se ainda há tempo e disposição, há espaço e oportunidade para muitas conversas. José Moura Gonçalves Filho:

A conversa abre portas para um lugar de pensar que ninguém ocupava antes de conversar; lugar em que não ingressamos no isolamento e que pede desprendimento do lugar familiar. A passagem para o lugar de pensar pede deslocamento: na sociedade de classes, para os que por nascimento caíram do lado dominante, a comunicação com cidadãos das classes populares pede muitos deslocamentos, pede várias vezes o deslocamento para bem longe de casa. Pede deslocamentos que dão em descolamento, descolamento de classe, e culminam num outro ponto de vista:

literalmente, culminam num outro ponto no mundo de onde nossa visão vai ver o que não via antes⁷⁶.

O que o leitor tem em mãos não se presta ao consumo, embora possa ser devorado. Tampouco é mercadoria, ainda que futuramente venha a possuir valor econômico. A entrevista com Nilce – roteiro que se transformou em conversa – solicita de cada um de nós algo diferente:

Simone amava os poemas litúrgicos védicos que se referem à árvore do mundo, à figueira eterna, ao *Açvatthá*. Nela estão pousados dois pássaros: um que come seus frutos, outro que olha e não come. O pássaro que não come o fruto, presta atenção. Sua renúncia partilhará e multiplicará os frutos saborosos para todos nós. É o espírito-testemunha que vê o outro consumir no instante, a vontade devoradora e passional que não será instrumento de salvação se não for acompanhada pelo olhar, pela escuta, pela atenção... E pela renúncia à posse do resultado. Essa dualidade para Simone – olhar e consumir – como duas operações diferentes – constitui a dor da vida humana. Comer, ter fome, consumir, ter fome... Eis a cadeia do sofrimento. A felicidade seria se elas fossem o mesmo. Se fossemos nutridos pelo que contemplamos! A dor nasce da cisão entre comer e olhar, consumir e contemplar, a possessão e a atenção. A filósofa, que se tornou metalúrgica e cujo corpo guardou para sempre as marcas da escravidão, é o pássaro que, pousado na figueira (por tão poucos anos!), olha intensamente, fazendo a piedosa oferenda do presente⁷⁷.

⁷⁶ GONÇALVES FILHO, J. M. – “Problemas de método em Psicologia Social: algumas notas sobre a humilhação política e o pesquisador participante”. In: Psicologia e o compromisso social. São Paulo, Cortez, 2003.

⁷⁷ BOSI, E. – O tempo vivo da memória. São Paulo, Ateliê editorial, 2004.

OS EMPREGOS

O que poderá mudar enquanto a criança escuta na sala discursos igualitários e observa na cozinha o sacrifício constante dos empregados? A verdadeira mudança dá-se a perceber no interior, no concreto, no cotidiano, no miúdo; os abalos exteriores não modificam o essencial. Eis a filosofia que é transmitida à criança, que a absorve junto com a grandeza dos socialmente “pequenos” a quem votamos nossa primeira afeição e que podem guiar nossa percepção nascente do mundo. Depois, esse tempo ficará sendo o tempo subjacente, dominado e mergulharemos no tempo da classe dominante que prepondera uma vez que assume o controle da vida social⁷⁸.

Faz dez anos que li o Manifesto do Partido Comunista⁷⁹ pela primeira vez. O texto encomendado àqueles dois jovens – Marx e Engels – foi cuidadosamente preparado durante meses até que, finalmente, encontrasse seus destinatários: os proletários, a quem o partido comunista alemão gostaria de ver esclarecidos acerca da exploração praticada pelos burgueses contra os que nada possuíam a não ser seu próprio corpo⁸⁰.

Terminada a leitura, duas impressões jamais me abandonaram. A primeira: aquelas palavras não envelheceram. Isto é, os argumentos são precisos, e estão baseados em preocupações limpas, sem propósito desonesto. Engels e Marx inquietam-se com o que se evidencia na relação predatória entre capitalistas e trabalhadores. Sua apreensão é, sobretudo, sinal incontestado da humanidade daqueles militantes recém-iniciados.

A segunda: os fundamentos do capitalismo não se alteraram, continuam sediados na escravidão de uns – os despossuídos - em benefício de outros – os detentores dos

⁷⁸ BOSI, E. – Memória e Sociedade: lembrança de velhos. São Paulo, Cia. das Letras, 1994.

⁷⁹ MARX, K. & ENGELS, F. – *Manifesto do Partido Comunista*. In: O manifesto comunista 150 anos depois. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 1998.

⁸⁰ “Um dos pilares da ideologia burguesa é justamente a definição dos seres humanos por algo chamado de ‘direito natural’ e que seria o direito à posse e ao uso do próprio corpo, posse que nos torna livres, liberdade que é necessária para formular a idéia burguesa de contrato. Marx descreve o surgimento do trabalhador ‘livre’ necessário ao capital: o homem que tendo apenas a posse de seu corpo, que estando despojado (‘liberado’) dos meios e instrumentos do trabalho, tem o ‘livre’ direito ao uso do próprio corpo, vendendo-o no mercado da compra e venda da força-de-trabalho. Para Hegel, a definição burguesa de pessoa é sinônimo ou a versão jurídica do proprietário privado”. CHAUI, M. – O que é ideologia. São Paulo, Brasiliense, 1981.

meios de produção. Dessas duas impressões, decorre uma terceira, e esta mais decisiva: ainda há muito o que fazer.

Os burgueses continuam empenhados nos seus mesmos objetivos. Os pobres são mantidos na mesma desgraça. Os instrumentos de dominação tornaram-se mais sutis aos olhos dos desatentos. Ora, assim como não é possível estar mais ou menos grávida, também não é possível ser mais ou menos explorado ou mais ou menos corrupto. Exploração é exploração, e baseia-se sempre em formas variadas de violência.

Ler o *Manifesto* com imparcialidade é inclinar-se à sua inspiração e, portanto, tornar-se parcial. *De que lado vou estar?* A contundência do que ali nos é apresentado não permite hesitação. Impossível não se identificar *com* os anseios dos autores ou, de outra forma, *contra* eles.

Este trabalho de doutorado não é imparcial. Desejamos estar ao lado de gente como aqueles alemães bem nascidos que, no lugar de gozar a vida sem perturbações, recusaram a tranqüilidade baseada no tormento de seus semelhantes. Esperamos estar à altura daquela aspiração humanista. A pretensão aqui – para não correr o risco de ser tomado como arrogante – exclui a tentativa de igualar em magnitude o que representa o *Manifesto*. Desejamos, isso sim, revelar o quanto nossa atenção⁸¹ aos trabalhadores – gente tornada muda e resignada – fortalece a nossa dignidade, frutifica lá e cá, e faz amar a companhia de Marx e Engels.

*

Quando decidiu se mudar⁸² para São Paulo⁸³, Nilce tinha em mente objetivos bem definidos: *Eu achava que ia chegar, começar logo a trabalhar [...] O que eu tava ganhando lá não tava dando pra eu ajudar minha mãe. Então, eu vim pra ver se tinha alguma melhora.*

⁸¹ Tal qual ensina Simone Weil.

⁸² “A mobilidade de hoje conduz muitas vezes ao abandono completo dos gêneros tradicionais de vida, quer levando o caipira ao trabalho em zonas de agricultura moderna, onde se incorpora aos novos padrões, quer, sobretudo, incorporando-o ao proletariado urbano. O pessoal das indústrias, dos transportes rodoviários e ferroviários, da construção civil, das obras públicas, é, em grande parte, recrutado no seu meio. Da mesma maneira, nele se recrutam as empregadas domésticas e os empregados em toda sorte de atividades, qualificados ou não, requeridas pelos centros urbanos”. CANDIDO, A. – Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida. São Paulo, Duas Cidades, 2001.

⁸³ A acomodação do caipira aos padrões urbanos se faz conforme possa ou não encontrar condições satisfatórias de substituição dos seus próprios. E que neste processo há graus variáveis, segundo a maneira e o ritmo por que uns e outros entram em contacto e se combinam. CANDIDO, A. – Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida. São Paulo, Duas Cidades, 2001.

Nilce não parece considerar o caráter arbitrário, enigmático, discricionário, da propriedade privada. A vida miserável de Nilce e de sua família não aparece associada à vida muitíssimo confortável de seus patrões: são como fatos justapostos. A pobreza não é refletida como tendo razões históricas determinadas, cristalização de situações predatórias de vínculo patronal. A miséria vem constar como um fatalidade. Tudo poderia ser resolvido por meio de um trabalho que remunerasse melhor.

Começar a trabalhar não foi tão difícil. Para alguém como o ex-lavrador – sem qualificação técnica ou escolar – qualquer oportunidade de exercer um ofício braçal seria bem vinda: os salários ofertados seriam sempre superiores aos de Machado. Desta maneira, o rapaz do interior mineiro estava disposto a assumir o que quer que aparecesse.

Sua primeira ocupação na metrópole foi em uma fábrica de prendedores de roupa, ‘daqueles de madeira’. Não era um ofício que empolgava o recém-chegado – serviço simplificado e mecânico, que nunca trazia surpresas. Mas era bem melhor que ficar desempregado.

Na fábrica, era longe pra eu ir, e ganhava pouquinho também: era por produção. Montava esses prendedores de colocar roupa no varal... Naquele tempo era só de madeira. Já vinha a madeirinha cerrada, pronta, só pra gente montar lá. Tinha a maquininha de montar. Era manual, e a gente trabalhava com o pé e a mão. Mas não era elétrica, não. Tinha aquela molinha, e você colocava as duas pecinhas assim: apertava e ela fechava. Ficava nesse esquema aí. Fiquei uns tempos lá e depois saí. Dava sono. [...] Às vezes, você tava trabalhando, o sol estava quente, você fffssss... Cochilava⁸⁴. [Ri]. A gente – cada um – tinha a sua maquininha manual e o lote pra trabalhar⁸⁵.

⁸⁴ “O operário imagina uma repetição ininterrupta de peças sempre idênticas, regiões tristes e desérticas que o pensamento não consegue percorrer. [...] Um campo promissor de pesquisas seria o estudo das ondas cerebrais registradas no eletroencefalograma; poder-se-ia comparar as configurações de ondas de pessoas que desempenham tarefas criativas com as de quem está submetido por longos anos a tarefas repetitivas”. BOSI, E. – O tempo vivo da memória. São Paulo, Ateliê editorial, 2004.

⁸⁵ “Com a expansão da maquinaria e da divisão do trabalho, o trabalho dos proletários perdeu toda a autonomia e deixou, assim, de interessar ao trabalhador. Ele se torna um apêndice da máquina, dele se exige o trabalho manual simples, monótono e fácil de aprender. Os custos do trabalhador se resumem aos meios de subsistência de que necessita para se manter e se reproduzir. O preço de uma mercadoria, portanto também do trabalho, é igual aos seus custos de produção. Quanto mais adverso o trabalho, menor o salário. Mais ainda: na medida em que maquinaria e divisão de trabalho se expandem, aumenta a massa de trabalho, seja através do aumento do tempo de trabalho, seja pela exigência de mais trabalho no mesmo intervalo de tempo, maior velocidade das máquinas, etc”. MARX, K. & ENGELS, F. – *Manifesto do Partido Comunista*. In: O manifesto comunista 150 anos depois. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 1998.

Como assevera Ecléa Bosi, a situação que o migrante vai enfrentar é de desenraizamento. A configuração da produção na indústria promove maneiras desenraizadas de acomodação àquelas tarefas mecânicas. Uma cultura que eventualmente possa surgir daí é necessariamente isolada e sem renovação. As experiências acontecem sempre fragmentadas e metódicas, sem nenhuma ligação de fato, como observa Simone Weil, com o *concreto do mundo e o transcendente*. A criança que cresceu ligada aos animais e às plantas no quintal de casa repentinamente se torna um *complemento da máquina, uma coisa que deve obedecer ao ritmo da produção e não importa quais sejam seus motivos para obedecer*. Os intelectuais e os bem nascidos de uma forma geral não teriam como atinar o que representa tal ruptura – cisão com o mundo exterior e com a própria existência. Assim, inicia-se uma rotina de vida curvada em direção à matéria, focada no que exige a fresa, os motores, os maquinários em geral, *segregada como se fora outra humanidade*⁸⁶.

Determinado momento, o operário debutante – só aparentemente ingênuo – começou a perceber algo que o chamou a atenção. A grande maioria dos operários era muitíssimo jovem e, além disso, nenhum deles tinha registro em carteira.

Gostava, tudo, mas pra mim foi mais um passatempo. Era uma coisa que eu via que não tinha futuro. Era uma fábrica que ele pegava funcionário, mas não registrava. Um japonês. E geralmente pegava só de menor. Eu já era de maior. Trabaiei lá, vi que não tinha futuro e saí⁸⁷. Legalmente.

Aqui, como em todas as circunstâncias em que veremos Nilce considerar salários e condições de trabalho, a avaliação que faz é muito local, tendendo a ajuizamentos um tanto quanto morais, mais do que políticos, acerca do antagonismo fundador das relações patronais, antagonismo do qual ele não possui consciência.

⁸⁶ BOSI, E. – O tempo vivo da memória. São Paulo, Ateliê editorial, 2004.

⁸⁷ “A indústria moderna transformou a pequena oficina do mestre patriarcal na grande fábrica do capitalista industrial. Massas de trabalhadores, concentradas na fábrica, são organizadas militarmente. Eles são colocados como soldados rasos sob a supervisão de uma hierarquia inteira de suboficiais e oficiais. Não são apenas serviços da classe burguesa, do Estado burguês; são oprimidos todos os dias e horas pela máquina, pelo supervisor e, sobretudo, pelos próprios donos das fábricas. Tal despotismo é tanto mais mesquinho, odioso, exasperante, quanto mais abertamente proclama ter no lucro o seu objetivo exclusivo”. MARX, K. & ENGELS, F. – *Manifesto do Partido Comunista*. In: O manifesto comunista 150 anos depois. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 1998.

A memória de um serviço chama a memória de outro. E depois outro. E outro. A seqüência narrativa é impressionante, o que evidencia a dimensão desenraizadora de quem vive contando centavos e sendo obrigado a mudar de ocupação. Os assuntos sobre suas diversas profissões em mais de quarenta anos residindo em São Paulo vão se entrelaçando a variados marcos em sua vida. As mudanças de emprego nunca foram sem planejamento. Ora, Nilce queria um salário maior. Ora, era o ofício em si que não o agradava mais. Nunca foi demitido. Deixou os empregos “sempre por vontade própria”; *legalmente*, como ele diz.

Entrei no restaurante, e aí eu me dei bem. Nesse restaurante, foi bom pra mim porque esse patrão me emprestou vinte cruzeiros pra eu dar a entrada nesse terreno. Aqui, a máquina ainda tava tombando terra pra lotear. [...] Lá, eu me dei bem, trabalhei muito tempo lá. Emprestou o dinheiro, depois eu paguei pra ele direitinho... .. Passado um tempo, eu pedi a conta e fui trabalhar num restaurante lá na Água Branca. O cara gostou de mim. Eu trabalhava no bar lá. Ele era sócio de um bar lá perto da loja “Sears”, na Barra Funda. Naquele tempo eu entrava lá... .. Meio-dia... .. Eu trabalhava das dez da manhã até as dez da noite. Tomava o bonde até o Anhangabaú e vinha no ônibus pra Osasco, até o Rio Pequeno. Chegava aqui onze horas da noite. No Jaguaré, eu fiquei a primeira vez quatro anos. Depois, voltei e trabalhei mais uns meses lá. Na Água Branca, eu ganhava mais⁸⁸. Tinha assim a viagem pra fazer. Aqui no Jaguaré, eu ia a pé. Na Água Branca, eu trabalhei uns sete meses, mais ou menos. Depois, eu entrei numa fábrica de veneno aqui na Avenida Jaguaré de novo, e trabalhei mais uns sete meses nessa coisa. Tinha uma prima minha que trabalhava num prédio lá na... .. Ela trabalhava na Rua São Bento. Ela apresentou eu pra trabalhar num prédio lá na Rua Boa Vista, na esquina da General Carneiro com o Pátio do Colégio. Número 62. 76, aliás. Eu entrei lá de faxineiro. Depois, eu estava trabalhando de faxineiro e surgiu uma vaga de ascensorista. O zelador perguntou se eu queria tentar trabalhar no elevador... ..
... .. [Fica distraído, e eu junto, escutando a

⁸⁸ “A concorrência mais acirrada entre os burgueses e as crises comerciais dela resultantes tornam o salário do trabalhador cada vez mais instável; o aperfeiçoamento incessante e acelerado da maquinaria torna sua existência cada vez mais insegura. Cada vez mais, os choques entre trabalhadores individuais e burgueses individuais tomam o caráter de choques entre duas classes”. MARX, K. & ENGELS, F. – *Manifesto do Partido Comunista*. In: O manifesto comunista 150 anos depois. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 1998.

criançada brincando na rua]. Na fábrica de veneno⁸⁹, eu mexia com cada veneno bravo! Era PHC, era uns venenos que vinha importado lá do... .. Do estrangeiro. Polietileno... Tinha tanta coisa... Muita tranqueira. Era um trabalho sujo! Um pó! Um pó ardido que, dependendo do veneno que você ia descarregar, de repente tava escorrendo sangue pelo nariz. Não tinha máscara, não tinha nada. Era veneno pra tudo. Lavoura... Chegava a sangrar o nariz. Serviço brutal. Ih! Bastante deles que trabalharam ali muito tempo já se foram. Inclusive meu irmão mais novo, que trabalhou lá bastante anos. Morreu disso. Um tio meu também morreu. Morreram cedo.

Foram poucos meses na fábrica de veneno, mas o suficiente para Nilce não se esquecer e, bem firmemente, lastimar por ele e pelos outros que ali trabalharam e adoeceram. Não foi unicamente o salário – nessa situação – que contou para que decidisse mudar de ocupação.

Na época em que eu trabalhei lá na fábrica de veneno, onde trabalhou meu irmão que é falecido – como eu te falei da outra vez – onde pagava bem, mas não tinha proteção nenhuma pra gente, o serviço era perigoso. Fiquei só uns sete meses, e depois saí fora... ‘Eu não vou ficar aqui é nada! Vou dar minha vida por causa de dinheiro e trabalhar num negócio de veneno que não tem proteção de nada?!’. A maioria do pessoal que trabalhou ali já viajaram tudo. Ganhava bem na época. Pagava melhor que todas as firmas. Eu não fiquei lá, não. Trabalhava lá, respirava aquela coisa, eles pagavam bem, dava um leite... Mas não era só o leite... Eu falei: ‘Que naaaaaada! Vou sair fora!’. Peguei e saí fora.

O ex-lavrador, ex-faxineiro, ex-ascensorista, ex-operário, ex-ajudante em fábrica de veneno, ex-vendedor de doces e lanches, esteve empregado até em uma fábrica de pinga. Ressalta as boas lembranças e o cuidado que os funcionários precisavam ter no engarrafamento do produto final. Nilce também me ensinou a respeito das etapas de

⁸⁹ “Entre os mais fortes motivos desenraizadores está a separação entre a formação pessoal, biográfica mesmo e a natureza da tarefa, entre a vida no trabalho e a vida familiar, de vizinhança e cidadania”. BOSI, E. – O tempo vivo da memória. São Paulo, Ateliê editorial, 2004.

produção⁹⁰. Ao final das explicações, espontaneamente, a lembrança do trabalho encontra novamente a lembrança da cidade.

Lá eu trabalhei uns quatro anos. Era engarrafamento de pinga. Todo tipo de bebida: é pinga, refrigerante... E lá era engarrafamento mesmo! O caminhão que transportava pinga vinha lá de Limeira. Os tonéis de pinga lá eram subterrâneos: eles carregavam igual posto de gasolina. Depois, tinha um maquinaal quando eles iam preparar a pinga, que tinha que batizar ela – eles falam ‘batizar’ – colocar as químicas lá pra aumentar ela. Era pinga e água. Que ela vinha pura de lá. Quando chegava, eles colocavam no tonel subterrâneo. Depois, tinham os maquinários que puxavam pra jogar no tonel de madeira, que ficava assim pra cima. Dali que saía pro engarrafamento. Eu lavava vasilhame pra engarrafar... Tinha que lavar os vasilhames, tudo, mas era tudo no maquinário. Às vezes, tinha umas sujeiras dentro, rolha, uns negócios pra gente tirar. Colocava no maquinário e lavava assim. A gente ficava olhando pra ver se não tinha alguma sujeirinha pra não engarrafar... A pinga, inclusive, pra engarrafar era muito limpa, viu? Tinha que passar revisão. Passava na minha mão, passava em outros também, pra poder ver se não tinha nenhuma sujeirinha. Tinha aquela máquina assim de esteira, ia passando assim, e a gente batendo rolha. Ela enchia e a gente colocava a rolha. E outro ia colocando o selo e colocando nas caixas pra armazenar. Chamava ‘Quatro Pipas’. Era na Rua Paes Leme. Era o último prédio, paralela com a marginal⁹¹. Em frente, tinha a estaçãozinha de trem, que a marginal ainda estava em projeto pra sair de Santo Amaro. Estava em construção a marginal.

⁹⁰ “O trabalho manual, mecânico, intelectual, ocupou boa parte da vida dos entrevistados. Ele tem, para cada um deles, uma dupla significação: 1. envolve uma série de movimentos do corpo penetrando fundamente na vida psicológica. Há o período de adestramento, cheio de exigências e receios; depois, uma longa fase de práticas, que se acaba confundindo com o próprio cotidiano do indivíduo adulto; 2. simultaneamente com seu caráter corpóreo, subjetivo, o trabalho significa a inserção obrigatória do sujeito no sistema de relações econômicas e sociais. Ele é um *emprego*, não só como fonte salarial, mas também como lugar na hierarquia de uma sociedade feita de classes e de grupos de *status*. Temos, portanto, que a tender a essas duas dimensões do trabalho: sua repercussão no tempo subjetivo do sujeito e sua realidade objetiva no interior da estrutura capitalista. Quanto ao primeiro aspecto, pode-se constatar que todos se detêm longamente e com muito gosto na descrição do próprio ofício. Como observa Celestin Freinet, trabalho e jogo representam, no fundo, o exercício da mesma atividade exploratória do ser humano”. BOSI, E. – Memória e Sociedade: lembrança de velhos. São Paulo, Cia. das Letras, 1994.

⁹¹ Marginal do Rio Pinheiros, zona oeste da cidade de São Paulo.

Nilce reflete sobre a importância de um bom salário. Diz ter constatado imediatamente a brutalidade do serviço, o impacto de tudo aquilo no corpo. Mas via vantagens também – além das financeiras – como o que descreve como camaradagem do patrão. A generosidade do empresário era retribuída – ou paga – com a disponibilidade irrestrita do assalariado: *não tinha dia, não tinha hora*.

Eu fui pra esse emprego por causa do melhor salário. Ganhava mais. O serviço era braçal, era pesado, mas ganhava mais. Eu era jovem, pra mim não importava, não... Os patrões também eram muito legais com a gente. Os primeiros materiais pra fazer aqui minha casa foram os patrões de lá que me deram. A parte da laje aqui embaixo... Mandou um caminhão trazer aqui por causa do meu comportamento no serviço lá. Também, quando precisava de mim pra trabalhar, não tinha dia, não tinha hora... Ele me deu um caminhão de areia, me deu vinte sacos de cimento, dez sacos de cal, pra eu fazer o quarto-cozinha. Eu estava pra casar. Já são falecidos, mas todo esse pessoal me ajudou. [...] Óia, eu gostava de tudo. Tanto eu trabalhava no engarrafamento como se precisasse de ajudante pra sair na rua pra fazer entrega, eu ia. Pra onde eles mandavam, eu tava indo.

Nilce nota qualidades diferentes nas diversas ocupações que assumiu. Para tanto, contava em alguma medida a sofisticação e a complexidade de cada uma delas. Em princípio, e isso é importante aqui, o salário ficava em segundo plano. Todavia, quando muda-se para a cidade, especialmente na metrópole, o dinheiro gradualmente se transforma no fiel da balança. Profissões um tanto anódinas são admitidas exclusivamente por oferecerem segurança e melhor salário.

Ainda assim, muitas vezes a política de troca de favores por parte dos patrões não é o bastante. Para trabalhar na faxina de um prédio no centro comercial da cidade, Nilce receberia mais. Ele não hesitou. Abandonou a ‘Quatro Pipas’.

O sentido [de sair de lá] também foi pra melhor salário. Eu fui lá pra Rua Boa Vista. Entrei lá de faxineiro: lavar as escadarias do prédio, lavar os andares. Com três meses que eu estava lá, o zelador me perguntou se eu não queria experimentar trabalhar no elevador. ‘Ah, mas ... No elevador?! Não vai diminuir o salário?’. ‘Não. Pelo contrário. Seu salário vai aumentar e você vai trabalhar meio período’. Eu entrava às sete

da manhã e ficava até às quatro da tarde. Eu pensei:
'Vou trabalhar meio período, então o salário vai cair'.

Nada mais lógico! Trabalha-se menos tempo. Além disso, sem submeter o corpo a tanto desgaste e sofrimento: o salário só poderia ser menor.

Pelo contrário: eu trabalhava meio período e o salário aumentou. [Ri]. De terno, gravata, sapato engraxado. Ficava só esperando o pessoal do elevador. Que eu estava na faxina. Então, o que eu fazia: como eu ia trabalhar meio período no elevador, entrava às sete horas da manhã e saía às sete da noite... Eu ia de manhã, levava lanche pra vender lá no prédio – que é prédio comercial – vendia lanche lá de manhã antes de começar a trabalhar, trabalhava meio período na faxina e completava o outro período no elevador. Ganhava dois salários: o do elevador e o da faxina. [...] O trabalho no elevador era melhor do que o de faxina. O elevador não era automático, não. Era manual. Tinha que... Ainda tem deles ainda, esse tipo de elevador.

Nem sempre a lógica do capitalismo é compreensível aos que trabalham e empregam o próprio corpo como única empresa⁹². Não obstante, se algum avanço era possível, tanto melhor.

Mas a gente tinha que ter força de vontade. Eu agüentava essa jornada de trabalho. Ao invés de eu chegar lá à uma hora, chegava às sete. Trabalhava até meio-dia na faxina, na limpeza do prédio, e depois à uma hora entrava pra trabalhar no elevador até às sete horas da noite. Fiquei os treze anos nos dois serviços. E gostava. Gostava, viu?!

Que não pareça apontamento fácil ou pieguice: há muita humildade e determinação nesse homem! Humildade: poderia abrir mão de um serviço braçal bem penoso, a última tarefa que ninguém quer realizar. Poderia safar-se de assumir rotina estafante de lavar escadarias e vasos sanitários. Poderia liberar-se da obrigatoriedade do

⁹² “Com o desenvolvimento da burguesia, isto é, do capital, desenvolve-se também o proletariado, a classe dos trabalhadores modernos, que só sobrevivem se encontram trabalho, e só encontram trabalho se este incrementa o capital. Esses trabalhadores, que são forçados a se vender diariamente, constituem uma mercadoria como outra qualquer, por isso expostas a todas as vicissitudes da concorrência, a todas as turbulências do mercado”. MARX, K. & ENGELS, F. – *Manifesto do Partido Comunista*. In: O manifesto comunista 150 anos depois. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 1998.

uso de um uniforme sempre marcado por rebaixamento. Determinação: no lugar de trabalhar oito horas, passou a um expediente que contava doze horas ininterruptas. Fora o tempo no serviço – sem falar no deslocamento na ida e na volta – havia ainda muitas horas investidas no preparo e acondicionamento de sanduíches e quitutes. Treze anos nessa rotina. *Gostava. Gostava, viu?*

No prédio, o faxineiro-ascensorista-vendedor-cozinheiro ganhou reputação – novamente – de ótimo funcionário.

Quando eu saí, eu queria que eles me mandassem embora, eles disseram: ‘Não tem motivo pra te mandar embora. Como é que a gente vai te mandar embora se você não deu motivo’. Chamava Predial Rugiero; fica na Rua Benjamin Constant, número setenta e sete. Fizemos um acordo: eu aceitei, eles também. Quando saí, me deram carta de referência: ‘Ó, se não der certo pra onde você for trabalhar, volta que a gente arruma qualquer coisa pra você aqui’. Graças a Deus, eu não precisei voltar lá. A não ser pra pegar a papelada pra minha aposentadoria, que foi em 2001. O prédio ainda existe.

Entretanto, fama e conceito não lhe renderam deferência, não a que Nilce tanto precisava.

Naquele tempo, eu estava com as duas meninas na escola: a Renata e a Angélica. E o salário não estava dando mais pra mim... É... Sustentar a casa e dar o estudo pra elas: pagar a escola⁹³ pra elas⁹⁴. Tudo pago,

⁹³ “Um grupo que se sentia equilibrado e provido do necessário à vida, quando se equiparava aos demais grupos de mesmo teor, sente-se bruscamente desajustado, mal aquinhoado, quando se equipara ao morador das cidades, cujos bens de consumo e equipamento material penetram hoje no recesso da sua vida, pela facilidade das comunicações, a multiplicidade dos contactos, a penetração dos novos estios de viver. Em consequência muda, para o estudioso, o problema dos seus níveis de vida, que passam em nossos dias por uma crise aguda, já referida, em que a ampliação das necessidades não é compensada pelo aumento do poder aquisitivo. Colocado em face desta situação, o caipira reage de duas maneiras principais; rejeita as suas condições de vida e emigra, proletarizando-se; ou procura permanecer na lavoura, ajustando-se como possível”. CANDIDO, A. – Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida. São Paulo, Duas Cidades, 2001.

⁹⁴ “O preço médio do trabalho assalariado é o mínimo de salário, isto é, a soma dos meios de subsistência necessários para manter vivo o trabalhador enquanto trabalhador. Assim, através de sua atividade, o trabalhador se apropria apenas do suficiente para recriar sua existência. Não queremos, de modo algum, abolir essa apropriação pessoal dos produtos do trabalho, indispensável para a manutenção e a reprodução da vida humana, pois esta apropriação não deixa nenhum saldo que lhe confira poder sobre o trabalho alheio. Queremos abolir o caráter miserável dessa apropriação, que faz com que o trabalhador viva para multiplicar o capital, viva enquanto é de interesse da classe dominante”. MARX, K. & ENGELS, F. –

né?! Eu saí, peguei o... ... Meus colegas falaram: ‘Ó. Arruma uma confusão com eles aí, que eles te mandam embora. Vai sair com treze anos e perder seus direitos?!’. Só que eu parei pra pensar. Falei: ‘Trabalhar treze anos num lugar, depois vou arrumar confusão pra sair só por causa de dinheiro?!’ Falei com o zelador que ia sair. Chamei a firma pra um acordo: se eles podiam dar um aumento porque meu salário não estava dando mais pra sustentar a casa. Eles falaram: ‘Olha, nós não podemos fazer isso porque a administradora aqui tem bastante funcionário. E se der pra um, tem que dar pra todos. Aí, eu chamei eles num acordo. Pra mim, o que eu pedi na época, eles aceitaram. Pra mim, não foi ruim. Peguei aquele dinheirinho, levantei fundo de garantia e comecei a trabalhar por conta.

Novamente, Nilce parece carecer de um ajuizamento mais político-estrutural do que estritamente local de sua situação trabalhista. Não houve questionamento alargado de uma situação que, bem avaliada, mereceria apreciação mais densa.

Perguntei a Nilce se ele se lembrava de alguma história passada ali, durante aqueles 156 (!) meses. Sem demora, escolheu uma. Vamos ouvi-lo atentamente.

Tinha assim algumas... Que lá era prédio comercial. Tinha algumas pessoas que eram meio revoltadas. Às vezes, eles tocavam o elevador e, se demorava um pouquinho, ‘Ô! Estou há tantos minutos aqui e esse elevador não sobe! Esse elevador que não desce!’. É que, às vezes, chegava num andar assim, tinha uns que... ... É... É... Esse pessoal meio espaçoso: um estava de um lado, o outro do outro. O elevador parava ali, eles ficavam com um pé dentro, o outro fora. Eles conversando, batendo papo. A campanha tocando lá embaixo, a gente não podia falar pra eles: ‘Olha...’. Eles estavam vendo, né?! Se eles tinham pressa, os outros também tinham. Não podia falar nada. Sobrava pra gente de todo jeito. Chegava lá em baixo: ‘Ô! Esse elevador que tava parado em tal andar aí!’. Não tinha como justificar. Os caras não aceitavam justificar. Eles não querem nem saber! Você ia explicar, eles não davam nem... Vou te contar! A gente tinha que ter paciência... Pra não discutir com ninguém. A gente agüentava essas coisas, que a gente dependia daquele salariozinho ali. [...] A gente tinha que tolerar essas humilhações. Eu passei por esses momentos. [...]

Nossa! Mas a gente pra sobreviver precisa se sujeitar a um monte de coisas! A gente que trabalha de empregado, a gente se sujeita a uma série de coisas. [...] Você vê. Aí no caso, a gente trata a pessoa bem, aquele usuário do elevador: ‘Não, senhor. Sim, senhor...’. De repente, o cara te dá uma cacetada. A gente sentia... ‘Pô, não é bem assim!’. O sujeito então tinha duas caras?! Quando está adiantando o lado dele, tudo bem. Agora, uma falhazinha que você dá e o cara vem te pisar? Aí não pode... Então, a gente também tem que reconhecer aquilo. Ele só quer ser bem servido e bem tratado; agora pra ... Às vezes, por causa de uma coisa em um minuto, te dá uma cacetada. Às vezes, até na frente de outras pessoas que estão vendo. Poxa! [...] Porque tem deles que tem estopim bem curto. Se faz isso na frente das pessoas, solta os cachorros em cima. Já eu não fazia isso. Engolia. Aí que é mais dóido pra gente... ... E a gente fica com aquilo na memória. Poxa vida! Por que eu não falei isso na hora que a pessoa? Por que eu não falei aquilo?... Sabe? Eu não tinha coragem. [...] Em casa, eu disfarçava. Não trazia os problemas pra casa pra descarregar em outra pessoa, não. Isso não. Eu segurava. Assim na minha mente. Mas depois, eu já ficava sabendo no outro dia, aquela pessoa que me tratou daquela maneira que... Eu também tinha que mudar o jeito de ser com ele. Não agir com grosseria, mas, às vezes, quando vinha com alguma brincadeira eu não me abria, não. Tinha que ser, senão... Você leva pedrada, leva pedrada e vai ficar dando risada? Ah, não! Então, a gente já sabia com quem estava lidando. Tinha que se proteger. Até que a pessoa ia se tocar e mudar o tratamento com a gente. [...] A gente tentava tirar aquilo da memória. Não ficar com aquele rancor. Aí, passava. Naquele momento, a gente ficava chateado. Depois, ia passando, ia passando, ia passando. Mas pelo menos a gente ficava sabendo com quem estava lidando: me trata assim, então também vou mudar. Não vou tratar com grosseria, mas também não vou ficar me abrindo.

*Nenhum pensamento revolucionário nos fornece a descrição concreta dos sofrimentos dos trabalhadores a não ser que eles mesmos tomem a palavra*⁹⁵. É o que nos ensina a professora Ecléa.

Os relatos espontâneos são contraditórios à idéia de quem gostava do lugar e estava feliz naquela condição de trabalho. O contato com as pessoas que freqüentavam o

⁹⁵ BOSI, E. – O tempo vivo da memória. São Paulo, Ateliê editorial, 2004.

prédio nem sempre era saudável. Nilce pondera sobre aquela gente: *Esse pessoal meio espaçoso [...] Tinha algumas pessoas que eram meio revoltadas.* A braveza era motivada pelo tempo de espera para utilizar o elevador. Alguns sujeitos caíam em conversas nada breves. O elevador – por cautela do ascensorista – ficava parado aguardando o desfecho do bate-papo. Gente dissimulada: *Eles estavam vendo, né?!*

O empregado entre a cruz e a espada. O pai de família entre o bom senso e a garantia do emprego. Finalmente, o homem: entre o dizer e o calar. *Não podia falar nada. Sobrava pra gente de todo jeito.* Rebaixado à lógica mecânica do simples cumprimento de ordens, Nilce se explica: *Os caras não aceitavam justificar. Eles não querem nem saber! Você ia explicar, eles não davam nem... Vou te contar! A gente tinha que ter paciência...* O ascensorista, quando resolvia argumentar, falava sozinho: estava invisível aos olhos de quem só se interessava pela rapidez com que era atendido.

Por que suportar aquilo? Em uma sociedade livre e democrática, que motivações sustentam tamanha submissão? *A gente agüentava essas coisas, que a gente dependia daquele salariozinho ali. [...] A gente tinha que tolerar essas humilhações. [...] Nossa! Mas a gente pra sobreviver – a gente que trabalha de empregado – precisa se sujeitar a um monte de coisas!*

São fatos e atitudes incompreensíveis, aquelas dos cegos. *A gente trata a pessoa bem: ‘Não, senhor. Sim, senhor...’.* De repente, o cara te dá uma cacetada. *A gente sentia...* Nilce era golpeado. E doía. Quando se remete às dores e aos golpes, as referências são ele próprio (quem apanha: *o cara te dá uma cacetada*). Mas, ao mesmo tempo, parece falar em nome de mais alguém: ***A gente sentia...***

As ações eram bem ríspidas, violentas: *O cara vem te pisar.* Como atinar com as razões dos algozes? Como compreender tamanha aspereza? *O sujeito então tinha duas caras?! Ele só quer ser bem servido e bem tratado.* Ou seja, Nilce estava reduzido à função que cumpria. Era o ascensorista, o responsável por operar o elevador. Não contava sua vida afetiva, não valia o que sentia, o que pensava não tinha espaço ali. Era como se sua própria humanidade estivesse suprimida. Desta maneira, uma vez que não havia *alguém* ali, por que se preocupar se há ofensa?

Algo poderia piorar ainda mais a situação. *Até na frente de outras pessoas que estão vendo. Poxa!* Ficar exposto à humilhação social não é coisa simples. Não se trata de circunstância à toa, fato que passa despercebido. Fere o homem. Resseca suas expressões. Atinge sua alma. Como reagir? Há reação possível? Reagiríamos todos da mesma forma? O que Nilce fazia? *Engolia. Aí que é mais doído pra gente... ... E a gente*

fica com aquilo na memória. Poxa vida! Por que eu não falei isso na hora que a pessoa? Por que eu não falei aquilo?... Sabe? Eu não tinha coragem.

A humilhação social – como nos ensina Nilce – fica registrada. As narrativas dão conta de uma experiência de queda brusca. Quem sofre com a humilhação social despenca. A etimologia do verbo é interessante: *despencar* é soltar-se do cacho, separar-se da penca. O tombamento repentino é também ruptura, desunião, isolamento. O sujeito humilhado é atirado para fora de onde deveria estar incluído. É lançado para longe dos seus iguais, fica apartado da esfera dos vínculos, do âmbito das relações nas quais seria tomado como humano.

Desumanizado – banana fora do cacho, sujeito afastado dos outros – Nilce percebe o desgosto e a violência do fato. Se um vírus ou bactéria me ataca, se reconheço o fato, preservo os meus. A doença deve ficar longe, o mais longe possível para não invadir meu canto. Como evitar a contaminação? *Em casa, eu disfarçava. Não trazia os problemas pra casa pra descarregar em outra pessoa. [...] Eu segurava. Assim na minha mente.* A humilhação social pode levar a pessoa a um disfarce, espécie de máscara ou armadura, proteção.

Cada um responde de uma forma particular à intensidade desses eventos. Nilce endurece, se fecha. Parece querer reagir àquilo como quem está indiferente. Mas não só. Ele pretende que o opressor perceba que algo se modificou. *Eu também tinha que mudar o jeito de ser com ele. Não agir com grosseria, mas, às vezes, quando vinha com alguma brincadeira eu não me abria, não.* Qual a razão do embrutecimento? Que finalidade haverá em bloquear esse canal de comunicação?

Nilce se explica: *Tinha que se proteger. [...] A gente tentava tirar aquilo da memória. Não ficar com aquele rancor. [...] Não vou tratar com grosseria, mas também não vou ficar me abrindo.*

A reação de Nilce comunica-se internamente com o que aprendemos com Dona Zilda⁹⁶ e outros companheiros de varrição. O oprimido – quando *trabalha* para desaparecer – age como quem se protege: fechando-se, estando em guarda, visa esquivar-se dos golpes disparados em sua direção. São golpes enigmáticos, silenciosos. Não são bofetadas como as que levaram quem se levantou contra os regimes totalitários. Não são chicotadas como seus ancestrais negros conheceram. Açoitar fisicamente tornou-se desnecessário quando o trabalho assalariado e o cartão de ponto já

⁹⁶ COSTA, F. B. - Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social. São Paulo, Globo, 2004.

substituíram o tronco. Quem precisa se submeter às atividades braçais no mundo capitalista encontra-se preso. Ir e vir – direitos humanos universais – não são, na realidade, fatos consumados na sociedade mercantil. *Nossa! Mas a gente pra sobreviver – a gente que trabalha de empregado – precisa se sujeitar a um monte de coisas!* As ações e as reações dos indivíduos que dependem do trabalho servil para sobreviver estão sempre restringidas, vêm sempre abreviadas, não acontecem por inteiro. Algo os assombra. Alguma coisa parece indicar que seus movimentos estão – todo o tempo – sendo patrulhados. Seria pressentimento, o medo de novo desenraizamento?

O desenraizamento é a mais perigosa doença que atinge a cultura. Se a migração e o trabalho operário são desenraizantes, o desemprego é um desenraizamento de segundo grau⁹⁷.

O trabalho⁹⁸, para Nilce, vem se apresentar como um constante elo das relações com o mundo. O ex-gari, quando fala de suas funções profissionais, evidencia o papel intermediário destas ocupações nos vínculos estabelecidos com coisas, lugares e pessoas. Ganhar um dinheirinho vendendo no campo de futebol os doces que sua mãe preparava, a descrição de Olinto – o tio mais querido: suas recordações em geral vão conjugar trabalho e experiências marcantes.

O primeiro primo que conhece na chegada a São Paulo é logo descrito como trabalhador. *Trabalhou na empresa Santa Madalena, trabalhou de motorista.* Em diversos momentos, lembrança de seu tempo em Minas Gerais – fosse na fazenda ou na cidade – a generosidade dos próximos, parentes ou patrões, é estimada pelo que ofereciam às crianças e aos jovens: a necessidade, que comanda o trabalho, comanda também os juízos morais. *Era muito dedicado, ajudava muito minha mãe também. Na infância da gente ele deu muita coisa pra gente.* A sisudez de Moacir bem como a afetuosidade de Olinto são consideradas com a firmeza de quem lembra claramente de ambos os tios. Os comportamentos mais ou menos doces – ou mais ou menos ácidos – dos mais velhos, não passam despercebidos para as crianças. E, por precoce exposição ao trabalho, expostas por essa razão a humilhações, mandos e desmandos, algumas crianças ficam com um sentido ainda mais aguçado à rudeza e à docilidade dos outros.

⁹⁷ BOSI, E. – O tempo vivo da memória. São Paulo, Ateliê editorial, 2004.

⁹⁸ Esta parte, até o final deste capítulo, encontra-se apoiada em encontros de orientação com José Moura Gonçalves Filho.

A estima ou o desprezo mediados pelo trabalho comum vai ser notável também nos tempos de USP: a proximidade e a distância com os colegas de varrição são constantemente avaliadas segundo a solidariedade ou disputa entre *trabalhadores*. Circunstâncias adversas provenientes do trabalho, infortúnios externos que comprometeriam o desempenho das responsabilidades do trabalho, são sempre recordados na decisão de quem esteve ao seu lado, de quem marcou a memória de Nilce como parceiro; o contrário também é verdade: a cisma e a desconfiança de alguns permanecerá registrada segundo esse ajuizamento. Simone Weil já assinalara que o trabalho patrulhado, extenuante, disputado e cheio de cobranças, o trabalho que, mal feito ou não feito, inaugura catástrofes pessoais e sociais, é, verdadeiramente, uma situação que comprova a bondade dos outros. O companheirismo, a camaradagem, aspecto marcante da cultura operária, não atingiu com Nilce e em seus mundos de trabalho, uma forma vinculada à ação política: entretanto a avistamos, inteira e clara, nas batalhas cotidianas, no meio de seus irmãos de destino.

Ressalte-se que há uma forte oposição entre memórias do trabalho nas invernadas e na lavoura e do trabalho na residência urbana dos patrões: o café colhido e o café servido. São dois regimes de trabalho, diferentes em termos materiais, psicológicos e sociais. Trabalho impingido (extenuante, exaustivo, tosco, anônimo), e trabalho confiado (aprazível, delicado, reconhecido). As recordações contrastantes – ao lado de ajuizamentos também opostos – seguem o mesmo trajeto que opõe o trabalho na lavoura e na residência urbana dos fazendeiros. A convivência diária com estes fez amortecer os impactos do antagonismo e do desprezo, como se a proximidade doméstica tivesse impossibilitado a clara visão do caráter predatório e opressor daquele vínculo. *Eu fui criado junto com os filhos do fazendeiro.*

Notamos também uma sensível variação nas experiências entre o trabalho fabril – mecânico, fraturado, enfadonho – e os trabalhos como cozinheiro – sutil, mais complexo, requerendo atenção e aprendizagem: e novamente proximidade e distanciamento dos patrões.

Nilce repara e avalia qualitativamente os diferentes trabalhos que teve. Contava para isso a maneira pela qual se sentia solicitado nas tarefas que desempenhava; atividades mais grosseiras e menos exigentes do ponto de vista intelectual costumavam não lhe interessar tanto. Esse tipo de apreciação – e devemos ressaltar esse ponto – não deslocava a principal referência para o salário. Não obstante, na cidade (especialmente em São Paulo), a remuneração vai aos poucos se constituindo como o ponto decisivo

nas opções de trabalho que encontrava: o faxineiro, o ascensorista, o varredor de rua, essas profissões um tanto banais, vão sendo assumidas exclusivamente por questões financeiras e, por conseqüência, obrigando engolir humilhações. *A gente pra sobreviver precisa se sujeitar a um monte de coisas! A gente que trabalha de empregado, a gente se sujeita a uma série de coisas.* O trabalho vai se tornar apenas e tão somente uma atividade que garante a sobrevivência: trabalho em nome do salário, ficando em permanente suspensão outras dimensões relevantes do labor. Tornar-se gari da USP parece bem recompensador: *Era o dobro do que eu ganhava lá no prédio. Ah, melhorou muito!* As motivações associadas à segurança de vida, emprego e salário preponderaram mais uma vez.

A opressão – como se fez notar neste capítulo e nos anteriores – em nenhum momento pôde ser questionada politicamente. Foram sempre critérios presos à necessidade e ao trabalho que serviram como balizas para avaliar as atitudes dos outros. Tal circunstância é fato que restringe uma consciência histórico-política do antagonismo de classes. Pessoas próximas a Nilce são julgadas segundo o zelo que têm por ele (consideração de suas necessidades), mas nunca segundo o respeito por sua dignidade como cidadão instalado em condições plenas da ação e do discurso, isto é, como sujeito agente e falante. Por outro lado, também seria lamentável uma consciência política postíça, formada exteriormente, inculcada por uma ideologia de esquerda pasteurizada, pronta para ser comercializada e consumida. O que sem dúvida alguma seria bem vindo é um julgamento cada vez mais político das condições de trabalho – uma avaliação que se constituísse gradualmente a partir de considerações que extrapolassem aquelas apenas agarradas às condições materiais de trabalho e alcançassem o debate de suas condições morais e históricas.

O que ouvimos de Nilce, nesse sentido, fica um passo atrás. *Eu falei que o serviço da gente era tipo um cativo, mas na roça, na época, era assim mesmo. Não é que a gente era forçado, não. A gente tinha que fazer aquilo, era aquilo mesmo e pronto. Quem agüentasse, tudo bem. Quem não agüentasse... .. Às vezes, o pessoal enjoava de ficar numa fazenda, mudava pra outra...*

A afirmação anterior do cativo fica agora esclarecida: o cativo não é avaliado como trabalho escravo, trabalho penoso forçado por outrem, em circunstâncias cujo aviltamento inclui opressão social e desigualdade. Acima de tudo, o cativo vem informar a dor de uma força resultante da resistência da natureza e pelo esforço inerente à própria tarefa. Mas vale a lembrança de que o trabalho penoso, quando inclui

humilhação social, torna-se um problema político. A dor moral daí proveniente parece sentida essencialmente em ambiente urbano, sobretudo na metrópole, mas não na fazenda. Por que? O que modificaria o juízo entre uma condição e outra de trabalho? Haveria diferença entre os serviços no que se refere às humilhações daí derivadas?

A distância do patrão, experimentada na fazenda, faz ligar a pena do trabalho exclusivamente a aspectos naturais ou imanentes; de outra forma, a proximidade doméstica do empregador, uma provável cordialidade aí reinante, poderia encaminhar-se para o ocultamento das situações de exploração e humilhação. Os signos da dominação ficaram encobertos.

A condição de todos os colonos – bem como a condição de Nilce e de sua família – ao que tudo indica era percebida como que pareada à condição dos fazendeiros, mas sem se mostrar como uma ligação de fato política. *Eu falei pra meus patrões que eu vinha morar aqui, eles: ‘Para que?!’. Eu disse: ‘A vida lá em São Paulo, eu quero ver como é que é’. Eu achava que ia chegar, começar logo a trabalhar pra ajudar minha mãe lá. O que eu estava ganhando lá não estava dando pra eu ajudar minha mãe. Então, eu vim pra ver se tinha alguma melhora.*

Nilce não responsabiliza o fazendeiro pela miséria de sua família. Não há, em nenhum momento, consciência do antagonismo de classes aí determinante e gerador da desigualdade: patrão rico, empregado pobre. A pobreza dos colonos e a riqueza do fazendeiro aparecem como fatos sem conexão: não estão ligados por razões políticas, são circunstâncias justapostas. A penúria não é pensada a partir de uma fundamentação histórica, associada ao desenvolvimento e cristalização de situações predatórias de vínculo patronal. A miséria é interpretada como uma desgraça que os patrões se propõem a aplacar e que, para ser resolvida, não inspira no ex-lavrador nenhuma utopia, juízo ou projeto de alterações políticas estruturais. Tudo se soluciona no quadro de uma ordem familiar, através de uma ocupação que proporcione melhor salário. Nilce é puro, bom coração e realista; e não é covarde. Não obstante, infelizmente – mesmo! – não é um revolucionário político. *Os patrões também eram muito legais com a gente. Os primeiros materiais pra fazer aqui minha casa foram os patrões de lá que me deram. A parte da laje aqui embaixo... Mandou um caminhão trazer aqui por causa do meu comportamento no serviço lá. Também, quando precisava de mim pra trabalhar, não tinha dia, não tinha hora... Ele me deu um caminhão de areia, me deu vinte sacos de cimento, dez sacos de cal, pra eu fazer o quarto-cozinha. Eu estava pra casar. Já são falecidos, mas todo esse pessoal me ajudou. Óia, eu gostava de tudo. Tanto eu*

trabalhava no engarrafamento como se precisasse de ajudante pra sair na rua – pra fazer entrega – eu ia. Pra onde eles mandavam, eu estava indo.

Nilce não é uma besta resignada, mas sua revolta é muito local, ligada diretamente ao que se lhe apresenta ali, circunstancial e imediatamente. Ele tem imaginação e perspicácia na situação. É necessário que sejamos precisos na avaliação de seu conformismo e de sua indignação: não se sujeita às circunstâncias, mas sua indisposição é muito específica e o leva, tão somente, a mudar de trabalho, transferir-se de ocupação. Não é revolta política baseada em consciência histórica, não se expande até alcançar um ajuizamento das circunstâncias estruturais.

Some-se a isso que, em São Paulo, a humilhação social escancarada – veja a história que escolhe narrar da época em que era ascensorista – é tomada como uma questão de cunho moral e psicológico, e não politicamente. Por esse raciocínio, para darmos um passo adiante, para que fosse suprimida a humilhação, bastaria que não fosse mais praticada por alguns indivíduos: não aparecem as determinações históricas da humilhação social. É como fato moral e psicológico a ser corrigido, sem que sejam estimadas as condições também estruturais para o seu cancelamento. A miséria, sentida tão materialmente, entretanto não alcança caráter político para Nilce. Não obstante, isso nunca poderia ser indicação de uma limitação intelectual, e ponto. Não são circunstâncias estritamente psicológicas que determinam a lacuna. Quando Nilce narra sua história, percebemos que ele não teve contato direto com agremiações ou grupos que gozassem de organização política, associações capazes de desenvolver consciência crítica para conduzir a reflexões políticas consistentes. De qualquer maneira, tais mediações dependeriam, e muito, de cultura letrada, algum nível de formação escolar sobre a qual pudesse se fundar novos conhecimentos, conhecimentos mais incrementados.

Todavia, tal condição precária de qualificação escolar não impede a profunda convicção igualitária que anima a alma de Nilce: o ex-lavrador chega ao protesto quando alguma forma de desigualdade parece contar até entre santos! Infelizmente, como já nos manifestamos, tal indignação nunca pôde ganhar contornos mais sofisticados, associados à crítica e a ações políticas.

Rua Atílio Cecarelli, 23

Nilce chegou em São Paulo com uma mão na frente e outra atrás. A bagagem: *uma mala revestida de papelão, porque não podia molhar, não. Um saco de roupa só.* Para começar a nova vida: *o dinheiro da passagem só também.*

O recém-chegado foi morar provisoriamente na casa de uma tia materna, pessoa que ele mal conhecia. O que era para ser temporário – previsão de algumas semanas – tornou-se período bem maior: coisa de quatro anos.

O tempo foi passando, os empregos de Nilce se sucedendo e, em Machado, a saúde de Dona Antonieta não estava nada bem. Como considerava que a ajuda financeira destinada não era suficiente, e que trazê-la para casa dos parentes era exigir demais da compreensão dos tios e primos, Nilce resolveu que se mudaria dali para poder receber sua mãe na capital paulista. E conseguiu:

Perto da casa deles tinha um terreno da Santa Casa, que hoje é um loteamento e tem bastante casarão. Era o terreno de umas freiras. Elas doaram lá pra montar uma favelinha. Chegamos a ter lá uns oitenta barracos. Eu era um deles. Eu montei um barraco lá e trouxe minha mãe pra morar na favela. Dessa casa que nós morávamos lá em Minas, veio morar num barraco de dois cômodos! Eu queria trazer minha mãe pra'qui e não podia pagar aluguel. Morávamos eu, ela e tinha um casal de irmãos solteiros... Em dois cômodos! Quarto e cozinha. Não tinha banheiro. Não tinha água. Era fossa, banheirinho de madeira. Tinha luz, mas que era emprestada da casa do meu tio. Que era pertinho. Fiquei aí.

Nilce fez tudo de muito boa vontade, mas tinha perfeita noção que sua condição de moradia era precária. *Morávamos eu, ela e tinha um casal de irmãos solteiros... Em dois cômodos! Quarto e cozinha. Não tinha banheiro. Não tinha água. Era fossa, banheirinho de madeira.* Dirige nossa atenção para a modificação brusca a qual sua mãe esteve submetida, mas não lastima por si mesmo naquela situação. Curioso. *Dessa casa que nós morávamos lá em Minas, veio morar num barraco de dois cômodos!*

O rapaz que sempre teve na mãe uma lutadora, uma brava guerreira, não se esquece do dia em que ela conhece aquele lugar. Nesse momento, quando lembra de Dona Antonieta e detalha a situação, Nilce tem a voz embargada e os olhos marejados.

Minha mãe veio de caminhão. Chegou aí, naquele barraquinho de madeira tão assim... Pacato... Sair de uma casa de sete cômodos pra morar em dois cômodos... De terra ainda... A situação lá pra ela já estava difícil. Situação financeira.

Incansável como a mãe e impressionantemente esperançoso, o filho precavido – agora garçom – fez das tripas coração para adquirir um pedacinho de chão no fim do mundo. Aliás, depois do fim do mundo, um lugar que nem rua tinha. Como se não bastasse, terra movediça: solo encharcado, sem condições de manter a fundação de uma casa.

O dono do restaurante que eu trabalhava lá no Jaguaré – essa época eu já estava na favela – me emprestou dinheiro pra eu comprar esse terreno aqui. [...] Quando a máquina tombou a terra aqui pra lotear, depois de seis metros é que começou a pegar terra firme. [...] Aqui não tinha rua, não. As tábuas ficaram lááááá do outro lá. Aqui só tinha um trilho. Tive que carregar nas costas de lá até aqui pra montar o barraco.

Que sacrifício! Ainda mais se considerarmos o que motivou a mudança.

Depois de um determinado tempo – uns três anos – o pessoal ia lotear essa área lá e eu não tinha condições de comprar... O que aconteceu? A gente já tinha comprado esse terreno aqui. Bastante pessoas que morava lá comprou lá mesmo. Aí, pediu pra gente desocupar a área. Arranquei o barraco de lá e mudei pra'qui. Trouxe o barraco pra cá, lá onde está a casa da Ana hoje. Lá no fundo... Instalei o barraco lá. Depois, fui fazendo devagarinho aqui para cima.

Não foi pouca coisa o que essa gente passou. O assunto volta, espontaneamente. E – outra vez – o migrante frisa o sofrimento do que, refletindo, podemos considerar um novo desenraizamento.

Devagarzinho eu fui levantando aqui. Quando o pessoal precisou do terreno lá, a gente arrancou o barraco e mudou pra'qui.

Arrancar é provocar afastamento através do uso de força. Arrancado o barraco, desarraigada a casa, desenraizadas as pessoas. O que pode ser mais desastroso para alguém do que sentir ameaçado seu lugar no mundo? O que sente quem vive algo desta natureza? Seus laços com o lugar, seus vínculos com os vizinhos, essas ligações tão caras, como ficam? Quem passa por isso, quem se vê arrancado da terra, como pode reagir? Que reações são essas?

Uma árvore desplantada sobrevive pouquíssimo tempo assim. Falta-lhe tudo. Tudo age contra. O sol – antes imprescindível – pode ressecar-lhe mais rapidamente. A chuva – necessária e bem vinda – pode apressar o apodrecimento de seu tronco e galhos. O replantio nem sempre é solução eficaz. A árvore pode não se adaptar às novas condições do solo, pode sofrer com as diferenças de acesso aos lençóis freáticos, pode até mesmo reagir mal à nova posição com relação ao sol. Existem razões específicas para que cada planta floresça em um lugar, não em outro. Condições gerais de luz, terra, umidade, vão sempre determinar as espécies que ali brotam e prosperam.

Nilce arranca e leva consigo o barraco. Trazer aquelas madeiras transformadas em paredes e teto, carregar aquela estrutura, não terá sido somente necessidade econômica. Havia coisa mais importante implicada ali: a necessidade e o desejo humanos de ter por perto o que é familiar. Não é importante que possamos nos reconhecer em nossos objetos, pertences que contam nossa biografia, que narram nossas histórias? Aquela gente, Nilce e os outros favelados expulsos do terreno, todos eles tentavam salvar algo. O que exatamente não poderiam abandonar?

Temos com a casa e com a paisagem que a rodeia a comunicação silenciosa que marca nossas relações mais profundas. As coisas nos falam, sim, e por que exigir palavras de uma comunhão tão perfeita? [...] Essas propriedades são sagradas, não se vendem, nem são cedidas, e a família jamais se desfaria delas a não ser com grande desgosto. O conjunto dessas coisas em todas as tribos é sempre de natureza espiritual⁹⁹.

⁹⁹ BOSI, E. – Memória e Sociedade: lembrança de velhos. São Paulo, Cia. das Letras, 1994.

A moradia, que já era pequena para mãe e três filhos, ainda pôde abrigar a esposa. Mais ainda. Vieram em seguida outras três pessoas: irmã, seu esposo e filho. Casa de pobre sempre cabe mais um. Casa de pobre é que é mansão.

Casei em 1971. Moramos todos aqui. Depois, eu dei um jeito no barraco lá no fundo e trouxe minha irmã casada pra cá também. Com marido e filho. Nós chegamos a morar lá no barraco também, tudo amontoado. Depois, eu trouxe o outro irmão casado. Fui trazendo toda a família pra cá. Se adaptaram bem, viu? [...] Todos eles moraram aqui comigo quando eu vim pra'qui. O que minha tia fez pra mim, depois eu fui retribuindo pros outros também.

Gratidão.

Nilce novamente nos ensina sobre a natureza paradoxal da pobreza. Os poucos recursos – ao invés de alavancarem egoísmo e avareza – reforçaram a generosidade e a solidariedade. *Nós chegamos a morar lá no barraco também, tudo amontoado. Depois, eu trouxe o outro irmão casado. Fui trazendo toda a família pra cá.* As histórias se repetiam. Primeiro, a que Nilce viveu em dois tempos: antes, na condição de quem recebe a oferta; depois, na posição de quem pratica o acolhimento. *O que minha tia fez pra mim, depois eu fui retribuindo pros outros também.* Nilce é amparado e depois ampara. Ele não recompensou diretamente a tia querida. O sentido de *retribuição* aqui parece deslocado, impreciso. Mas não é. A recompensa oferecida pelo migrante acolhido é transferência do gesto, é responder pelo mundo de forma socialista¹⁰⁰. O ato dedicado de Nilce não escolheu quem deveria ser compensado por algum dano ou dívida: sua tia estava bem, e o recebeu por sentimento fundo de compromisso humano.

A segunda história que se repete é a da família reunida: Dona Antonieta e seus filhos outra vez juntos, felicidade reencontrada a partir da generosidade de Nilce. *Fui trazendo toda a família pra cá. Se adaptaram bem, viu?* As instalações precárias e o espaço apertado para tanta gente importavam menos. O sentido daquilo tudo transcendia a pobreza da moradia.

Rua Atílio Cecarelli, número 23. Casa de Nilce. Endereço de gente que ama.

¹⁰⁰ “Socialismo: conjunto de doutrinas que, tendo por objetivo o bem comum, preconizam uma reforma radical da organização social, mediante a supressão das classes e a coletivização dos meios de produção e de distribuição”. HOUAISS, A. – Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

ANTONIETA, ELZA, ANGÉLICA, RENATA E ANA

Sempre que falou de seus namoros ou de seu casamento, Nilce foi econômico. O assunto nunca deslanchava. Quando, aparentemente, uma história mais densa surgiria, algo o freava. De início, estranhei essa diferença em comparação às outras histórias, tão detalhadas e narradas sempre com empolgação. Algo ali não convergia com a rotina de suas atitudes durante minhas visitas.

O que primeiro me ocorreu pensar a respeito de tais conversas ficarem tão magrinhas é que em seis ou sete encontros visando entrevistá-lo jamais foi possível que conversássemos a sós. Ou uma das filhas esteve por perto, ou Dona Maria¹⁰¹; quando não, eram os moços que estavam trabalhando como pedreiros na reforma da cozinha. Dessa maneira, Nilce pode ter estado constrangido para desenvolver temáticas que lhe parecessem espinhosas. Mas não só.

Nilce sempre foi muito discreto, desde a época em que o conheci e durante todo o tempo em que estivemos juntos na limpeza do campus da USP. Era característica sua opinar só em situações em que não se veria comprometido ou em má situação com os outros colegas. Era especialista em evitar conflitos. Dos companheiros de varrição, talvez fosse o mais bem quisto pelos outros do grupo. De uma maneira ou de outra, o fato é que moderação e comedimento sempre foram duas de suas características mais marcantes.

Ainda assim, e tomando por base o entusiasmo com que o depoente abraçava suas narrativas, não considero suficientes tais hipóteses. Recorro mais uma vez à professora Ecléa:

Uma forte impressão que esse conjunto de lembranças nos deixa é a divisão do tempo que nelas se opera. A infância é larga, quase sem margens, como um chão que cede a nossos pés e nos dá a sensação de que nossos pés afundam. Difícil transpor a infância e chegar à juventude. Aquela riquíssima gama de nuances afetivas de pessoas, de vozes, de lugares... Pode às vezes a pessoa fixar-se no ponto de vista de um certo ano de sua vida.

¹⁰¹ Espécie de enfermeira ‘faz-tudo’ que auxiliava Dona Elza naquela época.

O território da juventude já é transposto com o passo mais desembaraçado. A idade madura com passo rápido. A partir da idade madura, a pobreza dos acontecimentos, a monótona sucessão das horas, a estagnação da narrativa no sempre igual pode fazer-nos pensar num remanso da correnteza. Mas, não: é o tempo que se precipita, que gira sobre si mesmo em círculos iguais e cada vez mais rápidos sobre o sorvedouro.

Chama-nos a atenção com igual força a sucessão de etapas na memória que é toda dividida por marcos, pontos onde a significação da vida se concentra: mudança de casa ou de lugar, morte de um parente, formatura, casamento, empregos, festas¹⁰².

Não obstante, embora cauteloso, Nilce narrou duas situações reveladoras. A primeira delas, a referência a uma ex-namorada. A segunda, acerca de seu casamento.

Essa segunda eu sentia um pouco de paixão, sim, por ela. Essa que é falecida. Chamava Maria. Maria Aparecida. Não deu certo porque eu gostava dela, mas eu percebia que ela não gostava muito de mim, não. Fui ficando assim... .. ‘Tudo bem, deixa para lá’. Inclusive, quando eu ia numa festinha onde ela estava, ela se jogava mais no braço de outro. Quando tinha uma festa assim, parecia que ela tinha outro parceiro. Como eu não gostava de confusão, preferi deixar pra lá. Saí fora. E acabou que ela casou com um bandido. Morava lá em Itaquera. Morreu, tudo... Deixou filho... ..

Enquanto falava dessa ex-namorada, foi possível perceber sua mágoa: *Ela se jogava mais no braço de outro*. Nada que não pudesse, bem a seu modo, ‘resolver’. *Preferi deixar pra lá*. Não obstante, lembrando e comentando dos bailes, das festas, Nilce parecia bem ressentido. *Fui ficando assim... .. Tudo bem. Deixa pra lá*.

Em seguida, a conversa chega ao dia do casamento. Nilce fica um pouco mais solto, mas nada que se comparasse às narrativas de suas histórias de criança.

Foi ótimo. Foram duas festas: uma lá, outra aqui. Uma de forró, outra de música jovem. Veio muita gente. Nossa! Encheu lá e encheu aqui também. Eu ia um pouco lá, um pouco cá. E eu alegre pra caramba. [Ri]. Casei em 1971, com vinte e nove anos.

¹⁰² BOSI, E. – Memória e Sociedade: lembrança de velhos. São Paulo, Cia. das Letras, 1994.

Quando contou que se casou em 1971, com quase trinta anos de idade, cometi um deslize: *Nossa! Pra'quela época, você se casou tarde, não é?* A sorte foi que contei com um amigo compreensivo durante todos os dias de entrevista.

É que eu era muito apegado com a minha mãe. Eu tinha muita preocupação com ela... Por causa dos momentos que ela passou. Então, eu nem tinha vontade de casar. Mas de repente deu o estalo.

O compromisso de Nilce com Dona Antonieta era coisa bem séria. Aquele menino de cinco anos – abandonado pelo pai junto com todos os seus irmãos – parece ter assumido consigo mesmo uma promessa de fidelidade eterna à sua mãe.

Se pudermos recordar, era ele quem *não via a hora de chegar dia de domingo pra ter futebol. Minha mãe fazia os doces que eu ia vender lá no campinho pra ajudar ela.* Mais adiante, testemunhando todo o seu sacrifício – trabalhava em casa o dia inteiro e costurava para clientes à noite – o adolescente não recusou se mudar da Fazenda do Recanto para ser empregado doméstico dos patrões, agora na casa deles na cidade. Desejava sentir sua mãe não tão sobrecarregada de serviço.

Poucos anos mais tarde, nova mudança, e agora para terra grande e desconhecida. O motivo? *Eu achava que ia chegar, começar logo a trabalhar pra ajudar minha mãe lá. O que eu estava ganhando lá não estava dando pra eu ajudar minha mãe. Então, eu vim pra ver se tinha alguma melhora.*

E não parou por aí. Estabelecido em São Paulo, tratou de logo mandar buscar Dona Antonieta.

Depois de três anos que eu estava aqui, eu trouxe ela pra cá. A gente foi morar aí na favelinha no Jardim Tropical. Foi a maior alegria! [...] Eles arrumaram um caminhão pra ir buscar minhas coisas lá em casa, lá em Minas e não cobrou nada? [...] Minha mãe veio de caminhão, chegou aí naquele barraquinho de madeira tão assim... Pacato. Sair de uma casa de sete cômodos pra morar em dois cômodos, de terra ainda... A situação lá pra ela já estava difícil, já. Situação financeira.

Tão preocupado com sua mãe, seria mesmo esperado que sua vida amorosa ficasse em segundo plano. Desde criança, seus projetos sempre estiveram ligados ao desejo de proporcionar à Dona Antonieta uma vida digna. Trazê-la para São Paulo foi um passo importante por um lado, porque aqui ela teve assistência médica mais freqüente e de melhor qualidade. Não obstante, como o próprio Nilce ressalta, materialmente falando as coisas continuaram bem difíceis: *Chegou naquele barraquinho de madeira tão assim... Pacato. Sair de uma casa de sete cômodos pra morar em dois cômodos, de terra ainda...*

Curioso e tocante. No que consistiu a retribuição do filho?! Não em bens materiais tanto quanto em lealdade e amor pela família. A retribuição consistiu na nova reunião da família: reunir outra vez a família que se havia temporariamente dispersado com a migração atrás de melhoras econômicas. *Ela dizia [a mãe] que estava tudo bem, que ficava contente de eu estar feliz, e eu dizia que ia trazer ela pra cá. Depois de três anos que eu estava aqui, eu trouxe ela pra cá. A gente foi morar aí na favelinha no Jardim Tropical. Foi a maior alegria!*

Como é comum para as famílias pobres, Nilce e Elza se casaram, mas não tiveram lua de mel. Como é mais comum ainda, não foram morar sozinhos: abrigaram irmãos, sobrinhos, cunhados... E a própria Dona Antonieta. *Tudo o que minha tia fez pra mim, depois eu fui retribuindo pros outros também.* Todos os irmãos de Nilce foram morar em São Paulo. Todos passaram um tempo em sua casa. Todos naquele barraquinho *pacato* de dois cômodos.

O casamento frutificou três filhas. São elas: Angélica, Renata e Ana. Embora estivesse tímido, falar sobre elas fez embargar sua voz. Com os olhos avermelhados, Nilce comentou de como o nascimento delas modificou sua vida.

Olha, eu casei num ano, no outro já nasceu a primeira. [Angélica] [...] Mais carinho. Mais apegado ainda. Com a esposa e a alegria da criança. Ela nasceu quase que sem peso: teve que ir pra estufa. Nasceu no tempo certo, com saúde, tudo, mas... Nossa! Precisou ficar uns tempos na estufa.

Angélica é atualmente sua única filha casada e a única também que não mora mais no mesmo terreno com os pais. As duas histórias que contou sobre ela são bem

dramáticas. Entretanto, a primeira – sobre a necessidade da bebê permanecer algum tempo na incubadora – não lhe causou tanta angústia quanto a segunda.

A Angélica, óia, eu não cheguei ver, mas... ... A Angélica ainda era solteira, e vieram falar pra mim – essas ruas aqui eram todas de terra, mas já subia ônibus aqui – ela tentou suicídio. Falaram pra mim, na época. Ela tentou se jogar na frente do ônibus e o ônibus segurou. Eu nunca tirei esse parecer com ela. Mesmo depois do acontecimento... Eu fiquei chocado. Poxa! O que eu fiz pra poder passar uma coisa dessa aí?! Isso aí eu fiquei chocado. A gente não conversou sobre isso. Nem na época, nem depois. Mas eu fiquei com isso na memória. Ela era adolescente ainda, chegando nos seus dezoito, vinte anos. Mas eu fiquei com isso gravado em todos os momentos. A gente não esquece: e se tivesse acontecido?! E naquele tempo, essa pista aqui subia e descia. Não tinha asfalto, não tinha nada. Era um perigo do caramba! A pessoa não falou se o ônibus estava descendo ou se estava subindo. E eu não nem quis ir a fundo assim. Quem contou foi um vizinho aí, pessoa de confiança. E não tinha motivo. Sei lá, foi alguma coisa que passou na cabeça dela naquele momento. Como muitos fazem, volta e meia aí a gente fica sabendo: um se jogou no rio, o outro se enforcou... É um negócio meio esquisito. [...] Fica marcado isso pra gente. Eu não esqueço também não. Nunca citei nada, mas tenho tudo guardado na minha memória.

Renata, a única que ainda não teve filhos, é descrita por Nilce como a mais levada. Quando fala dela, vê graça nas suas artes, mas não é difícil perceber que tiveram bastante trabalho com a menina.

A Renata até hoje ainda é a mais rígida. Aqui na frente da minha casa onde tem aquela lajinha ali, tinha uma árvore, perto do portão lá em cima. O que ela fazia? Ela fazia tanta arte... Um dia, ela sumiu de casa. Sumiu. Saí procurando por aí, a Elza saiu procurando... Onde será que ela está? Onde será que ela está? Onde será que ela está? Estava em cima da árvore. E todo mundo procurando na rua. A árvore era bem fechada assim. Ela subiu e ficou lá. [Ri]. E a gente procurando.

Sua caçula, Ana, é descrita como a mais manhosa das três, a que exigiu mais paciência até que se sentisse uma criança segura.

A Ana era muito chorona. Pra ir pra escola... Ela era grandona já, a mãe precisava pegar ela e pôr no braço. E pra comer tinha que ir assim pela rua, dando comida na boca. A Ana é de primeiro de janeiro de 1980.

De maneira geral, ouvir Nilce falar de suas famílias leva à constatação de que sua vida sempre esteve direcionada exclusivamente à sobrevivência e conforto dos seus. Não ouvi dele nenhuma mudança de emprego ou projeto profissional que não estivessem diretamente orientados para que sua mãe, suas filhas, a família de maneira geral, pudesse gozar de melhores condições de vida, melhores condições do que ele próprio pudera ter.

Naquele tempo, eu estava com as duas meninas na escola: a Renata e a Angélica. E o salário não estava dando mais pra mim... É... Sustentar a casa e dar o estudo pra elas: pagar a escola pra elas. Tudo pago, né?! Eu saí, peguei o... ... [...] Aí, eu chamei eles num acordo. [...] Peguei aquele dinheirinho, levantei fundo de garantia e comecei a trabalhar por conta.

A gana e a tenacidade de Nilce são marcantes. Salta aos olhos em todos os trechos da entrevista. Aquilo que naturalmente se insinuou durante todos os anos em que estivemos juntos na varrição volta a se destacar em suas narrativas: seu brio e sua determinação.

A luta de um homem por sua sobrevivência e de sua família é fato comovente. Não faltam relatos ao longo dos tempos em que personagens anônimos são lembrados pelas batalhas diárias contra a fome e a miséria. De onde vem a força que impede seu esmorecer? Às vezes, esquecemos seus nomes, mas jamais deixamos de recordar suas histórias.

Dona Jovina¹⁰³, depoente no belíssimo trabalho de Ecléa Bosi, frisa um nome que lhe marcou durante os anos de escola: ‘o grande geógrafo Reclus’. A professora, intrigada com a referência, procurou saber sobre o tal estudioso com os especialistas da área, na própria USP. Não logrou êxito. A memória daquela senhora humilde tinha fundado uma razão bem específica para o que mencionava. Reclus não havia

¹⁰³ BOSI, E. – Memória e Sociedade: lembrança de velhos. São Paulo, Cia. das Letras, 1994.

inaugurado nenhuma nova concepção teórica. O geógrafo também não foi conhecido em sua época pela extensa produção científica. Não obstante, era impossível se esquecer de um sujeito que *comia somente pão e água, porque era o que a humanidade pobre podia comer*. O engajamento de Reclus teve motivações elevadas. Nilce também tinha as suas.

O leitor me perdoe a comparação. Não faltarão observações quanto ao despropósito da analogia. Também não creio que poderia me defender satisfatoriamente dos argumentos contra o que me ocorre afirmar. É que não pretendo defender o fato de que meu amigo age como ninguém talvez o fizesse. Entre os próprios trabalhadores da USP – amigos meus, ou não – poderia elencar um bom número deles. O altruísmo pode até mesmo ser coisa corriqueira nas periferias pobres. Sabemos disso. Não obstante, recusar ver Nilce como um homem abnegado é forjar a importância de suas ações bem como de todos os seus pares, também capazes de grandes renúncias. É nossa cegueira com respeito à guerra travada em nome da vida – guerra que sacrifica milhões de trabalhadores pobres em nosso país – que amortece a violência da dor que deveríamos sentir quando qualquer um de nós passa fome ou frio. Não foi por outra razão que Nilce manteve-se firme mesmo enfrentando tanto revés.

O menino machadense que cresceu sem pai e viveu em função de aplacar o sofrimento da mãe não admitia ver sua história repetida. Bastava de angústia em sua família. Antonieta, Elza, Angélica, Renata e Ana. Nilce não poderia fraquejar.

A COZINHA LÁ DE CASA

Não seria exagero afirmar que a casa é o centro do mundo para uma criança. A casa da infância – se ainda existir – permanece como referência de lugar para quem ali cresceu. Nossos passeios com os filhos ou com os netos transitam sempre por ali, senão concretamente, mas pelas histórias.

A casa de um vizinho chegado faz lembrar um prato especial que sua mãe preparava. A austeridade do tio que morava próximo conduz à memória do jeito engraçado como penteava os cabelos. A pipa presa na árvore traz de volta a recordação da molecada ali debaixo, disputando para ver quem ficaria com o prêmio. Tudo vem e vai como se jamais tivesse deixado de estar ali.

A criança cresce, e junto cresce a cidade. Os arredores se expandem para ruas e lugares que pareciam não existir. O mundo se transforma, e passa a alcançar outras fronteiras: um bairro novo, uma escola que não é a sua, outra feira livre.

Esta transposição – processo que não é instantâneo nem livre de percalços – começa a marcar mais expressivamente nossos lugares sociais. Se moro em um lugar privilegiado, posso perceber que em um bairro distante do meu as casas são mais simples, não têm telhados, não foram pintadas. Ou, se moro na periferia, reparo que em determinadas lojas nós aparentemente não somos bem vindos, e ouço de meus pais: *Nós não temos dinheiro para comprar o que tem aí*. A cidade mostra-se dividida.

Uma cidade segregada só pode admitir cidadãos segregados. Os lugares freqüentados – públicos ou não – parecem marcados por cancelas psicossociais: lugares nos quais me sinto à vontade, lugares nos quais pareço despencar. Em sua dissertação de mestrado, José Moura Gonçalves Filho¹⁰⁴ narra duas experiências opostas. Uma, em que a empregada doméstica recém-chegada na capital paulista diz simpatizar com um bairro miserável, sem urbanização, abandonado: *Eu senti que ali dava pra crescer*. Outra, em que cidadãos pobres sofrem de maneira cortante o impacto de estarem diante de um lugar no qual só são aceitos como serviçais. Os relatos são impressionantes, e o

¹⁰⁴ GONÇALVES FILHO, J. M. – Passagem para a Vila Joanisa – uma introdução ao problema da humilhação social. Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1995.

leitor não deve dispensar o encontro com o que – densamente – o professor apresenta e discute.

A cidade – pelas formas como se encontra dividida e desmembrada – evidencia quem foi posto para fora. Os lugares dos excluídos, existem sinais os mais diversos, são tão marcados quanto os dos abastados. Não há disfarce. A cidade está cercada. Não são somente os muros altos e as guaritas de contenção e segurança. Não são simplesmente os pedágios urbanos, os quilômetros a serem vencidos. É algo no próprio olhar das pessoas, e que pode mesmo avançar para expressões de recusa do outro, verbal e corporal. Isso produz conseqüências.

No bairro rico, o pobre sofre de maneira involuntária, muitas vezes invencível. Não recusam a graça do passeio, mas não raramente amargam sentimentos desagradáveis e aparentemente sem explicação. [...] Podem cair num estado de grande inibição emotiva e corporal. Um estado psicomotor difícil de abandonar, uma mistura de mudez e enrijecimento muscular. É um enrijecimento que faz lembrar o enrijecimento de um cadáver muito mais que de um neurótico comum. É enrijecimento de um corpo que parece drástica e subitamente desabitado. Como um feitiço, que viesse transformar gente em pedra. Os braços grudam-se ao tronco, rigidamente, como caramelos ao dente. O andar torna-se estranhamente lento e pesado, as pisadas encurtam-se. O rosto assume uma imobilidade excepcional. Os olhos fixam-se ao chão, abandonando toda visão lateral, toda contemplação. Quando cruzam os abastados, os olhos fecham-se ou piscam de um modo esquisito e epilético. [...] São fenômenos disparados em ambientes públicos onde a presença dos pobres não pode contar, a não ser como a presença de subalternos, a serviço dos que despendem dinheiro e ordens¹⁰⁵.

Moisés, Nilce, Tião, Chico, Joãozinho, Bahia. Todos os outros companheiros também – varredores ou não. Nenhum deles deixou de mencionar o assunto. Ninguém ali era indiferente a quanta coisa os separava dos outros uspianos. Ninguém ali estava indiferente à sua condição de cidadão impedido. O que os marca indelevelmente é o enigma da divisão de classes, uma separação orientada por razões econômicas, mas que faz reverberar – repercussão dilacerante – nas pessoas rebaixadas.

¹⁰⁵ GONÇALVES FILHO, J. M. – “Humilhação Social: um problema político em psicologia”. In: Psicologia USP. São Paulo, v. 9, n.2, 1998, pp. 11-67.

Sentir-se em casa fora dela depende de uma comunicação personalizante, comunicação larga com o ambiente e com as pessoas. Em uma cidade dividida, repleta de lugares segregados, formada pela expulsão maciça de sujeitos subalternizados, como fazê-lo? Como sentir-se em casa em locais projetados a partir da exclusão?

Ambientes que poderiam parecer atrativos, tornam-se lamentáveis para os pobres quando carregam os signos da exclusão. Pensemos nos “shopping centers”. [...] Nada é mais angustiante ou amargo, para essa gente que conhece a vida comunitária, do que participar de um bem privatizante. “Despencam”. Isto nada tem a ver com a rejeição de uma satisfação pessoal, mas é o índice de que a fruição de um bem só pode se perfazer quando está mantida a possibilidade de distribuí-lo, de fazê-lo circular sem que deixe de ser meu. Para que seja meu é preciso experimentar a possibilidade de que seja, em alguma medida, não apenas meu. Um bem tanto mais me pertence (e não eu a ele) quanto maior a chance de entregá-lo livremente. É quando fica evidente que vivo destes bens terrestres, mas minha vida deixa de confundir-se com a posse excludente de coisas: quando as coisas se transferem, é minha vida que deixa de ser coisa, uma coisa entre coisas – experimento um deslocamento relativamente às coisas e que é condição de humanidade. É preciso que a posse de bens não represente um apego para que possamos existir no meio deles, liberando-nos: liberando-nos da coincidência com coisas. Para experimentá-lo seria preciso que nossa satisfação pessoal não se fundamentasse na insatisfação dos outros, na exclusão e no servilismo do outro: nada mais difícil numa sociedade de classes.

A cidade que não acolhe, a cidade que segrega, é habitada por gente tornada coisa, que necessita reprimir o que sente, que vê e finge que não vê, que dissimula. Nada tão estranho quanto isso para quem se habituou ao convívio ombro a ombro com familiares e vizinhos.

Para os estudantes do IPUSP, a experiência de um dia trabalhando junto à pessoas subalternizadas foi uma chance de ouro. Para os trabalhadores, também era algo que gerava expectativa. Nilce falou acerca do assunto. Não esquece do dia em que teve estudantes da USP como colegas de varrição. Vamos ouvi-lo.

Eu lembro deles, que trabalharam o dia lá. Parece que eles ficaram meio assim... Não gostaram do movimento. É... .. Deixa eu ver... Isso aí foi uma coisa que... Foi mais o Moisés que passou lá pro departamento. Mas eu acho que ele deu uma dica, sim: 'Ó, vai vir uma turma aí pra trabalhar no campo com o pessoal da limpeza...'. Eles aceitaram e tudo bem. O supervisor... O Moisés foi legal nesse ponto aí, de apresentar vocês, de mandar a gente explicar pra vocês o serviço como é que era. Os outros logo desistiram e você segurou. E aqueles outros? Será que eles se formaram? [...] Será que eles fizeram outro tipo de trabalho? Daquele nosso eles não gostaram, não... ..

Experimentaram e não gostaram? Provaram do que é meu e não quiseram voltar? O que teria acontecido? A distância causa espanto, intriga, a distância dos que estiveram perto¹⁰⁶. Vieram e não quiseram voltar? Não puderam voltar? Não gostaram do meu gosto? Que gosto tenho eu?

Os trabalhadores não se esquecem dos que estiveram entre eles, mesmo daqueles que por poucas horas, um dia: isto chama tanto a atenção; é comovente. Aqueles homens parecem recordar os que não voltaram como se tivessem exatamente provado, apreciado cada um dos que passaram ali, parecem guardar um gosto deles como gosto de gente – não pretendemos exagerar, a coisa é bem sensível, falam de um gosto de gente próxima e amargam o afastamento. Tudo se passa como se o afastamento, talvez tão neutro, entretanto valesse como desprezo. Ah! Essa gente humilde e humilhada, como que sempre assombrada pelo desprezo reiterado: os signos traumáticos de desprezo, mas também os signos mais anódinos podem facilmente devolvê-los a um sentimento renitente de desprezo, um ressentimento assíduo, todos os dias, o dia todo¹⁰⁷.

Fico sem jeito com a constatação de Nilce. O que eu tinha em mente era uma outra série de assuntos. São treze anos! Imaginava – ingenuamente – que fosse ouvir dele detalhes inusitados a respeito da inabilidade daqueles varredores recém-iniciados. Ou, então, algo acerca daquela própria experiência. E o que veio? Ouvi dele algo que poderia ser prontamente tomado como uma preocupação infantil.

¹⁰⁶ Cf. sobre o assunto: COSTA. F. B. - Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social. São Paulo, Globo, 2004.

¹⁰⁷ COSTA. F. B. - Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social. São Paulo, Globo, 2004.

Diga-se, antes, que um sofrimento infantil não é desprezível. Ainda menos desprezível quando é dos mais intensos. Uma criança sofre intensamente quando geralmente duas condições se reúnem: aquilo que se internalizou possui uma intensidade traumática extraordinária e, ao mesmo tempo, o homem pequeno não conta com os recursos pelos quais safar-se da dor interior. As duas condições estão presentes na humilhação social: o rebaixamento político internaliza-se no oprimido com força traumática extraordinária, ao mesmo tempo que, exteriormente, constitui a exclusão do homem para fora do âmbito do reconhecimento intersubjetivo – a exclusão que se internaliza, ela mesma interrompe as condições pelas quais o humilhado enfrentaria sua humilhação. A humilhação age destrutivamente pelos dois extremos do psiquismo. Estes fatos externos-internos caracterizam assiduamente a psicologia do oprimido. As formas deste desencadeamento podem variar: são lágrimas, o emudecimento, o endurecimento, o protesto confuso, a ação violenta e até o crime¹⁰⁸.

E vem a conversa:

- Ó Nilce, sempre que a gente se encontra, acaba falando daquela experiência com vocês, principalmente dos outros estudantes não reconhecerem a gente... [Nilce me interrompe pela primeira vez em mais de cinco horas de entrevista].

- Por causa do uniforme. Você entrou de frente com a pessoa que você estudava lá junto e não te olharam. [...] Eu acho que você ficou muito deprimido. E qualquer um da gente ficaria. Você vê, é o meu caso também¹⁰⁹. Dependendo do lugar que eu for, se eu estiver com o uniforme de trabalho assim diferente... Ou se eu estiver bem trocado, o pessoal me olha com um olhar. Mas se estiver com um uniforme assim de

¹⁰⁸ GONÇALVES FILHO, J. M. – “Humilhação Social: um problema político em psicologia”. In: Psicologia USP. São Paulo, v. 9, n.2, 1998, pp. 11-67.

¹⁰⁹ “O sentimento de dignidade parece desfeito. Deixa de ser espontâneo. É preciso um esforço de atenção para conservá-lo. Um esforço nem sempre eficaz para o humilhado – o proletário não é humilhado porque sente ou imagina sê-lo: o sentimento e a imaginação estão fincados numa situação real de rebaixamento. A situação imediata é sempre a situação mediada pela longa história de rebaixamento que atravessa sua classe e atravessa sua família. Na condição proletária, a submissão é que se torna espontânea. Diríamos melhor: torna-se automática”. GONÇALVES FILHO, J. M. – “Humilhação Social: um problema político em psicologia”. In: Psicologia USP. São Paulo, v. 9, n.2, 1998, pp. 11-67.

firma, o pessoal já fica meio assim com receio. Aí é que ele se engana. Por isso que às vezes tem algum – não misturando as estações – a pessoa se engana muito: o cara entra num lugar assim e não está bem vestido direitinho, é uma pessoa muito humilde, que não tem intenção de nada. Aí, chega um cara de gravatinha ali, não sabe que aquele é o maior pilantrão, ladrão mesmo da pesada. Trata lá: ‘Ô Doutor...’, e de repente... ‘Vai passando a grana pra cá!’

- E os que não vêm?

- É... Pra mim, é um tipo de pessoa que... É orgulho isso. Quer dizer: te viu e fez que não viu. Viu você e disfarçou. É um disfarce. Acontece isso com a gente. Até a gente andando aqui na avenida tem pessoa que – nossa! – está de frente assim, e quando está chegando perto da pessoa dá até uma olhadinha de lado assim... E a gente que está ali no movimento, a gente percebe. Por que não?! Esse meu caso que está lá na página da revista¹¹⁰; até hoje eu não perco esse ritmo. Se eu encontro uma pessoa sozinha, eu não deixo de cumprimentar. Agora, quando acontece da pessoa não querer falar comigo, eu deixo quieto. Vou fazer o que?! [...] Ó... É uma coisa que não dá nem pra entender, porque eu não sei fazer isso. Eu posso estar do jeito que estiver, esteja com quem eu estiver, a pessoa que eu estou acostumado a conviver com ela a todo momento, posso estar com quem eu estiver, eu procuro cumprimentar ele e o outro também. Toda a pessoa que tem esse tipo de conhecimento, esse tipo de educação, esse respeito que a gente tem, a gente observa essas coisas. Então, coitadinho daquele que faz esse tipo de coisa. Dá até dó. É que ele não sabe: às vezes, ele vai precisar da ajuda até de um mendigo. Até um mendigo, às vezes, ajuda a gente levantar. Eu passo nesses lugares onde fica aí, onde tem essa parte de mendigo. Eu passo, eu dou atenção pra eles. Eu não sei o meu dia de amanhã. Jamais eu vou passar. Às vezes, eles vêm pegar minha mão, eu dou a mão pra eles, cumprimento eles. Por que não? Porque eu não sei o meu dia de amanhã.

A ponderação de Nilce a respeito do assunto é que o afastamento entre as pessoas deriva de um desnível social – senão verdadeiro, ao menos aparente. Um uniforme de gari, em geral, não consegue que o indivíduo assim trajado seja espontaneamente bem quisto. Ao contrário, terno e gravata abrem muitas portas. Engana-se quem toma por base os trajes de outrem: *O cara entra num lugar assim e não está bem vestido*

¹¹⁰ Entrevista que Nilce concedeu a uma revista de grande circulação nacional, em junho de 2004.

direitinho, é uma pessoa muito humilde, que não tem intenção de nada. Aí, chega um cara de gravatinha ali, não sabe que aquele é o maior pilantrão, ladrão mesmo da pesada.

Não obstante, o engano que não poupa a aparência atinge também a alma de quem se viu tomado por inferior. Impossível ficar indiferente ao impacto do golpe: *Eu acho que você ficou muito deprimido. E qualquer um da gente ficaria.* Nilce retoma a idéia de que não é um sofrimento individual. *Você vê, é o meu caso também. Dependendo do lugar que eu for, se eu estiver com o uniforme de trabalho assim diferente... Ou se eu estiver bem trocado, o pessoal me olha com um olhar. Mas se estiver com um uniforme assim de firma, o pessoal já fica meio assim com receio.*

Desejaríamos supor que o fenômeno fosse de âmbito individual, notável naquela que fosse muito suscetível, por razões as mais idiossincráticas. Mas o fenômeno é de tal modo corriqueiro, acertando ora um, ora outro, que é impossível duvidar de uma determinação psicossocial bem larga para o sofrimento geral. O mal, assíduo e onipresente, obriga considerar que, nesta circunstância em que a angústia se multiplica e à qual respondem variavelmente, existe reedição de um sofrimento antigo, amplo, e que não estanca: a humilhação social – sem coágulo, sempre corrente, insinuando-se nas hierarquias iníquas, nos espaços públicos divididos, mas também nos encontros e espaços mais insuspeitos¹¹¹.

Circunstâncias de desigualdade econômica e social, fato que em geral fica pareado a relações de sujeição e espoliação, podem até mesmo provocar a ruptura do poder instaurado quando seres humanos pretendem se comunicar. *O senhor é quem sabe. O senhor é quem manda. Sim senhor.* Isso não constitui conversa. O rebaixado e o soberbo permanecem distanciados: pensamentos e frases ficam reduzidos às ordens, contra-ordens e execuções das mesmas. A comunicação encolhe-se e os sujeitos mantêm-se encurralados por suas posições hierárquicas. Permanecem adequados às conversas esqueléticas e empalidecidas, anoréxicas. É porque nos tornamos, em alguma medida, também anoréxicos, não admitindo o sabor dos outros – azedume ou doçura, tanto faz – e ficando impedidos, por isso, de provar a presença das pessoas. A conversa

¹¹¹ GONÇALVES FILHO, J. M. – “Humilhação Social: um problema político em psicologia”. In: Psicologia USP. São Paulo, v. 9, n.2, 1998, pp. 11-67.

reduzida e estéril, magra por assim dizer, é efeito de olhar estreito – também magro – que no mundo capitalista admitimos, em geral, embotados.

Do lado de cá, depressão. E do lado de lá, o que se passa? *Pra mim, é um tipo de pessoa que... É orgulho isso. Quer dizer: te viu e fez que não viu. Viu você e disfarçou. É um disfarce. [...] Coitadinho daquele que faz esse tipo de coisa. Dá até dó. É que ele não sabe: às vezes, ele vai precisar da ajuda até de um mendigo. Até um mendigo, às vezes, ajuda a gente levantar.*

A segregação entre ricos e pobres requer exame profundo, exige que sempre encaremos o tema como algo enigmático. Para tanto, é indispensável a palavra do oprimido. Somente quem foi posto abaixo é que melhor pode nos ensinar sobre o fato cru.

Ó... É uma coisa que não dá nem pra entender, porque eu não sei fazer isso. Eu posso estar do jeito que estiver, esteja com quem eu estiver, a pessoa que eu estou acostumado a conviver com ela a todo momento, posso estar com quem eu estiver, eu procuro cumprimentar ele e o outro também. Toda a pessoa que tem esse tipo de conhecimento, esse tipo de educação, esse respeito que a gente tem, a gente observa essas coisas.

Respeito é o termo.

O que o amor é em sua esfera própria e estritamente delimitada, o respeito é na esfera mais ampla dos negócios humanos. Respeito é uma espécie de “amizade” sem intimidade ou proximidade; é uma consideração pela pessoa, nutrida à distância que o espaço do mundo coloca ente nós, consideração que independe de qualidades que possamos admirar ou de realizações que possamos ter em alta conta. Assim, a perda do respeito nos tempos modernos, ou melhor, a convicção de que só se deve respeito ao que se admira ou se preza, constitui claro sintoma da crescente despersonalização da vida pública e social¹¹².

¹¹² ARENDT, H. – A Condição Humana. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1993.

Se falta respeito, é justo afirmar com a filósofa que nada resta. Sem a consideração nutrida pelo outro à distância, o que é possível? A despersonalização da vida pública e social nos faz fantasmas de nós mesmos.

Em psicanálise, o nome para afetos inomináveis é sempre o mesmo: angústia, o mais desqualificado dos afetos, moeda dos afetos traumáticos. Veio como um gesto, um olhar, uma palavra: são comportamentos verbais e pré-verbais que alcançam o sujeito e vêm invadi-lo, governando-o de dentro como uma força física, uma energia que perdeu significado, sem que o próprio sujeito possa agora decifrá-la. E, além disso, freqüentemente as mensagens enigmáticas, que confundem e angustiam o destinatário, são enigmáticas para seus próprios mensageiros. Quem se dirige ao pobre como um inferior saberia dizer o que lhe autoriza rebaixar com tanta naturalidade? Saberia dizer onde foi que começou o rebaixamento?¹¹³

Nilce conhece algumas coisas a esse respeito, e ouvi-lo sempre significa alterar roteiros prontos, alcançar outros lugares, pensar diferente. Quando menos se espera, lá vem ele com uma revelação importante ou uma nova teoria. Foi dessa maneira que me ocorreu, por exemplo, pensar novamente¹¹⁴ na cidade como expansão geográfica e psicológica da casa. A cidade que habitamos pode – ou não – ser sentida como nossa casa. Um ambiente público que segrega cidadãos também expulsa alguns de seus moradores.

Perguntei ao Nilce qual era seu lugar preferido em casa, na Fazenda do Recanto. Primeiro, ele só sorri. Depois, o sorriso permanece enquanto ele detalha o que recorda.

Olha, a cozinha. De manhã cedo, quando a gente levantava, tinha um pé de árvore. E naquele pé de árvore – a gente tinha criação de galinha – elas dormiam nesse pé de árvore. E esse pé de árvore – o pessoal daqui não conhece: é uma fruta parecida com pinha, mas o pessoal não conhece. Chama chicuta. E as galinhas pousavam ali. Então, de manhã cedo – a partir de cinco e meia, seis horas – as galinhas começavam a descer. Ficavam no terreiro esperando a gente jogar o

¹¹³ GONÇALVES FILHO, J. M. – “Humilhação Social: um problema político em psicologia”. In: Psicologia USP. São Paulo, v. 9, n.2, 1998, pp. 11-67.

¹¹⁴ “Novamente” porque a Psicologia Social, especialmente no que nos ensina Ecléa Bosi e José Moura Gonçalves Filho, já tinha traçado caminhos importante nesse sentido.

milho pra elas. Quando a gente levantava, já estava com o milho debulhado – a gente falava debulhar milho. Tinha a espiga do milho, a gente tirava aquela palha do milho e tirava depois o milho do sabugo. Debulhava assim na mão. Aqui pode ser outra linguagem... Mas lá a gente falava debulhar, a linguagem da gente lá.

Nilce está mais empolgado com suas lembranças. Minha atenção segue sua narrativa. Ele percebe. Quando imagino que a memória vai se distender mais, ele me provoca:

O milho – como é que você acha que dá? Dá na raiz ou dá na folha? [...] Não. É na raiz. Fica debaixo da terra. A gente planta o carocinho, mas quando você vai tirar ele (que ele está maduro), sai um montão assim. Ele dá na terra. Já o feijão, você planta o carocinho, ele dá no ramo. É diferente. E a plantação de arroz, como é que você acha? [...] Não. Dá no ramo também.

Entrevistador mal preparado, alguns diriam. Alheado, talvez. Assumo as duas possibilidades. Mas o curioso é que o entrevistado tomou a palavra e a liberdade de inverter o jogo. Era nítido o prazer de Nilce. Ele se deliciava com meu espanto e minha falta de conhecimento na matéria. Parecia saborear cada silêncio meu diante de suas perguntas, aparentemente tão simples. Era uma preparação para o que estava por vir.

Ele suspende a chamada oral e retoma a memória.

O lugar que eu mais gostava era a cozinha. Eu levantava de manhã cedo e as galinhas estavam descendo do poleiro. A gente jogava o milho e elas ficavam ali cantando. Antes de a gente levantar – elas levantavam antes que a gente. Elas sempre levantavam primeiro. Era um despertador pra gente. Não precisava nem de relógio, não: era o galo que cantava de madrugada. E quando estava clareando o dia, as galinhas já estavam descendo do poleiro. O galo descia primeiro. [Ri muito]. E ele ficava ali. Toda galinha que descia da árvore ele já ia tratar ela. O galo ficava ali: co-có-có-có co-có-có-có có... [Gargalha]. Parecia nós assim conversando. [Gargalhamos]. Verdade! Os animais têm esse raciocínio. Você vê, nem todos os seres humanos têm esse raciocínio. Tem uns que levanta assim mal humorado. Não quer falar com ninguém. Às vezes, não quer nem dar um bom dia.

Demorei um tempo para atinar a profundidade do que argumentava. As gargalhadas me impediam de pensar melhor, é verdade. Entretanto, agora mais compenetrado, admirado da comparação inusitada, vejamos como ele conclui.

Até os animais conversam um com o outro no clarear do dia, e tem ser humano que levanta mal humorado e não quer conversar com a gente. Você passa por ele assim, às vezes de cabeça baixa, você não sabe nem o que está acontecendo. Eu – que não tenho esse tipo de cultura, de estudo – observo, observo esse tipo de coisa. [...] A gente tem uma orientação – porque a pessoa pisa na gente, faz alguma coisa errada, e eu, apesar de não ter cultura de estudo, não é só estudo que tem cultura. Mas a gente, que não teve vontade de fazer isso aí, a gente é preparado por Deus em outro sentido. Tem tantas pessoas que têm tanta cultura... Mas não têm educação. Não respeita o lado da gente.

Do canto preferido em casa para a humilhação social e a invisibilidade pública! E daí para a constatação de que respeito e cultura não têm a mesma raiz. O respeito é da ordem do amor, e de alguma forma transcende o plano das atitudes programadas. Cultura, para começo de conversa, é bom que saibamos: constitui-se como hábito, e nem sempre coincide com o que se aprende nos livros ou nos bancos escolares.

Retomemos Nilce, pois o trajeto não é simples.

Sorrindo, ele parte de uma memória contagiante: a cozinha de casa, o milho debulhado, o dia amanhecendo. Clareou, o que é vivo acorda: pessoas, animais e plantas (por que não?). Instala-se uma espécie de metabolismo: a cena é tomada conjuntamente pelo que se come e pelo que se fala. Todos falam e todos comem, podemos presumir. O depoente é remetido ao que estamos fazendo: os dois no quintal de casa, as panelas no fogo, o cheiro do feijão cozinhando, a conversa. *O galo ficava ali: co-có-có-có co-có-có-có có... Parecia nós assim conversando.* Lá e cá em comunicação estreita. Presente e passado ligados pela experiência do diálogo. Portanto, a comparação: os animais conversam tão naturalmente quanto os humanos; faz parte da vida.

O que vem a seguir é a frustração de ver tudo aquilo como realidade distante. *Tem ser humano que levanta mal humorado e não quer conversar com a gente. Você passa por ele assim, às vezes de cabeça baixa, você não sabe nem o que está acontecendo.* Nilce parece se referir à vida na metrópole. Tenta alcançar alguma compreensão acerca do tema: mau humor. Seres humanos embotados, que não se dão a

conversar, que nem se inclinam a um simples *bom dia*, só podem estar mal humorados. Atribuir tal forma de comportamento a um estado afetivo faz algum sentido, mas não todo sentido se pensarmos nas razões histórico-políticas aí envolvidas. Não parece se tratar de uma desordem intelectual ou cognitiva: *Tem tantas pessoas que têm tanta cultura... Mas não têm educação. Não respeita o lado da gente*. Trata-se de um estado de espírito desanimado, pouco disposto. No quadro da invisibilidade pública, como avaliamos no início deste trabalho:

A comunicação entre os humanos fica prejudicada, regride, tendendo a formas de troca demasiado econômicas. Estabelece-se entre os sujeitos um tipo de conversa que não é conversa, mas regime daquilo que, em geral, consagra o que é primordial numa economia capitalista: troca de mercadorias ou serviços. Os assuntos arrastam-se em direção ao que parece essencial: quanto custa, quando entrega, como se paga, que garantia é oferecida. Mesmo pessoas envolvidas em atividades profissionais não atreladas diretamente à venda e compra de objetos, vêm-se constante e mais ou menos conscientemente ocupadas em adequar-se a tal rotina. A invisibilidade pública afasta a possibilidade de, na cidade, nos sentirmos em casa. Na gênese social do fenômeno da invisibilidade pública está a reificação. Somente humanos já reduzidos e tidos como objetos podem parecer impotentes na capacidade de se fazerem interpelar como humanos e de interpelarem outros humanos como iguais.

O temperamento de quem age dissimulando não estar na presença de alguém é preocupante. Trata-se de uma pessoa que não visita e não deseja ser visitada, não abre sua casa nem respeita a minha.

Coitadinho daquele que faz esse tipo de coisa. Dá até dó. É que ele não sabe: às vezes, ele vai precisar da ajuda até de um mendigo. Até um mendigo, às vezes, ajuda a gente levantar.

Há uma ruptura aqui, um rompimento com o pensamento dominante. Nilce não faz coro com o discurso que associa o caráter e a dignidade de alguém à sua posição de

classe. O indivíduo submetido à mendicância ocupa o nível mais baixo na escala social. Não obstante, segundo o depoente, pode justamente este sujeito ser alguém de espírito mais elevado que o nosso, alguém inspirado por profundo respeito aos outros, alguém que *ajuda a gente a levantar*. Na conversa com um mendigo talvez seja possível sentir-se em comunicação personalizante com alguém.

Uma pessoa que me toma por invisível, que não me quer por perto, desfaz minha tranqüilidade. Ao abdicar do meu olhar, solicita que eu renuncie ao que em mim é mais natural, solicita que eu recuse o que é espontâneo, aquilo que faz aproximar humanos entre si e animais entre eles: a conversa. *Era o galo que cantava de madrugada. E quando estava clareando o dia, as galinhas já estavam descendo do poleiro. O galo descia primeiro. E ele ficava ali. Toda galinha que descia da árvore ele já ia tratar ela. O galo ficava ali: co-có-có-có co-có-có-có có... Parecia nós assim conversando.*

A conversa nos instala no circuito das trocas simbólicas. Além disso:

Abre portas para um lugar de pensar que ninguém ocupava antes de conversar; lugar em que não ingressamos no isolamento e que pede desprendimento do lugar familiar. A passagem para o lugar de pensar pede deslocamento: na sociedade de classes, para os que por nascimento caíram do lado dominante, a comunicação com cidadãos das classes populares pede muitos deslocamentos, pede várias vezes o deslocamento para bem longe de casa. Pede deslocamentos que dão em descolamento, descolamento de classe, e culminam num outro ponto de vista: literalmente, culminam num outro ponto no mundo de onde nossa visão vai ver o que não via antes¹¹⁵.

Na sociedade de classes, deslocar-se para o lado dos oprimidos é o que possibilita enxergar o mundo de um lugar diferente do meu, um lugar o mais próximo possível do ponto a partir do qual a vida se abre para meu interlocutor. É aqui, finalmente, que podemos conversar. Conversa livre – tensa ou não, não importa. Conversar é o que pode mudar meus sentimentos e imprimir marcas em minhas ações, pode me fazer recuar. Pode me fazer contestar o que antes eu considerava óbvio, pode

¹¹⁵ GONÇALVES FILHO, J. M. – “Problemas de método em Psicologia Social: algumas notas sobre a humilhação política e o pesquisador participante”. In: Psicologia e o compromisso social. São Paulo, Cortez, 2003.

me deixar inseguro sobre minhas convicções. Mas pode, sobretudo, inspirar simpatia entre eu e o outro.

Desde a entrevista com Nilce, para mim os animais conversam. É engraçado agora vê-los assim. O mais curioso é o caráter contagiante da experiência: quando nos damos conta, estamos nós também a conversar com eles.

A conversa com Nilce me modificou. Supunha que treze anos de vínculo – muitos anos varrendo junto – havia sido tempo suficiente para se dizer tudo. Enganei-me. Há sempre o que dizer, assim como há sempre o que ouvir. Somente dessa forma é que podemos visitar outras cozinhas. Espero sinceramente que na conversa comigo Nilce possa ter se sentido um pouco lá, de porta aberta ouvindo os animais.

USP

Quando eu trabalhava em Pinheiros – que eu trabalhei num depósito de bebida – a minha caminhada era ali por dentro da USP. Ali na Rua do Matão, onde tem aquele parque, não tinha saída, não. Era matagal, tinha que passar por uma cerquinha de arame... Eu ia de bicicleta. Chegava lá, tinha que passar por ali.

Para os moradores do Rio Pequeno e arredores, a Cidade Universitária sempre foi uma referência geográfica importante¹¹⁶. Durante muitos anos, era a única possibilidade de lazer gratuito da região, bairro pobre e periférico na cidade. Os imensos gramados, as inúmeras árvores, os bosques, os lagos, tudo isso atraía desde as crianças até os mais velhos. Empinar pipas, jogar futebol, andar de bicicleta, fazer piquenique, tudo ali era possível e acontecia realmente. Mas não só isso.

Qualquer um que ouvisse falar a respeito de estabelecer um vínculo empregatício com a USP logo se entusiasmava. Os que não possuíam qualificação técnica ou escolar poderiam assumir funções sempre bem remuneradas com relação ao resto dos empregos disponíveis na cidade. E mais: ser funcionário público e gozar de estabilidade – coisa muitíssimo valorizada, ainda mais nas classes pobres, onde o fantasma do desemprego é mais assustador. De quebra, poder fazer uso diferenciado do Hospital Universitário, uma ilha de segurança na área da saúde pública.

Sem dúvida que, quem quer que fosse, em qualquer função desde que ali dentro, seria tido como um privilegiado. Nilce também tinha esse sonho.

Eu sempre imaginava. Tinha vontade. Já tinha parente que trabalhava lá, mas nunca ninguém deu uma ficha pr'eu ir, pra poder dar uma forcinha. Não foi parente que me ajudou a entrar lá, foi pessoa de fora.

A história acerca de como conseguiu emprego na USP é narrada em detalhes desde o começo.

¹¹⁶ Nos anos 1990, o prefeito da Cidade Universitária restringiu o acesso ao lugar: somente funcionários, professores e alunos é que poderiam frequentar o lugar aos finais de semana.

E já tinha parente que trabalhava há anos. A gente foi criado junto lá no sul de Minas, eles trabalhavam lá, mas quando via que estava precisando de funcionário pra trabalhar nunca me falaram nada. Quando eu saí lá do prédio que eu trabalhei na Rua Boa Vista, saí dia quinze de novembro de 1987. Fiquei três meses tentando vender as coxinhas. ‘Ah, isso aqui vai dar pr’eu me virar’. De repente, os troquinhos que eu peguei lá acabou tudo. Eu vendia fiado. A turma não me pagava. Fui só desembolsando. E o dinheiro acabando. Fui ficando cada vez mais caído. Falei: ‘E agora?!’. Eu já estava casado. [...] A vaca foi para o brejo¹¹⁷. [Ri]. Nossa! Eu tinha um colega meu que mora ali na... Atrás ali. Ele trabalhava num prédio ali na Ru Professor Artur Ramos, paralela da Avenida Cidade Jardim. Ele trabalhava de porteiro lá. Falou que lá no prédio estava precisando de faxineiro e se eu não queria ir pra lá. Eu já estava tomando umas. E não deveria. Falei: ‘Eu quero’. Trabalhei lá. O pessoal se apegou comigo, gostou do meu esquema de trabalhar de faxineiro lá no prédio. Era tudo residência. Dezesseis andares. Tinha um senhor que morava aqui na minha rua, aqui onde tem um portãozão vermelho ali ó. Chama Seu Mariano... Ele não mora mais aí, não. Mudou lá pro lado de Poços de Caldas. Peguei amizade com ele. Ele trabalhava lá no prédio da Matemática, lá na USP, ali perto da FAU.

Se existe algo que, acima de todos os outros fatores, pode decidir o futuro profissional de um trabalhador sem qualificação específica, esta coisa é o salário. Para quem está sempre a contar os centavos, para quem necessita se preocupar se sua família vai almoçar ou jantar no dia seguinte, não há muito o que ponderar. Pensar a médio ou longo prazo, nesse sentido, pode arriscar a sobrevivência da família na semana seguinte. A USP era uma ilha de segurança. Não importava muito a função, desde que lá dentro. Um parente que já estivesse trabalhando ali constituía uma vantagem

¹¹⁷ “A crise prolongada vai minando sua disposição de projetar um futuro para si mesmo, para os seus, para a classe. A crise amargura suas relações familiares pela dependência em relação ao parente que trabalha e o sustenta. A palma de suas mãos pode-se afinar com meses de desemprego e as mãos de sua mulher vão-se calejando na dupla jornada de mãe e operária. Vai-lhe faltando a coragem junto com as próprias oportunidades de lutar que lhe aparecem cada vez menos, os companheiros dispersos e ausentes. Ele chora as oportunidades perdidas”. BOSI, E. – O tempo vivo da memória. São Paulo, Ateliê editorial, 2004.

considerável, mas não foi alguém da família que lembrou de Nilce. Um vizinho foi quem lhe falou da oportunidade.

O trabalho anterior não era ruim do ponto de vista financeiro, apesar de muito cansativo. Além de tudo, para variar, o novo faxineiro caiu nas graças dos moradores, especialmente da síndica do edifício. Logo de cara, Nilce repara as vantagens sobretudo econômicas em comparação aos empregos anteriores. A USP parece mesmo ser um oásis.

Era bem maior [o salário com relação ao emprego anterior]. Quando eu entrei lá, o salário já dobrou com relação a outras áreas que eu trabalhei. Você vê, quando eu entrei lá eu estava trabalhando de faxineiro na professor Artur Ramos – que tinha um colega aqui que quando eu tinha saído da Rua Boa Vista, eu fiquei três meses desempregado – acabei ficando desesperado e estava até tomando umas a mais. [Ri]. E um colega meu – coitado, hoje deu problema de cegueira nele e ele não enxerga, mas mora próximo aqui da gente. [...] Ele arrumou pr'eu trabalhar de faxineiro nesse prédio lá na Rua Professor Artur Ramos, prédio residencial. Quando chegou que me chamaram aí na USP – a síndica lá chamava... Chama Dona Valéria, uma pessoa nova, quase que nem a sua esposa assim, muito simpática também –, falei: 'Dona Valéria, preciso falar com a senhora'. 'Ah, vai me enganar que você vai querer ir embora?'. Falei: 'É... Que eu arrumei um serviço na USP e me chamaram pra ir lá'. Ela falou: 'Puxa vida...', era a síndica do prédio. 'Aonde será que eu vou arrumar outro compadre igual a você?!'. [Ri]. Lá era prédio de residência, na Rua Artur Ramos. Então, eu trabalhava de faxineiro lá. Pegava no último andar – o prédio tinha quinze andares! – pra lavar a escadaria do prédio. Tinha que lavar a garagem, uma garajona também onde estacionava bastante carro. O pessoal via eu sempre ali no movimento. Não parava de trabalhar, não precisava do zelador ficar no pé explicando nada, que eu já tinha o conhecimento do serviço. E estava bem lá. [...] Estava com onze dias lá, não tinha nem fichado a carteira ainda. Arrumei lá na USP, cheguei pedi para sair. Dia três de março de 1988. Eu sempre imaginava que era bom trabalhar na USP. O salário da USP dobrou do que eu ganhava lá nesse prédio. Falei: 'Tudo bem'.

Nilce primava por fazer valer sua contratação, era um funcionário aplicado, sempre responsável e obediente. Quando aceitava uma proposta de trabalho, abraçava com unhas e dentes o ganha-pão da família. Deixar a antiga função antes mesmo de ser registrado, só por excelente razão, uma razão capaz de marcar data: três de março de 1988. O antigo vizinho jamais seria esquecido pela ação generosa.

Ele falou: ‘A prefeitura da USP está precisando de funcionários lá’. Eu estava trabalhando nesse prédio lá tinha onze dias. Não chegou nem a dar registro na carteira. Mandou eu ir lá. Fiz a ficha. Com onze dias me chamaram lá pra ir trabalhar. Nossa! Era o dobro do que eu ganhava lá no prédio. Ah, melhorou muito! Isso foi dia três de março de oitenta e oito [03/03/1988]. Cheguei lá pra fazer a ficha, falou ó: ‘Aqui tem uma vaga pra trabalhar no restaurante, tem uma vaga de jardineiro, uma de porteiro e... Uma de vigia.’. E tinha o da limpeza: da limpeza, no restaurante, jardineiro, e porteiro e... Uma de vigia.’ Eu escolhi uma das piores. [Ri]. Escolhi a da limpeza. A moça falou assim: ‘Espera aí, espera aí. Você trabalhou treze anos de ascensorista, de sapato engraxado, terno e gravata, e vai escolher pra trabalhar aqui no tempo, com chuva, com sol?!’. Respondi: ‘Ah, eu trabalhei de lavrador. Eu acho que pra mim isso aí é melhor’.

Observe-se que Nilce ressalta a escolha que fez. *Eu escolhi uma das piores*. Aí, ri com ar maroto. A pessoa responsável pela seleção dos candidatos estranha, mas o ex-lavrador alega experiência na área. Vamos ver:

Ah, rapidinho fez a ficha. Ganharia mais de vigia, mas vigia é serviço perigoso também. Restaurante lá dentro é contratado; volta e meia está mudando de dono. Quando muda, os funcionários que estão trabalhando há mais tempo... Rua! Então, eu escolhi trabalhar na limpeza. Fiz a ficha rapidinho e fui. E me adaptei bem lá na empresa. Graças a Deus! Esse período eu saí é muito bem, graças a Deus, aposentado. Segurei até chegar. Comecei na varrição. Depois é que eu fiquei dez anos na caminhonete direto com o César [motorista].

Com a firmeza que explicou para a funcionária, eu também teria me convencido de suas motivações. Mas não era nada daquilo! E, de fato, ele tinha toda razão. A profissão de segurança é tremendamente arriscada e não incluía vínculo empregatício com a universidade – trata-se de empresa terceirizada responsável por essa e outras áreas. Da mesma forma, os restaurantes na USP costumam mudar de proprietário, o que, invariavelmente, compromete a estabilidade dos funcionários. De bobo, Nilce não tem nada. E, como conclui: aposentado, graças a Deus! *Segurei até chegar.*

Como já consideramos antes, o trabalho, para Nilce, exerce um papel intermediário nos vínculos estabelecidos com coisas, lugares e pessoas. Além disso, a necessidade, que comanda o trabalho, comanda também os juízos morais. O ex-lavrador ex-faxineiro ex-ascensorista considera qualitativamente os variados trabalhos que teve. Esse tipo de apreciação, inicialmente, não transportava a principal referência para a remuneração. Todavia, em ambiente urbano (especialmente na metrópole), o salário gradualmente vai assumindo o papel principal nas opções de serviço que encontrava. O trabalho se transforma meramente em uma atividade que assegura a sobrevivência, ficando em segundo plano outras dimensões relevantes do labor. Tornar-se gari da USP parece bem recompensador: *Era o dobro do que eu ganhava lá no prédio. Ah, melhorou muito!* As motivações associadas à segurança de vida, emprego e salário prevaleceram novamente.

Trabalhar na limpeza não era nenhuma novidade na vida de Nilce. Isso lhe dava tranqüilidade, uma espécie de segurança acerca do fato de seu desempenho não comprometer sua permanência num emprego tão desejado e, enfim, conquistado.

Eu tinha vontade de trabalhar lá de toda maneira! Pra mim, não importava o serviço que fosse. De preferência, a limpeza. Sempre dava preferência pra trabalhar na limpeza. Logo no primeiro dia, eu já me senti muito bem. Lógico, eu não tinha a prática do serviço... Não tinha a prática, mas tinha o conhecimento do serviço. Então, o encarregado – quando ele viu eu trabalhando do jeito que eu trabalhava – ele percebeu que eu já trabalhava naquele ramo antes. Mas o meu conhecimento no serviço – que eu trabalhava na lavoura de café, diferente, né?! – o serviço era mais grosseiro. Aqui não. Cheguei aqui, era limpar beira de guia, cortar aquelas gramas da beira de guia, varrer: aquilo pra mim não tinha segredo. Pegava aquelas vassouronas lá, e tudo bem.

O começo parecia promissor. Mesmo o encarregado da área – superior imediato – reparara na desenvoltura de Nilce com a vassoura. A percepção de que tinha alcançado uma estabilidade tão rara, tão importante, conduziu o agora gari à imediata identificação com o serviço. Além de tudo, novamente, o trabalhador empenhava-se em agradar quem poderia determinar sua demissão ou sua permanência ali.

Pra mim, parece que eu já estava preparado pra trabalhar naquele movimento. Até o encarregado se admirou. Falou: ‘Puxa!...’. Era o Moisés. Quando eu entrei, o Moisés já estava lá. Fui trabalhar com ele. Pra mim, eu achei ótimo o primeiro dia de trabalho. Eles gostaram do meu ritmo de trabalhar. Não escorava serviço. Mandava fazer as coisas, eu ia. Foi tudo bem. Nós trabalhava em grupo na avenida. Não tem aquela avenida que sai da Praça do Cavalo? A Avenida professor Luciano Gualberto. A gente conservava aquela avenida, eu e um outro camarada... Eu e um outro colega. A gente ia varrendo uma pista atéééé chegar na Cultura Japonesa. Ia de um lado da guia, depois voltava. Todo dia a mesma avenida. Era pra conservar a limpeza daquela avenida. Em dois. O Moisés rodava o campo todinho pra ver a turma, que em cada avenida trabalhava um grupo de pessoas. Uns trabalhavam lá na avenida beirando a raia, outros na Lineu Prestes, outros na Rua do Matão. Tudo de dois em dois.

O dia de trabalho começava a partir de um lugar localizado na periferia de um dos bosques da Universidade de São Paulo, em um complexo registrado nas placas como “Restaurante dos Professores / Viveiro de Plantas”¹¹⁸. Lá estava sediado (até 1998) o vestiário dos funcionários do Departamento de Manutenção Externa da Prefeitura da Cidade Universitária. Não só para trocar a roupa pelo uniforme, o “viveiro” – assim o chamam os trabalhadores – era um retiro: o lugar para compartilhar a marmitta e tirar um cochilo após as refeições.

Um dia, lá mesmo no viveiro, Nilce interrompeu o serviço e veio em minha direção. Cochichando, contou que o vestiário seria transferido para a sede

¹¹⁸ Cf. “Nosso lugar”. In: COSTA. F. B. - Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social. São Paulo, Globo, 2004, pp.71-81.

administrativa da Prefeitura Universitária (P.C.O.). Queixou-se. O pessoal não aprovaria o deslocamento:

Aqui é muito bom. A gente fica perto do verde. Aqui é gostoso e tranqüilo. Lá na Prefeitura, em cada janela tem alguém vigiando a gente. Lá eu não gosto, não.

Segundo Nilce, àquela época alguns garis estariam desejosos dessa mudança: sentiriam-se, em alguma medida, valorizados. Por outro lado, ponderou ele, a patrulha seria mais intensa.

A gente batia o ponto – e naquele tempo não era cartão eletrônico, não. Era ponto no relógio. O Marcelino era o supervisor da limpeza. O Pascoal sempre foi apontador: fica no escritório, atende a gente quando a gente está com um problema lá pra ele passar pra o supervisor. Então, ele fica direto, atende o telefone, dá recado, tudo. Eu adorava o viveiro! Era bom demais! [...] Óia, pra mim lá é um lugar... Lá era assim o... ... Que quando dava a hora de almoço, o vestiário da gente era lá dentro. É bom, era embaixo das árvores. É um bosque. Então, ali você se sentia mais saudável. Não tinha barulho de nada, tudo arvoredo. Ficava no meio das plantas. Tinha aquela respiração assim mais saudável ali. Na prefeitura, aí a gente já sentia mais poluído. [Ri]. Você sabe que as plantas ajudam muito a respiração da gente. Ali ó, que bonito as copas das árvores que aparecem por aí... Isso combate muito a poluição. Pra mim, onde tem planta eu ajudo a conservar, ajudo a planta a crescer. Eu tenho esses vasilhinhos de planta.

O viveiro não era bem conservado nem possuía o registro em placas de todo e qualquer outro edifício da USP. As placas regulam nossa atenção, orientam-nos em direção e sentido. Ao viveiro chegávamos sem placas. Ali permanecíamos, sempre com a expectativa de um descanso no expediente de ritmos mecânicos. Nilce guarda recordações especiais do local.

O que corria legal lá era que, quando eles iam fazer qualquer evento lá, o encarregado chegava: ‘Ó, a

gente vai fazer um churrasco. Você vai ficar pra assar o churrasco'. Escalava logo eu. Eu só marcava o ponto de manhã. Todo mundo ia pro campo trabalhar, e eu ficava lá. [Ri]. Era o mestre-cuca. Já pegava a carne pra temperar, já perguntava o que precisava, e me levava no açougue. Inclusive, o encarregado nessa época era o Moisés, e o supervisor era o Seu Marcelino. Já me escalava, eu montava a churrasqueira. Já limpava tudo, fazia os temperos. Outra hora, quando precisava fazer o almoço também, às vezes eles inventavam de fazer um almoço assim, era eu que ia pra cozinha pra fazer o almoço. Ao invés de eu ir pro campo trabalhar, eles escalavam eu¹¹⁹.

Para abrigar o vestiário dos garis, reservou-se o viveiro de plantas, lugar escondido dos olhos de qualquer freqüentador do campus universitário.

É muito raro que alguém passe em frente ao viveiro casualmente, como é comum acontecer com quem transita pelas ruas que levam até a Faculdade de Administração ou à Reitoria da universidade. O viveiro é o ponto final de uma ruela estreita pela qual só transita um automóvel por vez. Onde ainda há asfalto, a pavimentação é precária – condição bem diferente da urbanização criteriosa que caracteriza a USP: prédios imponentes, lindos gramados ao seu redor, as grandes placas de identificação, as amplas avenidas bem sinalizadas.

O viveiro está fisicamente escondido dentro da Cidade Universitária. Em termos de infra-estrutura, arquitetura e visibilidade é o que há de mais precário dentro da USP – prédio inacabado; partes com laje, mas sem telhado; outras com telhado, mas sem laje, detalhes sempre por realizar, piso velho e mal rejuntado, feio, alguns poucos móveis como escrivaninhas ou sofás (e estes, todos, de baixa qualidade e em péssimo estado, com molas e espumas aparentes e estofados já desgastados, partes de madeira sem verniz), paredes que não foram amaciadas antes da pintura (quando pintadas, e sempre mal pintadas), banheiros imundos que não dispõem de papel higiênico, com azulejos encardidos e chuveiros que não funcionam, vasos sanitários sem tampa, algumas torneiras pingando, e outras das quais não sai água.

¹¹⁹ “Lendo relatos de grevistas observamos que, quando a fábrica é ocupada pelos trabalhadores, os locais de jornada diária se transformam em espaço familiar. Nas oficinas ocupadas, os montadores, o pessoal da linha, as mulheres e os horistas travam camaradagem com contramestres e especializados. Esta possibilidade de *estar junto*, esta quebra do isolamento são um bem em si, e talvez o maior dos bens. Simone Weil assistiu à satisfação dos grevistas da Renault, entrando com as famílias nas oficinas, exibindo sua máquina para a mulher e os filhos”. BOSI, E. – O tempo vivo da memória. São Paulo, Ateliê editorial, 2004.

Não é a Prefeitura da Cidade Universitária a única responsável tanto pela conservação da Avenida da Raia como da ruela que nos leva ao viveiro? Não é a mesma administração a responsável pela edificação do prédio da reitoria e do vestiário dos garis?

O viveiro não faz parte das referências de lugar dos sujeitos que freqüentam a USP. O viveiro está, também, psicossocialmente escondido.

Sabíamos disso, de uma maneira ou de outra. Não obstante, tínhamos lá uma espécie de abrigo ou refúgio, um recanto. Entre os trabalhadores, quem quer que se lembre do lugar fala com saudade.

A mudança do vestiário para a prefeitura da Cidade Universitária trouxe conseqüências. Antes de mais nada, o local: trata-se de um complexo de prédios administrativos e galpões onde são guardadas as ferramentas, as máquinas e os materiais a serem utilizados pelos trabalhadores. Diferentemente do viveiro, lá é tudo asfaltado e poucas foram as árvores mantidas na região. O lugar é seco, sem beleza ou algo que possa descansar os olhos e a alma.

Depois, e os trabalhadores teriam motivos para crer em suas previsões, haveria maior vigilância sobre o cumprimento das ordens. Lafaiete confirmou a expectativa de maior patrulhamento na Prefeitura, e, desolado, relatou a razão oficial para a desativação do lugar:

Disseram que o viveiro vai ser pra lazer. Não pra a gente, né?! Vai ser lá pr'os bacana. Lá na Prefeitura todo mundo fica de olho o tempo todo. Lá ninguém gosta.

A transferência, de fato, realizou-se. Não foi reivindicada pelos garis; em nada dependeu deles. Ninguém para quem a opinião deles, o sentimento deles, parecesse contar: ninguém supôs que a mudança, para os trabalhadores, fosse coisa diferente de um mero deslocamento, uma coisa anódina. Dentro da Prefeitura Universitária, o local reservado aos varredores é o mais segregado ali: fica em frente à garagem dos veículos oficiais da USP, margeando a Avenida Politécnica – quase na divisa com o município de Osasco. Aqueles homens–garis, mesmo dentro da Prefeitura, continuaram escondidos. Instantes sagrados após o almoço, as partidas de dominó que aconteciam em mesinhas espalhadas no “alpendre” do viveiro, ficaram sem lugar físico: agora ficam espremidas dentro do vestiário, nos restritos espaços entre os chuveiros e os

armários. Neste ponto das recordações, onde pesou sobre todos o fato de serem arrastados, Nilce me inclui.

Você lembra. Você é testemunha disso daí. Eu era o mestre-cuca de lá, sempre fui. Eu tenho recordações e saudade desse tempo passado. Lá na prefeitura nunca fizeram isso aí. Quando eles fizeram churrasco, era o prefeito que fazia, e contratava firma de fora. Era uma coisa que ele decretava praticamente um feriado pros funcionários tudinho participar. Era o campo de esporte, de futebol. Que até uma vez você foi lá pra jogar e ele não aceitou. Você lembra? O Massucato não aceitou. Te barrou. Isso aí eu lembro também. [Começa a ter os olhos marejados]. Todo mundo ficou tenso com aquilo, chateado. Ele não deixar você participar da brincadeira lá. Tinha nada a ver uma coisa com outra. Você foi preparado pra tudo, então... Isso aí também ficou marcado pra gente lá. Falta de consideração. Quando você foi querer estar junto com o pessoal lá, poxa! Você lá no campo ia em tudo, trabalhando junto com a gente, com o mesmo uniforme que a gente usava... E chegar um momento daquele e ser barrado... Desde do começo que você chegou lá pra fazer o seu trabalho, você teve até que implorar pra conseguir entrar. Tudo isso aí fica marcado pra gente. Todos nós queríamos que você ficasse lá junto com a gente no movimento, conversando, aquelas horinhas que você ficava com a gente. Mas eles sempre querendo empurrar. Não queria aceitar. Mas você foi, foi, foi, e eles acabaram aceitando e tudo bem. Sabe, eu mesmo quando eu vou lá, agora pra entrar no pátio lá, eu tenho que levar o R.G., senão eu não entro. É o regulamento da firma. Não é o porteiro que barra a gente, não. Ele é empregado também. A gente não vai culpar ele. Mas é o regulamento lá de dentro.

Especialmente aqui, é preciso que sejamos ponderados a respeito do que o ex-gari nos alerta.

Primeiro de tudo, e é bom que se ressalte: cronologicamente falando, em muitas horas de entrevista, é o primeiro momento no qual Nilce chora. Aparentemente, chora apenas pelo que fizeram comigo. Não que tenha sido pouca coisa. Tratava-se de uma comemoração de fim de ano. Haveria comes e bebes, sorteios de presentes, e alguns jogos de futebol envolvendo todos os trabalhadores que se dispusessem a participar. Ainda que estivesse somente duas vezes por semana com o pessoal (e não de

segunda à sexta-feira como eles), sentia como se, em alguma medida, fizesse parte daquele grupo. Lembro-me de ter ficado empolgado com a festa, e de mal ter dormido na noite anterior: seria minha primeira partida de futebol tendo Tião e Chulé como parceiros de equipe. Colocaram meu nome em uma lista de “atletas” que disputariam o mini-campeonato no campinho da prefeitura. Pedi emprestado ao meu pai um par de caneleiras, separei a chuteira e o calção em uma sacolinha que passou a noite ao lado da minha cama.

Tudo em vão. Fui impedido até de entrar no pátio do lugar. O prefeito mandou avisar que naquele dia somente funcionários é que poderiam participar da festa. Despenquei.

O choro do ex-gari, durante a entrevista, veio sobrecarregado. Nilce teria percebido, naquela situação comigo, algo que não pôde de enxergar na própria pele. Ele – como todos os outros trabalhadores – encontravam-se diariamente impedidos; e de várias formas, impedimentos físicos, morais, psicossociais e políticos. Ali naquele dia, fui eu quem ficou segregado, excluído. E antes dali? Por quantas vezes não foram Moisés, Chico, Tião, Brás, os trabalhadores eles próprios, todos impedidos? Como teriam se sentido? Como reagiram? Puderam reagir? Como absorveram o impacto? Que recordações têm de episódios como estes?

A existência de espaços segregados para populações segregadas não é fato restrito à Cidade Universitária. Trata-se, aliás, de algo que aparentemente deita suas raízes em tempo histórico anterior à criação do que se conhece como Universidade. Encontramos vínculos entre *geografia* e *lugar social* em outras tantas instituições. A despeito de serem prédios relativamente próximos, o viveiro e o restaurante dos professores são freqüentados por grupos completamente segregados. Um dia, fui trabalhar com o pessoal no período da tarde. Como normalmente acontecia, perguntei em que local realizaríamos o serviço. Carlão foi quem respondeu sobre a varrição: *Lá no restaurante dos bacanas*.

Certa vez, Bresser e eu ficamos parados um tempo em frente ao tal restaurante, observando o vai-e-vem das pessoas que por ali passavam. A certa altura, ele disse:

Pra comer aí não precisa ser professor, não. Vem um monte de gente aí que deve de ser só amigo. A gente só é que não pode entrar. Nem um copo d’água eles serve aí pra gente. A gente não pode nem chegar lá perto.

Minutos depois, ele me chamou para bebermos água:

Vem Fernando. Do lado da lixeira tem uma torneira. Lá é nosso restaurante.

A fiscalização intensa, impiedosa, que não quer conhecer fatos como uma noite mal dormida ou um filho doente, faz jus a essa realidade. No viveiro, os homens estão de alguma maneira protegidos. O cerceamento e a patrulha, por sua vez, são características marcantes na Prefeitura Universitária, *onde em cada janela tem alguém vigiando a gente*. Mesmo o falecimento de um irmão de labuta não vale a direito de acompanhar o seu sepultamento.

O viveiro: sinal paradoxal de *estrangeiridade* e de *comunidade*, de segregação e reunião. Tião, Moisés, Chico, Nilce, Bahia: estes homens–gari só se sentem bem quando distantes dos humanos *oficiais*, dos humanos *admitidos*, em presença de quem são vigiados, são subalternos. Sinal paradoxal de resistência: os varredores encontram vez no espaço excluído: **ali** é bom estar. O lugar que seria de valorização – a Prefeitura – é espaço falso, onde verdadeira é a patrulha.

Sentir-se em casa é sentir-se em si próprio em um ambiente que permite comunicação personalizante. Os varredores não podem se sentir em casa no seu ambiente de trabalho. Na Prefeitura, o diálogo é uma conversa sempre desigual, encerra desnível, admite para os trabalhadores apenas duas possibilidades: monossilábicos, ou afirmativas de subserviência – *Sim, senhor, O senhor é quem sabe, O senhor é quem manda*.

O choro de Nilce, a dor manifesta sobre o estudante barrado na festa dos trabalhadores, precisa ser redimensionada. Houve identificação. O ex-gari, lembrando do *forasteiro* impedido na porta da festa, encontrou sua própria dor. Alguém deixado de fora da festa; sobre isso, diga-se antes de tudo que pesou mais o fato cru, a exclusão.

Sobre o assunto, embora *transferência* e *identificação* não constituam o mesmo fenômeno psicológico, vale o que nos ensina José Moura Gonçalves Filho. O professor, quando trata do sofrimento agudo de cidadãos pobres que se sentem continuamente humilhados, mesmo quando a situação em si não esteja impregnada por desnível político ou sócio-econômico, assevera que é preciso dar um passo atrás antes de formalizar qualquer idéia acerca do tema. Muitas vezes, o que ocorre é um transporte

de angústia – dor antiga que teria ficado sem elaboração psíquica – que agora retorna com toda a força.

As lições de Freud não podem ser esquecidas também fora dos divãs, em plena praça pública: a transferência, atualizando o impacto do passado, não é encenação mentirosa e estéril – pede palavra, uma abertura por onde aí sim é que mais nos aproximamos da alma do outro. Não se deve apenas lamentar os vínculos negativos e alertar o humilhado para o fato de que o mal que praticamos foi involuntário (quando o foi). Muito menos sugerir-lhe que seu sofrimento é apenas “subjetivo”: “foi você que se fez sofrer por meu intermédio”. Não é o caso de desiludi-lo sobre nossa vontade de rebaixá-lo – aliás: quem, numa sociedade de classes, em nossa inteligência confia em compromissos políticos e diz sim ao oprimido, mas nosso procedimento, nossos conhecimentos, nossas roupas, o sapato, tudo volta a lembrar, como disco arranhado, que esta cidade não é para todos, que a igualdade política ainda está por se consolidar. O humilhado tem sempre alguma razão, talvez a razão mais profunda, para considerar que o expulsamos de casa, voluntária ou involuntariamente. Nós todos, senhores e escravos, carecemos a igualdade e a liberdade¹²⁰.

A opressão em instante algum pôde ser avaliada politicamente. São juízos presos à necessidade e ao trabalho que referenciam os comportamentos dos outros. Tal estado de coisas é fato que limita uma possível consciência histórico-política do antagonismo de classes. Sujeitos da convivência de Nilce são tomadas segundo o cuidado que têm por ele (consideração de suas necessidades), mas jamais de acordo o respeito por sua dignidade como cidadão, homem incluído como sujeito agente e falante.

Nilce ficou mal. Chorou por mim. Chorou por ele e pelos companheiros, tantas vezes segregados e rebaixados. A dor sentida ali comigo foi bem intensa mesmo. Sinal disso – novamente Freud – foi a tentativa de explicação (mais ou menos consistente) que pendeu o tempo todo para o que psicanalistas descreveriam como *racionalização*, termo que já discutimos aqui anteriormente.

¹²⁰ GONÇALVES FILHO, J. M. – “Humilhação Social: um problema político em psicologia”. In: Psicologia USP. São Paulo, v. 9, n.2, 1998, pp. 11-67.

Esse negócio de fazer isso pra entrar na firma, sabe por que? Dos que trabalham lá dentro, tem colegas, mas têm também os que são inimigo um do outro. Têm uns caras na firma que não se entendem um como outro. Às vezes, travaia ali, mas é encrencado um com o outro. Amanhã ou depois, um deles vai embora e vai voltar lá dentro. A administração não vai saber o comportamento dele. O pessoal da administração não sabe a atitude que ele vai tomar lá dentro. Às vezes, fazer alguma vingança do inimigo que ele deixou. Eu não sou contra isso da firma, não, de identificar e saber com quem a gente vai falar lá dentro. Tem pessoa que fala: ‘Trabaiei aqui tantos anos, poxa, por que agora não posso entrar?!’. Mas não é por aí só, não. Nesse sentido, é tipo uma segurança. E eu acho que nesses casos aí, dependendo da firma, está certo de não deixar, porque não sabe qual amizade você deixou lá dentro, se você vai vingar qualquer coisa. E aí? O pessoal da portaria é responsável. Então, a partir do momento que você identificou, entrou, estão todos os seus dados ali, tudo bem. A gente trabalhou lá, tem tudo os nossos documentos lá arquivados. Mas depois que saiu fora é diferente...

Nilce racionaliza. De certa forma, assume o discurso do opressor, justamente quem precisa forjar justificativas ocas para imprimir força a seus comandos. Como é desorganizadora a humilhação social! Fere os homens em pontos nevrálgicos: dói sua alma – aviltada – e fraqueja sua mente – confusa com o turbilhão.

Acrescente-se a isso que Nilce tem uma percepção muito natural da situação, uma percepção concreta que contrasta com uma percepção mais formal que, até tranquilamente, culminariam em ajuizamentos muito abstratos, sem relação com a realidade e a verdade instantânea da situação e das pessoas envolvidas. Nilce sofre, fica comovido, chora, demonstra indignação contra a regra que é impingida exteriormente, que se constitui como ofensa à verdade da situação e avilta pessoas. Não obstante, o protesto não alcança um posicionamento lúcido quanto à organização burocrática que ignora experiências concretas, únicas, particulares. Ele avalia a norma com perspicácia, ajuizando acerca baseado em uma motivação concreta: proteger os funcionários contra penetras vingativos. No entanto, desligado intelectualmente da realidade de circunstâncias estruturadas politicamente, Nilce desperdiça a possibilidade de analisar historicamente o fenômeno burocrático. O sentimento da situação não cresce politicamente.

A respeito da Organização Burocrática como representante “invisível” da classe dominante, lembremos o que nos diz a professora Marilena Chauí:

A burocratização é um “processo que se impõe ao trabalho em qualquer nível em que se o considere, seja o trabalho de direção, seja o dos executantes e que, ao se impor, impõe um quadro social homogêneo tal que a estabilidade geral do emprego, a hierarquia dos ordenados e das funções, as regras de promoção, a divisão das responsabilidades, a estrutura da autoridade, tenham como efeito criar uma única escada de *status* sócio-econômico, tão diversificada quanto possível”.¹²¹ O fenômeno da burocratização, que Hegel e Marx haviam circunscrito à esfera do Estado, devora toda a sociedade civil, distribuída em burocracias empresariais (na indústria, finança e comércio), escolares, hospitalares, de saúde pública, sindicais, culturais, partidárias, etc. O processo de burocratização de todas as esferas da vida social, econômica e política, de todas as manifestações culturais (da hierarquia da universidade à hierarquia das igrejas, “populares” ou não) realiza-se a égide de uma idéia mestra: a idéia de Organização, entendida como existência em si e para si de uma racionalidade imanente ao social e que se manifesta sempre da mesma maneira, sob formas variadas, desde a esfera da produção material até à esfera da produção cultural. À medida que a complexidade da vida social cresce no modo de produção capitalista e nas formações históricas ditas “socialistas”, o Estado se expande em todos os setores, encarregando-se de uma parte considerável da vida humana, de tal modo que, por sua mediação, o tecido da sociedade civil torna-se cada vez mais cerrado e encerrado sobre si mesmo. A ideologia dispõe, então, de um recurso para ocultar essa presença total ou quase total do Estado na sociedade civil: o discurso da Organização¹²².

E, novamente, José Moura Gonçalves Filho:

Os que interrogam radicalmente a servidão humana concordam que se trata de um fenômeno essencialmente político, na sua origem e em seus desdobramentos. Só os homens elevam os homens à dignidade humana; só os homens excluem os homens

¹²¹ LEFORT, C. – Elements pour une critique de la bureaucratie. Genebra, Ed. Droz, 1971, p. 289.

¹²² CHAUI, M. – “O discurso competente”. In: Cultura e democracia. São Paulo. Cortez, 1997.

da dignidade humana. Efeito da desigualdade política, a humilhação social é um fato psicossocial que reconduz sempre o homem ao outro homem. Seus determinantes mais variados, sua generalizada cristalização nos fatos de reificação, não deviam elidir-nos sua indeterminação de base: a desigualdade não pode nunca dispensar os homens para que se mantenha. Não poderá igualmente dispensá-los para que seja neutralizada e cancelada. A desigualdade só vive de seus mecanismos e de sua inércia enquanto a visão do homem pelo homem mantiver-se embotada. O problema da desigualdade é problema humano dos mais enigmáticos e, talvez, o mais urgente entre eles, aquele cuja solução precede a de todos os outros¹²³.

Nilce seca as lágrimas e prossegue na narrativa. Lembrar dos companheiros de USP faz sorrir novamente. Pergunto quem foi seu primeiro parceiro de varrição. Ele fala de um colega que não cheguei a conhecer pessoalmente.

Meu companheiro era o Carlito. Hoje ele mora lá em Pirapora. Comecei a trabalhar com ele. Trabalhamos tanto tempo junto... Só que ele... Me sugava muito. Era um cara mais veterano de trabalho lá, e eu, como era mais novo, ele saía fora e eu ficava lá trabalhando. Como eu estava novo, nossa [!] – porque de vez em quando o Moisés passava de caminhonete pra ver como é que estava, pra ver se a pessoa estava no setor – aí meu colega não estava, eu falava: ‘Foi no banheiro’. ‘Mas espera aí! Toda vez que eu passo aqui você fala que seu colega foi no banheiro?’. Eu dizia: ‘Não sei. Eu estou aqui’. [Gargalhamos]. Aí pronto: ‘Eu não sei de nada. O meu eu estou fazendo’. Ele que é o encarregado, ele que vá procurar o cara. Eu vou entregar o cara? Eu sabia que ele não tinha ido ao banheiro. Às vezes, ele ia lá pra Pinheiros. Cara que é meio esperto. [...] Pegaram [ele], mas a turma tinha receio dele, que ele era meio tranqueira. Até Moisés mesmo era meio inseguro... Mas eu nunca falei: ‘Ó, o cara saiu fora aí’. Eu falava: ‘Ó, foi pegar um negócio...’, ou então: ‘Ó, foi ao banheiro...’. O cara ia fazer as correrias dele. Mas eu não entregava o cara, não.

¹²³ GONÇALVES FILHO, J. M. – “Humilhação Social: um problema político em psicologia”. In: Psicologia USP. São Paulo, v. 9, n.2, 1998, pp. 11-67.

Carlito é descrito como sanguessuga, daqueles sujeitos que não se importam em largar todo o serviço nas costas do colega. Como se não bastasse, Nilce tem lembrança de que o vadio, além de tudo, tinha fama de valente. Até mesmo o chefe temia contrariar o mau funcionário. Neguinho – como ficou conhecido na USP – ficou bronqueado por essas e outras. Moisés, segundo ele conta, demorou muito para valorizar o novo ajudante. Tratava-o secamente, falava duro, mal o ouvia.

Moisés. Ele era uma boa pessoa, mas me tesourava muito. Pegava muito no meu pé sem eu merecer. Ele saía no campo a pé, olhando a gente no nosso movimento de trabalho. A gente não via ele. E o horário de jornada pra parar o serviço à tarde: os outros saíam tudo mais cedo, assim antes do horário, e eu, às vezes, saía na hora certa. Ele falava assim: ‘Esta hora e você já está por aqui?!’, batendo a mão no relógio. Eu dizia: ‘Não. Mas o outro também já veio’. ‘Mas espera aí. Se você está aqui essa hora, a que horas você saiu do serviço?!’. Falava duro comigo. Eu pensava: ‘Puxa vida! Esse homem aí não vai deixar eu passar nem na experiência, viu?!’. Era todo dia! Com esse Carlito aí que eu trabalhava, ele tinha meio receio do Carlito, e o cara fazia coisa errada e eu que pagava o pato. E ele só no meu pé! Até que um dia esse Carlito – esse era fogo! – virou e disse: ‘Ô Moisés, espera aí! Eu que saio fora do serviço aí, o Neguinho trabalha direto aí, todo dia fica pegando no pé dele...?!’. Comprou a briga. Isso aí eu estava com uns três meses de serviço só.

Que dureza! Conseguir o emprego que sempre desejou, empenhar-se ao máximo para que nada desse errado e, de cara, encontrar um chefe sisudo e mandão. Neguinho passou tempos difíceis no seu novo ofício. Nada do que fizesse era suficiente para o cachimbo. Sempre havia uma reclamação ou uma bronca. Mas...

Foi indo, foi indo... Depois que eu peguei uns anos de serviço lá, que eu peguei mais agilidade, estava mais calejado, ele vinha brincar comigo: ‘Ah, que nada, Moisés! Se fosse por você, eu nem estaria aqui hoje!’. ‘Ô Neguinho, eu falava aquilo, mas era pra jogar pro Carlito’. ‘Não é, não. Você falava, o cara não estava nem perto. Todo dia você estava no meu pé, agora vem de brincadeira comigo?!’. Aí, ele me bajulava, rapaz. Até hoje me

bajula, porque ele cresceu comigo, aí eu também cresci as asas. Eu não recusava serviço, mas ele vinha brincar comigo eu não queria saber de brincadeira com ele. Sem chance. Não dei mais trela pra ele, não. Eu quebrei as asas dele depois. Ele reclamava de mim pro supervisor. [...] Até hoje eu guardei isso aí comigo, que ele me tesourava. Depois, ele começou a me agradar: ‘Esse aqui é meu Neguinho...’. Isso aí eu segurei comigo.

Nesse ponto, mais do que em outros, fui pego de surpresa. Quando cheguei para trabalhar com o pessoal (em 1994), a animosidade entre os dois já havia passado. Não esperava ouvi-lo falando com tanto ressentimento a respeito de Moisés. Mesmo porque, e não foram poucas as vezes, presenciei os dois conversando de perto, tranquilos. Certa vez, inclusive, estive com Nilce na casa do ex-chefe. Foi de supetão: *Neguinho, vou lá no Moisés hoje. Vêmo comigo?* Ele respondeu: *Cê passa aqui pra me pegar?* Assim foi. Lá chegando, quando viu o amigo descendo do carro, Moisés se pôs a chorar. Impressionante! Abraçou Nilce como jamais o vi abraçar ninguém. E chorava. Quando ficou mais calmo, emocionado que estava, encheu de beijos a bochecha do amigo. Foi lindo. No almoço, uma fartura que não demos conta: arroz, feijão, farofa, ovo frito, carnes de frango, porco e vaca, refrigerantes, etc. Um banquete improvisado.

Nilce tinha razão: tudo mudara entre eles. E não era exclusividade de Moisés esse apreço. Dei-me conta da reciprocidade entre ambos pouco antes disso. É porque aconteceu de três ou quatro vezes seguidas Neguinho me encontrar e dizer: *Esse relógio aqui foi Moisés que me deu.* E insistia na idéia. Como só sabia metade da história, para mim era difícil imaginar a importância do presente. Foi aí que, durante a entrevista, evoquei o assunto:

Esse relógio aqui... Foi... Rapaz... .. Esse relógio aqui ele me deu... .. Esse relógio aqui está com uns dez anos que ele me deu. Teve uma vez que eu fui trabalhar com ele, cavar terra, deu problema e eu fiquei dois anos com ele encostado. Levei pra arrumar. Ficou vinte e três reais. E gosto dele e não disponho pra nada. É coisa de estimação¹²⁴.

¹²⁴ “Se a mobilidade e a contingência acompanham nosso viver e nossas interações, há algo que desejamos que permaneça imóvel, ao menos na velhice: o conjunto dos objetos que nos rodeiam. Nesse conjunto amamos a quietude, a disposição tácita mas expressiva. Mais que um sentimento estético ou de utilidade, os objetos nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade”. BOSI, E. – *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo, Cia. das Letras, 1994.

Não que o presente tenha apagado a mágoa, mas fez valer – como símbolo – a aproximação que os dois conquistaram lentamente. Nilce perdoou Moisés.

[Moisés era] Um pouquinho grosso. [...] Ah! Mudou muito nesse tempo. Nossa! Achei que ele não ia deixar eu trabalhar lá. Depois, ele ficou diferente, igual ele está hoje. Quando encontra com a gente não sabe nem o que faz... Pra gente. Você vê, no fim, a gente tem a consciência limpa, tranqüila, e acaba perdando.

Segundo Arendt¹²⁵, a ação humana desencadeia um processo cuja reversão é impossível. Uma vez tendo ocorrido o ato, nada pode ser feito a ponto de anular seu acontecimento. Além disso, prever com rigor as conseqüências de uma ação nunca estará ao nosso alcance.

O embaraço só encontra possibilidade de ser resolvido através daquilo que é inerente à própria ação enquanto potencialidade. A faculdade de perdoar é a única solução possível para a irreversibilidade do processo que a ação coloca em movimento. A imprevisibilidade, por sua vez, somente pode ser remediada pela faculdade de prometer e cumprir promessas. Há correspondência entre as duas capacidades. A primeira desfaz atos passados. A segunda cria certas *ilhas de segurança* no futuro, que é *por definição um oceano de incertezas*. Perdoar e cumprir o que se promete equilibra as relações entre os homens.

Se não fôssemos perdoados, eximidos das conseqüências daquilo que fizemos, nossa capacidade de agir ficaria, por assim dizer, limitada a um único ato do qual jamais nos recuperaríamos; seríamos para sempre as vítimas de suas conseqüências. Se não nos obrigássemos a cumprir nossas promessas, jamais seríamos capazes de conservar nossa identidade; seríamos condenados a errar, desamparados e desnorteados, nas trevas do coração de cada homem, enredados em suas contradições e equívocos – trevas que só a luz derramada na esfera pública pela presença de outros, que confirmam a identidade entre o que promete e o que cumpre, poderia dissipar. Ambas as faculdades, portanto, dependem da pluralidade; na solidão e no isolamento, o perdão e a promessa não

¹²⁵ ARENDT, H. – A Condição Humana. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1993.

chegam a ter realidade: são, no máximo, um papel que a pessoa encena para si mesma¹²⁶.

Hannah Arendt progride em seu raciocínio – já audacioso – e, mais corajosamente ainda para uma filósofa (de quem se esperaria completo ceticismo), afirma ter sido Jesus de Nazaré o descobridor da importância do ato de perdoar para a convivência entre humanos. E acrescenta: *O fato de que ele tenha feito esta descoberta num contexto religioso e a tenha enunciado em linguagem religiosa não é motivo para levá-la menos a sério num sentido estritamente secular.*

Segundo a autora, Jesus sustenta o argumento de que o perdão deve ser mobilizado pelos humanos entre si, pois este poder – a faculdade de perdoar – não deriva de Deus, nem é Ele o único a dispor dessa capacidade. Ao contrário, *se cada um de vós, no íntimo do coração, perdoar, Deus fará o mesmo.* Isso não se aplicaria a casos extremos, mas ao pecado, que é evento cotidiano. O perdão libera os homens daquilo que *fizeram sem o saber.* O perdão concede novo significado ao pecado.

Somente através dessa mútua e constante desobrigação do que fazem, os homens podem ser agentes livres; somente com a constante disposição de mudar de idéia e recomeçar, pode-se-lhes confiar tão grande poder quanto o de consistir em algo novo. [...] O perdão é o exato oposto da vingança, que atua como *reação* a uma ofensa inicial, e assim, longe de porem fim às consequências da primeira transgressão, todos os participantes permanecem enredados no processo. [...] O ato de perdoar jamais pode ser previsto; é a única reação que atua de modo inesperado e, embora seja *reação*, conserva algo do caráter original da ação. Em outras palavras, o perdão é a única reação que não apenas *re-age*, mas age de novo e inesperadamente, sem ser condicionada pelo ato que a provocou e de cujas consequências liberta tanto o que perdoa quanto o que é perdoado. A desobrigação mencionada nos ensinamentos de Jesus sobre o perdão é a libertação dos grilhões da vingança, uma vez que esta prende executor e vítima no inexorável automatismo do processo da ação que, por si, jamais chega necessariamente a um fim.

¹²⁶ ARENDT, H. – A Condição Humana. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1993.

O âmbito do perdão é sempre um tema personalizado: *o que foi feito é perdoado em consideração a quem o fez*. Desta feita, somente o amor é que pode admitir a faculdade de perdoar. O amor revela *quem ama e quem é amado*. *O que* a pessoa amada é – perfeições e imperfeições – não desfaz nem refaz o anteriormente dito. Prevalece *quem* sobre *o que*. O amor une os que se amam de tal forma a afastá-los dos outros. Somente um filho – decorrência de amar – é que pode separar os enamorados. Através dele, acrescentarão um novo mundo ao mundo existente: retornam ao mundo do qual o amor os segregou.

A natureza do amor transcende o mundo. Por isso mesmo é que ele se constitui como uma das mais poderosas forças humanas anti-políticas. Além disso:

O que o amor é em sua esfera própria e estritamente delimitada, o respeito é na esfera mais ampla dos negócios humanos. Respeito é uma espécie de “amizade” sem intimidade ou proximidade; é uma consideração pela pessoa, nutrida à distância que o espaço do mundo coloca ente nós, consideração que independe de qualidades que possamos admirar ou de realizações que possamos ter em alta conta. Assim, a perda do respeito nos tempos modernos, ou melhor, a convicção de que só se deve respeito ao que se admira ou se preza, constitui claro sintoma da crescente despersonalização da vida pública e social. [...] Ninguém pode perdoar-se a si próprio [...] Dependemos dos outros, aos quais aparecemos numa forma distinta que nós mesmos somos incapazes de perceber. Encerrados em nós mesmos, jamais seríamos capazes de nos perdoar por algum defeito ou transgressão, pois careceríamos do conhecimento da pessoa em consideração à qual se pode perdoar.

Retomemos nosso depoente.

Inicialmente, Nilce descreve as agruras a que esteve submetido quando começa a trabalhar na USP sob a supervisão de Moisés. Os dissabores, ainda que indireta ou timidamente, estavam associados a *alguém* que patrulhava o empenho daqueles trabalhadores. O cachimbo – aquele mesmo que mais tarde presentearia o amigo com um relógio de próprio uso – era *quem* bronqueava com Nilce e os outros. Em ambas as situações, o que precisamos frisar é que Nilce considerou *alguém*. Não se trata de uma

postura por parte dele de mensurar prós e contras referentes às atitudes do chefe, avaliar se foram mais coisas ruins do que boas, ou vice-versa.

A lembrança do presente surgiu como expediente, uma forma de trazer à tona o fato de que Nilce reconhecia um humano ali, *alguém* agindo, sendo ora generoso ora rude. O perdão, ao que tudo indica, somente foi possível por isso.

A convivência de mais de treze anos com o ex-gari me faz intuir que tais divagações são coerentes. Nilce não é um homem fraco, sem energia. Engana-se quem aposta numa certa debilidade de sua parte para explicar aparente neutralidade quando fala dos ex-chefes. Está longe de ser alguém ingênuo ou abobalhado. Trata-se de um homem doce, isso sim. Coisa que faz dele alguém sempre disposto a escutar o que temos a dizer e a ouvir também além de nossas palavras.

Essa é a razão pela qual defendo a tese de que Nilce não subestima a aspereza de Moisés. Não obstante, ele o perdoa. O fato em si – o perdão – vem como metáfora. O relógio – presente tão estimado – é muito mais que um mostrador de horas e minutos: é signo do que o tempo pode curar.

Neguinho não ignora o que tenha se passado, e faz uma análise pessoal sobre os acontecimentos. Moisés, para ele, às vezes parecia ser muito inocente. Tal característica, para exercer a função que ocupava, frequentemente colocava o cachimbo em situações de evidente impasse. Por outro lado, Nilce também considerava o amigo um chefe autoritário.

Eu acho que ele... Coitado!... Acho que ele não tinha malícia das coisas. Achava que tinha que ser tudo do jeito dele, o que ele quiser está feito, e de repente ele magoava alguém. Magoava a gente. Parece que ele não tinha noção assim do que estava fazendo.

Não obstante, logo em seguida Nilce contradiz a impressão de que o antigo chefe era ingênuo. Ao contrário de ser caracterizado por uma certa candura, Moisés agora é descrito como um mandatário astuto, que sabia muito bem com quem estava lidando e quem eram cada um de seus subordinados.

Ele fazia, ele sabia o mato que ele lenhava. Se ele vinha falar com um cara que ele via que não era boa pinta, ele maneirava. Agora, do contrário, ele fazia o que fez com a gente. Mas se ele via um cara

que era meio espinhoso – na linguagem da gente – ele também maneirava. ‘Ôpa, com esse aí eu não posso mexer, não!’. Mas se ele pegava um cara fraco igual a eu assim, aí ele ia pra cima. Até quando a gente pegou a manha dele também, pra cortar o barato dele. Pra mim, o jeito de ele tratar a gente era um pouco de falta de consideração, de falta de respeito. Ele tinha que tratar a gente diferente. A gente fazia tudo pra colaborar com ele, e ele... ..

Fiquei bem pouco bom à vontade neste trecho da entrevista. E não era sem razão. O que dizer? Como saber a respeito do assunto sem me sentir estranho? Seria possível a imparcialidade? Moisés e Nilce: na USP, cidadãos pobres que se encontravam em circunstâncias fortemente marcadas pela ordem hierárquica¹²⁷. Moisés e Nilce: dois amigos meus.

A força da hierarquia dentro da Prefeitura Universitária se alimentava da necessidade de subsistência de cada trabalhador. As retaliações, a ameaça, intimidavam e faziam silenciar. A experiência de sujeição faz falar no corpo e no olhar suas respostas mais violentas. O corpo e o olhar de Nilce, o corpo e o olhar de homens rebaixados podem parecer sem vida, quase petrificados; sintomas dos frequentes impactos traumáticos: experiências pontiagudas de rebaixamento político.

O Reitor ordenava coisas ao Prefeito, que era chefe de Valmir. Valmir – que já recebera instruções “superiores” – gesticulava brutalmente com Gedeon. Este, por sua vez, não tardava em esbravejar com Moisés que, em seguida, surrava seus subordinados com grosserias. O que vinha “de cima para baixo” chegava por inteiro: a expectativa de sujeição, a insensibilidade, a exigência de subordinação e cumprimento do que é ordenado. Rápido. Quanto mais rápido, menos pior.

A experiência de sujeição normalmente encontra no corpo e no olhar suas respostas mais imediatas: reações instantâneas, gestos interrompidos antes mesmo de acontecerem, embotamento; expressões disparadas a partir de um encontro desequilibrado, a partir da sensação de estar sob comando de força, força bruta. O olhar

¹²⁷ “Por que essa afirmação tola de que a força não consegue aniquilar os valores espirituais? Quantos povos, quantas religiões desapareceram sob a violência, de tal forma que nem sua lembrança ficou? (...) A força separa os homens, gera um entendimento divisor, discriminador. A força pode até arrancar o pensamento de seus objetos de eleição e conduzi-lo a uma obsessão que não escolhemos. Só é possível amar e ser justo quando conhecemos o poder da força, sua penetração na consciência, e quando sabemos afrontá-lo”. ¹²⁷ WEIL, S. – A condição operária e outros estudos sobre opressão. São Paulo, Paz e Terra, 1996, p. 57.

fica pálido, o corpo parece comprimido. Não obstante, qualquer palavra, mesmo tímida, mesmo subserviente, pode implicar broncas ainda mais duras, humilhações ainda mais severas. Diante de Moisés, Nilce se continha.

O ritmo de trabalho deve atender às exigências “superiores”. Tudo tem que ser feito com muita rapidez. Por isso mesmo, trabalhar sem a presença de chefia, alguém que controle a velocidade que se imprime à tarefa, permitia assumir o serviço de outra maneira, permitia até reapropriar-se do ritmo natural do próprio corpo¹²⁸. Na presença do chefe, deve-se trabalhar como máquina, a mente e os sentimentos devem se dobrar. *Não adianta brigar. Não adianta mesmo.* Mostrar que pensa, mostrar que tem sentimentos pode valer uma demissão, pode ameaçar a sobrevivência da família. Trabalha-se para comer. Come-se para trabalhar. No final do mês vem a recompensa; pequena, miúda. Mas vem. É dinheiro pouco, mas fora daí recebe-se menos; então é preciso valorizar o pouco que se recebe. Nilce expressa preocupação: as condições referentes ao mercado de trabalho não favorecem quem está a procura de serviço. *A gente não encontra outro emprego.* Então é preciso novamente dobrar-se e permanecer calado. *Não adianta brigar. A gente é pequeno.* Nilce parece conformar-se, precisa incorporar o servilismo, aceitar a submissão, manter a cabeça sempre baixa diante do patrão. *Tem que agradar o pessoal lá de cima. [...] [Moisés] Falava duro comigo. Eu pensava: puxa vida! Esse homem aí não vai deixar eu passar nem na experiência, viu?!*

Simone Weil, em seu belíssimo diário sobre a condição operária, certa altura nos diz:

Quer se esteja irritado, triste ou desgostoso, é preciso engolir, recalcar tudo no íntimo; irritação, tristeza ou desgosto: diminuiriam a cadência. E até a alegria. As ordens: desde o momento em que se bate o cartão na entrada até aquele em que se bate o cartão na saída, elas podem ser dadas, a qualquer momento, de qualquer teor. E é preciso sempre calar e obedecer. A ordem pode ser difícil ou perigosa de se executar, até mesmo inexecutável; ou então, dois chefes dando ordens contraditórias; não faz mal: calar-se e dobrar-se. Dirigir a palavra a um chefe (mesmo para algo indispensável) – é sempre, ainda que se trate de um ‘cara legal’ (até

¹²⁸ Nilce falará adiante a respeito disso, quando conta de quando foi deslocado de sua função original ali na USP.

os ‘caras legais’ têm momentos de irritação), expor-se a uma bronca; e quando isso acontece, mais uma vez é preciso calar-se. Engolir os nossos próprios acessos de enervamento e de mau humor; nenhuma tradução deles em palavras, nem em gestos, pois os gestos estão determinados, minuto a minuto, pelo trabalho. Essa situação faz com que o pensamento se dobre sobre si, se retraia, como a carne se contrai debaixo de um bisturi. Não se pode ser ‘consciente’.¹²⁹

A força da hierarquia dentro da Prefeitura Universitária se alimentava da necessidade de subsistência de cada trabalhador. Muito do que ali acontecia nesses termos – a cabeça baixa, a voz calada, a sujeição – dependia inevitavelmente da pressão que é não ter garantias sobre o pão do dia seguinte. Simone Weil já observara na Europa dos anos ’30 que as pessoas que se mantinham sob a obsessão de ter que contar os centavos viviam como que numa escravidão. Nilce e Moisés – e outros trabalhadores da USP – não estavam distantes desta realidade, embora não avaliassem tal estado de um ponto de vista histórico-político.

Nilce tinha receio realmente. Na sua fala, nas suas atitudes, no seu olhar, o medo configurava-se como traço marcante. Os garis sentiam-se pequenos. Mesmo o amigo de anos, caso sua função assim exigisse, podia delatar qualquer um que desrespeitasse a norma institucionalizada. Diante da Organização Burocrática, todos pareciam igualmente diminutos: chefes e subalternos. Os garis, a quem nunca era permitido deixarem a condição de pequenos, nunca mesmo, nesse caso tornavam-se ainda menores.

A circunstância de ter de se portar conforme uma determinada função, *saber qual é o seu lugar*, produz sintomas. Quando reunidos durante o expediente – no vestiário, no bandeirão, no circular – as atitudes dos garis pareciam representar a regressão que lhes é impingida: um humano ter de se calar diante de outro humano (e se curvar!) mesmo quando tem razão. Muitas vezes, os trabalhadores pareciam agir como crianças perante um pai bravo e autoritário, crianças que não podiam ter voz. Na presença do mandatário, emudeciam. Na sua ausência, pareciam estranhamente excitados: falavam alto, muito alto, gritavam, xingavam uns aos outros. Esse tipo de conversa – embrutecida, abreviada – faz pensar em protesto, alguma forma de descarga.

¹²⁹ Weil, S. – A condição operária e outros estudos sobre a opressão. São Paulo, Paz e Terra, 1996, p. 79.

Ainda assim, sendo conversa, é revelação: é gente que está ali, não é coisa, fala. Falar, nessas circunstâncias, era reação humana. Mesmo quando gritavam ao invés de simplesmente falarem, mesmo até quando se xingavam entre si, os garis faziam ver que estavam vivos, faziam ver que, vez ou outra, humanos encontram meios e lugares nos quais podem se manifestar enquanto tais.

Moisés, por todas essas coisas, personificava a *força*¹³⁰ dentro da turma de varredores. Era instrumento através do qual o comando incontestável aparecia e atuava ali. O peso dos cargos e das funções hierarquicamente acimadas era extraordinário. O cachimbo, vez ou outra, ficava sem poder. Mas devíamos dizer que, os chefes, quando assumem chefias (Moisés ou, acima dele, Gedeon; Gedeon ou, acima dele, fulano, beltrano, e assim sucessivamente), deixam de ser chefes de si mesmos e, ainda que esforcem-se por acreditar serem comandantes, não o podem afinal: *quem* comanda é a própria hierarquia, o sistema de comandantes sobre comandantes, ..., sobre comandados.

Nas circunstâncias em que Moisés sentia a *força* ao invés de aplicá-la, percebia-se invisível, desconsiderado. Mas a força do sentimento sugere que, afinal, mesmo antes, já se sentia invisível. Sua invisibilidade apenas temporariamente aliviada pela débil condição de *cachimbo*, confirmava-se e então apenas adquiria cores mais fortes, mostrava-se em tons berrantes. Moisés, ali, em comando como *cachimbo*, era ferramenta também, subordinado aos ditames impessoais da Burocracia, da Organização, da Hierarquia. Se o homem não aparece como alguém que age e fala, reconhece o mundo, reflete e opina acerca dele – deixou de aparecer como cidadão. A desqualificação do poder de interpelarmo-nos uns aos outros, sem recurso à força, obriga sem êxito esperar ainda da força, do cargo, o que nem força e nem cargo podem prover. Por que ter de tratar com os chefes do chefe? Sem poder, apenas desejando valer-se do recurso à força, Moisés ficava impotente.

Nilce não era consultado – assim como nenhum de seus companheiros garis – sobre quais deveriam ser as empreitadas mais urgentes. Também não lhe era conferida a possibilidade de escolha de suas ferramentas. No ambiente de trabalho, o empenho braçal costumava ser a exigência única. A severidade com que isso ocorria, em frequência repetitiva e caráter autoritário, fabricava e promovia, incessantemente,

¹³⁰ “A *Iliada* ou o Poema da Força”. In: WEIL, S. – A condição operária e outros estudos sobre a opressão. São Paulo, Paz e Terra, 1996, pp. 379 - 381.

relações desniveladas. Os homens aí envolvidos não apareciam por suas capacidades. De modo distorcido, apresentavam-se como representantes de cargos determinados. Desse modo, não apareciam as pessoas, apareciam as funções. As funções hierárquicas mais acimadas apareciam mais. Quanto mais “inferiores” os cargos, menos eles apareciam. Nilce aparecia lá embaixo: não comandava ninguém, era sempre comandado.

Para ele, as experiências como mestre-cuca no viveiro eram fundamentais. A partir delas é que o gari se libertava. Era *ele* o escolhido, distinção que nada tinha a ver com desempenho na varrição ou na coleta do lixo. Ali, de fato, ele aparecia como *alguém*.

A assunção da função profissional – não o desempenho comum das tarefas, das obrigações rotineiras, mas o incorporar que esvazia o homem e, em seguida, o preenche de protocolos – esconde as singularidades do indivíduo. A mesmice dos uniformes encontrava eco no discurso, na atitude de cada sujeito, que, na verdade, quase deixava de sê-lo: vestia e interpretava a roupagem burocrática de sua ocupação, precisava se tornar objeto. Ficava, de fato, invisível.

A invisibilidade pública só pode encontrar remédio na amizade. A afeição, a simpatia, o apreço pelo amigo é o que nos resgata da vala comum. Um companheiro que nos se apega eleva nossa dignidade, restaura nossa humanidade corroída pelas conseqüências da reificação. Nilce teve ótimos amigos ao longo de sua vida e também na USP. No final de tudo, como ele mesmo conta, até Moisés mudou de atitude. Perguntei ao Nilce a respeito do assunto, quem teria sido seu camarada mais próximo nos tempos de varrição:

Olha... ... Amizade, eu tinha com todos, brincava com todos, que toda brincadeira é sadia, com todo respeito. Joãozinho... ... Ó, onde que eu fuuuuui. Lááá do outro lado. Aquele lá era uma pessoa assim, como se diz, “pau pra toda obra”. Às vezes, eu sonho com ele também, viu?! Sonho com a gente conversando, as brincadeiras da gente. Nunca mais ele apareceu, não. Nunca mais a gente teve contato. Tomara que ele esteja bem hoje. [...] Ele era uma pessoa que era muito dedicado pra tudo que você imagina. Às vezes, a gente sempre tomava nossa cervejinha junto, era uma pessoa que parece que... A mesma coisa que eu imaginava dele ele imaginava de mim também. Quando ele tinha alguma coisa boa assim ele nunca deixou de

lembrar de mim pra participar. Então, isso fica marcado pra gente. Às vezes, no caso, que a gente tomava cervejinha, outra hora que pudesse almoçar num lugar diferente, sempre ele... A primeira pessoa que ele convidava era eu. Então, isso aí fica bastante marcado pra gente, esses tempos que a gente conviveu junto. Quando eu comecei na USP, ele já estava com uma boa jornada de trabalho lá. Eu senti demais quando ele saiu. Senti um vazio. Todos os colegas, mas principalmente ele que era mais dedicado com a gente. A gente sente falta. Morava aqui no Jaguaré. Morava sozinho. Tinha a casa dele aí. Tinha uma em Itapevi também. Vendeu tudo e foi pra terra dele. Não sei se vendeu ou se deu pra filha dele morar. Uma coisa assim...

O distanciamento ou a intimidade com os parceiros de varrição não raramente eram ajuizadas de acordo com a solidariedade ou rivalidade entre *trabalhadores*. Nesse sentido, o apreço ou despreço mediados pelo trabalho comum foi notável também nos tempos de USP. Problemas originados no trabalho – ou externos – que pudessem atrapalhar o desempenho nas tarefas do dia-a-dia, são constantemente lembrados na decisão de quem esteve ao seu lado ou não: o desacordo ou a zanga de alguns colegas ficaram marcados de acordo com essa avaliação. O trabalho cobrado, cansativo, vigiado, o trabalho que – não feito – pode comprometer a tranquilidade do sujeito, é, de fato, o que Simone Weil assinalara como uma situação que comprova a bondade dos outros. Tal condição não alavancou alguma forma de engajamento político de nosso depoente, infelizmente. Todavia, o companheirismo nunca deixou de comparecer nas relações estabelecidas em meio às batalhas do dia-a-dia.

Coisa corriqueira entre os trabalhadores, fato que demorei a reparar, é que a amizade raramente vence os sintomas do desenraizamento. Para quem deixou sua terra natal, parece muito difícil criar novos vínculos como aqueles outrora conhecidos em Machado, em Garanhuns ou outra cidade. Dos que se aposentaram, enquanto me mantive trabalhando entre os varredores nenhum mandou notícias ou retornou para rever os amigos. Moisés, Nilce, Manél, Chico, Bahia, Brás, Tião, Bambu, Chulé, Tonhão, Joãozinho. Meus amigos garís só se viam através de mim. Eram minhas as iniciativas para os encontros, eram minhas também todas as conversas necessárias para que eles ocorressem. Não que recusassem novamente se verem. Sempre havia disposição para isso. Não obstante, sempre foi evidente que algo os impedia. O que será? O que faz com que Joãozinho não tenha dado notícias durante tantos anos? O que

teria acontecido com Bahia, que sumiu no mundo e nunca mais soubemos algo a respeito? E os outros, qual o paradeiro? A amizade que é amola do destino, na cidade grande, esgarça. Os amigos se dispersam e perdem-se de vista.

*

O que vimos com relação ao empenho de Nilce nos seus empregos anteriores, repete-se quando ele assume o posto que tanto desejou ocupar na USP. Nunca chegava atrasado. Pelo contrário, era um dos primeiros a estar por ali, vendendo pão com mortadela em frente ao vestiário. Fazia de tudo um pouco, e raramente reclamando ou contestando.

Quando eu entrei – que na época era o Seu Marcelino, o supervisor – a gente não ganhava hora extra, não. A jornada de trabalho era de segunda à sexta, como é até hoje. E, às vezes, precisava de um grupo de pessoas pra fazer um serviço extra, dia de Sábado; mas não trabalhava o dia todo, não: era até meio-dia. Fazia uma reunião à tarde, chamava os funcionários e falava: ‘Fulano, a gente tem que fazer uma mudança aí no almoxarifado...’. Ali na entrada da Corifeu. Então, bem ali tem o almoxarifado da USP, que tinha que sair pro lado de fora do portão, pra levar papéis de arquivo, tirar lá da reitoria velha pra levar pr’ali. Uma hora era o caminhão baú, outra hora era o caminhão ‘truckado’. Chegava lá a partir das sete horas, não batia ponto, não. Era das sete ao meio-dia, e a gente tinha dois dias de folga na semana. A gente escolhia. E a maioria dos colegas de jornada de trabalho: ‘Que! Trabalhar dia de sábado pro Estado?!’. E toda vez que precisava, ia eu e mais alguns. Eu gostava de fazer as coxinhas, mas eu deixava de fazer as coxinhas pra ir lá. A prioridade era do serviço lá. ‘Opa! Primeiro lá na firma’. Em casa era um bico. Eles sabiam que eu não recusava. Quase todo sábado tinha essa jornada de trabalho, esse tipo de mudança de arquivo. Escalavam eu, e eu sempre nunca dizia não.

Nilce reparou que sua disposição lhe diferenciava, chamava a atenção dos chefes e poderia, por isso mesmo, trazer algum benefício futuro, ainda que a deferência fosse somente a estabilidade no serviço.

Ó, todos nós que trabalhávamos na limpeza tinha que fazer a correria, a mesma coisa: morreu um animal lá na grama – ou na avenida, que seja – às vezes chamava um dos meus colegas pra fazer o serviço, tinha deles que recusava: ‘Não, não, não. Vou fazer esse serviço essa hora aí?! Chama o Neguinho’. O encarregado, ao invés de debater com o cara – ‘ó você tem que fazer’ – , e sabia que eu nunca recusava... Às vezes, estava perto da hora do almoço assim, passava o rádio pela caminhonete, que tinha um animal morto, sempre escalava eu. Passava o rádio pro César lá, ele atendia: ‘Ó, tem um animal morto...’. Ele dizia: ‘Pô. Por que só escala você?’. Eu nunca recusava. Pra mim não tinha hora. Você vê? Tudo isso aí era ponto pra gente na jornada de serviço. E lá no D.P. também eles estavam sabendo de tudo. Eles sabiam que eu não recusava, que pra mim não tinha hora, e sempre bem humorado. Às vezes, estava até perto da hora do almoço, faltava quinze, vinte minutos pro almoço e passava o rádio. O César perguntava: ‘O que você acha? Quer ir agora ou depois?’. ‘Que nada! Vamos agora mesmo’. Chegava lá, rapaz, estava aquela coisa: fervendo de bicho! Perto da hora do almoço, ele perguntava: ‘Você vai fazer isso agora?!’. Eu dizia: ‘Eu vou’. Chegava lá, se desse pra ensacar eu ensacava. Senão, eu cavava um buraco e enterrava. Depois, já passava na São Remo, tomava uma e depois ia almoçar. [Ri]. Sem problema... Então, tudo isso aí era ponto na jornada de trabalho. Nunca recusei serviço quando eles pediam pr’eu fazer, e não tinha horário.

Quanto à saúde, coisa fundamental e tão cara para qualquer trabalhador braçal, Nilce teve sorte. Nunca se machucou seriamente ou sofreu de algum mal adquirido nas exigentes tarefas. Diferentemente dos colegas que sofriam com bico de papagaio, lesões por esforço repetitivo, ou outras, Neguinho nem resfriado ficava.

Trata-se, de fato, de um privilégio. Como salienta Simone Weil a partir de seus diários de fábrica¹³¹:

O patrão tem não apenas a propriedade da fábrica, das máquinas, não apenas o monopólio dos processos de fabricação e dos conhecimentos financeiros e

¹³¹ WEIL, S. – A condição operária e outros estudos sobre opressão. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

comerciais a respeito de sua fábrica, como pretende ainda ter o monopólio do trabalho e dos tempos de trabalho. O que resta aos operários? Resta-lhes a energia que permite fazer um movimento, o equivalente à força elétrica; e a energia operária é utilizada exatamente como se utiliza a eletricidade (...) a monotonia no trabalho começa sempre por ser um sofrimento.

Por isso mesmo é que:

O tema da saúde é recorrente no depoimento de trabalhadores. A saúde é virtude corporal por excelência. E o corpo é apanágio do homem proletarizado: aquele que foi espoliado, oferece o que resta – sua força muscular – como mercadoria para a venda em troca do salário. A saúde do corpo polariza sua segurança psicossocial¹³².

Vejamos o que o próprio Nilce nos diz sobre o tema.

Olha... Quando eu entrei lá, fiz os exames médicos, estava tudo bem e continuou tudo bem. E lá eles cuidavam muito bem da gente também. Tinham aqueles exames periódicos que chegava o tempo certo a gente ia fazer. Nunca deu problema no tempo em que eu trabalhei lá. Problema de pressão alta eu sempre tive, e tenho até hoje. Mas lá, graças a Deus, eu entrei sem problema e saí sem problema. Agradeço demais. Nessa parte de saúde eles se preocupavam muito com a gente. Qualquer dorzinha, eles falavam: ‘Vai ao médico’. De todo esse tempo – dezessete anos e dez meses que eu trabalhei lá – se eu tivesse com três atestados de afastamento é muito. Acho que nem isso. Mas a maioria dos colegas teve alguma coisa. Dor nas costas, por exemplo. O Brás. O Moisés mesmo teve. O problema do Brás foi muito sério. Não podemos julgar, porque a gente não conhece o organismo da pessoa. Não dá pra falar que é fingimento. O Brás não podia nem levantar o corpo por causa do problema de coluna. Rapaz, nesse tempo todo, subindo e descendo de caminhão, e tudo, graças a Deus nunca tive esse problema.

¹³² GONÇALVES FILHO, J. M. – “Humilhação Social: um problema político em psicologia”. In: Psicologia USP. São Paulo, v. 9, n.2, 1998, pp. 11-67.

Coxinha só penou uma vez. E foi o suficiente.

Eu só tive problema quando tive o acidente da bicicleta. Eu fiquei o que... ... Sete... Eu fiquei nove meses afastado do serviço. Deslocou aqui o nervo do meu tornozelo. Quando inteirou os nove meses, eu fui fazer a perícia lá no, lá perto da igreja de Mont Serrat, lá em Pinheiros, e doía pra caramba ainda. Eu falei: ‘Nossa! Eu tenho que sair fora da ‘Caixa’¹³³’. Recebia todo mês os trocos direitinho. Mas eu fiquei pensando: ‘Está chegando o ano de eu me aposentar. Quanto mais tempo eu ficar na ‘Caixa’, mais tempo eu vou ter que pagar depois’. Como, de fato, eu tive de pagar trabaçando. Se eu ficasse dois anos, eram mais dois anos que eu tinha que ficar trabaçando. Quando eu cheguei lá na sala de perícia, estava doendo. Eu fui sem a bengala, sem nada. O médico falou – que ele não examina, nem nada: ‘Como é que está. Está bom?’. Tive que entrar sem mancar lá na sala do médico. Quanto mais tempo afastado, mais tempo demora pr’eu me aposentar. Eu já tinha essa orientação de pessoas de fora. Eu cheguei lá, e aí ele me deu a... O papel de alta – que eu pedi alta.

Para quem o corpo é a única empresa, para quem vive sem descanso durante décadas, para quem sente o terror de ver ameaçada sua sobrevivência e a de sua família, a aposentadoria é um porto seguro. O trabalhador, sempre impedido de almejar uma carreira profissional porque lhe falta qualificação técnica ou escolar, planeja apenas alcançar aquela remuneração após ter completado os anos de trabalho exigidos pela legislação. Aposentar-se pode significar, pela primeira vez na vida, respirar mais aliviado. Verdade que o dinheiro continua curto e o salário recebido reedita parte da opressão do qual foi vítima durante anos a fio. Não obstante, atingir tal estágio não deixa de ser uma conquista, senão profissional e política, pelo menos psicológica.

Eu cheguei na USP: ‘Você é doido, rapaz?! Está aí mancando e pediu alta! E se você piorar?!’. ‘Não, mas não vai piorar, não’. Chegou lá, a Márcia foi legal comigo; ela falou: ‘Você não vai trabalhar no campo, não. Vai ficar fazendo algum servicinho aqui dentro...’. Colaborou demais comigo e isso eu agradeço também a ela, a Márcia. Isso eu agradeço,

¹³³ Caixa Econômica Federal.

porque ela teve esse peso de consciência. O Gedeon, que já era supervisor também e colaborou comigo nesses momentos. Tudo isso aí fica marcado pra gente.

Naquele local de trabalho em que – como todos os outros que conheceu – pouco reconhecimento lhe era outorgado, a compreensão dos chefes imediatos torna-se inesquecível. Márcia e Gedeon – pessoas com quem convivi durante anos – não eram de atitudes mais generosas que burocráticas. Ao contrário, mantinham sempre um certo distanciamento dos trabalhadores. Gedeon, a bem da verdade, era muito mais humilde; freqüentava os mesmos vestiários, o mesmo refeitório, as mesmas dependências de seus subordinados. Entretanto, estava sempre espremido entre a convivência amistosa com os garis e a assunção de suas atribuições hierarquicamente acimadas.

Não obstante, tudo que veio como deferência Nilce guardou. Neguinho não esquece de ninguém. Quem, no lugar de fechar-se, estendeu a mão, ele faz questão de nomear.

Na doença da minha esposa, o que eles puderam fazer pra mim, fizeram, na assistência social que é a Dona Vera, o pessoal do transporte, tem o Seu Onevaldo, Seu Leonel. Às vezes, não tinha o motorista de jornada pra fazer a correria com minha esposa, eles liberavam até o lavador de carro. Porque o lavador de carro também era motorista. Tirava o rapaz da lavação de carro pra fazer a correria. Agora, eles só não faziam quando não tinha mesmo como deslocar uma pessoa. Às vezes, estava faltando motorista e não tinha outra pessoa disponível. Eles falavam: ‘Ô Neguinho, hoje não dá pra te arrumar um carro...’. Ou: ‘Tem motorista, mas não tem carro’. Mas sempre liberavam eu pra fazer a correria com ela. Nunca deixou de prestar o socorro. Tem isso de bom que eu tenho pra falar de lá. Foi muito bom pra mim. Nossa! Tenho que agradecer esses anos que eu trabalhei lá porque pra mim ficou na saudade. Coisa ruim nunca teve.

Gratidão é o que mais marca o que nosso depoente nos conta acerca do tempo em que foi funcionário na Cidade Universitária. Faz questão de ressaltar como ficou satisfeito por todos esses anos trabalhados ali. Sente saudade.

Tenho que ir lá fazer uma visita pros meus colegas, porque graças a Deus eu saí de lá de cabeça erguida, com os colegas de campo, com a turma do departamento pessoal, tudo me adora do jeito que eu sou, o transporte que foi muito bom comigo também. Inclusive, a senhora lá... A assistência social lá... A Dona Vera. Eu devo muito pra ela, que ela fez a papelada pra mim pra liberar o transporte pra eu fazer a correria com a Elza. Só quando não tinha motorista ou quando não tinha carro... Fez tudo isso aí. Sempre perguntava pela Elza. [...] Ali, rapaz, eu saí dali tão limpo! E tenho saudade de todos! Colega de serviço de todas as unidades ali dentro. O que eu precisar do pessoal lá eles estão prontinhos pra me servir.

A saudade dos colegas faz conhecer detalhe importante e mencionado diversas vezes durante as entrevistas ou no entorno delas: o alcoolismo.

A colegeice é a gente que faz. Eu saí bem com todos os departamentos lá, que tem muitas repartições entre os colegas, outros têm as revoltas deles lá um com o outro.... Ontem mesmo eu fui lá, os colegas vêm a gente. Nossa! Não sabem o que fazer. Por que? Porque a gente tem lá as boas amizades, as comunicações. Inclusive, os barzinhos que eu freqüentava na hora do almoço... [Ri]... É no bar, quando a gente tem essas comunicações, você tem mais colegas.

A relação que Nilce estabeleceu com a cachaça sempre foi motivo de inquietação entre seus familiares. Preocupação em vão. A companhia dos colegas nos botecos próximos à USP, encontros celebrados com aguardente e que funcionavam como um tempo de transição (do sentimento de sujeição à sensação de liberdade), constituíram-se como possibilidade única de descompressão daquelas almas oprimidas durante o expediente. *É no bar, quando a gente tem essas comunicações, você tem mais colegas.* O ambiente de trabalho – como já fizeram notar todos os grandes autores que se interessaram pela condição dos trabalhadores braçais – dificilmente é lugar saudável. A insalubridade, nesse sentido, abrange desde o ar que se respira até a falta de ferramentas adequadas ou de técnicas que respeitem o corpo do sujeito ali empenhado.

Fossemos aprofundar o assunto sobre as conseqüências do trabalho subalterno e degradante, não poderíamos dispensar uma discussão acerca de como as bebidas

alcoólicas são parte do cotidiano dos garis e de outros indivíduos rebaixados politicamente.

Outra pessoa assim que morreu abestalhadamente foi o Ciço testinha. Tudo por causa de pingaiada. Disse que ele discutiu com um vizinho dele lá, e ele andava armado direto com uma faquinha – essas faquinhas de cortar pão. Ele foi discutir com o cara, o cara com a própria faquinha dele furou ele. Ele furou o cara com a faquinha e o cara pegou a faquinha e furou ele. O cara está vivo até hoje, e ele foi fatal. Trabalhava na USP ainda. A gente teve a notícia numa segunda-feira, que foi no final de semana. Mas ninguém acreditava quando veio a notícia. E foi num boteco. O Ciço era muito legal, mas quando bebia ficava chato. Onde ele estiver, tudo bem. Mas quando ele bebia, a gente tinha que tolerar ele. Pra estranhar uma pessoa não custava nada, pra arrumar briga. Você vê a bebida como é que faz. Era mão aberta. Principalmente quando bebia. Principalmente. E como colega de trabalho era bom também, mas pra ele sair fora do sério não custava nada. Ele e o Tonhão estavam sempre encrencando. E com o Moisés também. Nossa! Xingava o Moisés todinho! Vixe!

*

A maneira como Nilce interpreta sua passagem pelos diversos empregos que teve – bem como sua relação com os chefes – evidencia contradição, como já discutimos anteriormente. A esfera desses vínculos na USP não foge à regra. Diga-se ainda a esse respeito, se pairar dúvida, que não há de minha parte qualquer intenção de lhe condenar nesse sentido. Não gostaria de ver este trabalho como expediente de acusação ou mais uma ferramenta opressora, que responsabiliza a vítima pelo próprio mal que sofre (grande parte das vezes inconscientemente). A intenção em apontar tais circunstâncias, pelo contrário, tem origem no desejo de saber diagnosticado um problema que é, ao mesmo tempo, agudo e crônico. Nilce não é o primeiro – tampouco o único – a estar sob os efeitos negativos e enigmáticos do rebaixamento moral e sobretudo político.

Solicitar do sacrificado uma compreensão satisfatória acerca das motivações do seu sacrifício é o mesmo que exigir do acidentado as explicações factuais pelo fato de

algo lhe ter atingido inesperadamente. Nós é que devemos – a partir do que é contado – reconstituir a cena e as circunstâncias.

Como eu trabalhei na USP dezessete anos e dez meses, que eu recebi o diploma que o prefeito [da Cidade Universitária] mandou, isso pra mim é um símbolo, é uma grande honra. Ele mandou num papel de cartolina assim. O que eu fiz? Passei numa vidraçaria, coloquei naquele quadrozinho, e agora vou passar lá no departamento pessoal pra eles verem o respeito que eu tenho por esse símbolo que ele mandou pra mim. Que é difícil. [...] Eu saí. Um mês depois, mandaram uma carta pra eu comparecer ao departamento. Cheguei lá, era uma carta de agradecimento que o prefeito me deu. [...] Ele deixou lá com a secretária. Ela chama... Como é que ela chama mesmo?... ... Ah, Inês! Que era a coordenadora do departamento pessoal. Eu fui lá pensando que era outra coisa, que tinha dado algum problema. Eu cheguei lá, pra mim foi uma grande surpresa. Me deu um papel de cartolina assim – é aquele quadro que está lá em casa – e qualquer momento eu vou levar esse quadro lá também pra agradecer essa... Assim... ... Pra mim, foi um diploma. Eu vou mostrar pra eles como eu estou conservando aquilo com... Agradecimento também, por eles terem feito isso por mim. Porque, pra mim, isso é um documento que eu tenho que guardar por todo o tempo, pros netos verem, os filhos... E parentes...

Tirar leite de pedra é das coisas que melhor faz, tal qual ficamos sabendo quando, diante desse certificado impessoal e inosso, Nilce transforma a gorjeta em diploma elevado e enquadrado.

Nilce se aposentou. É uma grande conquista. Pensando a respeito da vida que teve, desde o início instável, dependendo aqui e ali da sorte, dependendo mais ainda de superações – lutar contra a fome e o frio; não esmorecer frente à quantidade de serviço por realizar; manter-se com o dinheiro curto, contado; ser arrastado para longe da família; deixar sua terra natal – não há como não considerar um grande alívio alcançar a atual tranquilidade.

Aparentemente, Neguinho já havia traçado esse plano: uma casa própria, as filhas criadas e estudadas, algum tempo de vida sem ter que se submeter ao trabalho diário extenuante. Considerando a infância pobre, sem pai; encarando o sofrimento na

lavou e mais tarde a vida fazendo limpeza; refletindo acerca da condição de analfabeto; Nilce é um vencedor. Talvez isso nos ajude a compreender seu semblante sereno e seu bom humor contagiante. Estar perto dele é sentir esperança.

Não obstante, como pondera Simone de Beauvoir¹³⁴, nas classes pobres a satisfação do velho por sua aposentadoria deveria ser refletida e problematizada. Trata-se, na verdade, de uma desonra. *A degradação senil começa prematuramente com a degradação da pessoa que trabalha*, ensina a pensadora. Consumida toda sua força de trabalho, é tido e tratado como um peso para sua família, sente-se um pária. Se o trabalhador aposentado se angustia pelo vazio dos seus dias atuais é justamente porque, antes, sua vida já esteve o tempo todo alienada, sugada de sentido como energia esgotada no trabalho braçal.

Como deveria ser uma sociedade para que, na velhice, o homem permaneça um homem? A resposta é radical para Beauvoir: “Seria preciso que ele sempre tivesse sido tratado como um homem”¹³⁵.

Retomando Nilce:

Logo no meu primeiro dia de trabalho eu já me sentia muito feliz. Sem problema, e já pegando os macetes do serviço. Cada dia melhorou mais. Nossa! Você vê, depois que eu passei uns anos lá, depois de uns cinco anos, me chamaram pr’eu trabalhar de ajudante no caminhão, direto. Eu fiquei trabalhando na caminhonete com o César. Trabalhei dez anos, só na caminhonete, até o fim da jornada. Me adaptei bem também. Tanto que... Quando eu estava pra aposentar ‘Puxa vida...’, o César, meu colega: ‘E agora? Como é que eu vou arrumar um outro ajudante igual a você pra trabalhar?’. A gente já tinha se adaptado bem, nosso ritmo de trabalho. Nem precisava de encarregado ficar coordenando o serviço pra gente, que a gente sabia tudinho.

Nunca ouvi nada de Nilce que pudesse sequer parecer vingança ou revanche. Trata-se de um homem de coração puro. Desforra não parece ser palavra presente em seu dicionário. Ao contrário, deseja sempre o melhor para qualquer um que ele

¹³⁴ BOSI, E. – Memória e Sociedade: lembrança de velhos. São Paulo, Cia. das Letras, 1994.

¹³⁵ Op. Cit.

conheça. Curioso o sentido que ele imprime aos fatos. Alguns o tomariam por ingênuo, mas já constatamos a perspicácia do depoente. Outros chamariam a atenção para ausência de ambição, pois Nilce não compete. Eu discordo, e argumento em favor de tudo que ele alcançou, mesmo sem ter completado seus estudos.

A fé que tem no *bem* é via de mão dupla. Não deseja *mal* a ninguém. Da mesma forma, em princípio, pode confiar em qualquer um.

A ida:

Do jeito que eu entrei feliz, eu saí feliz também. Até o último dia. [Ri]. Fica assim um pouco marcado... Éééé... ... [Fica com os olhos marejados]. A gente sente falta dos colegas que a gente tem que deixar pra lá. Não deixar pra lá, porque qualquer momento eu vou lá fazer uma visita pra eles... ... Qualquer hora também tem que... ... Inclusive, o César foi uma pessoa que me ajudou muito lá. Até na conta bancária, se você quer saber. O César, ele controlava minha conta bancária. Até hoje, se eu precisar dele, eu vou lá e ele me ajuda pro que eu precisar. Tenho muita saudade dele. Sinto muito a falta dele, da nossa jornada de trabalho... No último dia de serviço foi normal. Como sempre. Sabendo que era último dia, a gente fica naquele suspense da gente, mas pra mim foi tudo maravilha. Bati o ponto e tudo bem. Fiz o serviço do jeito que pediram pra fazer, sem correria. Parece que não teve diferença assim de quando eu entrei. Bom, de quando eu entrei, sim, que a gente não conhecia o pessoal. Até pegar intimidade com um ou outro, assim no campo. Que os outros já estavam todos estabelecidos ali. E no último também, a gente sentiu foi mais falta dos colegas. Porque lá eu tinha amizade com o pessoal de todas as unidades: era serralheria, era pedreiro, era lavador de carro, pessoal que trabalha na área de bloco... Que tem bastante secções lá dentro. Pessoal da pintura. Graças a Deus!

A volta:

Às vezes, alguém pergunta se estão pegando gente pra trabalhar na USP. Eu sei que não estão. Mas eu nunca falo isso, que é pra pessoa não desanimar. Eu digo: 'Olha, dá uma chegadinha na portaria e se informa lá...'. Eu nunca deixava a

pessoa desanimada, fria. Sempre dava assim... Uma palavra amiga pra ele. Porque, às vezes, até tinha alguma unidade que estava pegando e a gente não sabia. Então, eu falava pra pessoa ir até a portaria e se informar melhor. E a pessoa saía toda feliz.

Ainda a respeito de sua aposentadoria, ocorreu fato interessante certa vez. Fomos fazer uma visita aos parentes de Moisés que ainda moram em Cotia, cidade no interior de São Paulo. Estávamos no carro Nilce, Chico e eu. Comentei sobre a intenção de entrevistá-los para o presente trabalho, conversar sobre a vida deles desde a infância até agora. Expliquei que assuntos eu já tinha em mente: as casas, os amigos, os empregos, a USP. Nilce tomou a palavra e começou a contar sobre os tempos de Cidade Universitária. Minutos depois, espontaneamente ele afirma que às vezes sonha com aquela época – que é tão recente, além de tudo. Surpreso, avisei-lhe que este tema era importantíssimo e que, se possível, não esquecesse de falar acerca disso durante as entrevistas. Muitos meses depois – mais de ano – antes mesmo de lhe ser feita a pergunta, ele retoma aquela conversa.

Eu tenho saudade de lá! Às vezes, eu sonho que estou trabalhando lá. Ainda, viu?! Nossa! Eu sonho meus movimentos de serviço que eu fazia lá, trocando aqueles tubos de lixeira, catando papel na grama, varrendo também. Parece que eu estou ali presente! [...] Acorda: ‘Puxa vida, ó: não estou lá, não’. Quando você está naquele momento que você está, aquele trampo de rotina, aí eu acordo. [Ri]. De vez em quando acontece isso comigo. Está com um ano e um mês que eu saí. Fez um ano dia trinta e um de outubro que eu aposentei. Eu sinto saudades! Do trampo lá e da comunicação com os colegas, amizade que a gente tinha lá que, todas as unidades a gente se dava bem um com o outro que lá tem bastante unidade. Não sei se você sabia, mas lá dentro é grande. Todo mundo lá era bem quisto com a gente. Tinha assim aquela amizade assim... Com o pessoal... Colorida...

Mais adiante, sou eu quem retoma o assunto: *Você falou que sonha com a USP... É com algum lugar específico de lá? Algum colega da turma está no seu sonho?*

[Eu sonho] Com meu local de trabalho. O campo geral. Os colegas estão lá no sonho. Eu

converso com eles. É gozado. [Ri]. Eu converso geralmente com todos os colegas da jardinagem. Parava a caminhonete pra tomar um cafezinho, ficava brincando. Inclusive, nos pontos de táxi que têm ali perto do Banespa, tem outro ponto ali na Praça da Reitoria, e tinha aquela comunicação com os taxistas, e a gente saía conversando com aquele pessoal. Às vezes, chegava lá nos taxistas, uma hora tomava café com eles, outra hora oferecia o cafezinho lá da caminhonete. Era assim: aquele vai-e-vem. [Ri]. Tenho saudades. Era igual como se eu estivesse lá mesmo. Todos os colegas no sonho. [Olhos marejados]. Aqueles pontos de cachorro-quente, chegava ali: ‘Ó Neguinho, quer tomar um refrigerante? Toma. Você quer um lanche?’. Era um pessoal muito dedicado com a gente, os cachorro-quentes em geral lá dentro, sempre oferecendo as coisas pra gente. Você tem que ver! Eu chegava ali – tinha aqueles tubos de lixeira – já trocava, deixava tudo limpinho ali pra eles. Era maravilhoso! Você vê, ali perto da academia, por exemplo, tem um carrinho de cachorro-quente, pra cá da ponte da academia. Chegava ali, era aquela conversa sadia, conversava... ‘Ó, toma um refrigerante aí’. Trocava o saco de lixo lá, deixava tudo limpinho. Passava na praça da reitoria também, era a mesma coisa em geral ali dentro. Eu dava um jeitinho de me comunicar com o pessoal, de conversar. Esse pessoal nunca me via mal-humorado. O serviço ali pra mim, era serviço, mas parecia que eu estava curtindo um lazer também. Era tão gostoso trabalhar contente no serviço. Você vê, os encarregados eram legais com a gente. Nossa! Era uma maravilha! Eu tenho muita saudade de todas essas coisas lá. Todos os serviços que eu tive foram bons. Mas esse foi o melhor deles. Todos pra mim, eu não tenho que me queixar porque todos me ajudaram. Mas esse aí foi, na parte final da minha jornada de trabalho, foi um dos melhores. Eu tenho uniforme de lá comigo aí até hoje. Novinho ainda! Blusa de frio, está aí, tudo comigo. Pra mim, ali não faltou nada. Graças a Deus!

Neste trecho da narrativa fiquei confuso. Enquanto Nilce falava, estive sempre em dúvida: ele contava dos sonhos ou retomava experiências concretas, vividas durante aqueles dezessete anos de USP? Li e reli esta parte algumas vezes. Penso que a mistura não pode ser desfeita. Pão pode levar como ingredientes fermento, farinha de trigo e ovos. Mas pão não é simplesmente uma combinação desses componentes, uma reunião

em quantidades determinadas de fermento, farinha de trigo e ovos. O que obtemos, no final de tudo, é diferente da receita praticada. Sempre. Ou, como ensina a Psicologia da Gestalt: o todo é diferente da soma de suas partes.

Ecléa Bosi assevera que Halbwachs não pesquisa a memória como tal, mas os “quadros sociais da memória”. Nesse sentido, as relações estabelecidas não ficariam circunscritas ao mundo de cada um, mas buscarão a realidade intersubjetiva das instituições sociais. A memória individual está fundada na convivência com grupos específicos. Dessa forma, *se lembramos, é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar*¹³⁶.

O caráter livre, espontâneo, quase onírico da memória é excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, *no presente*, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista¹³⁷.

Psicologicamente falando, Nilce ainda não se aposentou. Um ano talvez fosse pouco tempo para ver revelada outra situação, considerando um homem que atravessou a infância e a adolescência já trabalhando. Defendo a tese de que sua memória ainda não pôde distinguir “eu trabalho” e “eu trabalhei”, e justamente pelo que ressalta Simone de Beauvoir: a falta de sentido na vida do trabalhador braçal. Ele vive como escravo.

Trabalha-se para comer. Come-se para trabalhar.
A grande dor do trabalho manual é que somos

¹³⁶ BOSI, E. – Memória e Sociedade: lembrança de velhos. São Paulo, Cia. das Letras, 1994.

¹³⁷ Op. Cit.

obrigados a nos esforçar por longas horas seguidas simplesmente para existir. O escravo é aquele a quem não se propõe nenhum bem como finalidade de seus cansaços, a não ser a simples existência¹³⁸.

Vamos ouvir o que Nilce diz.

Era o tipo de serviço que eu gostaria de fazer. E gosto. Até hoje eu ainda gosto. Todo dia de manhã cedo – pra eu não perder o ritmo – vou lá no bar tomar um cafezinho lá, pego uma vassoura e varro a frente dos bares aqui atrás. Têm três bares. Quando eu não vou, eles logo perguntam: ‘Ué, o que aconteceu que até agora o Coxinha não apareceu?!’. Eles ficam preocupados. [Ri]. Todo dia de manhã eu estou lá, sete horas em ponto. E quando eu não apareço, eles ficam preocupados. Já teve vez de virem aqui em casa perguntar o que estava acontecendo. Chego lá, já pego a vassoura, já varro em frente do bar, tomo um cafezinho... Ou então uma “caracu”, que é pra ficar forte! [Ri].

Lembrar é refazer. Quem lembra, trabalha e reconstrói as experiências do passado a partir de uma percepção atualizada. A lembrança, como nos ensina a professora Ecléa, é costurada pelo que agora está à nossa disposição, *no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual*¹³⁹. Já não somos os mesmos de tempos atrás, e, neste intervalo, o que vemos agora se transformou dentro de mim. Pensamentos e julgamentos modificaram-se porque, hoje, *quem* pensa não é o mesmo alguém de ontem. *O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista*¹⁴⁰.

Segundo Halbwachs, o passado é desfigurado porque o presente atua sobre a memória que temos dele. Pode haver aí, dessa maneira, influência aguda dos processos ideológicos. Para William Stern, diferentemente, o indivíduo pode – ou não – conservar as imagens do passado. Sua memória, portanto, poderá constituir-se como composição (construção) ou preservação do passado. A teoria sobre memória daí originada não estabelece parâmetros estanques. A função da lembrança, nessa maneira de encará-la,

¹³⁸ GONÇALVES FILHO, J. M. – “Humilhação Social: um problema político em psicologia”. In: Psicologia USP. São Paulo, v. 9, n.2, 1998, pp. 11-67.

¹³⁹ BOSI, E. – Memória e Sociedade: lembrança de velhos. São Paulo, Cia. das Letras, 1994.

¹⁴⁰ Op. Cit.

seria manter o passado do indivíduo em uma roupagem que melhor lhe convier. *O material indiferente é descartado, o desagradável, alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito; e no final formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo*¹⁴¹.

Stern propõe um corpo teórico que reúne de um lado a psicologia tradicional (personalista) e, de outro, uma forma de conceber a psicologia que atribui certa importância às relações entre indivíduo e sociedade. Estabelecendo a possibilidade do sujeito transforma-se e, simultaneamente, preservar a sua “unidade constante”, o autor mescla a postulação de uma memória “pura” – inconsciente – e a hipótese de que nossas lembranças individuais são restauradas pelos pensamentos do presente. Tal união e intersecção concomitantes faz quase insolúvel o problema do que prepondera na memória de uma pessoa. Isto posto:

O único modo correto de sabê-lo é levar o sujeito a fazer sua autobiografia. A narração da própria vida é o testemunho mais eloqüente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a *sua* memória¹⁴².

Que assim seja.

Eu tenho aquela insônia... Ih, estou perdendo a hora! Aí, eu acordo: ‘Eu não tenho que trabaiá, não’. Eu sonho que estou perdendo a hora de ir pro serviço. [Gargalhamos]. É, meu! Agora, o que acontece é que, às vezes, eu acordava quatro e meia da manhã, aquela chuva [!!!], quando eu estava trabalhando: ‘E agora?! Tenho que marcar o cartão quinze pras sete...’, que era a hora que a gente tinha que marcar o cartão no serviço. Dava seis horas, e nada da chuva passar. Eu pegava assim esse saco preto de lixo, vestia ele aqui. Pegava a bicicleta e ia. Agora, não. Quando está chovendo nesse horário aí, eu penso: ‘Puxa! Eu não tenho que trabaiá’. [Gargalhamos]. Mas você vê, eu encarava! Não tinha chuva que me segurava de manhã pra eu trabaiá, não. Não tinha frio também. Eu jogava a coberta fora, arregaçava a manga e ‘Estou indo!’. Agora, quando acontece isso de estar chovendo

¹⁴¹ Op. Cit.

¹⁴² BOSI, E. – Memória e Sociedade: lembrança de velhos. São Paulo, Cia. das Letras, 1994.

perto do horário que eu tinha que marcar o ponto: 'Ô, como Deus é bom! Hoje eu estou aqui. Coitados dos meus colegas!'. Eu fico pensando nos colegas que estão na jornada de trabalho. Mas Deus dava força pra gente tudo nesse sentido, e a gente sente essa falta e... Também a gente fica com aquele... Não tem mais aquele peso assim... Não tem mais aquele peso pra trabaiá: 'Não. Chegou a hora de ir trabaiá!'. Eu fico pensando nos colegas que estão lá no trampo.

MOISÉS

Jardim Milizola, Cotia (SP)

Fernando – Posso sentar aqui, então?

Moisés – Pode. Eu é que estou todo desarrumado...

Fernando – Mais importante é o que a gente vai conversar. Você se lembra a data exata do seu nascimento, e a cidade?

Moisés – Dia dois de julho de 1940. Nasci em Lajes de Canhotinho. Estado de Alagoas. Pegado com Pernambuco. Saí de lá com seis meses, me criei em um sítio chamado Burgo. Eu fui... Meu pai morreu, minha mãe saiu de lá pra um lugar chamado Serra de Boi. De Serra de Boi, a gente mudou pra um lugar chamado Teixerinha. De Teixerinha, fui terminar de me criar no Burgo. Ficou entre São João e Garanhuns. São João é distrito de Garanhuns. Hoje é cidade. Me criei lá.

Fernando – Que idade você tinha quando seu pai morreu?

Moisés – Seis meses. Minha mãe saiu de lá, casou-se com um rapaz – outro viúvo – lá em Teixerinha. Ela teve mais um menino, teve uma menina – essa está morando em Caruaru. Depois, teve um filho e deu problema de eclampsia d'água, que o filho do velho deu um empurrão nela, que ela estava grávida. Machucou, deu eclampsia. Morreu com uma barriga grande. Foi operada duas vezes, mas não resistiu: morreu. Ela já estava largada do velho, mas tinha um cara chamado Seu Antônio – o nome dele era Antônio Mota – aí deu um empurrão na minha mãe, minha mãe estava grávida, estava com uns sete dias de gravidez, criou um calo. Naquela época, não tinha médico lá. Fizeram a correria pra levar ela pra Garanhuns. Fui pra casa de Jazon. Estava com a idade de sete anos. Me criei, e quando estava com uns quinze anos, me casei. Quando estava com dezesseis, nasceu o primeiro filho meu. Aí... Foram seis filhos. Morreu uma menina e criaram-se cinco. Criaram-se cinco meninos, e o último dela é o que mora em Maceió. Aí, deu câncer no cérebro. Eu levei pro Recife, no Hospital D. Pedro II, fizeram a operação. Passou um ano e vinte dias viva. No D. Pedro II, passou um ano. Quando completou um ano, levaram ela pra casa. Passou vinte dias viva lá, num lugar chamado Burgo. A minha casa velha... De lá pra cá, eu fiquei meio desorientado, com esses cinco meninos. Levei lá na casa do meu sogro... Ela era novinha, tinha uma base de uns dezoito anos. Nem dezoito anos não tinha ainda. Você sabe, conforme a mulher vai ganhando nenê, ela vai perdendo sangue. Como aquilo lá era um câncer de nascença, foi desenvolvendo. Cada uma criança que tinha, ela tinha o desenvolvimento do sangue. Quando saía o sangue, o bicho ia aumentando. Ela teve seis filhos. Morreu um e criaram-se cinco. E foi só vazamento de sangue. Aí, o caroço foi... Foi... Foi se alimentando mais, porque estava todo parado. Ela não tinha nada. Quando ela desenvolveu, o sangue aí foi subindo. Foi subindo, no fim acabou morrendo. Eu cheguei, fui, deixei os meninos na casa do meu sogro, meus quatro filhos lá e resolvi vir pra'qui. Cheguei aqui, me casei com essa baianinha aí, tive mais quatro filhos, que Deus já levou um agora... Fiquei com meus três filhos homens... E acabou-se por aí o papo.

Fernando – Já acabou a conversa...?

Moisés – Fiquei sem meu filho de estimação, que mataram... A polícia. No dia

dezesseis de maio, a polícia fez um – não sei se era o negócio do PCC¹⁴³ – pegaram ele no caminho, mandaram ele sair do carro. Quando ele pôs a mão pra cima, eles atiraram. Os caras que vinham atrás dele no carro empurraram ele. A polícia aproveitou e atirou. O carro dele estava sem freio, a polícia encostou o carro assim de banda. Ele bateu e já saíram atirando. E o indivíduo que estava atrás dele, os dois empurraram ele. A polícia aproveitou e atirou nele. Aí, matou... .. E eu estou aí sem saber o que faço, né?! Ficar com todas as crianças, as cinco¹⁴⁴ [quatro] crianças, e levar pro nordeste. Eu penso de eles ficarem lá porque é um canto mais livre. A mãe deles ficou, já estava com traficante, ficou misturada com traficante. Aí ficaram jogados. Ela veio aqui um dia, ficou aí, conversou e não apareceu mais. No dia em que eu cheguei, ela veio. Pediu uns vinte paus, pediu dinheiro pra ir embora. Eu dei. Ela foi. Esse dinheiro deu pra ela ir embora não sei pra onde. Nunca mais quis zoar aqui. Eu estou aqui. Nunca mais veio ver as crianças. Falei pra ela que ia levar os meninos. Ela disse que podia levar. A Zuleica [outra nora] mais a Mira [esposa] foram em Cotia, aí no fórum. A juíza disse que podia levar, que no registro deles tinha o meu nome. O meu e o nome dela. Então, podia levar como quisesse. Podia pegar ônibus, podia pegar avião, podia pegar tudo. Com isso eu fiquei animado e vou levar eles, se Deus quiser. Até o dia dez de janeiro dá pra levar... Eu estou muito pensativo nos meus bichinhos lá no norte: tem uma vaquinha, tem um cavalinho, tem umas besteirinhas pra cuidar, um feijãozinho pra limpar, e eu não posso ficar aqui muito tempo.

Fernando – Quem está cuidando das coisas?

Moisés – O Márcio e o... .. O Biquinho. Aquele que levou o tiro, que é cego.

Fernando – Ele me pediu pra mandar uma camiseta dos Racionais pra ele.

Moisés – Ele pediu, foi?!

Fernando – Pediu. Está guardada. É só levar.

Moisés – Mas ele te ligou?!

Fernando – Foi aquele dia que eu liguei lá pra falar com você.

Moisés – Esse não tem jeito, não. [Rindo].

Fernando – Como chamam as moças que estão lá?

Moisés – Fátima. E tem a Nena, que chama Gerusa. E a outra está em Maceió, a Nenê. Zezinho também está lá, em Maceió. Então, eu estou só com a minha filha casada e meus netos, que tem quatro netos. Um casou, já tem duas meninas, e a outra – a primeira neta minha – tem um menininho. Mora tudo lá encostadinho em mim. Então, não posso ficar aqui porque tenho minha família lá. Tem uma lá e tem outra aqui. Lá eu tenho mais... Eu tenho mais conforto de ficar. Que lá eu posso andar, posso pescar, posso zoar. Sossegado. [...] Pois é, Fernando, agora que eu fiquei, que você me deixou embalado, foi a morte do meu grande amigo meu, Juninho. O Joãozinho. Que eu não esperava isso de Joãozinho, não.

Fernando – Ah, Moisés! Eu te dei a notícia... Eu me confundi, então. Não é o Peba, não. O Peba está aí sumido no mundo. Ninguém sabe dele, não.

¹⁴³ Em maio de 2006, aconteceu em São Paulo uma série de ataques promovidos por um grupo de homens que se encontram presos neste estado. A sigla “PCC” significa Primeiro Comando da Capital. Os ataques visavam, em princípio, policiais. Não obstante, muitos civis morreram.

¹⁴⁴ Cinco é o número de filhos que Moisés deixou em Pernambuco.

Moisés – Peba morreu.

Fernando – Morreu?!

Moisés – O Peba morreu.

Fernando – Então, morreu de morte morrida. Quem morreu de briga de faca foi o Ciço.

Moisés – Foi o Ciço. Mas o Joãozinho, o Mítica falou pra mim que morreu lá [no nordeste]. Chegou lá, adoeceu e morreu.

Fernando – É mesmo? E faz tempo?

Moisés – Não sei quanto tempo faz. Só sei que o Mítica me falou que ele morreu.

Fernando – Mas eu não estava sabendo do Joãozinho, não. Fiquei triste agora...

Moisés – Ele foi pra lá, ficou de me telefonar e nunca telefonou. Casou aqui com uma menina. Fez uma casa, foi pra lá. Quando chegou lá, morreu. A filha dele mora aqui em São Paulo.

Fernando – No Jaguaré?

Moisés – Não sei se é no Jaguaré ou se é em outro canto. Só sei que é aqui. Deve estar mais ou menos na casa que era dele.

Fernando – Por isso que a gente não teve mais notícia dele...

Moisés – Foi só ele se aposentar, ele já tinha uma casa, um sitiozinho lá, aí comprou mais um pedacinho. Fez uma casa e foi pra Alagoas. Quando eu cheguei, aí que o Mítica falou que ele tinha morrido. Mas eu não sei onde é o lugar que ele mora. Eu fiquei bem triste que ele morreu. Morreu mais um punhado. Morreu Manél das porcas... ... Não sei mais quem morreu... ... O problema ficou nisso aí. Que é problema em cima de problema. A gente vai pra um lado, tem problema. Vai pra outro, tem problema. Chego aqui, recebo essa notícia dos amigos... Fico todo variado, sem saber o que faço. Mas quem pensa em Deus, quem se pega com Deus está valido. E aqui eu estou com vontade de fazer um negócio pra vender essa casa. Pra eu poder ir embora. Ir embora, não. Que eu já fui embora. Estou fazendo uma troca mais o rapaz da rua lá. Ele mora lá, fez casa lá e... ... E está morando aqui. Tem um irmão dele que está morando na Paulista e o resto está pagando aluguel... [muito barulho].

Fernando – Moisés. É que quando você fala virado pra lá eu não te ouço.

Moisés – Estou falando dos meninos que querem fazer rolo na casa mais eu. E lá a casa é grande e fica na cidade. Eu tenho que fazer o negócio mais eles. Aí, eu fico sossegado. Eu vou demorar a vir aqui. Depois que eu sair daqui, agora eu vou demorar pra vir aqui.

Fernando – Aí você fica com uma casa no sítio e outra na cidade?

Moisés – É. Uma casa no sítio e outra na cidade. Eu tenho que fazer esse negócio com ele. Eles vieram aqui domingo. Disseram que quando for essa semana eles vêm aqui. Agora eu não sei a hora que é, pra tu ver eles. Eles são uns meninos legais pra caramba. Lá eles são fazendeiros. Cuidam de gado, lidam com gado. Você viu o retrato das vaquinhas? Aquelas duas vacas eu comprei tudo do pai deles. Eles são uns meninos igualmente você pra mim. O que eu precisar, está na minha mão. Vamos ver o que eu faço. [Interrompe a conversa pra cumprimentar um vizinho que está passando na rua]. O Junior trabalhava pra essa mulher que passou aí, pintando aquela casa ali. Ele trabalhava pra eles aí. Eu não posso falar mais, não. Que vai dar problema, não é não? Eles

chegaram ali no Junior, pegou e levou Junior lá pra Itapevi, pra casa deles lá. A família toda, chegou lá, foi na casa do Junior, entrou no mato, furou um buraco, encheu de droga. No dia em que a polícia pegou e matou o Junior, pegaram o rapaz aí e pediram trezentos reais pra soltar ele. Eles deram o dinheiro, que eles são ricos. Já está tudo na rua outra vez. E o outro sumiu... .. E a gente fica só com a dor no peito! Não posso fazer nada. [Olhos marejados]. Um pedaço de meu corpo está hoje enterrado na terra. Eu já tive muitos pedaços enterrados. Esse daí sobrou os filhinhos dele. Estava morando, trabalhando... .. A polícia mata ele sem dever. Por causa dos outros, de embalo dos outros. Porque se ele não tivesse envolvido com as coisas, porque isso já vem, já tem um tempo que ele vinha trabalhando com esse povo. Não é vendendo. É trabalhando. Porque pinta uma casa aqui, pinta outra lá em outro canto, faz um serviço em outro canto, aí fica manjado. Esses camaradas que trabalham com ele ficam mexendo com sujeira. Então, ele ficava no meio desses camaradas mais por causa disso. As pessoas viram e falaram que era aquele negócio de PCC... Que eles estavam em cima. A mulher dele não tem prestígio, porque se tivesse prestígio estava pegada com os filhos – alimentando, limpando, tratando. Que você mesmo trouxe cesta básica, trouxe tudo pra eles. No outro dia, ela já negociava tudo. Aquilo que você trouxe pra ela, ela já negociou tudo no outro dia. Foi só você entregar, ela já estava trocando por droga. E os filhos passando necessidade. O Nardo foi lá e trouxe eles. Trataram deles, deram remédio. Estão aí e vão viajar comigo, se Deus der um jeito de eu ir. Preciso pedir pra Deus pra eu conseguir levar eles... .. E agora, o que você vai contar. Eu já terminei a minha.

Fernando – Nem terminei de te perguntar as coisas ainda...

Moisés – Mas eu já terminei. O que eu tinha pra falar era só isso mesmo. Conversar demais não adianta. Prefiro ficar mais quieto.

Fernando – Seu pai morreu quando você tinha seis meses...

Moisés – Eu me criei com minha mãe. Minha mãe casou com um velho lá. Nós tratava das plantas. Naquela época, era uma sequidão de matar tudo. Fomos pra Teixeira. De Teixeira, fomos pro Burgo. Antigamente, tinha um trem velho que passava lá, tinha uma estação: chamava Serra de Boi. A gente ficou num hotel de um fazendeiro lá, chamava Seu Zuza. Vendeu um pedaço de terra pro meu avô. Minha avó ficou lá também. Não deu nada, venderam e foram pra Santana de Ipanema. Eu fiquei sozinho. Levaram minhas tias pra Santana de Ipanema e, depois disso, eu nunca mais vi. Tinha umas três, umas duas tias. Tinha também uns primos. Essa turma desapareceu tudo de mim. Não sei se estão em Santana de Ipanema, que eu não conheço lá. E... .. Acabou tudo pra mim! Meu irmão criou-se lá também. Não sei qual o local que ele vive. Uma velha levou ele pra um local chamado Gravatá. Mas essa velha era muito velhinha. Acho que ela já morreu. E minha irmã estudou pra freira. Desistiu. Quando fez o curso, desistiu. Morou uns tempos mais eu lá no Burgo. Depois, ela foi se embora pra... .. Pro Angelim. De Angelim, arrumou um cara, casou-se e mudou-se pro interior. Eu não fui na casa dela ainda, não. Deixa pra lá. [Olhos marejados]. E os outros, eu perdi tudo minha família. Fiquei sozinho que nem uma andorinha. Que nem uma andorinha, caçando o galo pra não me pegar.

Fernando – Seu pai morreu do que, Moisés?

Moisés – Olha, eu não sei nem te falar, porque meu pai tomava conta da usina de Gravatá. Uns dizem que meu pai foi matado. Eu não sei. Não sei te explicar direito como é, porque eles nunca quiseram falar direito. Porque disseram que o próprio cara

que fez isso com meu pai morava pertinho da gente, em Garanhuns. E estava muito próximo de mim. Não sei quem foi. Nem minha mãe me contou nada. Nem ninguém. Só soube assim da boca de outros que o cara que tinha matado meu pai era um porco que chamava Paraná. Então, esse cara, falaram que ele estava muito próximo de mim, mas eu não podia saber. Quem me falou isso aí foi uma cartomante. Eu não podia nem ver ele. Ele passava perto de mim, eu nem sabia quem era, nem podia saber. Isso eu ainda morava lá. Era grande. Já estava casado. Ela disse: “O cara que matou seu pai está próximo de você. Você vê passar na sua frente”. Mas como é que eu ia saber?! Às vezes, passava algum, eu ficava manjando assim, mas não tinha certeza. Não podia abrir processo. Ficou por isso mesmo.

Fernando – Lá no Burgo ficou morando só você e sua mãe?

Moisés – Ficou morando eu e ela, num sítio do finado Isaías. De Isaías e de Jazon. Minha mãe casou logo quando a gente foi morar em Teixeira. Ela casou, ficou morando com um velho lá, esse chamado José Mota. Ficou morando lá com ele, depois ele foi também pro Burgo. Fui morar num canto, minha mãe foi morar em outro. Ela morou um tempo num lugar chamado Macuco. Depois, ela voltou pro Burgo. Ela morreu lá. Antes de morrer, ela me deu pra Jazon, um fazendeiro lá chamado Jazon. Me criei com ele lá. Tinha sete anos. Me casei lá. [Os netos de Moisés se aproximam e ficam deslumbrados com a filmadora. Neste instante, desde um pouco antes, Moisés tem os olhos muito vermelhos]. [Apresenta Zezé, vizinha e conterrânea. Diz a ela que a entrevista é sobre os nortistas que vieram pra São Paulo e sugere que ela o substitua. Retruco dizendo que ele está fugindo da conversa]. É como uma irmã pra mim. O irmão dela trabalhou comigo. Trabalhamos na Paulista. Trabalhamos em Pinheiros¹⁴⁵, na Adolpho Lindenberg. Trabalhei num lugar chamado Charles Cury. Trabalhava mais eu direto. [Começam a conversar sobre o calor da noite anterior. Pede pr’eu reparar nas luzinhas de natal que a vizinha querida colocou num das árvores da pracinha]. Agora acabei minha conversa. Vamos partir pra outras coisas. Você é quem tem que falar alguma coisa.

Fernando – Você estava me falando que com a idade de sete anos, você foi morar com Jazon. O que aconteceu que ela te levou pra morar com ele?

Moisés – Porque ela já estava na... Na... Na... Na morte. Não podia mais andar, não podia mais se levantar, não podia mais nada. Aí, ela me deu pra ele. Se despediram e disse que quando ela morresse podia me levar. Antes de ela morrer, ela já não tinha mais condição. Ela me mandou mais ele. Voltou com o padrasto, o marido dela pra casa. Ela passou viva só uma base de uns cinco dias só. Aí, ela morreu. Isso eu estava com a idade de sete anos. Me criei lá até uns quinze anos. Com quinze pra dezesseis, me casei. O que minha mãe teve foi câncer. Câncer, não. Foi hidropisia d’água, barriga d’água. Devido à pancada que ela levou, deu calo de sangue. Aquele calo de sangue desenvolveu n’água. O médico demorou pra ver, aí aquilo desenvolveu n’água. Passou uns tempos, deu uma barriga grande. Ela morreu disso. Foi do empurrão que ela levou. Eu fui pra bater nele – dizem também que ele já morreu. Era irmão por parte de pai, irmão de criação. Ele empurrou ela, ela se machucou. Onde machucou virou um calo. Aquele caroço na barriga dela desenvolveu n’água. Operou umas duas vezes. Foi três, mas não teve condição. Foi embora. Porque naquela época, você sabe, era muito difícil. Eu era pequenininho, ela não podia trabalhar, o marido dela não tinha nada. Morreu à míngua. [Olhos muito vermelhos, semblante amargurado e voz embargada]. Até hoje eu

¹⁴⁵ Bairro nobre na zona oeste da cidade de São Paulo.

sinto a morte de minha mãe. Sinto até o enterro dela, que eu assisti e até hoje eu me lembro. Eu não gosto nem de falar porque me dá muita tristeza no peito. [Um vizinho chega pra dar uma lona plástica pra Moisés. Interrompemos durante dez minutos].

Fernando – Agora, se você não quer conversar, tudo bem, Moisés. Mas não vem com essa história de que não tem o que falar, não. Assim, você não vai me enganar.

Moisés – Mas eu não tenho, filho. É só isso mesmo.

Fernando – Posso fazer umas perguntas, então?

Moisés – Pode fazer. Se eu souber de alguma coisa. [Juliana, uma das netas de Moisés, deita a cabeça em seu ombro e pergunta sobre a filmadora].

Fernando – Você tinha falado que um irmão de criação tinha empurrado sua mãe...

Moisés – Empurrou. Virou barriga d'água. E ela estava de resguardo. Fazia poucos dias que tinha ganhado neném. Ele machucou ela e não teve tratamento. Virou esse problema. Ela morreu eu tinha sete anos. Fui morar com essa turma, e fiquei lá.

Fernando – Você se lembra da casa em que morava com sua mãe?

Moisés – Lembrança assim, muito pouco, viu? Era uma casinha como aqui assim, maior uma coisinha pouca [Estamos na garagem de sua ex-casa em Cotia]. Casinha de tápia. Minha mãe dormia, não tinha cama. Minha velha dormia numa caminha de vara. Fizeram uma caminha de vara, colocaram um colchão em cima. Ela ficou ali mesmo. E naquela época era muito difícil pra tudo. Não tinha emprego, não tinha nada. Trabalhava limpando mato pro café. Eu não estava fazendo nada, que eu era muito pequeno. Ela já estava muito doente, eu fui visitar ela lá. Aí, eu fui ficar nos terrenos dos tios do finado Jazon. Hoje pertence a Heloy, o sítio lá. O finado Jazon era um rapaz solteiro. Eles eram crentes, tudo presbiteriano. Morreu o finado Joel e ficou só a filharada. Eu fiquei até a idade de dezesseis anos mais eles. Aí, me casei e fiquei morando lá. Depois, apareceu esse filho meu. No derradeiro filho mesmo que minha mulher morreu. Levei ela pro Recife, fizeram a operação. Foi feita a operação de... Tiraram um pouco de pus da cabeça dela, pelaram. Tiraram um pedaço de couro da cabeça dela e mandaram pro Rio de Janeiro. Naquele tempo era difícil até pra isso. Aqui, quando chegou no Rio de Janeiro e voltou pro Recife, eles telefonaram pra mim – naquele tempo era telegrama, não sei como é. Telefonaram lá pra Garanhuns, pro filho de Dr. Cid Sampaio. Mandou me chamar. Eu fui lá no Recife pra liberar pra ela ser operada, pra não estourar o negócio na cabeça dela, que ia espalhar. Ficava sangrando pelo nariz, pelos ouvidos... Eu fui lá pra operar. Operou, e passou um ano e vinte dias. Depois, morreu na minha casa. Eles trouxeram. Morreu lá no Burgo. De lá pra cá eu fiquei desorientado. Larguei meus filhos lá e vim embora pra cá. Ficou uma parte na casa de Jazon. Minha mãe de criação, que se chamava Severina, ficou com a parte dela, ficou com minhas duas filhas. A outra meu sogro levou. Depois, quando elas cresceram mais um pouco, botaram pra trabalhar mais o meu pai lá em Maceió. Essa é a Nenê. Eu fiquei aqui até um tempo desses aí. Por aqui sofrendo, trabalhando em obra, e correndo pra um canto, pra outro... ... Trabalhei com Dr. Bernardo, trabalhei com Dr. Hugo, o apartamento dele lá na Liberdade. Desde o tempo em que eu vim embora aqui pra São Paulo, eu fui trabalhar na construção. Trabalhei um pouco ali em Pinheiros. Aí, saí da empresa em que eu estava e fui trabalhar na Adolpho Lindenberg. Ele disse que faliu, e eu fui trabalhar na USP. Fui lá na Adolpho Lindenberg e eles disseram que iam terminar. Ele disse que faliu, aí eu fui trabalhar na USP. Eu e o finado Prexeca.

Fernando – Como era o nome dele?!

Moisés – A gente chamava ele de Barão. Nem sei direito qual o nome dele. Fomos nós dois no serviço lá na USP. Eu entrei de jardineiro. Eu e ele. Ficamos bastante tempo trabalhando pro FUNDUSP. Fiquei no FUNDUSP uns quatro meses. Depois de quatro meses, eu fui pra prefeitura. Trabalhava no jardim. Lá, eu fiz carreira de jardineiro. Depois, me passaram a encarregado. Depois, mudaram pra, passaram outra vez pra técnico, técnico de manutenção. Hoje, o que meu nome está mostrando é isso. Em minha carteira é o que tem. Eu fiquei até agora. Ainda está. Me aposentaram no auxílio-doença. Trabalhar mais eu não posso. Voltar, eu não sei como é que vai ficar. Eu estou aqui, como andorinha. Andorinha sem asa. Sem asa, sem saber o que faça. Porque quando você está assim, você está no balanço. Não sabe se vai, não sabe se fica, não sabe se... .. Do jeito que está. Eu, pra mim, achava que quando acontecia essas coisas, eles chamavam a gente e davam baixa na carteira da gente. No caso de você sair definitivo já tinha dado baixa na carteira. Mas não fizeram nada. Você quer olhar minha carteira? Ela está fichada. [Levanta e vai procurar a carteira de trabalho. Estamos no cômodo que ele improvisou pra passar o mês de dezembro até dia cinco de janeiro].

Fernando – Sua mãe chamava Josefa e seu pai Francisco...

Moisés – É. Josefa Maria da Silva.

Fernando – Rapaz, está tudo registrado aqui... Esses carimbos, é que cada vez que mudava o salário tinha um carimbo aqui?

Moisés – É.

Fernando – O último aumento foi em primeiro de maio do ano dois mil...

Moisés – De lá pra cá não tive mais aumento, não. Tinha um cartão lá que todo mês eles me davam vinte paus. Depois que me aposentei, cortaram. Eu fazia uma comprinha de quarenta, cinquenta paus. Quando eu me aposentei, disseram que eu não tinha mais direito. Agora, eles ficam em cima, querendo me prejudicar. Não me pagaram minhas férias... Eu falei pra você, não é?! Não me pagaram minhas férias. Quando foi um dia, eu cheguei lá no banco, fui tirar dinheiro pra comprar essas telhas. Depois, disseram que eu tinha que pagar de volta. Paguei umas cinco prestações, fui embora pra lá. Não tinha jeito de eu mandar o dinheiro pra eles, que eu não sabia a conta deles. Teve uma japonesa que andou apertando um pouco. Achou meu endereço lá. Foi a menina [Zuleica] aqui que deu. Disse que eu tinha que pagar, senão meu nome ia pro SPC¹⁴⁶, que não sei o que... De lá pra cá, ela nem ligou mais, nem falou mais nada. Agora não ligaram mais, não falaram mais nada. Vinte e poucos anos, você trabalhando numa firma, e quando sai assim ainda fica uma porcaria que eles ficam exigindo! Que até agora não falaram nada: como é que eu vou fazer, como é que eu não vou fazer. [Dona Mira pergunta sobre a ida de Moisés à Caixa Econômica Federal pra resolver questões relacionadas ao empréstimo. O CPF de Moisés esteve bloqueado por falta de declaração de imposto de renda. Estivemos, eu e ele, na Caixa, na Receita Federal e no INSS neste dia].

Fernando – Você estava falando que sua mãe dormia numa cama de palha.

Moisés – Cama de vara.

Fernando – Eu não conheço. Como é uma cama de vara, Moisés?

¹⁴⁶ Serviço de Proteção ao Crédito.

Moisés – Você faz quatro forquilhas e enfia no chão. Quatro estacas. Faz que nem um engradado. Não tinha cama. Não tinha dinheiro pra comprar cama... Você enfia seis pauzinhos assim, seis ganchos. Põe a vara de pau assim, fincado de um gancho pra outro. Põe outras travessas no meio e põe outras assim. Amarrava com prego, fazia com prego. Ficava um lastro. Naquele lastro ali ficava o colchão. Aí, punha o colchão em cima e descansava assim.

Fernando – E você dormia aonde?

Moisés – Eu dormia mais ela mesmo. Nesse canto. Ela pra um lado, eu pra o outro. Era eu, minha irmã [mais nova] e ela.

Fernando – Sua irmã está viva ainda?

Moisés – Disse que está em Caruaru. Mas eu não vi mais ela, não... Depois que eu vim de lá pra cá. Está com mais de quarenta anos que eu saí de casa. E aí fiquei jogado no mundo que nem um... ... Que nem um bicho qualquer.

Fernando – O pessoal do Jazon não cuidava de você?

Moisés – Cuidava. Eu, quando cheguei lá fiquei quase rico. Que ele era fazendeiro forte. Eles tinham muito café. Tinham muito café, tinham muita grana. Quando cheguei lá, eu vi o céu aberto pra mim. Até os meus quinze anos, dezesseis, não me faltou mais nada. De lá pra cá, até a data de hoje, não me faltou mais nada. Só me faltou na época de meus sete anos, que eu era pequeno. Depois da época que eu fui morar mais eles, de lá pra cá não me faltou mais nada. Depois me casei.

Fernando – Eles eram amigos de sua mãe?

Moisés – Conhecidos. Minha mãe trabalhava pra eles, às vezes. Apanhando café. Quando ela viu que não tinha mais condição, ela me deu pra eles. Fiquei morando mais eles, me casei, minha mulher morreu, vim me embora pra cá. Eles também já morreram tudo também. Sobraram somente os netos, os sobrinhos. Tem a Juraci, tem a Cida, tem a Lílian... A Juraci, o marido dela morreu atropelado. A Cida, o marido morreu atropelado também. Morreu o pai dela, o Jair. Morreu a Áurea, morreu Arlindo, morreu João. Morreu tudo. Acabou toda a família. Morreu o finado Alberto... A filha dele era muito estudiosa. Estudava no colégio XV de novembro. Mas ficou desorientada. Não conversa com ninguém, não fala com ninguém, só fica na cama, só. Estudou muito. Você chega lá e fala com ela, ela olha de lado assim, fala uma ou duas conversinhas e não fala mais nada... ... Tem minhas filhas lá, a Fátima, as netas, que cuidam. Agora eu vou levar essa turma pra inteirar. Vou aumentar mais minha família. Tem que levar. Aí, você vai aparecer um dia lá, que eu duvido.

Fernando – Você duvida que eu vá lá?!

Moisés – [Olhos marejados]. Não acredito [desolado].

Fernando – Bom, você duvidava que eu vinha aqui também.

Moisés – Aqui é diferente. Aqui é uma coisa, né Fernando?! Aqui é uma coisa, e lá é outra. Aqui você... Bom, lá se você quiser, você faz a mesma coisa. Mas lá vai te dar mais despesa. Porque se você for de carro, você vai gastar dois dias ou mais. Demora muito. De avião, você vai até Caruaru. De Caruaru, até lá é meia hora de viagem de carro. Mas também a passagem é mais cara. [Olhos continuam marejados]. Então, por isso que eu disse que é difícil. Quer dizer, pra Deus nada é difícil.

Fernando – Você acha que eu não tenho dinheiro pra ir lá, ou eu não quero gastar o dinheiro pra ir lá?

Moisés – Dependendo da sua necessidade, porque você gasta muito. Você tem suas obrigações na sua casa, tem suas coisas. Você vai pegar e dizer: ‘Não. Vou pegar dois mil cruzeiros e vou em Pernambuco agora...’. De repente... .. Você não vai fazer isso.

Fernando – Mas você fazia gosto que eu fosse lá?

Moisés – Ah, é claro! Se você fosse lá, pra mim era melhor. A gente zoar lá, comer o mamão no pé, comer uma pinha, comer o coração da Índia. Levá-lo no sítio, andar sossegado, conhecer Garanhuns... Dá pra pegar bastante fruta: caju, manga, tem uma pá de coisa lá. Mas eu não acredito, não. Você não vai sair daqui pra ir lá, não. Pra você conhecer Garanhuns, pra você ver que cidade bonita. Não é tão bonita. Tem as condições que a gente fala assim. Que não é que nem São Paulo. Dá quase uma imitaçãozinha pouca, mas dá! O maior prédio que tem lá em Garanhuns é só a igreja mesmo. Que os outros prédios são três andares, são quatro andares. Não tem prédio arranha-céu, não.

Fernando – Mas o que você acha bonito não são os prédios? Deve ser a natureza... Ou não?

Moisés – É. A natureza... .. O jeito da cidade... .. É. Cidade é tudo uma porcaria só! Não faz diferença nenhuma...

Fernando – Qual a diferença, então, entre lá e aqui?

Moisés – A correria. Que aqui, a correria de São Paulo é diferente de lá. Lá, todo mundo trabalha, todo mundo corre. Mas é menos. O pessoal não corre tanto que nem aqui. É a mesma coisa assim sobre serviço. Pra trabalhar, é a mesma coisa. Mas não tem tanta correria que nem em São Paulo, porque em São Paulo todo ano eles inventam. Esse horário novo é uma complicação pra pessoa que trabalha. Porque se você levantava antigamente sete horas... .. Você levanta agora às cinco da manhã. Em São Paulo, esse horário é um horário desmantelado. Porque você sofre mais, Fernando. Porque lá é seis horas, o dia está alto já. Você toma banho, escova o dente. Se você for morar no sítio e trabalhar em Garanhuns, vai andar de carro dez minutos, vinte. Dá pra você ir e pegar seu serviço sossegado. Aqui, não. Aqui você sai, é o ônibus cheio demais, é complicação, você anda assombrado, quase. Você vai, mas não sabe se vai e volta. A população daqui só vive assim. Você está aqui e não sabe o que está acontecendo com sua própria família. Na minha cidade, não. Você sabe que vai e volta. E você chega lá na feira, chega no CEASA, tem as vestimentas. Você vê quase todo tipo de fruta: abacaxi, melancia, laranja, tudo assim na rua pra vender. Vende pão, vende queijo, vende manteiga, vende tudo. Peixe, carne. Na feira de quinta-feira, tem carreira de carne que some. É carreira de carne de um lado e carreira de peixe e de frango de outro. Você vai até o fim da avenida e volta. Todo tipo de carne que você quiser, tem. Peixe que você quiser, tem. Todo tipo. Por isso que eu digo que eu tenho vontade de você ir: só pra você gravar as feiras lá. É um negócio mal feito porque não tem a conservação que tem aqui. Porque você vê: as feiras que têm peixe é tudo coberto com vidro, os açougues é tudo no ‘freezer’. Lá, não. Você está no meio da feira e a carne está solta lá. O dia que você for lá, você vê. As carnes tudo pendurada assim. Você escolhe e eles cortam do jeito que você quer, com osso e tudo. Tem o CEASA: também a mesma coisa. Lá embaixo tem o municipal, açougue grande, velho, antigo. Vende tudo: vende farinha, vende feijão, vende carne, vende tempero, vende de tudo. É igual a feira de Caruaru: tem de tudo pra vender. Aqui já é um tanto difícil pra essas coisas. Lá, não. Lá,

tem a liberdade. [Interrompemos quando Zuleica chega. A conversa é curta, mas Moisés demonstra muito carinho pela nora. É uma santa, diz ele. É casada com Reginaldo, filho mais velho de Moisés com Dona Mira. Os outros filhos são: Junior, Marcos e Márcio. Os dois últimos voltaram pra terra do pai e trabalham com ele na pequena plantação que ele mantém no sítio que comprou. Em seguida, brincamos de ‘teatro’ com a filmadora, os oito netos de Moisés e eu].

30 / 12 / 2006

Fernando – Qual o nome da cidade em que você nasceu?

Moisés – São José de Laje. Canhotinho. Divisa de Alagoas com Pernambuco, pro lado de Alagoas. Me criei em São João de Garanhuns. É que antes São João era distrito de Garanhuns. Hoje, São João é capital e Garanhuns também é capital. Está entendendo? Então, nesse tempo que eu vim de lá, vim de Canhotinho, tinha seis meses de nascido. A minha mãe casou, meu pai morreu... Minha mãe casou com um senhor de idade lá... Mudamos pra um lugar chamado Teixeira. [Estamos na garagem de sua ex-casa. A porta da sala fica de frente pra onde conversamos e a barulheira da criançada, percebo agora, prejudica a compreensão do que Moisés diz. Nos quatro dias em que estive com ele, em nenhum momento ficamos completamente isolados. Nos dois dias em que houve entrevista, as interrupções (ainda que rápidas) foram freqüentes]. Aconteceu de minha mãe casar com esse velho. Depois, teve duas crianças: uma ela deu lá em Garanhuns mesmo. A outra criou-se em Caruaru, mas eu nunca mais vi ela... .. Minhas tias e meus tios foram todos pra Santana de Ipanema. Não conheci naquela época, mas devem estar pra lá. E eu fiquei, me criei na casa de uns crentes... Presbiterianos. Fui pra lá com uns sete anos. Com quinze anos me casei. Passei seis anos, mais ou menos. Depois de seis anos, minha mulher pegou a doença. Câncer no cérebro, depois da última criança que ganhou... [Preciso encostar a porta da sala por causa do grande barulho dos netos. Neste dia, havia chegado sete da manhã na casa deles e passamos a manhã toda brincando: estávamos bem à vontade, as crianças e eu]. Ela adoeceu, eu tinha seis anos de casado. Maria Reginalda Gonçalves da Silva. Era mãe desse Reginaldo que tem aqui, do Zezinho, da Fátima, da Nenê e da Nena. Os que estão lá no interior. E agora eu tenho, me casei com essa outra: o Junior, que morreu, eu tenho o Marcos e o Márcio. Em Pernambuco... .. Depois de seis meses que ela morreu, eu vim pra São Paulo. Rodei aí pelo interior. Vim até Santos, até Itanhaém. De Itanhaém, fui até Peruíbe, Rio Preto. Trabalhei com João Bernardo aí no escritório dele na Rua da Misericórdia, número 222, parece. Fiquei no caminhão carregando banana. Eu fui me embora direto pra casa. Encontrei um conhecido meu lá do Burgo, na estação rodoviária, um negão. Não sei, viu? Esse negão parece que desceu do céu! Eu fui lá no escritório de João Bernardo, que eu saí de lá, recebi trezentos e oitenta paus. Fui comprar passagem pra voltar pra Pernambuco. Aí, ele disse: ‘Não. Você não vai com esse dinheiro pra Pernambuco. Você compra um jornal ali, que eu sei ler e vou te falar onde é que está pegando pra você trabalhar’. Comprei o jornal, ele leu, e disse: ‘Agora eu vou te levar nessa firma. Você vai ficar trabalhando hoje’. Naquele tempo ainda tinha gente em quem a gente acreditava. Saí com ele, peguei a Cardeal Arcoverde, ele me deixou lá: Rua Simão Álvares. Fiquei trabalhando com Seu Perez. Eu vim do sítio direto pra cá, e estava indo embora direto pra Pernambuco, quando apareceu esse negão. Eu fiquei por aqui. Agora eu tenho um cantinho pra ficar, um lugar pra eu morrer. Eu estava sem nada. Estava jogado. Daqui pr’ali, sem nada, quando ele me ajudou. Dei um jeitinho.

Trabalhei em bastante obra... Depois, eu e o finado Prexeca... Conhece ele, né?! Então, fomos eu e ele lá no FUNDUSP e arrumamos serviço. Num dia só, eu e ele. Ficamos trabalhando de jardineiro, depois fomos pra prefeitura [do campus universitário]. Daí uns tempos, que eu entrei logo como jardineiro, depois me mudaram pra encarregado de limpeza pública. Depois, inventaram um negócio de... .. De técnico de manutenção, que onde eu estou hoje. Mas o técnico de manutenção nunca teve um reajuste certo, porque um técnico de manutenção tem que ganhar o suficiente. E o que eu ganho hoje, pra mim é pra aquela coisinha mesmo... Me tiraram como encarregado me dizendo que eu ia ganhar mais como técnico de manutenção. Mas até agora eu não vi nada. Fiz esse acordo de auxílio-doença. Dr. Paulo me ajeitou esse negócio, que eu não estava mais agüentando trabalhar. No fim das contas, ficou umas férias minhas, que eu falei pra você. Pagaram e depois pegaram... Porque botaram na minha conta. Eu estava com necessidade, fui lá e peguei esses mil cruzeiros. Depois, ligaram umas duas vezes lá em Pernambuco, e eu disse que não tinha condição. Falaram que iam colocar meu nome no SPC. Agora eu não sei se o meu problema está sendo isso. Deve ser. Porque na reitoria, na seção pessoal tem sempre alguém lá dentro fazendo esses negócios. Agora, não sei se é pra esses problemas também. [Um dos filhos de Moisés pede a chave pra pegar meu carro emprestado. Quer ir ao mercado. Instantes antes, ele havia ficado interessado em conhecê-lo. Insisti para que ele o dirigisse pelo menos no quarteirão. Ele aceitou, embora encabulado porque trajava 'roupa suja de pintor'. Agora, de banho tomado, ele leva o filho pra passear. O carro dele ficou na garagem onde estávamos, bem ao nosso lado]. Foi o tempo que eu fiquei na USP, me aposentaram, e eu estou aqui até hoje. Daqui, comprei um terreninho lá em Pernambuco, agreste. Pra passar meus últimos dias de vida. Cheguei lá e saí logo tendo prejuízo com uma vaca, uma garrota que eu comprei. Perdi meu chevettinho preto velho que eu tinha, pra poder pagar pro cara. Tive um prejuízo de dois paus e meio, por aí... .. E agora? O que eu tinha pra falar, eu já falei.

Fernando – Agora, esse negócio do SPC não tem a ver com a USP, não. É do imposto de renda mesmo, que você não declarou...

Moisés – Fernando, o camarada trabalha tantos anos, corre que nem um cachorro, depois aparece uma porcaria, o camarada faz e pega. Porque se eu soubesse que não era meu, eu não tinha pegado. Fiquei pagando, e só porque ficou faltando uns dias porque eu não tinha condição de pagar, ela arrumou os telefones com a menina aqui. Eu falei que não tinha condição, que era pra fazer o que ela quisesse. Que eu estava meio gasto com isso aí. Até hoje não deram baixa na minha carteira. Estou com minha carteira fichada, e não sei como é que vai ser. Voltar pra trabalhar não volto mais, porque vivo todo inchado, cheio de dor pra todo lado... [Troco a fita, mas Moisés continua falando]. ...Meu outro filho, o Zezinho. Minha mulher morreu dele. Quer dizer, ela ganhou ele, e assim que ganhou adoeceu. Ficou com problema. Passou um ano, fui correndo com ela pra todo lado pra ver o que era. Que ela ficava num canto, ficava caindo. Ficava em outro canto, ficava caindo... Através do filho do Dr. Cid Sampaio, que nesse tempo era deputado no Recife, conseguiu vaga no hospital D. Pedro II, vaga especial dele. Ele arrumou pra eu ir com ela pra Garanhuns, e de lá pegar a ambulância pra ir pro Recife. Assim eu fiz. De Garanhuns, eu fui com ela pro D. Pedro II. Chegou lá, não tinha quarto separado pra ela. Ela ficou lá. Passou um ano, um ano e vinte dias. Operaram a cabeça dela, tiraram um pedaço de couro. Nesse tempo, no Recife não dava pra fazer o estudo. Levaram pro Rio de Janeiro. Do Rio de Janeiro, levaram pro Recife. Chegou no D. Pedro II lá, disseram que era um problema de nascença no cérebro dela. Aquilo foi aumentando, aumentando, aumentando... Perdendo muito sangue. Endureceu, deu

problema no cérebro e ela morreu. Falaram com o pai dela e comigo, pra ter uma autorização pra operar. Porque na operação, se estourasse alguma coisa... Porque podia estourar pro nariz, pros ouvidos... Passou um ano lá. Quando deu um ano, me entregaram lá no sítio na estrada do Burgo. Eu estava lá no meio, na lavagem, fazendo um serviço com os meninos lá, quando eu corri pra ver: eram eles trazendo ela. Passou vinte e dois dias comigo. Ela morreu. De lá pra cá, eu fiquei assim todo, todo... Desorientado. Fiquei sofrendo lá, com cinco crianças. Mas os outros meninos da mulher que tinha lá, que tratava dela, ficaram tudo em casa. Quando ela morreu, passei mais seis meses em casa. Não agüentei, e vim embora pra cá. Vim com mais dois rapazinhos de lá pr'aquí. Daqui, fui direto pro pantanal de Itanhaém. Passamos quinze dias em Itanhaém. Depois de Itanhaém, fui trabalhar em Peruíbe. De Peruíbe, voltei pra Itanhaém pra trabalhar em Rio Preto, até perto da serra de Santos.

Fernando – Você disse que com a morte de sua esposa ficou desorientado. Então, foi por causa disso que você veio pra São Paulo?

Moisés – É. Foi por causa disso. Porque eu olhava pra todo lado e não achava jeito. [Olhos marejados]. Então, eu não queria ficar lá. E precisava de quem tratasse de minhas filhas. Deixei elas no meu sogro. Passei aqui quase quarenta anos. Já tenho netos grandes. Minha família já está toda criada, graças a Deus. Eles ficaram com eles lá, e tem os daqui também. Tenho dois bisnetos agora. Eles vão crescendo, e eu vou baixando. Eu fico satisfeito com as coisas que eles fazem. [Gustavo, filho de Junior, pergunta novamente sobre a câmara, e Moisés interrompe o que dizia].

Fernando – Esse que pegou meu carro emprestado é quem?

Moisés – Reginaldo. Esse criou-se lá com o avô dele.

Fernando – Não fosse sua esposa falecer, você acha que tinha ficado lá?

Moisés – Tinha. Não tinha vindo pra São Paulo. Porque eu só vim por causa disso. Porque pra todo lado que eu andava, eu via ela, e ficava me lembrando. E a criançada toda, quem era pra tratar, não estava tratando direito. Tinha uma mocinha lá que ficava com eles. Quando eu chegava em casa, que eu, trabalhava assim vendendo coisa na feira... [Moisés interrompe o que dizia pra advertir os netos que é um sorvete pra cada dois (eu havia comprado sorvete de massa para as crianças, naqueles potes de meio litro)]. Eu não tinha vindo pra cá, não. Vim embora pra'quí, passei esses tempos todinho e agora vou voltar pra lá, pra ficar o fim da minha vida pra lá mesmo.

Fernando – Quando você diz desorientado assim...

Moisés – Quando você tem... Você tem sua esposa, não tem? E Deus sabe de você. Isso pode acontecer e pode não acontecer. Morre sua mulher. Você tem três, quatro filhos. Você não tem dinheiro suficiente pra tratar daqueles meninos. Sua empregada é que cuida e trata daquelas crianças direito. Você não tem um emprego certo. O seu emprego é você comprar uma carga de banana aqui, uma carga de jaca ali, um saco de cenoura num canto, um pouco de batata noutro canto, e juntar tudo pra fazer a feira. A feira é a cinco léguas de distância. Pra levar pra vender, pra fazer as compras dos filhos. Pra comprar remédio, pra fazer tanta coisa que... Porque naquele tempo, eu tinha meus cavalos de trabalhar, tinha meus garrotes, tinha minhas coisas. E foi se acabando, se acabando, se acabando, que fiquei quase sem nada. Por causa do tratamento dela. Fiquei em casa sem nada. Tinha uma irmã dela lá que me ajudava muito. Chamava Dinah. O pai morreu. Sobrou só a Dinah, o Ari e a Cida. Daquela turma mais velha morreram tudinho. Os que me criaram. Que me deram sustento,

porque quem me criou foi Deus. Foi quem me deu sustento pra eu viver até hoje. Deus é quem me criou. Você fica na terra até a hora que Deus quer. Você vive o bem e o mal. Você tem que passar do jeito que Deus quer. Se você nasceu pra ter alguma coisa, você tem. Se você nasceu pra ficar naquilo ali... Naquilo mesmo. Que todos os dedos da mão da gente, todos eles são igual. Tem um rico, outro pobre, um médio, outro razoável, e assim todo mundo vive. Confiando em Deus, vai pra frente. Meu passado foi tudo isso aí. Fiquei com minha mãe até meus sete anos de idade. Depois, ela me deu, que ela já não podia mais fazer nada. Deu aquela doença, barriga d'água, sabe? Ficava deitada o dia inteiro naquela – igual eu te falei outro dia – na caminha de vara, com uma esteirinha de banana, que não tinha recurso nenhum. E eu era pequenininho, não podia fazer nada. Quando ela morreu, eu fiquei lá na casa daquele povo lá. Cheguei lá, foi o mesmo que abrir a porta do céu pra mim. Passei até meus dezessete anos mais ou menos, que eles eram tudo metido a rico, era fazendeiro forte. Eu fiquei lá com eles. Me criei com eles. Com quinze anos me casei. Na base de sete anos depois, minha mulher morreu e eu fiquei... .. Porque lá na fazenda do meu pai de criação, eu é que mandava em tudo. Era negócio de laranjeira, jaqueira, fruteira, bananeira, carro de boi, amansar boi: tudo isso era comigo. Cortar madeira, vender. Vender madeira nas feiras... Meu serviço era tudo isso aí. Isso era a minha vida. Depois que minha mulher morreu, eu fiquei assim... Sem idéia quase. Eu pensei: 'Eu não tenho ninguém mais aqui. Só os meus filhos'. Larguei meus filhos lá com meu sogro. Eles acabaram de se criar. Cada um foi parar num canto. Eu tenho duas filhas em Maceió, tenho uma filha em Maceió, e o Zezinho. Todos meus filhos caçula deu problema pra mim. Estão todos os dois vivos, mas sempre me deram problema. [Olhos marejados]. Agora, esse outro que eu perdi aí que... .. Me deixou mais... Pesado. Que a gente não pensa que vai acontecer um negócio desses com um filho da gente. Um negócio que ninguém espera: a morte desse filho meu. Os caras saíram de São Paulo e vir tirar a vida de meu filho aqui... E ninguém sabe quem foi. Disse que a polícia estava tudo de máscara. Mandaram parar o carro dele. O carro não tinha freio. Ele desceu, foi descendo devagarzinho. Os caras ouviram uma explosão, bateram nele, fizeram descer já atirando. Atirando sem saber quem que era, quem que não era. Diz que eles estavam tudo com máscara. Tinham dois carros: um daqui pra Itapevi, outro como quem vem de Itapevi. O de Itapevi que deu sinal pra parar. Ele foi freando o carro, mas o carro estava sem freio e saiu andando. Foram passando o carro e encostaram do lado do deles. Quando parou, já foram logo atirando. Quando abriram a porta e foram ver ele quem era, aí disse que o cara pôs a mão na cabeça. Já tinha se arrependido de ter feito isso aí. Que atirou enganado. Tinham dois camaradas atrás que empurraram ele. No que empurrou, foram logo atirando. Quando foram ver, os caras tinham entregado ele. E o cara tinha feito umas presepadas lá no terreno dele... Que ele tomava conta, que ele morava lá. Os caras pegaram a casa dele e enterraram umas porqueiras lá. Depois, botaram tudo pra cima dele. Esse cara está preso. Essa casa amarela que tem esse grandão coberto. E ficou tudo pra cima dele. Sem ter arma, sem ter nada, ficou tudo pra cima dele.

Fernando – O que tinham plantado na casa do Junior?

Moisés – Plantado, não. Cavaram um buraco – não sei onde, que eu não fui lá ver – tiraram Junior da casa dele, e enterraram lá, sem ele saber: maconha e saco de droga, e revólver, tudo naquele terreno que ele tem lá pra cima, naquela mata lá. Não era do Junior, a mata é do Estado. Tanto foram esses caras que fizeram isso, que entregaram o Junior pra polícia dizendo que ele que tinha feito aquilo lá. Quem está morto não fala nada. E ele ficou como o seqüestrador de criança. Até seqüestrador de criança eles disseram que ele era. Atiraram nele era seis da tarde, e levaram no hospital só às dez da

noite. Tinha vinte minutos que ele tinha morrido. Ficaram só rodando com ele até ele morrer. Rodando com ele até que ele morreu, pra eles entregarem ele. [Acende sua piteira].

Fernando – Da primeira casa que você morou na sua infância, você me consegue contar alguma coisa dela? Do que você lembra, quando pensa nela?

Moisés – Olha Fernando, quando eu tinha a idade de sete anos eu sei que eu morei naquele lugar chamado Burgo, na casa desses crentes que eu te falei. Chamavam ele de Capitão Joel. Naquela época, quem era rico, ou que tinha alguma coisinha, era costume chamar de capitão. Então, era Capitão João Simão, era capitão Joel, era Capitão não sei o que. Tudo era capitão. Era senhor de engenho. Quem tinha engenho, assim, quem era senhor de engenho era capitão. Nessa época, só tinha os filhos dele. Na idade de sete anos fiquei eu mais ele. Antes disso aí, eu morava na terra de um tio dele, chamado Zacarias. Hoje, as filhas dele moram lá em Garanhuns, lá no arraial. Minha mãe morreu lá. Lá, não. Ela foi pro hospital e voltou bem fraquinha. Quando já estava quase morta mesmo, aí o velho levou lá pra casa dele. Morreu lá no Burgo.

Fernando – Então, a casa que você se lembra é essa desses crentes onde você viveu a partir de sete anos?

Moisés – É. Lá mesmo me casei, morei mais uns seis anos. Depois, minha mulher morreu. Eu ficava vendo roupa dela, sapato, uma coisa ou outra... Entreguei pro meu sogro ficar com os meninos e vim embora pra aqui. Fiquei morando lá, mas fiz uma casa pra mim. Lá na mesma fazenda tem a casa de morador. Eu peguei uma casa que estava desocupada. Reboquei, ajeitei e fiquei morando nela.

Fernando – Essa casa dos crentes, você se lembra de como era?

Moisés – Era um casão. Casa de fazenda. Eram dois armazém – um curral pra gado, pra vaca (pra tirar leite), estrebaria de cavalo. Uns vinte alqueires de café, está entendendo? Era fazenda grande.

Fernando – Você morava dentro da casa, junto com a família?

Moisés – Quando eu estava solteiro, eu morava dentro da casa. Junto com eles, dentro de casa. Era o Jazon, Dinah, Áurea, Anésia e Zefa – a mãe dele. Depois, morreu Mãe velha, morreu Anésia, morreu também Custódia – uma velha que tinha. Tudo dentro de uma casa só. Depois, com tempo, morreu o finado Albedi... ... Depois que eu vim pra São Paulo, depois desse negócio que eu estou aqui, que eu cheguei que eu soube que morreu todo mundo. Dessa família mesmo só ficou Juci, Dida e Niná. [Olhos marejados].

Fernando – A casa por dentro, você se lembra?

Moisés – ...Deixa eu ver... ... Era a sala... Uma sala, dois quartos, mais outro no corredor: são três Mais outro no corredor: são quatro. Eram quatro quartos, uma dispensa, a cozinha e a sala.

Fernando – Você ficava em um desses quartos, com sua irmã?

Moisés – Não. Eu ficava em tudo. Eu andava, eu ficava na casa grande toda, mais ele. Pra dormir, eu e meu pai de criação – que era Jazon – dormia eu e ele numa rede no corredor. Na sala de janta. Tinha uma mesona grande, que era de a gente pôr almoço. Ele dormia do lado de lá, e eu dormia do lado de cá. Ele dormia do lado da porta virado assim pro secador de café, e eu ficava por trás na porta da cozinha, assim da dispensa da

cozinha. [Olhos continuam marejados, mas com leve sorriso no rosto]. Que eram três quartos assim num canto, e dois em outro. Eram cinco. Tinha o quarto da dispensa, o quarto das meninas: eram quatro quartos num canto só. Quarto grande! Eram três quartos num canto e dois em outro. Tinha o corredorzão comprido. E uma salona muito grande, e a sala de janta, muito grande também. Tinha o armazém num canto, um do lado direito e outro do lado esquerdo. E o corredor todo de alpendre. Alpendre pra todo lado: de tijolo, coberto com telha, telha normal mesmo, de barro. E como eu ia dizendo, como eu estava sofrendo quando eu cheguei com minha mãe, fui morar... Quando eu cheguei de Alagoas, ficamos nessa terra mais o finado Zuza. Não tinha nada. A gente, pra comer, ralava mandioca fofa pra fazer biju. Quando estava em Laje de Canhotinho, não. Meu pai era vivo, era foguista lá da Usina Tigre Leão, administrador lá. Então, tinha tudo. Eu não sei se mataram meu pai, aí meu pai... Pai da minha mãe, meu avô, vendeu o sítio lá e veio se embora pra cá. Trouxe o dinheiro de lá, chegou e comprou um pedacinho de terra, tabuleiro. Foi acabando o dinheiro. Quando ele viu que estava quase sem nada, aí vendeu pra Seu Zuza mesmo, que era o dono. Foi se embora pra Santana de Ipanema. Deixou só eu e minha mãe. Minha mãe casou com esse cara que já morreu, finado Zé Mota. Acho que ele tinha uns seis ou sete filhos. Nasceu mais dois: um ela deu em Garanhuns, outro morreu no hospital mesmo. Criou-se essa menina. Essa menina, diz que casou-se, está morando em Caruaru. Até eu passando lá agora, um compadre meu, o Ziza, falou que avisaram que ela está morando em Caruaru. Falaram pra mim que ela está morando em Caruaru, mas eu ainda não fui na casa dela, não. Ela estudou com uma freira na casa de João Simão, Madre Tereza e Capitão João Simão. Lá ensinaram ela. Estudou muito pra freira. Passou, parece que fez o curso todinho, mas deu na cabeça – cabeça de doidice - com muito estudo e não soube aproveitar o estudo que tinha. Enquanto que eu, eu não pude estudar. Meu estudo era só com a enxada e tiração de capim. E correr por dentro da fazenda. Onde eu conheci, era pra tirar enxerco de laranjeira, enxerco de plantação de café, essa ervazinha de passarinho que tinha lá. Na USP não tem aquelas árvores que dá aquelas frutinhas amarelinhas? Então. Aquilo dá muito na laranjeira e no café. A gente carecia de podar o café, tirar todos os talinhos: tem que tirar os enxercos todinhos, matar, porque não produz nada.

Fernando – Na casa do Jazon, qual era o seu lugar preferido?

Moisés – Meu lugar preferido lá da casa era tudo. Porque eu mandava em tudo, cuidava de toda planta. Não era que nem aqui.

Fernando – Mas não tinha um canto preferido?

Moisés – Não. Só quando me casei que eu tinha meu quarto separado. Era assim uma base de uns cem metros.

Fernando – Nenhum lugar onde você preferisse ficar?

Moisés – Não. Que você sabe: criança não tem esse negócio. Eu só tinha mesmo o canto de eu dormir de noite e de dia... De dia... De dia era o campo. No decorrer do dia era recolher café, catação de café... Era trabalhar na roça, limpar café... ... Mudar o gado, buscar os gados pra cocheira, tirar capim pro cavalo, cortar capim, fazer tudo. Cerrar capim pro cavalo comer, buscar as vacas pra casa... Na estrebaria. De manhã, levar as vacas pro pasto outra vez. O sítio era grande. Jazon era sozinho, nunca casou. Viveu solteiro, morreu solteiro... Era Anésia, Dinah, Áurea, Clarice... ... Só a Eunice era casada, e o finado Albedi... ... E o Jair: esses três eram casados. Depois, com o tempo casou a Clarice, casou com um velho lá que... ... Deixa eu ver... ... Que morava aqui em Santa Catarina. Ela casou-se com ele e foi embora pra lá. Só ficou em casa: eu, mãe

velha, Dinah e Áurea.

Fernando – Nessa casa do Jazon, então, não tinha nenhum lugar que você preferia ficar, o seu lugar preferido... Mas e quando você tinha que escolher um lugar pra descansar?

Moisés – Era o alpendre. Que era uma casa alta, com o alpendre alto, tinha um terraço alto assim. Eu ficava ali olhando pras estradas, olhando pro café, pra jaqueira, as fruteiras, o gado... Que era uma casa alta, aterrada antes. Então, ela tinha uns dois metros de altura a hora que ela começava. Ela ficava alta. Que eu passava o dia trabalhando. Sempre eu gostava de ficar olhando a estrada pra cima e pra baixo. No alpendre, vendo o povo passar. Tinha dia, às vezes... Teve uma vez que eu estava assim no alpendre, estava lá arrumando alguma coisa com a espingarda, e tinha alguma coisa batendo na minha orelha. Quando eu olhei, era uma cobra coral. E o negócio batendo na minha cabeça: batia, batia, batia e passava, passava, passava, e não achava. Quando eu olhei, estava a bichona enrolada assim no caibro pra outro assim. Ela ficava batendo na minha cabeça assim. Tinha muito dessa lá. Ela batia o rabo assim, eu passava a mão na cabeça: ‘Ué, que diabo está batendo na minha cabeça?!’. Batia no meu chapéu. E eu procurava, procurava e não achava nada. Quando eu olhei, estava ela com o rabão assim e a cabeça pro outro lado.

Fernando – O que você fez?

Moisés – Matei. Dava uma base assim de um metro e meio, dois metros. Compridona, né?! Ela era pintada de preto e amarelo. Porque tem a coral verdadeira, que é essa vermelha; vermelho, preto e branco, essa coral verdadeira. Que é aquela do rabo grosso, é a que tem veneno. Mas eu acho que todas as cobras tem veneno. Mas eu matei essa cobra. Isso foi no tempo de solteiro ainda... Que aconteceu isso comigo. Tinha corrido na casa de Farinha, tomei um banho (que eu estava indo pra uma festa), estava arrumando um negócio lá que eu não posso falar. Enquanto eu encaixava, o negócio batendo na minha cabeça. Pof, pof, pof. Olhava pra um lado, olhava pra outro e nada! Quando eu olhei pra cima, estava a bichona na telha. Dei dois, três tiros nela. Um eu acertei, e ela caiu. Estava assim na beira do telhado. Atirei na cabeça dela, e acertei.

Fernando – Do que você brincava quando criança, você se lembra?

Moisés – Olha, a minha brincadeira, filho, eu quase que nunca tive brincadeira. Minha brincadeira era somente o serviço, era a enxada. Com a idade de sete anos já arrastava a enxada, carpia o mato, carpia o mato com a... .. Plantava milho, feijão... .. Meu estudo, negócio de escola foi só... Quando eu era pequeno, eu fui umas duas vezes na escola. Depois, minha mãe mudou e eu não fui mais. Eu fui pra a casa desse homem lá. Na casa dos outros, você sabe como é. Não tem aquela ousadia que os outros têm, não. Os outros, todo mundo ia pra escola. Eu não ia. Eu ficava em casa pra cuidar dos bichos, cuidava das coisas pra aprender a ser... Mal e mal, aprendi a assinar o nome. Ainda assim aprendi a assinar o nome, mas depois me esqueci. Hoje, nem assino meu nome direito mais. Mas eles colocavam o caroço de milho assim, e faziam ajoelhar no caroço de milho. Eu fiquei nervoso e saí fora. Quando falava assim onde estava a lição, eu caía no mundo. Com medo de apanhar. Ponha seis caroços de milho pra você ajoelhar em cima e veja o que acontece.

Fernando – O que acontecia que você ficava de castigo?

Moisés – Não fazia a lição certa. Às vezes, eu errava a lição e eles castigavam eu, pr’eu fazer aquela lição. Não dava vontade de voltar na escola. Ainda tentaram me ensinar

dentro de casa. Está entendendo? Elas iam pra a escola. Quando elas chegavam da escola, meio-dia, meio-dia e pouco – que eu estava na hora do almoço em casa – terminava de almoçar e chamava pra me ensinar. Eu chegava lá, tinha uma que fazia esse negócio comigo. Eu já estava meio durinho, e não agüentei mais...: ‘Ah, também não vou estudar mais!’. Vim pra cá e não estudei mais nada e... .. Fiquei no que eu estou hoje.

Fernando – Então você não brincava... Mas trabalhava de segunda à segunda direto? Não tinha nem um dia de descanso?!

Moisés – A gente... O dia de descanso de sítio é muito pouco. O descanso da gente era ir pra feira. Quando eu já estava maiorzinho, que eu cresci – com uma base de doze anos, treze anos – eu fui amansar junta de boi. Está entendendo? Eu pegava, cortava madeira, tinha um... Um velho lá, chamava Mané Grande, que cortava madeira pra gente, pegava o carro de boi, pegava a madeira, vendia em São João. Ia na padaria do prefeito, eu pegava as carnes dele e vendia lá. Vendi muita madeira também, pros caras fazerem casa, casa de madeira. Pau-a-pique que fala. Põe as madeiras todas em pé, quando está pronto põe um punhado de vara: uma vara de um lado, uma vara de outro, aí tapa com barro. Casa de barro. Você já chegou a ver essas casas, não já? Por dentro, o camarada reboca, pinta... Fica igual a qualquer uma dessas aqui. O camarada fazendo a casa bem feita... Essa mesmo que eu morava, essa grandona, era feita de graúna na sala. Chegava lá, você não dizia que era feita de graúna, dizia que era feita de tijolo.

Fernando – Como é que o cara faz a fundação de uma casa dessas?

Moisés – Faz o alicerce fundo, faz uma coluna como essa aqui: um pilar. Você vai fazer o esteio, você cava aquele buraco bem fundo. Aí, você vê a altura da maneira de acordo com a altura da casa que você quer. Se a casa tem cinco ou seis metros de altura, você põe dois, três metros pro chão. Já deixa da altura certa. Você passa uma linha, passa madeira de um canto, passa madeira do outro. Põe seis esteios: põe um ali, outro ali, um cá, outro lá, põe um no meio... Faz uma casa da largura dessa aqui. Pra cobrir, você põe os galhos por cima, com vinte, trinta centímetros de um pro outro. Depois que varava tudo, passava a ripa. Cobria, pronto. Botava mais um pouco de barro, tapava tudo com barro bem tapado, depois fazia uma massa e rebocava ela todinha. Se quiser pintar também, não tem problema. E fica mais seguro do que uma casa de tijolo. Você acredita? É difícil você ver uma casa de barro cair. Ela dá um molejo, amolece todinha, mas não cai. Porque ela fica só no barro ali. O barro segura ela.

Fernando – Eu estou impressionado, porque pelo que você me falou não teve nenhuma época da infância que você brincou.

Moisés – É. Esse negócio de brincadeira não tive, não. Quando a minha mãe estava doente, a minha brincadeira era sair pra roça pequenininho pegar toquinho de milho pra arredar no moinho... Acho que você sabe o que é aquele moinho de... Você não chegou a ver, não. A gente moia o milho assim, pra poder fazer o xerém. Quando eu chegava em casa, que eu não podia moer, nessa casa mesmo que eu me criei, tinha um banco alto, eles me davam o banco, eu ficava ali no banco e ficava moendo o milho. Eu não agüentava, as meninas vinham ajudar a moer. Eu levava o xerém pra casa pra minha mãe poder cozinhar. Cozinhar pra comer com feijão, leite... A minha vida foi assim. Eu não posso dizer assim que eu tive um brinquedo pra brincar. Quando eu brincava, mais os meninos lá, era com estilingue. Quando estava maior um pouquinho, ia com a espingarda matar passarinho. Fazer que nem índio. Às vezes, achava comida de arapuã, de juruti. Eu e outro menino ia lá, ficava tocaiano. Nossa brincadeira era essa: era

plantar verdura e vender, e pronto. Minha vida era essa. Nunca tive esse negócio de brinquedinho, sair arrastando carrinho. Não tinha um carrinho, uma televisão pra assistir um desenho. Lá não tinha isso. O que tinha lá em casa mesmo era só um rádio. Um rádio que lá na casa de meu pai onde me criei; tinha cata-vento, porque luz nesse tempo não existia lá; era só um cata-vento pra gerar luz pra ligar o rádio.

Fernando – Quando você pensa no Jazon, que lembrança te vem à cabeça?

Moisés – ... Ah, eu penso que ele era muito bom pra mim. Ele me deu muita força. Se ele ia pra feira, sempre trazia um negócio pra mim. Está entendendo? ... Se eu me sentia mal, ele logo comprava alguma coisa, já trazia... Depois que eu fui pra lá, nunca mais faltou nada pra mim. Negócio de comida, negócio de carne, tudo tinha lá. Já me acostumei, e me acostumei por ele. Sempre era por ele que a mesa era farta. Tinha vez que, assim dia de semana, que nós pegava, que ele vendia o café – vendia três, quatro sacas de café, café em casca – ele pegava a gaveta dele, abria assim, tinha uma peneira de peneirar massa, de peneirar feijão – aquela grandona – abria a gaveta, punha você assim, só ficava vendo aquele amarelão de nota, aquelas notas de quinhentos cruzeiros... O bicho lá tinha muito dinheiro! Eu não me arrumei porque não soube fazer naquela época. Se fosse ambicioso como muita gente é, hoje eu tinha recurso dele lá. Quando eu estava lá, ele me ofereceu, disse que ia me dar um pedaço de terra, disse que ia comprar uma casa pra mim. Eu não quis. Ia comprar um terreno pra mim lá no sertão. Eu não quis. Hoje eu estou morando no que é meu mesmo, sem precisar de ninguém.

Fernando – Mas o que aconteceu que você não quis?

Moisés – Não. É que eu vim embora aqui pra São Paulo. Eu vim embora pra São Paulo, não fiquei lá. Foi o tempo que eu fiquei aqui, aí ele morreu. A família acabou vendendo o sítio. Aquela irmã minha lá daquela época, vendeu o sítio. Deu de graça. Não tinha quem tratasse do sítio. O sobrinho dela, o Juraci, morava em Garanhuns; o Jair morreu. O Jazon morreu também. Estava bem velhinho. Já tinham vendido o sítio, compraram uma casinha em Garanhuns. Aí morreu... Morreu lá em Garanhuns mesmo. Os outros foram ficando, ficando, ficando, o derradeiro que morreu foi ele. Ficou só a Dinah, ela vendeu o sítio. Dizem que foi de graça. Ficou numa casinha, e hoje ainda está morando lá.

Fernando – Quando o Jazon estava vivo ele te ofereceu um terreno?

Moisés – Não. Eu não queria sair do Burgo. E ele foi comprar um terreno pra mim ali perto de Capoeira. Cheguei lá e vi que era muito seco. Eu disse: ‘Não. Aqui não dá pra mim’. Não quis ficar. Eu não queria morar na cidade, e nem queria sair de perto dele pra morar no interior. Por causa das crianças. Sair do sertão. Fiquei lá. Fiquei, fiquei, fiquei... Depois, vim embora aqui pra São Paulo e perdi tudo. Não voltei mais lá. Porque no tempo em que ele era vivo, ele é que mandava no sítio. Eu era o capataz, como se fala. Capataz, assim, não de matar gente, mas de tomar conta do serviço dele. Ele era crente com os trabalhador. Eu é quem arrumava os trabalhador pra pôr. Eu é quem dava almoço pros trabalhador. Dava um café decente, dava um almoço. Às vezes, até de noitinha, tinha deles que não tinha o que jantar, jantava na minha casa. Quando eu estava com a minha mulher era assim. Depois que minha mulher morreu, eu vim embora pra cá e... Saí fora do sítio, aí as filhas acabou-se. Aí, começou o pai [corrigese], o irmão dele, o Jair, começou a fazer secada. Secou as terras todas, aí não deu nada. Não dava nem pra criar um cavalo, nem garrote, nem nada. Eu fiquei meio complicado com ele: quando eu amarrava o boi num canto, ele vinha por cima. Onde dava pra plantar ele colocava cavalo, onde eu punha o boi ele queria colocar coisa no meio... E

foi me dando nervoso. Sabe? Foi dando nervoso, e aí não dava. Eu já estava meio doido da cabeça mesmo, teve um dia que ele veio falar um monte de coisa comigo, eu fiquei nervoso. Ele reclamava porque: ‘Eu sou dono daqui e não tenho nada. Esse cara veio aqui e tem de tudo: tem boi, tem cavalo, tem isso, tem aquilo’. Mas ele não fazia o que eu fazia. Ele ficava no sítio dele, limpava o café dele, plantava a mandioca dele, pegava a junta de boi dele e ia pra Garanhuns fazer as coisas pra ele. E eu pegava a minha, trabalhava pra Jazon e ele me dava vinte e cinco cruzeiros, dez... Naquele tempo era um dinheirão. Eu ficava com aquele dinheiro, comprava um cavalo, comprava um animal, comprava um bezerro... O outro lá tinha ciúme de mim, pai do Juraci. Esses dias eu estive lá, Juraci falou assim pra mim que se eu estivesse lá ninguém tinha vendido o sítio. Que tinha um sítio lá que era do filho do finado Zacharias, Heloy. Disse que sítio de Heloy era pra ser meu. Se eu não tivesse saído de lá, Jazon teria me vendido, tinha passado o sítio pra mim. Eu digo: ‘Ah, eu não fiquei...’. ‘É. Porque se você tivesse ficado ninguém tinha vendido o sítio, não’. Eu falei: ‘Naquela época, eu vim me embora por causa do seu pai: ou ele me matava, ou eu matava ele’. Eu não queria matar ninguém. Tenho minha vida limpa, graças a Deus. Não quero ter essa culpa pra Deus, de matar ninguém. Às vezes, ele me ameaçava. E eu, às vezes, ficava meio nervoso. Porque, você sabe: a gente quando já está meio desequilibrado da cabeça é capaz de fazer besteira. Eu pensei: ‘Não. No lugar de ficar aqui do lado dele com inveja, aí é melhor eu sair, ir me embora, largar isso aí, fazer minha vida em outro canto, que Deus me dá’. E justamente Deus me deu. Não careceu nada pra ninguém, ficou tudo na mesma amizade. Quando cheguei lá agora, ele já tinha morrido... Procurei a filha dele, que me criei com ela, juntinho com ela, andava mais ela por todo canto, a Juci...

Fernando – Eu queria saber umas coisas... Quando Jazon morreu, você já estava aqui em São Paulo? Alguém te deu a notícia...

Moisés – Estava aqui em São Paulo. Fiquei sabendo agora que eu fui pra lá.

Fernando – E como é que você ficou?

Moisés – Normal. Porque o que eu tinha pra fazer mais? Procurei eles. Cheguei lá, ele tinha morrido, tinham vendido o sítio, tinham vendido tudo. Eu ia sempre a procura dele. Se ele estivesse vivo, eu fazia de todo jeito pra ele ficar comigo. Bem dizer, o pai que eu conheci foi ele, que ajudou a criar meus filhos. Esse menino mesmo aí e a Nena, que eu tenho lá, ele mesmo foi quem acabou de criar. Bem dizer, foi um pai que eu não tive. Ele me criou, com o poder de Deus, e criou os meus filhos. Meu sogro também ajudou a criar também... Pra mim, ele era um pai, porque ele nunca fazia coisas erradas comigo. Um negócio ou outro errado lá só, que era fofoca do irmão dele que fazia. O irmão dele chegava lá e falava: ‘Esse cara fica aí. O serviço dele não paga nem a bóia!’. Ele falava isso aí. Falava de inveja. [As crianças nos interrompem pra saber do sorvete...]. Jazon nunca me abandonou.

Fernando – Ele chegou a vir pra São Paulo, ou você que visitava?

Moisés – Morreu solteiro. Morreu lá mesmo. Eu nunca fui visitar ele. Está na base de uns três anos que eu voltei pra lá de vez. Quando eu me aposentei... Quando eu fui visitar minha filha que eu fiquei sabendo que eles já tinham morrido tudo. Jazon já tinha morrido. Mãe velha e Anésia, não. Morreu Jazon, morreu Áurea. A Anésia era minha mãe de criação, me dava banho. Está entendendo?

Fernando – Você ficou mais de trinta anos sem ver Jazon. E a saudade?

Moisés – Mais de trinta. Saudade, eu tinha. Mas eu não tinha como ir ver. Eu fiquei

aqui sem ter notícia dele, quando fui ter notícia desses filhos meu... ... Morei nove meses no interior, perdi tudo os endereços. Vim carregar banana aí em Itanhaém, no Rio Preto...

Fernando – Quer dizer, saiu da casa de Jazon, com tudo do bom e do melhor, e veio pra cá...

Moisés – Vim pra cá pra arrumar serviço, arrumar emprego e me virar. Quando eu casei, eu vivia às minhas custas. Tinha um salário lá de duzentos cruzeiros por semana que ele me dava. Com esses duzentos cruzeiros, eu tinha o direito de dar comida pros trabalhador tudo. Quando eu fazia despesa não dava. Não dava pra eu trabalhar a semana todinha e dar comida pros trabalhador. Era dez, doze homens. Eu falei: ‘Agora o senhor fica com a sua parte e eu vou me virar às minhas custas. Tenho minha mulher e tenho meus filhos. Então, eu não posso receber esses duzentos cruzeiros seu quando eu tenho de dar comida a dez homens. Aí eu não agüento. Todo dinheiro que eu pego por fora fica nisso aí. E eu não estou tendo resultado. Então, agora você toma conta dos seus filhos que eu vou me virar’. Eu fui trabalhar por minha conta. Plantava roça lá, plantava tudo, vendia... Quando pegava laranja, vendia laranja, vendia banana. Foi quando o outro lá ficou com inveja. Cresceu o olho e ficava em cima de mim, o finado Jair. Pra não acabar de dismantelar minha vida, que já estava dismantelada, eu peguei e vim me embora pra São Paulo. Larguei meus filhos lá tudinho... Ficaram lá. Entreguei pra meu sogro, eles pegaram e ficaram com as minhas meninas. O Zezinho e a Fátima ficaram lá com o velho William.

Fernando – Você tinha algum conhecido aqui em São Paulo?

Moisés – Tinha. Os conhecidos que eu tinha era uns que vieram de lá, o finado Zumba (o Zezinho), Zezinho Zumba e o outro era... ... Esqueci o nome do cara agora. [Uma das netas de Moisés vem me perguntar se quero sorvete]. Eram dois camaradas que tinha aqui só, no interior, no bananal. Eles moravam aqui no interior. Vim pra casa de um irmão. Tinha um conhecido lá que se chamava Nil, que veio pra casa desses colegas dele lá. Veio que o irmão dele trabalhava no aeroporto. Eu vim pra Itanhaém. Já tinha o contato dos meninos que vinham pra Itanhaém. Cheguei lá, fiquei numa pensão, arrumei um serviço... Eu cheguei lá mais os três meninos, aí fomos lá pro interior. Cheguei lá, ficamos no sítio de João Bernardo carregando banana, cortando banana. Nós trabalhava na fazenda dele. Tudo bananal. Fiquemos na casa do Zezinho Zumba, que morreu agora. Eu estava lá em Pernambuco e soube que ele tinha morrido. E o Daniel, que veio comigo, casou com a filha dele. Está aí no interior. Zezinho Zumba já sabia que eu vinha, porque eu tinha escrito pra ele.

Fernando – Vocês vieram como?

Moisés – De ônibus. Desci na rodoviária lá perto da igreja, na Corélia Nordestina. Pegava em Garanhuns, e desci aqui na rodoviária velha.

Fernando – Que caminho fazia esse ônibus?

Moisés – O mesmo que faz hoje. Passava ali no Rio de Janeiro, onde tem o [morro do] Corcovado, passava... ... Olha, não sei bem onde. Passava por todo canto. Passava pelo São Francisco; de barca, que naquele tempo não tinha ponte. A gente saía do ônibus, ficava tudo na balsa, aí ia tudo em pé em cima dela. O ônibus vazio.

Fernando – Era gostosa essa parte da viagem?

Moisés – Era. Só não era gostosa pra gente, que não sabia nadar. Era meio arriscado.

Guarda-mão de um lado, guarda-mão de outro, o ônibus ficava no meio. Se afundasse a gente se pendurava nela até... Mas era bom. Agora, não. Agora não passa mais. Quando passa, passa nas pontes.

Fernando – Descia na Estação da Luz?

Moisés – Descia na Estação da Luz... .. Deixa eu ver como era o nome lá... .. É que faz muitos anos... Estação da Luz era rua... Rua... Rua... Esqueci o nome da rua agora. Descia ali na Estação da Luz. Ficava lá na praça ali mesmo, e ali mesmo tomava o outro ônibus pra onde quisesse ir. Vim de Garanhuns, e lá mesmo tomei o ônibus pra Itanhaém. Itanhaém fica de Santos pra lá. Fomos direto pra Itanhaém. Passamos aquela Ponte Pênsil, sabe? Via tanta água que o pessoal falava, a gente ficava meio atrapalado quando passava naquela ponte ali, ficava meio doido. Porque disse que o primeiro cara que fez aquilo ali, morreu, o engenheiro. Ele fez a ponte, e no dia da inauguração – assim dizia os caras que moravam ali – ele olhou pra um lado, olhou pra o outro, viu que a ponte tinha ficado pensa, se atirou no mar e morreu. Ainda passa ônibus ali? Que quando eu passei ali foi de ônibus. Tem bastante anos que eu não vou pra Santos. De lá pra cá eu não fui mais.

Fernando – Você ficou com medo?

Moisés – Medo, não. Que eu não tenho medo de nada. Se tivesse que acontecer alguma coisa, acontecia. Mas medo eu não tive, não. Medo eu só tenho da noite, que acontecesse alguma coisa comigo à noite. Mas no correr do dia, andando, fazendo as coisas, pra mim todo canto estava bom. Eu gostava muito de andar, sem bagunça onde os outros andavam, de festa, de baile, essas coisas assim. Quando eu ia mais um, se eles iam dançar, eu ficava embaixo esperando. Igual quando eu ia ali na ponte perto do [bairro do] Brás, ali tinha umas coisas, uns forró, uns negócio assim. Eu ficava lá encostado, e os caras desciam ali. Um dia eu estava encostado lá, a polícia chegou pra pegar uma briga lá, desceu e deu um cacete nos caras e eu estava do lado de cá mesmo. Não fiquei nem aí. O pau quebrando lá, e eu aqui sossegado. Até sem documento, porque a minha carteira tinha levado pra firma. Eu fiquei lá encostadinho, pensei: ‘Nem documento eu tenho. Se me pegasse assim sem documento eles iam me levar preso...’. Graças a Deus, nesse dia eles não chegaram nem perto de mim.

Fernando – Do pessoal do Burgo, quem que você era mais apegado?

Moisés – Eu gostava muito era do Jazon. Eu gostava tudo deles, mas o que eu tinha mais amor mesmo era ele, porque era só dois homens que tinha dentro de casa: era eu e ele. O que eu pedia, o que eu queria fazer, estava tudo certo. Nunca me bateu. Só uma vez que ele estava carpindo o mato na roça e nós peguemo assim com brincadeira. Ele pegou assim a veia de café e bateu nas minhas costas. Só essa vez ele bateu. O irmão dele, que já morreu, eu não gostava dele porque era ambicioso.

Fernando – O que aconteceu que Jazon ficou solteiro?

Moisés – Não sei. Eu não sei te falar. Se ele tinha namorada, no tempo que eu... Eu sabia, ouvia falar que tinha umas meninas que gostavam dele, mas ele nunca se interessava por mulher nenhuma. Não tinha coragem de chegar numa mulher assim e falar. Era muito simples. Tinha dinheiro, nessa época ele tinha dinheiro, tinha boas coisas, mas não se interessava com nada. Morreu solteiro.

Fernando – Você falou que não tem medo de nada porque Deus vai na frente. Eu queria te perguntar uma coisa sobre isso. [Os netos de Moisés interrompem novamente;

e novamente curiosos com o que tanto a gente conversava com a filmadora ligada].

Moisés – Quando eu morrer vai ficar a lembrança pra eles. [Moisés fica emocionado e a gente brinca de filmá-los ao lado do avô]. Agora perdi uma parte de meu corpo, que é o meu filho que mataram. A polícia matou, e eu fiquei com quatro netos. Vim de Pernambuco pra buscar eles, que a mãe deles não tem condições de criar. Está metida com droga, essas coisas assim. Então, eu tenho um pedacinho de terra pequeno, mas dá pra gente. Tem minha vaquinha pra tirar o leite pra eles comer. Até quando eu estiver vivo, eu estou com os meus filhos [corrige-se], com meus netos. Vou lutar até o último dia da minha vida. Posso, não posso, mas vou conseguir pra cumprir meu dever que Deus me deu. [Peço pra Juliana (uma das netas) deixar-nos a sós para que os outros não fiquem com ciúme. Interrompemos durante cinco minutos].

Fernando – Você falou sobre medo e Deus. Você se lembra de ter frequentado alguma religião?

Moisés – Minha religião que eu mais frequentei foi a Presbiteriana. Porque eles eram tudo protestante da Igreja Presbiteriana. Então, me criei com eles. Agora, com negócio de doze... Com treze, catorze anos, fiquei dentro de casa eu mais ele. Não fui mais, não quis. Tinha reunião dos crentes, tudo. Então, me criei tudo mais eles. Se considerava tudo que nem irmão. E considerava Jazon como um pai, porque o que eu precisava ele me dava.

Fernando – E aqui em São Paulo, você ia também?

Moisés – Não. Aqui eu nunca acertei ir na Igreja Presbiteriana, não. Porque aqui só tem Assembléia de Deus, tem isso, tem aquilo, e eu só gostava só da Presbiteriana. Mas lá em Garanhuns tem. Depois que eu cheguei eu ainda não fui, mas eu gosto de ir lá.

Fernando – Qual a diferença, por exemplo, da Igreja Católica pra Igreja Presbiteriana?

Moisés – Olha, a Igreja Presbiteriana é quase a mesma coisa que a Católica. Porque você pode fumar; eu sempre tive esse vício, de fumar fumo de corda, essas coisas assim. Se você – não pra desfazer – mas você não pode beber cachaça, mas um vinho você pode beber, ela não proíbe. Hoje em dia, está aceitando tudo. Porque a maior parte das meninas já faz tudo pelada. Naquela época, mulher andava tudo de saia, vestido, andava tudo normal. Não tinha esse negócio de pintura, essas coisas todas de fantasia. Lá falava que Deus não queria, que não gostava. Eu sempre tive essa religião. Não falava da vida de ninguém. Ninguém cuida da vida da gente. Cada um por si e Deus por nós todos. Não fazer mal a ninguém e aquela palavra: ‘Quem com ferro fere, com ferro será ferido’. Me criei nela, e ainda hoje não sou batizado na Igreja Presbiteriana. Sou Católico. Sou batizado na Igreja de São José de Canhotinho, em Lajes de Canhotinho. Sou batizado lá, mas não me batizei na igreja de crente até hoje. Mas me considero um também. E graças a Deus, Deus tem sempre me ajudado. Tudo que eu preciso no poder de Deus, ele me ajuda. Me dá doença, me dá saúde, me dá o que agora eu estou passando. Fiquei abandonado no meio do mundo, hoje eu tenho meu larzinho que ele me deu. O pouco, pra Deus, é muito. Minha conversa é sempre essa. Muito, sem Deus, é nada. E pouco, com Deus, é muito. Muitas vezes, a pessoa – porque tem o recurso – pensa que aquilo nunca se acaba. Mas isso é tolice do cara. Aquilo que Deus te deu, você vai segurando aquilo ali que Deus vai prosperando aquilo ali. E se você jogar tudo no mar, tudo vai por água abaixo. Você tem um carrinho velho; o outro tem um carro novo. Você deseja aquele carro novo do cara. É um pecado pra você. Você tem que se conformar com aquilo que Deus te deu. Aquilo que Deus te deu... Aquilo que você faz com o carro novo, você faz também com o carro velho. Se você tem um bom sapato e

eu tenho um chinelo; onde você entrar com aquele sapato novo, eu entro com o chinelo. Ninguém deve ter usura com as coisas um do outro. Tem que ter sempre aquele regime. Quando Deus fez o mundo, fez pros iguais. Mas os dedos da mão da gente não são iguais. Deus deixou sempre aquela separação: deixou o preto; deixou o galego; deixou o branco; deixou o negro, que chama. Mas tudo é um sangue só. Entre Deus não tem separação. É tudo uma coisa só. Na Terra, a pessoa faz aquela divulgação. Uns, quando conversam com uma pessoa morena, chama ela de preto: 'Porque preto não tem isso, porque preto é aquilo'. Esse aí é racista. Porque tanto faz o sangue do preto como o sangue do galego: é tudo uma coisa só. Pode ser um branco, pode ser um galego, pode ser moreno, pode ser tudo: é tudo um sangue só. Pra Deus não tem separação disso aí. Mas os homens na Terra fazem a separação. Vê um catador de papel: 'Esse aí é um nojento, é um imundo! Deus me defenda de um porco daquele vir na minha casa!'. Deus, quando fez o mundo, mandou um menino – tem nas passagens da Bíblia – ele foi na casa do rico. O rico tocou ele. Foi na casa do pobre, o pobre recebeu ele. O rico foi pra baixo e o pobre foi pra cima. Na panela do rico – porque ele estava esperando Jesus um igual que nem a ele – ele disse que a comida não dava, que estava esperando o Senhor, que ia na casa dele. Aí, foi na casa do pobre, o pobre deu: 'Eu estou esperando alguém aqui, mas eu vou dar pra você'. Aí deu. A comida desse aumentou. Aumentou, que encheu a panela e ficou quase que derramando. E a do rico lá, quando foram olhar só tinha bicho. Encheu de bicho todinha a comida dele. Por causa da usura. Ele não queria fazer do jeito do pobre. O pobre foi pra cima, e ele foi pra baixo. É a inveja. Foi a inveja que matou Caim, como a gente fala, o povo fala. Tem muita gente que, se você tem um sapato que nem esse aí, eu olho... Vixe! Eu quero comprar um sapato que nem esse aí! É ambição. Ambição é o desejo. Você vem aqui com um sapato e eu quero um igual: isso é usura. O povo não deve fazer assim. Porque o que Deus tiver que te dar, ele vai te dar sem você não desejar ter nada de ninguém. Aquilo que você é, aquilo que você ganha, aquilo que você tem, do jeitinho que você é, Deus vai te dar. Você compra uma roupinha, compra um sapato, compra o alimento todinho, ele vai lhe dar. Porque nunca falta pra nós, mas tem gente que tem um dinheirinho a mais e quer passar por cima. Qualquer coisa quer matar, manda matar. Igual no tempo de Jesus, que mataram ele inocente, mataram sem ele merecer. Porque não é porque fizeram isso no tempo de Jesus, que vão fazer agora também, de matar sem julgamento. Esses políticos aí, esse governo aí. A polícia. Às vezes, você está viajando na estrada, te param, não querem nem saber quem é. Você vai mostrar os documentos, vão logo mandando você colocar a mão pra cima. Igual fizeram com meu filho aí. Mataram meu filho assim. Meu filho vinha do serviço, com uma caixa d'água em cima do carro. O carro da polícia atravessou na frente dele e mandou parar. Como ele estava sem freio, parou logo adiante. Já saíram logo atirando nele sem nem saber quem era. Quando abriram a porta do carro é que foram ver que com ele só tinha ferramenta. Aí o cara colocou a mão na cabeça e se arrependeu. Jogaram tudo que não presta em cima do meu filho, coisa que ele não tinha. Ficou aí os meninos: um com dois, outro com três [quatro], outro com quatro [seis], outro com cinco [nove]. Como é que um cara faz uma coisa dessa sem saber se essas crianças precisam de uma ajuda? Mas com o poder de Deus ele ainda vai ter a repunição daquilo que ele deixou: no meio do mundo, quatro crianças desamparadas, sem pai e sem mãe. A mãe não presta, então eles têm os tios e o avô velho. E você vê: os quatro abandonados no meio do mundo, sem recurso nenhum, que governo é esse que nós estamos hoje? Porque antes de Lula¹⁴⁷, você não via essa mortificação toda aqui no estado de São Paulo. Eu dormia debaixo lá da ponte de Pinheiros,

¹⁴⁷ Luiz Ignácio Lula da Silva, atual presidente da república desde o ano de 2003.

ficava no Jóquei Clube até altas horas da madrugada, nunca vi nem roubo, nem assalto, nem nada. Depois que esse Lula entrou foi pior de tudo o que eu já vi na vida. Getúlio Vargas foi quem deu direito pra todo mundo. Nesse tempo, eu tinha onze anos, quando Getúlio Vargas foi presidente. Foi quem deu direito à mulher, deu direito pros homens, deu direito pra todo mundo. Mulher não valia nada na boca deles. Elas só tinham que fazer a comida pra o marido e lavar a roupa. A mulher não tinha direito de nada; não direito de ser advogada, não tinha direito de estudar, não podia ser nada. Não tinha direito de trabalhar, não tinha direito de prender uma pessoa, de ir na delegacia, de fazer nada. Hoje em dia, você vê: tem mulher presidente, tem mulher deputada, tem mulher vereadora, tem mulher de todo jeito. Tem mulher juíza, tem mulher promotora. Antes de Getúlio Vargas não existia isso. Acho que você deve mais ou menos saber dessas histórias antigas. Porque antigamente era... Era... Era... Era... Era... Era... Era assim: era dente por dente e diabo por diabo. No tempo da ditadura. Ninguém tinha direito. No tempo de Getúlio Vargas foi que saiu, saiu o direito de todo mundo. Acabou-se a guerrarada que tinha, porque naquele tempo tinha aquele povo no sertão que brigava, matava, fazia isso, fazia aquilo... Dessa presidência do Lula pra cá, foi que o mundo se virou. Porque mataram um bispo por aí, mataram enforcado um exército de gente e... ... Lula é tudo combinado com esses caras. Por isso que fica essa matição, essa mortidão de gente. É gente morrendo sem saber de nada, porque o governo não está sabendo administrar. Está sabendo administrar só pro bolso dele. Porque aparece aqueles caras que apareceu na televisão carregando dinheiro na bolsa pra lá e pra cá, você acha que se você é um presidente da república, se tudo que acontece ali você tem que assinar aqui, não tem?! Não tem que passar na sua mão? Como é que depois você fala que nunca soube o que estava acontecendo?! Porque se você é o administrador da sua casa você sabe. Você tem dez, doze filhos dentro de casa, se ele chegar com alguma coisa errada em casa – você deu dinheiro pra ele comprar aquilo – se ele chegar com um brinquedo diferente dentro da sua casa você vai saber da onde veio, quem foi que deu, onde é que ele pegou aquilo ali. Então, isso aí é o bom pai. ‘Você fez errado, então você pega e você vai levar onde você achou isso aí’. Mas, não. O Lula, os caras roubando, fazendo isso, fazendo aquilo, e o Lula diz que não estava sabendo de nada. Eu acho que isso aí, eu não sei... Não me entra na cabeça isso aí. Porque o presidente da república, tudo que acontece no mundo só passa na mão dele. Porque se acontece no Rio de Janeiro, vai fazer algum serviço lá, pregar um asfalto no meio da rua, tem que ter aquele extrato daquilo que ele fez, pra mandar pra presidência, pra passar lá, pra ele assinar aquilo ali. ‘Foi gastado tanto, foi pago tanto. Foi pra isso e isso e isso’. E o Lula não... Tem a cara de pau de chegar na televisão e dizer que não sabia de nada! Ele e aqueles governador dele não sabia de nada sendo que ele que assinava as folhas. Eu trabalho pra você, mas todo mês você me dá meu holerite. Se você me dá o holerite com mais de um real, no outro mês você vem e me diz: ‘Passei a mais um real. Vai ser descontado’.

Fernando – Ele é seu conterrâneo?

Moisés – Olha, eu vou te falar, Fernando. Eu sei que você vai fazer isso aí e que vai passar ao vivo mesmo. É um conterrâneo, e eu vou falar logo de boca aberta. Eu passei na terra de Lula, que ele como presidente eu tinha vergonha. Ele, como presidente, na terra que ele nasceu, a própria igreja só tem calçamento na rua, só no trechinho da rua. De um lado e de outro ele não mandou nem passar o asfalto! Está tudo na terra. Em Caetés. A igreja de Caetés só tem só uma calçadinha. O resto é tudo no barro igual está o meu chão aqui. As ruas tudo assim na terra. Só passou o asfalto no meio. Não fez nada de benfeitoria no canto que ele nasceu. No lugar que ele nasceu, ele podia chegar lá, mandar os camaradas puxar o asfalto naquelas ruas que tinha. Pra ficar bem bonitinha. É

a rua que o presidente nasceu. A terra que ele tem a família dele lá... Eu fui lá pra São Pedro, fui lá pra Capoeira. Passei lá. Toda vez que a gente vai pra Capoeira, a gente passa lá. Lá em Caetés, você vê, só tem a igreja assim. O resto tudo sem asfalto, sem nada. Era um canto que ele, como presidente – porque lá deve ter algum prefeito, algum deputado, alguma coisa – ele podia chegar lá mesmo e mandar fazer o asfalto e ajeitar a cidade. Onde ele nasceu, ele podia ter um movimento de gastar ali. Disse que esse Fome Zero é pra ajudar todo mundo, e eu não vejo ajudar. O que faz com cento e cinquenta cruzeiro, um pai de família?! Era melhor pegar um canto, como era antigamente – porque no tempo que eu cheguei aqui em São Paulo, podia ser analfabeto, podia ser doutor, podia ser quem fosse: arrumava um serviço. E hoje é essa ditadura que se você não tem o ginásio completo, não tiver o curso superior você não trabalha de servente. E a maior parte desses nortista, que mora no sertão, que mora na mata, que mora no sul, tudo eles não tem a leitura própria pra chegar aqui e arrumar um serviço pra trabalhar na construção civil, como era antigamente. Todo mundo tinha direito. No tempo de Juscelino Kubstcheck, Getúlio Vargas, essa turma aí tudinho, em setenta e poucos, é... Esse tempo mesmo de Juscelino... Veio depois de Getúlio, não foi? Um tempo que você chegava aqui em São Paulo e não faltava serviço pra nenhum nordestino. Você chegava aqui hoje, você vai ali na Estação da Luz, no Brás, em todo canto: ‘Tá querendo trabaía?’. ‘Quero’. Você trabalhava na construção civil, você trabalhava no CEASA: uns descarregavam, outros faziam outra coisa. Tinha serviço pra todo mundo. Hoje, por causa do estudo, está aí, ói: a danação de roubo que tem hoje é por causa disso. Porque o cara vem de fora, quando chega aqui não arruma serviço, vão viver do que?! Se for pedir, o camarada não dá. Diz que ele é ladrão. Eles mete o pau com vontade mesmo! Vão matar, vão roubar, vão fazer a maior safadeza por causa do estudo. Porque tem muitas coisas que a pessoa não tem... Porque se você tem um serviço grande, vai fazer uma construção: chega um analfabeto; o analfabeto sabe fazer o cimento, ele sabe cavar um barro pra fazer uma viga, sabe levantar o pilar, sabe fazer uma construção, sabe mexer com a madeira, sabe fazer de tudo. Mas não tem o curso superior, mas você tem precisão do serviço, você manda o cara fazer. Você sabe que ele está precisando do serviço e você também está precisando da mão-de-obra. Então, você põe o analfabeto pra fazer. O analfabeto vai ali e faz. Aí você diz: ‘Ó, eu quero isso assim, assim, assim’. Ele vai fazer o serviço. Agora, você pega um doutor, estudioso, e põe aí pra cavar uma viga dentro do chão! Manda ele fazer um bradame em volta do ferro! Alguma coisa pesada dentro da terra, ele não vai! Ele não estudou pr’aquilo. Ele estudou pra médico. Você estudou pra cavar seis, sete metros de terra pra levantar um prédio?! Você pode estudar assim pra fazer o esqueleto do prédio. Mas pra você pegar na massa pesada, pra você mexer o concreto, assentar o tijolo e levantar o prédio... Você não quer isso. Você não gastou dinheiro pra aquilo. Você gastou dinheiro pra mandar! ‘Faz esse serviço ali!’, não pra ir fazer aquele serviço. Agora, o que os caras querem fazer? Querem fazer do médico... Querem fazer do médico um peão de obra! Querem fazer do médico um varredor de papel! Até hoje, a prefeitura pra pegar um varredor de papel carece de curso! E se aparecer algum que a prefeitura pegou sem curso, manda embora... Porque o presidente não aceita uma pessoa trabalhando no estado sem leitura... Ele fala que está fazendo as coisas pra população pobre, e eu não estou acreditando. Tem certas coisas que a gente acha o contrário. Agora do negócio do serviço... ... Ô minha filha, fique quieta, fazendo o favor! [Juliana, que já estava em cena, agora está ansiosa]. Sobre o serviço, é uma coisa que... Se caísse no jornal na boca dele eu achava até bom! Ele tem que saber que quem precisa viver não é só quem estudo, não. Pobre também precisa viver. Se o rico tem o direito de viver, o pobre também tem o direito de viver. O cara que tem o bom estudo pega o emprego, porque o cara que tem muito estudo pode pegar

um serviço bom, o pobre que anda na rua não pode pegar um serviço de servente de pedreiro pra ganhar pão. Porque só pode quando tiver curso superior. Porque você vê: tem muitos que ainda estão lá na USP e não têm curso nenhum, e estão lá. E tem aqueles que vão lá todo dia e não pegam mais ninguém. Porque não vão chegar, muitos não vão fazer que nem você, que tem o seu estudo, 'eu estou aqui e não estou ganhando nada, estou só fazendo o meu estudo'. Aí você fazer aquele serviço... Você estava ali fazendo o serviço na USP, passava um conhecido seu ali e não lhe via. Não é?! Quando você estava fazendo aquele serviço de varrição, não tinha? Tem deles que passava e não lhe via. Tinha uns que viam e falava com você, mas outros passavam quietos. Por isso que eu falo da separação da turma. Você vê um cara mais baixo: 'Não, aquele eu não vou falar...'. Não é por aí. A pessoa não pode fazer isso. A pessoa tem que julgar a pessoa naquilo que a pessoa é, naquilo que a pessoa tem de ser. Porque a sua população, do jeito que você é, é poucos que é igual a você. Você desculpa falar... É pouco igual a você que conversa com o Neginho, comigo, o Chico Zóinho; vai lá na USP e conversa com um, conversa com outro... Porque tinha nego ali que era capaz de passar até com o carro por cima da gente mesmo! Uma ignorância danada que eles tinham. Teve uma vez que estava eu mais o Mineiro lá na Academia [de polícia] e o carro dele quebrou. O Mineiro foi puxar o carro, o cara desceu – ele tinha uma Variant vermelha velha – meteu o pé na Variant, e não tinha nem chegado perto do carro dele. Era só porque quebrou a corda. Ele desceu e meteu o cacete, meteu o pé! Pou! Pou! Pou! 'Vai com Deus, um dia pode ser o seu carro...'. O segurança veio e não fez nada, porque o cara era cheio de não-sei-o-que-não-sei-o-que. Estava eu e o Belezinha. Pergunta pro Belezinha depois o que fizeram com a gente na Academia. É uma falta de educação. Quanto mais estuda, mais ignorância. Por isso que eu falo: tem muita gente que estuda pra ser gente, mas tem muita gente que estuda pra ser cavalo. Está entendendo? Porque tem gente que está estudando pra ser alguma coisa na vida, e pra respeitar, ensinar a população que não sabe. Não querer passar por cima. Por isso que está este dismantelo todo no mundo. É por causa disso aí. Um não respeita mais o outro. Um não tem mais amor no outro. Porque estão pensando que o mundo é deles. E não é por aí. O mundo é feito pra nós todos! Pode ser rico, pode ser pobre, pode ser o que for. Pode ser preto, pode ser branco: o mundo é pra nós todos. Deus, quando deixou o mundo, deixou pra nós todos. Se tomar por oração, ele e todo mundo no poder dele poder crescer na vida. Ele não deixou, não fez separação. Separação assim, porque onde tem o rico tem que ter o pobre. Porque se você não pegar uma enxada, não for trabalhar na roça, pra plantar um alqueire de feijão, dois, três, quatro, eu também não vou. Eu tenho meu emprego aqui eu não posso fazer aquilo, mas tem você que plantou e colheu e trouxe aqui; e eu estou comendo daquilo que você colheu lá. É o arroz, o feijão, o café, a verdura: tudo é feito pela mão do agricultor. E é uma população que na boca de muitos não tem valor. Na boca de muitos não tem valor. Acredita?! Você chega no CEASA, tem tudo quanto é mercadoria. Você chega no sacolão, tem tudo quanto é mercadoria: tem a laranja, tem o abacate, tem a uva, tem tudo. Tudo passado na mão da pobreza. Não é o ricão que vai fazer lá! O doutor não vai fazer aquilo ali. Ele faz assim: ele tem o dinheiro, manda os empregados fazer, dá o trator pra carpir a terra, dá o adubo, dá tudo. O cara vai lá e ara a terra, planta, arruma uns trabalhador, arranca, limpa aquela verdura, cultiva aquela verdura. Mas vem pro mercado pro povo comer. É tudo feito na mão da pobreza. Não é feito na mão do ricão. Pode ser o rico assim: ter uma boa fazenda e lá eu tenho o meu empregado. Eu pego meu empregado pra fazer isso. Meu empregado já paga outros funcionários pra fazer aquilo ali. Ele fica na administração e entrega: 'Ói, você pega essa máquina e isso é pra arar essa terra'. Aí ele tem o motorista que ele manda arar a terra. Manda outro cortar a terra todinha, já manda outros arrumar a turma pra fazer o

verão. Já fica outra turma pra aguar. Outros pra adubar. E tudo tem que ter as pessoas pra fazer aquilo ali. Não é? Mas não tem valor a agricultura. Ninguém dá valor pra um cara que bate a enxada no chão, bate a enxada às seis horas da manhã até às cinco da tarde, suado, morrendo no cabo da enxada. Às vezes, tem deles que chega de noite não tem nem o que comer. Acontece isso, que eu já vi muito. Trabalha o dia todinho... Lá mesmo onde eu moro. Um dia de serviço está dez cruzeiro. Se ele pagar dez cruzeiro, ele dá o prato de feijão pro cara comer, meio-dia. Se pagar doze pau, não dá. Por causa de dois real! Está entendendo? Tem um monte desses caras lá. O homem tem que trabalhar a semana inteirinha pra ganhar sessenta cruzeiro, ou cinqüenta. Aquele que ganha cinqüenta, ele come o prato de feijão na casa do cara. Aquele que ganha sessenta cruzeiros, doze reais por dia, não tem direito nem ao cafézinho. O que é dois cruzeiro?! Eu tenho falado muito isso lá pros caras mesmo. O camarada pega de sete horas da manhã às cinco da tarde pra ganhar dez cruzeiro num dia, Fernando?! Não é muita coisa? Não é uma coisa grande? Por isso que eu falei que não tem leis pra isso. Só tem leis pra fuder o pobre do agricultor. Porque se tivesse fiscal pra quem tem uma propriedade, um sítio, teria que falar: 'O salário é um x'. Mas vamos pensar que fosse trezentos pau por mês pra cada pessoa que estivesse trabalhando. Trabalhou o mês, você paga aquele dinheiro. Vai pagando por semana também, mas vai dando a nota. No mês certo botar no guarda-livro e mostrar aquele serviço ali. Aí o camarada teria direito ao INPS, teria o direito de qualquer uma coisa. Trabalha com luta, trabalha por dez pau, doze pau, e é tratado como cachorro: se adoecer, vai lá pro postinho, vai lá pra qualquer canto. Se cair e se machucar não tem direito a nada. Eu acho que isso é errado. E o povo não dá fé nisso, não anda lá na roça pra ver o que acontece nas fazendas dos proprietários. Tem uns que têm gado, têm caminhonete, têm tudo lá. O miserável fica... Tem luz na casa dele, e na casa do morador não tem. Está entendendo? Tem trator, tem caminhonete, tem bastante gado... E o outro não tem nem um prato de feijão pra comer. Tinha vez que o feijão já estava meio furado e ia dar pro porco, e eles vinham e queriam levar o feijão. 'Não. Me dê, que eu levo. Eu perguntava: 'E você vai comer esse feijão furado?'. 'Vou. Eu não tenho'. Eu digo: 'Mas seu patrão não está com os pastos cheio de feijão?!'. 'Ah, mas ele não dá'. É isso aí que eu acho errado. Eu acho errado esse negócio assim. O cara está ali trabalhando faz dez, doze anos, e não tem coragem de dar um feijão pro cara?! Não quer nem pagar os direitos pro camarada?! Só porque o cara mora ali?! Tem que fazer uma força por eles também. Se morre, carece pedir pra um e pra outro fazer o enterro. Não tem direito a nada. Não é errado, não? Eu mostro a você o dia que você for lá. É vizinho lá meu: se trabalha e come o feijão é dez pau, senão é doze. Não é ricão, não, mas tem uma propriedade que colhe uma base de cento e quarenta sacos de feijão de corda, uma base de trezentos sacos de feijão de arranca... Tem bastante coisa lá.

Fernando – O que será que um cara desse tem na cabeça pra fazer isso com o outro?

Moisés – Ele pega três, quatro, cinco sacos de feijão, vende, faz as compras dele. Tem casa em Garanhuns, trabalha lá, planta bastante feijão. Numa tacada só de feijão ele deve ter uns quinhentos sacos. E quando paga, paga só dez cruzeiro um dia de serviço por homem. É uma judiação fazer isso com uma pessoa. Humilha, né?! Porque um pai de família ganhar cinqüenta pau por semana pra comer, eu acho que um cara desse merecia até... .. Merecia até um processo. Porque um pai de família passar com cinqüenta pau por semana com três, quatro filhos não agüenta, não. Isso é essas leis que a gente tem. E o agricultor também não pode assumir o comércio, porque a renda não dá o suficiente. O feijão lá é vendido a quarenta pau, trinta, o saco. Gastar vinte, trinta pau, pra no final da colheita ganhar cinqüenta pau... E, às vezes, nem isso apura. Porque

feijão bate toda hora. É barato. Porque o cara que está pagando não vai dar aquilo ali. Ele quer receber. Ele está pagando, ele tem direito.

Fernando – O cara que faz isso com o pai de família lá, aqui em São Paulo, nas firmas, é diferente?

Moisés – É tudo a mesma coisa. Porque aqui tem firma que tem até vontade de empregar um peão que não tem estudo, mas se fizer assim vão vir em cima por causa da lei. Porque tem processo se pegar uma pessoa que não tem estudo. Está entendendo? Então, é por isso que eu estou te falando que antigamente, no meu tempo, não era assim. Se soubesse ler, trabalhava. Se não soubesse ler, trabalhava. Todo mundo trabalhava. O governo inventou essa lei, aí só encontra vaga quem tem curso. E todo mundo não tem curso superior pra trabalhar. E também quem tem curso não quer enfrentar: enfrentar o enxidão, enxidão, enxidão. Ele não vai querer cavar um buraco no chão. Ele vai procurar um emprego no escritório, uma coisa mais melhor. Porque você gasta... Quanto você gastou pra chegar no seu estudo? Você está gastando pra depois abrir um escritório pra você trabalhar no lugar de cavar um buraco no chão... Pra ganhar o pão pra comer. Na minha opinião, é isso aí. Que se você estudou, é pra ter uma melhora mais tarde. Porque Deus deu aquele dom pra você fazer aquilo ali. Você tem esse dom assim, mas você não imagina nenhum que não teve aquilo que você teve. Chega lá na sua casa e diz: ‘Ô Fernando, eu estou parado e você está fazendo essa construção. Não dá pra me arrumar pr’eu trabalhar dois dias ou três, que eu estou passando fome na minha família?’. Você diz: ‘Mostre sua carteira’. Quando mostra a carteira, você vê quarenta anos e não é idade mais pra trabalhar. E quem não sabe ler? O governo que é corrupto. Eu acho que é isso. Os meus funcionários são analfabetos mesmo... E sou analfabeto, mas graças a Deus, Jesus me ajudou, e hoje eu tenho meu salariozinho pra dar de comer aos meus filhos. E vou me manter até quando Deus quiser. Isso é no tempo em que a gente ainda tinha o direito de viver, mas a gente não tem mais o direito de viver. Porque só tem o direito de viver quem tem bastante estudo. Eu tenho bastante estudo, eu posso arrumar um serviço. Você não tem, você fica na mão. Aí, você precisa de ganhar pra comer, mas eu também preciso. Deus quando dá, dá pra nós todos. Não escolhe. Deus, quando manda a chuva, manda pros grandes e pros pequenos. Manda por igual. Então, a pessoa deve, se tem o bom na minha casa, eu desejo o bom também na sua casa. Não adianta eu ter na minha casa e o outro ali não tem. Bau-bau pra ele... Eu acho que tudo isso aí é que as pessoas não combinam com as coisas de Deus. Porque quem foi Lula? Lula é de Caetés, nasceu lá. Veio aqui pra São Paulo, quando veio trabalhar de mecânico ele não tinha curso nenhum. Trabalhou bastante tempo, estudou um pouquinho, foi presidente do sindicato. Do sindicato, passou a administrar não sei o que lá mais. Hoje é presidente já duas vezes. Ele não podia dar fé naquela população que ele tem lá?! Aquela turma que tem lá naquele nordeste lá tudo cavando terra? Nunca votei nele. Não vou mentir. Votei no José Serra mesmo. Agora eu não votei em ninguém, porque votei em branco. É que eu ainda não transferei o meu título pra Garanhuns. No começo, na época de Antônio Ermírio, quem era o presidente? Então, votei no Collor de Mello. Não vou mentir. E eu não votei no outro, não votei no Antônio Ermírio, não sei se você chegou a ver na televisão, ele bateu na cara de um estudante num comício. E disse: ‘Bati. E bato mais’. Então, aquela conversa que eu assisti na televisão, eu, como conterrâneo – ele disse que é pernambucano, eu não sei se é – falo com palavra de machão que bateu na cara de estudante e se fosse possível batia mais: por causa disso eu não votei nele. Votei no Collor de Mello. Não vou mentir. E no Lula eu não votei nunca e não me arrependi, não. Agora, se eu estivesse aqui eu teria votado nesse outro aí. Não tinha votado no Lula de jeito nenhum. Não vou mentir. Porque eu passei lá no canto

dele e ele não está fazendo nada lá. O que eu vi lá, alguma coisa direitinho que eu vi, ainda foi no tempo de Getúlio Vargas. Porque o decreto dele naquele tempo vale pra toda a vida. O que ficou é daquele tempo. Depois que mataram, ele ainda passou o Café Filho, não sei quem, não sei quem, não sei quem de presidente. Depois que veio a ditadura, e ainda fizeram uns negócios, mas que não foi o Getúlio Vargas que assinou. Os direitos que Getúlio deu naquele tempo: deu direito pra mulher, deu direito pro homem, deu direito pra tudo. Até aí tudo certo. Aí não foi legal dizer que só trabalha quem tem estudo. Naquele tempo, todo mundo que chegava aqui trabalhava. Nordeste saía de lá – igual tem muitos aí, que não sabia nem nada – e melhoraram. Não tinham nada, mas tinham liberdade: podiam trabalhar. Toda hora arrumava serviço: era servente de pedreiro, era encarregado de obra, era ajudante de não sei o que. E a gente ia levando a vida assim. Mas se fosse nesse tempo de agora, que o cara vinhesse pr’aqui, não arrumava mais não, Fernando. Um cara pobre vir aqui, sem estudo... Melhor ficar cavando minhoca na ribanceira do que vir aqui pra São Paulo. Aqui não arruma mais nada, não. Às vezes, os caras lá vêm falar pra mim: ‘Ah, eu estou pra São Paulo’. O cara que vem de lá sem curso superior pra trabalhar... Porque nem obra tem mais. Você vai daqui pra Paulista só vê alguma obrinha. Não é igual antigamente, que em todo canto era prédio. Era prédio na Paulista, era prédio na Faria Lima, era prédio na Simão Álvares, era prédio ali no ponto de Pinheiros. Ali perto da Faria Lima, do lado do posto de gasolina, eu trabalhei pra fazer aquele prédio que tem ali. Era só mato até aqui em cima. O pessoal trazia e soltava elefante ali pra eles comer. Era só mato. Dali pra sair naquele mercado, o Eldorado¹⁴⁸, pra sair no Jóquei Clube, era uma tiririca: chegava a enganchar uma do lado da outra. Os caras pegavam cada traíra desse tamanho assim ali. Agora acabou-se tudo ali. É só prédio até a Faria Lima. Aquilo ali não tinha não, filho, no tempo que eu cheguei em São Paulo. Um terreno ali custava cinco mil réis. Está entendendo? É muito dinheiro. Pra ganhar cem cruzeiros precisava trabalhar o mês inteiro... Lá no bananal, precisava trabalhar que nem cavalo pra ganhar cem cruzeiro. Era mil cachos de banana, não sei... E ganhava aqueles mil réis vermelhinho. Quando vim pra São Paulo aqui, eu ganhava cento e pouquinho... Quando eu entrei na USP, era duzentos, não sei, cinqüenta e pouco por hora... Por mês, não sei, uma coisa assim... Quando eu fui trabalhar na USP... Não sei... .. Era uma besterinha assim... Era cinqüenta cruzeiros e foi subindo. Os jardineiros ganhavam quarenta, e eu entrei já ganhando cinqüenta. Foi uma briga danada dos estudantes... Dos estudantes, não; dos funcionários. Até hoje tem gente lá que não gosta de mim por causa disso. Foi ficando, foi ficando, foi ficando, até que ficou quinhentos cruzeiros. Passou pra mil, e mil e cem, e fiquei com isso aí. Quando eu cheguei lá, o salário era deste tamanhinho. Mas também eu sofri. Passei um bocado de privação, mas superei com o poder de Deus. Não tinha onde morar, morei em favela, paguei aluguel, pedi um troco, mas Deus é pai, não é padrasto. Comprei um carrinho velho, um TL¹⁴⁹ velho. O TL velho eu troquei num Fusca. Do Fusca, falei com Belezinha, ele arrumou um negócio que eu troquei nesse terreno que eu vendi por vinte pau. Daquele terreninho, eu vim pra esse outro aqui. O Mineiro vendeu pra mim. Eu fui fazendo o barraco, fraquinho. Ficou aí quebrando o galho. Deus foi me dando devagarzinho, fazendo devagarzinho. Só não tive uma casa boa porque não pude mesmo. O pouco, com Deus, é muito. O muito, sem Deus, é nada.

Fernando – Você morou em favela?

Moisés – Morei. Na Vila Jóia. Aqui em São Domingos. Mas eu dei um jeito de não criar os meus filhos ali. Deus me ajudou e eu terminei de criar meus filhos aqui... E

¹⁴⁸ Shopping Center localizado em Pinheiros, bairro nobre na zona oeste da cidade de São Paulo.

¹⁴⁹ Antigo carro de uma montadora alemã, fabricado aqui no Brasil nos anos 1970.

agora eu estou puxando pra outro canto. Peguei dos outros pra criar. Já criei os meus, agora vou criar meus netos em outro canto. Eu quero ficar num canto mais sossegado. Um canto sem poluição... Mas lá está crescendo. Quando eu ver, eu estou dentro da capital. Daqui a pouco, estou no meio da cidade. Eu vou ter que procurar outro canto mais sossegado. [Moisés – aproveitando o fato de que um de seus netos nos interrompe perguntando quando é que vamos brincar – pede pra interrompermos].

A partir deste ponto, a entrevista ocorreu em Garanhuns (PE).

Moisés – É que eu achei que você ia passar pelo menos uns quinze dias, um mês aqui comigo. Mas como você quer ir na segunda-feira, o que vai fazer?

Fernando – Uma semana já é melhor que nada...

Moisés – De todo jeito que você fez está bom. Acho que está puxando ali. Está vendo? [Estamos na beira do lago em que Moisés costuma pescar quase todo dia]. Se você ainda quiser, como você tinha falado de conhecer o Burgo, aí você vai ver o canto em que eu me criei... Está tudo acabado. Acabou-se o meu sítio lá. Não tem mais os alqueires que tinha. Tenho até uma tristeza... Eu não... Eu vou lá, mas não gosto muito mais não. Que nem era antigamente, sabe? Que lá primeiro era muita, tinha muita árvore, muita fruta, muita coisa, e hoje você vai não tem quase nada. Você vai ver se você for lá comigo. Igual eu estou falando pra você, lá mesmo nasceu meus filhos, esse filho meu que está lá em São Paulo, esse que está aí. Está tudo diferente hoje. Mas a vida é assim mesmo. A gente tem que passar por uma coisa, tem que passar mesmo. Não tem jeito, não. Naquela época tinha bastante café, tinha bastante fruteira, tinha muitas coisas. Hoje, não... Hoje, os caras que compraram não se preocupam com nada, só com gado. E mexer com gado você sabe como é: capim, tem uma bananeira, coisa pouca. Plantação mesmo é muito pouca que tem lá... ...

Fernando – Moisés, você se lembra qual foi o primeiro emprego que você teve em São Paulo?

Moisés – Depois do bananal em Itanhaém, eu vim pra São Paulo trabalhar na Alcântara Silva. Era uma construtora. Eu trabalhava ali na Simão Álvares, em Pinheiros. Perto do cemitério onde tem aquela ladeirinha ali. Eu trabalhava com armação de ferro, concreto, fazer, carregar negócio de madeira: negócio de obra. Tudo o que tinha de obra a gente fazia lá. Aquelas coisas de concreto, tudo isso era o movimento da gente. Depois, saí de lá e fui trabalhar na Adolpho Lindenberg. Na Alcântara Silva, eu passei uma base de um ano e pouco. Na Adolpho Lindenberg, eu fiquei quatro anos e dez meses num canto e quatro anos num outro canto lá. Trabalhei só com os gatos. Na Alcântara Silva, eu tinha carteira assinada, logo que eu entrei, de servente. Depois, eu fui trabalhar de armador, o cara que mexe com ferro na construção. Eu saí da Alcântara Silva pra ganhar mais um pouco mais na Adolpho Lindenberg. Fiquei lá quatro anos num canto, trabalhando na construção civil... ... Na Adolpho Lindenberg, deu uma base de uns oito anos mais ou menos, trabalhando com ferragem... ... Pegou a isca de novo. Aí, danou-se! Está só comendo, Galego! [Galego é seu neto, filho de Nena]. Aí, da Adolpho Lindenberg, eu fiz o acordo, saí de lá e fui trabalhar na USP. Fui eu mais o Prexeca, que a gente chamava assim. Você não alcançou ele, foi? Era jardineiro... A gente foi trabalhar tudo junto lá na... ... Lá na USP. Fiquei esses tempos tudo lá na USP.

Fernando – Na USP deu quantos anos?

Moisés – Olha, de carteira fichada eu acho que deu uns vinte e pouco. Que nem agora: eu estou com a carteira fichada ainda. Até agora não deram baixa na carteira. Está com uma base de quase uns vinte e cinco anos. Que nunca deram baixa na minha carteira. Nunca me chamaram pra dar baixa nem nada. Lá, eu estou fichado ainda. Por isso que a gente fica com o pé na tábua. Quer dizer que hoje em dia eu não posso entrar mais lá, porque tudo que eles precisam lá eu não tenho. Mas pra encher o meu saco é até capaz que eles me chamem pra alguma coisa. Eu vou esperar assim... ..

Fernando – Lá na Alcântara Silva, do que você lembra, se você tivesse que contar uma história?

Moisés – Bom, o trabalho de lá era só negócio de mexer com ferragem. Trabalhava com ferragem, com concreto, subir ferro no guincho, fazia esse serviço lá. E fazia encanamento também, lá eu fiquei, passei um bando de tempo também fazendo, trabalhando com negócio de eletricista aí na Rua Simão Álvares. Passei um tempo ali, encostado naqueles prédios da Simão Álvares. Sempre era pouco prédio que tinha por ali. Eu trabalhei lá um cado de tempo, aí depois eles vieram fazer um serviço, eu saí, fui pra Palmeira Limitada. Na Palmeira Limitada, trabalhava ali na... Ali onde tem aquela caixa lá na USP. Não tem aquela caixona redonda subindo pra... Quando vai pro H.U.? Então. Eles me chamaram lá, aí eu fiz acordo, fui-me embora. Fui trabalhar na USP. Fiquei lá na USP até agora, bem dizer. E de lá pra cá parou nisso aí. Fiquei uns tempos lá e agora estou por aqui na mata. [Ri].

Fernando – Tinha algum amigão seu, amigo do peito lá Alcântara Silva?

Moisés – Bastante. Mas não tenho mais lembrança do nome deles. Tenho bastante amigos lá. Na Adolpho Lindenberg também. Tinha muito deles: tinha o Negão, o Zé Negão, tinha o irmão dele. Tinha bastante deles... Mas passa muito tempo, a gente se esquece. A gente se esquece o nome das pessoas. Mas, graças a Deus, pra cada canto que eu vou sempre tem gente boa. Eu vou ver minha linha ali, depois nós...

Fernando – Vai lá...

Moisés – No Burgo, eu mexia só com lavoura, café, pé de laranja – só essas coisas assim. Lavoura, assim, de café. Era só lavoura de café, que outras coisas a gente não tinha. O café lá era bom. Lá a gente não trabalhava assim: plantava esse negócio de milho, feijão, côco. A gente mexia só mesmo era com café. O finado que me criou só mexia com café. Era tudo café, até nessa época quando eu saí de lá. Depois o governo mandou arrancar o café. Arrancar o café, plantar capim pra criar gado. Disse que ia fornecer dinheiro, e foi a desgraça de muitos lá, que acabaram com os sítios, com as coisas... Porque hoje o dinheiro do gado não está dando pra cobrir as despesas que o camarada tem. Tem que ter uns dez ou doze alqueires, tratar do gado, comprar ração, comprar tudo... Aí não adianta! Não dá lucro quase nenhum, sabe? Só se for um montão de uma vez. Se é um montão, uma coisa cobre a outra, senão não vale a pena não.

Fernando – Moisés, mas tem uma coisa que eu fiquei pensando, porque aqui você trabalhava com um tipo de serviço. Como é que você fez em São Paulo pra aprender os serviços diferentes?

Moisés – A gente vai saindo de um serviço e vai entrando em outro. O camarada que trabalha em roça, ele já tem a experiência de trabalhar em fazenda. Então, você já sabe mexer com qualquer coisa. Você chega nesses lugares assim, quase que não tem diferença nenhuma. A única diferença que eu achei foi só fazer o teste pra mexer na

armação de ferragem. O resto foi fácil. Esse negócio de parte elétrica eu também já trabalhei. Trabalhei pra fazer conduíte, que naquela época os prédios eram todos feitos com conduíte. Hoje em dia está passando só plástico. Naquele tempo, eles faziam só daquele jeito. Eu ia tomar conta de concreto pra concretar, empurrar jirica de concreto mais os outros... Lá na USP, a gente não tinha aqueles carrinhos de roda? Então, jirica é diferente um pouco que ela é larga, ela é comprida. Acho que você já viu, já deve ter visto num serviço aí aquelas carroças. Então, era com isso aí que eu trabalhava. Em Itanhaém, eu carregava banana nas costas.

Fernando – Na Adolpho Lindenberg e na Alcântara Silva, o serviço era praticamente o mesmo?

Moisés – Não. Era, era... Na Adolpho Lindenberg e na Alcântara Silva era tudo um serviço só. Era tudo serviço de obra, mexer com negócio de ferragem, de concreto, fazer concreto, fazer ferragem, na betoneira... Fazer viga, encher as lajes, só esse serviço assim.

Fernando – Na USP, era outro serviço diferente?

Moisés – Bom, quando eu entrei na USP o serviço era de jardineiro. Então, o serviço era somente pra cortar grama, fazer beirada de guia, rastelar grama, fazer esse serviço assim. Agora, depois... É que primeiro eu entrei no FUNDUSP, que não é da prefeitura. Quando eu cheguei lá na prefeitura, o serviço já foi... Entrei lá mesmo de jardineiro, fiquei uns tempos, mudei pra trabalhar na limpeza pública, negócio de limpeza pública. E foi onde eu fiquei até... ... Agora, quando eu saí de lá. Aí, me botaram de encarregado. De encarregado, me puseram de técnico de manutenção, e nisso aí eu fiquei até a data de hoje. No começo, na USP ganhava menos, ganhava duzentos e poucos paus. É que fazia muita hora extra, pegava o serão, aí dava pra tirar até quinhentos paus por mês. Mas quando eu entrei na USP mesmo, era cinquenta paus por mês. Quando eu entrei lá, o jardineiro ganhava quarenta cruzeiros. Já entrou eu e finado Barão, e aqueles outros meninos já ganhando uma base de cinquenta e poucos cruzeiros. Depois, foi subindo.

Fernando – Como é que você ficou sabendo da vaga na USP?

Moisés – Que naquela época eles pegavam a gente não carecia de ter estudo, não. A gente ficava sabendo: ‘Ó, lá na USP está precisando de tanta gente...’. Tinha uns gatos lá. Aí os gatos fizeram um serviço ruim. A prefeitura pegou o serviço e inventaram de fichar a gente. Quando foi pra fichar a gente, passamos lá: eu mais o finado Prexeca. Falaram que estava pegando gente lá na USP pra jardineiro. A gente entrou de jardineiro de cara. Fiquei de jardineiro quatro meses lá no FUNDUSP. Depois fiz acordo e entrei lá na USP, lá na prefeitura da USP, e passei tudo esses tempos lá. Depois eu te mostro minha carteira e você vê quanto tempo eu tenho mais ou menos lá. [A linha puxa. Paramos um tempo pra Moisés verificar a vara de pescar].

Fernando – Moisés, você se lembra o primeiro dia que eu fui trabalhar com vocês lá na USP?

Moisés – Olha, eu não marquei, não. Eu não tenho muita lembrança, não... ... Mas eu tenho quase mais ou menos um... Parece que foi um dia de quarta-feira, parece.

Fernando – Quem avisou que a gente ia?

Moisés – Marcelino. O Marcelino que era o diretor. E o Hernandi era o chefe de jardim. E Marcelino era o chefe de limpeza pública. Nessa época, eu fui trabalhar na limpeza

pública e fiquei com o Marcelino. E o Marcelino era o diretor da limpeza pública: trabalhava com veneno, trabalhava com a limpeza geral. A turma de Hernandi fazia o corte de grama, e o Marcelino tirava do caminhão. Tinha a turma do caminhão, que nem você viu lá. Eu era o responsável pela limpeza: cortar a grama, limpeza, os tratores pra fazer, pra carregar as coisas. Que Marcelino era pra tomar conta disso aí, e pertencia tudo a Marcelino. O Hernandi era somente com o jardim.

Fernando – Como é que você ficou sabendo que iam estudantes lá?

Moisés – Foi Marcelino mais o Hernandi. Ele falou que tinha um rapaz que ia fazer um... Como é que chama mesmo? Aí eu digo: ‘Está jóia’. Eu pensei: ‘Como é que um rapaz estudado vem trabalhar numa coisa dessa?!’. Ele falou que você ia lá fazer uns testes do serviço, que a escola de vocês pediu lá que precisava. Você ia lá só pra ver como era o serviço que se fazia lá. Só isso que ele falou. A pessoa está estudando e vai ficar num serviço desse de limpeza, às vezes de sujeira, que você viu que ali a gente trabalhava com sujeira pra caramba... Naquela época que você foi, não tinha muita, não. Mas teve uma época lá que a gente, logo no começo que eu entrei, ali naquela rua do... .. Como é o nome? Da... .. Não sei o nome daquela rua ali. Era cachorro morto pra caramba! Logo na entrada da USP. Era cachorro morto! A gente chegava lá era só aquelas tiraça de cachorro! O cara tinha que fazer limpeza direto, tirar aquelas carcaça, aquela porqueira toda! Era aquilo tudo! Era muito serviço lá, viu? Era muita terra, muita coisa. Quando eu entrei lá, era um serviço danado! Depois, foi modificando. Era um bocado de gente querendo comer a gente. [Suspira forte]. Mas no final acabou dando tudo certo.

Fernando – Você estava falando que ficou surpreso de estudante ir trabalhar lá...

Moisés – Não. É que lá tem estudante direto. Mas não pra trabalhar assim como você e aqueles outros rapazes que eu nem sei o nome deles. A gente ficou admirado. Mas esse negócio de estudo a gente tinha que aceitar tudo. A gente estava ali: o que mandava fazer era pra fazer. Nunca perguntaram nada, não... Será que aquela ali está puxando? Não está, não, né Fernando?!... .. Mas eu não achei nada, não, que você era uma pessoa simples, queria fazer o serviço, disse que era obrigação de vocês trabalhar lá. Então, o que a gente ia fazer? Nada, né?! O que a USP mandava fazer, a gente estava pronto pra fazer. Porque se dissesse vem um médico trabalhar aí, ou um doutor, ou qualquer coisa, a gente ia fazer o que?! Tem que aceitar. Que ele já vem combinado com outros cantos. Ninguém ia dizer que não ia querer. Quer trabalhar, tem que trabalhar. Eles não gostam muito. Querem ver o serviço mal feito da gente, aí tudo bem... O serviço que a gente fazia assim de varrição, pegar lixo em carrinho, fazer essas coisas assim... É mais ou menos o camarada saber como é que estava o movimento. Se prestava ou não o serviço. A gente pensava assim. Vocês iam lá pra olhar o serviço e poder dizer se o serviço estava prestando ou não. Ou mandar a gente embora. A gente pensava assim. Talvez eles vêm pra cá pra mandar a turma embora. Às vezes, não está fazendo o serviço direito... .. Mas todo penso é torto! Não é? A gente pensa uma coisa, mas é outra. Nunca é aquilo que a gente... Mas os meninos já falavam que era pra estudo. A gente tinha que fazer aquilo que eles mandavam. Que eles queriam que você fizesse seu estudo pra mostrar lá pra ganhar ponto no serviço, no colégio. Quando o professor de vocês fosse saber que vocês tinham passado naquilo ali, tinham tirado proveito daquele serviço. Então, se fosse possível, nós estamos trabalhando até hoje. Que nem estamos juntos. Não é? Começamos lá... ..

Fernando – Moisés, eu vou dar uma chegadinha ali na carroça pra beber uma água que

o sol está me castigando...

Moisés – Vai, filho. Não está na hora de você ir almoçar alguma coisa, não? Olha, eu vou ficar aqui, só vou mais tarde. Vou uma vez só por causa do cavalo. Você vai lá pra casa, descanse, que eu só vou de uma vez só. Você pode ir com Galego agora, mais o menino [Adriano]. A hora que chegar lá em casa a gente conversa o quanto que você quiser, rapaz.

Moisés – Vamos fazer assim. Antes de você gravar a coisa aí eu já te contei onde eu me criei, já te contei que minha mãe me deu pra essa turma me criar, o Jazon. Já falei, não já? Lá no Burgo. Já falei dos meu avós lá em Santana de Ipanema? Então, está bom. Que era isso que eu tinha na cabeça pra falar pra você.

Fernando – Qual foi o primeiro lugar que você morou em São Paulo?

Moisés – Foi na [Rua] Cônego Eugênio Leite, na Rua Simão Álvares. Eu ficava no alojamento. Nós estávamos derrubando uma casa e construindo um prédio ali embaixo, no começo. A gente estava lá pra cima, encostado no cemitério. Na [Rua] Cardeal Arco Verde, pra cá, nós estávamos fazendo um prédio. Isso era serviço da Alcântara Silva. Foi o primeiro canto em que eu fiquei. Foi ali. Naquela época tinha uma base de uns setenta homens no alojamento. Era os beliches... Fizeram um barracão grande como essa casa aqui. Em cima, ele ia até metade da rua. A gente via as pessoas passando. Por cima, passava as perobas assim, pegava por cima pros caras passar por baixo. A gente ficava dormindo em cima e os caras passando por debaixo. Era muita gente passando por ali. A gente ficava assim. Tinha uma escadazinha ali pra gente subir. Tinha o quarto do chefe da obra, do engenheiro, e por baixo tudo os peão dormindo assim. Ficava aquela carreira de beliche, tudo feito de caibro. Botava o caibro daqui pr'ali e depois dividia as camas. Está entendendo? Depois colocava o outro caibro. Aqui fazia a altura da cama de um, aqui fazia a altura da cama de outro, e em cima fazia a cama de outro: fazia três camas. Era aquela fileira de fora a fora! Era uma base de uns oitenta homens pra mais mesmo. Lá, eu passei nove meses. Depois, eu fui pra Engenharia Palmeira Limitada. Depois desse alojamento aí, eu fui morar na... .. Eu fui morar em São Domingos, lá na Água Podre... .. Ô Mira!... Mira!... Mira!... Ô Mira! ...Como é que chamava lá onde a gente morava no Seu Luiz? [Infelizmente, eu não lembro não, Moisés]. A gente já estava morando junto. Quando eu saí dessa obra, eu vim pro São Domingos. Arrumei lá em São Domingos. Lá eu já morava com ela. De lá, eu ia trabalhar nos prédios em todo canto. Eu cheguei no São Domingos e arrumei ela. Eu conheci ela lá em São Domingos mesmo. Eu morava num quarto. Lá onde eu trabalhava, no mesmo prédio tinha uma mulher chamada Zoraide. Cuidado aí, hein!

Fernando – Não. Se precisar, se você quiser, a gente troca os nomes...

Moisés – De lá, ela ficava falando besteira pra mim... Eu não queria casar com ela, que ela era uma mineira muito bonita. Era uma mineira que você... .. [Interrompe pra dar bronca em Gustavo]. Ela dizia: 'Eu vou carregar você na Igreja, eu vou te levar direto na Igreja pra gente se casar'. Eu dizia: 'Comigo, você não se casa, não'. Ela namorava lá um encarregado chamado David, e ele gostava muito dela. E ela, de qualquer maneira queria se casar comigo. 'É melhor ficar do jeito que está'. Que eu era novo. Eu não ia querer ter uma mulher pros camaradas querer ir chatear com ela. E ia arrumar mulher pra ter confusão? 'Comigo, você não dá pra casar, não. É melhor você ficar do jeito que está, e eu. Porque senão, ou eu mato você, ou você me mata. E aí não vai dar certo,

não'. Porque naquele tempo eu era meio doido. Hoje, não. Hoje, eu agüento tudo. Mas naquele tempo não dava pra agüentar. Mas ela ficava: só me encrencando, só me encrencando... Eu fiquei bastante tempo morando – na base de um ano – mais o irmão dela. Ela fez eu ir morar com irmão dela pra tentar conseguir eu ficar mais ela. Um morava aqui, outro morava ali. A porta dele aqui, a porta dela ali. A porta dela aqui e a minha mais a do Hélio do outro lado ali. Só dividia só a parede no meio. Fiquei lá. Quando deu uns tempos, adoeci. Eu fui atropelado no prédio. Foi na Palmeira Limitada. Eu fui pegar um pilar grande, um pilar de oitenta por noventa, ali perto da Faria Lima, onde tem aquele posto de gasolina perto daquele prédio preto, ali em Pinheiros? Então. Antigamente, ali era só mato. Você não soube disso. Acho que nem nascido você era. Ali, pra sair no Eldorado, era somente aquela tiririca. O povo pegava até traíra naquele meio ali. Tinha aquele trevo ali, da Corifeu¹⁵⁰, por onde tem aquele posto em Pinheiros e da Raposo¹⁵¹. Ali, bem atrás do posto de gasolina, trabalhei naquele prédio ali. A primeira escada que tem subindo ali da rampa da garagem fui eu que fiz. Foi o primeiro teste que eles mandaram eu fazer. Se fosse o caso que um dia você fosse lá e entrasse assim na garagem, na rampa – uma rampa cumprida assim, como daqui naquele pé de coqueiro – naquele prédio preto atrás do posto de gasolina, você ia ver. Mandaram eu fazer esse este aí e, depois, assinaram a minha carteira como armador. Passei no teste de armação e fiquei uns tempos assim. Até hoje, se for ver pela minha carteira... Porque quando veio minha carteira, eu estava classificado de armador. Aí pronto. Porque lá no bananal, eu entrei de servente. No outro prédio também, eu entrei de servente, depois eles mudaram. Mas ganhava mais que os outros, um pouquinho. O cara que me entregou o registro falou assim pra mim: 'Você está aqui como servente, mas você não é servente'. Você vai estar trabalhando e vai ganhar mais um pouco porque você vai tomar conta da peãozada'. Eu disse: 'Está limpo'. Eu até mandava gente embora! Acredita? Tinha um doidão lá, eu disse: 'Você vai fazer tal serviço'. Ele: 'Não vou'. Eu disse: 'Você vai'. Ele: 'Não vou'. Eu disse: 'Então, vai falar no escritório'. Chegava lá, eles diziam: 'Se ele mandou, está mandado!'. E mandava o cara embora. Era assim... Tinha que ser desse jeito lá. Queria que eu passasse a ser encarregado de pedreiro, eu não quis. Passaram eu pra primeiro oficial de eletricista. Seu Zé e Seu Pascoal pelejaram. O chefe lá gostava tanto de mim que eu comprava pano e ele levava pra filha dele fazer camisa pra mim.

Fernando – O que aconteceu que você não quis ser chefe?

Moisés – Porque eu não tinha leitura. Eu era encarregado na USP, mas eu não tinha leitura.

Fernando – Mas precisava ter leitura pra ser encarregado?

Moisés – Não. Mas leitura é sempre uma boa pra saber ver as coisas tudo certinho. Antigamente, eu até sabia alguma coisinha, mas depois eu esqueci de tudo. Pro cara fazer isso aí, carece d'ele ter um estudo. Quando eu era moleque, eu escrevia até bem. Depois que eu abandonei. Aí eu acabei mesmo: não escrevi foi mais nada! Hoje, eu mal e mal sei assinar meu nome. Não fazia mais aquilo que eu fazia.

Fernando – Bom, você estava dizendo que adoeceu...

Moisés – É. Nesse quarto, eu adoeci duas vezes. Uma vez eu já trabalhava na... Eu trabalhava na engenharia, lá na Faria Lima. E me deu uma caxumba. Bom, o primeiro foi quando o prédio me puxou. E me arranhei isso aqui tudinho. Até hoje ainda deve ter

¹⁵⁰ Avenida Corifeu de Azevedo Marques, na zona oeste da cidade de São Paulo.

¹⁵¹ Rodovia Estadual Raposo Tavares.

corde, deve ter arranhão. O pilar me puxou, me rasgou assim tudinho os braços, por aqui pelo peito... Os ferro machucaram tudo meu peito. Machuquei daqui assim pra cima. Aí eu fui lá no Matarazzo. Eles me deram, eles trataram de mim. Depois disso aí, eu tive uma caxumba. Uma caxumba da pesada. Eu subia no prédio, lá na Alcântara Silva. Tinha que subir no prédio, tinha que subir na escada, que o prédio era muito alto. Tinha que subir e descer com material pra fazer o serviço lá em cima... Eu tomava conta da parte elétrica. Os caras tomavam conta do concreto, da laje pra encher. Eu era obrigado a ficar lá mais os caras, e deu um caroço assim em mim. Deu uma caxumba. A caxumba desceu. Eu passei um cado de dias doente. Veio um colega meu, eu vim naquela farmácia ali na entrada do... Na entrada do Butantã. Aqui no Jóquei Clube. Não tem uma farmácia lá? Então.. Foi naquela farmácia ali. Me deram uma injeção e foi aí que eu melhorei. Nisso aí eu já morava em São Domingos. Nesse quatinho, eu o Compadre João e o David, que era o namorado dessa menina que queria casar comigo e eu não casei. Ela era mineira. Nós fiquemo morando junto. Quando foi depois, aí eu arrumei essa baianinha aí...

Fernando – Onde você conheceu Dona Mira?

Moisés – Lá em São Domingos, nesse quatinho mesmo. Ela morava lá também. Em outro quatinho, que a casa era dividida. Ela morava lá nesse quatinho; ela e a filha dela. Depois, eu peguei ela e fui lá pro João XXIII, morar na casa de Seu Luiz. Rua Santa Luzia, perto de onde tem uma caixa d'água. Eu aluguei. Fiquei com ela lá. Foi quando nasceu os hominho. Os hominho nasceram lá.

Fernando – Você chegou a casar de papel passado e tudo?

Moisés – Não. Casei com onze anos morando junto. Onze anos foi que eu casei em Barueri, parece. Eu casei no civil. E agora o padre daqui quer que eu case na igreja. Eu falei pra ele que se fosse com outra. Porque meu registro de casamento mesmo foi lá na Igreja Presbiteriana de Laje do Canhotinho, que eu nem sei mais onde fica.

Fernando – Eu quero saber como é que uma mulher bonita assim cai na conversa de um cara mal acabado como você? [Rimos].

Moisés – Eu estava lá doente, estirado na cama. Ela veio me oferecer um chá e eu disse: ‘Não precisa de chá, não. Que eu já estou bom’. Sentou-se na beira da cama, e por ali começamos a namorar.

Fernando – Mas você não estava doente?!

Moisés – Mas era uma doença que dava pra... [Rimos todos, inclusive Dona Mira, que estava por perto].

Fernando – É mesmo?! Doente?! Que cabra safado!

Moisés – Safado, não! Que conversa é essa? [Ri]. Ela ficou por ali, conversando, falando daquele negócio de namoro... Vira e mexe... Ela falou que ou eu casava com ela, ou ela ia morrer. Disse que ia beber veneno. Eu disse: ‘Não’. Quer dizer, como ela não morreu, eu fiquei com ela mesmo. Beber veneno por causa de mim, morrer por causa de mim e eu pegar processo? Não. Aí não dá certo. Estou com ela até a data de hoje.

Fernando – Vamos pegar duas cadeiras e ir lá fora conversar?

Moisés – É uma véinha feia, mas é uma véinha arretada. É uma baianazinha arretada...

Fernando – A gente estava falando da primeira casa que você foi morar com a Dona Mira.

Moisés – Na época do quartinho, eu não morava com ela. Quando a gente saiu de lá, aí sim. A gente foi morar lá no Educandário, numa Rua chamada Santa Luzia. Não tinha luz, nem água encanada. Era só água de poço. Lá, nasceu o filho meu: o Naldo. Reginaldo. Não aquele que saiu com seu carro. O outro. Ah, não. Já tinha o Naldo. O Naldo nasceu em São Domingos. Já tinha ele e a Lucinha. Tinha dois. Aí, eu fui alugar uma casinha aqui no São Domingos, o cara não quis alugar porque eu tinha dois filhos. Eu fui pro Educandário e depois tornei a voltar... Acho que chama Jardim Gilberto ali. Já ouviu falar da ‘Gamboa’? Então, naquela rua onde tem ali a loja de material de construção ‘Gamboa’. Dali, eu fui pro Educandário, voltei novamente. Aí, eu mudei pra... Da segunda vez, mudei de lá e fui pr’aquela Favela de São Domingos. Favela Jóia, na beirada da pista. Fiz um barraco lá e morei quatorze anos. Fiz o barraco e fiquei lá. Só não queria criar os moleques lá porque podia dar pra alguma coisa errada. Que eu saía bem cedo e chegava de noite. Tinha uns caras lá metido a valentão, tinha uns moleque bravo lá... Tinha o Xande, tinha o outro irmão dele lá também... Falei com o Mineiro, e ele disse que tinha um terreninho ali perto da Raposo. Perguntei se ele queria trocar no carro. Que ele não tinha dinheiro pra pagar. Eu fiz negócio mais ele, e construí aqueles quatro cômodo com um cobertinho. Depois é que eu mandei colocar laje. Acabamos de criar os moleque lá. Quando eu fui pr’ali não tinha água, não tinha luz. A gente carregava água na bica lá debaixo daquela gruta. Jardim Milizola. Ali onde é a escola hoje. Da escola pra baixo era onde a gente carregava água. Construí os quatro cômodo e vim com os menino. Depois, teve um colega meu que queria vender aquele terreno que eu tenho lá debaixo do outro, aí eu comprei ele. E eu estou aqui, com os poderes de Deus, vivendo. Vou pr’aqui, vou pr’acolá...

Fernando – Dessa casa em Cotia, que foi onde eu te conheci, qual era o seu canto preferido?

Moisés – [Suspira] O canto onde eu mais gostava mesmo era de sentar lá debaixo daquele pé de jaca, naquele canto que depois eu fiz ali com cimento. Só por causa dos passarinhos que ficavam avoando na minha cabeça. Que ali ficava baixando passarinho, não sei se você chegou a ver. Onde tinha aqueles pé de abacate grande (e tinha bastante coisa lá) – que rolinha ainda hoje tem, que rolinha gosta de feijão – naquelas telha lá tem pra caramba. E tira e põe, tira e põe... As rolinha fica tudo por ali. Então, eu gostava de ficar ali, porque ali na frente eu não gostava de ficar, não. Uma, que eu tive muito desgosto ali na frente. Porque você saber que tem um sangue seu derramado, e o cara passando na frente da sua casa todo instante, toda hora, precisa você ter coração de leão pra você agüentar. Porque o filho do finado Dema chamou esse daí na hora do almoço... Quando esse daí foi, chegou lá só ouviu um estalo: Tá!!! Tem uma mocinha lá chamada Rose, que falou: ‘Mataram o Bico’. Disse que tinham matado ele mesmo agora. Cheguei lá, ele estava estrebuchando no chão. E estava o filho do Dema mais novo, o Nê, jogando água. Eu falei: ‘Pára com essa água se não você vai matar o meu moleque! Deixe’. Ele parou, que ele era um rapaz obediente. Eu chamei Raimundinho, que Raimundinho morava lá no fundo, encostado na minha casa. Socorreu ele, deu três convulsão, mas graças a Deus está aí. Dentro do carro ele só teve uma. Mas quando eu tirei ele do carro, desci, fui colocando ele pro lado de fora, teve outra convulsão. Deram remédio pra ele, ele melhorou. Depois, teve outra, levaram ele pra Osasco. Depois, quando foi meia-noite, trouxeram ele de novo pra Cotia, quando viram que não tinha mais jeito de salvar a vista. Os filhos do finado Dema disseram que não viram nada, que não sabiam quem era. E era o namorado da filha dele. Colega dele

que atirou, junto com ele. O finado Dema foi lá na USP e falou que os cara tiram atirado na minha porta. Eu falei que era mentira, que eu estava em casa e que tinha sido na porta da casa dele. Finado Dema ficou tão nervoso, tão desgostoso que eu acho que ele morreu mais foi por causa disso. Porque ele tinha medo de mim. Dema tinha raiva de mim. Foi na porta dele. Tinha quatro: um sentado ali, outro ali, outro ali, outro ali. Encostaram a arma assim, e ele falou: 'Tira esse revólver daí'. Quando tirou a cara, a bala cortou daqui pr'aqui. Se ele tira a cabeça pra trás, tinha pegado no filho do Dema. Se ele tivesse tirado mais rápido a bala teria passado e não pegava ele. Voltei pra casa, e aquilo foi um dismantelo pra mim... .. Aí, Fernando, de lá pra cá acabou-se minha vida todinha. Eu ia pro serviço só pensando, só imaginando, só imaginando, só imaginando... Depois foi esse negócio com meu filho. Cada dia foi ficando pior pra mim. A gente conversa, dá risada, tudo, mas... Tem sempre aquela mágoa. Porque Deus deu motivo pra gente pra fazer as coisa errada, mas... Toda vez que eu vou lá, eu passo nervoso. Por isso que eu não tenho mais vontade de morar lá. Porque o cara que chamou o Bico mora da minha casa pra baixo. Porque veja... Você, na sua mente, porque você é estudioso, você estudou pra isso mesmo... Quando tem um negócio mal feito, você como criminalista, você como advogado, como investigador de polícia, numa parte dessa, quem é o culpado: quem mata ou quem chama?

Fernando – Os dois.

Moisés – Mas quem é mais culpado?

Fernando –Não sei te dizer.

Moisés – É quem chama. Porque quando chamaram ele, a própria mãe dele dizia que não gostava dele, não gostava do Bico. A filha dela também disse que não gostava. E a filha dela namorava esse tal desse neguinho, esse tal desse Fernando. E esse outro que chamou – o Célio – ele foi lá, o Bico pegou as laranjas dentro de casa, levou lá. Quando ele viu o Bico, ele desceu da casa dele dizendo que ia dar um Cd pro Bico. Mas não era um Cd, era uma arma que o Fernando tinha arrumado. Então, já estava com treita, não já? Quando o Bico chegou lá e sentou, um sentou num canto, outro sentou noutro, outro sentou noutro. Tinha quatro. Disse que só tinha uma bala só no revólver, essa bala pra ofender ele. Um está preso, o que colocou a bala no revólver; o outro mataram. O outro que chamou está vivo. O outro que chamou está vivo, passando na minha porta pra cima e pra baixo. E eu vendo aquilo. Aquilo... Aquilo ia estourar a minha cabeça. Tem mais culpa o cara que chamou que o cara que matou. Eu tenho mais ira no cara que chamou. O que matou era amigo, mas não tinha muito conhecimento com ele. Conheci moleque. Eu vi de pequenininho assim... O pai dele era muito meu amigo, trabalhava junto comigo, que era o finado Dema. Estava junto comigo o tempo todo, no viveiro... Aquele que você conheceu mesmo, que é casado com a Célia. O filho dele que chamou. Porque a gente fica desgostoso. Ele ficou desgostoso porque o filho dele fez aquilo. Ele ficou com medo que eu matasse o filho dele. Eu prometi que não ia fazer nada com o filho dele. Já foi, foi. Não vou fazer nada. Só que eu falei pra ele que foi na porta da casa dele, não na minha. Malandro foi lá na porta da casa dele, não foi na porta da minha casa, não. Ele ficava cabrero pra caramba, ficava com medo. Ele sabia que eu era meio doido mesmo, que não tinha medo dele. Eu falei pra ele: 'Se é pra matar, tem matar com honra de homem' Acho que você, naquele tempo, ainda não estava estagiando lá, não.

Fernando – Estava sim.

Moisés – No tempo que deram dinheiro pra matar. Eu fiquei sabendo e fui falar.

Chamei o Cangacinho, o Pequeno. Encostei ele na parede e falei: 'Que você fica prometendo que vai me matar. Se for me matar, resolve logo. Porque é chato você ficar prometendo porque depois dão um tiro em você sem eu querer fazer nada com você. Se você tem vontade de me matar, então mata logo'.

Fernando – Por falar em USP, quem era o seu mais chegado lá?

Moisés – Olha, lá na USP tinha tanto chegado meu. Era o Joãozinho, Seu Tiago... Chico Zóinho era grande amigo. Ele e Neguinho. Chico Zóinho era amigo meu, mas era falso. Está entendendo? Senti uma certa falsidade dele, porque ele tinha inveja de mim. Tinha muita inveja porque eu era encarregado e ele entrou na minha época... Eu gostava muito do Chico Zóinho, do Neguinho...

Fernando – Se tivesse que escolher um, de todos...

Moisés – Eu escolheria o Neguinho. O Neguinho, que quando eu saí de lá eu deixei ele como substituto meu. Que o Neguinho era homem. Tem os defeitos dele, bebia muita cachaça. Mas eu gostava muito... Gostava, não. Gosto. Se ele estiver precisando de alguma coisa e chegar na minha casa, é recebido e fica morando na minha casa mais minha mulher e meus filhos.

Fernando – Quando você pensa nele, que lembrança te vem?

Moisés – As feijoadas que ele fazia. Eu gosto muito de Neguinho, do Joãozinho, finado Joãozinho que foi embora. Seu Tiago também era uma pessoa muito boa. O José Pascoal também é um camarada bom, que não tem inveja de nada. O Bahia, que era meio sem vergonha, mas não era homem de valentia. Mas falava besteira. Depois, eu conversava com ele e dava tudo certo. Tinha também um menino que trabalhava comigo que eu gostava muito dele... O Tião. Daquela turma que trabalhava comigo, eu não tenho pra falar deles. Só quem não gostava de mim, que eu tenho certeza que não gosta até hoje era o Touca, só.

Fernando – E o Bambu, o Brás...

Moisés – O Bambu achava que eu entregava ele na prefeitura quando ele bebia. Mas eu não falava nada, não. O Brás não é carne. É peixe. Muito gente boa o Brás. Nunca pedi nada pra ele e ele dizia não. Nunca ele chegou pra mim pra dizer que eu não era encarregado. Muitos deles falou. O Cição falou... Falou que eu não era encarregado e chamaram ele no escritório: falaram que tudo que eu mandasse fazer, tinha que fazer, que encarregado era eu, que tinha que me respeitar lá dentro. Aí ele baixava a cabeça. E o resto tudo obedecia. Tudo o que eu falava estava bom. Gostava muito também do Mítica. Ele não era da minha turma. Eu gostava do Gedeon também. Mas você sabe: negócio de encarregado com chefe é meio diferente. A gente gosta, mas é um gosto... Sei lá, eu gosto do Negão. Ele almoçou muitas vezes lá em casa também. [Somos interrompidos por um rapaz que presta serviço para os correios. Moisés me mostra a conta de luz e pede para que eu confira].

Fernando – Se tivesse que me contar uma história do Neguinho...

Moisés – O que eu achava que eu tinha fé no serviço do Neguinho, no serviço que a gente mandava fazer... Porque ele, Joãozinho, eram pessoas de confiança. Se eu falasse: 'Neguinho, você vai pra tal canto fazer tal serviço', ele ia. Está entendendo? E, às vezes, os outros saíam fora ou não faziam o serviço direito. E o Neguinho ia e fazia. Ele tinha um defeito só. Que eu não gostava no Neguinho, era beber a pinga. Às vezes, fora do horário do serviço, o Neguinho saía... E os caras na prefeitura reclamavam, que você

sabe que ali tudo é reclamação. Só isso que eu achava. De resto... Também nunca chegou pra falar que um serviço meu estava errado... Então, eu considero muito o Neguinho. Às vezes, eu perguntava pra ele: ‘Neguinho, tem um serviço aqui assim-assim. Você acha que vai dar certo?... Então, tudo bem...’. [Moisés me mostra de novo a correspondência e pede para que eu veja se o endereço está completo].

Fernando – Você se lembra quando nasceu seu primeiro filho?

Moisés – Você se lembra, Mira? [Dona Mira diz não saber porque se trata de uma época anterior a se conhecerem]. Bom, o primeiro daqui é o Reginaldo, que está lá em São Paulo, que a gente chama de Caximbi. Ele nasceu no Burgo. [Dona Mira corrige Moisés: ‘É Edinaldo, com ‘E’. Reginaldo é o meu].

Fernando – Você lembra do que sentiu?

Moisés – Eu senti que no mato naquele momento não tinha carro, só tinha carro de boi. Ele nasceu em casa. Eu fui buscar uma parteira num lugar chamado Mucambo, meia-noite. E ele nasceu uma hora da madrugada. Depois que registrei em Garanhuns. A mãe dele gemeu a noite todinha. Sofreu muito pra ganhar ele. Nasceu o Ednaldo, depois a Nena, depois a outra... Uma pequenininha, nem nome tinha. Depois nasceu essa daqui [Fátima]. Depois o Zézinho... [Nesse momento, Fátima se aproxima e corrige Moisés com relação à ordem de nascimento dos filhos]. Porque teve uma que morreu, depois veio outra que se criou. O derradeiro que veio foi o Zézinho, que foi quando deu o... Foi quando ela... ... Não vou falar, não, que eu não posso nem falar essas coisas... Deixa pra lá... ... Aquilo ficou na minha cabeça que tinha sido por causa dele. Então, eu gosto dele, tudo, mas eu olho pra ele e lembro daquilo tudo. Porque foi ela ganhar ele, já inchou tudo e ela ficou ruim... Era um câncer no cérebro e aquilo começou a se desenvolver, foi perdendo muito sangue. Aí dele foi que ela morreu. Não d’ele que matou, foi das doenças que já tinha. Mas como a mente da gente é fraca...

Fernando – Lá em São Paulo, quem foi o primeiro a nascer?

Moisés – Foi o Reginaldo, o mais velho. Depois, o Junior. Depois o Márcio e o Marco. Tudo criado já, graças a Deus. [Moisés parece agora um tanto abatido, talvez cansado ou triste. Difícil definir]. Só me levaram o meu preferido...

Fernando – O Junior era o seu preferido?

Moisés – Tudo eles é preferido. Mas tem aqueles que dão tudo por você, que lutam por você. Então, o Junior era mais ou menos que nem o Galego [Um de seus netos que reside em Garanhuns]. Você não vê o Galego? Tudo que eu preciso, o Galego não está comigo? Então. O Junior era assim. A mesma coisa que eu fazia com o Junior, eu faço com o Galego: todo mês eu dou cinquenta reais, outro mês eu dou cem ou uma cesta básica. Está entendendo? Compro pão, compro uma carne... Do jeito que eu fazia com o outro lá, eu faço aqui com ele. Talvez eu esteja fazendo mais com esse aqui do que com o outro. Porque o outro eu não queria deixar correr muito com o carro, que era meio doidão. Quando ele saía com o carro, ele não tinha hora de chegar. E ele fazia muito favor pros outros. Morreu por causa de favor. Fazia tanto favor pros outros que Deus levou ele embora. [Olhos muito avermelhados e lacrimejando].

Fernando – Vocês foram morar juntos e depois resolveram casar no cartório mesmo?

Moisés – Foi. Eu me lembro que foi o filho daquele... ... Lá da prefeitura, o Tonho, que vivia comigo, filho daquele velhinho. Seu Antônio, que morreu daquela doença, aquele negócio de câncer no cérebro. Ô Mira, foi em Barueri que nós casou, não foi? Barueri,

numa base de umas duas horas da tarde.

Fernando – ... E o Moisés te enrolando esse tempo todo com filho em casa, Mira? ...Teve festa?

Moisés – Só uma feijoada. E teve jabá, carne de porco... [Nesse momento, há tanta imprecisão e incerteza sobre os convidados e os fatos, que no debate entre Mira e Moisés fica impossível transcrever algo que faça sentido. A pureza do som da gravação também não ajudaria o mais dos esforçados ouvintes. A televisão está ligada no outro canto da sala e os passarinhos engaiolados - por toda a casa - não param de cantar. Além disso, Moisés parece pouco motivado a continuar os assuntos do dia anterior. Eu também já não tinha a mesma atenção. Sentia-me atraído pelas pessoas do lugar, inclusive por Moisés, de uma maneira que qualquer entrevista formalizada constituía-se como um anti-clímax]. O Seu Enoque foi testemunha também. Foi Enoque com o filho de Seu Zé. [Muita gente dentro de casa passando pra lá e pra cá, Moisés disperso, e uma cantoria danada na televisão]. A luta aqui é pesada. Você não viu aí? Ô Fernando, que nem eu estava pensando ontem aquele negócio do terreno; do jeito que o cara falou, eu pensei: se eu chegar lá e gostar do terreno – porque ele falou que a casa era boa, que tinha uma casa e tinha um galpão. Dois quadros de terreno ele dava na perua¹⁵². Aí, eu chego lá e o cara vem com a história de vinte mil...

Fernando – Mas a conversa ontem era outra, não era essa... A história era trocar o terreno com a casa na perua Kombi.

Moisés – Pois é. Quando eu chego lá, o cara vem com a história de vinte mil cruzeiro... Queria que eu desse a perua mais vinte mil cruzeiro, então melhor eu ficar onde estou. É pequenininho, mas é meu e tem água bastante e tenho luz, tenho tudo. Não tem nada de sacrifício. Você está vendo, não é?! Sacrifício tem, que minha despesa é pesada. Mas negócio de despesa, em qualquer canto que a gente estiver, tem. Toda a vida eu tive. Já estou acostumado com gasto.

Fernando – E aqui a gente está perto da cidade.

Moisés – E lá está muito longe... Se ele quisesse vender por seis pau... .. Terra é bom, mas quando a gente tem as condições de apanhar. Talvez se fosse mais perto de um açude, de uma água, de uma coisa. Ali, pra cavar um poço de trinta metros de fundura vai uns cinco pau. E depois tem comprar tijolo, bloco, tudo pra levantar até em cima. Comprar bomba, fazer tudo... Ah, não! Não dá pra mim, não. Ficar endividado mais do que eu já vivo não quero mais, não. Parar por aí mesmo, não é não? Fico aqui mesmo. Vida de pobre, com Deus, é muito. Vida de rico, sem Deus, é nada. Não adianta você querer ter muitas coisas e não ter Deus nas suas veias. Eu prefiro ter Deus do que não ter nada. Está entendendo? Vão se embora os anéis, ficam os dedos. Desde pequeno que eu pensava isso. Desde a minha mocidade o povo pensava que eu tinha dinheiro, que eu era quase metido a fazendeiro. Porque tinha gado, tinha cavalo, tinha carro-de-boi, tinha isso, tinha aquilo. Vendia madeira, vendia fruta, vendia tudo lá do sítio. Tinha bastante água, trabalhava direto com dez, doze pessoas lá dentro da fazenda. Tinha café, vendia vinho... De tudo eu tinha lá. Saí de casa com a idade de dezessete anos quando minha mulher adoeceu. Me casei com quinze anos. Abandonei minha família todinha aí, depois que minha mulher morreu. Maior tristeza da minha vida é minha mulher perdida... Fiquei um ano e pouco solteiro. Depois que vi que não tinha mais condição, arrumei essa baianinha e casei com ela. Porque perdi também as comunicações com

¹⁵² Moisés havia comprado uma perua Kombi para transportar os netos de São Paulo a Garanhuns.

meus filhos. Passei quase vinte anos pra poder ter notícia deles: saber se estava vivo, se estava morto... Quando eu estava trabalhando no Matarazzo, lá na Avenida Paulista, aquele prédio grandão, foi que me disseram que eles estavam vivos. Porque tinha o Seu Napoleão que morava lá no Cambuci... Fui lá no Cambuci... Não. Primeiro eu fui lá no... Porque me informaram que meus cunhados estavam morando lá no... Pra frente ali do campo de bola. Pra frente do Morumbi. Achei meus cunhados lá. Quando eu tive a notícia, só estava solteira essa aí [Fátima], que até hoje é. A outra já tinha fugido com esse Zé, o Jóia. Não sei se casou, não. Disse que casou... Eu não estava aqui. Disse que se casaram... E tem outra em Maceió, que parece que mora junto com um tal de Ricardo. [Moisés pergunta a Fátima se são casados Ricardo e Nenê. Ela diz que só moram juntos. Bico completa: 'São amaziados']. O padre me falou, comigo – eu, que já tenho mais de quinze anos de casado – o padre falou que eu sou amancebado. Um padre em São João. Eu até briguei com ele. Ele quer que eu vá casar na Igreja. Eu disse: 'Eu já sou casado'. Ele falou: 'Você não é casado. Você é amigado'. Amancebado o caramba!.

Fernando – [Dou risada...]

Moisés – Então, das duas vezes eu fui amancebado. Foi um cara chamado Caçata que levou o juiz lá pra gente casar. Casei no sítio. Casei lá no Burgo mesmo. Foi a maior festança. Eu era moleque novo. Tinha quinze anos. Quando eu cheguei, olhei pras paredes assim e pensei: 'O que eu vou fazer com essa mulher dentro de casa?'. Eu não tinha noção de 'homem'. Eu já estava sacrificado na minha vida, e agora ainda tinha uma mulher dentro de casa. Eu pensei: 'O que eu vou fazer com essa mulher dentro de casa aqui, dentro desse barraco?'. Graças a Deus, Deus preveniu: de lá pra cá nunca faltou nem um pão até a data de hoje. E daqui pra frente também não vai faltar, que Deus não quer. Quando eu fiquei viúvo, fiquei um bocado de tempo sofrendo no meio no mundo. Sofrendo, uns nove meses... Depois, arrumei essa baianazinha. Quase que passava fome. O dinheiro que eu ganhava quase que não dava pra pagar aluguel. Voltei pra São Domingos, arrumei um canto, fiz um barraco, morei catorze anos lá na Vila Jóia. Da Vila Jóia, comprei esse terreninho lá, fiz a casinha e foi melhorando a situação. Por isso que eu digo: 'O pouco, com Deus, é muito. O muito, sem Deus, é nada'. No tempo que eu morava lá, eu tinha tudo, mas tinha muita inveja em cima de mim. É o que o irmão dos caras que me criaram, porque ele foi dar uma casa pra mim em Garanhuns eu não quis. Veio aí pra cima, pra Capoeira, querer comprar um terreno pra mim. Eu não quis o terreno porque era seco. Fiquei lá mesmo. Aí, o canto que eu morei disseram que era pra ser meu. Foi o tempo de eu ir embora, minhas filhas abandonaram o terreno, ninguém ficou lá. Aí eu perdi tudo. Só ficou a Nena, mas não prestou atenção. No fim de tudo, venderam de graça lá. O menino passou a mão em tudo. Minhas filhas ficaram sem herança nenhuma de lá. A única herança que elas tinham, elas tinham herança da mãe delas, que pertencia a mãe delas e pertencia a mim. O meu, ainda estou vivo, a mãe dela levaram embora... Agora não tem mais nada. E eu também não vou atrás disso mesmo. Nem elas vão. Aí, acabou. Se eu pudesse arrumar uns terreninhos maior pra ter um cantinho pra elas, eu arrumava. Mas eu estou me sacrificando e não tem jeito... Fica assim mesmo. Se algum dia eu puder vender aquela casa lá¹⁵³, eu compro o terreno. Compro um terreninho maior pra dar melhor condições pra eles. Quando eu partir daqui pro outro mundo, tem um cantinho pra eles ficarem. Porque pra um só eu não posso passar. Porque se eu fosse passar alguma coisa era pro cego. O cego não vê nada e tem menos condição. Se eu tivesse alguma coisa, tinha que passar um pouco a mais pra ele. Mas se eu passar, é uma encrenca com os outros tudo. Todo mundo briga. Quando eu

¹⁵³ Em Cotia.

morrer, eu passo as coisas pra mãe deles e ela que faça o que quiser com os outros herdeiros que tiver. Quando eu ver que eu estou meio fraco, eu vou no cartório e passo o que tiver pra mãe deles. Depois, ela passa pra quem quiser. Não posso pegar uma casa lá e dizer: ‘Vou dar pro Ednaldo’. O Reginaldo tem dois filhos. Outro dia ele falou: ‘Pai, deixa a sua casa aqui que você tem dois netos aqui’. Está certo: neto é filho. Mas não é obrigado, porque eu tenho dois filhos dele e mais três do outro. Vou dar uma casa pra cinco netos... E os outros? Por isso que eu falei: ‘Enquanto eu estiver vivo, quem manda nos meus negócios sou eu’. Eu vendo, eu dou, eu faço o que eu quiser. Agora, quando eu não puder mais fazer nada, aí eu resolvo o que eu faço. Porque se eu der pra um, eu preciso dar pra todos. Se eu não posso tratar nenhum, eu fico quieto. Agora, aquele que achar que pode chegar perto de mim, pra nós trabaiaá, pra nós conviver, arrumar o pão de cada dia, pode vir que a gente arruma um cantinho. Cabe, não cabe? Aqueles que quisessem. Mas... ... Aqueles que só quer vantagem – porque o Cachimbo lá só quer vantagem, aquele que veio aqui, o mais velho. O Ednaldo. Só quer vantagem, não quer trabalhar. Só quer viver de ver só o lado dele. Quando ele chegou aqui, pensei que ele vinha pra cá pra dar uma força, pra ajudar em alguma coisa, pra conversar comigo, pra fazer isso, fazer aquilo outro... Não. Chegou aqui, veio fazer foi inferno com dois filhos meu aí, foi falar de mim por todo canto. Eu fiquei meio revoltado. Porque ao invés de ele dar uns conselhos bom aí, foi se juntar com a Nena pra falar que eu nunca ajudei ele nem nada. Eu não posso ajudar. São tudo grande já. Cada um tem que viver a sua vida do jeito que pode. Porque eu, com a minha idade, eles é que teriam que me ajudar. Porque você sabe: o camarada que passou dos sessenta anos, não é porque ele tem uma aposentadoria, uma besteira, que o filho não tem o direito de ajudar o pai, sabendo que eu tenho não sei quantas famílias dentro de casa. Vamos fazer a conta... Quantos filhos eu tenho aqui? Só de filho, eu tenho quatro. Mais quatro do Junior, com o da minha filha, seis. Comigo é sete, e oito, com a Mira são nove pessoas. Eu tudo pra eu lutar sozinho com tudo isso aí. E o cara ainda veio pra ficar em cima de mim. O que ele quer mais? No lugar de me ajudar, quer me destruir. E o Reginaldo veio querer ficar com aquela minha casa lá. Veio me oferecer vinte pau. Eu falei: ‘Vinte, não. Se quiser é cinquenta pau’. Porque aí dá pr’eu inteirar pra comprar um terreno maior pra eles tudo. Está entendendo? Porque se ele ficasse com a casa lá e mandasse vinte mil pra mim, até dava pra eu ficar com o terreno do cara. Mas eu não vou fazer negócio, não. Fica a mais de oito quilômetros de São João pra lá. Ainda teria que gastar uns três pau naquele casa pra ela ficar boa. Não está caro, mas a gente não tem o dinheiro pra dar... [Longo silêncio].

Fernando – Qual era...

Moisés – [Interrompendo] Você não tirou retrato aí?

Fernando – Não. Eu filmei.

Moisés – Então, mostre pra Mira. Pra Mira mais a Fátima.

Fernando – Mostro. Então, vamos terminar nossa conversa. Aí eu volto a fita inteira de uma vez? Pode ser?

Moisés – Pode... Aí, Fernando, do jeito que eu fiquei de criança, me criei na casa dos outro, sofri que nem cavalo véio, sofri pra caramba... Quando fui dar fé por mim mesmo, foi depois de sete anos que eu fui pra casa desse povo que me criei, que era tudo crente... Deus clareou a porta pra mim. Passei sete anos mais ou menos bem de vida. Não bem de vida. Razoável, que eu ficava lá em casa com os trabalhador, e a minha muié que dava comida pros camarada tudo. Quando dava onze hora, ia toda

aquela turma de homem comer lá em casa... Eu é que dava o almoço, dava o café de manhã cedo, tinha deles que às vezes até de noite jantava... E eu trabalhando, o velho me dava duzentos pau por mês, pra fazer compra. Sabe? Mas quando foi um tempo que as coisa foi encarecendo, aí ele foi até diminuindo. Não estava nem dando os duzentos pau. Eu pensei... ‘Quer saber de uma coisa? Agora você toma conta do seu serviço que eu vou tomar conta do meu. Vou viver a minha vida’. Peguei uns cavalo véio lá e carregava banana... Tinha a coisa da feira... Não estava dando nem duzentos cruzeiro. Eu falei pra ele: ‘É muito difícil pra mim e é muito difícil pra minha mulher também. Então, você toma conta dos seus trabalhador que eu vou viver às minhas custas. Eu trabalho a semana todinha mais você. Você me dá duzentos cruzeiro pr’eu fazer compra e ainda dar comida pros trabalhador tudo... E minha família, vai comer o que?!... Eu penso de aumentar a minha renda. Toque o seu serviço que eu vou tocar o meu’. Ele ficou lá tocando o serviço de café. Eu abandonei... Aí, o café foi se acabando. Não deu mais o investimento que tinha que dar. Ficava aquele negócio de carpir um pedacinho num canto, um pedacinho noutro, um pedacinho noutro, um pedacinho noutro, um pedacinho noutro... Aí, foi vendendo, vendendo... Vendeu um sítio pra Compadre Jereissate, outro pra Eloy, e foi vendendo os terreno. O derradeiro foi o que ele ficou morando. E quando eu fui embora pra São Paulo ele vendeu. Foi acabando, acabando, acabando. Acabou não ficando com nada. Hoje, só tem a Dinah aí em Garanhuns, e tem quase nada também. É empregada no Banco do Brasil, parece. Morreu todo mundo. Dessa turma véia só tem mesmo a Juci, a Cida, a Dita e a Dinah. Não. A Dita morreu. São parente lá, sobrinho dele, de Jazon. Graças a Deus, do que eu tenho nada pertenceu a eles. No sítio deles, não tem nada que eles digam nada, não. Nenhum desses tijolo pertenceu ao Burgo. Não tenho nada de lá. De lá, eu só tenho a lembrança, que eu fui nascido lá. Depois, derrubaram minha casa véia... Um foi morar num canto, outro foi morar noutro... E assim ficou a família. Deus criou pelo mundo. E nós estamos nessa luta. Até o dia que Deus quiser, né Fernando?! [Seus olhos lacrimejam].

Fernando – Eu lembrei agora um negócio que eu não te perguntei. Não tem nada a ver com isso. Qual era a melhor coisa de trabalhar na USP? Tem alguma recordação boa da USP?

Moisés – ... Pra mim, todo serviço que eu fiz na USP é uma coisa só. Se era no jardim, era comandado pelos encarregados. Se eu fui trabalhar naquele tempo de encarregado, era comandado ainda mais. Era por Marcelino, a Márcia, o Hernandí. Quando eu entrei lá, tinha um diretor velho lá que era o chefe de lá da reitoria... Agora me esqueci o nome dele. Ele era o manda-chuva lá da USP. Não sei se você se recorda... Era doutor... Esse era muito bom, que eu me recordo que um dia ele chegou lá mais o finado – ...como é o nome daquele velho que morreu outro dia? – o Abedia, o finado Abedia, me chamou lá na reitoria e disse que se eu quisesse buscar os meus filhos todinho ele me emprestava dinheiro pr’eu vir buscar meus filhos tudinho pra levar lá pra USP. Pra estudar lá e pra arrumar um canto pr’eu morar. O nome dele era ‘Doutor-não- sei- do- que-lá’. Esse aí foi um que me deu muito a mão. Eu estou com o nome do velho na boca e estou esquecendo. Como é o nome lá dos diretor da USP?

Fernando – Não é da minha época...

Moisés – Ele foi bom, depois uns lá que eu nem sei o nome, não sei quem era, tudo meio carrasco... Aí, tinha a Márcia, a engenheira lá da USP, uma biscate danada. Lembra daquela galega lá?

Fernando – Eu não sabia disso, não.

Moisés – Ôxe! Não tinha o engenheiro lá, como é o nome dele? O... Que tinha dois engenheiro. Todos os dois baixinho. Tinha o Clivando e o outro. Aquele outro só vivia com ela pra dentro daquele jardim lá. A gente chegava cedinho, de madrugada assim, ele já estava lá dentro com ela, lá no Clube dos Estudantes, no Restaurante dos Professor. A gente passava lá, ela estava enrolada lá debaixo, bem de manhã.

Fernando – Ela não era casada?

Moisés – Eu não sei se era casada com ninguém aquela desgraçada lá. Eu pensava que ela era uma moça séria, direita. Que no fim das contas ela que me chamou lá e me estragou todinho. Ela chegou com umas presepada lá, que nesse tempo eu era encarregado. Tinha cinco anos mais ou menos que eu era encarregado lá. Quando ela chegou, quis me trocar. O Marcelino se aposentou, ela me trocou por aquele menino que era servente e que trabalhava comigo. Está entendendo? O Deputado. E Deputado quis começar a mandar em mim. Eu briguei tudo lá, quase quebrei tudo, chamei ela de mentirosa... Tinha um diretor lá e eu meti o pau lá dentro, no escritório. Eu falei o que tinha vontade. Falei: ‘Márcia, se você for mulher, você falou que tem força, o diretor está aí. Marcelino está aí, Hernandi está aí, você pode me mandar embora agora, pode me mandar pra reitoria direto. Pode me falar pra reitoria pra me mandar embora agora, que eu não quero mais trabalhar com você na turma da limpeza. Com você eu não trabalho mais!’. Bati em cima da mesa, olhei pra Deputado, fui pro bar, tomei um copo de whisky desse tamanho, desci no viveiro... Ela telefonou lá na reitoria. A reitoria falou pra ela: ‘Olha, o Moisés ninguém vai mandar ele embora que ele é o fundador da limpeza pública aqui na USP. Ninguém vai mandar ele embora por causa dessas conversinha que você está fazendo aí, não. Ele entrou na vaga de Marcelino, ele comanda aqui. Ele é o diretor da limpeza pública’. Ela ficou doida. Tinha um altão lá, o Rui. Não, o Rui era baixinho. Esse era outro... Lá da diretoria, você conhecia...

Fernando – Acho que não, Moisés. Da diretoria, eu não conhecia ninguém... Será que eu conhecia e não lembro? Quem eu conheci que mandava mais lá era o Marcelino e a Márcia.

Moisés – Eu acho que você conhecia sim. Mas a Márcia era outra que tinha. Não era essa de agora, não. Era outra Márcia engenheira. Era uma loirona grande. Essa que tem lá agora é outra biscatinha, mas não é a mesma, não. Essa aí é mais simples. Ela ficava com o motorista quando ia pra Minas pegar umas plantas. Ela ficava com o motorista que trabalhava com o reitor. Essa eu não vi nada. Ele é que diz que pegou. A outra Márcia era uma galegonia alta. Essa era danada, rapaz. Ela queria mandar mais que o cão. Ela que ferrou comigo. Eu xinguei ela toda... Ela passou poucos dias lá, depois foi embora. Quando ela foi embora, foi que essa outra entrou. Está entendendo? A conversa com eles era assim que eu não ia mais trabalhar nada. Eu ia só comandar e olhar se estavam fazendo o serviço. Quando essa outra Márcia estava lá, ela ficava mandando o Deputado ficar me tocando enquanto eu estava trabalhando com a turma. Aí eu abusei. Fui lá e quebrei o pau. Fez um bolo de despedida lá pra Marcelino e eu falei na cara dela que era falsidade. Isso é falsidade dessa Márcia, que eu não confio nela nem pelada, que dirá vestida. Isso é sem-vergonhice dela. Eu sei que fizeram lá de um jeito que ficava o Rui de um lado, não sei quem na caminhoneta e o Deputado comigo. Eu disse: ‘Nem de um jeito, nem de outro. Que com Deputado eu não trabalho mais’. Aí que eles colocaram Deputado pro veneno.

Fernando – [Interrompendo] Isso aí eu lembro. Eu já estava lá.

Moisés – Pois então. Ele está no veneno até hoje. Eu mandei ele pro veneno e fiquei só

com os outros trabalhando. O Touca eu pus no caminhão da limpeza. Eu fiquei lá, deitei e rolei: ninguém mandava mais n'eu, não... Desse dia pra cá. Eu trabalhava de pé ou sentado, e ninguém falava nada, não. Dei uma pancada na mesa ali, que eu fiquei bravo. O cara que estava lá viu que eu era doido mesmo... Digo: 'Pode me mandar embora agora! Quando eu cheguei aqui, eu já comia. E se eu sair daqui eu não vou morrer de fome, não. Pode me mandar pra reitoria agora, que eu estou aceitando a saída'. A Márcia mandou, mas disseram que eu era o fundador da limpeza pública e que em mim ninguém mandava, não. Não passou dois anos, ela foi embora. E eu fiquei. Ficou essa Marcinha lá... Ficou ela, Gedeon... Ficamos nisso aí. Até hoje... Se precisar. Eu gosto de Gedeon. Não tenho o que falar de Gedeon. Agora, a outra Márcia que foi embora, eu tenho. E de Marcelino também, que ele foi covarde. Porque vem cá: você trabalha comigo, e quando eu saio de férias você fica na minha vaga, você é o diretor. Eu sou diretor. Então, quando eu saio, eu deixo você na minha vaga. Saio um ano, você fica. Saio outro ano, você fica. Saio de novo, você fica outra vez. Fiquei, parece, uns três anos assim. Quando a gente assume a vaga do cara isso fica escrito lá na reitoria, na prefeitura. De repente, eles fizeram um negócio pra mim que nem servente eu era. Está entendendo? Era substituto de servente. Quando eu recebi esse negócio que falava que eu era substituto de servente, eu fui lá embaixo, lá na... Fui falar com aquele velho que trabalhava lá, o Camo..., Sato...

Fernando – Massucato.

Moisés – É. O Massucato. Ele falou: 'Você está é louco! Nem ajudante de servente você é aqui! Eles não podem rebaixar você assim, não. Pode deixar isso comigo que eu vou cortar isso aí. Você vai ficar, e é como técnico de manutenção. Não é como encarregado, não'. Então, como técnico de manutenção, se fosse colocar no pau, estava ganhando uma base de quanto? Cinco, seis pau... Porque um técnico de manutenção ganha uma base disso aí: uns cinco, seis pau. E eu fiquei ganhando o que? Uma base de mil e duzentos, mil cruzeiro por mês. Os outros encarregados ganhavam um pau e meio, um pau e trezentos. Tinha deles que ganhava até dois mil. O mais barato que tinha lá era eu: o da limpeza, e ainda trabalhava mais que os outros. E eu nunca pus isso na questão. Mas se pusesse na questão ainda ganhava o caso. Ganhava o que eu substituí o Marcelino e ganhava o de encarregado. Um salário de encarregado não pode ser só mil cruzeiro! E eles foram me enrolando e só hoje é que eu ganho uma base aí de dois pau bruto. Porque o Lula foi dando aí umas besteirinhas... Mas esses dois mil era pr'eu estar ganhando faz tempo, desde o tempo em que eu estava lá. Não é nada, não é nada, está quase com cinco anos que eu estou aqui parado. E não aumentou nada até agora. Por isso que eu digo a você: estou em dúvida ainda, porque de uma hora pra outra eles podem até me chamar de volta. Eu vou até te mostrar a carteira que ainda está fichada.

Fernando – Eu já até filmei sua carteira lá em São Paulo. Lembra? Mas se você quiser, a gente mostra de novo.

Moisés – Não, não, não. Você viu, né?! Está lá ainda daquele jeito, com aquele salariozinho... Mas está dando pr'eu ir me virando até o dia que Deus quiser. Agora, se voltar alguma coisa pra trás, eu preciso arrumar algum advogado, investigador, pra ver como é que luta. Porque uma pessoa dessa não pode mais fazer nada. [Moisés me mostra o inchaço nas pernas e pede para que eu experimente apertá-las para comprovar o que diz]. Todo inchado, todo danado desse jeito. Hoje está desinchado ainda, mas tem dia que está pior. Esse braço aqui tem hora que dá aquela dor que a gente não agüenta. E na coluna, e essa hérnia umbilical quando aperta... Quer ver? Ó... Aperta aqui pra você ver. Já foi operado aqui e aqui, mas já está saindo outra vez... É capaz ainda d'eu operar

ou morrer com isso assim mesmo. O que eu tenho pra falar da USP é isso. Foi pra mim. Tenho muitos amigos lá. Muitos amigos bom e muitos amigos... O contrário. Tinha gente lá que gostava de mim sem falsidade. Tinha outros que gostava afastado, só gostava mesmo pra querer derrubar a gente.

Fernando – Quem gostava de você sem falsidade?

Moisés – Acho que... Tinha o Enoque, que gostava de mim sem falsidade. O Seu Tiago tinha falsidade, porque ficava de coisa com o Deputado pra me derrubar... Seu Zé Pascoal era mais ou menos. O finado Abedia não tinha falsidade comigo, gostava de mim... Muitos poucos não tinha falsidade. Agora, que nem Deputado que só via o lado dele, só queria me prejudicar... O Touca também. Joãozinho não era carne, nem era peixe. Seu Tiago era mais ou menos. Dava aquele golpe por debaixo do pano. Na frente era uma coisa. Por detrás era outra. Joãozinho, pra ele tanto faz como tanto fez. [Moisés pára para bronquear com Robinho, seu neto]. Ô Fernando, eu vou dar uma cuidada nesses bichos por que se não...

Fernando – Bom, acho que a gente acabou também... Agora, vamos gravar um recado pro pessoal, que você está longe. Manda um recado pro Neguinho.

Moisés – [Sorri]. Parabéns pro Neguinho, e que Deus abençoe ele e a mulher dele. Que Deus tome conta dele. As portas estão abertas pr'aqueles que me procurar. Está entendendo? Não como rico. Como pobre. Como pobre, minha casa está aberta pra qualquer um que chegar. Está à disposição.

Fernando – Manda um recado pro meu pai, pra minha mãe e pra minha mulher.

Moisés – Muitos anos de vida. Parabéns pra ela, que tem um filho tão educado, tão civilizado...

Fernando – Educado?! Pode falar a verdade pra minha mãe.

Moisés – Educado e civilizado. Pode dizer pra sua mãe e pro seu pai. E à sua esposa, desculpa. Desculpa o que eu fiz com ela, né?! As trapalhadas que eu fiz pra você... Eu só telefono agora quando você telefonar antes. Que ela me desculpe. E um beijo pra criança pequena e outro pra criancinha que vai nascer. Quando você chegar lá, você pega na barriga dela e dá um abraço e um beijo. E avisa pra mim quando nascer.

Fernando – É pra mentir mesmo pra minha mãe? Dizer que eu sou educado...

Moisés – Tem que dizer pra sua mãe que ela teve um filho santo, que não tem luxo, não tem orgulho. Não é como muitos, que é orgulhoso, que não fala com uma pessoa pobre, não fala com analfabeto. Com o pai e a mãe que você tem, com sua criação não era pra você ser como você é com a gente pobre, não é? Porque você considera todo mundo. Tem gente por aí que é menos do que você e não considera ninguém. Porque você – que nasceu no berço de ouro, em vista de mim e de outros aí, você nasceu em berço de ouro; nenhum filho meu aqui teve a vida que você teve – e você recebe meus filhos, eu, minha turma toda, com o maior prazer, com o maior amor. O que eu posso falar mais? Que Deus ajude cada vez mais você. E pronto. Que Deus abençoe. [Os netos chegam perto].

Fernando – Só mais uma coisinha. Quem me ligou agora pouco foi o Zeca, aquele meu professor que está com a gente desde nosso comecinho e que teve a idéia de eu ir lá a primeira vez. Ele mandou um abraço e desejou tudo de bom pra você.

Moisés – Agradeça muito ele também e peça desculpa da minha ignorância. E que Deus abençoe ele também, e você, e a família dele toda.

Fernando – O que será que ele tinha na cabeça quando ele pensou dos estudantes irem até lá varrer com o pessoal?

Moisés – Ele queria te dar uma ajuda na sua relação de pontos, na sua pontuação. No seu estudo. Ele quis ver a boa vontade que você tinha. E você é o que você é hoje. Porque você foi catar lixo, catar papel, varrer uma rua... Se você dissesse que não ia, você perdia ponto no seu estudo. Como você foi, ele pontuou você. Agora, se você recusasse – porque eu sei que teve, eu tenho certeza que muitos recusaram – igual aqueles que foram lá antes de você, só foram só uma vez; não foram duas nem três: nunca mais pisaram lá... E você passou mais de ano lá fazendo esse serviço. Quem mais foi lá foi você. Na minha mente eu dava até doze pontos pra você na pontuação. Dava até vinte, se fosse possível. Os outros eu não sei falar nada porque trabalhavam com Mané Preto, com a molecada lá.

Fernando – O Zeca é muito religioso e estuda muito sobre religião. Será que ele pensou alguma sobre isso pra ter essa idéia?

Moisés – Bom, Jesus sofreu muito. Por que foi que ele sofreu? Ele sofreu por nós, pra salvar todos nós. Foi crucificado, foi derramado o sangue dele pra salvar a gente. E Deus disse: “Véve do suor do seu rosto”. Então, quer dizer que todos temos que suar pra viver do suor do rosto da gente. Porque o trabalho não é uma vergonha. Deus já deixou desde criança, já deixou anunciado no mundo o trabalho pro homem trabalhar. O homem tem que viver do suor do seu rosto. Você pode dizer assim: “Ah, eu não vou limpar essa fossa porque eu não tenho precisão disso aí”. Mas, se você não tem o pão, você é obrigado a fazer. Mas vai fazer por que? Porque você não tem o pão pra dar pros seus filhos. Aí, você é obrigado a fazer aquilo ali. Porque é melhor você carregar um bolo de bosta de animal do que você pegar uma galinha do vizinho pra comer. Está entendendo? Pegar um pé de mandioca do vizinho, pegar uma laranja do vizinho: isso tudo aí é roubo. E Jesus disse: “Véve do suor do seu rosto”. Então, tudo o que você tem é Deus que dá. Quando Deus manda a chuva, manda pra mim, manda pra você, manda pra aquele ali, manda pra esse outro, manda pra nós todos. Então, cada um que faça o seu meio. Porque a chuva bateu no chão, eu penso: “Hoje eu vou plantar um pé de mandioca... Já planto um pé de laranja, já planto um pé de banana, já planto um pé de manga”. Pro futuro, se eu não plantar, meus filhos não tem pra comer. Aqui, qualquer coisa que eu faço – não posso fazer mais muita coisa – mas tudo que eu faço é pros meus netos. Porque eu não tenho mais três, quatro, cinco anos de vida... Deus é quem sabe. Tenho problema de pressão, tenho aquele outro negócio que às vezes me dá no coração, a pressão sobe, e tenho dor na coluna, desgaste nos braços, dor no pescoço, uma dor que a gente sente no lombo assim. Dor nas pernas, que eu nem agüento andar às vezes... Isso tudo vai chegando com a idade da gente e a gente vai ficando derrubado. Por isso que eu digo que qualquer coisinha que a gente puder fazer pra se virar é bom. A minha porta está aberta pra Deus e o mundo. Quem quiser chegar, a hora que chegar a porta está aberta. Pode ser diretor, pode ser professor, pode ser jornalista, pode ser o que vier. Se disser que veio à minha casa e foi mal tratado, é mentira. Eu compro fiado, faço o que precisar, mas não sai daqui... Pode não comer. Pode não gostar da comida. Que comida de pobre é diferente de comida de rico, não é? O camarada rico come diferente. Pobre é o arroz e o feijão...

Fernando – Você acha que eu comi pouco por causa disso, não é?

Moisés – [Ri timidamente]. Você come, mas não come de gosto do jeito que sua esposa faz. Você fica beliscando. Não come pra matar a vontade.

Fernando – Eu como aqui só pra não passar fome?

Moisés – Mais ou menos.

Fernando – Comi pouca macaxeira, né?! Até tanajura eu comi hoje... Você esqueceu de mandar um beijo pra Zuleica [sua nora].

Moisés – Ah, com ela eu falo quase todo dia. Eu queria que você fosse lá é pra resolver meu problema de imposto de renda. Pra você fazer lá tudo pra mim. É só isso que eu lhe peço. Você fazendo isso pra mim já é uma grande coisa.

Fernando – Faltou falar alguma coisa pra alguém?

Moisés – Não. Só que Deus tome conta de nós tudo. Mande um beijão pra todo mundo. Eu peço a Deus que abençoe todos vocês. E que aumente o pão de cada dia de todos. É o que eu quero que Deus faça com você. Que Deus te acompanhe e toda a sua família. [Chora].

Fernando – Muito obrigado pela paciência, pela entrevista, pela hospedagem... Pelos presentes que eu estou levando. Eu venho, dou gasto e ainda levo presente!

Moisés – Não tenho presente pra lhe dar. Presente foi o que você me deu. A visita que você fez aqui pra mim, não tem presente maior do que esse. Você vir de tão longe pra visitar eu e minha família aqui. Se eu tivesse dinheiro, eu mesmo pagava todas as despesas suas pra você vir a hora que você quisesse vir.

MOISÉS FRANCISCO DA SILVA

Vamos fazer assim. Antes de você gravar a coisa aí... Eu já te contei onde eu me criei, já te contei que minha mãe me deu pra essa turma me criar, o Jazon. Já falei, não já? Lá no Burgo. Já falei dos meu avós lá em Santana de Ipanema? Então está bom. Que era isso que eu tinha na cabeça pra falar pra você.

Falar sobre Moisés exige reflexão demorada. Meu primeiro contato com o alagoano-pernambucano foi na época em ele ocupava o cargo de encarregado da turma da limpeza pública, na USP, já em minha primeira experiência entre os garis. Entretanto, não poderia dizer que o conheci naquele dia.

É verdade que me lembro bem do que conversamos e de como foi aquele encontro. A despeito dos treze anos de distância que nos separam daquela data, sua figura me marcou fundo, e posso falar tranquilamente a respeito do que vi e ouvi. Não obstante, conforme os meses foram passando e nosso contato – prolongado – alcançava lugares longe das vassouras e das outras ferramentas, precisei reconsiderar minhas primeiras impressões.

Convivi com um sujeito doce, mas que conheci azedo. Frequentei a casa de uma pessoa extremamente generosa, mas que encontrei como chefe ranzinza. Recebi presentes e abraços de alguém que, inicialmente, era metralhadora de broncas e rudeza. O que teria se passado?

O que ouvimos de Nilce acerca do antigo superior corresponde a tudo que também testemunhei. Advertências desferidas com estupidez não eram raras. Nos momentos de labuta, Moisés em geral ficava alterado, sisudo, chato. Dificilmente conversava sobre outra coisa que não fosse algum serviço mal feito ou falta de mão-de-obra no grupo, que estava cada vez menor¹⁵⁴. Minhas impressões mantiveram-se por vários meses. Até que, em um final de ano, aceitei os insistentes convites para visitá-lo em sua casa, em Cotia¹⁵⁵.

¹⁵⁴ A Prefeitura da Cidade Universitária nunca contratou funcionários para nosso grupo a fim de substituir os que se aposentavam ou se desligavam da instituição.

¹⁵⁵ Município próximo à cidade de São Paulo.

O que senti a primeira vez em que lá estive repetiu-se sempre que voltei. As refeições, sempre fartas, eram questão de honra para Moisés. Quem por ventura não se empanturrasse – e eram muitas as opções para tanto – causava grande incômodo ao anfitrião. Ele próprio acostumou-se a servir seus convidados: barriga encostada no fogão, primeiro ele põe a comida, para depois perguntar se desejamos ou não o que escolheu. São engraçados esses momentos. Não há quem deixe de comentar surpreso a quantidade de comida colocada no prato.

Moisés teve infância conturbada, marcada por eventos catastróficos. Já nasceu sem pai, assassinado por razões desconhecidas. Perdeu a mãe aos sete anos de idade, vítima de uma doença gestacional. Poucos dias antes de vir a óbito, a mulher combalida ainda se preocupou com a criação do filho: o garoto foi entregue aos patrões dela, fazendeiros ricos da região em que moravam, gente que ela acreditava preparada para tal tarefa.

Os relatos que o depoente faz a partir deste fato são bem contraditórios. Jazon – seu padrasto – às vezes é descrito como homem muito generoso, atento às necessidades do menino órfão; entretanto, não raramente, também é apresentado como um explorador de sua força de trabalho.

Moisés não brincou na infância. Quando fala acerca do assunto, fica evidente seu aborrecimento: ‘Meu brinquedo era a enxada’. Pessoas próximas, chegadas dele, aparecem um tanto quanto desfiguradas nos seus relatos sobre aquele tempo. Ficamos confusos sobre *quem é quem*, ou o que de fato marcava estes vínculos. Na verdade, o depoente evitou bastante essas temáticas e, por respeito e compreensão, não insisti.

Mais ou menos crescido, como ele próprio conta, Moisés casou-se aos quinze anos de idade. Continuava morando no mesmo local – a fazenda da família de Jazon – mas, agora, em um quarto separado da antiga casa. O começo do casamento foi muito auspicioso e os filhos logo vieram, sem economia: foram cinco. Na quinta gestação, sua mulher adoeceu e nunca mais voltaria a estar saudável. Muito jovem, faleceu um ano após o nascimento do último filho.

A morte prematura da esposa desorientou o rapaz, ainda com dezoito anos de idade. Para onde quer que olhasse lembrava da mulher. Moisés sentia-se arruinado. A rivalidade com um irmão de Jazon – Jair – já se encontrava em um nível insuportável, quase levada às vias de fato. Todas essas circunstâncias reunidas fizeram o jovem lavrador delegar aos sogros a criação dos cinco filhos. Moisés partiu.

A mudança para São Paulo de início não foi nada promissora. Muitas dificuldades financeiras, moradia incerta, empregos instáveis. Voltar tornou-se a solução. Já com o dinheiro contado para a passagem do ônibus que o levaria de volta a Pernambuco, Moisés foi impedido por um conhecido.

Ter permanecido em São Paulo, no entanto, nunca foi garantia de tranquilidade ou conforto. Moisés trabalhou em diversas empresas, morou em muitos lugares diferentes, sofreu *que nem cavalo véio*, como ele mesmo diz. Um novo casamento trouxe a estabilidade afetiva que há muito lhe faltava. E outros quatro filhos.

A principal preocupação do casal era cuidar da prole fora da favela em que moravam, isto porque temiam que as crianças fossem aliciadas ou se tornassem vítimas de valentões e traficantes. Conseguiram com muito sacrifício construir uma pequena casa na periferia da periferia de Cotia, quase município de Itapevi. O lugar – que nunca foi favela – não deixou de trazer infortúnios para a família, coisa que o depoente retomará em diversos momentos com intenso sofrimento.

O assassinato de um dos filhos nascidos em São Paulo fez desamparados quatro netos de Moisés. De volta a Garanhuns – agora morando em um pequeno sítio que comprou para *passar os últimos dias* – ele enfrentou a notícia informada pelo telefone e percorreu novamente milhares de quilômetros em nome de resgatar as crianças abandonadas pela mãe: Gustavo, Juliana, Marta e Moisés Neto. Os avós é que assumiram daqui por diante a criação dos quatro.

A entrevista de Moisés não nos faz encontrar lugares saudosos para ele, tampouco tem o poder de nos transportar para suas brincadeiras preferidas. Não pôde ser criança, não teve um quarto para chamar de seu, ainda que compartilhado com outras pessoas. O ex-lavrador foi arrastado pela vida.

Mas o que ouvimos surpreende. Apesar de sofrido, Moisés é um homem doce, capaz de conversar horas a fio narrando suas dores mais agudas e, ainda assim, discursar em nome do respeito e do amor.

O depoimento que o leitor tem em mãos é franco. Moisés frequentemente teve a voz embargada. Chorou algumas vezes. Sorriu outras tantas. Teve lapsos. Sua memória fraquejou. Quando esteve cansado, pedia para interrompermos. Se queria prolongar o assunto, ia adiante por longos minutos – que eu não sentia passar. Se algo o aborrecia, não tardava em propor que invertêssemos os papéis: eu como seu entrevistado. A maior parte do tempo não estivemos sozinhos: netos, filhos e esposa sempre apareciam curiosos. Foram vários encontros em Cotia, na sua ex-casa (onde hoje mora um de seus

filhos com a família); e uma semana juntos na zona rural de Garanhuns, local em que vive atualmente com Dona Mira, três filhos e cinco netos.

A entrevista veio sempre como interrupção de algo. Às vezes, era uma reunião familiar na hora do almoço que parecia ter seu curso alterado para que Moisés me atendesse. Noutras horas, tanto em Cotia como em Garanhuns, banquei o inconveniente tão logo terminado o churrasco de costelinha – uma deferência clara à minha presença, assim como macaxeira no desjejum, no almoço e no jantar. Somente um amigo como ele para conversar comigo enquanto pescava em um pequeno lago próximo ao Sítio Tiririca, sua residência: eu de pé, com a câmera empunhada; ele, sentado no capim, manuseando a varinha e as iscas.

Moisés não recusou assunto nenhum. Falou o que queria, apostando que fosse ouvido também por outras pessoas. Em suas casas, fui recebido como convidado de honra por todos. Ao final de tudo, depois de tê-lo importunado por horas e horas, ainda recebi presentes: vários mimos para minhas duas filhas, lembranças e um chapéu para minha esposa, um relógio de pulso, outro relógio de bolso (ambos de uso próprio), manteiga de garrafa, goiabada de rapadura, castanha de caju, frutas e legumes, uma sandália de couro de bode, alguns discos de seus artistas favoritos e, como a cereja em cima do bolo, um agradecimento:

Não tenho presente pra lhe dar. Presente foi o que você me deu. A visita que você fez aqui pra mim: não tem presente maior do que esse. Você vir de tão longe pra visitar eu e minha família aqui. Se eu tivesse dinheiro, eu mesmo pagava todas as despesas suas pra você vir a hora que você quisesse vir.

BURGO

Eu quase que nunca tive brincadeira. Minha brincadeira era somente o serviço, era a enxada.

Moisés não soube o que é ter pai, tal como Nilce. Entretanto, diferentemente de seu colega mineiro, o que roubou tal convivência não foi o abandono, mas um tiro. O bebê contava seis meses de nascimento quando, ainda desnorteada, sua mãe – desde então sozinha – buscou um novo lugar para reconstruir sua vida.

Nada sabemos sobre Seu José Francisco da Silva – o pai de Moisés – além de sua profissão e morte trágica. Tudo é narrado com muita pressa, bem a contragosto. A velocidade com que fala e a pouca motivação para lembrar – consequência de informações precárias e contraditórias – faz parecer, várias vezes, que o ex-gari respondia a um inquérito policial.

O desencontro acerca de alguns fatos contados merece ponderação. Infância e adolescência, como poderíamos supor em princípio, não foram períodos especialmente marcantes para o depoente – não no sentido que talvez imaginássemos. O pequeno Moisés conheceu catástrofes que jamais o abandonariam. A coerência do que narra, portanto, fica mais comprometida com as angústias daí originadas e menos afinadas com a consistência pontual do que narra.

Devemos, antes de mais nada, voltar ao que ensina a professora Ecléa: *Lapsos e incertezas das testemunhas são o selo de autenticidade*¹⁵⁶. Desta maneira, longe de nos preocuparmos com a veracidade ou precisão do que é recordado, manteremos sintonia com o olhar que o depoente tem sobre sua própria biografia.

Dia dois de julho de 1940. Nasci em Lajes de Canhotinho. Estado de Alagoas. Pegado com Pernambuco. Saí de lá com seis meses e me criei em um sítio chamado Burgo. Eu fui... Meu pai morreu, minha mãe saiu de lá pra um lugar chamado Serra de Boi. De Serra de Boi, a gente mudou pra um lugar chamado Teixeira. De Teixeira, fui terminar de me criar no Burgo. Aí, ficou entre São João e Garanhuns. São João é distrito de Garanhuns. Hoje é cidade. Me

¹⁵⁶ BOSI, E. – O tempo vivo da memória. São Paulo, Ateliê editorial, 2004.

criei lá.

Logo de cara, surpreende o grande número de lugares que Moisés referencia. A mobilidade nesse caso, como vai se tornando cada vez mais evidente durante toda a entrevista, só tem uma razão: a luta pela sobrevivência.

Eu me criei com minha mãe. Minha mãe casou com um velho lá. Nós tratava das plantas. Naquela época era uma sequidão de matar tudo. Aí, fomos pra Teixeirainha. De Teixeirainha, fomos pro Burgo. Antigamente, tinha um trem velho que passava lá, tinha uma estação: chamava Serra de Boi. A gente ficou num hotel de um fazendeiro lá, chamava Seu Zuza.

Fugir da sequidão agreste era regra a ser seguida sempre. Tudo dependia do quanto esse caminho pudesse levar a terras mais férteis, menos castigadas. Logo cedo, Moisés estava desenraizado. Longe do lugar original de seus ascendentes, distante da onde nasceu, com a estrutura familiar fragilizada e remendada. Os parentes próximos, todos eles, perderam-se no mundo.

Aí, vendeu um pedaço de terra pro meu avô. Minha avó ficou lá também. Não deu nada, venderam e foram pra Santana de Ipanema. Eu fiquei sozinho. Levaram minhas tias pra Santana de Ipanema e, depois disso, eu nunca mais vi. Tinha umas três, umas duas tias. Tinha também uns primos. Essa turma desapareceu tudo de mim. Não sei se estão em Santana de Ipanema, que eu não conheço lá. E... ... Acabou tudo pra mim! Meu irmão criou-se lá também. Não sei qual o local que ele vive. Uma velha levou ele pra um local chamado Gravatá. Mas essa velha era muito velhinha. Acho que ela já morreu. E minha irmã estudou pra freira. Desistiu. Quando fez o curso, desistiu. Morou uns tempos mais eu lá no Burgo. Depois, ela foi se embora pra... ... Pro Angelim. De Angelim, arrumou um cara, casou-se e mudou-se pro interior. Eu não fui na casa dela ainda, não. Deixa pra lá. [Olhos marejados]. E os outros, eu perdi tudo minha família. Sozinho que nem uma andorinha. Que nem uma andorinha, caçando o galo pra não me pegar.

Não saber o paradeiro dos próximos dilacerou a possibilidade de Moisés reconstruir sua biografia através das histórias que seus familiares contariam. Acerca do

falecimento do pai:

Olha, eu não sei nem te falar, porque meu pai tomava conta da usina de Gravatá. Uns dizem que meu pai foi matado. Eu não sei. Não sei te explicar direito como é, porque eles nunca quiseram falar direito. Porque disseram que o próprio cara que fez isso com meu pai morava pertinho da gente, em Garanhuns. E estava muito próximo de mim. Não sei quem foi. Nem minha mãe me contou nada. Nem ninguém. Só soube assim da boca de outros que o cara que tinha matado meu pai era um porco que chamava Paraná. Então, esse cara, falaram que ele estava muito próximo de mim, mas eu não podia saber. Quem me falou isso aí foi uma cartomante, que falou pra mim. Eu não podia nem ver ele. Ele passava perto de mim, eu nem sabia quem era, nem podia saber. Isso eu ainda morava lá. Era grande. Já estava casado. Ela disse: “O cara que matou seu pai está próximo de você. Você vê passar na sua frente”. Mas como é que eu ia saber?! Às vezes, passava algum, eu ficava manjando assim, mas não tinha certeza. Não podia abrir processo. Ficou por isso mesmo.

A morte do pai jogou a família em uma verdadeira roda viva. Casa de parentes, residência de patrões, pequenas pensões: todos esses lugares serviram por algum tempo como abrigo. A extrema instabilidade faz a narrativa de Moisés pular etapas e acontecimentos importantes. Ao ouvi-lo, ficamos desorientados, como parece ter sido a sina de Dona Josefa, sua mãe que muito cedo se tornou viúva. O ex-gari passa por sua biografia como quem assiste a um filme de terror e desvia o olhar a todo instante. Abruptamente, ele interrompe tudo.

Ficou morando eu e ela, num sítio do finado Isaías. De Isaías e de Jazon. Minha mãe casou logo quando a gente foi morar em Teixeira. Ela casou, ficou morando com um velho lá, esse chamado José Mota. Ficou morando lá com ele, depois ele foi também pro Burgo. Fui morar num canto, minha mãe foi morar em outro. Ela morou um tempo num lugar chamado Macuco. Depois, ela voltou pro Burgo. Ela morreu lá. Antes de morrer, ela me deu pra Jazon, um fazendeiro lá chamado Jazon. Me criei com ele lá. Tinha sete anos. Aí, me casei lá. Agora acabei minha conversa. Vamos partir pra outras coisas. Você é quem tem que falar alguma coisa.

A angústia e a fragilidade daquele homem que conheci durão mexeu demais comigo. O leitor vai perceber que também eu fiquei sem direção. Meu roteiro estruturado em uma ordenação cronológica ruiu em poucos minutos. Sensível à dor do amigo, cogitei seriamente não prosseguir. Cada pergunta que eu fazia era como um tiro disparado para o alto: ninguém baleado, mas ele e eu muito assustados. No fim de tudo, após alguns encontros e várias horas de conversas gravadas (ou não), faltaram nomes, datas e lugares. Minha impressão foi a mesma durante todo o tempo das entrevistas: Moisés fazia um esforço descomunal para atender ao meu pedido de narrar sua biografia. No começo, tudo parecia comprometer nosso projeto. Ele falava sem rumo e, de repente, queria novamente abortar o papo de vez.

Minha mãe saiu de lá, casou-se com um rapaz – outro viúvo – lá em Teixerinha. Depois, ela teve mais um menino, teve uma menina – essa está morando em Caruaru. Depois, teve um filho e deu problema de eclampsia d’água, que o filho do velho deu um empurrão nela que ela estava grávida. Machucou, deu eclampsia. Morreu com uma barriga grande. Foi operada duas vezes, mas não resistiu: aí morreu. Ela já estava largada do velho, mas tinha um cara chamado Seu Antônio – o nome dele era Antônio Mota – aí deu um empurrão na minha mãe, minha mãe estava grávida, estava com uns sete dias de gravidez, criou um calo. Naquela época não tinha médico lá. Fizeram a correria pra levar ela pra Garanhuns. Fui pra casa de Jazon. Estava com a idade de sete anos. Me criei, e quando estava com uns quinze anos, me casei. Quando estava com dezesseis, nasceu o primeiro filho meu. Aí... Foram seis filhos. Morreu uma menina e criaram-se cinco. Criaram-se cinco meninos, e o último dela é o que mora em Maceió. Aí, deu câncer no cérebro. Eu levei pro Recife, no Hospital D. Pedro II, fizeram a operação. Passou um ano e vinte dias viva. No D. Pedro II passou um ano. Quando completou um ano, levaram ela pra casa. Passou vinte dias viva lá, num lugar chamado Burgo. A minha casa velha lá... De lá pra cá, eu fiquei meio desorientado, com esses cinco meninos. Levei lá na casa do meu sogro... Ela era novinha, tinha uma base de uns dezoito anos. Nem dezoito anos não tinha ainda. Você sabe, conforme a mulher vai ganhando nenê ela vai perdendo sangue. Como aquilo lá era um câncer de nascença, foi desenvolvendo. Cada uma criança que tinha, ela tinha o desenvolvimento do sangue. Quando saía o sangue, o bicho ia aumentando. Ela teve seis filhos. Morreu um e criaram-se cinco. E

foi só vazamento de sangue. Aí, o caroço foi... Foi... Foi se alimentando mais, porque estava todo parado. Ela não tinha nada. Quando ela desenvolveu, o sangue aí foi subindo. Foi subindo, no fim acabou morrendo. Eu cheguei, fui, deixei os meninos na casa do meu sogro, meus quatro filhos lá e resolvi vir pr'aqui. Cheguei aqui, me casei com essa baianinha aí, tive mais quatro filhos, que Deus já levou um agora... Fiquei com meus três filhos homens... E acabou-se por aí o papo.

Em certa medida, entrevistar Moisés foi como se sentir arremessado com força. A relevância do que narrava era incontestável e isso mobilizava minha atenção. Por outro lado, a seqüência acelerada e dispersa dos assuntos me confundia o tempo todo. O assassinato do pai fazia recordar a morte da mãe que, não sem razão, trazia à memória a esposa falecida ainda aos dezoito anos. Para encerrar o ciclo de tragédias – e considerando que Junior fora assassinado seis meses antes de nosso primeiro encontro – a morte estúpida de um de seus filhos nascidos já em São Paulo.

Moisés tem muita viva a lembrança de seu sofrimento na infância, especialmente dos dias próximos ao enterro de Dona Josefa.

Ela já estava na... Na... Na... Na morte. Não podia mais andar, não podia mais se levantar, não podia mais nada. Ela me deu pra Jazon. Se despediram, e disse que quando ela morresse podia me levar. Antes de ela morrer, ela já não tinha mais condição. Ela me mandou mais ele. Voltou com o padrasto – o marido dela – pra casa. Ela passou viva só uma base de uns cinco dias só. Aí, ela morreu. Isso eu estava com a idade de sete anos. Me criei lá até uns quinze anos. Com quinze pra dezesseis, me casei. O que minha mãe teve foi câncer. Câncer, não. Foi hidropisia d'água, barriga d'água. Devido à pancada que ela levou, deu calo de sangue. Aquele calo de sangue desenvolveu n'água. O médico demorou pra ver, aí aquilo desenvolveu n'água. Passou uns tempos, deu uma barriga grande. Ela morreu disso. Foi do empurrão que ela levou. Eu fui pra bater nele – dizem também que ele já morreu. Era irmão por parte de pai, irmão de criação. Ele empurrou ela, ela se machucou. Onde machucou virou um calo. Aquele caroço na barriga dela desenvolveu n'água. Operou umas duas vezes. Foi três, mas não teve condição. Foi embora. Porque naquela época, você sabe, era muito difícil. Eu era pequenininho, ela não podia trabalhar, o marido dela não tinha nada. Morreu à míngua. [...] Fazia poucos dias que tinha ganhado neném. E ela

estava de resguardo. Ele machucou ela e não teve tratamento. Virou esse problema. Ela morreu, eu tinha sete anos. Fui morar com essa turma lá, e fiquei lá. [Olhos muito vermelhos, semblante amargurado e voz embargada]. Até hoje eu sinto a morte de minha mãe. Sinto até o enterro dela, que eu assisti e até hoje eu me lembro. Eu não gosto nem de falar porque me dá muita tristeza no peito.

Moisés pouco se lembra da casinha simples – de tápia – em que morava com sua mãe. Recorda-se com clareza, no entanto, das privações por que passou e da dificuldade em conseguir um mínimo de conforto.

Lembrança assim, muito pouco, viu? Era uma casinha como aqui assim, maior uma coisinha pouca [Estamos na garagem de sua ex-casa em Cotia]. Casinha de tápia. Minha mãe dormia, não tinha cama. Minha velha dormia numa caminha de vara. Fizeram uma caminha de vara, colocaram um colchão em cima. Ela ficou ali mesmo. E naquela época era muito difícil pra tudo. Não tinha emprego, não tinha nada. Trabalhava limpando mato pro café. Eu não estava fazendo nada que eu era muito pequeno.

Sem opção – órfão de pai e de mãe – Moisés ficou morando no Burgo em uma casa bem mais confortável que a sua anterior, mas onde, veremos adiante, parecia sempre desenraizado. O falecimento de Dona Josefa abre uma seqüência de experiências lancinantes, narradas uma atrás da outra, justapostas como se tivessem ocorrido todas no mesmo dia.

Eu fui ficar nos terrenos dos tios do finado Jazon. E hoje pertence a Heloy, o sítio lá. O finado Jazon era um rapaz solteiro. Eles eram crentes, tudo presbiteriano. Morreu o finado Joel e ficou só a filharada. Eu fiquei até a idade de dezesseis anos mais eles. Aí, me casei e fiquei morando lá. Depois, apareceu esse filho meu. No derradeiro filho mesmo que minha mulher morreu. Levei ela pro Recife, fizeram a operação. Foi feita a operação de... Tiraram um pouco de pus da cabeça dela, pelaram. Tiraram um pedaço de couro da cabeça dela e mandaram pro Rio de Janeiro. Naquele tempo era difícil até pra isso. Aqui, quando chegou no Rio de Janeiro e voltou pro Recife, eles telefonaram pra mim – naquele tempo era telegrama, não sei como é.

Telefonaram lá pra Garanhuns, pro filho de Dr. Cid Sampaio. Mandou me chamar. Eu fui lá no Recife pra liberar, pra ela ser operada, pra não estourar o negócio na cabeça dela, que ia espalhar. Ficava sangrando pelo nariz, pelos ouvidos... Eu fui lá pra operar. Operou, e passou um ano e vinte dias. Depois, morreu na minha casa. Eles trouxeram. Morreu lá no Burgo. De lá pra cá eu fiquei desorientado. Larguei meus filhos lá e vim embora pra cá. Ficou uma parte na casa de Jazon. Minha mãe de criação, que se chamava Severina, ficou com a parte dela, ficou com minhas duas filhas. A outra, meu sogro levou. Depois, quando elas cresceram mais um pouco, botaram pra trabalhar mais o meu pai lá em Maceió. Essa é a Nenê. Eu fiquei aqui até um tempo desses aí. Por aqui sofrendo, trabalhando em obra, e correndo pra um canto, pra outro... ... Trabalhei com Dr. Bernardo. Trabalhei com Dr. Hugo, o apartamento dele lá na Liberdade. Desde o tempo em que eu vim embora aqui pra São Paulo, eu fui trabalhar na construção. Trabalhei um pouco ali em Pinheiros. Aí, saí da empresa em que eu estava e fui trabalhar na Adolpho Lindenberg. Ele disse que faliu, e eu fui trabalhar na USP. Fui lá na Adolpho Lindenberg e eles disseram que iam terminar. Ele disse que faliu, aí eu fui trabalhar na USP. Eu e o finado Prexeca.

Solto no mundo, o menino foi assumindo responsabilidades e compromissos prematuramente. Muito cedo, no lugar dos brinquedos a enxada é que o acompanhava de sol a sol. Ter ido para a casa de Jazon atirou o garoto no círculo interminável de quem conhece por dentro a fome e a fadiga. Moisés, em certos momentos, contraria essa visão e afirma que nunca lhe faltou nada a partir dali, depois que se mudou para o Burgo. É verdade. Não obstante, é verdade também que, a partir dali, ele jamais conheceu descanso. A pequena fazenda de Jazon traz lembranças ligadas à instabilidade profissional, lembranças associadas às mudanças freqüentes de empregos. E a roda viva continua:

Me criei em São João de Garanhuns. É que antes São João era distrito de Garanhuns. Hoje, São João é capital e Garanhuns também é capital. Está entendendo? Então, nesse tempo que eu vim de lá, vim de Canhotinho, tinha seis meses de nascido. A minha casou, meu pai morreu. Minha mãe casou com um senhor de idade lá... Mudamos pra um lugar chamado Teixeira. [...] Aconteceu de minha mãe casar com esse velho. Depois, teve duas crianças: uma ela deu lá

em Garanhuns mesmo. A outra criou-se em Caruaru, mas eu nunca mais vi ela... ... Minhas tias e meus tios foram todos pra Santana de Ipanema. Não conheci naquela época, mas devem estar pra lá. E eu fiquei, me criei na casa de uns crentes... Presbiterianos. Aí, fui pra lá com uns sete anos. Com quinze anos me casei. Passei seis anos, mais ou menos. Depois de seis anos, minha mulher pegou a doença, câncer no cérebro depois da última criança que ganhou... [...] Ela adoeceu, eu tinha seis anos de casado. Maria Reginalda Gonçalves da Silva. Era mãe desse Reginaldo que tem aqui, do Zezinho, da Fátima, da Nenê e da Nena. Os que estão lá no interior. E agora eu tenho, me casei com essa outra: o Junior, que morreu, eu tenho o Marcos e o Márcio. Em Pernambuco... ... Depois de seis meses que ela morreu, eu vim pra São Paulo. Rodei aí pelo interior. Vim até Santos, até Itanhaém. De Itanhaém, fui até Peruíbe, Rio Preto. Trabalhei com João Bernardo aí no escritório dele na Rua da Misericórdia; número 222, parece. Fiquei no caminhão carregando banana. Eu fui me embora direto pra casa. Encontrei um conhecido meu lá do Burgo, na estação rodoviária, um negão. Não sei, viu? Esse negão parece que desceu do céu! Eu fui lá no escritório de João Bernardo, que eu saí de lá, recebi trezentos e oitenta paus. Fui comprar passagem pra voltar pra Pernambuco. Ele disse: 'Não. Você não vai com esse dinheiro pra Pernambuco. Você compra um jornal ali, que eu sei ler e vou te falar onde é que está pegando pra você trabalhar'. Comprei o jornal, ele leu, e disse: 'Agora eu vou te levar nessa firma. Você vai ficar trabalhando hoje'. Naquele tempo ainda tinha gente em quem a gente acreditava. Saí com ele, peguei a Cardeal Arcoverde, ele me deixou lá: Rua Simão Álvares. Fiquei trabalhando com Seu Perez. Eu vim do sítio direto pra cá e estava indo embora direto pra Pernambuco, quando apareceu esse negão. Eu fiquei por aqui. Agora eu tenho um cantinho pra ficar, um lugar pra eu morrer. Eu estava sem nada. Estava jogado. Daqui pr'ali, sem nada, quando ele me ajudou. Dei um jeitinho. Trabalhei em bastante obra... Depois, eu e o finado Prexeca... Conhece ele, né?! Então, fomos eu e ele lá no FUNDUSP e arrumamos serviço. Num dia só, eu e ele. Ficamos trabalhando de jardineiro, depois fomos pra prefeitura [do campus universitário]. Daí uns tempos, que eu entrei logo como jardineiro, depois me mudaram pra encarregado de limpeza pública. Depois, inventaram um negócio de... ... De técnico de manutenção, que onde eu estou hoje. Mas o técnico de manutenção nunca teve um reajuste certo, porque um técnico de manutenção tem que ganhar o suficiente. E o

que eu ganho hoje, pra mim é pra aquela coisinha mesmo... Me tiraram como encarregado me dizendo que eu ia ganhar mais como técnico de manutenção. Mas até agora eu não vi nada. Fiz esse acordo de auxílio-doença. Dr. Paulo me ajeitou esse negócio, que eu não estava mais agüentando trabalhar. No fim das contas ficou umas férias minhas, que eu te falei pra você, pagaram e depois pegaram... Porque botaram na minha conta. Eu estava com necessidade, fui lá e peguei esse mil cruzeiro. Depois, ligaram umas duas vezes lá em Pernambuco e eu disse que não tinha condição. Aí, falaram que iam colocar meu nome no SPC. Agora eu não sei se o meu problema está sendo isso. Deve ser. Porque na reitoria, na seção pessoal tem sempre alguém lá dentro fazendo esses negócios. Agora, não sei se é pra esses problemas também. [...] Foi o tempo que eu fiquei na USP, me aposentaram e eu estou aqui até hoje. Daqui, comprei um terreninho lá em Pernambuco, agreste. Pra passar meus últimos dias de vida. Cheguei lá e saí logo tendo prejuízo com uma vaca, uma garrota que eu comprei. Perdi meu *Chevettinho*¹⁵⁷ preto velho que eu tinha pra poder pagar pro cara. Tive um prejuízo de dois paus e meio, por aí... ... E agora? O que eu tinha pra falar eu já falei.

Família de origem fraturada muito cedo. Irmãos perdidos. Desenraizamento. Casamento ainda adolescente interrompido precocemente: falecimento da esposa. Cinco filhos deixados para os sogros. Desenraizamento. *Daqui pr'ali. Jogado.* Futuro sem possibilidade de planos traçados. Desenraizamento. Entra na USP. Mudanças de cargos sem explicação. Mudanças de salários. Afastamento indefinido. Situação indefinida. Desenraizamento. Férias pagas indevidamente. SPC¹⁵⁸. Planeja passar os *últimos dias* em Pernambuco, perto dos filhos que um dia abandonara. Moisés quer recuperar suas raízes. *O que eu tinha pra falar eu já falei.*

A morte da esposa é central – tal qual foi o falecimento de sua mãe – no que o depoente denomina *desorientação*. Maria Reginalda foi embora muito cedo, todos os filhos por criar ainda. Moisés, segundo ele mesmo conta, não conseguiu superar a dor da perda e a sensação de que não seria capaz de educar sozinho os cinco filhos. Tudo – objetos pessoais, lugares, cantos – fazia lembrar o amor impedido. As crianças demandavam uma atenção que o pai – de sol a sol na lavoura – não poderia lhes dirigir satisfatoriamente. O retirante recorda-se em detalhes os últimos dias de vida da esposa.

¹⁵⁷ Veículo antigo, fabricado no Brasil nos anos 1970 por uma montadora estadunidense.

¹⁵⁸ Sistema de Proteção ao Crédito.

[Estamos em Garanhuns] Meu outro filho, o Zezinho. Minha mulher morreu dele. Quer dizer, ela ganhou ele, e assim que ganhou adoeceu. Aí, ficou com problema. Passou um ano, fui correndo com ela pra todo lado pra ver o que era. Que ela ficava num canto, ficava caindo. Ficava em outro canto, ficava caindo... Através do filho do Dr. Cid Sampaio, que nesse tempo era deputado no Recife, consegui vaga no hospital D. Pedro II – vaga especial dele. Ele arrumou pr'eu ir com ela pra Garanhuns, e de lá pegar a ambulância pra ir pro Recife. Assim eu fiz. De Garanhuns, eu fui com ela pro D. Pedro II. Chegou lá, não tinha quarto separado pra ela. Ela ficou lá. Passou um ano. Um ano e vinte dias. Operaram a cabeça dela, tiraram um pedaço de couro. Nesse tempo, no Recife não dava pra fazer o estudo. Levaram pro Rio de Janeiro. Do Rio de Janeiro, levaram pro Recife. Chegou no D. Pedro II, disseram que era um problema de nascença no cérebro dela. Aquilo foi aumentando, aumentando, aumentando, perdendo muito sangue. Endureceu, deu problema no cérebro, e ela morreu. Falaram com o pai dela e comigo pra ter uma autorização pra operar, porque na operação se estourasse alguma coisa... Porque podia estourar pro nariz, pros ouvidos... Passou um ano lá. Quando deu um ano, me entregaram lá no sítio na estrada do Burgo. Eu estava lá no meio, na lavagem, fazendo um serviço com os meninos lá, quando eu corri pra ver: eram eles trazendo ela. Passou vinte e dois dias comigo. Ela morreu. De lá pra cá eu fiquei assim todo, todo... Desorientado. Fiquei sofrendo lá com cinco crianças. Mas os outros meninos da mulher que tinha lá, que tratava dela, ficaram tudo em casa. Quando ela morreu, passei mais seis meses em casa. Não agüentei e vim embora pra cá. Vim com mais dois rapazinhos de lá pr'aqui. Daqui fui direto pro pantanal de Itanhaém. Passamos quinze dias em Itanhaém. Depois de Itanhaém, fui trabalhar em Peruíbe. De Peruíbe, voltei pra Itanhaém pra trabalhar em Rio Preto, até perto da serra de Santos.

Moisés não planejava sair do agreste. Aparentemente, a despeito de todas as dificuldades materiais, tudo se encaminhava para que permanecesse *no interior*, como ele diz. Não obstante, o efeito catastrófico do falecimento de Reginalda lhe roubou qualquer possibilidade de manter-se lúcido permanecendo ali. Morar agora em Garanhuns é, de alguma forma, tentar viver com os aqueles filhos – agora crescidos – um novo destino, escrever uma história diferente da de antes.

Foi por causa disso. Porque eu olhava pra todo lado e não achava jeito. [Olhos marejados]. Então, eu não queria ficar lá e precisava de quem tratasse de minhas filhas. [...] Porque pra todo lado que eu andava, eu via ela e ficava me lembrando. E a criançada toda, quem era pra tratar não estava tratando direito. Tinha uma mocinha lá que ficava com eles. [...] Deixei elas no meu sogro. Passei aqui quase quarenta anos. Já tenho netos grandes, minha família já está toda criada, graças a Deus. Eles ficaram com eles lá e tem os daqui também. Tenho dois bisnetos agora. Eles vão crescendo e eu vou baixando. Eu fico satisfeito com as coisas que eles fazem.

Moisés aparentemente não confiava que pudesse reverter a situação. Psicologicamente abalado, e rompido profissionalmente com Jazon – como veremos mais de perto adiante – ele já não encontrava motivação para a luta que travava diariamente. A doença da mulher havia consumido boa parte de seus recursos; na verdade, nenhuma reserva financeira, mas os animais que o auxiliavam na lavoura e na feira. Sem referências de apoio, desamparado, sentindo-se incapaz e impotente, ele fez o que ponderou ser o mais razoável àquela altura. Quis garantir que os filhos seriam criados por gente da família, e saiu em busca de melhor sorte no trabalho.

Quando você tem... Você tem sua esposa, não tem? E Deus sabe de você. Isso pode acontecer e pode não acontecer. Morre sua mulher. Você tem três, quatro filhos. Você não tem dinheiro suficiente pra tratar daqueles meninos. Sua empregada é que cuida e trata daquelas crianças direito. Você não tem um emprego certo. O seu emprego é você comprar uma carga de banana aqui, uma carga de jaca ali, um saco de cenoura num canto, um pouco de batata noutro canto, e juntar tudo pra fazer a feira. A feira é a cinco léguas de distância. Pra levar pra vender pra fazer as compras dos filhos. Pra comprar remédio, pra fazer tanta coisa que... Porque naquele tempo eu tinha meus cavalos de trabalhar, tinha meus garrotes, tinha minhas coisas. E foi se acabando, se acabando, se acabando, se acabando, que fiquei quase sem nada. Por causa do tratamento dela. Aí, fiquei em casa sem nada.

Como animal enjaulado, a memória de Moisés anda em círculos. Ansioso, às vezes angustiado, retoma assuntos viciosamente, sem conseguir avançar nem alcançar

nova compreensão acerca dos fatos. Tudo se liga, e nada parece de fato resolvido ou elaborado. As tragédias ficam pairando no ar e, especialmente no início da entrevista, não pudemos respirar coisa diferente disso: recordamos todas as suas dores mais agudas.

Meu passado foi tudo isso aí. Fiquei com minha mãe até meus sete anos de idade. Depois, ela me deu – que ela já não podia mais fazer nada. Deu aquela doença, barriga d’água, sabe? Ficava deitada o dia inteiro naquela – igual eu te falei outro dia – na caminha de vara, com uma esteirinha de banana, que não tinha recurso nenhum. E eu era pequenininho, não podia fazer nada. Quando ela morreu, eu fiquei lá na casa daquele povo lá. Cheguei lá foi o mesmo que abrir a porta do céu pra mim. Passei até meus dezessete anos mais ou menos, que eles eram tudo metido a rico, era fazendeiro forte. Eu fiquei lá com eles. Me criei com eles. Com quinze anos me casei. Na base de sete anos depois, minha mulher morreu e eu fiquei... .. Porque lá na fazenda do meu pai de criação, eu é que mandava em tudo. Era negócio de laranjeira, jaqueira, fruteira, bananeira, carro de boi, amansar boi: tudo isso era comigo. Cortar madeira, vender. Vender madeira nas feiras... Meu serviço era tudo isso aí. Isso era a minha vida. Depois que minha mulher morreu eu fiquei assim... Sem idéia quase. Eu pensei: ‘Eu não tenho ninguém mais aqui. Só os meus filhos’. Larguei meus filhos lá com meu sogro. Eles acabaram de se criar. Cada um foi parar num canto. Eu tenho duas filhas em Maceió, tenho uma filha em Maceió, e o Zezinho. Todos meus filhos caçula deu problema pra mim. Estão todos os dois vivos, mas sempre me deram problema. [Olhos marejados]. Agora, esse outro que eu perdi aí que... .. Me deixou mais... Pesado. Que a gente não pensa que vai acontecer um negócio desses com um filho da gente.

Tentei saber a respeito das casas em que morou. Qual teria sido ‘a casa da infância’? De que canto mais gostava? Do que lembra? Algum vizinho, em especial?

Olha Fernando, quando eu tinha a idade de sete anos eu sei que eu morei naquele lugar chamado Burgo, na casa desses crentes que eu te falei. Chamavam ele de Capitão Joel. Naquela época, quem era rico, ou que tinha alguma coisinha, era costume chamar de capitão. Então, era Capitão João Simão, era capitão Joel, era

Capitão não sei o que, tudo era capitão. Era senhor de engenho. Quem tinha engenho, assim, quem era senhor de engenho era capitão. Nessa época, só tinha os filhos dele. Na idade de sete anos fiquei eu mais ele. Antes disso aí, eu morava na terra de um tio dele, chamado Zacarias. Hoje, as filhas dele moram lá em Garanhuns, lá no arraial. Minha mãe morreu lá. Lá, não. Ela foi pra o hospital e voltou bem fraquinha, aí quando já estava quase morta mesmo aí o velho levou lá pra a casa dele, aí morreu lá no Burgo lá.

A fazenda da família de Jazon parece ter prevalecido como referência de lugar; pelos anos em que lá viveu, pelo amadurecimento alcançado ali, pelo casamento, pelas frustrações.

Lá mesmo me casei, morei mais uns seis anos. Depois, minha mulher morreu. Aí eu ficava vendo roupa dela, sapato, uma coisa ou outra... Entreguei pro meu sogro ficar com os meninos e vim embora pr'aqui. Fiquei morando lá, mas fiz uma casa pra mim. Lá na mesma fazenda tem a casa de morador. Eu peguei uma casa que estava desocupada, reboquei, ajeitei e fiquei morando nela.

De tão confuso, mesmo a ordem cronológica dos assuntos fica comprometida. Ouvindo rapidamente, ali na hora fiquei em dúvida: a casa para onde se mudou, teria sido antes ou depois do falecimento de sua esposa? A dúvida só fica resolvida mesmo no conjunto de seu depoimento.

A casa da fazenda em que residiam seus proprietários era confortável. Moisés não hesita em afirmar que se tratava de um privilégio.

... Deixa eu ver... ... Era a sala... uma sala, dois quartos, mais outro no corredor são três, mais outro no corredor são quatro. Eram quatro quartos, uma dispensa, a cozinha e a sala. [...] Era um casão. Casa de fazenda. Eram dois armazém, um curral pra gado, pra vaca, pra tirar leite, estrebaria de cavalo. Uns vinte alqueires de café. Está entendendo? Era fazenda grande.

Falar desta casa também o emociona. Moisés esteve ali por alguns anos da infância até a data de seu casamento, ainda jovem. Não era pouca gente vivendo ali, debaixo do mesmo teto. Ele lembra com saudade, e fala com tristeza dos que já se

foram.

Quando eu estava solteiro eu morava dentro da casa, junto com eles, dentro de casa. Era o Jazon, Dinah, Áurea, Anésia e Zefa, a mãe dele. Depois, morreu Mãe velha, morreu Anésia, morreu também Custódia, uma velha que tinha. Tudo dentro de uma casa só. Depois, com o tempo, morreu o finado Albedi... ... Depois que eu vim pra São Paulo, depois desse negócio que eu estou aqui, que eu cheguei que eu soube que morreu todo mundo. Dessa família mesmo só ficou Juci, Dida e Niná. [Olhos marejados].

Quis saber qual era o seu lugar de dormir. A resposta, mais que uma afirmação direta sobre o tema, trouxe à tona uma indagação que não tive coragem de transformar em pergunta durante as entrevistas. Qual era o lugar de Moisés na família? Era um filho adotivo, *filho de criação*, como ele diz? Por que trabalhava tanto, diferentemente das outras crianças e adolescentes da casa? Por que não brincava? Por que não se recorda dos amigos de infância? O trecho que se segue é longo. Não percamos o fôlego.

Eu ficava em tudo, eu andava, eu ficava na casa grande toda, mais ele. Pra dormir, eu e meu pai de criação – que era Jazon – dormia eu e ele numa rede no corredor. Na sala de janta. Tinha uma mesona grande que era de a gente pôr almoço. Ele dormia do lado de lá, e eu dormia do lado de cá. Ele dormia do lado da porta, virado assim pro secador de café. E eu ficava por trás na porta da cozinha, assim da dispensa da cozinha. [Olhos continuam marejados, mas com leve sorriso no rosto]. Que eram três quartos assim num canto e dois em outro. Eram cinco. Tinha o quarto da dispensa, o quarto das meninas: eram quatro quartos num canto só. Quarto grande! Eram três quartos num canto e dois em outro, aí tinha o corredorzão comprido. E uma salona muito grande, e a sala de janta muito grande também. E tinha o armazém num canto: um do lado direito e outro do lado esquerdo. E o corredor todo de alpendre. Alpendre pra todo lado: de tijolo, coberto com telha, telha normal mesmo, de barro. E como eu ia dizendo, como eu estava sofrendo quando eu cheguei com minha mãe, fui morar... Quando eu cheguei de Alagoas, ficamos nessa terra mais o finado Zuza. Não tinha nada. A gente pra comer ralava mandioca fofa pra fazer biju pra comer. Quando estava em Laje de Canhotinho, não. Meu pai era vivo, era foguista lá da Usina Tigre Leão,

administrador lá. Então, tinha tudo. Eu não sei se mataram meu pai, aí meu pai... Pai da minha mãe, meu avô, vendeu o sítio lá e veio se embora pra cá. Trouxe o dinheiro de lá, chegou e comprou um pedacinho de terra, tabuleiro. Foi acabando o dinheiro. Quando ele viu que estava quase sem nada, aí vendeu pra Seu Zuza mesmo, que era o dono. Aí foi se embora pra Santana de Ipanema. Deixou só eu e minha mãe. Minha mãe casou com esse cara que já morreu, finado Zé Mota. Acho que ele tinha uns seis ou sete filhos. Nasceu mais dois: um ela deu em Garanhuns, outro morreu no hospital mesmo. Criou-se essa menina. Essa menina, diz que casou-se, está morando em Caruaru. Até eu passando lá agora, um compadre meu, o Ziza, falou que avisaram que ela está morando em Caruaru. Falaram pra mim que ela está morando em Caruaru, mas eu ainda não fui na casa dela, não. Ela estudou com uma freira na casa de João Simão, Madre Tereza e Capitão João Simão. Lá ensinaram ela. Ela estudou muito pra freira. Aí passou, parece que fez o curso todinho, mas deu na cabeça, cabeça de doidice, com muito estudo e não soube aproveitar o estudo que tinha. Enquanto que eu, eu não pude estudar. Meu estudo era só com a enxada e tiração de capim e correr por dentro da fazenda. De onde eu conheci, era pra tirar enxerco de laranjeira, enxerco de plantação de café, essa ervazinha de passarinho que tinha lá. Na USP, não tem aquelas árvores que dá aquelas frutinhas amarelinhas? Então. Aquilo dá muito na laranjeira e no café. Então, a gente carecia de podar o café, tira todos os talinhos, tem que tirar os enxercos todinhos, matar, porque não produz nada.

Moisés não tinha lugar. A pergunta sobre o seu quarto de dormir o leva à queixa de não ter havido para ele tempo de brincar, espaço psicológico para se sentir criança. A porta daquela casa não parece ter sido aberta para ele como estava aberta para os outros moradores. Em certa medida, era um hóspede, alguém que – no lugar de saldar as despesas com dinheiro – trabalhava em troca da estadia. Moisés só sentiu ter um canto seu quando se casou.

- Na casa do Jazon, qual era o seu lugar preferido?
- Meu lugar preferido lá da casa era tudo. Porque eu mandava em tudo, cuidava de toda planta. Não era que nem aqui.
- Mas não tinha um canto preferido?
- Não. Só quando me casei que eu tinha meu quarto

separado. Era assim uma base de uns cem metros.
- Nenhum lugar onde você preferisse ficar?
- Não. Que você sabe: criança não tem esse negócio. Eu só tinha mesmo o canto de dormir de noite. E de dia... De dia... De dia era o campo. No decorrer do dia era recolher café, catação de café... Era trabalhar na roça, limpar café... ... Mudar o gado, buscar os gados pra cocheira, tirar capim pro cavalo, cortar capim. Fazer tudo. Cerrar capim pro cavalo comer, buscar as vacas pra casa... Na estrebaria. De manhã, levar as vacas pro pasto outra vez, o sítio era grande.

Afinal, depois de insistir, ouvi algo que se assemelhasse a sensação de ter um canto preferido, algum espaço eleito. E, já que trabalhava tanto, perguntei a respeito do lugar em gostava de descansar. Interessante, foi talvez o único momento da entrevista em que Moisés narra algo que viveu sem que isso estivesse associado diretamente ao trabalho ou à perda de alguém muito querido. E o que veio...

Era o alpendre. Que era uma casa alta, com o alpendre alto, tinha um terraço alto assim. Aí eu ficava ali olhando pras estradas, olhando pro café, pra jaqueira, as fruteiras, o gado... Que era uma casa alta, aterrada antes. Então, ela tinha uns dois metros de altura a hora que ela começava. Ela ficava alta. Que eu passava o dia trabalhando. Sempre eu gostava de ficar olhando a estrada pra cima e pra baixo, no alpendre vendo o povo passar. Tinha dia, às vezes... Teve uma vez que eu estava assim no alpendre, estava lá arrumando alguma coisa com a espingarda e tinha alguma coisa batendo na minha orelha. Quando eu olhei era uma cobra coral. E o negócio batendo na minha cabeça. Batia, batia, batia. E passava, passava, passava, e não achava. Quando eu olhei, estava a bichona enrolada assim no caibro pra outro assim. Aí ela ficava batendo na minha cabeça assim. Tinha muito dessa lá. Ela batia o rabo assim, eu passava a mão na cabeça: 'Ué, que diabo está batendo na minha cabeça?!'. Batia no meu chapéu e eu procurava, procurava e não achava nada. Quando eu olhei, estava ela com o rabão assim e a cabeça pro outro lado. [...] Matei. Dava uma base assim de um metro e meio, dois metros. Compridona. Ela era pintada de preto e amarelo. Porque tem a coral verdadeira, que é essa vermelha; vermelho, preto e branco, essa coral verdadeira. Que é aquela do rabo grosso, é a que tem veneno. Mas eu acho que todas as cobras tem veneno. Mas eu matei essa cobra. Isso foi no tempo de solteiro ainda... Que aconteceu isso comigo.

Tinha corrido na casa de Farinha, tomei um banho, que eu estava indo pra uma festa, estava arrumando um negócio lá que eu não posso falar. Enquanto eu encaixava, o negócio batendo na minha cabeça. Pof, pof, pof. Olhava pra um lado, olhava pra outro e nada! Quando eu olhei pra cima, estava a bichona na telha. Dei dois, três tiros nela. Um eu acertei, e ela caiu. Estava assim na beira do telhado. Aí atirei na cabeça dela e acertei.

E o que veio foi uma história boa de saborear. Nesse momento, coisa muito rara, é que estivemos bem relaxados. Foram alguns poucos instantes em que pudemos rir juntos. Moisés no alpendre da Casa Grande lembrava Nilce na cozinha da Casa da Paineira. As histórias que Nilce conta são relatos do que acontecia espremido nos intervalos da labuta. A vida dos dois garotos, a vida dos dois rapazes, acontecia quando não estavam debaixo da obrigação do trabalho braçal. Não obstante, bem diferentemente de Neguinho, Moisés não brincou. Pelo visto, teve ainda menos chance de ser criança do que, na mesma época, seu futuro companheiro de varrição teria tido.

Olha, a minha brincadeira, filho... Eu quase que nunca tive brincadeira. Minha brincadeira era somente o serviço, era a enxada. Com a idade de sete anos já arrastava a enxada, carpia o mato, carpia o mato com a... .. Plantava milho, feijão... .. Meu estudo, negócio de escola foi só... Quando eu era pequeno, eu fui umas duas vezes na escola. Depois, minha mãe mudou e eu não fui mais. Depois, eu fui pra casa desse homem lá. Na casa dos outros você sabe como é. Não tem aquela ousadia que os outros têm, não. Os outros, todo mundo ia pra escola. Eu não ia. Eu ficava em casa pra cuidar dos bichos, cuidava das coisas pra aprender a ser... Mal e mal aprendi a assinar o nome. Ainda assim aprendi a assinar o nome, mas depois me esqueci. Hoje, nem assino meu nome direito mais. Mas eles colocavam o caroço de milho assim e faziam ajoelhar no caroço de milho. Aí eu fiquei nervoso e saí fora. Quando falava assim onde estava a lição eu caía no mundo. Com medo de apanhar. Ponha seis caroços de milho pra você ajoelhar em cima e veja o que acontece. [...] Às vezes, eu errava a lição e eles castigavam eu pra eu fazer aquela lição. Aí não dava vontade de voltar na escola. Ainda tentaram me ensinar dentro de casa. Está entendendo? Elas iam pra escola. Quando elas chegavam da escola – meio-dia, meio-dia e pouco – que eu estava na hora do almoço em casa, terminava de

almoçar e me chamava pra me ensinar. Eu chegava lá, tinha uma que fazia esse negócio comigo, aí eu já estava meio durinho e não agüentei mais...: ‘Ah, também não vou estudar mais!’. Aí, vim pra cá e não estudei mais nada e... .. Fiquei no que eu estou hoje.

Eu fui pra casa desse homem lá. Na casa dos outros você sabe como é. Não tem aquela ousadia que os outros têm, não. Os outros, todo mundo ia pra escola. Eu não ia. Eu ficava em casa pra cuidar dos bichos, cuidava das coisas pra aprender a ser... [...] Colocavam o caroço de milho assim e faziam ajoelhar no caroço de milho. [...] Não dava vontade de voltar na escola.

Moisés não estava em casa. *Esse homem lá* – antes apresentado como *pai de criação* – era Jazon. Curioso. Assim como Nilce fala do ex-patrão – primeiro: *Eu fui criado como se fosse um filho*; depois: *era um cativo!* –, há uma incongruência evidente quando Moisés se põe a falar de seu *padrasto*. O homem para quem foi confiada sua guarda foi-nos apresentado como um benfeitor: *Quando eu cheguei lá, eu vi o céu aberto pra mim*. Mais adiante, como testemunhamos há pouco: *Eu fui pra casa desse homem lá*.

Lendo e relendo esta entrevista algo me ocorreu dizer – antes de qualquer outra coisa – acerca de como se formou este vínculo entre o menino órfão e o dono da fazenda. Moisés parecia desejar fazer parte daquela família, sempre. Não obstante, durante os anos em que viveu no Burgo, sentiu-se empregado de luxo. É verdade que sua narrativa muitas vezes busca referências diferentes daquelas mais marcantes, referências as quais nos autorizam dizer sobre como esteve segregado ali. Entretanto, impossível não notar as decepções e frustrações que morderam nosso depoente: o fato de trabalhar ainda muito criança, a incompreensão daqueles que deveriam cuidar de seus estudos, sentir-se explorado pela família que poderia ter lhe acolhido, a oferta de terra infértil para ser somente sua. Moisés esteve sempre entre uma coisa e outra: dormia debaixo do mesmo teto que Jazon e fazia suas refeições na mesma mesa que a família, mas ninguém ali trabalhava como ele.

Eu quase que nunca tive brincadeira. Minha brincadeira era somente o serviço, era a enxada. [...] Meu estudo era só com a enxada e tiração de capim e correr por dentro da fazenda. De onde eu conheci, era pra tirar enxerco de laranjeira, enxerco de plantação de café. [...] De dia... De dia era o campo. No decorrer do dia era recolher café, catação de café... Era trabalhar na roça, limpar café... .. Mudar o gado, buscar

os gados pra cocheira, tirar capim pro cavalo, cortar capim. Fazer tudo. Cerrar capim pro cavalo comer, buscar as vacas pra casa... Na estrebaria. De manhã, levar as vacas pro pasto outra vez, o sítio era grande. [...] Eu fui pra casa desse homem lá. Na casa dos outros você sabe como é. Não tem aquela ousadia que os outros têm, não. Os outros, todo mundo ia pra escola. Eu não ia. Eu ficava em casa pra cuidar dos bichos, cuidava das coisas pra aprender a ser... Eles colocavam o caroço de milho assim e faziam ajoelhar no caroço de milho. Aí eu fiquei nervoso e saí fora. Quando falava assim onde estava a lição eu caía no mundo. Com medo de apanhar.

Moisés estava novamente sozinho. Agora de um modo não exatamente sutil, mas, digamos, quase imponderável. O desamparo aqui não está outra vez ligado à perda – concreta – de um ente querido: trata-se de um abandono psicológico. Não que seja pouca coisa, pelo contrário. No entanto, para um garoto sem pai nem mãe, que conheceu privações agudas muito cedo, miserável, retirante, como lidar com a angústia daí derivada? Não teria ele desejado melhor tratamento? Mais cuidados, talvez? Atenção? Atinou para o que o afligia? Poderia reclamar? Mas como fazê-lo? Nesse ponto, seriam compreensivos com o menino pobre que receberam? Teriam valorizado suas queixas? Não o tomariam por ingrato?

Moisés é um homem exausto, cheio de dores pelo corpo, alquebrado. Obviamente, não sem razão. Garoto, nunca teve descanso. Mais crescido, responsabilidades ampliadas: o corpo ainda em desenvolvimento já aturava tarefas de um homem maduro. Casou-se cedo e logo teve filhos: mais trabalho. A fazenda, como ele diz, era grande.

A gente... O dia de descanso de sítio é muito pouco. O descanso da gente era ir pra feira. Quando eu já estava maiorzinho, que eu cresci, com uma base de doze anos, treze anos, aí eu fui amansar junta de boi. Está entendendo? Eu cortava madeira, tinha um... Um velho lá – chamava Mané Grande – que cortava madeira pra gente, pegava o carro de boi, pegava a madeira, vendia em São João. Ia na padaria do prefeito, eu pegava as carnes dele e vendia lá. Vendi muita madeira também pros caras fazerem casa, casa de madeira. Pau-a-pique que fala.

Imaginando que pudesse render outras histórias, agora que nosso depoente estava mais solto, retomei o assunto sobre as brincadeiras. Não fui exatamente direto, perguntando-o sobre o tema. Mas indiquei meu interesse. Ele foi além, e creio que alcançou o máximo que poderia lembrar. Não que lhe faltasse capacidade de resgatar essas lembranças. Moisés carece mesmo é de experiências assim.

É. Esse negócio de brincadeira não tive, não. Quando a minha mãe estava doente, a minha brincadeira era sair pra roça pequenininho pegar toquinho de milho pra arrear no moinho... Acho que você sabe o que é aquele moinho de... Você não chegou a ver não, né?! A gente moia o milho assim pra poder fazer o xerém. Quando eu chegava em casa que eu não podia moer, nessa casa mesmo que eu me criei, tinha um banco alto, eles me davam o banco, eu ficava ali no banco e ficava moendo o milho. Eu não agüentava, as meninas vinham ajudar a moer. Aí, eu levava o xerém pra casa pra minha mãe poder cozinhar. Cozinhar pra comer com feijão, leite... A minha vida foi assim. Eu não posso dizer assim que eu tive um brinquedo pra brincar. Quando eu brincava mais os meninos lá era com estilingue. Quando estava maior um pouquinho, ia com a espingarda matar passarinho, fazer que nem índio. Às vezes, achava comida de arapuã, de juruti, eu e outro menino ia lá, ficava tocaiando. Nossa brincadeira era essa: era plantar verdura e vender, e pronto. Minha vida era essa. Nunca tive esse negócio de brinquedinho, sair arrastando carrinho. Não tinha um carrinho, uma televisão pra assistir um desenho. Lá não tinha isso. O que tinha lá em casa mesmo era só um rádio. Um rádio que lá na casa de meu pai onde me criei; tinha cata-vento porque luz nesse tempo não existia lá; era só um cata-vento pra gerar luz pra ligar o rádio.

As brincadeiras poderiam assumir outra conotação quase instantaneamente. Não era possível relaxar porque não se brinca com fome. Preocupado se teria o que comer, como ver a natureza ludicamente? Como enxergar um campo aberto tal qual crianças liberadas de trabalhar veriam – um espaço para correr e se lambuzar – se ali mesmo me acabo de tanto carpir? Como seria possível apreciar o sol no meu lazer se – enquanto empunho a enxada – sinto que me castiga horas a fio?

Não é tarefa nada simples dissertar a respeito deste tema. Há bastante contradição no que Moisés narra. Jazon aparentemente era um homem pouco carinhoso,

mas preocupava-se com o sustento material do garoto que lhe foi confiado. Às vezes, fico com a impressão de que a relação aí estabelecida pudesse lembrar algo indigno, do ponto de vista daquela família. Não deixemos de considerar as paixões ligadas à propriedade, ainda mais em um local tão ressentido pela escassez de recursos. O recém-chegado era uma clara ameaça à manutenção da riqueza particular daqueles. Quanto mais próximo afetivamente estivesse de Jazon, mais Moisés seria tido como provável herdeiro de suas terras.

Quis ouvir nosso depoente sobre o assunto. ‘Quando você pensa no Jazon, que lembrança te vem à cabeça?’

... ...Ah, eu penso que ele era muito bom pra mim. Ele me deu muita força. Se ele ia pra feira, sempre trazia um negócio pra mim. Está entendendo?...
... Se eu me sentia mal, ele logo comprava alguma coisa, já trazia... ... Depois que eu fui pra lá, nunca mais faltou nada pra mim. Negócio de comida, negócio de carne, tudo tinha lá. Já me acostumei, e me acostumei por ele. Sempre era por ele que a mesa era farta. Tinha vez que, assim dia de semana, que nós pegava, que ele vendia o café – vendia três, quatro sacas de café, café em casca – ele pegava a gaveta dele, abria assim, tinha uma peneira de peneirar massa, de peneirar feijão – aquela grandona – abria a gaveta, punha você assim, só ficava vendo aquele amarelão de nota, aquelas notas de quinhentos cruzeiros... O bicho lá tinha muito dinheiro! Eu não me arrumei porque não soube fazer naquela época. Se fosse ambicioso como muita gente é, hoje eu tinha recurso dele lá. Quando eu estava lá ele me ofereceu, disse que ia me dar um pedaço de terra, disse que ia comprar uma casa pra mim. Eu não quis. Ia comprar um terreno pra mim lá no sertão. Eu não quis. Hoje eu estou morando no que é meu mesmo sem precisar de ninguém.

Continuo em dúvida. *Ele era muito bom pra mim. Ele me deu muita força. Se ele ia pra feira, sempre trazia um negócio pra mim. [...] Depois que eu fui pra lá, nunca mais faltou nada pra mim. Negócio de comida, negócio de carne, tudo tinha lá. [...] Quando eu estava lá ele me ofereceu, disse que ia me dar um pedaço de terra, disse que ia comprar uma casa pra mim. Eu não quis. Ia comprar um terreno pra mim lá no sertão. Eu não quis. Hoje eu estou morando no que é meu mesmo sem precisar de ninguém.*

Moisés afirma que o padrasto era preocupado com seu bem estar. O de comer, entre outras coisas, nunca faltava. No entanto, o jovem agricultor não aceitou a oferta de ter sua própria terra. Por que?

É que eu vim embora aqui pra São Paulo. Não fiquei lá. Foi o tempo que eu fiquei aqui, aí ele morreu. A família acabou vendendo o sítio. Aquela irmã minha lá daquela época, vendeu o sítio, deu de graça. Não tinha quem tratasse do sítio. O sobrinho dela, o Juraci, morava em Garanhuns. O Jair morreu. O Jazon morreu também. Estava bem velhinho. Aí já tinham vendido o sítio, compraram uma casinha em Garanhuns. Morreu... Morreu lá em Garanhuns mesmo. Os outros foram ficando, ficando, ficando... O derradeiro que morreu foi ele. Ficou só a Dinah: ela vendeu o sítio. Dizem que foi de graça. Ficou numa casinha e hoje ainda está morando lá.

Mas a mudança para São Paulo não era, em parte, devido às dificuldades financeiras? O que aconteceu, de fato, que fez Moisés recusar as terras?

Eu não queria sair do Burgo. E ele foi comprar um terreno pra mim ali perto de Capoeira. Cheguei lá, e vi que era muito seco. Eu disse: 'Não. Aqui não dá pra mim'. Não quis ficar. Eu não queria morar na cidade, e nem queria sair de perto dele pra morar no interior. Por causa das crianças. Sair do sertão. Aí fiquei lá. Fiquei, fiquei, fiquei... Depois vim embora aqui pra São Paulo e perdi tudo. Não voltei mais lá. Porque no tempo que ele era vivo, ele é que mandava no sítio. Eu era o capataz, como se fala. Capataz, assim, não de matar gente, mas de tomar conta do serviço dele. Ele era crente com os trabalhador. Eu é quem arrumava os trabalhador pra pôr. Eu é quem dava almoço pros trabalhador. Dava um café decente, dava um almoço. Às vezes, até de noitinha, tinha deles que não tinha o que jantar, jantava na minha casa. Quando eu estava com a minha mulher era assim. Depois que minha mulher morreu, eu vim embora pra cá e... ... Saí fora do sítio, aí as filhas acabou-se. Começou o pai [corrige-se], o irmão dele, o Jair, começou a fazer secada, aí secou as terras todas. Não deu nada. Não dava nem pra criar um cavalo, nem garrote, nem nada. Aí eu fiquei meio complicado com ele: quando eu amarrava o boi num canto ele vinha por cima. Onde dava pra plantar ele colocava cavalo. Onde eu punha o boi ele queria

colocar coisa no meio... E foi me dando nervoso, sabe? Foi dando nervoso e aí não dava. Eu já estava meio doido da cabeça mesmo, teve um dia que ele veio falar um monte de coisa comigo, eu fiquei nervoso. Ele reclamava porque: 'Eu sou dono daqui e não tenho nada. Esse cara veio aqui e tem de tudo: tem boi, tem cavalo, tem isso, tem aquilo'. Mas ele não fazia o que eu fazia. Ele ficava no sítio dele, limpava o café dele, plantava a mandioca dele, pegava a junta de boi dele e ia pra Garanhuns fazer as coisas pra ele. E eu pegava a minha, trabalhava pra Jazon e ele me dava vinte e cinco cruzeiros, dez... Naquele tempo era um dinheirão. Eu ficava com aquele dinheiro, comprava um cavalo, comprava um animal, comprava um bezerro... O outro lá tinha ciúme de mim, pai do Juraci. Esses dias eu estive lá, Juraci falou assim pra mim que se eu estivesse lá ninguém tinha vendido o sítio. Que tinha um sítio lá que era do filho do finado Zacharias, Heloy. Disse que sítio de Heloy era pra ser meu. Se eu não tivesse saído de lá, Jazon teria me vendido, tinha passado o sítio pra mim. Eu digo: 'Ah, eu não fiquei...'. 'É. Porque se você tivesse ficado ninguém tinha vendido o sítio, não'. Eu falei: 'Naquela época, eu vim me embora por causa do seu pai: ou ele me matava, ou eu matava ele'. Eu não queria matar ninguém. Tenho minha vida limpa, graças a Deus. Não quero ter essa culpa pra Deus, de matar ninguém. Às vezes, ele me ameaçava. E eu, às vezes, ficava meio nervoso. Porque, você sabe: a gente quando já está meio desequilibrado da cabeça é capaz de fazer besteira. Eu pensei: 'Não. No lugar de ficar aqui do lado dele com inveja, aí é melhor eu sair, ir me embora, largar isso aí, fazer minha vida em outro canto, que Deus me dá'. E justamente Deus me deu, não careceu nada pra ninguém, ficou tudo na mesma amizade. Quando cheguei lá agora ele já tinha morrido... Procurei a filha dele, que me criei com ela, juntinho com ela. Andava mais ela por todo canto, a Juci...

Havia desavença. Jair incomodava-se com a prosperidade aparente que Moisés alcançava. *'Eu sou dono daqui e não tenho nada. Esse cara veio aqui e tem de tudo: tem boi, tem cavalo, tem isso, tem aquilo'. Mas ele não fazia o que eu fazia. Ele ficava no sítio dele, limpava o café dele, plantava a mandioca dele, pegava a junta de boi dele e ia pra Garanhuns fazer as coisas pra ele. E eu pegava a minha, trabalhava pra Jazon e ele me dava vinte e cinco cruzeiros, dez...*

Mas não só. O jovem não queria sair de perto de seu pai de criação e, além disso, parece ter estranhado uma oferta de terra tão seca, difícil de trabalhar. Recuou.

Permanecendo no Burgo, a despeito de poder ter se emancipado, Moisés despertava mal estar e inveja.

Quarenta anos se passaram. Esse foi o tempo decorrido entre partida e retorno ao estado de Pernambuco. Seus filhos, já crescidos. Até netos Moisés já tinha. Meses depois, nasceram duas bisnetas. Sua antiga família no Burgo havia se dissipado. Alguns conhecidos daquela época haviam morrido. Jazon é um deles.

Normal. Porque o que eu tinha pra fazer mais? Procurei eles. Cheguei lá, ele tinha morrido, tinham vendido o sítio, tinham vendido tudo. Eu ia sempre à procura dele. Se ele estivesse vivo, eu fazia de todo jeito pra ele ficar comigo. Bem dizer, o pai que eu conheci foi ele, que ajudou a criar meus filhos. Esse menino mesmo aí e a Nena, que eu tenho lá, ele mesmo foi quem acabou de criar. Bem dizer, foi um pai que eu não tive. Ele me criou, com o poder de Deus, e criou os meus filhos. Meu sogro também ajudou a criar também... Pra mim, ele era um pai, porque ele nunca fazia coisas erradas comigo. Um negócio ou outro errado lá, só que era fofoca do irmão dele que fazia. O irmão dele chegava lá e falava: 'Esse cara fica aí. O serviço dele não paga nem a bóia!'. Ele falava isso aí. Falava de inveja. Jazon nunca me abandonou. [...] Morreu solteiro. Morreu lá mesmo. Eu nunca fui visitar ele. Está na base de uns três anos que eu voltei pra lá de vez. Quando eu me aposentei... Quando eu fui visitar minha filha que eu fiquei sabendo que eles já tinham morrido tudo. Jazon já tinha morrido. Mãe velha e Anésia, não. Morreu Jazon, morreu Áurea. A Anésia era minha mãe de criação, me dava banho. Está entendendo?

Neste momento, Moisés parece ter guardado ótimas recordações de Jazon. *O pai que eu conheci foi ele, que ajudou a criar meus filhos. [...] Porque ele nunca fazia coisas erradas comigo. [...] Jazon nunca me abandonou.* Inclusive, na sua fala é notável um sentimento de gratidão que o faria, agora, inverter as posições: *Se ele estivesse vivo, eu fazia de todo jeito pra ele ficar comigo.* Ainda assim, continua pairando uma certa inconsistência sobre o tema quando ele fala mais espontânea e livremente. No trecho citado há pouco: *Porque ele nunca fazia coisas erradas comigo. Um negócio ou outro errado lá...*

Este trabalho não é o de um investigador de polícia. Não nos interessa saber se o depoente diz a verdade. Não obstante, temos o intuito de revelar Moisés tanto quanto

for possível, fazer jus ao que diz e ao que sente. O que parece importante afirmar é que há muita ambigüidade neste vínculo estabelecido com seu *pai de criação*. Às vezes, o ex-lavrador tem em Jazon um pai autêntico, uma pessoa preocupada com seu bem estar. Noutras, é justamente o contrário. Como compreender um afastamento de quarenta anos?

Vim pra cá pra arrumar serviço, arrumar emprego e me virar. Quando eu casei, eu vivia às minhas custas. Tinha um salário lá de duzentos cruzeiros por semana, que ele me dava. Com esses duzentos cruzeiros, eu tinha o direito de dar comida pros trabalhador tudo. Quando eu fazia despesa, não dava. Não dava pra eu trabalhar a semana todinha e dar comida pros trabalhador. Era dez, doze homens. Aí eu falei: ‘Agora o senhor fica com a sua parte e eu vou me virar às minhas custas. Tenho minha mulher e tenho meus filhos. Então, eu não posso receber esses duzentos cruzeiros seu quando eu tenho de dar comida a dez homens. Eu não agüento. Todo dinheiro que eu pego por fora fica nisso aí. E eu não estou tendo resultado. Então, agora você toma conta dos seus filhos que eu vou me virar’. Eu fui trabalhar por minha conta. Plantava roça lá, plantava tudo, vendia... Quando pegava laranja, vendia laranja, vendia banana. Foi quando o outro lá ficou com inveja. Cresceu o olho e ficava em cima de mim, o finado Jair. Pra não acabar de dismantelar minha vida, que já estava dismantelada, eu peguei e vim me embora pra São Paulo. Larguei meus filhos lá tudinho... Ficaram lá.

Houve desentendimento entre os dois. Moisés sentia-se explorado. Trabalhava, trabalhava, trabalhava. Mas o que recebia sequer era suficiente para alimentar sua família. Ele rompeu com Jazon que, pelo visto, não lutou contra a separação.

Para o filho não foi fácil. Tudo leva a crer que Moisés desejou mesmo é que Jazon resistisse à ruptura, acolhesse sua queixa. A relação entre os dois foi sempre central para o futuro retirante.

... .. Eu gostava muito era do Jazon. Eu gostava tudo deles, mas o que eu tinha mais amor mesmo era ele porque era só dois homens que tinha dentro de casa: era eu e ele. O que eu pedia, o que eu queria fazer, estava tudo certo. Nunca me bateu. Só uma vez que ele estava carpindo o mato na roça e nós

peguemo assim com brincadeira, e ele pegou assim a veia de café e bateu nas minhas costas. Só essa vez ele bateu. O irmão dele, que já morreu, eu não gostava dele porque ele era ambicioso.

Moisés identificava-se com Jazon. *Era só dois homens que tinha dentro de casa: era eu e ele.* O garoto órfão poderia finalmente espelhar-se em alguém, uma vez que tal fato jamais teria sido possível com seu ex-padrasto. *O que eu tinha mais amor mesmo era ele.* Certos aspectos da personalidade de Jazon tornaram-se referência para o menino em formação. Já adolescente, por exemplo, ele reparou que o pai de criação não era habilidoso quando se tratava de expressar seus sentimentos.

Não sei. Eu não sei te falar. Se ele tinha namorada, no tempo que eu... Eu sabia, ouvia falar que tinha umas meninas que gostavam dele, mas ele nunca se interessava por mulher nenhuma. Não tinha coragem de chegar numa mulher assim e falar. Era muito simples. Tinha dinheiro. Nessa época, ele tinha dinheiro, tinha boas coisas, mas não se interessava com nada. Aí morreu solteiro.

*

Houve um determinado momento que Moisés, bem à sua maneira, me fez um convite. Falava de como estava feliz por ter retornado a Pernambuco, e manifestou seu desejo de que conhecesse sua terra.

Três meses depois reencontrei Moisés. Lá em Garanhuns.

Interessante notar que muitas coisas que conversamos em São Paulo pareciam ter mudado de tom ou, de alguma maneira, assumiram mais consistência. Neste ponto da entrevista foi possível falar – mais longamente – acerca de sua frustração de encontrar o antigo sítio do qual cuidava completamente arruinado.

Se você ainda quiser, como você tinha falado de conhecer o Burgo, aí você vai ver o canto em que eu me criei... Está tudo acabado. Acabou-se o meu sítio lá. Não tem mais os alqueires que tinha. Tenho até uma tristeza... Eu não... Eu vou lá, mas não gosto muito mais não. Que nem era antigamente, sabe? Que lá primeiro era muita, tinha muita árvore, muita fruta, muita coisa. E hoje você vai não tem quase nada. Você vai ver se

você for lá comigo. Igual eu estou falando pra você. Lá mesmo nasceu meus filhos, esse filho meu que está lá em São Paulo, esse que está aí. Está tudo diferente hoje. Mas a vida é assim mesmo. A gente tem que passar por uma coisa, tem que passar mesmo. Não tem jeito, não. Naquela época tinha bastante café, tinha bastante fruteira, tinha muitas coisas. Hoje, não... Hoje, os caras que compraram não se preocupam com nada, só com gado. E mexer com gado você sabe como é: capim, tem uma bananeira, coisa pouca. Plantação mesmo é muito pouca que tem lá... ..

O que relata sobre a vida dura de trabalho – desde criança – se intensificou. Não exatamente as descrições tornaram-se mais amplas ou trouxeram novas informações. Na verdade, a impostação da voz, o semblante, uma ou outra palavra mais aguda, isso é que me pareceu bem diferente.

No Burgo, eu mexia só com lavoura, café, pé de laranja, só essas coisas assim. Lavoura, assim, de café. Era só lavoura de café, que outras coisas a gente não tinha. O café lá era bom. Lá a gente não trabalhava assim: plantava esse negócio de milho, feijão, coco. A gente mexia só mesmo era com café. O finado que me criou só mexia com café. Era tudo café até nessa época quando eu saí de lá. Depois o governo mandou arrancar o café. Arrancar o café, plantar capim pra criar gado. Disse que ia fornecer dinheiro, e foi a desgraça de muitos lá, que acabaram com os sítios, com as coisas... Porque hoje o dinheiro do gado não está dando pra cobrir as despesas que o camarada tem. Tem que ter uns dez ou doze alqueires, tratar do gado, comprar ração, comprar tudo... Aí não adianta! Não dá lucro quase nenhum, sabe? Só se for um montão de uma vez. Se é um montão, uma coisa cobre a outra, senão não vale a pena, não.

Moisés esteve o tempo todo mais à vontade para falar de suas mágoas. Foi impressionante. Minha viagem até Garanhuns pode ter contribuído para que seu depoimento fosse mais livre, para que Moisés estivesse menos alerta acerca do que revelaria. Meu deslocamento nos aproximou mais.

Aí, Fernando, do jeito que eu fiquei de criança, me criei na casa dos outro, sofri que nem cavalo véio, sofri pra caramba... Quando fui dar fé por mim mesmo, foi

depois de sete anos que eu fui pra casa desse povo que me criei, que era tudo crente... Deus clareou a porta pra mim. Passei sete anos mais ou menos bem de vida. Não bem de vida. Razoável, que eu ficava lá em casa com os trabalhador, e a minha muié que dava comida pros camarada tudo. Quando dava onze hora ia toda aquela turma de homem comer lá em casa... Eu é que dava o almoço, dava o café de manhã cedo, tinha deles que às vezes até de noite jantava... E eu trabalhando, o velho me dava duzentos pau por mês, pra fazer compra, sabe? Mas quando foi um tempo que as coisa foi encarecendo, aí ele foi até diminuindo. Não estava nem dando os duzentos pau. Eu pensei: quer saber de uma coisa? Agora você toma conta do seu serviço que eu vou tomar conta do meu. Vou viver a minha vida. Peguei uns cavalo véio lá e carregava banana... Tinha a coisa da feira... Não estava dando nem duzentos cruzeiro. Eu falei pra ele: 'É muito difícil pra mim e é muito difícil pra minha mulher também. Então, você toma conta dos seus trabalhador que eu vou viver às minhas custas. Eu trabalho a semana todinha mais você. Você me dá duzentos cruzeiro pra eu fazer compra e ainda dar comida pros trabalhador tudo... E minha família, vai comer o que?!... Eu penso de aumentar a minha renda. Toque o seu serviço que eu vou tocar o meu'. Ele ficou lá tocando o serviço de café, eu abandonei... Aí, o café foi se acabando. Não deu mais o investimento que tinha que dar. Ficava aquele negócio de carpir um pedacinho num canto, um pedacinho noutro, um pedacinho noutro, um pedacinho noutro... Foi vendendo, vendendo... Vendeu um sítio pra Compadre Jereissate, outro pra Heloy, e foi vendendo os terreno. O derradeiro foi o que ele ficou morando. Quando eu fui embora pra São Paulo ele vendeu. Foi acabando, acabando, acabando. Acabou não ficando com nada. Hoje só tem a Dinah aí em Garanhuns, e tem quase nada também. É empregada no Banco do Brasil, parece. Morreu todo mundo. Dessa turma véia só tem mesmo a Juci, a Cida, a Dita e a Dinah. Não, a Dita morreu. São parente lá, sobrinho dele, de Jazon. Graças a Deus, do que eu tenho nada pertenceu à eles. No sítio deles, não tem nada que eles digam nada, não. Nenhum desses tijolo pertenceu ao Burgo. Não tenho nada de lá. De lá, eu só tenho a lembrança, que eu fui nascido lá. Depois, derrubaram minha casa véia... Um foi morar num canto, outro foi morar noutro... E assim ficou a família. Deus criou pelo mundo. E nós estamos nessa luta. Até o dia que Deus quiser, né Fernando?! [Seus olhos lacrimejam].

Somos tentados aqui a finalizar o debate a respeito de como Moisés se sentia morando no Burgo, com Jazon e seus familiares. Tentação contraproducente. Não seria o caso, agora, de se concluir coisa alguma. O que tínhamos como incerto continua enigmático e ambíguo. Verdade que aqui Moisés parece mais incisivo nas suas queixas e, de certa forma, poderíamos até dizer que finalmente ele pôde desamarrar o que o angustiava. Não obstante, há uma boa distância a percorrer para qualquer lado que desejemos rumar.

O que não alcançaremos aqui não é muito diferente do que mantemos fundo em nós mesmos. Filhos adotivos ou não, não há uma só pessoa neste mundo que tenha vivido incólume seus próprios dramas individuais; não há uma só pessoa neste mundo que tenha passado ilesa às perguntas que nosso depoente parece se fazer. Tinham amor por mim? Se havia amor, por que eventualmente me negligenciavam? Se não me amavam, por que me quiseram?

Pode haver exagero em minha comparação. Moisés sofreu demais. Perdeu os pais ainda criança, morou de favor, assistiu a esposa definhar. Os lamentos são todos justos e legítimos. O que almejo ressaltar, finalmente, é que jamais se entregou. Moisés sempre desejou melhor sorte para si mesmo e para seus próximos. E ainda trabalha muito por isso.

MIRALVA E MOISÉS

Lá em São Domingos, nesse quartinho mesmo. Ela morava lá também. Em outro quartinho, que a casa era dividida. Ela morava lá nesse quartinho, ele e a filha dela. Depois eu peguei ela e fui lá pro João XXIII, morar na casa de Seu Luiz: Rua Santa Luzia, perto de onde tem uma caixa d'água. Eu aluguei lá. Fiquei com ela lá. Foi quando nasceu os hominho. Os hominho nasceram lá.

Casei com onze anos morando junto. Onze anos foi que eu casei em Barueri, parece. Eu casei no civil. E agora o padre daqui quer que eu case na igreja. Aí eu falei pra ele que se fosse com outra. Porque meu registro de casamento mesmo foi lá na Igreja Presbiteriana de Laje do Canhotinho, que eu nem sei mais onde fica.

Eu estava lá doente, estirado na cama. Ela veio me oferecer um chá e eu disse: 'Não precisa de chá, não. Que eu já estou bom'. Sentou-se na beira da cama e por ali começamos a namorar. Mas era uma doença que dava pra... [Rimos todos, inclusive Dona Mira, que estava por perto].

Safado, não! Que conversa é essa? [Ri]. Ela ficou por ali, conversando, falando daquele negócio de namoro... Vira e mexe... Ela falou que ou eu casava com ela, ou ela ia morrer. Disse que ia beber veneno. Eu disse: 'Não'. Quer dizer, como ela não morreu, eu fiquei com ela mesmo. Beber veneno por causa de mim, morrer por causa de mim e eu pegar processo? Não. Aí não dá certo. Estou com ela até a data de hoje. É uma véinha feia, mas é uma véinha arretada. É uma baianazinha arretada...

Na época do quartinho, eu não morava com ela. Quando a gente saiu de lá, aí sim. A gente foi morar lá no Educandário, numa Rua chamada Santa Luzia. Não tinha luz nem água encanada. Era só água de poço. Lá, nasceu o filho meu, o Naldo. Reginaldo. Não aquele que saiu com seu carro. O outro. Ah, não. Já tinha o Naldo. O Naldo nasceu em São Domingos. Já tinha ele e a Lucinha. Tinha dois. Aí, eu fui alugar uma casinha aqui no São Domingos, o cara não quis alugar porque eu tinha dois filhos. E fui pro Educandário e depois tornei a voltar... Acho que chama Jardim Gilberto ali. Já ouviu falar da 'Gamboa'? Então, naquela rua onde tem ali a loja de material de construção 'Gamboa'. Dali eu fui pro Educandário, voltei novamente. Aí eu mudei pra... Da segunda vez, mudei de lá e fui praquela Favela de São Domingos. Favela

Jóia, na beirada da pista. Fiz um barraco lá e morei quatorze anos. Fiz o barraco e fiquei lá. Só não queria criar os moleques lá porque podia dar pra alguma coisa errada. Que eu saía bem cedo e chegava de noite. Tinha uns caras lá metido a valentão, tinha uns moleque bravo lá... Tinha o Xande, tinha o outro irmão dele lá também... Falei com o Mineiro, e ele disse que tinha um terreninho ali perto da Raposo. Perguntei se ele queria trocar no carro. Que ele não tinha dinheiro pra pagar. Aí, eu fiz negócio mais ele e construí aqueles quatro cômodo com um cobertinho. Depois é que eu mandei colocar laje. Acabamos de criar os moleque lá. Quando eu fui pr'ali não tinha água, não tinha luz. A gente carregava água na bica lá debaixo daquela gruta. Jardim Milizola. Ali onde é a escola hoje. Da escola pra baixo era onde a gente carregava água. Construí os quatro cômodo e vim com os menino. Depois, teve um colega meu que queria vender aquele terreno que eu tenho lá debaixo do outro, aí eu comprei ele. E eu estou aqui, com os poderes de Deus, vivendo. Vou pra aqui, vou pra acolá...

Dona Miralva vive com Moisés há muitos anos. Como ele, quase não teve instrução formal. Também como ele, é uma pessoa especialmente atenciosa. Desde que passei a freqüentar sua casa em Cotia, a despeito de valorizar minha relação mais antiga com o esposo, jamais deixou de manter comigo um vínculo amistoso e independente. Certas revelações, alguns detalhes sobre Moisés, quem me confia é ela.

Os assuntos nesta parte agrupados merecem ser referidos ao casal. Ainda quando o tema não lhe dizia respeito diretamente, Dona Mira era sempre acionada pelo marido. Aqui, a entrevista contagiou a esposa, depois um filho, aí outro, e outro, e assim por diante. Até que parecíamos todos imbuídos de um interesse franco por auxiliar o depoente a resgatar com precisão o que não lembrava tão bem. Estar em Garanhuns foi novamente decisivo.

– Você se lembra quando nasceu seu primeiro filho?

– Você se lembra, Mira? [Dona Mira diz não saber porque se trata de uma época anterior a se conhecerem]. Bom, o primeiro daqui é o Reginaldo, que está lá em São Paulo, que a gente chama de Caximbi. Ele nasceu no Burgo. [Dona Mira corrige Moisés: 'É Edinaldo, com 'E'. Reginaldo é o meu].

– Você lembra do que sentiu?

– Eu senti que no mato naquele momento não tinha carro. Só tinha carro de boi. Ele nasceu em casa. Eu fui

buscar uma parteira num lugar chamado Mucambo, meia-noite. Ele nasceu uma hora da madrugada. Depois que registrei em Garanhuns. A mãe dele gemeu a noite todinha. Sofreu muito pra ganhar ele. Nasceu o Ednaldo, depois a Nena, depois a outra... Uma pequenininha, nem nome tinha. Depois nasceu essa daqui [Fátima]. Depois o Zézinho... [Nesse momento, Fátima se aproxima e corrige Moisés com relação à ordem de nascimento dos filhos]. Porque teve uma que morreu, depois veio outra que se criou. Aí o derradeiro que veio foi o Zézinho, que foi quando deu o... Foi quando ela... ... Não vou falar não que eu não posso nem falar essas coisas... Deixa pra lá... ... Aquilo ficou na minha cabeça que tinha sido por causa dele. Então, eu gosto dele. Mas eu olho pra ele e lembro daquilo tudo. Porque foi ela ganhar ele já inchou tudo, e ela ficou ruim... Era um câncer no cérebro e aquilo começou a se desenvolver, foi perdendo muito sangue, aí dele foi que ela morreu. Não dele que matou, foi das doenças que já tinha. Mas como a mente da gente é fraca...

A morte de Reginalda é sempre fato central. A esposa falecida muito precocemente dilacerou o coração do jovem Moisés. Falar acerca do entusiasmo com o nascimento dos filhos jamais foi possível sem que, hora ou outra, encontrássemos novamente aquela tragédia.

Recordo que a intenção das perguntas sobre o nascimento dos filhos continha uma expectativa ingênua de minha parte, baseada em algumas histórias que conheço. A chegada de uma criança à família é fato sempre celebrado, em especial quando goza de saúde perfeita. Eu nunca poderia supor que Moisés rasgaria o verbo: *Eu senti que no mato naquele momento não tinha carro. Só tinha carro de boi. Ele nasceu em casa. Eu fui buscar uma parteira num lugar chamado Mucambo, meia-noite. Ele nasceu uma hora da madrugada. Depois que registrei em Garanhuns. A mãe dele gemeu a noite todinha. Sofreu muito pra ganhar ele. Nasceu o Ednaldo.*

Moisés não se animou em recordar o nascimento dos filhos em Garanhuns, e por razões que já conhecemos. Das dificuldades materiais na época em que chega Ednaldo ao nascimento de Zezinho – o derradeiro – ele vai em instantes. Aí, como quem novamente encontra a dor, Moisés estanca. Paralisado fisicamente, com o olhar perdido e semblante pesadíssimo, ele parece se resignar. O momento é tenso. A família suspende ações e conversas. Todos estão quietos. Ao que tudo indica, ele busca amparo em uma espécie de perdão. Quer perdoar Zezinho, porque o bebê não teve culpa: *Aquilo*

ficou na minha cabeça que tinha sido por causa dele. Então, eu gosto dele. Mas eu olho pra ele e lembro daquilo tudo. Porque foi ela ganhar ele já inchou tudo, e ela ficou ruim. [...] Dele foi que ela morreu. Não dele que matou, foi das doenças que já tinha. E deseja perdoar a si mesmo, porque foi a dor que embaçou sua visão: Mas como a mente da gente é fraca...

Quando pergunto sobre os filhos nascidos já em São Paulo, nada se modifica. É que Moisés agora se lembra de Junior. Fica triste e parece querer se calar. Seu silêncio é acompanhado pelo meu.

Reginaldo é o mais velho. Depois, o Junior. Depois o Márcio e o Marco. Tudo criado já, graças a Deus. [Moisés parece agora um tanto abatido, talvez cansado ou triste. Difícil definir]. Só me levaram o meu preferido. [...] Tudo eles é preferido. Mas tem aqueles que dão tudo por você, que lutam por você. Então, o Junior era mais ou menos que nem o Galego [Um de seus netos que reside em Garanhuns]. Você não vê o Galego? Tudo que eu preciso, o Galego não está comigo? Então. O Junior era assim. A mesma coisa que eu fazia com o Junior, eu faço com o Galego: todo mês eu dou cinquenta reais, outro mês eu dou cem ou uma cesta básica. Está entendendo? Compro pão, compro uma carne... Do jeito que eu fazia com o outro lá, eu faço aqui com ele. Talvez eu esteja fazendo mais com esse aqui do que com o outro. Porque o outro eu não queria deixar correr muito com o carro, que era meio doidão. Quando ele saía com o carro, ele não tinha hora de chegar. E ele fazia muito favor pros outros. Morreu por causa de favor. Fazia tanto favor pros outros que Deus levou ele embora. [Olhos muito avermelhados e marejados].

O abatimento do amigo me fez reconsiderar o que vinha pela frente: ignorei alguns assuntos que me pareciam importantes e busquei alcançar lembranças que o devolvessem a momentos não tão trágicos. Dona Mira se animou e chegou mais perto. Sorria tímida, como criança que assiste uma brincadeira da qual deseja participar. Moisés solicita a esposa o tempo todo.

Eu me lembro que foi o filho daquele... Lá da prefeitura, o Tonho, que vivia comigo, filho daquele velhinho. Seu Antônio, que morreu daquela doença, aquele negócio de câncer no cérebro. Ô Mira, foi em

Barueri que nós casou, não foi? Barueri, numa base de umas duas horas da tarde.

Agora o pessoal parece mais animado, e um ou outro se interessam mais pelo conteúdo da entrevista. Entrei no clima:

- ... E o Moisés te enrolando esse tempo todo com filho em casa, Mira? ...Teve festa?

- Só uma feijoada. E teve jabá, carne de porco... [Nesse momento, há tanta imprecisão e incerteza sobre os convidados e os fatos, que no debate entre Mira e Moisés fica impossível transcrever algo que faça sentido. A pureza do som da gravação também não ajudaria o mais dos esforçados ouvintes. A televisão está ligada no outro canto da sala e os passarinhos engaiolados - por toda a casa - não param de cantar. Além disso, Moisés parece pouco motivado a continuar os assuntos do dia anterior. Eu também já não tinha o mesmo vigor e a mesma atenção. Sentia-me atraído pelas pessoas do lugar, inclusive por Moisés, de uma maneira que qualquer entrevista formalizada constituía-se como um anti-clímax]. O Seu Enoque foi testemunha também. Foi Enoque com o filho de Seu Zé. [Muita gente dentro de casa passando pra lá e pra cá, Moisés disperso, e uma cantoria danada na televisão]. A luta aqui é pesada. Você não viu aí? Ô Fernando, que nem eu estava pensando ontem aquele negócio do terreno; do jeito que o cara falou, eu pensei: se eu chegar lá e gostar do terreno, porque ele falou que a casa era boa, que tinha uma casa e tinha um galpão. Dois quadros de terreno ele dava na perua¹⁵⁹. Aí, eu chego lá e o cara vem com a história de vinte mil...

A câmera continuava ligada. Eu, inicialmente, mantinha a expectativa de que a conversa pudesse rumar para algo ligado à entrevista. Mas na verdade, quando me dei conta já estávamos caminhando em várias direções. Bem à vontade, batíamos papo.

Moisés retomou um debate iniciado no dia anterior. A discussão era acerca de um sujeito que propôs negociar um veículo seu. Mas o rapaz não manteve a palavra. Moisés, na hora, ficou encabulado e evitou entrar em atrito. Depois, não se conteve, e durante os quarenta minutos do caminho de volta deixou bem clara sua indignação.

- Mas a conversa ontem era outra, não era essa...

¹⁵⁹ Moisés havia comprado uma perua Kombi para transportar os netos de São Paulo a Garanhuns.

A história era trocar o terreno com a casa na perua Kombi¹⁶⁰.

– Pois é. Quando eu chego lá o cara vem com a história de vinte mil cruzeiro... Queria que eu desse a perua mais vinte mil cruzeiro. Então melhor eu ficar onde estou. É pequenininho, mas é meu. Tem água bastante e tenho luz, tenho tudo. Não tem nada de sacrifício. Você está vendo, não é?! Sacrifício tem, que minha despesa é pesada. Mas negócio de despesa, em qualquer canto que a gente estiver tem. Toda a vida eu tive. Já estou acostumado com gasto.

– E aqui a gente está perto da cidade.

– E lá está muito longe... Se ele quisesse vender por seis pau... .. Terra é bom, mas quando a gente tem as condições de apanhar. Talvez se fosse mais perto de um açude, de uma água, de uma coisa. Ali, pra cavar um poço de trinta metros de fundura vai uns cinco pau. E depois tem comprar tijolo, bloco, tudo pra levantar até em cima. Comprar bomba, fazer tudo... Ah, não! Não dá pra mim, não. Ficar endividado mais do que eu já vivo não quero mais não. Parar por aí mesmo, não é não? Fico aqui mesmo. Vida de pobre, com Deus, é muito. Vida de rico, sem Deus, é nada. Não adianta você querer ter muitas coisas e não ter Deus nas suas veias. Eu prefiro ter Deus do que não ter nada. Está entendendo? Vão se embora os anéis, ficam os dedos.

A história da negociação ‘mal conversada’ abriu uma via que nos conduziu, de fato, de volta para a entrevista propriamente dita. Moisés retoma a conversa sobre suas famílias – a de Cotia e a de Garanhuns – e disserta sobre o quanto lhe parece inútil uma vida financeira confortável se falta o que transcende o material.

Desde pequeno que eu pensava isso. Desde a minha mocidade o povo pensava que eu tinha dinheiro, que eu era quase metido a fazendeiro. Porque tinha gado, tinha cavalo, tinha carro-de-boi, tinha isso, tinha aquilo. Vendia madeira, vendia fruta, vendia tudo lá do sítio. Tinha bastante água, trabalhava direto com dez, doze pessoas lá dentro da fazenda. Tinha café, vendia vinho... De tudo eu tinha lá. Saí de casa com a idade de dezessete anos quando minha mulher adoeceu. Me casei com quinze anos. Abandonei minha família todinha aí,

¹⁶⁰ O proprietário de um sítio se interessou em trocá-lo pela Kombi de Moisés. Havia um intermediário. Fomos conhecer o local, a cerca de 20 quilômetros de Garanhuns. O lugar parece promissor, a despeito da localização bem rural. Quando Moisés se inclinou a fechar a negociação, o rapaz disse que haveria a necessidade de – além da Kombi – mais uma grande quantia em dinheiro. A história ficou bem estranha.

depois que minha mulher morreu. Maior tristeza da minha vida é minha mulher perdida... Fiquei um ano e pouco solteiro. Depois que vi que não tinha mais condição, arrumei essa baianinha e casei com ela. Porque perdi também as comunicações com meus filhos. Passei quase vinte anos pra poder ter notícia deles: saber se estava vivo, se estava morto... Quando eu estava trabalhando no Matarazzo – lá na Avenida Paulista, aquele prédio grandão – foi que me disseram que eles estavam vivos. Porque tinha o Seu Napoleão, que morava lá no Cambuci... Fui lá no Cambuci... Não. Primeiro eu fui lá no... Porque me informaram que meus cunhados estavam morando lá no... Pra frente ali do campo de bola. Pra frente do Morumbi. Achei meus cunhados lá. Quando eu tive a notícia, só estava solteira essa aí [Fátima], que até hoje é. A outra já tinha fugido com esse Zé, o Jóia. Não sei se casou, não. Disse que casou... Eu não estava aqui. Disse que se casaram... E tem outra em Maceió, que parece que mora junto com um tal de Ricardo. [Moisés pergunta a Fátima se são casados Ricardo e Nenê. Ela diz que só moram juntos. Bico completa: 'São amaziados']. O padre me falou – eu, que já tenho mais de quinze anos de casado – o padre falou que eu sou amancebado. Um padre em São João. Eu até briguei com ele. Ele quer que eu vá casar na Igreja. Eu disse: 'Eu já sou casado'. Ele falou: 'Você não é casado. Você é amigado'. 'Amancebado o caramba!'

Muito interessante o que Moisés relata acerca do diálogo com o padre. A visão eclesiástica pode muitas vezes não alcançar algumas nuances da experiência cotidiana. O sacerdote falou através do prisma ortodoxo, em que um homem e uma mulher não podem ser considerados casados se não tiverem seguido os rituais litúrgicos compatíveis. O matrimônio, nesse aspecto, constituiria um vínculo conjugal admitido nessa condição – única e exclusivamente – se tiver sido realizado segundo determinadas regras e preceitos. As doutrinas religiosas, em geral, prezam demais o cumprimento do cerimonial e tudo o que ele abarca.

O ex-gari, por sua vez, parece ter se ofendido quando teve a realidade de seu casamento questionada. A união com Dona Mira constitui um vínculo que – muito dignamente – representa os sustentáculos imprescindíveis para uma relação a dois ser considerada uma aliança sagrada. E Moisés não ignora este fato. Vamos ouvir o que ele diz.

Então, das duas vezes eu fui amancebado. Foi um cara chamado Caçata que levou o juiz lá pra gente casar. Casei no sítio. Casei lá no Burgo mesmo. Foi a maior festança. Eu era moleque novo. Tinha quinze anos. Quando eu cheguei, olhei pras paredes assim e pensei: ‘O que eu vou fazer com essa mulher dentro de casa?’. Eu não tinha noção de ‘homem’. Eu já estava sacrificado na minha vida, e agora ainda tinha uma mulher dentro de casa. Eu pensei: ‘O que eu vou fazer com essa mulher dentro de casa aqui, dentro desse barraco?’. Graças a Deus, Deus preveniu: de lá pra cá nunca faltou nem um pão até a data de hoje. E daqui pra frente também não vai faltar, que Deus não quer.

Moisés pode até não se recordar em detalhe que roupa vestiu, quem eram os convidados, o que foi servido no dia. É bem capaz de não ter lembrança acerca de quem eram os padrinhos, quais presentes ganhou ou quem costurou o vestido da noiva (se é que houve vestido de noiva). Entretanto, o respeito e o cuidado com a companheira, as motivações que conduziram ambos ao casamento, o que representava aquilo tudo era o que realmente importava.

O sentido do primeiro casamento faz encontrar – na narrativa – o segundo. É que nosso depoente à primeira vista pode parecer um pouco rude na forma de se expressar, e isso confunde nossa percepção sobre ele. Foi assim também que eu conheci Moisés: endurecido. Não é difícil tomá-lo por frio ou insensível em um primeiro momento. No entanto, é impossível mantermos essa concepção após convivermos com ele. Moisés é do tipo que jejua para não deixar o prato de alguém vazio.

Quando eu fiquei viúvo, fiquei um bocado de tempo sofrendo no meio no mundo, sofrendo, uns nove meses... Depois, arrumei essa baianazinha. Quase que passava fome. O dinheiro que eu ganhava quase que não dava pra pagar aluguel. Voltei pra São Domingos, arrumei um canto, fiz um barraco, morei catorze anos lá na Vila Jóia. Da Vila Jóia, comprei esse terreninho lá. Fiz a casinha e foi melhorando a situação. Por isso que eu digo: ‘O pouco, com Deus, é muito. O muito, sem Deus, é nada’.

Dos meus amigos, Moisés é o mais atrapalhado. O fato em si demorou a me fisgar a atenção, e o leitor pode duvidar da relevância desta informação em um trabalho como este. Outro dia, ele ligou em casa à meia-noite: como não nos falávamos havia

algumas semanas, ele não conseguia dormir por temer que algo pudesse ter me acontecido. Nem se deu conta da hora:

Cê vai me desculpando, filho. É que aqui em Pernambuco não tem as presepadadas que tem aí em São Paulo. Eu pensei: o Fernando não fala comigo faz tempo. Podem ter feito mal pra ele...

Quem se importa com alguém desta maneira pode até parecer tosco a olho nu: em uma casa a três mil quilômetros de distância, onde dormem uma criança e um bebê, telefonar uma hora daquelas. Mas, sobretudo, está longe de ser um sujeito que ignore o que é amar e zelar pelos queridos. Moisés é assim.

A vida dura e repleta de traumas não poderia ter feito do ex-lavrador um cavalheiro, alguém a dizer eloquentemente e com sutileza o quanto quer bem um amigo. Moisés não é um sujeito de ações emolduradas, decoradas com requinte. Mas, sabendo o que é passar fome, que fique claro: um convidado seu não passa dez minutos em sua casa sem ser intimado a fazer uma refeição.

Em Cotia, após ter sido afastado do serviço na USP por motivos de saúde, ele improvisou uma quitanda na garagem de casa. Era visitar Moisés e sair de lá com verduras, frutas e legumes para um mês inteiro! Sem exagero. Quando estivemos juntos ali, eu e Nilce, o mineiro resumiu bem a situação: *A gente vem visitar o Moisés e sai daqui com o sacolão*¹⁶¹ *feito!*

O alagoano-pernambucano é riquíssimo. Vive com pouco mais de três salários mínimos para sustentar dez pessoas, o que o faz pobre nas concepções estatísticas, e com justa razão. Não obstante, quem poderia tomá-lo por quase miserável se distribui tanto? Quem, em sã consciência, cometeria o desatino de não crer na sua fortuna. *Por isso que eu digo: ‘O pouco, com Deus, é muito. O muito, sem Deus, é nada’.*

Voltando ao depoimento, Moisés retoma o assunto sobre o tempo em que era tido como abastado nas redondezas do Burgo. Evolui com franqueza acerca do que reflete.

No tempo que eu morava lá, eu tinha tudo, mas tinha muita inveja em cima de mim. É o que o irmão

¹⁶¹ Em São Paulo, costumou-se chamar “sacolão” os estabelecimentos comerciais que, fixados em um determinado endereço, vendem os mesmos itens das famosas feiras livres. “Sacolão” é um apelido popular que foi incorporado pela burocracia municipal.

dos caras que me criaram, porque ele foi dar uma casa pra mim em Garanhuns eu não quis. Veio aí pra cima, pra Capoeira, querer comprar um terreno pra mim. Eu não quis o terreno porque era seco. Fiquei lá mesmo. Aí, o canto que eu morei disseram que era pra ser meu. Foi o tempo de eu ir embora, minhas filhas abandonaram o terreno, ninguém ficou lá, aí eu perdi tudo. Só ficou a Nena, mas não prestou atenção. No fim de tudo, venderam de graça lá. O menino passou a mão em tudo. Minhas filhas ficaram sem herança nenhuma de lá. A única herança que elas tinham, elas tinham herança da mãe delas, que pertencia a mãe delas e pertencia a mim. O meu, ainda estou vivo, a mãe dela levaram embora... Agora não tem mais nada.

Moisés ainda se preocupa com o futuro dos filhos mesmo todos adultos, em idade na qual podem trabalhar e se sustentar. Seria superficial afirmar – tão somente – que ele não deseja ver os oito herdeiros vivos (além dos netos) passarem apuros como os que passou. Mas este está longe de ser um comentário dispensável. O ex-lavrador conhece bem uma realidade que é, em si mesma, aterrorizante. A miséria.

Moisés está em um momento de transição. Pode olhar para grande parte de sua vida como quem reconstrói a própria história. Sua biografia está quase completa quando vê a si mesmo como trabalhador¹⁶². No entanto, a instabilidade profissional dos filhos e sua situação burocrática indefinida¹⁶³ junto à USP, o impede de narrar os fatos com a distância que já poderia alcançar pela idade. De alguma forma, Moisés está preso.

É bem provável que seu depoimento esteja sob efeito decisivo dessa situação indefinida. Não pode falar como quem está na ativa, labutando. Mas tampouco se sente inclinado a falar como aposentado.

O raciocínio de Halbwachs opõe o sentido da evocação do velho ao do adulto; este, entretido nas tarefas do presente, não procura habitualmente na infância imagens relacionadas com sua vida cotidiana; quando chega a hora da evocação, esta é, na realidade, a hora do repouso, o relaxamento alma, desejo breve mas intenso de evasão. O adulto ativo não se ocupa longamente com o passado; mas, quando o faz, é como se este lhe sobreviesse em forma de sonho. Em suma: para o adulto ativo, vida prática é vida prática, e memória é fuga, arte, lazer, contemplação. É o

¹⁶² Há alguns anos, por motivo de doença, Moisés está afastado do serviço.

¹⁶³ Ainda não teve 'baixa' em sua carteira de trabalho.

momento em que as águas se separam com maior nitidez. Já o velho, quando lembra o passado, não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida¹⁶⁴.

Moisés está sempre entre uma situação e outra, e em nenhuma das duas ao mesmo tempo. Certas vezes, parece que lembra como quem sonha. Noutras vezes, o sentimos trabalhando. Não seria arriscado dizer que, nestas circunstâncias, Moisés está mais uma vez desenraizado. Quando a ambigüidade se intensifica, vêm as queixas. Notamos isso quando lamenta sua situação trabalhista não resolvida na Prefeitura da Cidade Universitária. Encontramos novamente este estado quando fala dos filhos.

Se eu pudesse arrumar uns terreninhos maior pra ter um cantinho pra elas, eu arrumava. Mas eu estou me sacrificando e não tem jeito... Fica assim mesmo. Se algum dia eu puder vender aquela casa lá¹⁶⁵, eu compro o terreno. Compro um terreninho maior pra dar melhor condições pra eles. Quando eu partir daqui pro outro mundo tem um cantinho pra eles ficarem. Porque pra um só eu não posso passar. Porque se eu fosse passar alguma coisa era pro cego. O cego não vê nada e tem menos condição. Se eu tivesse alguma coisa, tinha que passar um pouco a mais pra ele. Mas se eu passar, é uma encrenca com os outros tudo. Todo mundo briga. Quando eu morrer, eu passo as coisas pra mãe deles e ela que faça o que quiser com os outros herdeiros que tiver. Quando eu ver que eu estou meio fraco, eu vou no cartório e passo o que tiver pra mãe deles. Depois ela passa pra quem quiser. Não posso pegar uma casa lá e dizer: 'Vou dar pro Edinaldo'. O Reginaldo tem dois filhos. Outro dia ele falou: 'Pai, deixa a sua casa aqui que você tem dois netos aqui'. Está certo: neto é filho. Mas não é obrigado, porque eu tenho dois filhos dele e mais três do outro. Vou dar uma casa pra cinco netos... E os outros? Por isso que eu falei: 'Enquanto eu estiver vivo, quem manda nos meus negócios sou eu'. Eu vendo, eu dou, eu faço o que eu quiser. Agora, quando eu não puder mais fazer nada, aí eu resolvo o que eu faço. Porque se eu der pra um, eu preciso dar pra todos. Se eu não posso tratar nenhum, eu fico quieto. Agora,

¹⁶⁴ BOSI, E. – Memória e Sociedade: lembrança de velhos. São Paulo, Cia. das Letras, 1994.

¹⁶⁵ Em Cotia.

aquele que achar que pode chegar perto de mim, pra nós trabaiá, pra nós conviver, arrumar o pão de cada dia, pode vir que a gente arruma um cantinho. Cabe, não cabe? Aqueles que quisessem. Mas... .. Aqueles que só quer só vantagem – porque o Cachimbo lá só quer vantagem, aquele que veio aqui, o mais velho. O Ednaldo. Só quer vantagem, não quer trabalhar. Só quer viver de ver só o lado dele. Quando ele chegou aqui, pensei que ele vinha pra cá pra uma força, pra ajudar em alguma coisa, pra conversar comigo, pra fazer isso, fazer aquilo outro... Não. Chegou aqui, veio fazer foi inferno com dois filhos meu aí. Foi falar de mim por todo canto. Eu fiquei meio revoltado. Porque ao invés de ele dar uns conselhos bom aí, foi se juntar com a Nena pra falar que eu nunca ajudei ele nem nada. Eu não posso ajudar. São tudo grande já. Cada um tem que viver a sua vida do jeito que pode. Porque eu, com a minha idade, eles é que teriam que me ajudar. Porque você sabe: o camarada que passou dos sessenta anos, não é porque ele tem uma aposentadoria, uma besteira, que o filho não tem o direito de ajudar o pai, sabendo que eu tenho não sei quantas famílias dentro de casa. Vamos fazer a conta... Quantos filhos eu tenho aqui? Só de filho, eu tenho quatro. Mais quatro do Junior. Com o da minha filha, seis. Comigo é sete, e oito, com a Mira são nove pessoas. Eu tudo pra eu lutar sozinho com tudo isso aí. E o cara ainda veio pra ficar em cima de mim. O que ele quer mais? No lugar de me ajudar, quer me destruir. E o Reginaldo veio querer ficar com aquela minha casa lá. Veio me oferecer vinte pau. Eu falei: ‘Vinte, não. Se quiser é cinqüenta pau’. Porque aí dá pra eu inteirar pra eu comprar um terreno maior pra eles tudo. Está entendendo? Porque se ele ficasse com a casa lá e mandasse vinte mil pra mim até dava pra eu ficar com o terreno do cara. Mas eu não vou fazer negócio, não. Fica a mais de oito quilômetros de São João pra lá. Aí, ainda teria que gastar uns três pau naquele casa pra ela ficar boa. Não está caro, mas a gente não tem o dinheiro pra dar... [Longo silêncio].

Moisés e Miralva parecem ainda envolvidos nos mesmos impasses que os angustiavam quase quarenta anos atrás. Uma moradia melhor, um terreno maior, um lugar para cada um dos filhos. Curioso é que a situação financeira da família mudou consideravelmente de lá para cá: a renda é fixa e garantida, estável; as casas são de sua propriedade, tanto em Cotia como em Garanhuns; ninguém ali tem a própria sobrevivência ameaçada por falta de recursos. Mas o casal permanece alerta. Como se a

qualquer instante algo pudesse interromper seus planos de uma vida tranqüila, Miralva e Moisés não relaxam.

Seria possível considerar aqui que a migração não planejada – tanto para o esposo como para a esposa – deslocamento seguido de tantos infortúnios e dificuldades, possa ter tornado precário o sentimento de estar no mundo sem assombro. Conviver com ambos é tomar parte nessa história de retirantes que perdem suas balizas, referências geográficas, culturais, religiosas. É nesse instante que nos deparamos com a realidade de que o impedimento da cidadania – que provoca conseqüências psicológicas irrefutáveis – pode encontrar elemento importante nas restrições materiais, na falta de recursos financeiros, mas é, paradoxalmente neste mesmo momento, que nos damos conta de que a estabilidade econômica não recupera o que se perdeu em outras esferas. O desenraizamento – circunstância que destrói a coesão da memória – é fato marcante entre as famílias pobres, pessoas que terão suspensas as possibilidades de sedimentação do passado em decorrência dos deslocamentos muitas vezes intermináveis. Perde-se a história da família e a biografia do indivíduo. As lembranças partem-se ao meio. Difícil reconquistá-las sem prejuízo. A espoliação da memória parece despertar em Miralva e Moisés o desejo de ver seus filhos fixados, garantidos em algum lugar. Somente isso asseguraria alguma estabilidade na família que continua.

Como pensar em cultura popular em um país de migrantes? O migrante perde a paisagem natal, a mata, a roça, as águas, as matas, a caça, a lenha, os animais, a casa, os vizinhos, as festas, a sua maneira de vestir, o entoado nativo de falar, de viver, de louvar a seu Deus [...] Seria mais justo pensar a cultura de um povo migrante em termos de desenraizamento. Não buscar o que se perdeu: as raízes já foram arrancadas, mas procurar o que pode renascer nessa terra de erosão¹⁶⁶.

¹⁶⁶ BOSI, E. – O tempo vivo da memória. São Paulo, Ateliê editorial, 2004.

DE GARANHUNS A SÃO PAULO

Tinha. Os conhecidos que eu tinha era uns que vieram de lá, o finado Zumba (o Zezinho), Zezinho Zumba e o outro era... .. Esqueci o nome do cara agora. Era dois camaradas que tinha aqui só; no interior, no bananal. Eles moravam aqui no interior. Vim pra casa de um irmão. Tinha um conhecido lá que se chamava Nil, que veio pra casa desses colegas dele lá. Veio, que o irmão dele trabalhava no aeroporto.

Eu vim pra Itanhaém. Já tinha o contato dos meninos que vinham pra Itanhaém. Cheguei lá, fiquei numa pensão, arrumei um serviço... Eu cheguei lá mais os três meninos, aí fomos lá pro interior. Cheguei lá, ficamos no sítio de João Bernardo carregando banana, cortando banana: nós trabalhava na fazenda dele. Tudo bananal. Fiquemos na casa do Zezinho Zumba, que morreu agora. Eu estava lá em Pernambuco e soube que ele tinha morrido. E o Daniel, que veio comigo, casou com a filha dele. Está no interior aí. Zezinho Zumba já sabia que eu vinha porque eu tinha escrito pra ele. [...]

De ônibus. Desci na rodoviária lá perto da igreja, na Corélia Nordestina. Pegava em Garanhuns e desci aqui na rodoviária velha. [...] Passava ali no Rio de Janeiro, onde tem o [morro do] Corcovado, passava... .. Olha, não sei bem onde. Passava por todo canto. Passava pelo São Francisco; de barca, que naquele tempo não tinha ponte. A gente saía do ônibus, ficava tudo na balsa. Aí ia tudo em pé em cima dela. O ônibus vazio. [...] Só não era gostosa pra gente, que não sabia nadar. Era meio arriscado. Guarda-mão de um lado, guarda-mão de outro, o ônibus ficava no meio. Se afundasse, a gente se pendurava nela até... Mas era bom. Agora, não. Agora não passa mais. Quando passa, passa nas pontes.

Descia na Estação da Luz... .. Deixa eu ver como era o nome lá... .. É que faz muitos anos... Estação da Luz era rua... Rua... Rua... Esqueci o nome da rua agora. Descia ali na Estação da Luz, ficava lá na praça ali mesmo, e ali mesmo tomava o outro ônibus pra onde quisesse ir. Vim de Garanhuns e lá mesmo tomei o ônibus pra Itanhaém. Itanhaém fica de Santos pra lá. Fomos direto pra Itanhaém, passamos aquela Ponte Pênsil, sabe? Via tanta água que o pessoal falava, a gente ficava meio atrapalado quando passava naquela ponte ali. Ficava meio doido. Porque disse que o

primeiro cara que fez aquilo ali, morreu – o engenheiro. Ele fez a ponte, e no dia da inauguração – assim dizia os caras que moravam ali – ele olhou pra um lado, olhou pro outro, viu que a ponte tinha ficado pensa, se atirou no mar e morreu. Ainda passa ônibus ali? Que quando eu passei ali foi de ônibus. Que tem bastante anos que eu não vou pra Santos. De lá pra cá eu não fui mais. [...]

Medo, não. Que eu não tenho medo de nada. Se tivesse que acontecer alguma coisa, acontecia. Mas medo eu não tive, não. Medo eu só tenho da noite, que acontecesse alguma coisa comigo à noite. Mas no correr do dia, andando, fazendo as coisas, pra mim todo canto estava bom. Eu gostava muito de andar, sem bagunça onde os outros andavam, de festa, de baile, essas coisas assim. Quando eu ia mais um, se eles iam dançar, eu ficava embaixo esperando. Igual quando eu ia ali na ponte perto do [bairro do] Brás. Ali tinha umas coisas, uns forró, uns negócio assim. Eu ficava lá encostado e os caras desciam ali. Um dia eu estava encostado lá, a polícia chegou pra pegar uma briga lá, desceu e deu um cacete nos caras. E eu estava do lado de cá mesmo, não fiquei nem aí. O pau quebrando lá e eu aqui sossegado, até sem documento porque a minha carteira tinha levado pra firma. Eu fiquei lá encostadinho, pensei: ‘Nem documento eu tenho. Se me pegasse assim sem documento eles iam me levar preso...’. Graças a Deus, nesse dia eles não chegaram nem perto de mim. [...]

Morei em favela. Na Vila Jóia. Aqui em São Domingos. Mas eu dei um jeito de não criar os meus filhos ali. Deus me ajudou e eu terminei de criar meus filhos aqui... E agora eu estou puxando pra outro canto. Peguei dos outros pra criar. Já criei os meus, agora vou criar meus netos em outro canto. Eu quero ficar num canto mais sossegado. Um canto sem poluição... Mas lá está crescendo. Quando eu ver, eu estou dentro da capital. Daqui a pouco estou no meio da cidade. Aí eu vou ter que procurar outro canto mais sossegado.

A migração de Moisés para São Paulo não teve razão única. Como grande parte dos nordestinos que fazem este deslocamento, houve motivação causada pela seca e pela pobreza. Entretanto, como já o ouvimos a respeito do assunto, o que finalmente o conduziu à mudança foram duas situações pessoais muito agudas: o falecimento da esposa e a rivalidade com um irmão de seu padrasto.

O tema não é coisa à toa para o nordestino. Sua saída de Garanhuns é ferida ainda aberta. Moisés sofre quando fala da penúria vivida àquela época, se emociona ao

lembrar os impasses acerca de sua vida familiar no Burgo, e chora ao narrar o momento em que confia ao sogro a criação dos filhos.

Paulatinamente, os temas vão sendo apresentados um a um. E, diga-se de passagem, muito mais em decorrência da memória do depoente – que costura os assuntos livremente – do que em razão de algum expediente metodológico de fato eficaz nesse sentido. Ele me explica como se faz uma cama de vara, tal qual usava juntamente com sua mãe e sua irmã.

Você faz quatro forquilhas e enfia no chão. Quatro estacas. Faz que nem um engradado. Não tinha cama. Não tinha dinheiro pra comprar cama... Aí, você enfia seis pauzinhos assim, seis ganchos. Põe a vara de pau assim, fincado de um gancho pra outro. Põe outras travessas no meio e põe outras assim. Amarrava com prego, fazia com prego. Ficava um lastro. Naquele lastro ali ficava o colchão. Aí, punha o colchão em cima e descansava assim. [...] Eu dormia mais ela mesmo. Nesse canto. Ela pra um lado, eu pra o outro. Era eu, minha irmã [mais nova] e ela.

A doença fatal da mãe separou as duas crianças. Cada um para lados diferentes, passadas quatro décadas, Moisés tem notícias imprecisas sobre a irmã. O afastamento da família ainda o arrasa.

Disse que está em Caruaru. Mas eu não vi mais ela, não... Depois que eu vim de lá pra cá. Está com mais de quarenta anos que eu saí de casa. E aí fiquei jogado no mundo que nem um... ... Que nem um bicho qualquer.

O distanciamento dos entes queridos – pessoas com laços de sangue ou não – pode obliterar a história do próprio indivíduo. Perdido o contato com aqueles que figuraram como parceiros – pessoas que me acompanharam nas brincadeiras, nas refeições, na escola, no dia-a-dia de forma geral – rompe-se também o sentido de minha memória amparada no que foi experienciado no grupo familiar ou social. Os fatos por mim narrados não podem mais conhecer o contra-ponto de quem assistiu de outro lugar (próximo) determinada situação. Algumas lembranças desses camaradas, coisas que individualmente podem ter caído no esquecimento, ajudariam a reconstruir minha própria história e a história do grupo. As recordações que os outros têm de mim, por

exemplo, ficam inacessíveis se esses parceiros se dispersaram ao longo da vida. Quem poderia contar algo sobre a criança que foi Moisés? E a respeito do adolescente? Todas essas pessoas estão distantes agora. *Está com mais de quarenta anos que eu saí de casa. E aí fiquei jogado no mundo que nem um... .. Que nem um bicho qualquer.*

Longe de qualquer pessoa da família, Moisés foi morar no Burgo. Não obstante, o lugar não se tornou sua casa. Em todas as vezes que cita ou comenta o assunto parece ter criado uma convicção de que não se estabeleceria ali. Em geral, o que diz se liga ao conforto material. Histórias sobre brincadeiras ou amigos, episódios que indicassem uma proximidade entre ele e alguém da casa, nada disso aparece.

Eu, quando cheguei lá fiquei quase rico. Que ele era fazendeiro forte. Eles tinham muito café. Tinham muito café, tinham muita grana. Quando cheguei lá, eu vi o céu aberto pra mim. Até os meu quinze anos, dezesseis, não me faltou mais nada. De lá pra cá, até a data de hoje, não me faltou mais nada. Só me faltou na época de meus sete anos, que eu era pequeno. Depois da época que eu fui morar mais eles, de lá pra cá não me faltou mais nada. Depois me casei.

A decisão de sua mãe sobre a quem confiar sua criação parece ainda um enigma. Os laços que ela teria com aquela família não eram propriamente de amizade.

Conhecidos. Minha mãe trabalhava pra eles, às vezes. Apanhando café. Quando ela viu que não tinha mais condição, ela me deu pra eles. Fiquei morando mais eles, me casei, minha mulher morreu, vim me embora pra cá. Eles também já morreram tudo também. Sobraram somente os netos, os sobrinhos.

Merece atenção a rapidez com que encadeia os assuntos, aparentemente sem ligação direta. O que Moisés faz é definir pontualmente alguns marcos de sua vida, os eventos pontiagudos. Ouvi-lo é, muitas vezes, compartilhar sua vertigem.

Em seguida, o depoente elabora uma lista de quem fez parte de sua vida naquela fase. Fala de pessoas próximas de quem ficou afastado por quarenta anos. Quase todos falecidos.

Tem a Juraci, tem a Cida, tem a Lílian... A Juraci, o marido dela morreu atropelado. A Cida, o marido

morreu atropelado também. Morreu o pai dela, o Jair. Morreu a Áurea, morreu Arlindo, morreu João. Morreu tudo. Acabou toda a família. Morreu o finado Alberto... A filha dele era muito estudiosa. Estudava no colégio XV de novembro. Mas ficou desorientada. Não conversa com ninguém, não fala com ninguém. Só fica na cama, só. Estudou muito. Você chega lá e fala com ela, ela olha de lado assim, fala uma ou duas conversinhas e não fala mais nada... ...

Algo se perdeu nesse meio tempo. Ficou interrompida na idade adulta a convivência com pessoas que lhe foram marcantes na infância. Impedida esta continuidade é a própria história de Moisés que contém um hiato. A lacuna dói. O intervalo em si mesmo ostenta um golpe, a manifestação de um desenraizamento.

Seja cuidando agora dos filhos que lá ficaram, e ainda mantêm contato, seja criando em seu sítio os netos órfãos¹⁶⁷ de pai e abandonados pela mãe, Moisés parece desejar alterar o curso dessa história de rupturas.

Tem minhas filhas lá, a Fátima, as netas, que cuidam. Agora eu vou levar essa turma pra inteirar. Vou aumentar mais minha família. Tem que levar. Aí, você vai aparecer um dia lá, que eu duvido.

Moisés faz um convite. Parece uma convocação, um chamamento. E ainda é, ao mesmo tempo, uma provocação e um desafio.

- Você vai aparecer um dia lá, que eu duvido.
- Você duvida que eu vá lá?!
- [Olhos marejados]. Não acredito.
- ...
- ... [Desolado].
- Bom, você duvidava que eu viria aqui também.
- Aqui é diferente. Aqui é uma coisa, né Fernando?! Aqui é uma coisa, e lá é outra. Aqui você... Bom, lá se você quiser, você faz a mesma coisa. Mas lá vai te dar mais despesa. Porque se você for de carro, você vai gastar dois dias ou mais. Demora muito. De avião, você vai até Caruaru. De Caruaru, até lá é meia hora de viagem de carro. Mas também a passagem é mais cara. [Olhos continuam marejados]. Então, por isso que eu disse que é difícil. Quer dizer, pra Deus nada é difícil.
- Você acha que eu não tenho dinheiro pra ir lá, ou eu

¹⁶⁷ Gustavo, Juliana, Marta e Moisés Neto. Mais adiante trataremos do assunto.

não quero gastar o dinheiro pra ir lá?

- Dependendo da sua necessidade, porque você gasta muito. Você tem suas obrigações na sua casa, tem suas coisas. Você vai pegar e dizer: 'Não. Vou pegar dois mil cruzeiros e vou em Pernambuco agora...'. De repente... .. Você não vai fazer isso.

- Mas você fazia gosto que eu fosse lá?

- Ah, é claro! Se você fosse lá, pra mim era melhor. A gente zoar lá, comer o mamão no pé, comer uma pinha, comer o coração da Índia. Levar você no sítio, andar sossegado, conhecer Garanhuns... Dá pra pegar bastante fruta: caju, manga. Tem uma pá de coisa lá. Mas eu não acredito, não. Você não vai sair daqui pra ir lá, não. Pra você conhecer Garanhuns, pra você ver que cidade bonita. Não é tão bonita. Tem as condições que a gente fala assim. Que não é que nem São Paulo. Dá quase uma imitaçãozinha pouca, mas dá! O maior prédio que tem lá em Garanhuns é só a igreja mesmo. Que os outros prédios são três andares, são quatro andares. Não tem prédio arranha-céu, não.

O assunto ainda avança a partir daqui, e vai alcançar uma comparação entre as cidades de São Paulo e de Garanhuns. Mas precisamos nos deter um instante. O diálogo transcrito revela algo. Aliás, o que nos faz descobrir é mais do que poderíamos compreender em um só lance. São somente os muitos quilômetros, as horas de viagem, o dinheiro gasto, o que o põe a duvidar? Neste momento, o que lhe parece tão impossível? Não acredita no meu desejo de encontrá-lo?

Quando Moisés me solicita em sua nova casa não o faz de forma convencional. Não trata a questão como sendo simplesmente um convite. Ele fala como quem me incita a fazer algo penoso, alguma coisa – presumivelmente – além das minhas possibilidades. O ex-gari parece convicto de que ir ao seu encontro em Pernambuco é uma tarefa difícil de ser executada.

As razões alegadas são legítimas: o custo financeiro da viagem, as horas gastas, outras responsabilidades. Tudo o que diz é bem convincente. No entanto, paradoxalmente, ele próprio não se convenceria por estes meios caso eu justificasse assim a negativa à proposta – ainda que temporariamente.

Moisés deixa algo no ar. O que fica pairando sobre nossas cabeças leva a considerar que existem barreiras entre a gente. Quais seriam? Deveríamos levar em conta o antagonismo de classes, mesmo treze anos após termos nos conhecido? Que sentido haveria nisso? Já estivemos um na casa do outro. Nossas famílias se conhecem.

Dividimos refeições incontáveis vezes. O que mais faltaria? Teria sido suficiente?

Poderíamos deixar em suspenso uma discussão que considerasse nossas diferenças sócio-econômicas, e centralizar o foco naquilo que são suas características de personalidade. Moisés não passou por pouca coisa. Muitas foram as vezes em que ele literalmente despencou. Cresceu sem conhecer seu verdadeiro pai e, ainda moleque, testemunhou a grave doença e conseqüente falecimento de sua mãe. Na casa em que cresceu sentia-se meio hóspede. Infância e adolescência constituíram um mosaico de dúvidas acerca de qual era ali o seu lugar. A forma como deixou o Burgo representou uma grande ruptura. Pouco antes disso havia falecido sua esposa. Esteve quarenta anos afastado dos filhos. Teve muitas ocupações profissionais, sempre como subalterno e vivendo com sérias dificuldades financeiras.

Foi este homem que conheci na condição de “estudante-estagiário”, alguém com quem Moisés levou um bom tempo para se acostumar. No começo, o cachimbo chegou a imaginar que se tratava de um espião, um indivíduo destacado pela USP para fiscalizar os serviços de seu grupo. Mais adiante, encerrada essa fase em que eu contava como delator dele e de seus companheiros, ele esteve mais relaxado na minha presença, embora bem distante de me tomar como alguém interessado realmente em estar entre os trabalhadores. Foram quase três anos até que, espontaneamente, Moisés me desse a primeira bronca. Contraditoriamente, ter assumido de modo ostensivo comigo a posição de chefe não foi o estabelecimento de uma nova barreira, mas uma possibilidade de abertura. Tivesse reagido diferentemente dos demais – normalmente calar e trabalhar – eu teria soterrado uma oportunidade de estarmos mais próximos. Isso valia somente para mim, o estudante rico metido entre os garis. Com os outros talvez representasse mais uma bronca, e nada além disso.

Pois bem. Estávamos ali, novamente reunidos por um desejo meu. Eu, mais uma vez, interessado em obter algo com ele. A posição de entrevistador pode ter me instalado em um lugar acimado, restringindo a conversa a um encontro assimétrico, de sentido confuso para o entrevistado. De novo, eu e ele apartados. Eu perguntando e ele respondendo. Antes, ele em seu mundo de trabalho e eu *observador-participante*: ele se abrindo e eu olhando pela fresta. Agora, eu de posse de um roteiro; e ele como animal enjaulado procurando a saída. Moisés não poderia estar à vontade. Talvez estivesse mais relaxado tendo a mim como repórter ao invés de algum outro que não conhecesse há tanto tempo. Mas era compreensível seu desconforto.

Entre uma possibilidade e outra, fico com as duas. Devemos admitir que Moisés

tem razões para duvidar de meu desprendimento. As barreiras psicossociais que nos separam exigem convivência demorada para caírem de fato, e estejamos sempre prevenidos de que elas jamais se ausentariam senão em circunstâncias bem radicais, de passagem irreversível para o lado de lá, algo que nos incluísse em uma *comunidade de destino*¹⁶⁸. Além disso, que motivos haveria para que ele confiasse em um vínculo estreito sem decepções ou fissuras? Sofrendo com tantas feridas ainda abertas, que razões teria para supor que houvesse para nossa amizade um destino feliz?

Minha ida até Garanhuns tornou-se um *rito de passagem*, uma *prova de ingresso*. Somente em sua terra natal, entre os seus, somente tendo viajado tantos quilômetros, haveria mais consistência naquilo que nossa amizade pleiteava. Moisés teve razão – conscientemente ou não – de tratar o convite como desafio. Precisávamos daquilo.

Retomemos o anunciado anteriormente: as diferenças que Moisés diz haver entre Garanhuns e São Paulo. Inicialmente, ele parece confuso acerca do que realmente distingue as duas cidades.

A natureza... ... O jeito da cidade... ... Cidade é
tudo uma porcaria só! Não faz diferença nenhuma...

A hesitação repousa em fato interessante. Não são as cidades que se mostram diferentes – a arquitetura, os bairros, as ruas e avenidas, o comércio. O que Moisés nota – assim como Nilce relata – é uma cultura diferente, hábitos que imprimem um ritmo à vida cotidiana que, de uma forma ou de outra, movimentam e transformam a cidade pernambucana e a capital paulista em lugares que pouco têm em comum.

A correria. Que aqui, a correria de São Paulo é
diferente de lá. Lá, todo mundo trabalha, todo mundo
corre. Mas é menos. O pessoal não corre tanto que nem
aqui. É a mesma coisa assim sobre serviço. Pra
trabalhar, é a mesma coisa. Mas não tem tanta correria
que nem em São Paulo, porque em São Paulo todo ano
eles inventam.

¹⁶⁸ “Já exclui, pela sua própria enunciação, as visitas ocasionais ou estágios temporários no *locus* da pesquisa. Significa sofrer de maneira irreversível, sem possibilidade de retorno à sua antiga condição, o destino dos sujeitos observados”. BOSI, E. – O tempo vivo da memória. São Paulo, Ateliê editorial, 2004.

Moisés vai adiante, emenda um assunto em outro e opina firmemente a respeito do horário de verão, modificação na hora oficial que é estabelecida como referência nos estados que compõe as regiões sul, sudeste e centro-oeste do país.

Esse horário novo é uma complicação pra pessoa que trabalha. Porque se você levantava antigamente sete horas... .. Você levanta agora às cinco da manhã. Em São Paulo, esse horário é um horário desmantelado. Porque você sofre mais, Fernando. Porque lá [em Pernambuco] é seis horas, o dia está alto já. Você toma banho, escova o dente. Se você for morar no sítio e trabalhar em Garanhuns, vai andar de carro dez minutos, vinte. Dá pra você ir e pegar seu serviço sossegado. Aqui, não. Aqui você sai, é o ônibus cheio demais, é complicação.

A intenção justificada dos dirigentes políticos do Brasil – economia de energia elétrica – não contempla as razões e as dores dos trabalhadores. Garis, operários, entregadores, pedreiros, faxineiras, padeiros, motoristas, porteiros, pessoas que ocupam ofícios braçais em geral – quem acorda mais cedo sempre é seriamente prejudicado pela convenção que estabelece alterações na forma como aderimos ao fuso horário. Os danos ao organismo podem levar décadas para produzir sintomas claros, mas o desconforto físico e psicológico pode ser imediato.

A distinção entre o que se passa nas regiões nordeste e sudeste é que – basta observar o mapa-múndi – nos estados da primeira o fuso está sempre mais adiantado, isto é, o sol nasce e se põe mais cedo que nos estados da segunda. *Porque lá é seis horas o dia já esta alto.* Ainda que o horário de verão fosse estabelecido lá também – mas não é – o estrago seria menor.

Moisés prossegue:

[Em São Paulo] Você anda assombrado. Você vai, mas não sabe se vai e volta. A população daqui só vive assim. Você está aqui e não sabe o que está acontecendo com sua própria família. Na minha cidade, não. Você sabe que vai e volta.

O assassinato do filho faz rememorar outras histórias interrompidas abruptamente, traz à consciência do ex-gari uma concepção que o deixa inseguro acerca da vida na capital paulista.

Aí vêm as referências da cultura, mesmo que associadas às feiras livres e ao comércio em geral. As formas pelas quais se compra e se vende, as maneiras como são expostas as mercadorias ou como são arrumadas as lojas, tudo indica um meio através do qual uma cultura se expressa – ainda que o tempo todo planificada pelo que impera no capitalismo. Podem ser fatos bem distintos entrar em um estabelecimento comercial em São Paulo ou em Garanhuns, assim como não são experiências idênticas fazer uso de um cartão de crédito ou lançar mão da caderneta do pequeno feirante. Por detrás da troca mercantil ainda há troca interpessoal, mesmo oprimida, magrinha, anoréxica, escondida entre cifrões.

E você chega lá na feira, chega no CEASA, tem as vestimentas. Você vê quase todo tipo de fruta: abacaxi, melancia, laranja, tudo assim na rua pra vender. Vende pão, vende queijo, vende manteiga, vende tudo. Peixe, carne. Na feira de quinta-feira, tem carreira de carne que some. É carreira de carne de um lado e carreira de peixe e de frango de outro. Você vai até o fim da avenida e volta. Todo tipo de carne que você quiser, tem. Peixe que você quiser, tem. Todo tipo. Por isso que eu digo que eu tenho vontade de você ir: só pra você gravar as feiras lá. É um negócio mal feito porque não tem a conservação que tem aqui. Porque você vê: as feiras que têm peixe é tudo coberto com vidro, os açougues é tudo no ‘freezer’. Lá, não. Você está no meio da feira e a carne está solta lá. O dia que você for lá, você vê. As carnes tudo pendurada assim. Você escolhe e eles cortam do jeito que você quer, com osso e tudo. Tem o CEASA: também a mesma coisa. Lá em baixo tem o municipal, açougue grande, velho, antigo. Vende tudo: vende farinha, vende feijão, vende carne, vende tempero, vende de tudo. É igual a feira de Caruaru: tem de tudo pra vender. Aqui já é um tanto difícil pra essas coisas. Lá, não. Lá, tem a liberdade.

Liberdade?

No *Houaiss*¹⁶⁹, condição daquele que não se acha submetido a qualquer força constrangedora física ou moral; grau de independência legítimo que um cidadão, um povo ou uma nação elege como valor supremo, como ideal. Moisés afirma que em Pernambuco as pessoas se sentem mais à vontade, têm mais espontaneidade em seus movimentos, não se sentem tolhidos como ocorreria em São Paulo. A condição que um

¹⁶⁹ Dicionário da Língua Portuguesa.

indivíduo tem de exprimir-se de acordo com seus desejos ou sua consciência é um bem em si mesmo. Os cidadãos paulistanos residentes, na sua visão, sentem-se de alguma maneira impedidos, submetidos à necessidade de uma espécie de licença.

Uma das primeiras coisas que reparei chegando à sua terra natal era a relação espontânea que manteve com os vendedores – ambulantes ou não. Logo pensei: *Nossa! Moisés conhece muita gente por aqui*. Não era nada disso. Havia como que uma permissão generalizada entre os sujeitos, autorização para se dirigirem uns aos outros como conhecidos, não como estranhos. Todos pareciam ter o mesmo direito de serem francos entre si. Se quero tal mercadoria, digo que quero e faço uma oferta ou aguardo o vendedor asseverar o preço. Se não me é acessível, comunico isso e pronto. Não há rudeza neste ato, como poderia parecer a olho nu. Notei que as coisas ali são assim, simplesmente. Em contrapartida, o que Moisés pode ter sentido em São Paulo é um mascaramento, uma conversa sobre comprar e vender que se coloca de maneira dissimulada. Em Garanhuns, ele sente que há menos disfarces, estão todos menos tensos.

O que se perde em uma mudança de cidade? O que deixam para trás um sem número de migrantes que desembarcam todo ano nos estados do sul do país?

Entre os mais fortes motivos desenraizadores está a separação entre a formação pessoal, biográfica mesmo e a natureza da tarefa, entre a vida no trabalho e a vida familiar, de vizinhança e cidadania¹⁷⁰.

Uma vez que o migrante deixa de reconhecer a paisagem de sua terra natal, bem como os hábitos e códigos sociais aí estabelecidos – alimentares, culturais, religiosos – o sentido de sua própria existência fica desarranjado. Nessas circunstâncias, a construção da personalidade do indivíduo – mediada e fundada em relações intersubjetivas muito determinadas – fica pensa, entorta. No deslocamento de Pernambuco a São Paulo há coisas impossíveis de serem carregadas. Elas fazem muita falta.

¹⁷⁰ BOSI, E. – O tempo vivo da memória. São Paulo, Ateliê editorial, 2004.

LETRADOS E ILETRADOS

Depois do bananal em Itanhaém, eu vim pra São Paulo trabalhar na Alcântara Silva. Era uma construtora.

Os trabalhadores braçais, em geral, necessitam se submeter a qualquer tipo de atividade profissional, independentemente de suas experiências anteriores ou até de alguma qualificação que possuam. A fome e a miséria os obrigam a assumirem ofícios os mais variados. Quem tem a própria sobrevivência ameaçada não pode esperar uma nova oportunidade de emprego, mas necessita agarrar-se às que por ventura aparecerem.

Tudo o que tinha de obra a gente fazia lá. Aquelas coisas de concreto, tudo isso era o movimento da gente. Depois, saí de lá e fui trabalhar na Adolpho Lindenberg. [...] Quando eu cheguei lá, o salário era deste tamanhinho. Mas também eu sofri. Passei um bocado de privação, mas superei com o poder de Deus. Não tinha onde morar, morei em favela, paguei aluguel, pedi um troco.

Grande parte das vezes, os operários são contratados como se o empregador estivesse negociando a compra de novas ferramentas, tão grande é o número de desempregados e tão miúdos são os objetivos – apenas mercantis – de quem admite os novos funcionários.

Naquela época tinha uma base de uns setenta homens no alojamento. Era os beliches... Fizeram um barracão grande como essa casa aqui. Em cima, ele ia até metade da rua. A gente via as pessoas passando. Por cima, passava as perobas assim, pegava por cima pros caras passar por baixo. A gente ficava dormindo em cima, e os caras passando por debaixo. Era muita gente passando por ali. A gente ficava assim. Tinha uma escadazinha ali pra gente subir. Tinha o quarto do chefe da obra, do engenheiro, e por baixo tudo os peão dormindo assim. Ficava aquela carreira de beliche, tudo feito de caibro. Botava o caibro daqui pr'ali e depois dividia as camas. Está entendendo? Depois colocava o outro caibro. Aqui fazia a altura da cama de um, aqui

fazia a altura da cama de outro, e em cima fazia a cama de outro: fazia três camas. Era aquela fileira de fora a fora! Era uma base de uns oitenta homens pra mais mesmo. Lá, eu passei nove meses. Depois, eu fui pra Engenharia Palmeira Limitada.

O exército de reserva de mão-de-obra é aquilo que garante ao capitalista a manutenção dos salários de seus operários em um nível miserável; além disso, garante também que não vão faltar homens para ocuparem os postos de empregos nas indústrias e na construção civil.

Naquele tempo, todo mundo que chegava aqui trabalhava. Nordestino saía de lá – igual tem muitos aí, que não sabia nem nada – e melhoraram. Não tinham nada, mas tinham liberdade: podiam trabalhar. Toda hora arrumava serviço: era servente de pedreiro, era encarregado de obra, era ajudante de não sei o que. E a gente ia levando a vida assim. Mas se fosse nesse tempo de agora, que o cara vinhesse pr'aqui, não arrumava mais não, Fernando. Um cara pobre vir aqui, sem estudo... Melhor ficar cavando minhoca na ribanceira do que vir aqui pra São Paulo. Aqui não arruma mais nada, não.

A enorme oferta de mão-de-obra encurrala o trabalhador pobre. Sua força de trabalho, por isso, tem o valor determinado pelos donos dos meios de produção. Eles é que – de cima para baixo – estabelecem os parâmetros de remuneração. A questão salarial, por essas razões, constitui sempre um desafio para os sindicalistas e os que militam em favor da classe proletária. Mas não deveria ser o único. O foco demasiadamente centrado na condição da remuneração dos trabalhadores faz pensar que tudo se resolveria nessa esfera, ficando em suspenso, infelizmente, discussões que colaborassem com o enfrentamento político e histórico do tema.

No tempo que eu cheguei em São Paulo. Um terreno ali custava cinco mil réis. Está entendendo? É muito dinheiro. Pra ganhar cem cruzeiros precisava trabalhar o mês inteiro... Lá no bananal, precisava trabalhar que nem cavalo pra ganhar cem cruzeiro. Era mil cachos de banana, não sei... E ganhava aqueles mil réis vermelhinho. Quando vim pra São Paulo aqui, eu ganhava cento e pouquinho. [...] O técnico de manutenção nunca teve um reajuste certo. Porque um

técnico de manutenção tem que ganhar o suficiente. E o que eu ganho hoje, pra mim é pra aquela coisinha mesmo... Me tiraram como encarregado me dizendo que eu ia ganhar mais como técnico de manutenção. Mas até agora eu não vi nada. No fim das contas, ficou umas férias minhas, que eu falei pra você. Pagaram e depois pegaram... Porque botaram na minha conta. Eu estava com necessidade, fui lá e peguei esses mil cruzeiros. Depois, ligaram umas duas vezes lá em Pernambuco, e eu disse que não tinha condição. Falaram que iam colocar meu nome no SPC.

Moisés é um ex-lavrador. Como milhões de outros trabalhadores rurais sem terra própria, migrou para a metrópole em busca de alcançar melhores condições materiais de vida. Sua experiência, como ele conta, era pouca: plantar, cultivar, colher e comercializar. Mas, paradoxalmente, sua experiência era suficiente para ocupar uma outra série de funções na área da construção civil. Isto se deve ao fato de que o trabalho designado aos cidadãos pobres é fraturado e simplificado ao extremo, constituindo um desgaste físico intenso, mas pouco variado; como nas linhas de produção, o operário da construção civil tem sua atividade restringida a uma série pouco variada de movimentos constantes e repetitivos.

A gente vai saindo de um serviço e vai entrando em outro. O camarada que trabalha em roça, ele já tem a experiência de trabalhar em fazenda. Então, você já sabe mexer com qualquer coisa. Você chega nesses lugares assim, quase que não tem diferença nenhuma. A única diferença que eu achei foi só fazer o teste pra mexer na armação de ferragem. O resto foi fácil. [...] Voltar pra trabalhar não volto mais, porque vivo todo inchado, cheio de dor pra todo lado...

Do ponto de vista intelectual, o que lhe resta como desafio é ínfimo. Além de um regime nocivo ao corpo como um todo, o sujeito preso às tarefas como as que Moisés executou tem sua própria iniciativa enclausurada e o empenho de sua inteligência oprimido ou negligenciado.

Foi quando o prédio me puxou. E me arranhei isso aqui tudinho. Até hoje ainda deve ter corte, deve ter arranhão. O pilar me puxou, me rasgou assim tudinho os braços, por aqui pelo peito... Os ferro machucaram tudo meu peito. Machuquei daqui assim pra cima.

O que permitiria ao trabalhador braçal alcançar destino mais digno seria uma qualificação técnica e escolar incrementada, um apanhado de atividades intelectuais que mobilizasse seu desejo, seu entusiasmo e seu pensamento. De posse de melhor formação, os proletários alçariam vôos mais altos. Não obstante, não é essa a nossa realidade. Quando muito, o que temos é uma oferta de escolarização voltada à reiteração tecnicista, uma oferta de estudos que na melhor das hipóteses perpetuaria o aprendizado voltado às necessidades do mercado. São ‘telecursos’ para reproduzir técnicos em eletrônica ou mecânica, são grades curriculares na rede pública de ensino que não fazem outra coisa se não fabricar estupidez formatada para vagas de emprego.

Protestemos contra o plano de ensino instrumental ou simplificado para os pobres e ensino alargado para os ricos. A divisão de competências entre ricos e pobres seguiu impunemente a divisão entre trabalho intelectual e trabalho braçal, derivada da oposição classista entre quem manda e quem obedece, quem administra e quem faz¹⁷¹.

Moisés – como outros milhões de brasileiros pobres – é analfabeto. Tal condição o conduziu forçosa e freqüentemente a mudar de trabalho. Pediu empregos em vários lugares. Assumiu sempre a primeira vaga que aparecia. Rumou desorientado por algumas funções assemelhadas apenas exteriormente. Quando pôde fixar-se na mesma área assumindo posição hierárquica mais elevada, faltou-lhe a leitura e a escrita.

Queriam que eu passasse a ser encarregado de pedreiro, eu não quis. Porque eu não tinha leitura. Leitura é sempre uma boa pra saber ver as coisas tudo certinho. Antigamente, eu até sabia alguma coisinha, mas depois eu esqueci de tudo. Pro cara fazer isso aí carece de ele ter um estudo. [...] Fernando, o camarada trabalha tantos anos, corre que nem um cachorro, depois aparece uma porcaria, o camarada faz e pega. Porque se eu soubesse que não era meu, eu não tinha pegado. Fiquei pagando, e só porque ficou faltando uns dias porque eu não tinha condição de pagar, ela arrumou os telefones com a menina aqui. Eu falei que não tinha condição, que era pra fazer o que ela quisesse. Que eu estava meio gasto com isso aí. Até hoje não

¹⁷¹ GONÇALVES FILHO, J. M. – “Cultura e Formação: notas marginais”. In: Pensamento Cruel – Humanidades e Ciências Humanas: há lugar para a Psicologia? São Paulo, Casa do Psicólogo, 2007.

deram baixa na minha carteira. Estou com minha carteira fichada, e não sei como é que vai ser.

Devemos pensar o analfabetismo como uma forma de desenraizamento. Afasta o homem do contato com a cultura formal que o rodeia. Impede a compreensão das leis e regras jurídicas que vão determinar, de uma forma ou de outra, o seu lugar no mundo. O analfabetismo segrega sujeitos maduros, indivíduos experientes e detentores de uma sabedoria da qual somos carentes – nós, intelectuais que tendemos a pensar isolados. Um homem que não sabe ler nem escrever é mantido preso na pré-história da humanidade, torna-se escravo daquilo que não alcança intelectualmente, é refém da sua ignorância acerca de um mundo que para ele é estranho. O analfabetismo é condição humilhante.

O analfabeto não pode habitar o mesmo mundo simbólico que os seus semelhantes instruídos habitam. O analfabetismo, dessa forma, produz traumas e sintomas psicológicos muitas vezes insuperáveis, e sempre dilacerantes. Quem não domina a escrita e a leitura está condenado a sofrer porque, impotente, vê limitadas todas as suas expectativas e tem soterrado o seu ânimo. Em um mundo de palavras, o analfabeto pode sentir-se como pessoa que vegeta. O analfabetismo desenraiza.

Todavia, consideremos aqui uma outra contradição. Se é verdade que em um mundo orientado por letras não dominar a escrita e a leitura torna-se fatalmente um problema, não é verdade que a situação diametralmente oposta só reserva boas coisas. O conhecimento não pode ser tomado como algo colado à cultura formal, que coincide com o que se admite nos bancos escolares. Cultura, aliás, não é mercadoria que alguns possuem e outros carecem.

Confundimos cultura e cultura letrada. Confusão que nunca foi rara nem é recente. Tem antecedentes políticos no fato antigo de que a dominação, embora não constituindo condição suficiente e tampouco necessária para o nascimento das letras, valeu-lhes frequentemente como incubadora. A dominação estimulou o desenvolvimento letrado da cultura, ao mesmo tempo ameaçando afiná-lo e apequená-lo por inflexão sempre em sentido utilitário, interesseiro ou subserviente. As letras serviram aos dominadores, seus negócios e guerras. Os letrados viveram muitas vezes sob a sombra ou atração dos nobres e dos ricos, privilégio aristocrático e plutocrata. A arrogância dos senhores tornou-se assiduamente arrogância dos

letrados a seu serviço – um círculo de fetiche e prestígio incluiu quem escrevia e lia¹⁷².

Ter cursado uma universidade, por exemplo, não seria o suficiente para tornar superiores os então outorgados ‘doutores’, da mesma forma que ler e escrever não necessariamente representaria um rebaixamento moral. O que se passa, nesse sentido, é que a dominação torna-se circunstância reprisada, ainda que sejam duvidosas as qualidades do diplomado.

Há cidadãos que vivem sob o limiar das letras, sem ler nem escrever, em regime oral de comunicação. Participam de um mundo sustentado pelo que dizem, fazem e iniciam, um mundo em que é inexistente, senão muito tênue, a relação com textos. Falantes, industriais e agentes; sujeitos que conversam, fazem e fundam mundos: estes cidadãos todos, todavia, são em lance rápido apontados como incultos, porque sem letras. Gente das classes pobres, na cidade ou nos campos, gente das nações indígenas: num golpe rápido são logo rebaixados como gente sem cultura, porque gente que não lê e tampouco escreve livros, documentos ou leis¹⁷³.

Esta manobra que faz querer coincidir cultura e cultura letrada tem como principal efeito o rebaixamento cultural dos analfabetos. Somente serão autorizados a constar como fundadores e agentes de cultura aqueles que atendem a esta condição.

A certa altura da entrevista, Moisés inclina-se a debater o assunto, ainda que a partir de um ponto de vista estritamente moral. Segundo ele, há atualmente uma tirania do estudo. Propõe que se acabe com isso, porque quando ele e outros migrantes chegaram a São Paulo:

Podia ser analfabeto, podia ser doutor, podia ser quem fosse: arrumava um serviço. E hoje é essa ditadura que se você não tem o ginásio completo, não tiver o curso superior, você não trabalha de servente.

Como há quarenta anos, seus conterrâneos que desembarcam em São Paulo não são alfabetizados. Este fato, nos dias atuais, virtualmente os exclui da possibilidade de

¹⁷² GONÇALVES FILHO, J. M. – “Cultura e Formação: notas marginais”. In: Pensamento Cruel – Humanidades e Ciências Humanas: há lugar para a Psicologia? São Paulo, Casa do Psicólogo, 2007.

¹⁷³ Op. Cit.

estarem trabalhando de imediato. Sua sobrevivência – e é isso que primeiro preocupa nosso depoente – fica ameaçada. Na época em que migrou era diferente. Moisés avalia supostas conseqüências da recente restrição, e assevera que a exigência de qualificação escolar conduz ao crime um grande contingente de desempregados.

Todo mundo tinha direito: um tempo que você chegava aqui em São Paulo e não faltava serviço pra nenhum nordestino. A danação de roubo que tem hoje é por causa disso. Porque o cara vem de fora, quando chega aqui não arruma serviço. Vão viver do que?! Se for pedir, o camarada não dá. Diz que ele é ladrão. Eles mete o pau com vontade mesmo! Vão matar, vão roubar, vão fazer a maior safadeza por causa do estudo.

Moisés não endossa nem valoriza a vida criminosa, mas alerta para as conseqüências que vê no fato de haver um grande contingente de desempregados. Em seguida, ensaia uma elaboração do tema. Verdade que parece prestar atenção na divisão entre trabalho braçal e trabalho intelectual de forma pouco satisfatória no que diz respeito ao aspecto histórico da coisa, mas, interessante, reclama a valorização de tarefas que não dependem de formação escolar para serem executadas.

Porque tem muitas coisas que a pessoa não tem... Porque se você tem um serviço grande, vai fazer uma construção: chega um analfabeto; o analfabeto sabe fazer o cimento, ele sabe cavar um barro pra fazer uma viga, sabe levantar o pilar, sabe fazer uma construção, sabe mexer com a madeira, sabe fazer de tudo. Não tem o curso superior, mas você tem precisão do serviço, você manda o cara fazer. Você sabe que ele está precisando do serviço e você também está precisando da mão-de-obra. Então, você põe o analfabeto pra fazer. O analfabeto vai ali e faz. Aí você diz: 'Ó, eu quero isso assim, assim, assim'. Ele vai fazer o serviço.

Há resistência nesse momento. Resistência pouco elaborada e ainda não informada acerca das determinações históricas da divisão dos trabalhadores em classes. Mas dá o que pensar. Moisés contra-argumenta a idéia de um regime de divisão do trabalho que conceda hegemonia valorativa ao que é puramente livresco ou acadêmico. Vale considerar o que nos diz o professor José Moura Gonçalves Filho quando reflete a respeito da reificação da cultura.

Contra esta operação sempre contou a resistência cultural e política dos oprimidos. Deles e daqueles que com eles imergiram em esforços ombro a ombro, retiramos a lição definitiva: cultura não é coisa, mas mundo vivo continuamente refrescado pelo trabalho, ações e palavras. Cultura é a expressiva fisionomia de relacionamentos dos humanos uns com os outros e com a natureza: modos de revolver e semear a terra, modos de obter alimento e de fazer casas, aldeia e cidade, de colher frutos ou fabricar objetos, modos de domesticar bichos e cozinhar, modos de organizar o poder, modos de abordar a natureza e o sobrenatural, modos de festejar e rezar, modos de cantar e dançar, modos de dormir e banhar-se, modos de sentir e pensar, de contrair alianças e guerrear, modos de viver e de morrer. O fato disso tudo (e mais ainda) ser acompanhado ou não pela palavra escrita não é indiferente: faz diferença, mas não decide se estamos ou não em presença de cultura. O fenômeno cultural impõe-se onde quer que se tenha desenvolvido a habitação humana e seus modos de ser, mesmo quando não tenham sido gravados sobre signos gráficos¹⁷⁴.

O analfabeto não tem formação escolar diferenciada, mas pode responder por serviços essenciais, como na construção civil. Moisés se orienta para uma avaliação um tanto inocente das circunstâncias. Não obstante, e de maneira nada ingênua, progride em um percurso que faz associar o projeto de adquirir cultura formal e o desejo de dominar. Vamos ouvi-lo.

Agora, você pega um doutor, estudioso, e põe aí pra cavar uma viga dentro do chão! Manda ele fazer um bradame em volta do ferro! Alguma coisa pesada dentro da terra, ele não vai! Ele não estudou pr'aquilo. Ele estudou pra médico. Você estudou pra cavar seis, sete metros de terra pra levantar um prédio?! Você pode estudar assim pra fazer o esqueleto do prédio. Mas pra você pegar na massa pesada, pra você mexer o concreto, assentar o tijolo e levantar o prédio... Você não quer isso. Você não gastou dinheiro pr'aquilo. Você gastou dinheiro pra mandar! 'Faz esse serviço ali!', não pra ir fazer aquele serviço.

¹⁷⁴ GONÇALVES FILHO, J. M. – “Cultura e Formação: notas marginais”. In: Pensamento Cruel – Humanidades e Ciências Humanas: há lugar para a Psicologia? São Paulo, Casa do Psicólogo, 2007.

O depoente aponta – novamente – para a separação entre trabalho braçal e trabalho intelectual. Isso revela segregação entre pessoas. Um ‘doutor’, alguém estudado, não vai admitir se sujar para cavar um buraco na terra, não vai curvar as costas e calejar as mãos se pode apenas ordenar que executem. E dirige-se a mim: *Você estudou pra cavar seis, sete metros de terra pra levantar um prédio?! Você pode estudar assim pra fazer o esqueleto do prédio. Mas pra você pegar na massa pesada, pra você mexer o concreto, assentar o tijolo e levantar o prédio... Você não quer isso. Você não gastou dinheiro pr’aquilo. Você gastou dinheiro pra mandar! ‘Faz esse serviço ali!’*, não pra ir fazer aquele serviço. Aqui ficamos distantes, eu e ele. O que nos afasta é a condição de quem manda *versus* o lugar de quem executa, não o fato de um de nós ter freqüentado as aulas na universidade enquanto o outro varria as ruas. Moisés indica os meios de nossa segregação.

Nem tanto a paridade de renda é condição para a igualdade quanto, inversamente, a igualdade é que tende a corrigir ou cancelar disparidades econômicas. A identidade de cultura ou o nivelamento de competências, por sua vez, estão também longe de representar condições para a igualdade: esta é que torna os encontros intelectuais ou profissionais uma ocasião para a troca e colaboração – na dominação, a diversidade torna-se pretexto para a desigualdade. Igualdade não é condição sobretudo econômica, cultural ou profissional: é condição política. Em seu elemento, entretanto, a riqueza e o conhecimento tendem à distribuição; o encontro de culturas tende à troca; e a diversidade de competências tende à colaboração¹⁷⁵.

O peso sobre seus ombros – o peso formidável da exclusão – pode tornar obscuras as razões efetivas do que de fato ocorre. O grande número de desempregados não pode ser tido pela população pobre como resultado de um sistema de produção perverso. A violência dessa realidade fica temporariamente amortecida se a origem do mal é deslocada. A exigência de qualificação escolar, mesmo para o exercício de tarefas em que tal condição não seria obrigatória, inverte a polaridade da equação. Uma seleção de profissionais que exceda critérios apenas faz diminuir o trabalho dos recrutadores. Varrer ruas e recolher lixo não exige conhecimentos aprofundados em álgebra, mas

¹⁷⁵ GONÇALVES FILHO, J. M. – “Cultura e Formação: notas marginais”. In: Pensamento Cruel – Humanidades e Ciências Humanas: há lugar para a Psicologia? São Paulo, Casa do Psicólogo, 2007.

certamente diminui em níveis importantes a quantidade de candidatos que vão se apresentar às vagas existentes se for estipulado que os concorrentes devem ter cursado, ao menos, o ensino médio. Esse é o crime: atribuir à baixa escolaridade do cidadão a sua condição de desempregado.

O caminho que Moisés agora percorre muda sensivelmente o sentido do que pretende alcançar. Começa a ser delineado de modo espontâneo não exatamente um outro enfoque, mas um aprofundamento do seu olhar. A reflexão generalista vai cedendo espaço para marcos e episódios que protagonizou ou testemunhou de perto. Moisés mergulha. A discussão acerca dos níveis de formação escolar e do acesso às vagas de trabalho dá lugar, inicialmente, a uma reivindicação:

Quem precisa viver não é só quem estudo, não.
Pobre também precisa viver. Se o rico tem o direito de
viver, o pobre também tem o direito de viver.

De repente, Moisés dá um giro de cento e oitenta graus e indica algo aparentemente desconectado do assunto anterior, mas que aponta um debate interessante: a ruptura com uma determinada ordem que nos mantêm separados.

Muitos não vão fazer que nem você, que tem o seu estudo, 'eu estou aqui e não estou ganhando nada. Estou só fazendo o meu estudo'. Aí você fazer aquele serviço... Você estava ali fazendo o serviço na USP, passava um conhecido seu ali e não lhe via. Não é?! Quando você estava fazendo aquele serviço de varrição, não tinha? Tem deles que passava e não lhe via. Tinha uns que viam e falava com você, mas outros passavam quietos. Por isso que eu falo da separação da turma. Você vê um cara mais baixo: 'Não, aquele eu não vou falar...'. Não é por aí. A pessoa não pode fazer isso.

Se em dada circunstância um sujeito recusa o olhar do outro é porque, antes, o soberbo já se tomou como destacado de seus pares. Coisa estranha e que impede ambos de entrarem em comunicação que faça falar diretamente à condição humana da pluralidade. Não é somente a humanidade de quem ficou invisível que se torna impedida. Também o cego psicossocial – quando se desvia de quem julga inferior – tem sua humanidade rebaixada.

Coisas, árvores, bichos ou pessoas são seres de comunidade e vizinhança. Coisas e árvores, bichos e pessoas não existem em si mesmos ou por si mesmos, mas em companhia e por comunicação com outras coisas, árvores, bichos e pessoas. Somos seres por aliança, troca e confronto com outros seres. Há quem diga que a sensibilidade que inclui e excede o objeto e o toma em seu mundo próprio forma-se pelo trabalho. O objeto só é um, sendo com um certo ambiente, uma certa atmosfera e uma certa estrutura que o acompanham. A coisa, a árvore, o bicho e a pessoa são com o mundo de que fazem parte e em que tomam parte¹⁷⁶.

A premissa de Moisés – ao que me parece – é a de que somente a aproximação entre as pessoas poderá propiciar condições através das quais o mundo do trabalho – e porque não dizer o mundo, simplesmente – seria pensado e compreendido de um ponto de vista humanitário, em que prevalecessem ações e medidas visando o bem-estar comum. Não é o que vivemos hoje.

José Moura Gonçalves Filho ensina que pensadores engajados – gente como Mahatma Gandhi e Simone Weil – consideram o trabalho como a cura contra a dominação e o autoritarismo quando este é distribuído igualmente entre os cidadãos. Tablado, oficinas e roças deveriam ter espaço garantido dentro das instituições de ensino reservando-lhes a mesma dignidade das salas de aula. Isso traria possibilidade de uma educação verdadeiramente cidadã em nossas escolas, uma educação que visasse o incremento de todas as esferas do conhecimento umas pelas outras. Guardadas essas condições, formaríamos uma juventude desejosa de ensinar e aprender livremente, uma juventude que não recusaria a pá e a enxada, a foice e a picareta como seus instrumentos, ferramentas a conviver com livros e computadores.

Porque a sua população, do jeito que você é, é poucos que é igual a você. Você desculpa falar... É pouco igual a você que conversa com o Neginho, comigo, o Chico Zóinho. Vai lá na USP e conversa com um, conversa com outro... Porque tinha nego ali que era capaz de passar até com o carro por cima da gente mesmo! Uma ignorância danada que eles tinham.

‘Minha população’, estudantes ricos, gente acostumada aos *notebooks* e

¹⁷⁶ GONÇALVES FILHO, J. M. – “Cultura e Formação: notas marginais”. In: Pensamento Cruel – Humanidades e Ciências Humanas: há lugar para a Psicologia? São Paulo, Casa do Psicólogo, 2007.

palmtops, perde o senso, fica sem noção de realidade. A realidade que vivem e o conhecimento que julgam possuir torna-os sujeitos alheados, apenas parcialmente conscientes do mundo que habitam. A insensibilidade que os corrói rouba-lhes a delicadeza e a sensibilidade, arremessa-os para um lugar de ficção.

Rigorosamente falando, não existe “indivíduo”: se o termo quer fazer valer um ente isolado, vale apenas uma ficção. [...] Cada coisa é o que é, crescendo com seres outros: é, portanto, com o que não é. Assim também as árvores, os bichos e nós mesmos. Cada um é o que é com o que não é. Somos quem somos em comunicação e silêncio com quem não somos. E se faltasse em nós aquilo e aqueles que não somos, a exposição aos outros, nada e ninguém seríamos. Ou seríamos sem experiência de ser e sem experiência de nós próprios. Separar e isolar de um mundo familiar e estranho, arrancar algo ou alguém de seus outros, é o mesmo que ignorar ou matar¹⁷⁷.

Moisés lembra espontaneamente de fatos que o marcaram e que têm a ver com a insensibilidade de certos sujeitos, indivíduos que ele nota agir como se considerassem a si mesmos separados da grande maioria. São os diplomados ou endinheirados.

Teve uma vez que estava eu mais o Mineiro lá na Academia [de polícia] e o carro dele quebrou. O Mineiro foi puxar o carro, o cara desceu – ele tinha uma Variant vermelha velha – meteu o pé na Variant, e não tinha nem chegado perto do carro dele. Era só porque quebrou a corda. Ele desceu e meteu o cacete, meteu o pé! Pou! Pou! Pou! ‘Vai com Deus, um dia pode ser o seu carro...’. O segurança veio e não fez nada, porque o cara era cheio de não-sei-o-que-não-sei-o-que. Estava eu e o Belezinha. Pergunta pro Belezinha depois, o que fizeram com a gente na Academia.

Puxa, como são cortantes episódios nos quais sujeitos tomam outros por inferiores! E como se tornam impossíveis de serem esquecidos fatos assim! Permanecem como feridas sem cicatrização. Moisés – enquanto narrava a cena humilhante – ficou tomado de uma forma difícil de descrever. Era como uma ira, mas em um gradiente distinto. Havia resignação, mas nenhum conformismo. O ex-gari fora

¹⁷⁷ GONÇALVES FILHO, J. M. – “Cultura e Formação: notas marginais”. In: *Pensamento Cruel – Humanidades e Ciências Humanas: há lugar para a Psicologia?* São Paulo, Casa do Psicólogo, 2007.

transportado. Estava lá e cá; lá e cá como quem tem um pesadelo e acorda sozinho durante a madrugada. Não era real?

Nada lhe foi perguntado neste sentido. Moisés partiu do problema do desemprego, coisa que ele associou à recentíssima exigência quanto à escolaridade dos pretendentes às vagas de trabalho. Comentou sobre como isso pode levar alguém a comportar-se como infrator, como a fome e a miséria têm o poder de perturbar alguém psicologicamente. Criticou o que denominou ditadura, que impõe certa formação escolar para os candidatos às vagas de emprego. Transitou por nossa separação, pelo que em princípio nos afasta social e, por consequência, pessoalmente.

Depois disso tudo é que Moisés chega à humilhação social e à invisibilidade pública. Evoca um episódio que lhe fez experimentar uma dor aguda. O sujeito que impingiu a ele e a nosso companheiro o tal sofrimento é descrito como ignorante.

É uma falta de educação. Quanto mais estuda, mais ignorância. Por isso que eu falo: tem muita gente que estuda pra ser gente, mas tem muita gente que estuda pra ser cavalo. Está entendendo? Porque tem gente que está estudando pra ser alguma coisa na vida, e pra respeitar, ensinar a população que não sabe. Não quer passar por cima. Por isso que está este dismantelo todo no mundo. É por causa disso aí. Um não respeita mais o outro. Um não tem mais amor no outro. Porque estão pensando que o mundo é deles. E não é por aí. O mundo é feito pra nós todos! Pode ser rico, pode ser pobre, pode ser o que for. Pode ser preto, pode ser branco: o mundo é pra nós todos. Deus quando deixou o mundo, deixou pra nós todos se tomar por oração, ele e todo mundo no poder dele poder crescer na vida. Ele não deixou, não fez separação.

Quanto mais estuda, mais ignorância! Há pessoas que estudam para compartilhar conhecimento adquirido: *tem gente que está estudando pra ensinar a população que não sabe*. Mas há outros, pelo contrário, que querem ‘crescer’ para *passar por cima*. A separação entre os homens vem daí. *Por isso que está este dismantelo todo no mundo. Um não respeita mais o outro. Um não tem mais amor no outro*. O afastamento referido por Moisés encontra filial na divisão do trabalho, fato central e que impede a experiência mais profunda de ser no mundo, coisa que envolveria não apenas o conhecimento formal das essências, mas também o exercício do amor e a percepção do sagrado.

O trabalho, em quaisquer daquelas três grandes modalidades (a provisão, a fabricação, a arte de ação), carrega dons: fomenta competências que vêm por instruções junto aos mestres, mas sobretudo por exercício, penetrando o espírito por uma iniciação que é menos dirigida pela consciência intelectual do que pelo corpo, o corpo que lavra, faz e age. O corpo que, lavrando, fazendo e agindo, pensa. O corpo capaz de pensamento enraizado e sensível. O trabalho, em quaisquer daquelas três grandes modalidades, é amigo do concreto, quer o mundo e não representações desligadas: fomenta experiências que não são puramente mentais mas que se fazem pela conjugação de mãos, sensibilidade, memória, fantasia e discurso. O trabalho, em quaisquer daquelas três modalidades, instaura ou ampara experiências humanas que, sem o trabalho, talvez não chegássemos a perfazer. Há quem diga que a afeição pelas coisas, o sentimento da sacralidade do mundo e a responsabilidade por objetos, não vêm sem o trabalho. Há quem diga que vem pelo trabalho a percepção capaz de esposar relações, capaz de incluir e exceder a percepção de indivíduos¹⁷⁸.

Como explica Karl Marx¹⁷⁹, a separação entre trabalhadores braçais de um lado e trabalhadores intelectuais do outro fundou o que denominamos classes sociais. Uma sociedade segmentada em classes jamais poderá ser uma comunidade igualitária, por sua própria concepção presumir tal fulcro. Desta maneira, estão impedidas as duas condições primordiais para a cidadania: a pluralidade e a igualdade. A pluralidade solicita aparição pública, o rosto de cada um iluminado. A igualdade – diferentemente do que possamos supor inicialmente – não é a supressão da diversidade ou a repressão das diferenças. No melhor sentido arendtiano do termo, igualdade seria a garantia de que todos e cada um iniciam uma ação e falam, não simplesmente executam ordens e reprisam um discurso de quem esteve obrigado à servidão.

Amadurece assim o vínculo entre cidadania e rosto. A cidadania, o exercício da iniciativa e da voz chama atenção sobre o cidadão, sobre seu modo próprio e singular de agir e opinar, ilumina seu rosto.

¹⁷⁸ GONÇALVES FILHO, J. M. – “Cultura e Formação: notas marginais”. In: *Pensamento Cruel – Humanidades e Ciências Humanas: há lugar para a Psicologia?* São Paulo, Casa do Psicólogo, 2007.

¹⁷⁹ MARX, K. – *A ideologia alemã*. São Paulo, Hucitec, 1993.

*

Para Geertz¹⁸⁰, cultura é fenômeno essencialmente semiótico: o ser humano é *um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu*. Isto quer dizer, se não exagero, que a intersubjetividade humana protege nossa história inexoravelmente. Da mesma maneira que um homem com as pernas amputadas não tem condenada ao drama idêntico sua descendência – porque seus filhos não carregarão o que com relação ao código genético faz-se superficial – a história da nossa cultura preserva essências que nem supomos atuar sobre nosso comportamento. Inventos contemporâneos como o rádio e a televisão não se equiparam em importância ao desejo e à necessidade de nos comunicarmos. O automóvel e o avião são meios de transporte, mas não contêm eles próprios a iniciativa do deslocamento.

Na verdade, a maior parte do que precisamos para compreender um acontecimento particular, um ritual, um costume, uma idéia, ou o que quer que seja está insinuada como informação de fundo antes da coisa em si mesma ser examinada diretamente¹⁸¹.

Retomemos Moisés.

Separação assim, porque onde tem o rico tem que ter o pobre. Porque se você não pegar uma enxada, não for trabalhar na roça, pra plantar um alqueire de feijão, dois, três, quatro, eu também não vou, eu tenho meu emprego aqui eu não posso fazer aquilo. Mas tem você que plantou, colheu, trouxe aqui, e eu estou comendo daquilo que você colheu lá. É o arroz, o feijão, o café, a verdura: tudo é feito pela mão do agricultor. E é uma população que na boca de muitos não tem valor. Na boca de muitos não tem valor. Acredita?!

Há alguém que trabalhou – antes – para que tivéssemos alimentos disponíveis em nossa mesa. Pelas mãos dos lavradores é que comemos. Não é o rico que pega a enxada, não é o doutor que caleja as mãos. *E eu estou comendo daquilo que você colheu lá. É o arroz, o feijão, o café, a verdura: tudo é feito pela mão do agricultor. E é uma população que na boca de muitos não tem valor*. Moisés encontra novamente o tema da

¹⁸⁰ GEERTZ, C. – A interpretação das Culturas. Rio, Guanabara Koogan, 1989.

¹⁸¹ Op. Cit.

humilhação. Isso se faz através de uma constatação anterior: a separação entre diferentes classes de trabalhadores.

Fazendo conversar Geertz e Moisés, diríamos que a essência e a motivação da segregação nas formas contemporâneas de trabalho são muitíssimo assemelhadas às cronologicamente anteriores. O que prevalece nesses casos é a dominação de homens sobre homens, onde uns são escravizados para que outros estejam livres de terem de trabalhar. A miséria dos primeiros sustenta o conforto – e garante a fartura – para os últimos. Moisés faz notar a exploração do lavrador, e Geertz nos lembra que enquanto procuramos razões e explicações de binóculos e lunetas, a coisa em si já se encontra enunciada e disponível a olho nu. Análises macro-econômicas só fazem nos afastar do que é fundador nesses casos: o desejo de alguns sujeitos se beneficiarem da força de trabalho de outros.

Você chega no CEASA, tem tudo quanto é mercadoria; você chega no sacolão, tem tudo quanto é mercadoria: tem a laranja, tem o abacate, tem a uva, tem tudo. Tudo passado na mão da pobreza. Não é o ricão que vai fazer lá! O doutor não vai fazer aquilo ali. Ele faz assim: ele tem o dinheiro, manda os empregados fazer, dá o trator pra carpir a terra, dá o adubo, dá tudo; o cara vai lá e ara a terra, planta, arruma uns trabalhador, arranca, limpa aquela verdura, cultiva aquela verdura, mas vem pro mercado pro povo comer. É tudo feito na mão da pobreza. Não é feito na mão do ricão.

Moisés prossegue.

Pode ser o rico assim: ter uma boa fazenda e lá eu tenho o meu empregado. Eu pego meu empregado pra fazer isso. Meu empregado já paga outros funcionários pra fazer aquilo ali. Ele fica na administração e entrega: ‘Ói, você pega essa máquina e isso é pra arar essa terra’. Aí ele tem o motorista, que ele manda arar a terra. Manda outro cortar a terra todinha, já manda outros arrumar a turma pra fazer o verão. Já fica outra turma pra aguar. Outros pra adubar. E tudo tem que ter as pessoas pra fazer aquilo ali. Não é?

O rico: proprietário de terra e – por que ignorar? – proprietário de trabalhadores.
O rico assim: ter uma boa fazenda e lá eu tenho o meu empregado. Eu pego meu

empregado pra fazer isso. O rico não trabalha, mas faz outros trabalharem por ele. Ele manda arar a terra. Manda outro cortar a terra todinha, já manda outros arrumar a turma pra fazer o verão. Já fica outra turma pra aguar. Outros pra adubar.

O lavrador trabalha a terra. O lavrador semeia. O lavrador cultiva. O lavrador colhe, limpa e ensaca. É esse sujeito que produz a riqueza. A terra em si mesma não tem valor¹⁸². É o trabalho que transfere valor para ela. Não obstante, algo acontece neste processo que os indivíduos empenhados de sol a sol, em nome de fertilizar e frutificar, vivem na miséria.

Ninguém dá valor pra um cara que bate a enxada no chão, bate a enxada às seis horas da manhã até às cinco da tarde, suado, morrendo no cabo da enxada. Às vezes, tem deles que chega de noite não tem nem o que comer. Acontece isso, que eu já vi muito. Trabalha o dia todinho... Lá mesmo onde eu moro. Um dia de serviço está dez cruzeiro. Se ele pagar dez cruzeiro, ele dá o prato de feijão pro cara comer, meio-dia. Se pagar doze pau, não dá. Por causa de dois real! Está entendendo?! Tem um monte desses caras lá. O homem tem que trabalhar a semana inteirinha pra ganhar sessenta cruzeiro, ou cinqüenta. Aquele que ganha cinqüenta, ele come o prato de feijão na casa do cara. Aquele que ganha sessenta cruzeiros, doze reais por dia, não tem direito nem ao cafezinho. O que é dois cruzeiro?! Eu tenho falado muito isso lá pra os caras mesmo.

Quem determina quanto vale o dia de trabalho de um lavrador é o dono da terra, justamente quem depende imprescindivelmente daquele pobre que morre no cabo da enxada de tanto labutar. Não é incrível? As relações de trabalho no sistema capitalista de produção não são melhores que no escravagismo. *Ninguém dá valor pra um cara que bate a enxada no chão, bate a enxada às seis horas da manhã até às cinco da tarde, suado, morrendo no cabo da enxada. Às vezes, tem deles que chega de noite não tem nem o que comer. Acontece isso, que eu já vi muito. Trabalha o dia todinho...* O escravo, como pondera Simone Weil, é aquele a quem não se propõe nenhum outro bem como finalidade de seu esgotamento físico e moral, a não ser a simples existência.

Moisés não se conforma.

¹⁸² “A essência subjetiva da propriedade privada, a propriedade privada como atividade para si própria, como sujeito, como pessoa, é o trabalho”. MARX, K. – Manuscritos econômicos-filosóficos e outros textos escolhidos, Coleção Os Pensadores, Rio, Editora Paz e Terra, 1974.

O camarada pega de sete horas da manhã às cinco da tarde pra ganhar dez cruzeiro num dia, Fernando?! Não é muita coisa? Não é uma coisa grande?! Por isso que eu falei que não tem leis pra isso. Só tem leis pra fuder o pobre do agricultor. Porque se tivesse fiscal pra quem tem uma propriedade, um sítio, teria que falar: ‘O salário é um x’. Mas vamos pensar que fosse trezentos pau por mês pra cada pessoa que estivesse trabalhando: trabalhou o mês, você paga aquele dinheiro. Vai pagando por semana também, mas vai dando a nota. No mês certo, botar no guarda-livro e mostrar aquele serviço ali. Aí o camarada teria direito ao INPS, teria o direito de qualquer uma coisa. Trabalha com luta, trabalha por dez pau, doze pau, e é tratado como cachorro: se adoecer, vai lá pro postinho, vai lá pra qualquer canto. Se cair e se machucar não tem direito a nada. Eu acho que isso é errado. E o povo não dá fé nisso, não anda lá na roça pra ver o que acontece nas fazendas dos proprietários. Tem uns que têm gado, têm caminhonete, têm tudo lá. O miserável fica... Tem luz na casa dele, e na casa do morador não tem. Está entendendo? Tem trator, tem caminhonete, tem bastante gado... E o outro não tem nem um prato de feijão pra comer.

Nem um prato de feijão para comer deve ser exagero de quem se comove com as dificuldades dos próximos. Ou não?

Tinha vez que o feijão já estava meio furado e ia dar pro porco. Eles vinham e queriam levar o feijão. ‘Não. Me dê, que eu levo’. Eu perguntava: ‘E você vai comer esse feijão furado?’. ‘Vou. Eu não tenho’. Eu digo: ‘Mas seu patrão não está com os pastos cheio de feijão?!’. ‘Ah, mas ele não dá’. É isso aí que eu acho errado. Eu acho errado esse negócio assim. O cara está ali trabalhando faz dez, doze anos e não tem coragem de dar um feijão pro cara?! Não quer nem pagar os direitos pro camarada?! Só porque o cara mora ali?! Tem que fazer uma força por eles também. Se morre, carece pedir pra um e pra outro fazer o enterro. Não tem direito a nada. Não é errado, não?!

Patrão rico, empregado miserável: eis a equação que resume a tragédia.

Eu mostro a você o dia que você for lá. É vizinho lá meu: se trabalha e come o feijão é dez pau; senão é doze. Não é ricão, não, mas tem uma propriedade que colhe uma base de cento e quarenta sacos de feijão de corda, uma base de trezentos sacos de feijão de arranca... Tem bastante coisa lá. Ele pega três, quatro, cinco sacos de feijão, vende, faz as compras dele. Tem casa em Garanhuns, trabalha lá, planta bastante feijão. Numa tacada só de feijão ele deve ter uns quinhentos sacos. E quando paga, paga só dez cruzeiro um dia de serviço por homem. É uma judiação fazer isso com uma pessoa. Humilha!

A pobreza é uma condição humilhante, assevera Moisés. No latifúndio, o fazendeiro tem não apenas a propriedade da terra, das máquinas, dos tratores, não apenas o controle total e absoluto dos processos e dos conhecimentos financeiros e comerciais acerca deste conjunto de coisas, como ainda tiraniza o trabalho e toda a rotina que o constitui. Como no caso dos operários nas fábricas sediadas nos centros urbanos, aos lavradores resta tão somente a energia que é empregada com as enxadas e outras ferramentas, o equivalente à força elétrica. A alma dos pobres é o que movimenta as máquinas nas fábricas e as ferramentas nos latifúndios. Limitados em sua condição humana, impedidos na esfera da ação e do discurso, operários e lavradores têm rebaixado o que de principal os distingue como humanos.

Os que trabalham a terra vivem na miséria. A vida na cidade, por suposição, pode surgir como opção necessária. Historicamente falando, este movimento de migração dos trabalhadores sem terra própria é conhecido como êxodo rural. Durante décadas – enquanto interessava aos industriais emergentes do país – era uma das soluções para ex-escravos e seus descendentes, negros ou não: deixar a lavoura em troca do chão de fábrica.

Por isso que eu estou te falando que antigamente, no meu tempo, não era assim. Se soubesse ler, trabalhava. Se não soubesse ler, trabalhava. Todo mundo trabalhava.

Nas fábricas, foram substituindo os homens por máquinas – as tarefas que os primeiros executavam eram mecânicas desde sempre. Tal fato arremessou toda uma classe de trabalhadores para o desemprego e a marginalidade.

O governo inventou essa lei. Aí só encontra vaga quem tem curso. E não é todo mundo que tem curso superior pra trabalhar. E também quem tem curso não quer enfrentar, enfrentar o enxidão, enxidão, enxidão. Ele não vai querer cavar um buraco no chão. Ele vai procurar um emprego no escritório, uma coisa mais melhor. Porque você gasta... Quanto você gastou pra chegar no seu estudo? Você está gastando pra depois abrir um escritório pra você trabalhar no lugar de cavar um buraco no chão... Pra ganhar o pão pra comer. Na minha opinião é isso aí. Que se você estudou é pra ter uma melhora mais tarde. Porque Deus te deu aquele dom pra você fazer aquilo ali. Você tem esse dom assim, mas você não imagina nenhum que não teve aquilo que você teve. Chega lá na sua casa e diz: 'Ô Fernando, eu estou parado e você está fazendo essa construção, não dá pra me arrumar pra eu trabalhar dois dias ou três que eu estou passando fome na minha família?'. Você diz: 'Mostre sua carteira'. Quando mostra a carteira, você vê quarenta anos e não é idade mais pra trabalhar. E quem não sabe ler? O governo que é corrupto. Eu acho que é isso.

O Estado – como representante dos interesses da classe dominante – é corrupto mesmo. As medidas governamentais, em sua enorme maioria, visam manter o *status quo*. Os iletrados são achatados cada vez mais, empurrados para subempregos ou biscates. Quem ainda pode ter esperança de continuar respirando são os afortunados que conseguiram algum tipo de qualificação técnica ou escolar. A percepção que Moisés tem dos fatos é ingênua por um lado, especialmente quando atribui a uma lei federal a crescente exigência de formação escolar dos candidatos às vagas de trabalho. Não obstante, por outro lado, observa que o trabalho braçal, em geral, é assumido exclusivamente por falta de opção menos desgastante. *Só encontra vaga quem tem curso. E não é todo mundo que tem curso superior pra trabalhar. E também quem tem curso não quer enfrentar, enfrentar o enxidão, enxidão, enxidão. Ele não vai querer cavar um buraco no chão. Ele vai procurar um emprego no escritório, uma coisa mais melhor.*

Há muita lógica nesse raciocínio uma vez que a formação acadêmica – de qualquer nível – exige algum tipo de investimento. *Porque você gasta... Quanto você gastou pra chegar no seu estudo? Você está gastando pra depois abrir um escritório pra você trabalhar no lugar de cavar um buraco no chão... Pra ganhar o pão pra*

comer. Na minha opinião é isso aí. Que se você estudou é pra ter uma melhora mais tarde.

E – de novo a lembrança ao rapaz abastado – não são todos que tiveram a sorte de contar com uma vida materialmente confortável: *Porque Deus te deu aquele dom pra você fazer aquilo ali. Você tem esse dom assim, mas você não imagina nenhum que não teve aquilo que você teve.*

Como nos tempos de USP, em que Moisés era o mais incisivo neste sentido, ele solicita que eu cuide de minha cegueira, recomenda que eu esteja atento àqueles que em princípio eu não enxergaria. Moisés adverte para que mantenha sensibilidade aos menores: *Chega lá na sua casa e diz: ‘Ô Fernando, eu estou parado e você está fazendo essa construção, não dá pra me arrumar pra eu trabalhar dois dias ou três que eu estou passando fome na minha família?’.* Você diz: *‘Mostre sua carteira’.* Quando mostra a carteira, *você vê quarenta anos e não é idade mais pra trabalhar.*

A referência a Deus vem como argumento em favor da retomada de uma irmandade entre os homens. E novamente o depoente estabelece uma comparação acerca dos dias atuais e da época em que migrou para São Paulo. Como notamos com Nilce, Moisés não possui uma consciência histórico-política da dominação. Seus diagnósticos e suas reflexões não extrapolam a esfera moral da questão; o que é bom, mas, infelizmente, não é o suficiente para que vislumbrasse melhor solução que a boa vontade dos patrões em remunerar melhor seus empregados.

Graças a Deus, Jesus me ajudou, e hoje eu tenho meu salariozinho pra dar de comer aos meus filhos, e vou me manter até quando Deus quiser. Isso é no tempo em que a gente ainda tinha o direito de viver, mas a gente não tem mais o direito de viver. Porque só tem o direito de viver quem tem bastante estudo. Eu tenho bastante estudo, eu posso arrumar um serviço. Você não tem, você fica na mão. Aí, você precisa de ganhar pra comer, mas eu também preciso. Deus quando dá, dá pra nós todos. Não escolhe. Deus, quando manda a chuva, manda pros grandes e pros pequenos. Manda por igual. Então, se tem o bom na minha casa, eu desejo o bom também na sua casa. Não adianta eu ter na minha casa e o outro ali não tem: bau-bau pra ele... Eu acho que tudo isso aí é que as pessoas não combinam com as coisas de Deus.

Este não é um trabalho a respeito da religiosidade. Mas é impossível não notar

em ambos os depoentes como a formação cristã – em nenhum dos casos formal ou praticante, no sentido eclesiástico do termo – vem abraçar aquilo que já possui certa consistência.

Todavia, interessante notar como a estrutura de um roteiro que solicita a memória – no lugar que pedir opiniões – inspira os narradores. Em nosso entendimento, é isso em especial que qualifica as referências a Deus como expressões distantes da pregação vazia, da falação que desinteressa e desencaminha nossa atenção. Ouvir Moisés falar a respeito de Deus nunca é coisa enfadonha ou inócua. Nilce e ele – posso dizer com liberdade – devolveram-me a possibilidade de reconhecer e valorizar o sagrado. Não vou à sinagoga, não me volto para Meca, não rezo o terço. Mas minhas refeições não são mais as mesmas.

*

As referências que fez algumas vezes a Getúlio Vargas valorizam, sobretudo, o que parece ter sido uma distribuição igualitária de direitos. Controvérsias à parte, o que Moisés reconheceu e exaltou no ex-presidente da república foi o olhar, uma maneira de enxergar alguns cidadãos excluídos que, ferramenta populista ou não, o fizeram inesquecível.

Os direitos que Getúlio deu naquele tempo: deu direito pra mulher, deu direito pro homem, deu direito pra tudo. [...] Naquele tempo, todo mundo que chegava aqui trabalhava. Nordesteño saía de lá – igual tem muitos aí, que não sabia nem nada – e melhoraram. Não tinham nada, mas tinham liberdade: podiam trabalhar. Toda hora arrumava serviço: era servente de pedreiro, era encarregado de obra, era ajudante de não-sei-o-que. E a gente ia levando a vida assim.

O que sentia com respeito à época em que foi morar em São Paulo era uma espécie de esperança. Quem para aquela cidade rumasse encontrava ocupação profissional. A forma como Moisés vincula-se ao pensamento religioso guarda estreita correspondência com essa inspiração.

A Igreja Presbiteriana é quase a mesma coisa que a Católica. Porque você pode fumar; eu sempre tive

esse vício, de fumar fumo de corda, essas coisas assim. [...] Eu sempre tive essa religião. Não falava da vida de ninguém. Ninguém cuida da vida da gente. Cada um por si e Deus por nós todos. Não fazer mal a ninguém e aquela palavra: ‘Quem com ferro fere, com ferro será ferido’. Me criei nela e ainda hoje não sou batizado na Igreja Presbiteriana. Sou Católico. Sou batizado na Igreja de São José de Canhotinho, em Lajes de Canhotinho. Sou batizado lá, mas não me batizei na igreja de crente até hoje. Mas me considero um também. E graças a Deus, Deus tem sempre me ajudado. Tudo que eu preciso no poder de Deus, ele me ajuda. Fiquei abandonado no meio do mundo, hoje eu tenho meu larzinho que ele me deu. O pouco, pra Deus, é muito. Minha conversa é sempre essa. Muito, sem Deus, é nada. E pouco, com Deus, é muito.

Considerar-se ao mesmo tempo presbiteriano e católico não constitui um problema para Moisés, alguém, inclusive, que tendo nascido no estado de Alagoas diz-se pernambucano de Garanhuns. É que as divisões políticas entre os municípios e estados – definições que pouco levam em consideração as diversidades culturais ou a natureza típica de cada localidade – não convencem nosso depoente. Maceió e Recife, por exemplo, são cidades quase idênticas na sua concepção: capitais de seus respectivos estados, municípios banhados pelo mar, de arquiteturas e disposições geográficas muito assemelhadas. Não posso discordar de Moisés. Quantas cidades completamente diferentes encontramos no perímetro urbano de São Paulo? Bairros ricos e bairros pobres do mesmo município guardam menos similaridade entre si do que o Rio Pequeno e o Sítio Tiririca¹⁸³, por exemplo.

O pouco, pra Deus, é muito. Minha conversa é sempre essa. Muito, sem Deus, é nada. E pouco, com Deus, é muito. Amar a Deus e fazer o bem independe da opção religiosa de cada sujeito. Não lhe interessou debater diferentes credos. O que o mobilizou, de fato, foi manifestar repúdio à outra separação, mais nociva e evidente aos seus olhos.

Quando Deus fez o mundo, fez pros iguais. Mas os dedos da mão da gente não são iguais. Deus deixou sempre aquela separação: deixou o preto; deixou o galego; deixou o branco; deixou o negro. Mas tudo é um sangue só. Entre Deus não tem separação. É tudo

¹⁸³ Bairro pobre do município de Garanhuns, lugar em que Moisés foi residir com sua família.

uma coisa só. Na Terra, a pessoa faz aquela divulgação. Uns, quando conversam com uma pessoa morena, chama ela de preto: ‘Porque preto não tem isso, porque preto é aquilo’. Esse aí é racista. Porque tanto faz o sangue do preto como o sangue do galego: é tudo uma coisa só. Pode ser um branco, pode ser um galego, pode ser moreno, pode ser tudo: é tudo um sangue só. Pra Deus não tem separação disso aí.

A consideração da segregação racista imediatamente conduz Moisés à outra separação.

Mas os homens na Terra fazem a separação. Vê um catador de papel: ‘Esse aí é um nojento, é um imundo! Deus me defenda de um porco daquele vir na minha casa!’. Deus quando fez o mundo, mandou um menino – tem nas passagens da Bíblia. Ele foi na casa do rico, o rico tocou ele. Foi na casa do pobre, o pobre recebeu ele. O rico foi pra baixo, e o pobre foi pra cima. Na panela do rico – porque ele estava esperando Jesus um igual que nem a ele – ele disse que a comida não dava, que estava esperando o Senhor, que ia na casa dele. Aí foi na casa do pobre, o pobre deu: ‘Eu estou esperando alguém aqui, mas eu vou dar pra você’. Aí deu. Aí, a comida desse aumentou. Aumentou, que encheu a panela e ficou quase que derramando. E a do rico lá, quando foram olhar só tinha bicho. Encheu de bicho todinha a comida dele. Por causa da usura. Ele não queria fazer do jeito do pobre. Aí o pobre foi pra cima e ele foi pra baixo.

A invisibilidade pública¹⁸⁴ é fenômeno que não pode ser bem compreendido à distância de quem vive por dentro sua ação corrosiva. Não podemos prescindir da palavra do oprimido. O sujeito rebaixado não se engana em relação à opressão. O homem pobre, exposto continuamente à reificação, posicionado na nervura da opressão social, na condição de quem é atravessado inapelavelmente pelas ondas de vibração mórbida da invisibilidade pública, possui paradoxalmente um sentido aguçado contra este estado de coisas.

É a respeito disso que Moisés novamente nos fala. Como homem religioso que é, lança mão de uma parábola que, sinceramente, desconheço. Mas não duvido. Já o

¹⁸⁴ Cf. COSTA, F. B. - Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social. São Paulo, Globo, 2004.

ouvi contar a mesma história uma dúzia de vezes. No meu entender, há uma constatação e um pedido explícitos aí.

A invisibilidade pública é sustentada por motivações psicossociais, por antagonismos de classe mais ou menos conscientes. É cegueira psicossocial, parece ser tanto mais automatizada quanto menor for o sentimento de comunidade que o cego tenha com o indivíduo que não foi visto. Moisés sabe disso. A história sobre Jesus ter sido recusado na casa de um abastado é metáfora inteligente acerca do enigma.

A invisibilidade pública forma-se entre “cegos superiores” e “subalternos invisíveis”. No cego, representa obliteração na comunicação com cidadãos rebaixados, representa interdição de nossa sensibilidade à revelação de outrem como revelação de alguém. Insensatez, ignorância e indelicadeza. O sujeito cegado comporta-se com ignorada impolidez ou com indiferente impolidez; passa neutro pelos pobres, como quem passa por objetos, por obstáculos, ou o faz presunçosamente e sem perturbação. Qualquer que seja o caso, resiste aos poderes da presença de um outro humano quando se trata de um outro “abaixo”: incorre em negação automática ou arrogante da humanidade dos pobres. Não visita o subalterno com seu olhar; e desvia ou recusa o olhar dele, não permite que o olhar do outro o visite. Mantém-se separado, pouco freqüentado pelo sofrimento ou interpelação dos humilhados. Isolamento artificial, parece dispensar aqueles de quem depende; isolamento artificial, neutraliza o poder da aproximação de um outro humano. Suspende a vivência genuína de ser e aparecer como humano no meio de outros humanos. O sujeito cegado opõe-se a uma experiência de igualdade e alteridade que, sem oposição, alcança-nos naturalmente e irresistivelmente. Forja não ter ciência do outro, assume conduta insana, age com doidice; contesta, apaga, recusa um registro: não reconhece a existência de outrem.

Por isso que está este dismantelo todo no mundo.
É por causa disso aí. Um não respeita mais o outro. Um não tem mais amor no outro. Porque estão pensando que o mundo é deles. E não é por aí. O mundo é feito pra nós todos! Pode ser rico, pode ser pobre, pode ser o que for. Pode ser preto, pode ser branco: o mundo é pra nós todos. Deus, quando deixou o mundo, deixou pra nós todos se tomar por oração, ele e todo mundo no poder dele poder crescer na vida. Ele não deixou, não fez separação.

A invisibilidade pública é como estupro da alma. Ninguém nos vê e, entretanto, sentimo-nos dissecados e ressecados pelos outros.

Retomo Chico Zóinho¹⁸⁵, antigo companheiro de varrição que opinou pessoalmente acerca do assunto:

Isso acontece com todo mundo aqui. Eu mesmo já passei por isso várias vezes. Se a gente não tira a bicicleta ou o corpo da frente, eles passa por cima da gente. [pausa] Que o sujeito tem a vida dele. Estuda, tá aí no estudo, trabalha, ganha o seu dinheiro: fica bem de vida. Aí o sujeito começa a olhar as coisa como se estivesse no carro, mesmo que não esteja dirigindo. Sabe quando cê tá dirigindo o carro? Cê precisa ter aquela atenção. Então. O sujeito só olha assim pro mesmo lugar, igual cavalo que tem tapa-olho. Só olha pra frente. Não vê as coisa. O sujeito fica cego. É como se tivesse dormindo. Tem sujeito, Fernando, que é como se ele tivesse dormindo mesmo, sabe? A gente precisa acordar ele deste sono. Tem hora que a gente precisa cutucar ele. [pausa] A vida humana, a vida da gente é um espelho, Fernando: eu falo de mim, você olha pra você. Tem hora que a pessoa não pode enxergar só com a visão. Tem que olhar lateralmente também.

Olhar lateralmente é o que pode garantir o início de um processo de reversão da invisibilidade, algo que nos modifique por dentro e que traga de volta o que parece ter sido negligenciado: o sentimento de alteridade. Esse me parece ser o pedido de Moisés. Esse, também, foi o estopim de obras fundamentais sobre o tema. Nesse terreno, semearam Karl Marx, Friedrich Engels, Simone Weil, Ecléa Bosi, José Moura Gonçalves Filho, Florestan Fernandes, entre outros. Souberam dizer aquilo que Moisés Francisco da Silva, Antônio Soares Malta, Nilce de Paula, Sebastião Oliveira, Francisco Ivan Fernandes, Cícero Santos – além de outros tantos trabalhadores – talvez dissessem. A dignidade e a relevância do que cada um desses autores nos ensina está menos no avanço teórico do que na disposição em fazer falar os que, em geral, não são ouvidos.

Nesse sentido, ressaltamos que os depoimentos – eles próprios, sem análises ou interpretações – são maiores do que qualquer coisa que se possa dizer a partir deles. O que Moisés e Nilce alcançam não conseguiríamos tocar antes deles. Sem os dois –

¹⁸⁵ Cf. COSTA, F. B. - Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social. São Paulo, Globo, 2004.

sem sua visão, sem suas palavras – estaríamos a andar em círculos seguindo nossas próprias pegadas no chão. Somos profundamente modificados no encontro com eles.

José Moura Gonçalves Filho:

Quem é devolvido à visão dos pobres como gente, esteja prevenido: já não estará mais instalado satisfeito em sua classe. Se mantiver-se em olhar livre e natural – e assim será, com altos e baixos, se seguir desejando – compreenderá haver sido definitivamente atraído pela utopia de um mundo para todos. Um mundo que começa já para os que se tornam companheiros do oprimido. E estamos mais seguros da conquista deste companheirismo quando, livres o bastante, somos recebidos como amigos e iguais na casa dos pobres; e estamos mais seguros da conquista deste companheirismo quando, livres o bastante, recebemos a visita dos pobres em nossa casa, os pobres como amigos e iguais.

Então, vou apelar mais uma vez para Chico Zóinho:

A amizade é o conjunto da situação. O homem pode ter tudo na vida, mas se ele não tem amizade é como se lhe faltasse uma perna. Porque o cara compra casa, carro, compra tudo. Amizade ele não compra. E sem amizade, Fernando, a gente não é ninguém. Você não vê você aqui com a gente?! Você tá desfrutando dos frutos do que você plantou. Aqui, um te arruma tiquete pro almoço, o outro te dá o uniforme, o outro te traz não sei o que. Aqui todo mundo é seu amigo. A natureza da gente – a sua e a nossa – se entranhou bem. Você é um menino que tem estudo, mas você não acha que tá um degrau acima da gente. [pausa] Não é porque o sujeito é rico que ele é ruim. Tem gente que tem seu estudo, mas não maltrata ninguém. Encontra a pessoa: “bom dia”, “boa tarde”. Agora, o rico que é ruim, ninguém tem pena, não. Se acontece alguma coisa com ele, ninguém tem pena, não. [pausa] Pra você conhecer um sujeito bem, basta dar um pouquinho de poder pra ele. Não precisa ser muito, não. Um cadinho só de poder pra você saber quem é o cara. Aí você conhece ele de verdade.

A amizade é o contraponto da invisibilidade.

Letrados e iletrados não estariam, por princípio, impedidos de conversar. O que afasta esses sujeitos assim classificados segundo o prisma da cultura formal não é a habilidade de um e a inabilidade do outro, a habilidade e a inabilidade de ler e escrever. A reificação da cultura – processo que faz pensá-la como mercadoria a ser consumida – é que promove esse pensamento e falseia o que vem antes. Ainda que dotados de conhecimentos diferentes – cultura adquirida em livros ou em invernadas – estaríamos todos em condição de conversar. *Pra você conhecer um sujeito bem, basta dar um pouquinho de poder pra ele. Não precisa ser muito, não. Um cadinho só de poder pra você saber quem é o cara. Aí você conhece ele de verdade.* A dominação de humanos sobre humanos pode ser explicada segundo diversas razões. Na era da cultura fabricada e embalada para venda e compra, a autorização para uns governarem outros, a autorização para exercer a força e o comando, parece ser atribuída ao controle da técnica e do conhecimento formalizado. Talvez seja por isso que vejamos tanta necessidade de alguns – pretensiosamente portadores de cultura – desqualificarem expressões populares de grande altura e importância sociais. Não devemos ignorar a força desses sujeitos. Nem o nosso poder.

*

“Apontamentos sobre a cultura das classes pobres” é um dos ensaios que compõem *O tempo vivo da memória*, livro indispensável, trabalho de autoria da professora Ecléa Bosi. Do contato com esta bela obra frutificaram inspiração e orientação muito encarecidas para mim. Ao longo desta tese de doutoramento – o leitor percebeu – citei alguns trechos dos vários ensaios. O que agora se segue, outros recortes que fiz, é um exagero e um incentivo. O incentivo é para que todos se sintam entusiasmados em se aproximar do que ensina a pesquisadora, e que possam em breve – os que por ventura ainda não o tenham feito – tomar parte com seus escritos sem intermediários aprendizes como eu. O exagero é de minha parte, que esfomeado como sempre, costumo confundir aperitivo e refeição completa. Não há problema. Como certa vez escreveu José Moura Gonçalves Filho: “Ecléa Bosi escreve como quem alimenta”. A comida está servida.

Se perguntou para uma mulher do povo se ela veio de longe, e a resposta foi: “É, um bocado. Dá pra vir”. Estamos diante de um código restrito e fraturado: ausência de sujeito, indeterminações sintáticas e semânticas, falta de adjetivação precisa... Mas a inflexão da voz que vem do cansaço, a sintaxe vaga que vem da fadiga crônica, o gesto de alongar o queixo e a cabeça para o caminho são expressivos em si. Em vez de restrito seria mais próprio chamar conciso ao código que, na certeza de não ser comunicável, depõe *a priori* as armas do diálogo. Na raiz da compreensão da vida do povo está a fadiga. Não há compreensão possível do espaço e do tempo do trabalhador manual se a fadiga não estiver presente e a fome e a sede que dela nascem. E as alegrias que advém desta participação no mundo através do suor e da fadiga: o sabor dos alimentos, o convívio da família e dos vizinhos, o trabalho em grupo, as horas de descanso.

[...] Aceitemos pois as cisões, as contradições que nos separam da fala e da entonação popular e que transcendem a divisão cultura popular x cultura erudita. São dois grupos que se defrontam: um, cujas realizações culturais significam socialmente; outro, cujas realizações assumem significação quando postas em oposição à cultura dominante.

[...] Seria a cultura um elemento de consumo? A concepção da cultura como necessidade satisfeita pelo trabalho da instrução leva a atitudes que reificam, ou melhor, condenam à morte os objetos e as significações da cultura do povo porque impedem ao sujeito a expressão de sua própria classe.

[...] Escutando os militantes franceses, Chombart de Lawe percebeu que a cultura não é um conjunto de conhecimentos a assimilar, mas é o fruto de um esforço comum a todos “para compreender melhor o que se passa em volta de nós e explicar aos outros. Seria preciso tirar desta palavra o que atemoriza, humilha as pessoas, talvez realizá-la sem falar nela”, eis o desejo de um operário.

[...] Forte predileção nas leituras de operários é pelo conhecimento das outras pessoas, do que elas pensam, de como vivem. “Como posso situar-me entre os outros homens? Como respondem eles à mesma situação em que nos encontramos? O que é a nossa classe? Quem é como a gente?” “Nada que é humano me é alheio”, frase predileta de Marx, é uma constante na alma operária.

[...] Se existem duas culturas, a erudita terá que aprender muito da popular: a consciência do grupo e a

responsabilidade que advém dela, a referência constante à práxis e, afinal, a universalidade.

E se um dia a classe pobre alcançar a gestão sobre seu destino, a sua cultura não deixará de englobar os valores dos que trabalham, valores que se opõe aos dos que dominam. Valores como o interesse verdadeiro pelo outro, a maneira direta de falar, o sentido do concreto e a largueza em relação ao futuro, uma confiante adesão à humanidade que virá, tão diferente do projeto burguês para o amanhã, da redução do tempo ao contábil que exprime o predomínio do econômico sobre todas as formas de pensamento. E, quem sabe, a nossa cultura ganhará o que perdeu: o trabalho manual, o cultivo da terra, a ligação religiosa com o Todo¹⁸⁶.

¹⁸⁶ BOSI, E. – O tempo vivo da memória. São Paulo, Ateliê editorial, 2004, pp. 154-158.

USP

A gente chamava ele de Barão. Nem sei direito qual o nome dele. Fomos nós dois no serviço lá na USP. Eu entrei de jardineiro. Eu e ele. Ficamos bastante tempo trabalhando pro FUNDUSP. Fiquei no FUNDUSP uns quatro meses. Depois de quatro meses, eu fui pra prefeitura. Trabalhava no jardim. Lá, eu fiz carreira de jardineiro. Depois, me passaram a encarregado. Depois, mudaram pra, passaram outra vez pra técnico, técnico de manutenção. Hoje, o que meu nome está mostrando é isso. Em minha carteira é o que tem. Eu fiquei até agora. Ainda está.

Moisés empregou-se na USP como o fez em todas as diversas ocupações que teve. Buscava melhor salário e, quem sabe, um pouco mais de estabilidade. Também como das outras vezes em que se transferiu, a função que ocuparia não importava tanto quanto a remuneração. Como pai de quatro filhos, não poderia se dar ao luxo de escolher serviço.

O Marcelino que era o diretor. E o Hernandi era o chefe de jardim. E Marcelino era o chefe de limpeza pública. Nessa época, eu fui trabalhar na limpeza pública e fiquei com o Marcelino. E o Marcelino era o diretor da limpeza pública: trabalhava com veneno, trabalhava com a limpeza geral. A turma de Hernandi fazia o corte de grama, e o Marcelino tirava do caminhão. Aí, tinha a turma do caminhão, que nem você viu lá. Eu era o responsável pela limpeza, cortar a grama, limpeza, os tratores pra fazer, pra carregar as coisas. Que Marcelino era pra tomar conta disso aí, e pertencia tudo a Marcelino, e o Hernandi era somente com o jardim.

As relações de trabalho estavam sempre determinadas pelo organograma. Nada mudaria isso durante os vinte e tantos anos que Moisés esteve por ali. A hierarquia é que, de cima, comandava os vínculos. Fulano ordenava algo a Beltrano, que designava Ciclano para, enfim, prescrever aos subalternos dos subalternos dos subalternos o que fazer. Percebemos aos poucos que a própria memória que Moisés tem dos companheiros

– as amizades e as inimizades – está muito impregnada pela classificação de cada um dentro da ‘firma’. Um comandado obediente pode ser tido como um amigo fiel, coisa que o rebelde ou o vagabundo nunca poderiam alcançar. Não era para menos, em um lugar em que todos eram cobrados incansavelmente por desempenho e resultados. *Eu gostava do Gedeon também. Mas você sabe: negócio de encarregado com chefe é meio diferente. A gente gosta, mas é um gosto...*

Confiar ou desconfiar de um colega de serviço dependeria demais de como estavam vinculados segundo a hierarquia e, por conseqüência, como cada sujeito reconheceria este lugar estabelecido.

Lá na USP tinha tanto chegado meu... Era o Joãozinho, Seu Tiago... Chico Zóinho era grande amigo. Ele e Neguinho. Chico Zóinho era amigo meu, mas era falso. Está entendendo? Senti uma certa falsidade dele, porque ele tinha inveja de mim. Tinha muita inveja porque eu era encarregado e ele entrou na minha época... Eu gostava muito do Chico Zóinho, do Neguinho. [...] O Bambu achava que eu entregava ele na prefeitura, quando ele bebia. Mas eu não falava nada, não. O Brás não é carne. É peixe. Muito gente boa o Brás. Nunca pedi nada pra ele e ele dizia não. Nunca ele chegou pra mim pra dizer que eu não era encarregado. Muitos deles falou. O Ciço falou... Falou que eu não era encarregado, e chamaram ele no escritório: falaram que tudo que eu mandasse fazer, tinha que fazer, que encarregado era eu, que tinha que me respeitar lá dentro. Aí ele baixava a cabeça. E o resto tudo obedecia. Tudo o que eu falava estava bom. Eu gostava do Gedeon também. Mas você sabe: negócio de encarregado com chefe é meio diferente. A gente gosta, mas é um gosto... Sei lá, eu gosto do Negão. Ele almoçou muitas vezes lá em casa também. [...] Tinha o Enoque, que gostava de mim sem falsidade. O Seu Tiago tinha falsidade, porque ficava de coisa com o Deputado pra me derrubar... Muitos poucos não tinha falsidade. Agora, que nem Deputado, que só via o lado dele, só queria me prejudicar... O Touca também. Joãozinho não era carne, nem era peixe. Seu Tiago era mais ou menos. Dava aquele golpe por debaixo do pano. Na frente era uma coisa. Por detrás era outra. Joãozinho, pra ele tanto faz como tanto fez.

Da mesma forma, Nilce ainda é lembrado – sobretudo – segundo suas qualidades como subalterno.

O que eu achava que eu tinha fé no serviço do Neguinho, no serviço que a gente mandava fazer... Porque ele e Joãozinho eram pessoas de confiança. Se eu falasse: 'Neguinho, você vai pra tal canto fazer tal serviço', ele ia'. Está entendendo? E, às vezes, os outros saíam fora ou não faziam o serviço direito. E o Neguinho ia e fazia. Ele tinha um defeito só, que eu não gostava no Neguinho: era beber a pinga. Às vezes, fora do horário do serviço, o Neguinho saía... E os caras na prefeitura reclamavam, que você sabe que ali tudo é reclamação. Só isso que eu achava. De resto... Também nunca chegou pra falar que um serviço meu estava errado... Então, eu considero muito o Neguinho. Às vezes, eu perguntava pra ele: 'Neguinho, tem um serviço aqui assim-assim. Você acha que vai dar certo?... Então, tudo bem... '.

Não que as relações ficassem definitivamente impedidas de crescer e alcançar outra realidade menos seca. O caminho para isso sempre foi longo e tortuoso, dependendo demais que os colegas morassem próximos e acabassem se encontrando (muitas vezes por acaso) no bairro ou na rua de casa. Não era o caso de Nilce e Moisés, moradores de localidades distantes trinta quilômetros. Nessa situação, o que prevaleceu foi a desvinculação de um e de outro de posições hierarquicamente subordinadas. Foi o que garantiu lembrar o amigo não exclusivamente como chefe ranzinza ou subalterno rebelde. Somente assim puderam viver histórias que ultrapassassem o mero trato rude durante a labuta.

Eu escolheria o Neguinho. O Neguinho, que quando eu saí de lá eu deixei ele como substituto meu. Que o Neguinho era homem. Tem os defeitos dele, bebia muita cachaça. Mas eu gostava muito... Gostava, não. Gosto. Se ele estiver precisando de alguma coisa e chegar na minha casa, é recebido e fica morando na minha casa mais minha mulher e meus filhos. [...] As feijoadas que ele fazia. Eu gosto muito de Neguinho, do Joãozinho – finado Joãozinho, que foi embora. Seu Tiago também era uma pessoa muito boa. O José Pascoal também é um camarada bom, que não tem inveja de nada. O Bahia, que era meio sem vergonha, mas não era homem de valentia. Mas falava besteira. Depois, eu conversava com ele e dava tudo certo. Tinha também um menino que trabalhava comigo que eu gostava muito dele... O Tião. Daquela turma que trabalhava comigo, eu não tenho pra falar deles.

Moisés evocou muito raramente algum momento ou história que incluísse aqueles homens em um espaço de amizade. Também pudera. Espremido entre comandantes e comandados, o cachimbo se sentia exposto por todos os lados: alguém sempre queria derrubá-lo como chefe ou esmagá-lo como peão. Suas recordações nos autorizam pensar que o ex-lavrador esteve inscrito naquele lugar – irrefutavelmente – como uma máquina de receber e transmitir comandos. Moisés ficava sempre sozinho. Isolado novamente, como o menino que teve a enxada como brinquedo, o encarregado dificilmente sorria. A sisudez era marca fincada no seu rosto. As brincadeiras que eventualmente fazíamos nunca tinham poder para contagiá-lo; às vezes, pelo contrário, o cachimbo até ficava mais irritado. Como reação, conversávamos escondidos do chefe.

Quis saber dele, ainda assim, se havia algum episódio, alguma história, que lhe trouxesse boas recordações.

...Pra mim, todo serviço que eu fiz na USP é uma coisa só. Se era no jardim, era comandado pelos encarregados. Se eu fui trabalhar naquele tempo de encarregado, era comandado ainda mais. Era por Marcelino, a Márcia, o Hernandi. Quando eu entrei lá, tinha um diretor velho lá que era o chefe de lá da reitoria... Agora me esqueci do nome dele. Ele era o manda-chuva lá da USP. Não sei se você se lembra... Era doutor... Esse era muito bom, que eu me lembro que um dia ele chegou lá mais o finado – ...como é o nome daquele velho que morreu outro dia? – o Abedia, o finado Abedia. Me chamou lá na reitoria e disse que se eu quisesse buscar os meus filhos todinho ele me emprestava dinheiro pra eu vir buscar meus filhos tudinho pra levar lá pra USP. Pra estudar lá e pra arrumar um canto pra eu morar. O nome dele era ‘Doutor-não-sei-do-que-lá’. Esse aí foi um que me deu muito a mão. Eu estou com o nome do velho na boca e estou esquecendo. Como é o nome lá dos diretor da USP? [...] Ele foi bom. Depois, teve uns lá que eu nem sei o nome, não sei quem era, tudo meio carrasco...

O nome do doutor não apareceu, nem depois de desligada a câmera. De qualquer maneira, interessante notar que – outra vez – o que é narrado fica circunscrito à referência da estrutura hierárquica da instituição. O ‘Doutor-não-sei-do-que-lá’ teve seu nome apagado da memória, mas o jardineiro jamais se esqueceu da atitude – rara a partir daquele cargo – de quem se preocupou com o bem-estar dos filhos de um

funcionário subalterno. Sujeitos que ocupam posições superiores em uma instituição não costumam ter sua atenção dirigida aos demais, a não ser de forma muito superficial, quando, eventualmente, há prejuízos para a produtividade. Os que ocupam cargos inferiores são lembrados apenas em situações nas quais o bom desempenho profissional fica comprometido.

Tinha a Márcia, a engenheira lá da USP, uma biscate danada. Lembra daquela galega lá? Ôxe! Não tinha o engenheiro lá, como é o nome dele? O... Que tinha dois engenheiro. Todos os dois baixinho. Tinha o Clivando e o outro. Aquele outro só vivia com ela pra dentro daquele jardim lá. A gente chegava cedinho, de madrugadinha assim, ele já estava lá dentro com ela, lá no Clube dos Estudantes, no Restaurante dos Professor. A gente passava lá, ela estava enrolada lá debaixo, bem de manhã. [...] Eu não sei se era casada com ninguém aquela desgraçada lá. Eu pensava que ela era uma moça séria, direita. Que no fim das contas ela que me chamou lá e me estragou todinho. Ela chegou com umas presepada lá, que nesse tempo eu era encarregado. Tinha cinco anos mais ou menos que eu era encarregado lá. Quando ela chegou, quis me trocar. O Marcelino se aposentou, ela me trocou por aquele menino que era servente e que trabalhava comigo. Está entendendo? O Deputado. E Deputado quis começar a mandar em mim. Eu briguei tudo lá, quase quebrei tudo, chamei ela de mentirosa... Aí, tinha um diretor lá e eu meti o pau lá dentro, no escritório. Eu falei o que tinha vontade. Falei: 'Márcia, se você for mulher, você falou que tem força, o diretor está aí, Marcelino está aí, Hernandi está aí. Você pode me mandar embora agora, pode me mandar pra reitoria direto. Pode me falar pra reitoria pra me mandar embora agora, que eu não quero mais trabalhar com você na turma da limpeza. Com você eu não trabalho mais!'. Bati em cima da mesa, olhei pra Deputado, fui pro bar, tomei um copo de whisky desse tamanho, desci no viveiro... Aí, ela telefonou lá na reitoria. A reitoria falou pra ela: 'Olha, o Moisés ninguém vai mandar ele embora, que ele é o fundador da limpeza pública aqui na USP. Ninguém vai mandar ele embora por causa dessas conversinha que você está fazendo aí, não. Ele entrou na vaga de Marcelino, ele comanda aqui. Ele é o diretor da limpeza pública'. Ela ficou doida! Tinha um altão lá, o Rui. Não, o Rui era baixinho. Esse era outro... Lá da diretoria, você conhecia... Eu acho que você conhecia, sim. Mas a Márcia era outra que tinha. Não era essa de

agora, não. Era outra Márcia engenheira. Era uma loirona grande. Essa que tem lá agora é outra biscatinha, mas não é a mesma, não. Essa aí é mais simples. Ela ficava com o motorista quando ia pra Minas pegar umas plantas. Ela ficava com o motorista que trabalhava com o reitor. Essa eu não vi nada. Ele é que diz que pegou. A outra Márcia era uma galegona alta. Essa era danadona, rapaz. Ela queria mandar mais que o cão. Ela que ferrou comigo. Eu xinguei ela toda... Ela passou poucos dias lá, depois foi embora. Quando ela foi embora foi que essa outra entrou. Está entendendo? Aí a conversa com eles era assim: que eu não ia mais trabalhar nada. Eu ia só comandar e olhar se estavam fazendo o serviço. Quando essa outra Márcia estava lá, ela ficava mandando o Deputado ficar me tocaiando enquanto eu estava trabalhando com a turma. Aí eu abusei. Fui lá e quebrei o pau. Fez um bolo de despedida lá pra Marcelino e eu falei na cara dela que era falsidade: 'Isso é falsidade dessa Márcia, que eu não confio nela nem pelada, que dirá vestida. Isso é sem-vergonhice dela'. Eu sei que fizeram lá de um jeito que ficava o Rui de um lado, não sei quem na caminhoneta e o Deputado comigo. Eu disse: 'Nem de um jeito, nem de outro. Que com Deputado eu não trabalho mais'. Eu fiquei lá, deitei e rolei: ninguém mandava mais n'eu, não... Desse dia pra cá. Eu trabalhava de pé ou sentado e ninguém falava nada, não. Dei uma pancada na mesa ali, que eu fiquei bravo. O cara que estava lá viu que eu era doido mesmo... Digo: 'Pode me mandar embora agora! Quando eu cheguei aqui, eu já comia. E se eu sair daqui eu não vou morrer de fome, não. Pode me mandar pra reitoria agora, que eu estou aceitando a saída'. A Márcia mandou, mas disseram que eu era o fundador da limpeza pública e que em mim ninguém mandava, não. Não passou dois anos, ela foi embora. E eu fiquei.

Moisés, como foi possível notar, ficou mal humorado quando espontaneamente se lembrou da engenheira que desfez de sua pessoa. Conhecendo-o como conheço, não valorizaria o que disse acerca do comportamento aparentemente promíscuo da ex-chefa. Em defesa disso, diga-se, inclusive, que este não é o foco do que desenvolve; não há aprofundamento na discussão acerca da conduta sexual de Márcia. O que ele conta parece se ligar à necessidade de qualificá-la como alguém moralmente baixa. Afirmar que ela era uma mulher com quem se conseguia transar facilmente foi uma maneira de atingi-la tal qual ele próprio parece ter se sentido atacado.

Convém ressaltar, acima de qualquer outra coisa, como Moisés se sentia

invisível aos olhos dos superiores toda vez que sua força decisória era restringida. Retomemos aqui, brevemente, aquilo que já discutimos em outro trabalho¹⁸⁷.

A experiência de sujeição normalmente encontra no corpo e no olhar suas respostas mais imediatas: reações instantâneas, gestos interrompidos antes mesmo de acontecerem, embotamento; expressões disparadas a partir de um encontro desequilibrado, a partir da sensação de estar sob comando de força, força bruta. O olhar fica pálido, o corpo parece comprimido. Não obstante, qualquer palavra, mesmo tímida, mesmo subserviente, pode implicar broncas ainda mais duras, humilhações ainda mais severas. Simone Weil, em seu belíssimo diário sobre a condição operária, certa altura nos diz:

Quer se esteja irritado, triste ou desgostoso, é preciso engolir, recalcar tudo no íntimo; irritação, tristeza ou desgosto: diminuiriam a cadência. E até a alegria. As ordens: desde o momento em que se bate o cartão na entrada até aquele em que se bate o cartão na saída, elas podem ser dadas, a qualquer momento, de qualquer teor. E é preciso sempre calar e obedecer. A ordem pode ser difícil ou perigosa de se executar, até mesmo inexecutável; ou então, dois chefes dando ordens contraditórias; não faz mal: calar-se e dobrar-se. Dirigir a palavra a um chefe (mesmo para algo indispensável) – é sempre, ainda que se trate de um ‘cara legal’ (até os ‘caras legais’ têm momentos de irritação), expor-se a uma bronca; e quando isso acontece, mais uma vez é preciso calar-se. Engolir os nossos próprios acessos de enervamento e de mau humor; nenhuma tradução deles em palavras, nem em gestos, pois os gestos estão determinados, minuto a minuto, pelo trabalho. Essa situação faz com que o pensamento se dobre sobre si, se retraia, como a carne se contrai debaixo de um bisturi. Não se pode ser ‘consciente’.¹⁸⁸

Moisés personificava a *força*¹⁸⁹ dentro da turma de varredores. Era instrumento através do qual o comando incontestável aparecia e atuava ali. O peso dos cargos e das funções hierarquicamente acimadas era extraordinário. O *cachimbo*, vez ou outra, ficava sem poder. Mas devíamos dizer que, os chefes, quando assumem chefias (Moisés ou, acima dele, Gedeon; Gedeon ou, acima dele, fulano, beltrano, e assim

¹⁸⁷ COSTA, F. B. – Garis – um estudo de psicologia sobre invisibilidade pública. Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2002.

¹⁸⁸ WEIL, S. – A condição operária e outros estudos sobre a opressão. São Paulo, Paz e Terra, 1996, p. 79.

¹⁸⁹ “A *Iliada* ou o *Poema da Força*”. In: WEIL, S. – A condição operária e outros estudos sobre a opressão. São Paulo, Paz e Terra, 1996, pp. 379 - 381.

sucessivamente), deixam de ser chefes de si mesmos e, ainda que se esforcem por acreditar serem comandantes, não o podem afinal: *quem* comanda é a própria hierarquia, o sistema de comandantes sobre comandantes, ..., sobre comandados.

Nas circunstâncias em que Moisés sentia a *força* ao invés de aplicá-la, sentia-se invisível, desconsiderado. Mas a força do sentimento sugere que, afinal, mesmo antes, já se sentia invisível. Sua invisibilidade apenas temporariamente aliviada pela débil condição de *cachimbo* confirmava-se, e, então, adquiria cores mais fortes, mostrava-se em tons berrantes. Moisés, ali, em comando como *cachimbo*, era ferramenta também, subordinado aos ditames impessoais da Burocracia, da Organização, da Hierarquia.

Se o homem não aparece como alguém que age e fala, reconhece o mundo, reflete e opina acerca dele – deixou de aparecer como cidadão. A desqualificação do poder de interpelarmo-nos uns aos outros, sem recurso à força, obriga sem êxito esperar ainda da força, do cargo, o que nem força e nem cargo podem prover. Moisés ficou impotente.

Eu gosto de Gedeon. Não tenho o que falar de Gedeon. Agora, a outra Márcia que foi embora eu tenho. E de Marcelino também, que ele foi covarde. Porque vem cá: você trabalha comigo, e quando eu saio de férias você fica na minha vaga, você é o diretor. Eu sou diretor. Então, quando eu saio, eu deixo você na minha vaga. Saio um ano, você fica. Saio outro ano, você fica. Saio de novo, você fica outra vez. Fiquei – parece – uns três anos assim. Quando a gente assume a vaga do cara isso fica escrito lá na reitoria, na prefeitura. De repente, eles fizeram um negócio pra mim que nem servente eu era. Está entendendo? Era substituto de servente. Quando eu recebi esse negócio que falava que eu era substituto de servente, eu fui lá embaixo, lá na... Fui falar com aquele velho que trabalhava lá, o Camo..., Sato.. O Massucato. Ele falou: ‘Você está é louco! Nem ajudante de servente você é aqui! Eles não podem rebaixar você assim, não. Pode deixar isso comigo, que eu vou cortar isso aí. Você vai ficar, e é como técnico de manutenção. Não é como encarregado, não’. Então, como técnico de manutenção, se fosse colocar no pau, estava ganhando uma base de quanto? Cinco, seis pau... Porque um técnico de manutenção ganha uma base disso aí: uns cinco, seis pau. E eu fiquei ganhando o que? Uma base de mil e duzentos, mil cruzeiro por mês. Os outros encarregados ganhavam um pau e meio, um pau e trezentos, tinha deles que ganhava até dois mil. O mais barato que tinha

lá era eu: o da limpeza, e ainda trabalhava mais que os outros. E eu nunca pus isso na questão. Mas se pusesse na questão ainda ganhava o caso. Ganhava o que eu substituí o Marcelino e ganhava o de encarregado. Um salário de encarregado não pode ser só mil cruzeiro! E eles foram me enrolando, e só hoje é que eu ganho uma base aí de dois pau bruto, porque o Lula foi dando aí umas besteirinhas... Mas esses dois mil era pra eu estar ganhando faz tempo, desde o tempo em que eu estava lá. Não é nada, não é nada, está quase com cinco anos que eu estou aqui parado. E não aumentou nada até agora. Por isso que eu digo a você: estou em dúvida ainda, porque de uma hora pra outra eles podem até me chamar de volta. Eu vou até te mostrar a carteira que ainda está fichada.

Vivendo experiências assim, como os varredores poderiam interpretar a presença de um estudante incluído entre eles, trabalhando ali? Qual seria a verdadeira finalidade daquilo? Como explicar a situação incomum?

Foi Marcelino mais o Hernandi. Ele falou que tinha um rapaz que ia fazer um... Como é que chama mesmo? Aí eu digo: 'Está jóia'. Eu pensei: 'Como é que um rapaz estudado vem trabalhar numa coisa dessa?!'. Ele falou que você ia lá fazer uns testes do serviço, que a escola de vocês pediu lá que precisava. Você ia lá só pra ver como era o serviço que se fazia lá. Só isso que ele falou. A pessoa está estudando e vai ficar num serviço desse de limpeza, às vezes de sujeira – que você viu que ali a gente trabalhava com sujeira pra caramba. Naquela época que você foi, não tinha muita, não. Mas teve uma época lá que a gente, logo no começo que eu entrei, ali naquela rua do... .. Como é o nome? Da... .. Não sei o nome daquela rua ali. Era cachorro morto pra caramba! Logo na entrada da USP. Era cachorro morto! A gente chegava lá... Era só aquelas tiraça de cachorro! O cara tinha que fazer limpeza direto: tirar aquelas carcaça, aquela porqueira toda! Era aquilo tudo! Era muito serviço lá, viu? Era muita terra, muita coisa. Quando eu entrei lá, era um serviço danado! Depois, foi modificando. Era um bocado de gente querendo comer a gente. [Suspira forte]. Mas no final acabou dando tudo certo.

Moisés ressalta que o serviço pesado mesmo já havia sido feito anos antes de eu chegar. O ambiente insalubre de trabalho tornava-se ainda mais inóspito pelo

patrulhamento ostensivo e as impiedosas cobranças. *Era um bocado de gente querendo comer a gente.* A estranheza de ter por perto um estudante varrendo e limpando ruas e avenidas – alguém não obrigado ou condenado à tarefa – surpreendeu todos os trabalhadores, gente habituada a encontrar jovens uspianos apenas em situações de evidente segregação. *A gente ficou admirado.* Minhas freqüentes visitas não poderiam ser recusadas pelos garis uma vez que eles próprios jamais foram admitidos como sujeitos com direito a iniciar e falar. *A gente estava ali: o que mandava fazer era pra fazer. Nunca perguntaram nada, não.*

É que lá tem estudante direto. Mas não pra trabalhar assim como você e aqueles outros rapazes que eu nem sei o nome deles. A gente ficou admirado. Mas esse negócio de estudo a gente tinha que aceitar tudo. A gente estava ali: o que mandava fazer era pra fazer. Nunca perguntaram nada, não... Mas eu não achei nada, não. Você era uma pessoa simples, queria fazer o serviço, disse que era obrigação de vocês trabalhar lá. Então, o que a gente ia fazer? Nada, né?! O que a USP mandava fazer, a gente estava pronto pra fazer. Porque se dissesse vem um médico trabalhar aí, ou um doutor, ou qualquer coisa, a gente ia fazer o que?! Tem que aceitar! Que ele já vem combinado com outros cantos. Ninguém ia dizer que não ia querer. Quer trabalhar, tem que trabalhar. Eles não gostam muito, querem ver o serviço mal feito da gente, aí tudo bem... É mais ou menos o camarada saber como é que estava o movimento. Se prestava ou não o serviço. A gente pensava assim. Vocês iam lá pra olhar o serviço e poder dizer se o serviço estava prestando ou não. Ou mandar a gente embora. A gente pensava assim. Talvez eles vêm pra cá pra mandar a turma embora. Às vezes, não está fazendo o serviço direito... .. Mas todo penso é torto! Não é? A gente pensa uma coisa, mas é outra. Nunca é aquilo que a gente... Mas os meninos já falavam que era pra estudo. A gente tinha que fazer aquilo que eles mandavam. Que eles queriam que você fizesse seu estudo pra mostrar lá pra ganhar ponto no serviço, no colégio. Quando o professor de vocês fosse saber que vocês tinham passado naquilo ali, tinham tirado proveito daquele serviço. Então, se fosse possível nós estamos trabalhando até hoje. Que nem estamos juntos. Não é? Começamos lá... ..

Moisés, Nilce, Tião, Brás, Zóinho, Bahia, Joãozinho, Ciço. Nenhuma dessas pessoas, nenhum dos garis foi consultado acerca da presença do ‘estagiário’ entre eles.

Era consentir e calar. Fazer o que? Ordenaram, está cumprido. Em momento algum, aconteceu de um dos trabalhadores ser perguntado ou poder opinar a respeito do fato. Claro que, em circunstâncias assim, ninguém deles poderia esperar que houvesse um interesse diferente de policiá-los ou denunciá-los. Nada que pudessem dizer – a respeito de qualquer assunto – seria considerado. Nilce certa vez alertou para aquela realidade:

Anteontem a gente tava no viveiro e poderia ter vindo direto pra cá, Fernando. Aí já fazia o serviço que tá precisando. Só hoje mandaram a gente pra cá, e tá cheio de lugar aí que precisa fazer. Eles só querem limpo aonde tem mais circulação. A gente que tá aqui no campo vê isso, e eles só passam de caminhonete. Mas se a gente fala, não adianta, porque o que a gente fala não tem valor. A nossa opinião não tem valor. Não adianta falar, não!

No ambiente de trabalho, o empenho braçal costumava ser a exigência única. A severidade com que isso ocorria, em frequência repetitiva e caráter autoritário, fabricava e promovia, incessantemente, relações desniveladas. Os homens aí envolvidos jamais apareciam por suas capacidades. De modo distorcido, apresentavam-se como representantes de cargos determinados. Desse modo, não apareciam as pessoas, apareciam as funções. As funções hierárquicas mais acimadas apareciam mais. Quanto mais “inferiores” os cargos, menos eles vão aparecer. Os garis apareciam lá embaixo: não comandavam ninguém, eram sempre comandados. Seu cargo era o mais raso. Os garis sentiam-se invisíveis.

A assunção da função profissional – não o desempenho comum das tarefas, das obrigações rotineiras, mas o incorporar que esvazia o homem e, em seguida, o preenche de protocolos – esconde as singularidades do indivíduo. A mesmice dos uniformes encontra eco no discurso, na atitude de cada sujeito, que, na verdade, deixa de sê-lo: veste e interpreta a roupagem burocrática de sua ocupação, precisa tornar-se objeto. Fica, de fato, invisível.

O presente trabalho tem a intenção de inverter o quadro. Quando o *cachimbo* conta do seu tempo de USP, por exemplo, não é simplesmente sua posição na hierarquia que faz falar. Quem diz as coisas é Moisés, agora uma espécie de narrador-protagonista. Assim como Nilce, bem a seu modo, enxergou fatos e circunstâncias que não necessariamente estavam pregadas ao cargo como requisito. Obviamente que seu discurso é atravessado frequentemente pela visão do encarregado, a função que

desempenhava. Não obstante, importante notar que, a despeito das colocações e reivindicações de Moisés acerca de qual era ali a sua função, o que lhe estragava o humor era a desconsideração de *quem* ele era. Neste sentido, nada parece ter mudado.

Me aposentaram no auxílio-doença. Trabalhar mais eu não posso. Voltar, eu não sei como é que vai ficar. Aí, eu estou aqui, como andorinha. Andorinha sem asa. Sem asa, sem saber o que faça. Porque quando você está assim, você está no balanço. Não sabe se vai, não sabe se fica, não sabe se... .. Do jeito que está. Eu, pra mim, achava que quando acontecia essas coisas, eles chamavam a gente e davam baixa na carteira da gente. No caso de você sair definitivo já tinha dado baixa na carteira. Mas não fizeram nada. Você quer olhar minha carteira, ela está fichada. De lá¹⁹⁰ pra cá não tive mais aumento, não. Tinha um cartão lá que todo mês eles me davam vinte paus. Depois que me aposentei, cortaram. Eu fazia uma comprinha de quarenta, cinquenta paus. Quando eu me aposentei, disseram que eu não tinha mais direito. Agora eles ficam em cima, querendo me prejudicar. Não me pagaram minhas férias. Eu te falei pra você, não é?! Não me pagaram minhas férias. Quando foi um dia, eu cheguei lá no banco, fui tirar dinheiro pra comprar essas telhas. Depois, disseram que eu tinha que pagar de volta. Aí, paguei umas cinco prestações, fui embora pra lá. Não tinha jeito de eu mandar o dinheiro pra eles que eu não sabia a conta deles. Aí, teve uma japonesa que andou apertando um pouco. Achou meu endereço lá. Disse que eu tinha que pagar, senão meu nome ia pro SPC, que não sei o que... De lá pra cá ela nem ligou mais, nem falou mais nada.

O tempo de dedicação ao trabalho na USP ficou esquecido pelos que contaram com seu esforço. A própria aposentadoria de Moisés ainda não está regularizada burocraticamente. Todavia, o corpo já lhe exige não mais trabalhar. São dores de todos os tipos e magnitudes: doem muito os braços e um pouco as pernas inchadas; os joelhos incomodam no final do dia, ao contrário da coluna – razão principal do afastamento – que não deixa esquecer por um só minuto todos os anos de espoliação. Seria preciso que meu amigo tivesse vivido outra vida para que na velhice estivesse são e inteiro para não lamentar a entrega em vão.

É uma sorte poder contar com seu depoimento. O livro comemorativo da história

¹⁹⁰ 01/01/2000.

dos setenta anos da USP não revela a palavra de sujeitos como Moisés. Suas narrativas não são as de uma autoridade administrativa reconhecida. As declarações que o leitor tem em mãos não são as de um documento oficial. Mas são livres e verdadeiras.

Vinte e poucos anos você trabalhando numa firma, e quando sai assim ainda fica uma porcaria que eles ficam exigindo! Que até agora não falaram nada: como é que eu vou fazer, como é que eu não vou fazer. [...] Está lá ainda daquele jeito, com aquele salariozinho... Mas está dando pra eu ir me virando até o dia que Deus quiser. Agora, se voltar alguma coisa pra trás, eu preciso arrumar algum advogado, investigador, pra ver como é que luta. Porque uma pessoa dessa não pode mais fazer nada. [Moisés me mostra o inchaço nas pernas e pede para que eu experimente apertá-las para comprovar o que diz]. Todo inchado, todo danado desse jeito. Hoje está desinchado ainda, mas tem dia que está pior. Esse braço aqui tem hora que dá aquela dor que a gente não agüenta. E na coluna, e essa hérnia umbilical quando aperta... Quer ver? Ó... Aperta aqui pra você ver. Já foi operado aqui e aqui, mas já está saindo outra vez... É capaz ainda de eu operar ou morrer com isso assim mesmo. O que eu tenho pra falar da USP é isso. Foi pra mim. Tenho muitos amigos lá. Muitos amigos bom e muitos amigos... O contrário. Tinha gente lá que gostava de mim sem falsidade. Tinha outros que gostava afastado, só gostava mesmo pra querer derrubar a gente.

Do pé da serra de Petrópolis¹⁹¹ ao Sítio Tiririca.¹⁹²

No Rio de Janeiro faz um calor terrível, ainda mais no verão. Na baixada fluminense, pior fica: chega a sufocar. Dormir, nestas condições, muitas vezes não era tarefa simples: mesmo à noite, o banho gelado não fazia com que o corpo pudesse refrescar. Nossas férias de janeiro eram sempre lá. Município de Duque de Caxias, Vila Rosário, rua Urbano Duarte (chão de terra), número setenta: a casa da madrinha Vanda e do padrinho Osvaldo. Lugar de gente pobre.

A gente costumava jogar futebol no alto do morro, num campinho improvisado, ruim toda vida: cheio de buracos e imperfeições, sem linhas divisórias, torto. O campo era propriedade particular, mas era de gente pobre: todo mundo podia brincar, até o “playboy corinthiano, meu”. Ninguém tinha chuteira, mas isso não importava: não havia grama. Uns jogavam com um só pé do tênis, outros só de meia; a maioria da molecada ia descalça mesmo. Gente pobre adora futebol. A bola estava sempre velha, quase oval, sem couro nenhum. Bola de gente pobre, que teimava em atravessar a cerca de arame farpado e se aninhar no primeiro tufo de mato onde desaparecesse. As peladas duravam horas: só terminavam quando escurecia e os pernilongos atacavam: era um monte de criança pobre descendo ladeira abaixo.

Quando tinha lá meus sete anos de idade (meu irmão cinco, e minha irmã três) meu padrinho e minha madrinha compraram um aparelho de ar condicionado. Em quinhentas prestações. Coisa de gente pobre. A casa só tinha um quarto; era casa de gente pobre: foi lá que a fábrica do oásis ficou cravada na parede. A máquina era potente mesmo: quando abríamos a porta do dormitório e colocávamos a cabeça para fora, logo sentíamos o bafo quente no rosto (aquilo facilmente virava brincadeira). Éramos obrigados a passar a noite encolhidos debaixo do cobertor, de tão frio que o ambiente se tornava. Eram oito pessoas para dormir no único quarto, quando não aparecia nenhum “agregado”: recolher um agregado em casa é coisa de gente pobre.

¹⁹¹ Nos anos cinquenta, meu avô materno desistiu da residência em Jacarepaguá, hoje bairro nobre na cidade do Rio de Janeiro. Queria organizar um lugar onde pudesse produzir suas peças em cerâmica. Queria que os filhos crescessem perto da mata, perto dos bichos. Mudaram-se, pai, mãe e seis filhos, para o município de Duque de Caxias, no início da subida da serra que leva à Petrópolis. Criavam cachorros, gatos, galinhas e passarinhos. Tinham até espaço para duas vacas – “Mulata” e “Mulatinha” – responsáveis, pelo leite que produziam, por parte da renda da família.

¹⁹² Esta primeira parte que se segue é baseada em minha dissertação de mestrado.

Meus primos também são três: nessa época, o Ricardo tinha uns quinze anos, a Andréa quatorze, e a Renata sete. Eram três colchonetes, e lá cabíamos todos nós: os primos que se tornavam irmãos de colchão e irmãos de cobertor: coisa de família de gente pobre. Não ficava apertado, não. Era gostoso. Tudo juntinho. A noite passava rápido. O sono era tranquilo. De manhãzinha – o sol nem batia na janela ainda – todo mundo acordava na mesma hora: um despertava antes, e as piadinhas começavam. “Olha como o Ricardo dorme, todo enrolado!”. “E você Andréa, que dorme de perna cruzada?!”. “Cê ronca, hein Fernando? Pelo amor de Deus!”.

O pão com manteiga era um verdadeiro banquete naquela mesinha redonda, no canto da sala. Sala de gente pobre, com móveis doados e reformados, enfeites já velhinhos, luz que não acende, televisão quase pifando.

Passávamos o dia no quintal de terra, com a cachorrada levantando poeira e tentando roubar nossos amendoins. Vez ou outra, parávamos defronte a planta dormideira e detínhamos-nos um instante: cantávamos para que ela acordasse “só na sexta-feira” (seu sono não durava dois minutos). Era assim: brincadeira de filho de gente pobre.

O almoço logo chegava, junto com a fome do padrinho. Trabalhador acorda quatro e meia, cinco horas da manhã. Trabalhador não almoça na “hora do almoço”. Meu padrinho sempre foi trabalhador. Antes do meio-dia, cedo mesmo, todos já aguardavam o arroz fresquinho e o frango no molho. Às vezes também tinha batata frita: a garotada se fartava.

O momento do banho era complicado. Em bairro de gente pobre, falta água sempre. Aliás, quando tem água fica até estranho: a bacia não vai para o banheiro e o balde fica descansando do lado de fora da casa.

O lanche era a minha hora preferida. A fanta uva mais gelada do mundo (meu padrinho sempre foi dono do botequim geminado a casa), o queijo mais saboroso, o ovo bem frito (mas com a gema escorrendo no pão macio), o cheiro do sanduíche do Ricardo (era impressionante; não precisávamos estar na cozinha: da sala mesmo, sabíamos que era ele quem estava de frente para o fogão).

O dia terminava em grande estilo. A Andréa contava das suas aulas no colegial (para mim, na segunda série primária, um mundo fascinante), eu e a Renata brigávamos pela atenção dos “quase-adultos”, o Ricardo fazia piadas sobre o meu jeito almofadinho,

talvez para vingar meus irmãos, vítimas das minhas chacotas. No dia seguinte, a mesma coisa. E sempre diferente!

Em Caxias eu dei meu primeiro beijo, meio de lado, meio sem jeito. Em Caxias, “fugi de casa” pela primeira vez e conheci meu amor pelos cachorros. Lá também, vivi com pessoas negras que entravam em casa sem pestanejar, pretos que conversavam com a gente frente a frente, sem baixar os olhos: gente que não estava ali para servicinhos. Em Caxias, eu aprendi a soltar pipa, a derrapar com a bicicleta, a jogar futebol, a subir em árvores, a andar de ônibus. Aprendi a dividir, a dar presentes e recebê-los, aprendi a dizer obrigado.

Por isso mesmo, por essas pequenas-grandes coisas, é que meu pai teria deixado a zona sul, o futebol na beirinha da praia nos finais de tarde, as garotas de Ipanema. Antes de se casar, mudou-se devagarinho para a casa do sogro e da sogra. E sem pedir licença! Veio manso, como bicho que fareja abrigo, como menino em busca de calor.

Na cidade de Duque de Caxias, naquela vila pobre, eu aprendi as coisas mais ricas da minha vida. No meio de gente pobre, com gente pobre, enriqueci-me dos únicos valores que nunca deixarão de me pertencer. A gente é tudo gente. Moisés e Nilce, suas famílias, adorariam passar férias ali. Iriam se sentir em casa.

*

A casa em que Moisés foi morar com sua família em Garanhuns fica cerca de dez quilômetros afastada do centro da cidade. Para os padrões do lugar, é uma distância razoável. Quem parte da rodoviária local precisa atravessar boa parte do município e acessar uma rodovia estadual. Segue-se nela – por cerca de três quilômetros – em direção a Caruaru. O trecho final é em uma estradinha de terra. De carro, não é um percurso que se faz em menos de vinte minutos.

Alguns instantes após deixarmos para trás o asfalto da rodovia já é possível avistar as primeiras construções. Misturam-se casas de veraneio – com piscina e alpendre – e edificações precárias – sem luz elétrica nem água encanada, casinhas de barro que parecem estar prestes a desmoronar. Estamos na zona rural, lugar, inclusive, sem identificação precisa de endereços. Aparentemente, trata-se de uma ex-fazenda loteada para pequenos agricultores.

À medida que avançamos, nota-se não haver muros. O que há são delimitações mais rústicas: arame farpado ou cajueiros nas pontas de cada terreno. Todavia, isso não é problema: cheguei a presenciar Moisés devolvendo por cima da cerca uma galinha

(não reclamada) do vizinho. A ausência de muros – e, em algumas propriedades, até de portões – facilita a visão mútua de quem vai-e-vem e de quem descansa ou trabalha do lado de fora de casa. O pessoal se conhece pelo nome. Em algumas horas, familiares e vizinhos já sabiam o meu também.

Os adultos costumam calçar chinelo de borracha ou sandália de couro de bode – mais cara e em geral só para passeio. Não dispensam algum tipo de chapéu ou boné, seja de que material for. O cabelo em geral é raspado. Calças e camisas são unanimidades entre os homens. As mulheres estão sempre de saia, e costumam usar blusas largas e o cabelo preso. O vestuário – em ambos os casos – é próprio para o trabalho. As crianças não se calçam a não ser para irem à escola, distante trinta minutos de caminhada acelerada. Os meninos ficam só de calção, em geral bem velinho. As meninas podem usar vestidos – tão desgastados quanto as roupas dos adultos – mas acabam na maioria das vezes herdando calças e camisetas dos irmãos mais velhos.

A economia depende da chuva. Os animais se alimentam e o plantio acontece somente em caso dela, ou de haver previsão para tal sorte. Se o solo seca, todo mundo parece seco também; não em hospitalidade, mas em energia. Sem trabalho e sem perspectiva diferente, a maioria passa o dia sentada nos beirais das casas. Disseram que na semana na qual lá estive a situação era claramente o avesso da habitual: tudo verdinho e os açudes com peixes; as éguas, vacas e jumentos tranqüilos; o pessoal batendo enxada logo cedo.

A casa de Moisés é das melhores da região. São três quartos, um banheiro, copa, cozinha, sala de jantar e sala de estar. Ainda assim, a construção é bem simples. Não há laje nem qualquer tipo de forro. As paredes que puderam ser pintadas – os cômodos são cada um de uma cor diferente – não contaram com massa corrida. Nem o banheiro nem a cozinha puderam receber azulejos. O vaso sanitário estava danificado, o que nos exigia três baldes colocados próximos à pia. O chuveiro elétrico funcionava bem embora a pressão da água não colaborasse. Somente a entrada da casa e o quarto do casal possuíam porta; no restante dos cômodos, improvisava-se algum tipo de tecido escuro. Nos dois quartos da frente e na sala de estar – onde meu quarto foi improvisado a partir do único sofá da casa – foram penduradas gaiolas desde as vigas de madeira que sustentam o telhado; em cada uma delas, pelo menos um passarinho. Foi freqüente eu acordar durante a madrugada com o alpiste estilingando meu rosto: levou um tempo para eu me acostumar. Ali moram dez pessoas. Durante uma semana, éramos onze: o

anfitrião e sua esposa (Dona Mira), três filhos (Fátima, Márcio e Marco), e cinco netos (Robson, Gustavo, Juliana, Marta e Moisés Neto).

A família procurou o tempo todo atender a rotina do visitante. Acordavam e dormiam nos meus horários; do contrário, procuravam ficar em silêncio protegendo meu descanso. Faziam as refeições quando era minha a fome, e o cardápio esteve sempre sob meu critério. Sentados à mesa – a cabeceira reservada a mim – não se serviam enquanto não se certificassem que meu prato já estava completo (Moisés prestava atenção especial se haveria mistura suficiente). Os refrigerantes, doces e biscoitos – itens raros na dieta da família – ficavam intocados enquanto eu não insistisse para que pelo menos as crianças os aproveitassem também. Minha presença foi celebrada com macaxeira e costelinha de porco todo santo dia. No café da manhã, Dona Mira fazia questão de separar ovos fritos e pão fresco *pra quem veio de longe*. O carro – único ali entre os moradores – ficava à disposição dos passeios que por ventura eu apreciasse fazer. Na véspera de minha partida, fizeram churrasco para um batalhão.

Liguei a filmadora nos mais variados momentos: enquanto o entrevistado pescava ou depois do almoço; quando me levavam para conhecer as redondezas ou para brincar de *cinema* com as crianças. A câmera jamais foi motivo de intimidação, assim como as fotos, que no lugar de causarem constrangimento, facilmente transformavam-se em estopim para brincadeiras e piadas.

O leitor talvez não possa imaginar o que se sente em circunstâncias assim. Ir embora foi muito difícil. Ser o centro das atenções, receber carinho e deferência, são situações que seduzem nossa vaidade. Todavia, se é verdade que os holofotes muitas vezes quase me cegavam, não foi difícil eu desaparecer ali. De repente, quando menos se esperava, sem esforço nenhum, estavam todos entretidos em seus afazeres: as crianças no campinho próximo, os moços tratando os animais, Moisés com seus canivetes e sua piteira, as mulheres papeando. E isso era bom também. Ter me percebido como que psicologicamente *metabolizado* entre eles, ter ficado ali como pássaro pousado no cajueiro, estimulou-me o desejo de permanecer. Ir embora foi muito difícil. Algumas noites, sonho que estou descalço na rua de terra, comendo tanajuras e jogando conversa fora. Quando acordo, às vezes ainda confundo o lado de descer da cama.

No dia da volta, senti minha voz falhando e meu olhar um pouco grave. Ir embora foi muito difícil. Mas ficar também não foi fácil. As crianças me abraçaram e perguntaram sobre a data do meu retorno. Dona Mira disse: *Amanhã, nessa hora, a*

gente vai estar aqui imaginando onde é que o Fernando está. Moisés preparou frutas, legumes, presentes e recomendações, mas não esperou que o ônibus chegasse. Justificou que ia ao banco. Eram sete horas da manhã! Fiquei quarenta minutos sozinho na rodoviária. Tempo suficiente para lembrar o cheiro dos lanches que minha madrinha preparava para nossa viagem. Tempo suficiente para compreender o que tanto me inquietava: ela sempre se afastava do portão antes que o carro saísse.

Referências Bibliográficas

- ALVES, R. – Concertos para corpo e alma. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- ANDERSON, J. L. – Che Guevara: uma biografia. Rio de Janeiro, Objetiva, 1997.
- ARENDT, H. – A Condição Humana. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1993.
- ARENDT, H. – A dignidade da política. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1993.
- ASSIS, M. – “O caso da vara”. In: Obras completas. São Paulo, Nova Aguilar, 1998.
- BOSI, A. – Dialética da Colonização. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- BOSI, E. – Memória e Sociedade: lembrança de velhos. São Paulo, Cia. das Letras, 1994.
- BOSI, E. – O tempo vivo da memória. São Paulo, Ateliê editorial, 2004.
- CANDIDO, A. – Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida. São Paulo, Duas Cidades, 2001.
- CHAUÍ, M. – Cultura e Democracia. São Paulo, Cortez, 1997.
- CHAUÍ, M. – O que é ideologia. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- COSTA, F.B. – Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social. São Paulo, Globo, 2004.
- COSTA, F. B. – Garis – um estudo de psicologia sobre invisibilidade pública. Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2002.
- FERNANDES, F. – Marx e Engels. São Paulo, Ática, 1989.
- FREUD, S. – “O futuro de uma ilusão”. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1987.
- GANDHI, M. K. – Minha vida e minhas experiências com a verdade. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1964.
- GEERTZ, C. – A interpretação das Culturas. Rio, Guanabara Koogan, 1989.
- GOLDMANN, L. – “A Reificação”. In: Dialética e Cultura. São Paulo, Paz e Terra, 1979.
- GONÇALVES FILHO, J. M. – “Humilhação Social: um problema político em psicologia”. In: Psicologia USP. São Paulo, v. 9, n.2, 1998, pp. 11-67.
- GONÇALVES FILHO, J. M. – Passagem para a Vila Joanisa – uma introdução ao problema da humilhação social. Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1995.
- GONÇALVES FILHO, J. M. – “Problemas de método em Psicologia Social: algumas notas sobre a humilhação política e o pesquisador participante”. In: Psicologia e o compromisso social. São Paulo, Cortez, 2003.

- GONÇALVES FILHO, J. M. – Humilhação e Memória – alguns elementos para o exame psicológico de um sofrimento político. São Paulo. Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia, USP, 1999.
- GONÇALVES FILHO, J. M. – “Cultura e Formação: notas marginais”. In: Pensamento Cruel – Humanidades e Ciências Humanas: há lugar para a Psicologia? São Paulo, Casa do Psicólogo, 2007.
- GUEVARA, E. S. – Textos econômicos: para a transformação do socialismo. São Paulo, Edições Populares, 1987.
- HOUAISS, A. – Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.
- LAPLANCHE, J. – A Angústia. Martins Fontes, 1987.
- MARX, K. – A ideologia alemã. São Paulo, Hucitec, 1993.
- MARX, K. – Manuscritos econômicos-filosóficos e outros textos escolhidos, Coleção Os Pensadores, Rio, Editora Paz e Terra, 1974.
- MARX, K. & ENGELS, F. – *Manifesto do Partido Comunista*. In: O manifesto comunista 150 anos depois. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 1998.
- MERLEAU-PONTY, M. – Fenomenologia da Percepção. São Paulo, Martins Fontes, 1994.
- WEIL, S. – A condição operária e outros estudos sobre opressão. São Paulo, Paz e Terra, 1996.
- WEIL, S. – L’enracinement. Paris, Gallimard, 1949.

Sumário (acrecentar '8')

I. Introdução.....	1
II. Nilce.	
1. Depoimento.....	20
2. Nilce de Paula.....	67
3. De Poços de Caldas a Machado.....	78
4. Fazenda do Recanto.....	94
5. Rua do Ramo.....	115
6. Vila Dalva.....	135
7. Os Empregos.....	149
8. Rua Atílio Cecarelli, 23.....	168
9. Antonieta, Elza, Angélica, Renata e Ana.....	172
10. A Cozinha Lá de Casa.....	179
11. USP.....	193
III. Moisés	
1. Depoimento.....	237
2. Moisés Francisco da Silva.....	286
3. Burgo.....	290
4. Miralva e Moisés.....	319
5. De Garanhuns a São Paulo.....	332
6. Letrados e Iletrados.....	343
7. USP.....	373
IV. <i>Do pé da serra de Petrópolis ao Sítio Tiririca.....</i>	<i>386</i>
Referências Bibliográficas.....	392